FEAR THE FLAMES

LIVRO 2





A IRA DOS DRAGÕES





OLIVIA ROSE DARLING

A IRA DOS DRAGÕES

FEAR THE FLAMES

LIVRO 2

A IRA DOS DRAGÕES

OLIVIA ROSE DARLING

TRADUÇÃO
ALEXANDRE BOIDE

PLATAFORMA 21

TÍTULO ORIGINAL *Wrath of the Dragons*

Copyright © 2025 by Olivia Rose Darling
Publicado originalmente por Delacorte Press, um selo da Random House, uma divisão da Penguim Random House LLC. Direitos de tradução geridos por Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.
© 2026 VR Editora S.A.

Plataforma21 é um selo da VR Editora

NOTA DA AUTORA

Este livro descreve agressão sexual (não descrita e NÃO envolvendo os protagonistas românticos), abuso infantil, tortura explícita, castração, violência física e mental, e cenas de sexo explícito e totalmente consensual.

GERENTE EDITORIAL Tamires von Atzingen
EDITORAS Thaíse Costa Macêdo e Chiara Provenza
EDITORA-ASSISTENTE Michelle Oshiro
PREPARAÇÃO Luana Negraes
REVISÃO Natália Chagas Máximo e Rebeca Benjamim
COORDENAÇÃO DE ARTE Pamella Destefi
DESIGN DE CAPA Will Speed
ILUSTRAÇÕES DE CAPA © Shutterstock.com
MAPA © Andrés Aguirre
ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi e Abreu's System
ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO WAP Studio, Pamella Destefi e P.H. Carbone
PRODUÇÃO GRÁFICA Alexandre Magno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Darling, Olivia Rose
A ira dos dragões [livro eletrônico] / Olivia Rose Darling ; tradução Alexandre Boide. - 1. ed. - São Paulo : Plataforma21, 2026.
ePub

Título original: Wrath of the dragons.
ISBN 978-65-5008-081-5

1. Ficção de fantasia I. Título.

26-356026.0 CDD-813.5

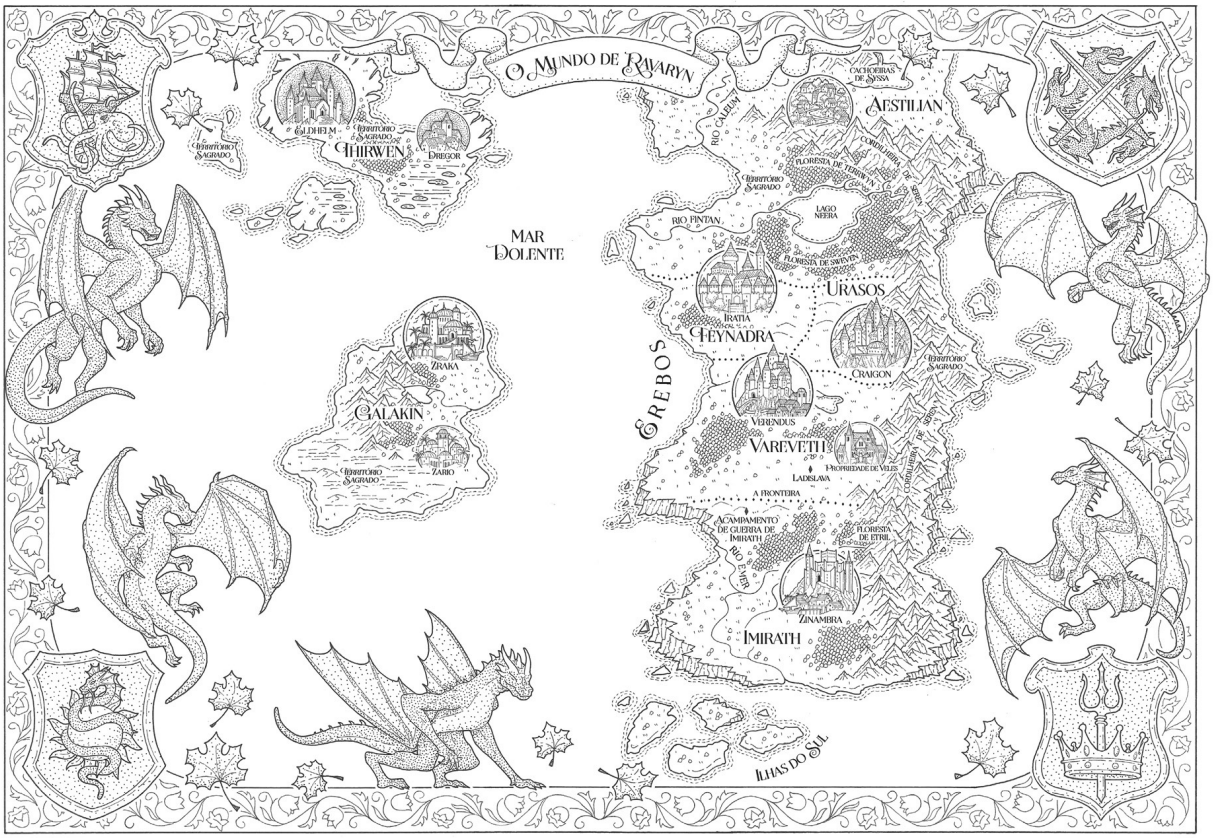
Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção de fantasia: Literatura norte-americana 813.5
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos desta edição reservados à
VR Editora S.A.
Av. Paulista, 1337 – Conj. 11 | Bela Vista
CEP 01311-200 | São Paulo | SP
plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br



Para aqueles que atravessariam as chamas do inferno pelas pessoas que amam.

E para minha querida amiga Grace.
Uma mulher que trazia luz a todos os lugares por onde passava.
Sinto sua falta todos os dias.


O Mundo de Ravaryn
Aestilian
Cachoeiras de Nyssa
Rio Calerian
Floresta de Terravin
Cordilheira de Nyss
Território Sagrado
Lago Neera
Rio Pintan
Floresta de Dryvos
Mar Dolente
Urasos
Ioatia
Feynadra
Craigon
Crebos
Verendus
Vareveth
Propriedade de Velis
Ladislava
Cordilheira de Ebb
A Fronteira
Acampamento de Guerra de Imirath
Floresta de Etril
Rio Ever
Zinambra
Imirath
Galakin
Zraka
Zario
Thirwen
Aldhelm
Dregor
Ilhas do Sul

OS DEUSES ADORMECIDOS

A Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas

O Deus da Água, da Morte e da Lua

A Deusa das Almas, da Misericórdia e do Destino

O Deus da Ilusão, da Mente e da Memória

A Deusa do Ar e das Tempestades

O Deus do Sol e da Luz

O Deus da Terra e da Colheita

A Deusa da Tristeza e da Dor

A Deusa do Amor, do Casamento e da Fertilidade

O Deus da Guerra e da Estratégia

CASAS REINANTES E EMBLEMAS

CASA VELES

Governantes de Vareveth

Emblema: Cinco dragões pretos com olhos de cores variadas atrás de um par de espadas douradas cruzadas em um estandarte azul-escuro

CASA ATARAH

Governantes de Imirath

Emblema: Tridente dourado atravessando uma coroa em um estandarte roxo-escuro

CASA DUSKBANE

Governantes de Feynadra

Emblema: Lobo prateado rosnando em um estandarte cinza-escuro

CASA ILARIA

Governantes de Galakin

Emblema: Serpente-marinha vermelha enrolada em torno de um sol amarelo em um estandarte laranja

CASA LILURA

Governantes de Thirwen

Emblema: Kraken preto enrolado em um navio em um estandarte vermelho-escuro

CASA WARTHORNE

Governantes de Urasos

Emblema: Galhadas castanhas de cervo emoldurando uma montanha em um estandarte verde-escuro

CASAS EXTINTAS

CASA DASTERIAN

Ex-governantes de Vareveth
Emblema: Carvalho dourado com grandes raízes em um estandarte verde-esmeralda
Destronada pela Casa Veles

CASA VELLGRAVE

Ex-governantes das Ilhas do Sul
Emblema: Lua crescente branca em um estandarte roxo
Destronada pela Casa Atarah

DRAGÕES

Do maior para o menor
Basilius: *espectro-do-trovão, macho, cor de lavanda com olhos da mesma cor*
Delmira: *cruzadora-dos-céus, fêmea, azul-celeste com marcas amarelas, olhos azuis*
Sorin: *garra-da-morte, macho, verde-esmeralda com asas e chifres de pontas pretas, olhos verdes*
Venatrix: *fúria-sanguínea, fêmea, vermelho-carmim com marcas cor-de-rosa e douradas, olhos vermelhos*
Calithea: *devoradora-de-estrelas, fêmea, prateada com olhos da mesma cor e asas com pontas brancas*

COMANDOS PARA OS DRAGÕES

Veta: atacar
Solka: voar
Zayèra: atear fogo de dragão

Lotas: obedecer a ordens

Andula: acelerar

Parte I

O PESO DA COROA

CAPÍTULO

UM

Cayden

A noite está quase se rendendo ao amanhecer quando volto para o castelo e desmonto da sela. O frio que emana do chão de pedra sobe pelas minhas botas, e o vento faz arder as juntas dos dedos cheias de feridas. Seguro as rédeas de Koa com uma das mãos e levo a outra à boca para arrancar uma farpa com os dentes.

Dois cavalariços começam a correr em minha direção, mas os dispenso com um gesto. A rejeição imediata daquele a quem deveriam ajudar parece desconcertá-los a julgar pela tensão em seus ombros, mas é melhor me ocupar com alguma coisa. Se eu ficar à toa, sei que vou acabar fazendo o que não devo.

Abro a porta e levo Koa até sua baia, com cheiro de feno recém-cortado, antes de soltar a sela e pegar uma escova para passar na pelagem brilhante. Ele bufa de impaciência enquanto pisoteia o chão com os cascos dianteiros.

— Você parece um menino mimado — comento conforme saio da baia e puxo um barril de aveia fresca lá para dentro.

O cavalo cutuca meu ombro com o focinho antes de enfiar a cara em seu café da manhã adiantado. Continuo o escovando enquanto ouço as ordens gritadas do lado de fora sem prestar muita atenção. Provavelmente é um lorde leal a Eagor, e um babaca, sem dúvida. Eles começaram a abandonar o castelo na noite em que derrubei o antigo rei, mas uma nova onda se seguiu depois que Elowen trouxe os dragões. A Casa

Dasterian governou Vareveth por séculos, mas Eagor não tinha herdeiros para contestar minha reivindicação ao trono.

Depois de cuidar de Koa, eu o deixo descansando, acenando com a cabeça para os guardas na entrada dos estábulos. Consigo disfarçar a raiva quando passo por uma carruagem grande e espalhafatosa cercada de baús. São tantas as decorações em ouro que, se eu ainda vivesse nas ruas, seriam praticamente um farol para minhas mãos ágeis.

A voz do homem continua reverberando pelas paredes de pedra cobertas de trepadeiras congeladas que cercam o pátio. Os estandartes com o emblema dos Veles estão pendurados em ambos os lados da entrada, além daquele que embelezava o portão, e tudo o que Elowen preparou em tão pouco tempo a faz parecer uma noiva ansiosa. A amargura me toma por dentro, por saber que ela faz tudo isso para manter as aparências.

A única coisa que Elowen me pediu quando a carreguei para fora daquele salão de banquete foi espaço, e eu não podia ficar em nossos malditos aposentos sabendo que ela estava mais distante de mim do que na época em que a perseguira. O silêncio se abatia sobre o quarto como uma praga, mas era para lá que meus instintos me mandavam, por mais doloroso que pudesse ser nosso distanciamento.

Cerro os dentes quando levanto os olhos para a torre mais alta, sobrevoada por Venatrix e Sorin, o luar moribundo tingindo as escamas dos dragões.

— Assassino! — grita o homem às minhas costas.

Tenho a impressão de que todos os guardas prendem a respiração, esperando a minha reação. Olho lentamente para trás, observando o homem baixo e robusto com um casaco bordado ainda mais absurdo que seu meio de transporte.

— Se deseja me acusar pela morte de alguém, seja mais específico. Todos os dias adiciono mais cadáveres à lista.

Quando esses homens falam, me pergunto se ficam se sentindo muito inteligentes por afirmar o óbvio, ou corajosos por me insultar em público. Por vezes, é preciso adentrar a escuridão, e o que os aguarda depende inteiramente de suas ações e do que eu posso ter a ganhar com isso.

Dois guardas dão um passo à frente, mas levanto a mão para detê-los. Um lorde com mais prática em erguer uma taça do que manejar uma espada não seria uma ameaça para mim, e ele é mais útil vivo... por enquanto.

— Eagor Dasterian era o herdeiro de direito de Vareveth. Você não passa de um usurpador.

— Fique à vontade para me desafiar.

— *Você* é quem não deveria ter feito desafio algum! — esbraveja o nobre, o rosto ficando vermelho. — Uma cadela protegida pelo inimigo abre as pernas para você e...

Ele engole o palavrório, arregalando os olhos quando me viro. O mundo desaparece diante de mim, e só consigo enxergar meu alvo. Fecho os dedos sobre a carne pegajosa de seu pescoço e o empurro contra a carruagem com força suficiente para esganá-lo e sacudir aquela monstruosidade. Uma mulher grita, mas não sai para ver o que está acontecendo. A veia na testa do homem salta quando aperto mais forte, e inclino a cabeça como um predador, sentindo o cheiro de medo.

— Eu sou um dos oito lordes de Vareveth! — exclama ele, ofegante, agarrando minha mão. — Você não pode me matar!

— Não superestime seu valor. Havia um rei aqui, e isso não me deteve. — Eu me abaixo para enfatizar nossa enorme diferença de altura. — Se insultar minha mulher de novo, arranco sua língua. Só não o mato agora porque não dá pra torturar um cadáver, mas vou fazê-lo implorar para morrer antes de receber minha misericórdia.

— Esse seu jogo é perigoso, alteza.

O título não significa nada para mim.

— Não estou no seu jogo. É você que está no meu.

Afrouxo o aperto e enfio a mão no bolso enquanto ele se curva sobre os joelhos, ofegante como se tivesse corrido quilômetros.

— Volte para a sua propriedade. Se ainda estiver organizando os baús ao meio-dia, minha paciência vai se esgotar. E então como você transmitirá meu aviso aos demais lordes?

O nobre escorrega com as botas enquanto entra aos tropeços na carruagem, ainda

lutando para respirar, e me viro quando ele bate à porta. Descubro seu nome com um dos guardas da entrada ao passar por lá.

Lorde Xantheus, da Casa Baelyn.

O apoio da nobreza é importante para a prosperidade do reino, pois são suas terras que provêm a maior parte dos alimentos e geram emprego para o povo, mas eles precisam aprender a me temer como nunca temeram Eagor. O antigo rei de Vareveth permitiu que os lordes cravassem suas garras nele e o levassem para onde bem entendessem. Não o apoiavam por lealdade, mas pelo mesmo motivo que eu — era um homem maleável. Todos tinham um lugar ao seu ombro, cochichando em seus ouvidos, e me detestavam porque eu estava acima deles e exercia um tipo de controle que nem sabiam que era possível.

O castelo está banhado em tons de crepúsculo, em vez do verde-esmeraldino e dourado da Casa Dasterian, com seu emblema de carvalho frondoso. Os tetos altos e abobadados foram pintados como o céu noturno, e os dragões foram entalhados nas arcadas de pedra dos salões. Cortinas azul-escuras e douradas adornam as janelas e alcovas, as salas de visitas tiveram os estofamentos refeitos e até os menores detalhes foram ajustados para refletir o nosso reinado. Apesar de ainda ser bem cedo, os vidraceiros já estavam trabalhando para criar vitrais em mosaico que refletiriam o azul-escuro, o dourado e o preto dos Veles.

Os Dasterian foram uma longa linhagem de reis guerreiros, alguns deles portadores de magia da terra, e assim ganharam seu brasão. Eagor foi o primeiro a banir a magia nestas terras, outrora repletas de portadores e receptivas àqueles que mergulhavam nos segredos da magia espiritual e da magia das trevas. Agora os magos terrestres buscam refúgio na seita terrestre, que viaja pelo território sagrado, ou em Urasos, ainda que a maioria da população local os deteste. Quanto mais tempo os deuses permanecem adormecidos, mais voláteis as pessoas se tornam, e mais crimes são cometidos contra os magos.

Contorno uma parede e diminuo o passo enquanto caminho diante da sala do trono. De cada lado da porta há uma estátua enorme de dragão com uma asa aberta e

uma espada nas garras, que se cruzam no alto do corredor. Entro e passo os dedos pelo tecido azul-marinho que tremula ao lado dos dragões, meu peito se enche de orgulho. Cinco dragões pretos, todos olhando na mesma direção e com uma asa estendida, foram bordados formando um círculo, quase uma roda, atrás de um par de espadas douradas cruzadas. As cores dos olhos deles são uma homenagem aos dragões de Elowen: vermelho, azul, verde, prateado e lavanda. Não importa quem venha depois de nós, todos conhecerão os fundadores da Casa Veles. A rainha que trouxe os dragões de volta ao mundo e o rei que conquistou um reino por ela.

Continuo meu caminho por vários lances de escadas curvas, tirando o capuz do manto quando bato na porta de Ryder antes de abri-la com um empurrão, já que ouço a voz dele e de Saskia discutindo do outro lado. E, de fato, ela já está pronta para o dia assim que o sol nasce, como sempre o ajudando a refazer o curativo do ferimento que sofreu na barriga enquanto me ajudava a derrubar a coroa. Ele resmunga um palavrão na caneca em que está bebendo conforme Saskia aperta as bandagens, abrindo os olhos semicerrados somente quando nota minha presença.

— Imagino que você não apreciou o calor do leito nupcial ontem à noite — comenta, observando minhas botas enlameadas, as armas e a armadura preta de couro que cobre meu peito sobre a túnica de campanha.

— Imagino que você nunca vai conhecer o calor de um leito nupcial — retruco.

Ele murmura alguma coisa ininteligível dentro da caneca de novo antes que as habilidades de Saskia lhe provoquem mais uma careta.

— Pelo jeito, você foi até a fronteira conferir a segurança do reino. Algum problema?

— Nenhum. Eagor nunca se envolveu em questões militares, então sua morte não afeta em nada os soldados.

Vou até a janela e sinto a tensão nos ombros se aliviar quando vejo os três dragões restantes à beira do lago. Calithea está deitada na margem ao lado de Basilius, que com seu tamanho gigantesco a faz parecer um filhote, mas Delmira abre as asas e passa as garras na água.

— Você nunca protege o flanco esquerdo — comento.

— Um dia eu aprendo — responde Ryder com um tom risonho. — Você não deveria ir até a fronteira sem mim. O reino está numa situação instável. Os nobres estão fugindo do castelo desde que Elowen chegou com os dragões ontem.

— Verdade, você está em ótimas condições para lutar se alguém atacar Cayden na estrada — murmura Saskia.

— Eu estaria mesmo, se você fosse uma curandeira melhor. Eu pediria para Elowen, se ela não estivesse se arrumando.

Ryder sorri quando o olhar furioso de Saskia se intensifica.

Limpo a garganta ruidosamente e ocupo uma cadeira do outro lado da mesa de centro.

— Vocês já falaram com ela?

Saskia vira a cara emburrada para mim e logo seu semblante se torna mais contemplativo, o que faz com que eu me sinta como uma das cartas codificadas que ela anseia por decifrar. Acho que o fato de não conseguir ler minhas intenções, como faz com os outros, sempre a irritou. Ela termina o curativo de Ryder, que faz outra careta.

— Só rapidamente. Ela passou nos meus aposentos uma hora atrás e me pediu para acompanhá-la a Verendus hoje.

— Como ela estava?

Saskia pega uma pequena tigela com frutas na bandeja antes de se recostar no sofá.

— Parecia bem.

Ela não dormiu. Não está bem. Foi traída pelo tio e, por mais que queira fazer parecer que não se deixou abalar por isso, sei que não é verdade. Queria a aprovação e o amor dele, mas o homem nunca lhe deu nenhuma das duas coisas. Fazia das tripas coração por ele, mas tudo o que recebeu em troca foi ódio, porque o homem que deveria valorizá-la sentia repulsa por ela. Elowen estava completamente devastada quando a tirei daquela sala de banquete, coberta com o sangue dele.

— Espero que os preparativos para o casamento avancem enquanto estivermos fora. Você precisa solidificar sua reivindicação ao trono o quanto antes.

— Dê um tempo a ela — peço. — O melhor seria que a tirassem um pouco deste castelo.

O olhar de Saskia suaviza levemente, mas ela permanece em silêncio. Eu teria levado Elowen para longe do castelo depois que ela foi dar boa-noite a seus dragões, mas seus olhos se encheram de dor assim que os pés tocaram a grama e me viu à sua espera. Elowen saiu para voar depois da cerimônia dos dragões e só voltou quando estava com tanto frio que mal conseguia andar. Ela quer um tempo longe de mim e, apesar de contrariar todos os meus instintos, estou tentando respeitar a decisão. Mas não posso ficar só a observando enquanto se tortura. Está internalizando toda a dor ao seu redor para tentar trazer alívio às pessoas, mas, com isso, ela deixa as próprias dores de lado, embora uma faca esteja sendo torcida em seu coração. Minha noiva quer proteger a todos, e tudo o que desejo é protegê-la.

Ryder enche uma caneca de café pela metade antes de pegar o uísque na prateleira sob a mesa para completar a dose.

— Você parece estar precisando.

Reparei que havia chamas pretas pintadas no rótulo.

— Você tirou isso do meu estoque?

Ele deu de ombros.

— É você quem importa as melhores bebidas.

Tiro a caneca da mão dele, fazendo um lembrete mental para trocar a fechadura. Os olhos de Saskia continuam cravados em mim, então faço um gesto para que me diga o que está pensando.

— Vamos resolver isso de uma vez.

— Você está apaixonado por ela... — murmura Saskia. — E isso está acabando com você.

— Ah, qual é, Sas — resmunga Ryder. — Deixe o homem pelo menos terminar a bebida antes de começar com a análise.

Apaixonado.

O amor gruda na pessoa e suga tudo dela até não sobrar mais nada. Remodela

alguém até deixá-lo irreconhecível. Uma das muitas falhas da natureza humana é considerar o coração mais que um órgão feito para bombear sangue. Tive uma vida de infinitas batalhas, precisando empunhar minhas armas o tempo todo contra ameaças que surgiam à minha frente e pelas minhas costas. Não existe espaço para amor. Isso é uma fraqueza que nunca pude me dar ao luxo de ter e que nunca desejei.

No entanto, quando penso em Elowen, a chama que arde dentro de mim desde que me entendo por gente é domada. Sua presença é um momento de paz em uma vida de sofrimento. O que sinto por ela desafia a lógica pela qual sempre vivi. Não gosto de chamar isso de amor; parece uma palavra mundana e hipócrita demais. Os homens podem dizer que amam as esposas, mas passam a mão adornada com a aliança na pele de outras. Elowen está ligada à minha alma de uma forma inquebrantável. Eu faria qualquer coisa por ela, mas isso não constitui uma fraqueza. É verdade que, se alguém quisesse me atingir, poderia usá-la como alvo, mas a existência de Elowen me torna mais implacável que nunca, para garantir que ninguém jamais irá tirá-la de mim.

Ela é o veneno que eu levaria aos lábios de bom grado, sem antídoto à vista, e me obrigaria a sobreviver, ciente de que a morte não será consolo se me separar dela.

Ignoro o comentário de Saskia. Não sei o que é o amor, mas, seja qual for meu sentimento por Elowen Atarah, trata-se de algo desconhecido neste mundo.

— Eu vou ser o guarda-costas dela hoje.

— Já vamos levar Finnian e Braxton e os cinco dragões que nunca se afastam dela. — Saskia solta um suspiro. — Deixem que eu tente conversar com Elowen. Ela não vai conseguir pensar direito com você lá. As pessoas não processam o sofrimento estando cercadas por ele.

Isso não basta, é a resposta que está na ponta da língua, mas afogo as palavras com uísque.

— Se acontecer alguma coisa com ela...

— Vamos estar todos a postos.

Estalo o pescoço, rígido de tensão.

— Vocês vão ter o dia, mas hoje à noite ela é minha. Avisem Finnian também.

CAPÍTULO
DOIS

Elowen

O vento de inverno sopra a neve pelo ar e sobre o chão, deixando o calçamento de pedras da rua parecido com os doces açucarados atrás do balcão. Seu aroma paira no ar da Padaria Gota de Limão, e o fogo da lareira me faz esquecer o frio do lado de fora da janela. Assim como da última vez que estivemos aqui, pães de mel, tortas de frutas e bolos com mais camadas do que eu imaginava ser possível estão lindamente expostos. Acrescentei alguns potes de geleia à minha cesta, e vou pedir um pão fresco para levar assim que sair do forno.

— Você já tem uma paleta de cores em mente? — pergunta Saskia, fazendo-me desviar os olhos da cordilheira à distância.

— Para...?

— O casamento.

— Vamos usar as cores de nossa casa. — Forço uma risada. — Acho que esse é o benefício de poder escolher eu mesma. Não preciso usar cores que não combinam comigo.

Depois da cerimônia dos dragões, passei várias horas ocupada em criar o emblema da Casa Veles, definir nossas cores e planejar a redecoração do castelo. Todos me olhavam como se eu precisasse de um descanso, mas isso não era possível. As obrigações mantinham minha mente distraída de todas as coisas em que não queria pensar. Toda

vez que tentava dormir, via a carne de Ailliard queimar, e juro que podia sentir até o cheiro.

Uma parte mais mesquinha de mim cogitou escolher uma flor como nosso símbolo, e rosa e roxo para nossas cores, mas emblemas são uma forma de mostrarmos para o mundo quem somos. Vareveth é o reino da Rainha dos Dragões e do Rei Demônio, e nossos estandartes precisam refletir isso.

Sou poupada de continuar falando sobre o casamento quando a aprendiz de padeira aparece com uma bandeja de três andares em cada mão.

— Majestade. — Ela faz uma mesura depois de colocá-las sobre nossa mesa e abre um sorriso tímido. — Todos os nossos sabores estão aí, como solicitado, mas por favor avise se precisar de qualquer outra coisa.

Tento acalmá-la sorrindo também.

— Obrigada. Com certeza vai ser mais que o suficiente.

Ela assente com entusiasmo, olhando por cima do ombro ao correr de volta para a cozinha. Isso chama minha atenção para o balcão, e sinto o coração apertar. A lembrança de Cayden colocando uma flor atrás da minha orelha surge em minha mente, e aproximo o bolo de lavanda do nariz para amenizar a dor de cabeça que se forma.

— O que foi isso? — pergunta Finnian. — Não imaginava que sua presença fosse causar tanto frisson.

— Elowen pediu uma degustação de bolos. O pessoal provavelmente acha que ela está aqui para escolher um sabor para o casamento — responde Saskia por mim enquanto toma um gole de chá. — Não é por isso que estamos aqui?

— Não. — Pego um pequeno retângulo de bolo de chocolate amargo com recheio de framboesa e levo um dedo à boca para lamber um pouco da cobertura de um rosa intenso. — Estamos aqui para realizar meus desejos. Bolos de aniversário para os dragões.

Meus amigos trocam um olhar perplexo. Então Finnian se vira para mim e põe a mão em meu ombro, falando devagar.

— Eles comem animais vivos, minha linda. Não precisam de bolos de aniversário.

— Eles adoram doces, são umas formiguinhas.

— Formigonas — murmura Saskia.

— Além disso — continua Finnian —, o aniversário deles não é no mesmo dia que o seu? Ainda faltam algumas semanas.

— Estou compensando o tempo perdido. — Termino o bolo de chocolate e faço um sinal para Saskia anotar esse sabor no caderno antes de colocar dois pedaços no prato de Finnian e pegar o de mirtilo para mim. — Me digam se preferem o de limão ou o de laranja.

A perplexidade de Finnian dá lugar à empolgação. Ele já está acostumado a embarcar nas minhas ideias absurdas; temos basicamente toda uma vida de prática. Ele enfia o bolo de limão na boca e solta um suspiro, assentindo com a cabeça. Sinalizo para Saskia adicionar o sabor à lista de aprovados enquanto sirvo um pouco de chá para que Finnian não se engasgue. Ela revira os olhos, mas o modo como o canto de seus lábios se curva para cima revela suas verdadeiras emoções.

— O de limão com certeza, mas o de laranja não.

Finnian olha feio para o bolo comido pela metade.

— Interessante. Pensei que você fosse preferir o de laranja, por causa do seu cabelo.

Ele franze a testa.

— Isso é irrelevante para o paladar.

— Meu cabelo é quase preto, e meu favorito foi o de chocolate amargo.

Finnian estala os dedos.

— Você tem razão.

— Tem nada — intervém Saskia, hesitando por um momento antes de estender o braço sobre a mesa e segurar minha mão. — Não precisa esconder seu sofrimento da gente. Pode falar o que está passando pela sua cabeça.

Dois pares de olhos se cravam em mim, e parece que estou a bordo de um navio, sendo julgada por insanidade, com pesos amarrados nos pés. Forço outro sorriso, garantindo que seja melhor que todos os outros que dei hoje, e, apesar de meu corpo se

rebelar, consigo virar a mão e apertar a de Saskia.

— Reencontrei meus dragões, que era tudo o que eu poderia querer nessa vida, e estou prometida ao inimigo do meu pai. Está tudo bem, Sas. Juro para você. Além disso, nunca tive um dia ruim que não pudesse ser melhorado com um docinho.

Ela me observa em silêncio por mais um bom tempo.

— Tem certeza?

Escondo a outra mão sob a mesa e cravo as unhas na palma, me esforçando para não voltar os olhos para o corte na garganta de Finnian, causado por um soldado de Imirath que estava mancomunado com Ailliard. Mesmo convivendo com Finnian desde pequeno, quando era um menino órfão que cresceu ao meu lado, Ailliard o entregou na mão do inimigo. Ele me conhecia bem o bastante para saber que eu trocaria minha vida pela de Finnian sem pensar duas vezes. Mesmo se meu tio não tivesse conspirado para me devolver a Garrick, eu o teria matado pelo que fez com meu amigo.

Eu poderia tê-lo perdido. A culpa sobe por meu corpo como se serpentes envolvessem os pulmões, me estrangulando por dentro. Finnian não estaria aqui se não fosse por mim. Ele precisa de uma manhã livre do fardo de me tranquilizar e, embora a máscara que coloquei para disfarçar as emoções esteja mais pesada a cada segundo que passa, vou esconder a dor para vê-lo feliz.

Ainda vou ter tempo para minha vingança, mas não hoje. Além de cuidar de Finnian, o motivo para eu querer vir aqui foi mostrar ao mundo que Eagor, Ailliard e Garrick fracassaram. Não vou me esconder nas sombras quando posso me banhar na luz do fogo dos dragões. As pessoas precisam ver os governantes firmes e inabalados para não criarem inseguranças em relação à nossa ascensão ao poder. Tive uma vida inteira para aprender a viver sem revelar meus verdadeiros sentimentos. O segredo para esconder a dor e a raiva é não passar um único dia sem senti-los.

— Certeza absoluta.

Solto a mão dela quando uma movimentação chama minha atenção do outro lado da janela virada para a rua. Abro a cortina cor-de-rosa e vejo um mensageiro real brandindo uma carta para Braxton. A Padaria Gota de Limão só tem uma entrada e,

fora nós e os funcionários, ninguém tem permissão para entrar.

Finnian atravessa o mar de mesas com toalhas de renda para pegar a carta, mantendo uma das mãos no cabo da espada enquanto abre uma fresta da porta, deixando entrar uma lufada do vento invernal, cortante como uma lâmina. Ele coloca o pergaminho diante de mim, e engulo em seco quando reconheço meu nome escrito com a caligrafia de Cayden. Apesar da vontade de jogar aquilo na lareira, rompo apressadamente o lacre e desenrolo a carta como a noiva ansiosa que o reino deve acreditar que sou. Quando o assunto é guerra, a manipulação é tão útil quanto as batalhas. Batalhas ajudam a ganhar território e enfraquecer inimigos, mas é a manipulação que faz você cravar as garras na mente de alguém e controlar o ponto de vista de outra pessoa, e *isso* é uma coisa poderosa. É preciso mostrar apenas o que você quer que os outros pensem, nunca como se sente de verdade.

— É o endereço de algum lugar em Ladislava.

A mensagem não diz nada mais, e decido ignorar a decepção. Eu pedi mais espaço. Ele está me concedendo isso. É o que preciso. Não quero vê-lo.

Mas até repetir essas palavras na minha cabeça soa como uma mentira.

— Posso? — pede Saskia, e lhe entrego a carta. Ela pisca devagar antes de assimilar a mensagem, então umedece os lábios para esconder um sorriso crescente. — Braxton pode levar você até lá sem problemas. Infelizmente preciso voltar para o castelo.

— Me dá uma pista.

— Não.

— É uma loja?

— Se fosse, eu iria com você.

Reviro os olhos e me levanto, passando os braços pelas mangas do casaco, movida pela curiosidade. Essa silhueta com saia armada e mangas bufantes me remete a um anjo de neve; felizmente, a faixa em torno da cintura dá um pouco de definição ao corpo, e o forro de pele animal me mantém aquecida. Há delicados dragões dourados bordados na frente das vestes e ao redor da bainha e dos punhos.

Antes de sair, pago pelos bolos e ofereço um pouco mais pela inconveniência de ter

que fechar a padaria por minha causa. Meus dragões guincham quando me veem na rua, e faço um aceno para Basilius, o mais próximo de mim nesse momento, antes de entregar a carta para o cocheiro, pois vou de carruagem para o endereço indicado. Até iria montada nos dragões, mas não quero deixar Saskia e Finnian para trás, já que fui eu que planejei o passeio; além disso, os hematomas nas costelas estão me incomodando hoje.

Percorremos as ruas sinuosas ladeadas por lojinhas charmosas, cafés e os vários rios gelados que cruzam o reino. Os postes com lampiões, originalmente feitos para parecerem galhos retorcidos, agora mostram dragões cuspindo fogo de ambos os lados. Finnian deita a cabeça no meu ombro e fecha os olhos, enquanto o trote constante dos cavalos e o estômago cheio o embalam para dormir. Finjo não reparar em Saskia me analisando do outro lado da carruagem quando fazemos a travessia de uma ponte arqueada que nos leva à entrada circular na frente do castelo, e o som das picaretas batendo na pedra acorda Finnian. Olho para fora tentando ver em que os artistas estão trabalhando, mas o processo ainda está muito no início. Deve ser algo encomendado por Cayden.

— Braxton vai comigo, mas é melhor vocês descansarem um pouco — sugiro a Finnian.

— Tem certeza? — pergunta ele com um bocejo.

— Cayden requisitou a presença dela hoje à noite, então imagino que vai encontrá-la logo — explica Saskia.

Meu coração dispara no peito, e agarro o banco com mais força.

— Vai lá — digo a ele com uma tranquilidade que não sinto.

Finnian balança a cabeça e me abraça antes de descer e oferecer a mão para Saskia. Ela faz uma pausa e me olha.

— Se precisar de alguma coisa, estou aqui.

— Obrigada, Sas.

Mantenho o sorriso no rosto até a porta se fechar, permitindo que se desmanche quando estou sozinha e a carruagem volta a se mover. Bem que eu gostaria que fosse

fácil assim enganar a mim mesma. Deixei as cortinas abertas para poder admirar a paisagem da floresta entre Verendus e Ladislava, observando uma manada de cervos beber de um riacho semicongelado até as sombras de meus dragões os alcançarem, fazendo-os fugir.

Quando entramos em Ladislava, me afasto da janela até a carruagem entrar numa rua com uma placa que diz TRAVESSA DOS CURANDEIROS. Vários chalés de pedra com luz quente saindo pelas janelas e frestas capturam minha atenção e me fazem pensar em Nyrinn. Será que já está sabendo da traição de Ailliard a essa altura? Escuto o cavalo de Braxton parar atrás da carruagem e suas botas chapinhando na neve enquanto ele se aproxima.

— Minha rainha — diz ele ao abrir a porta e me oferecer a mão para descer.

— Obrigada, general. — O portão baixo de ferro range quando ele o abre e me segue pelo caminho até o chalé do endereço que Cayden me passou. — Gostaria de entrar?

— Não, obrigado, majestade. Vou ficar de guarda na varanda. — Ele aponta para o aquecedor de ferro fundido com chaminé num canto. — Vou acender o fogo e ficarei melhor aqui do que estaria na fronteira vigiando soldados como se fossem crianças.

— Vou deixar a porta destrancada, caso mude de ideia.

Ele assente, e eu giro a maçaneta e entro, apoiando as costas contra a porta e soltando um suspiro de alívio ao ouvir o silêncio. Soltando rapidamente a faixa, tiro o casaco e massageio os hematomas doloridos nas costelas. Fecho os olhos com força e comprimo os lábios para não emitir nenhum ruído de dor.

Cayden deve ter passado por aqui, porque a lenha na lareira acabou de ser acesa. Além disso, consigo sentir sua presença como uma alma com assuntos pendentes rondando um cemitério. Me sinto compelida a atravessar a sala e abrir uma fresta da primeira porta, que leva a uma pequena despensa, e da segunda, a uma sala de banho.

Foi isso o que pedi.

Espaço é o que preciso para clarear a cabeça.

Sempre me ajudou no passado.

Tenho um sobressalto e cubro a boca com as mãos quando um estrondo no telhado

faz os potes nas prateleiras tremerem, e sou capaz de apostar todo o meu dinheiro que Sorin pousou lá em cima. Às vezes acho que ele acredita que ainda é pequeno, como quando podia se empoleirar no meu ombro.

Vigas de madeira escura são aparentes no teto e nas paredes, com papel de parede amarelo-claro entre elas. Há uma mesa comprida com frascos vazios para tônicos, um caderno em branco, uma pena e um pilão diante dos potes com temperos que Sorin quase mandou para o chão. Um sofazinho e uma poltrona que parecem macios como nuvens ficam perto da lareira de pedra, com uma mesinha com alguns livros e um conjunto de chá que percebo que ainda está quente quando encosto a mão na porcelana.

Estou com o coração na boca quando sento no sofá e pego a carta que está na bandeja de chá. A tinta ainda está fresca no papel, e borro o nome de Cayden com o dedo.

Anjo,

Apesar de o chalé ficar na Travessa dos Curandeiros, você não precisa atender ninguém até estar pronta. Pode usar este lugar como um refúgio se não quiser ir para o castelo ou para a Casa Veles. Trouxe alguns livros sobre dragões que acredito serem interessantes, além da sua leitura atual no castelo.

Aproveite o silêncio. Vejo você mais tarde.

Sempre seu,

Cayden

Deito com as pernas encolhidas no sofá, agarrando a carta junto ao peito e olhando para as chamas. O cheiro de lavanda, pinho e alecrim me acalma e, apenas comigo mesma como companhia, deixo a máscara cair. Às vezes, finjo ser outra coisa por tanto tempo que parece que vou me tornar essa versão de mim mesma, mas, por mais que tenha tentado, simplesmente não consigo me forçar a me sentir bem. Não quero sofrer, mas sofro assim mesmo, e odeio isso.

Às vezes parece que estou me afogando, mas não sei de onde vem a água, e não sei como detê-la.

CAPÍTULO
TRÊS

Cayden

Preparo o golpe e dou um soco na cara do oponente, fico observando enquanto ele vai ao chão. A dor familiar na mão nada faz para aliviar a frustração que arde dentro de mim, e permaneço anestesiado mesmo quando soa o gongo e a plateia vibra. O vulto inerte de carne e ossos permanece no chão coberto de suor e sangue conforme as pessoas gritam para ele se levantar.

— Vitória do Víbora! — declara o locutor.

Ergo o punho enrolado com bandagem no ar antes que ele tenha a chance de encostar em mim.

— Mande mais um.

Com o canto do olho, vejo Ryder incitar a plateia para manipular as apostas, convencendo alguns a irem contra mim. É algo que fazemos há anos, e que aumenta nossos ganhos consideravelmente. Ninguém me reconhece. Se isso acontecesse, nosso plano jamais funcionaria. O tônico que tomei vai me deixar grogue em algumas horas, mas esconde as cicatrizes na pele e a tatuagem nas costelas. Ninguém estava nem aí para mim quando eu era mais novo, só mais um marginal tentando crescer na vida à base de pancadaria, mas precisei tomar minhas precauções quando me tornei comandante.

Teria tomado o tônico em Imirath, mas estar fora do controle de todas as minhas faculdades durante a tomada do poder era um risco que eu não podia correr. Como faço

atrás das linhas inimigas, cubro a parte inferior do rosto com uma máscara preta, e uma bandana da mesma cor mantém o cabelo preso, a não ser por algumas mechas suadas grudadas na testa. Ryder toma as mesmas precauções, usando um chapéu para cobrir os cachos e uma máscara, o que não é incomum nos cortiços de Verendus. Não é como se houvesse muitos soldados se embrenhando por estes lados da cidade, e as pessoas que frequentam estabelecimentos como este costumam ser do tipo que evitam estar na presença do comandante de Vareveth.

Suor escorre pelo peito, e giro o pescoço enquanto me movo pelo ringue inclinado e de formato irregular e mais um homem passa por baixo das cordas. É mais robusto do que eu, mas não mais alto, e faz todo um teatro para animar a plateia. Ponho a mão no meu ombro ruim e faço alguns movimentos, sabendo que Ryder vai se beneficiar se o público pensar que estou machucado.

— Lutem! — grita o locutor quando soa o gongo.

Bato um punho no outro e começo a me mover na ponta dos pés quando meu adversário avança, me esquivando pela lateral no último instante e cravando o cotovelo em suas omoplatas. Ele cambaleia para a frente, se segurando nas cordas em meio a uma mistura de aplausos e vaias. Ele recupera o equilíbrio e solta um grunhido, as bochechas ficando tão vermelhas quanto seu cabelo, e abro um sorriso por trás da máscara. Ele avança de novo, mas dessa vez permito que me encurrale nas cordas e golpeie minhas costelas com os punhos volumosos. Os ossos estão doloridos por causa de anos de castigos, mas me mantenho firme. Sinceramente, nenhuma surra que eu levar neste ringue vai ser pior que o falatório de Ryder se não fizer meu papel aqui, e existe uma força poderosa dentro de mim que deseja essa dor, por saber que feri a única pessoa que jamais desejaria machucar. Levo mais um soco pensando nas lágrimas de Elowen enquanto me desculpava — sua dúvida, sua dor e sua raiva.

O oponente muda de tática e tenta acertar meu rosto, mas uso o antebraço para me esquivar e avanço. Ele cambaleia para trás quando desfiro um soco na barriga, mas um vislumbre de cachos compridos e escuros desvia minha atenção da luta. Minha mente costuma se acalmar quando subo no ringue ou me envolvo em qualquer tipo de

confronto físico, mas não estou presente, apenas fisicamente. Um punho acerta o lado esquerdo do meu rosto, abrindo um corte na bochecha e empapando a máscara com sangue.

Dou risada, apesar da irritação crescente.

— Muito bem.

Obrigo a tranquilidade sinistra que se instala em mim em qualquer luta a acordar. Em um momento raríssimo, agradeço por Elowen não estar presente. Se estivesse em um lugar como este, eu não sairia do seu lado, sem dúvida nenhuma. A única coisa em que sou bom é lutar; meu pai se encarregou disso. Minhas mãos latejam a cada golpe, abrindo a pele do oponente e encharcando minhas bandagens, mas não paro. Continuo até o homem tombar como uma árvore caída, com sangue escorrendo da boca enquanto bate a mão no chão em sinal de rendição.

A plateia vibra de novo, mas não espero o anúncio do locutor antes de passar por baixo das cordas e saltar da plataforma. Ryder teve tempo suficiente para fazer seu jogo, e não estamos desesperados por dinheiro como quando começamos essa encenação. As pessoas saltam para fora do caminho para me deixar passar enquanto correm para recolher os lucros de suas apostas.

Comprei este ringue quando tinha 20 anos, depois de um bom tempo trabalhando como assassino profissional e lutador. Embora continuasse exercendo as duas funções, precisava deste lugar para ampliar meus negócios. Ainda era criança quando fugi da casa do meu pai e cruzei a fronteira de Imirath para Vareveth. Fiquei perto da costa, e o clima chuvoso tornava esse um dos piores locais para um indigente, mas era um paraíso em comparação com onde estive antes.

O emaranhado de construções me mantinha protegido do vento que soprava do mar, então havia esse pequeno consolo. Meu primeiro trabalho foi na estiva nas docas de Verendus, um lugar onde o crime proliferava. Foi fácil aprender a arte do contrabando e de roubar contatos nos livros contábeis, pois ninguém suspeitava que um menino órfão magricela pudesse ter alguma intenção maliciosa. O pagamento era ridículo, mas suficiente para me garantir um quarto, considerando que um cômodo

minúsculo que cheira a peixe no andar de cima de uma taverna possa ser chamado assim.

Houve dias em que o ódio dentro de mim era como um poço de piche que eu precisava atravessar, sabendo que um dia desistiria e deixaria que aquela escuridão tomasse conta de mim, o que aconteceu. O menino que eu fora se afogou ali, e quem saiu foi o demônio que os cidadãos de Ravaryn me consideram. Emoções fortes tornam as pessoas irracionais, mas uso as minhas como uma arma, pronta para derrubar qualquer um em meu caminho. Este mundo arrancou tudo de mim até não sobrar mais nada, e as trevas preencheram a casca que sobrou.

As sombras me escondem enquanto abro a porta secreta e pego a escadaria para o escritório que um dia foi meu quarto. A gritaria, a música e o tilintar dos copos atravessam as paredes finas quando passo pelo patamar que leva à taverna — a fachada para as apostas ilegais que ocorrem lá embaixo. Alguns poucos empregados de confiança sabem que sou o proprietário do Covil do Demônio, mas sempre tomo precauções extras para garantir que continuo anônimo para a maioria.

Saskia queria investir em algo mais refinado, mas as línguas se soltam quando o álcool faz efeito, e eu precisava não só de uma fachada, como de uma maneira de tomar conhecimento do máximo de boatos possível. Trabalhei no bar antes de meu rosto se tornar conhecido, ouvindo rumores sobre a princesa dos dragões do reino inimigo, mas para além de Elowen circulavam informações sobre aqueles que detinham o poder. Eu conhecia o fornecedor do pó que Eagor adorava cheirar, e jogar esse fato na cara dele na festa compensou toda a suspeita causada.

— Deuses, como adoro a emoção da vitória. — A voz de Ryder se eleva como vapor da escadaria quando ele chega, e continuo subindo para o segundo andar. — A porrada que você levou no fim foi perfeita, mas poderia ter exagerado um pouco mais e fingido que estava com mais dor.

Tiro a máscara e a enfio no bolso.

— Se acha que chorar ajuda, fique à vontade para trocar de lugar comigo. Nós dois sabemos que você leva mais jeito para isso do que eu.

— Muito engraçado — responde ele. — Para começo de conversa, não tenho medo de expor minhas emoções. Nem todo mundo fica perturbado com a ideia de parecer vulnerável. Além disso, você jamais conseguiria manipular a plateia como eu. As pessoas me adoram.

— Bom, alguém tem que gostar.

Abro a porta que dá acesso ao pequeno corredor e destranco meu escritório, um dos dois cômodos lá de cima. O outro era o que Saskia e Ryder dividiam, e mais de uma vez me levou a pensar em me desvencilhar deles enquanto discutiam noite adentro. A sala é iluminada por alguns lampiões, e não há nenhum objeto pessoal ali. Todos os registros de minha passagem por aqui estão guardados em um cofre na casa senhorial da Casa Veles, mas para manter a fachada em caso de invasão, os registros dos negócios da taverna, mantidos por Saskia, estão guardados nos armários alinhados junto à parede.

Pego a caixa de cigarros que deixo em minha mesa antes de abrir a veneziana da única janela do recinto. O ar gelado acaricia minha pele quando ponho um cigarro nos lábios e outro atrás da orelha antes de riscar o fósforo e acender. Limpo o sangue do rosto com um pano, dou uma tragada profunda e inclino a cabeça para trás para soprar a fumaça. Há uma ironia doentia no fato de que passei a vida toda evitando todo mundo e preferindo a solidão, e agora a única pessoa cuja presença anseio como uma droga quer distância de mim.

— *Essa* é uma coisa que não vejo você fazer há um bom tempo — comenta Ryder, me entregando um frasco do antídoto do tônico que tomei para disfarçar minhas feições, ele mesmo com um cigarro entre os lábios. — Elowen transformou você, irmão.

Ele nem imagina o quanto.

Eu fumava por vários motivos quando era mais novo: enganar a fome, mascarar o cheiro dos cortiço ou ter o que fazer com as mãos. Algumas pessoas se viciam, mas comigo nunca aconteceu. Só sinto que estou enlouquecendo mesmo. Graças aos deuses que o sol já se pôs. Preciso vê-la, conversar com ela e dar um jeito de remediar essa distância entre nós.

A porta vibra de leve com uma batida, seguida de três batidas curtas e então mais

duas, separadas por uma breve pausa. Eu me afasto da janela para deixar Alexus entrar e passo a chave de novo depois. É um homem de cabelos claros, com a barba por fazer e a capacidade de circular por aí e obter as informações que pago caro para descobrir. Com tanta gente no castelo e na fronteira, não tenho como me reunir com meus espiões e, embora Alexus saiba como entrar na minha casa despercebido, encontrá-lo aqui é o arranjo ideal.

Ele acena com a cabeça para mim antes de sentar-se diante da mesa.

— Senhor.

— Imagino que tenha notícias dos nobres — digo, sentando-me também. — Eles estão juntando forças?

— Ainda não, mas agora que o último saiu do castelo, imagino que logo vá acontecer. Devem estar procurando alguma coisa pra usar contra você ou contra a rainha Elowen, para manipular os dois como faziam com Eagor e Valia. — Ele estende um pergaminho dobrado. — Fiz uma lista das oito casas nobres menos leais, com base na proximidade que tinham com Eagor.

Alexus é um dos meus melhores espiões, e tem sido assim desde que me tornei comandante. Nos conhecemos quando éramos mercenários em Verendus. Não éramos amigos — as únicas pessoas que chamaria assim, ainda que a contragosto, eram Ryder e Saskia —, mas trocávamos informações, desde que isso não prejudicasse nossos ganhos ou nossa reputação.

— Arranje um trabalho na Casa Baelyn. — Dou uma olhada na lista, e vejo que lorde Xantheus é o penúltimo. — Ele já manifestou sua insatisfação. Vou aumentar sua remuneração em quarenta mil cindrilos.

— Posso fazer isso, mas minha lealdade você já tem há muito tempo. Não preciso de aumento.

Ignoro o comentário e continuo a dar minhas ordens:

— Assim que ouvir qualquer coisa sobre uma reunião ou uma possível rebelião, quero receber um relatório imediatamente.

— Vou pra lá assim que amanhecer. Se ele acabou de sair do castelo, com certeza

haverá vagas de trabalho na propriedade. — Alexus tira um frasco do manto e dá um gole. Nunca bebe em serviço, então deve estar aproveitando para tomar um trago de uísque enquanto pode. — Qual é o seu plano se eles não manifestarem publicamente a traição?

— Elowen e eu vamos ter que criar provocação suficiente para se revelarem, ou então vamos continuar nesse jogo, a depender do quanto demorar para a guerra ser decidida.

Apago o cigarro e pego uma folha de hortelã ao lado do pacote, mastigando-a enquanto visto uma camisa limpa e o manto preto que absorve a escuridão ao meu redor. Com o capuz na cabeça, minhas feições ficam obscurecidas o suficiente para eu não ser reconhecido, mas ponho outra máscara por garantia.

— Os nobres são como cordeiros, vão obedecer se forem pastoreados para a direção certa. Caso contrário, vão para o abatedouro. Desde que haja provas, ninguém vai contestar a execução deles.

— Tenho a carta de referência falsificada que Ryder transcreveu da última vez que busquei posição como empregado, então não prevejo problemas em conseguir uma vaga. — Alexus levanta da cadeira, fechando os olhos e inclinando a cabeça para o teto. — Deuses, como odeio os nobres.

— Você é nosso soldado mais valoroso por lidar com essa gente — comenta Ryder. — Eu não conseguiria, e olha que nasci para isso.

Alexus dá uma risadinha e sai do escritório em silêncio enquanto abro o armário do canto com a chave. Dali, tiro um buquê de estelares roxas e íris azuis que comprei para Elowen mais cedo.

Ryder ri quando saímos para o corredor.

— Que imagem encantadora. Acho que vou pintá-la um dia, para mostrar às crianças que até a morte tem um ponto fraco.

— Você nunca se cansa de ouvir a própria voz? — Tranco a porta atrás de nós e pego a escada para a entrada dos fundos. — Só um idiota aparece de mãos vazias quando a mulher está chateada. Se anotasse esse tipo de dica, quem sabe não conseguiria sair

desse relacionamento exclusivo com a sua mão.

— Bom, vamos ver se você dura até a cerimônia. — A risada de Ryder reverbera nas paredes estreitas. — Antes de chegar perto, dá uma olhada pra ver se ela não está com as facas a postos.

Sorrio para mim mesmo.

— Espero que esteja. Isso torna as coisas mais interessantes.

Ele ri ainda mais.

— Seu degenerado de merda.

CAPÍTULO
QUATRO

Cayden

Puxo as rédeas quando entro na Travessa dos Curandeiros e vejo três vultos masculinos do outro lado da rua, em frente ao chalé de Elowen. Os soldados costumam se encontrar aqui, assim como cidadãos que precisam de cuidados médicos para si mesmos ou para alguém que estão acompanhando. Mas, a julgar pela maneira como estão oscilando sem sair do lugar, parecem estar apenas bêbados.

Os cascos de Koa batucam o chão de pedra enquanto diminuo o ritmo e tiro o capuz e a máscara, cavalgando entre os vultos e Elowen. As risadas logo cessam, e a cor no rosto deles se esvai quando se dão conta de quem sou. Braxton está no alto dos degraus que levam à varanda, com uma das mãos no cabo da espada e os ombros relaxados, como se quisesse que eles ousassem se aproximar.

Eu os encaro sem demonstrar nenhuma emoção e aponto com o queixo para o fim da rua.

— Vamos — chama um deles, e os três vão embora em uma corrida desajeitada.

Meu instinto protetor em relação a Elowen não vem de puro egoísmo — é também porque sei o quanto o mundo é cruel, principalmente com as mulheres. Uma das lembranças mais nítidas que tenho da minha mãe é a de seus gritos na noite em que morreu. Não de sua risada. Nem de seu sorriso. A dor nos molda como um ferreiro forjando a lâmina que apontamos para qualquer um que ameace o pouco de alegria que

conseguimos encontrar neste mundo corrompido.

— Há quanto tempo esses homens estavam ali?

— Chegaram um pouco antes de você — responde Braxton. — Eu teria verificado quem são se você não tivesse vindo.

— Se voltarem, jogue-os na cadeia — ordeno enquanto desmonto da sela e amarro as rédeas a um poste. — Não me importa se estiverem se esvaindo em sangue e Elowen for a última curandeira de Ravaryn. Eles jamais devem passar por esta porta. Fui claro?

— Sim, senhor.

Assim como Alexus, Braxton me conhece há anos, e sou grato por eles não se dobrarem às regras da sociedade, evitando me tratar por *alteza*. Nunca tive muito interesse nesse tipo de cerimônia.

Além de Ryder, Braxton é o único general em que confio para proteger Elowen. Já o vi derrubar vários inimigos de uma só vez e sair sem um arranhão. Ele jurou morrer por ela antes mesmo de conhecê-la, e Braxton é um homem de palavra. Perdeu a esposa e o filho no parto vinte anos atrás, e continua usando a aliança.

— Eu assumo daqui. Boa noite, Braxton.

Ele faz uma saudação abaixando a cabeça antes de descer de volta para a rua. Aperto com força o buquê que trago na mão e abro a porta. Minha impaciência é forte demais para prolongar esse momento. Maços de flores secas amarradas com fitas pendem das vigas do teto. Ela deve tê-las achado no cesto que deixei na despensa. Eu me lembrava do comentário dela sobre a loja de Nyrinn ter esses buquês, então achei que fosse querer alguns aqui. Vários livros estão abertos e virados para baixo na mesinha e no sofá para marcar a página, e sinto um alívio no peito quando a avisto.

Queria ser capaz de detestá-la por ter tanto controle sobre mim, por consumir meus pensamentos e reinventar o homem que sou, apesar de não querer me desvencilhar da versão anterior. Ela é minha única exceção, a única fenda em um coração de pedra. Braxton deve ter entrado e saído algumas vezes, porque ela não se vira para olhar. Os cachos compridos descem por suas costas enquanto se equilibra no banquinho, tentando pegar um pote na prateleira de cima. Vejo o exato momento quando se dá

conta de que sou eu. Seus ombros ficam tensos quando diminuo a distância entre nós e elevo o braço acima dela com facilidade. As mechas escuras de seu cabelo, que tem o cheiro da brisa primaveril, acertam meu rosto quando ela se vira, sacudindo vários frascos na prateleira quando dá com as costas na madeira.

Tento não me irritar com o quanto ela é descuidada quando arregala os olhos para mim e desejo me afogar em uma poça de mel. Procuro por ela em tudo, por toda parte. Vejo seus olhos nos detalhes mundanos do meu dia que me fazem ansiar pelo momento quando estarei com ela novamente.

Elowen tira o pote da minha mão, ignorando o buquê enorme que trago na outra.

— Onde está Braxton?

— Foi embora — respondo enquanto ela desce do banquinho e vai até a escrivaninha, levantando o vidro para a luz para observar seu conteúdo. — Não faz sentido mantê-lo aqui se sou perfeitamente capaz de defender minha esposa sozinho.

A pena entre os dedos dela se parte ao meio, manchando de tinta o livro de inventário.

— Eu *não sou* sua esposa.

— Ficaria feliz em resolver essa questão agora mesmo.

— A não ser que tenha uma aliança digna de mim e do meu tempo, vai ter que esperar sentado. — Ela franze o nariz e estreita os olhos para o buquê. — Por outro lado, sempre acreditei que é melhor resolver logo as coisas, como arrancar uma flecha de um ferimento.

Enquanto continua a me encarar, pego uma das estelares e ponho atrás de sua orelha.

— Jante comigo.

Ela arranca as flores da minha mão e as joga no chão sem ao menos olhá-las.

— Não.

— Não foi um convite.

— Que surpresa — murmura.

Elowen vai até o aparador da lareira, do outro lado da sala, para pegar um livro e

folhear as páginas sem muito interesse. Eu a sigo como um maldito cachorrinho na coleira e o tiro de sua mão, jogando-o de lado. Elowen se vira de novo para procurar outra distração.

Costumo adorar a brincadeira, mas ela está mancando. Me inclino para a frente, passo os braços por sua cintura e a levanto do chão, não me importando se vamos dar um espetáculo para um transeunte qualquer e tomando cuidado com os ferimentos dela quando grita.

— Você é mesmo um... — começa Elowen, e se interrompe com um grunhido quando eu a coloco cuidadosamente no sofá, sentando-me à mesa de centro e mantendo as mãos em sua cintura.

— Pode terminar a frase, linda. Estou ansioso para saber o que pensa de mim.

Ela cruza os braços e estreita os olhos. Deuses, que vontade de beijar aquele ponto no pescoço dela, que eu sei que vai derretê-la nas minhas mãos e fazê-la implorar que não a solte mais.

— No momento, estou pensando na sua estupidez em sair cavalgando no meio da noite pelo reino quando supostamente está comprometido e feliz. Os boatos sobre um potencial rompimento estão circulando por todo o castelo. Até mesmo Finnian já sabia antes de eu falar com ele.

— Montei uma biblioteca nos seus aposentos antes de sair — comento sem me alterar.

— Ah, sim, porque carregar madeira e móveis quebrados para cima e para baixo na torre é sinal inequívoco de um homem satisfeito.

Se Elowen não estivesse tão chateada comigo, eu trataria de mantê-la ocupada noite adentro; até tentei dormir no sofá para lhe dar alguma privacidade, mas quase enlouqueci. Ela pode ficar brava o tempo que quiser, mas isso não significa que vou facilitar as coisas, e me recuso a viver vidas separadas nos bastidores agora que sei como é estar ao seu lado.

— Casais têm desentendimentos.

— Nós não. Não temos o privilégio de cometer deslizes. Não podemos falhar. Há

coisas demais... — Sua respiração acelera, e ela põe uma das mãos sobre as costelas, contorcendo o rosto de dor. — Não vou perder essa guerra por causa da nossa incapacidade de criar uma fachada convincente para o reino.

— Elowen — digo seu nome com uma gentileza que nunca me imaginei capaz, e deslizo devagar a mão para debaixo da dela, por ser maior e mais quente. — Eu fiz uma promessa a você. Não vamos perder essa guerra.

Ela solta um suspiro trêmulo, mas não sei se por conta de meu toque ou de minhas palavras.

— Não podemos nos dar ao luxo de uma rebelião interna. Nossas forças precisam se concentrar todas em Imirath, ainda mais agora que se aliaram a Thirwen. Vamos combater dois exércitos, e não sei se Galakin vai nos dar ouvidos já que estou comprometida com você ao invés de o príncipe de lá, como queriam.

— Posso enviar minhas condolências, se for ajudar. — Ela abre um meio-sorriso, que logo desaparece de seu rosto. — Alexus assumiu a tarefa de espionar os nobres. Vai ser mais fácil monitorar a situação com alguém lá dentro. Conflitos internos podem ser resolvidos com rapidez e sem piedade.

Ela assente, e a tensão no seu corpo parece se aliviar. Seu rosto está a centímetros do meu, e o calor de sua pele queima a ponta dos meus dedos como ferro quente.

— Não importa o que faça, não vai mudar o sangue que corre nas minhas veias. As pessoas sempre vão levar isso em conta. Você deveria...

Arqueio uma sobrancelha.

— E eu lá me importo com isso? Sabe que nunca me importei com seu parentesco com Garrick.

Ela agarra meus pulsos e remove minhas mãos de seu corpo friamente.

— Talvez não agora, mas...

Fala comigo.

Quase consigo ver as barreiras que ela tenta erguer entre nós de novo. Essa não parece a Elowen que conheço. *Não.* Parece Ailliard falando. Ela não me contou o que ouviu dele na noite em que o matou, mas aposto que tem algo a ver com isso.

— Eu jamais julgaria você por causa do seu pai ou do lugar de onde veio.

— Por quê?

Porque o meu pai foi o pior homem que conheci na vida.

— Porque não mereciam você.

Balanço a cabeça. Ela pode ser Elowen Atarah, princesa de Imirath, mas sempre foi muito mais que isso. Eu vi sua alma, e a escuridão que existe ali só torna a luz dela ainda mais brilhante.

Elowen respira fundo e tenta ficar em pé, mas ponho a mão sobre o joelho que não está machucado para mantê-la sentada. Ela precisa descansar e evitar apoiar o peso na perna ferida, mas tenta novamente, e só vai sentir mais dor se fizer força contra mim.

— O q-que aconteceu com seu olho?

Com dificuldade, ela vai até um armarinho no canto, de onde retira uma lata e um pano.

— Perdi o foco numa luta e fui atingido.

— Isso não é nem um pouco a sua cara. Você não é do tipo que se distrai.

— Não mesmo — respondo, com os olhos cravados no rosto de Elowen. A rejeição à ajuda dela está na ponta da minha língua, e se fosse qualquer outra pessoa seria isso que eu faria, sem hesitação, mas engulo o desconforto enquanto Elowen mergulha o pano em uma tigela com água e se aproxima. — Tenho uma taverna no meio dos cortiços de Verendus. Comprei com o que ganhei como assassino profissional, e aumentei os ganhos com produtos contrabandeados e um ringue de luta no porão.

— Por quê?

— Alugar uma sala parecia desperdício de dinheiro, e eu precisava de um lugar para me reunir com meus espiões. — Dou de ombros. — Também estava cansado de não ter nenhuma forma de renda que não dependesse de trabalhar para outras pessoas.

— E você lutou no porão hoje.

— Eu tomo um tônico para mascarar meu rosto, assim ninguém sabe que sou eu.

Ela engole em seco.

— É por isso que você é mais rico que os outros comandantes?

— E que alguns reis.

— Então por que se esforçar para subir de patente no exército? Poderia ter comprado uma com o dinheiro que deve ter.

— Dinheiro não compra lealdade, mas o sangue, sim, e o meu foi derramado junto com o dos meus soldados. Eu precisava de um exército confiável pra combater Garrick quando encontrasse você.

Elowen ergue o rosto para o teto antes de abrir a lata de unguento.

— E você quer que eu acredite que criou toda essa estratégia sem incluir uma cláusula de casamento?

— Não incluí. Você...

Ela ergue a mão, a exaustão evidente no rosto, e cerro os dentes.

— Você contrabandeou esse unguento? Está infundido em magia de cura, e acabamos de revogar essa proibição.

— Foi, é de Galakin. Tem curandeiros por lá que canalizam magia de luz em remédios.

As pontas dos dedos dela roçam meu rosto, e o toque se torna mais lento, virando mais uma espécie de carícia. Permaneço imóvel, com medo de que um movimento da minha parte quebre o transe em que ela entrou, qualquer que seja. É como ter uma faca sendo retorcida na minha barriga, saber que não posso me aproximar mais. Desejá-la assim é a forma mais cruel de tortura.

Um cavalo relincha lá fora, e o olhar de Elowen se torna mais focado quando se vira para longe. A pedraria celestial e dracônica em seu vestido azul-claro cintila quando se afasta, eu cerro os punhos, tentando usar a dor das unhas se encravando na pele para controlar o desejo que corre dentro de mim.

— Imagino que você ainda seja contra os aposentos separados, considerando que abriu mão da mobília do seu quarto para fazer uma biblioteca.

Tensiono a mandíbula.

— Sim.

— É uma coisa totalmente normal na...

— Estou pouco me fodendo para o que é normal pra realeza ou para outros casais. — Arrisco provocar sua ira, levantando-me da mesa e segurando seus cachos cheios, inclinando sua cabeça até deixar o rosto exatamente na posição que quero. — Pode se irritar comigo o quanto quiser, mas nunca vai se livrar de mim.

Uma vermelhidão sobe por seu pescoço e pelo rosto.

— A partir de hoje, vai dormir na cama comigo e permanecer ali até amanhecer. Não importa o quanto seja doloroso deitar lá; pensando bem, tomara que seja mesmo. Você é alto demais pra dormir no sofá, e não podemos correr o risco de algum criado vê-lo ali, mas amarro suas mãos se tentar encostar em mim.

— Que imaginação ousada você tem.

Ela atira o pano na minha cara e revira os olhos antes de voltá-los para o lado quando nota algumas pessoas parando na rua para dar uma espiada em nós pela janela. Com a mesma facilidade com que recorreu ao teatro em Imirath, ela abre um sorriso ao me observar de novo, fica na ponta dos pés e dá um beijo na minha bochecha ilesa. Elowen nunca fez isso antes, e algo parecido com vergonha começa a correr por meu sangue.

Ela resgata as flores que jogou no chão e abraça o buquê junto ao peito com um sorriso gentil. É a primeira pista que me revela que fiz alguma coisa certa desde que nosso compromisso se tornou público. Pego seu casaco no gancho ao lado da porta e a ajudo a vesti-lo, alternando o foco entre ela e o buquê quando ofereço meu braço.

— As flores não têm culpa — justifica Elowen.

CAPÍTULO CINCO

Elowen

Um dia aprenderei a controlar meus hábitos autodestrutivos, mas esse dia não é hoje. Olho pela janela da carruagem, mal absorvendo a paisagem, mas não arrisco sequer uma olhada para o homem à minha frente. Ele ocupa mais da metade da maldita cabine, mas sua presença faz com que me sinta como se estivesse imprensada contra a lateral, sedenta por ar.

Cruzo um joelho sobre o outro enquanto os cavalos seguem trotando, franzindo os lábios quando Cayden dá uma *risadinha*. Ah, esse som me faz querer gritar.

— Ninguém nunca disse pra você que é falta de educação ficar encarando?

— Quem disse que sou mal-educado?

— Ninguém precisa dizer. É óbvio.

Ele dá outra risadinha.

— Por que vou ficar olhando para a neve e as construções da cidade quando passei o dia todo sedento por você?

O calor se espalha por meu peito como se alguém tivesse derrubado chá quente em mim, mas forço a voz a sair gélida.

— Flores e adulação não vão levar você a lugar nenhum.

— Eu já estou onde quero estar.

Solto um risinho de deboche e o encaro, sem permitir que a dor que me atravessa

transpareça nas minhas feições.

— Na minha lista de desavenças?

Ele se afasta do encosto da cabine como se fosse impossível ficar longe de mim, girando um dos meus cachos preguiçosamente no dedo, mas não responde à minha pergunta. A carruagem diminui a marcha, e as vozes dos cidadãos nas ruas começam a atravessar a madeira enfeitada, comentando com empolgação a passagem da carruagem real. Solto um suspiro de susto quando Cayden me puxa para a frente, e me apoio em seu peito para recuperar o equilíbrio enquanto ele me acomoda em seu colo.

Seu cheiro e seu calor me envolvem, e tento me desvencilhar, embora tudo o que mais desejo seja me deixar levar por isso... por ele. Minha vontade é de deitar a cabeça no seu ombro como fiz tantas vezes antes e esquecer o resto do mundo, mas não me permito. Fui usada pelo meu pai e depois por Ailliard, e apesar de saber que Cayden e eu estávamos usando um ao outro no início, não pensei que fôssemos acabar nessa situação. Ele nunca escondeu sua natureza traiçoeira, mas jamais imaginei que eu também seria uma de suas vítimas. Não sei nem quem sou. Sinto que não sei absolutamente nada, e minha própria mente me mantém no escuro. Como acreditar no que alguém fala se não pode confiar nem em si mesma?

— Se pensa que vou deixar você tocar em mim depois de me enganar desse jeito...

— Passamos o dia todo longe um do outro, e quando essa porta se abrir vai ter um monte de cidadãos querendo nos ver — interrompe ele, laçando minha cintura com o braço e me puxando para mais perto. — Se quer vender a narrativa de um casal feliz, tem que levar em conta o que eu faria também.

Os olhos de Cayden ficam mais escuros quando se voltam para os meus lábios, e não consigo suprimir um arrepio quando os dedos dele sobem pelo meu pescoço e seguram a minha nuca.

Faço o máximo que posso para impedir meu corpo de tremer. Não é que meus sentimentos por ele tenham desaparecido. Se fosse assim, eu não estaria sofrendo tanto. Tentar afastá-lo de mim seria como rasgar minha alma ao meio.

— E o que você faria?

O suspiro de Cayden acaricia minha pele, e ele se inclina para a frente para roçar os lábios naquele ponto do meu pescoço que sabe que eu adoro.

— Garantiria que distância é a última coisa que você deseja de mim, e levaria o tempo que fosse preciso pra provar isso.

Minhas coxas se contraem uma contra a outra por vontade própria, mas empurro o desejo da mente, puxando-o pelos cabelos para afastá-lo do meu pescoço. Suas pupilas estão dilatadas quando meus lábios se posicionam na altura dos seus, mas sem conceder o que ele deseja tão desesperadamente. A respiração irregular dança no pequeno espaço entre nós, e meu peito se comprime ao mesmo tempo que sinto um frio na barriga.

— Isso não é de verdade.

Ele me aperta com mais força quando a porta se abre, parecendo disposto a mandar o cocheiro à merda e nos trancar para desfrutar dessa proximidade por mais alguns segundos, mas viro-me bruscamente para o empregado tímido e deslizo ainda mais para cima no colo de Cayden, esfregando os quadris sobre o volume no meio de suas pernas. Posso sentir seus ombros tensionarem com o movimento.

— Ah, desculpa! — exclamo, e cubro a boca com a mão para não rir.

— E-eu não queria interromper, majestades — gagueja o cocheiro, olhando para trás e observando a pequena multidão que se juntou na entrada do restaurante. — Desejam que os leve de volta ao castelo?

— De jeito nenhum. — Abro um sorriso para acalmá-lo. — Só precisamos de um momentinho.

— Claro, minha rainha.

Ele faz uma mesura e fecha a porta às pressas, o que me permite descer do colo de Cayden. Eu me sinto grata pelo vento invernal que entrou na cabine, refrescando minha pele quente.

— Quer que eu saia pra você se ajeitar? — pergunto em um tom meloso.

Ele apoia os cotovelos nos joelhos e passa as mãos no rosto, murmurando meu nome algumas vezes, bem baixinho, enquanto sacode a cabeça.

— Se é assim que quer jogar, eu aceito de bom grado.

Estreito os olhos e ergo o queixo ao sentir o desafio. Cayden abre a porta depois de algum tempo, oferecendo a mão para me ajudar a descer e, então, me conduz pelo braço conforme lança duas moedas para o cocheiro.

— Para beber alguma coisa enquanto espera — diz a ele por cima do ombro, levando-me por uma arcada de pedra com formas azuis entalhadas, que brilham como se uma lanterna estivesse escondida lá dentro.

Sigo perto de Cayden enquanto atravessamos a pequena multidão, mas não apenas para manter as aparências. Nunca gostei de ficar cercada de gente. Ailliard me disse que isso passaria com o tempo, mas jamais aconteceu, e ele nunca perdia a oportunidade de reforçar como isso era uma fraqueza imensa. A vergonha que costumava acompanhar suas palavras passou da sensação de uma faca torcida no peito para o ardor de um tapa na cara.

Apoio a cabeça no braço de Cayden quando a recepcionista desce às pressas da plataforma de mármore branco para nos cumprimentar, oferecendo uma mesura profunda que faz seu vestido ondular como o mar quebrando na praia.

— Majestades, sejam bem-vindos ao Noite Estrelada. É uma honra servi-los esta noite.

Cayden se coloca atrás de mim para tirar meu casaco e remove o próprio manto, que entrega a um criado. Me sinto grata pelo vestido que escolhi esta manhã, adequado para um estabelecimento como este. As mangas ficam mais largas na altura dos cotovelos, e a peça tem um caimento dramático, fazendo com que as pedrarias — em um tom profundo de azul — e os bordados dourados brilhem conforme me movimento. A recepcionista nos leva para uma área atrás de cortinas entreabertas, e uma equipe de serviço marcha pelo salão, fazendo vibrar as solas dos meus sapatos quando uma voz grave nos anuncia.

— O rei Cayden Veles e a rainha Elowen Atarah. Os Conquistadores de Vareveth.

As cadeiras se arrastam no piso e todos os presentes se levantam ao atravessarmos o salão. Não me deixo abalar pelos olhares curiosos. Cada movimento, cada passo e cada respiração estão sob escrutínio, sendo avaliados em busca de fraquezas. Os que ainda

são leais a Eagor estão só esperando nosso fracasso, mas vou lutar com unhas e dentes para triunfar, contrariando todas as probabilidades. Não vou mais ficar à mercê de homem algum, eles é que vão implorar pela minha misericórdia.

Seguro minhas saias para não tropeçar enquanto somos conduzidos a um conjunto de degraus polidos à perfeição que levam a uma única mesa sobre uma plataforma elevada. Várias colunas cobertas de trepadeiras cercam o espaço para criar uma ilusão de privacidade, apesar de estarmos visíveis a todos os presentes. Os candelabros dourados lançam um brilho quente nos espaços entre uma e outra, criando uma atmosfera incrivelmente íntima.

Cayden se adianta ao criado para segurar o espaldar da cadeira e a desliza atrás de mim antes de preencher o silêncio no ar arrastando *lentamente* a cadeira do outro lado da mesa para perto da minha.

— Me diga uma coisa, você é irritante assim com todo mundo ou reserva esse atributo tão charmoso só pra mim? — murmuro, apesar de as conversas já terem sido retomadas nas mesas, onde as pessoas voltaram a comer.

— Não há propósito algum com qualquer outra pessoa. — Ele se recosta na cadeira, apoiando o braço estendido sobre o espaldar da minha. — Não quero ser associado de nenhuma forma a mais ninguém.

— *Vos essa un nunti tasuri.* — "Você é um homem burro."

— *Vet vos essa tesis mas ulessi ardama en Ravaryn.* — Ele abre um sorriso tão largo que suas covinhas se aprofundam no rosto, e eu fico vermelha. "E você é a mulher mais linda de Ravaryn." — Vejo que estudou os textos ravarianos.

Eu os devorei por horas a fio. Cayden deixou livros sobre a língua antiga e o folclore dos dragões, e a cada vez que abria um, eu me via querendo mais. Estão todos em segurança na carruagem, para continuar a leitura quando voltarmos ao castelo.

O ravariano é uma língua esquecida, usada apenas por cultos que a transmitem de boca em boca e alguns poucos eruditos que meticulosamente a registram e arquivam. Magos costumam usá-la para lançar feitiços, mesmo que não pertençam a um culto. Era o idioma usado em Ravaryn séculos atrás, antes de adotarmos a língua comum.

— Você nunca me disse que falava uma segunda língua. — Franzo as sobrancelhas. — Como foi que conseguiu esse livro?

As páginas estão amareladas pela ação do tempo, e há sinais de danos provocados por umidade na tinta borrada. Algumas estão caindo, mas felizmente não há nenhuma faltando.

Ele dá de ombros.

— Tenho muitas habilidades a serem reveladas ainda. Mas sobre como consegui, fui um ladrão antes de ter sido qualquer outra coisa.

— Você é fluente?

— Sim, *sirantia*.

A maneira como ele pronuncia o R me faz querer ouvi-lo dizer essa palavra de novo. Sua voz sai grave e rouca. Sempre adorei a voz dele assim. Faz com que eu me lembre de como Cayden soa pela manhã, mas logo trato de suprimir essa recordação. Deuses, quando alguém vai me trazer uma bebida?

Pigarreio.

— O que isso quer dizer?

— Acho que esqueci. — Ele continua sorrindo para mim. — Me conte o que aprendeu sobre os dragões.

Comprimo os lábios e faço força para não revirar os olhos quando um criado *finalmente* começa a subir os degraus.

— Acho que esqueci.

Guardo o termo no fundo da mente, me preparando para uma noite em claro em busca do significado. Volto o olhar para o homem impecavelmente vestido que se aproxima.

— Boa noite, majestades. Posso trazer suas bebidas?

— Ah, sim. Não existe refeição completa sem vinho. — Apoio o queixo nas mãos. — Pode trazer uma garrafa do mais caro que tiver. Qualquer um que estiver acumulando poeira na adega. O rei e eu ainda não brindamos ao nosso noivado, e me parece a oportunidade perfeita para isso. — Olho para Cayden, mas, se está incomodado com

meu pedido, não deixa isso transparecer. — Que tal, *meu filezinho?*

— Se for para celebrar nosso noivado, traga também seu uísque mais caro. — Os lábios dele se curvam. — Para você, qualquer coisa, *meu docinho*.

Franzo o nariz e emito um som de concordância, sorrindo como se o apelidinho não tivesse acabado com o meu apetite. Mas isso não importa, já que Cayden faz meu pedido após o criado anunciar os especiais da casa, me tirando ainda mais do sério ao escolher as opções que correspondem ao meu gosto. Pego um pãozinho quente na cesta e mergulho no pratinho com azeite e flocos de pimenta-malagueta para evitar ter de falar com ele enquanto o criado se retira. Seu olhar está vidrado na lateral do meu rosto, mas o ignoro, só para irritá-lo.

Não é difícil encontrar algo para observar. O céu noturno é visível através do teto de vidro adornado com velas encantadas, feitas para piscarem como estrelas. Meus dragões voam lá em cima, como se soubessem para onde meu olhar se dirige, e o nó em meu peito se alivia conforme rodopiam sem pressa entre as nuvens. O restaurante inteiro parece parte do castelo de Vareveth, uma vez que nossos criados trabalharam incansavelmente para reformá-lo ao nosso gosto. Olho sobre o ombro e vejo duas cascatas artificiais fluindo por ambos os lados de nossa mesa para um laguinho diante de nós, repleto de peixes prateados.

O criado retorna com os copos e as garrafas, mas Cayden decide abri-las ele mesmo. Me forço a olhar para qualquer coisa menos suas mãos trabalhando, mas ele desliza a taça de cristal diante de mim, atraindo minha atenção para o que estou tentando evitar. Os anéis de ouro em alguns de seus dedos refletem a meia-luz ao nosso redor, e os cortes nas juntas me provocam uma onda de nostalgia.

— Qual é a sua opinião sobre divórcio? — pergunto antes de dar um necessário e generoso gole no vinho.

— Acho que é um acordo mutuamente benéfico entre duas partes que desejam se livrar dos tormentos de uma união em frangalhos. — Ele gira o uísque no copo. — Mas não fico pensando muito em coisas que não têm relevância na minha vida.

Solto uma risada suave, como se Cayden tivesse dito algo divertido, quando o

criado volta com nosso jantar. Dando um gole no vinho, me recosto em seu corpo. As feições dele se amenizam de leve quando Cayden me olha, sabendo que é um gesto falso, mas desejando que fosse real. Isso me faz dar mais um gole, e então outro, até esvaziar a taça e ele me servir outra vez.

Sei que não há como escapar dessa união, e acho que posso me considerar uma pessoa sortuda por isso. A maioria dos casamentos da realeza são decididos quando os herdeiros ainda são crianças e acaba em infelicidade inequívoca, mas uma parte mais mesquinha de mim deseja torcer um pouco mais a faca.

— Com nosso casamento, eu recebo um exército, e você, uma coroa e uma aliança com uma mulher ligada a cinco dragões. É uma união política, então o que acontece quando a guerra acabar e mais nenhum benefício for aplicável? — Cruzo as pernas e inclino a cabeça. — A maioria diria que o divórcio é a consequência mais óbvia.

— A maioria é composta por idiotas, e ignorar esse tipo de opinião só me beneficiou até hoje. — Cayden observa meu rosto como se estivesse tentando adivinhar o que está passando pela minha cabeça. — Você fala como se fosse um noivado por conveniência, mas esse arranjo não teve nada de conveniente. Quantos homens precisam conquistar um reino para ter a mulher que desejam? — Enrijeço os ombros, e ele continua a me avaliar. — Não quero dizer que não vale o preço. Estou disposto a derramar quanto sangue for preciso por você, Elowen.

Respiro fundo e bebo metade da taça, deixando a sensação familiar de leveza se espalhar por meu corpo enquanto o álcool faz efeito.

— Com certeza a coroa torna tudo mais agradável.

Ele passa os dedos por minha nuca, aproximando tanto o rosto do meu que estamos quase nos tocando. Seus olhos têm reflexos dourados, visíveis apesar das pupilas dilatadas.

— Se fosse só um acordo político, eu não saberia de cor cada detalhezinho que adoro em você. Não teria provado seu sabor e percebido que estava faminto por você. Não saberia onde tocá-la, nem como, sequer me importaria com nada disso, mas agora simplesmente não consigo parar.

Ah, deuses.

Não posso fazer isso.

Sem pensar nas consequências nem nas aparências, tento me afastar dele, mas suas mãos me seguram pelos pulsos e me puxam para a frente, até que fico prensada contra seu peito. Os lábios dele roçam minha orelha, fazendo com que eu queira me arquear na direção dele como uma gata deitada ao sol.

— Seja boazinha, meu anjo. Tem gente olhando.

— Você disse que não se importa com o que as pessoas pensam.

— Mas você, sim. — Ele passa as mãos pela lateral do meu corpo, me fazendo estremecer quando acaricia os hematomas doloridos. — E eu queria você pertinho.

Quero rebater com uma resposta afiada, mas as palavras ficam presas na garganta. Eu me volto para a mesa, buscando a taça. Ele sempre encontra um jeito de me fazer esquecer todas as outras coisas que existem no mundo. Cayden inclina meu queixo para ele, e essa é minha perdição. Estou rendida a ele. Tentando me manter à tona em meio a um oceano tempestuoso.

— Se os papéis fossem invertidos, como acha que eu reagiria ao casamento?

Balanço a cabeça em uma negativa, sentindo a dor em meu peito aumentar.

— Não faz isso.

— Responde a pergunta, El — insiste ele, inabalável.

— Você não falou em casamento quando estávamos naquela hospedaria, nem em nenhum outro momento mais adequado — esbravejo. — Não falou do futuro...

— Não falei do futuro porque nunca planejei um que fosse além da vingança, mas não significa que não a quisesse nele.

— Você tocou nesse assunto numa sala de banquete banhada em sangue logo após meu tio me trair, me atacar e tramar com o seu rei pra me mandar de volta para o meu pai.

Ele abre um sorriso ácido quando menciono Eagor.

— Eu não disse que jamais abriria mão de você quando estávamos na hospedaria? Durante meses, não jurei que faria tudo por você e para tê-la ao meu lado? O que acha

que isso significa para alguém como nós?

Mordo a bochecha para não sucumbir às emoções. Ele continua:

— Nada neste mundo vai ser mais valioso pra mim do que você. Fiz o que fiz para garantir sua segurança, e não vou me desculpar por algo de que não me arrependo.

Nem tento mais me controlar, deixo a exaustão me derrubar em seu peito e desfruto do fato de podermos nos esconder do mundo por alguns instantes. Ele continua me acariciando com uma das mãos, e sou capaz de jurar que sinto um leve tremor na outra quando ele a coloca de novo sobre minha cabeça para manter o contato entre nós. A escuridão me conforta, assim como o cheiro amadeirado, que se mistura ao âmbar e ao couro. Sei que ele vai me manter segura; essa nunca foi a questão, mas as pessoas sentem o gostinho do poder e depois o perseguem como um cão de caça farejando a presa. Sempre me mantive aberta ao amor, mas nunca acreditei que fosse algo possível para mim. Era muito mais fácil me doar e não esperar nada em troca.

— Você me conhece, El. Volta pra mim.

Estou bem aqui, é o que quero dizer, mas não é verdade. Estou perdida no labirinto em minha mente, feito por paredes absurdamente altas, erguidas pela dúvida e pelo medo da traição.

— Ah, conheço?

— Melhor que qualquer um.

CAPÍTULO

SEIS

Cayden

Sei que fiz coisas horríveis em minha vida, aceitei trabalhos só para acumular riqueza, lutei sem honra e contei mais mentiras do que sou capaz de me lembrar, mas essa mulher — *essa mulher* — é um tipo de tortura feito sob medida para mim.

— Por quanto tempo vai continuar assim?

Normalmente, gosto do silêncio, e sinto falta dele quando a voz de alguém preenche o espaço, mas a quietude de Elowen está deixando meus nervos em frangalhos, como se eu estivesse andando descalço sobre pregos. Apoio o corpo no batente da porta que leva a nossos aposentos, observando enquanto ela tira as botas e vai até a penteadeira encostada na parede.

Elowen solta um suspiro e um sorriso de contentamento surge em seus lábios. Ela finge estar ocupada com a lenta tarefa de remover cada um dos anéis dos dedos, então passa para os brincos.

— Elowen — chamo.

Sinceramente, duvido que alguém mais em Ravaryn tenha essa audácia, o que ao mesmo tempo me intriga e me irrita. Ela não falou nada durante todo o caminho de volta até o castelo, ignorando todas as minhas tentativas de puxar conversa. Usa bolinhas de algodão para remover a maquiagem e prende os cachos no alto da cabeça antes de ir até o sofá cheio de almofadas decorativas que a aia deve ter retirado da cama

quando a arrumou para nos deitarmos.

— Estou pensando em cortar o cabelo bem curto, talvez até raspar — falo.

Ela me lança um olhar gélido por cima do ombro e sacode negativamente a cabeça.

— Ah, então você *está* me ouvindo.

Elowen pressiona os lábios, sem dúvida engolindo algum comentário sarcástico sobre a infelicidade que isso representa e pega a montanha de almofadas nos braços e a joga na cama, arranjando-as em uma fileira no meio do colchão. Eu a deixo nessa... tarefa... e me sirvo mais uma dose de uísque. Talvez seja melhor beber direto do gargalo. Os deuses são testemunha do quanto estou precisando disso.

Ela está arrumando as almofadas com o vigor de quem constrói defesas contra um inimigo e, só para irritá-la, pego uma e a levanto bem alto.

— É mesmo um plano infalível, querida. — Ela me encara, um cacho teimoso caindo sobre o olho, e arranca a almofada de mim, jogando-a de novo onde estava. — A ideia não era parecer um casal normal que dorme na mesma cama? Por acaso costuma se sufocar com plumas enquanto dorme?

— A morte parece um destino caridoso em comparação com...

Ela bate a mão na boca e pega um livro na mesa de cabeceira, praticamente correndo para o banheiro.

— Mas que inferno — murmuro, apertando o nariz entre os dedos e a seguindo como um maldito cachorrinho *de novo*.

Mordo a língua com tanta força que sinto o gosto metálico de sangue. Enquanto isso, Elowen me ignora e passeia pelo cômodo, acendendo velas e acrescentando alguns óleos à água da enorme banheira. Ela sorri quando vê meu estado e coloca o livro sobre a mesinha ao lado da banheira.

Passo a mão pelo rosto quando ela tira o vestido pelos ombros e o desliza para os quadris, até não estar usando nada além do colar de pedra da lua que nunca sai de seu pescoço. Isso não provoca a reação que ela desejava. Minha irritação com essa atitude não é nada em comparação com a fúria ardente que pulsa como um segundo coração em meu peito. Se ela pensou que eu me deixaria cegar pela luxúria ao vê-la assim, então

deveria ter levado em conta a seriedade dos ferimentos que estou vendo agora. Hematomas escuros mancham ambos os lados de seu tronco e suas pernas. Não consigo me concentrar em nada além disso. Saber que Ailliard a espancou e enfiou as unhas no corte em sua perna enquanto eu estava na sala ao lado é de revirar o estômago. Quando Elowen apareceu mancando na sala de banquete, com sangue escorrendo pela perna, eu estava disposto a torturar cada um dos desgraçados que contribuíram para sua dor seja lá como e incendiar o castelo.

— Eu sinto muito.

Os lábios dela se entreabrem e seus olhos se arregalam quando dá um passo para trás antes de sacudir a cabeça e mergulhar na água cheia de bolhas.

— Como está se sentido, querida?

Tento disfarçar a raiva no rosto, mas ela já notou. E me conhece há tempo suficiente para saber que esse sentimento constante que arde dentro de mim nunca vai atingi-la. Prefiro cair sobre minha própria espada a levantar a mão para ela ou fazê-la se sentir insegura comigo. O pai a torturou e aprisionou, o tio a espancou e traiu, a mãe viu tudo em silêncio enquanto ela era maltratada, e eu a enganei.

Sei que mereço seu silêncio, e talvez coisa pior. Elowen pode ficar chateada comigo o quanto quiser, mas não vou ser mais um na lista de pessoas a abandoná-la. Nada do que fizer se compara ao inferno que minha vida se tornaria se Imirath pusesse as mãos nela.

Elowen pega o livro sobre folclore draconiano e o abre, apoiando-o na lateral da banheira, mas seus olhos não se movem sobre as palavras. Viro o restante do meu uísque e me afasto.

Repouso o olhar sobre a escrivaninha do lado oposto à de Elowen, em uma alcova escavada na pedra. Eu a trouxe de meu antigo quarto, atualmente uma biblioteca anexa à sala de estar de nossos aposentos. Poderíamos ter nos instalado nos aposentos reais, mas as acomodações do rei e da rainha são separadas, e não gostamos da ideia de ocupar os quartos que foram de Eagor e Valia. Passo pelas cortinas escuras penduradas em ganchos em formato de dragão e destranco a primeira gaveta. Não há muita coisa ali a

não ser alguns relatórios, meus óculos de leitura e o saquinho de veludo, que apanho.

Eu me aproximo das janelas que vão do chão ao teto na alcova arredondada, erguendo o anel para o luar que entra pela vidraça congelada. Sinto um aperto no peito quando vejo a joia, mas está escondida há tempo demais. Deixo de lado o desconforto e volto para a sala de banho, para Elowen. Ela espia por cima do livro quando reapareço e arqueia as sobrancelhas quando me coloco de joelhos ao seu lado. Eu a seguro delicadamente pelo pulso e ponho o anel em seu dedo indicador — um aro de ouro cravejado com uma reluzente safira estrelada circundada por diamantes.

Ela pisca algumas vezes, lentamente, observando o dedo, antes de se recuperar da surpresa e percorrer o contorno da peça com os olhos. Eu não planejava entregar o anel ainda, mas seria dela de qualquer forma. Uma mistura de orgulho e possessividade toma conta de mim, e a ironia de a joia ter as cores de nossa casa também não passa despercebida.

— Mantenha isso em segurança pra mim.

Não dou nenhuma informação, e ela continua a olhar para o dedo. Eu a deixo sozinha com suas teorias. As mulheres não usam anéis para mostrar que são comprometidas — se fosse esse o caso, eu o colocaria na outra mão, no dedo anelar —, mas parece certo ver a joia adorná-la.

De volta à minha escrivaninha, pego a pilha de relatórios selados da gaveta e apoio os óculos sobre o nariz. Os dragões revoam ao redor das torres, e os observo com o canto do olho enquanto as asas cortam as nuvens. Calithea parece nascida da própria noite, com escamas prateadas que são como uma estrela brilhante.

O front de Imirath anda tranquilo, mas sei que essa calmaria não significa paz. Garrick jamais vai se render, nem eu. Ele é orgulhoso demais e, se a essa altura já entendeu quem sou, sabe que não vou deixá-lo sair vivo dessa.

Não existe uma forma de a guerra terminar com nós dois vivos.

Saio da alcova e jogo a pilha de relatórios no fogo da lareira que fica diante de nossa cama de dossel. Não há nada de importante nessas palavras, então não faz sentido guardá-las. Apoio as mãos no aparador e abaixo a cabeça enquanto escuto a lenha

crepitar e Elowen se vestir.

Ela volta para o quarto, mas para na porta. Sinto seus olhos queimando minhas costas como ferro quente, e devagar me viro para observá-la. Suas bochechas estão molhadas e coradas do banho, e os cachos, soltos até a cintura. Uma camisola verde-sálvia com bordados dourados chega até o alto de suas coxas, e um robe de renda branca cobre as costas e os braços.

Engulo em seco e desvio o olhar para a parede quando ela sobe na cama, ainda segurando o livro com força. Cravo as unhas na madeira antes de me afastar do aparador e pegar alguns suprimentos médicos em uma caixa ornamentada sobre uma mesinha. Elowen abraça o livro contra o peito como um escudo conforme me aproximo e me sento ao seu lado.

— Não posso ficar de braços cruzados enquanto a vejo sofrer — falo.

— Por quê? — A palavra sai sussurrada e com o peso da exaustão, mas há algo mais sob a superfície. Um toque de desespero, como se precisasse ouvir a resposta para sanar as dúvidas provocadas por meus atos.

Passo a língua pelos dentes enquanto penso em como articular os pensamentos.

— Desde o momento em que nos conhecemos, sinto uma necessidade incessante de garantir seu bem-estar, e sou ciumento demais pra deixar outra pessoa cuidar de você.

Ela ri baixinho e se apoia nos travesseiros às suas costas, dobrando os joelhos para me permitir trabalhar.

— Puta que pariu — murmuro, respirando fundo, mas isso não ajuda, considerando que tudo o que inalo é seu perfume inebriante de lavanda e baunilha.

Ela ri de novo, porque sabe a tentação que representa para mim. Desenrolo as bandagens aquecidas que já usei nela antes, passando os olhos por seu corpo. Um pedacinho de renda cobre o espaço entre suas coxas, e eu poderia puxá-lo sem dificuldade. Os mamilos pressionam a seda que cobre seu peito, que sobe e desce em movimentos irregulares.

Ela solta um gemido de alívio quando chego na metade de sua coxa, e paro o que estou fazendo por um instante.

— Você acorda todos os dias pensando em novas formas de me torturar?

— Sim.

Essa voz.

Esse riso.

É como ouvir uma balada depois de sair de um campo de batalha.

Ela se senta quando termino, mas não sinto nenhum alívio com a nova posição, considerando que só traz seu rosto mais para perto do meu. Ela estremece sob meu toque quando enfio as mãos sob sua camisola, passando os dedos de leve em seu tronco. Seus olhos não abandonam os meus, e ela não recua, não desvia o olhar como fez no banho. Ponho a mão em suas costas, diminuindo a distância entre nós como o egoísta que sou, inclinando a cabeça para baixo enquanto começo a enrolar as bandagens nela. Ela inspira profundamente, as mãos se projetando para a frente, cravando as unhas em meus ombros.

— Se pudesse, eu o traria de volta do mundo dos mortos só para matá-lo de novo. Sabe disso, né? — murmuro contra sua cabeça. Ela assente, colada ao meu pescoço. — Respira fundo. Quando estiver enfaixada, vai se sentir melhor, mas esses ferimentos vão demorar para cicatrizar se eu não fizer isso.

A respiração de Elowen continua a acariciar minha pele enquanto prossigo lentamente com os movimentos, por mais difícil que seja estar perto dela sabendo que essa proximidade vai acabar em questão de segundos.

— Que outras palavras você aprendeu estudando ravariano? — mudo de assunto.

— Eu me concentrei nas palavras mais básicas e em alguns comandos para os dragões, além de frases para insultar você do jeito certo. — Ela relaxa contra mim, e sorrio. — Vou continuar depois que você terminar. Fiz uma pausa para ler sobre as origens dos dragões. Quero saber se existe um motivo para o vínculo que tenho com eles.

— O que você descobriu?

— Asena, a suma sacerdotisa, me disse que sou abençoada pela Deusa das Chamas. Durante a cerimônia dos dragões, ela falou que minha alma foi forjada no fogo dos

deuses. — Ela se inclina para trás para me olhar enquanto explica. — Os dragões vieram para este mundo séculos atrás, durante a Era dos Dragões. Eles nasceram originalmente nas estrelas, mas a deusa sentiu que havia algo à espreita no núcleo da Terra. Todos os dias, por cinco anos, espalmava as mãos no chão e deixava sua magia fluir. Era atormentada por tantos sonhos que acharam que ela estava louca, mas os dragões começaram a escalar para sair. Dizem que existiam tantos que era impossível sair sem ver um no céu.

Franzo as sobrancelhas.

— E o livro diz o que aconteceu com eles?

— Não explica o motivo da queda deles, mas gostaria de perguntar a Asena quando tiver a oportunidade. — Seus olhos ganham vida de um jeito que eu não via desde a noite em que Ailliard morreu. — Se ela estiver certa, a explicação mais sensata para o meu vínculo é que os dragões sentiram o fogo dentro de mim quando os ovos foram colocados no meu berço. Minha alma os invocou quando vim ao mundo.

— E você acredita nisso?

Não quero destruir a esperança dela, mas Asena não é uma fonte das mais confiáveis. A fé cega é a ausência da lógica. Pode funcionar para algumas pessoas, mas não para mim.

Os olhos de Elowen se voltam para a janela, acompanhando os movimentos dos dragões.

— Nunca cultuei os deuses, mas não me oponho a ouvir todas as teorias enquanto faço minha pesquisa para ampliar as perspectivas. Para aqueles que leem com atenção, sempre existe alguma verdade a ser revelada nas lendas. — Então ela muda de assunto sem me dar a chance de comentar, perguntando: — Vai me contar sobre o anel?

— Algum dia.

Essas palavras amargam minha boca. Não é a resposta que Elowen quer, mas é a de que precisa. Isso vai afastá-la de mim, mas ela não está preparada para ouvir sobre minhas origens. Gostaria de ser egoísta a ponto de contar, de agir com ela como faço com todo mundo, mas não posso. Mesmo com raiva, seu coração continua frágil, e

quero conquistá-lo de volta com meus atos, não com uma história sobre meu passado.

Ela bufa e deita a cabeça nos travesseiros, abrindo o livro para esconder seu olhar do meu.

— Não precisa manter essa fachada de mistério. Você é bem bonito, tenho certeza de que isso será o suficiente para me manter interessada ao longo dos anos.

A lembrança de sua pele faz minha carne arder, e abro e fecho as mãos para distraí-las do vazio.

— Está me dizendo que sou bonito e que casaria comigo se eu fizesse o pedido como se deve?

Ela baixa o livro para o peito.

— Eu não disse *isso*.

Coloco um dedo sobre seus lábios.

— Não precisa nem dizer, *sirantia*.

CAPÍTULO

SETE

Elowen

Meu coração dispara quando Venatrix dá um rasante sobre o mar. Respingos de água molham meu rosto, e a temperatura gélida rouba o fôlego dos meus pulmões. Solto as mãos da sela e abro os braços, sentindo o vento passar por entre meus dedos enluvados.

Às vezes minha mente faz parecer que estou à beira de um precipício insondável, e em outras ocasiões parece que estou no fundo do abismo, perscrutando a escuridão sem encontrar uma maneira de escalar até o topo. Uma semana tinha se passado em um piscar de olhos, e me dei conta de que a maioria dos meus problemas desaparecem sob o som das asas dos dragões batendo ao meu redor, por isso passei a ficar mais tempo no ar que no chão.

— *Andula*, Venatrix — comando, usando a palavra ravariana para "mais rápido".

Quando não estou voando, continuo a estudar o idioma. Cayden anda ocupado com suas reuniões de guerra, mas concordamos que treinar com os dragões o máximo possível vai ser mais benéfico para mim e para o exército do que me debruçar sobre mapas ou discutir estratégias.

Sorin dispara, tentando ultrapassar Venatrix, mas ordeno que volte para a fila. Um rosnado de desagrado ressoa em sua garganta quando obedece, e olho para trás.

— Eu montei em você ontem, seu menino mimado.

Alterno entre a língua comum e o ravariano o tempo todo e, apesar de parecerem entender ambas, prefiro o som do idioma antigo. Sorin é o mais veloz, e faz questão de mostrar isso para os demais, principalmente para Venatrix, cujo rosnado vibra sob minhas pernas. Eu me agarro em suas escamas quando Sorin a atinge por trás.

— *Lotas*. — "Obedeça".

Sorin rosna de novo, mas não me desafia, e faço questão de sorrir apenas quando sei que ele não está mais me vendo. Acho que não conseguiria discipliná-lo se me visse achando graça de suas palhaçadas. Eu até brincaria com ele se não estivéssemos prestes a começar uma sessão de treinamento, mas logo as rochas escarpadas aparecem em nosso campo de vista. A névoa recobre as pedras escuras como um cobertor sinistro, enquanto as ondas quebram contra aqueles imponentes pilares.

Preciso garantir que estejam prontos para a batalha quando chegar a hora. A vida do meu pai não vale a de um dragão, não importa o que ele tenha feito comigo. Não vou sacrificar o amor e a lealdade deles em nome de uma vingança. O frio gelou as alças de aço das selas, mas as aperto com mais força mesmo assim. Cada dragão usa uma sela preta com cintos que se prendem à minha cintura, o que me impede de cair quando giram e se contorcem. Um dragão e quem o monta precisam ser um só, e não quero restringir os movimentos deles. A atenção dos dragões fica dividida quando monto sem sela, e não conseguiria conviver comigo mesma se eles se ferissem por imprudência minha.

Passo a mão nas escamas vermelhas de Venatrix, que emite um murmúrio suave. Algo nesse pequeno e reconfortante gesto me faz querer deitar em suas costas e esquecer que o mundo existe, mas cerro os dentes, sabendo que isso não é uma opção. As pessoas muitas vezes julgam as coisas que não podem controlar, e usam essa animosidade como uma armadura para se defender do desconhecido. Ailliard acreditava que meus dragões eram feras amaldiçoadas, mas foi a traição que selou o destino dele, não o fogo que derreteu sua carne até se soltar dos ossos. O simples fato de alguém acreditar que algo é monstruoso não torna isso uma verdade.

Nasci em um mundo que não aceita meu poder, mas vou criar um lugar aqui para

mim e meus dragões, nem que seja à base de lâminas e chamas.

O vento castiga meu rosto como milhares de agulhas minúsculas quando passamos para a sombra do primeiro penhasco. As ruínas do que antes era um templo dedicado ao Deus da Morte, da Água e da Lua se ergue como um labirinto de obsidiana. Uma sensação incômoda paira no ar, mas seguimos nosso curso. Eu me inclino para mais perto de Venatrix quando ela se esgueira para entrar no labirinto por uma pequena brecha.

Não existe nada como voar.

Ela dá um mergulho abrupto por uma passagem estreita criada por dois pilares que tombaram e colidiram — o musgo marinho crescendo no alto da pedra me leva a crer que estão assim há séculos. Venatrix contorna uma coluna com um gesto gracioso e se endireita logo acima da superfície. Ondas inquietas quebram contra os paredões erodidos pelo mar, retumbando como trovões. Rochas afiadas despontam da espuma branca enquanto ela manobra em zigue-zague entre as pedras.

Minha cabeça é empurrada para trás quando Venatrix dá uma guinada para cima, recolhendo as garras para junto do corpo para não atingir as ruínas. Colo o peito à sela, me mantendo o mais perto possível dela. Suas asas se estendem de ambos os lados, nos fazendo decolar acima de uma pedra inclinada horizontalmente sobre uma pilha de rochas tombadas.

Venatrix é determinada em tudo o que faz, e me pergunto se isso tem algo a ver com suas origens. O vermelho-escuro de suas escamas indica que é uma fúria-sanguínea. Esses dragões nasciam em vulcões, onde as mães punham os ovos em poças de sangue fervente. Pouco importava se era sangue humano ou animal. Ao que parece, era o processo de incubação que conferia essa cor vermelha, e a sede de sangue deles era mais forte que nos demais. A mãe entrava em um frenesi assassino antes de botar os ovos, para que os filhotes chegassem ao mundo com um banquete à disposição.

Fico sem fôlego ao ver a faixa de luz que leva a um longo fosso, com largura suficiente apenas para ela entrar se esgueirando, desde que consiga pegar impulso antes. As costas de um dragão são largas demais para eu conseguir sentar com as pernas ao

redor de seus flancos — preciso ajoelhar até sobre Calithea —, então solto o cinto da sela e me deito de bruços. O coração dela bate forte sob meu rosto, e uso esse som para me ancorar quando ela entra. A escuridão me envolve. A pedra está tão próxima de nós que consigo sentir a umidade na pele. Se me mover um centímetro, acabarei com a bochecha rasgada. Venatrix se mantém planando, e meu coração bate no mesmo ritmo que o dela.

Pela primeira vez na vida, não fico com medo do confinamento, embora ache que o crédito se deva à dragoa embaixo de mim. O mar desaparece, e por um momento só o que existe no mundo são sombras e fogo.

A luz solar faz meus olhos arderem quando saímos do outro lado, e minhas tranças se sacodem atrás de mim quando me sento, deixando as ruínas do templo para trás. Sorin e Calithea seguem no rastro de Venatrix, mas Basilius e Delmira passam por cima do último pilar. Basilius jamais caberia naquela passagem, e duvido que Delmira conseguisse. Meu peito se enche de orgulho ao ver as escamas brilhando ao sol enquanto dão cambalhotas e brincam uns com os outros.

Às vezes me emociono só de olhar para os dragões, e a magnitude do que sinto toma conta de mim. Não importa a dor que o vínculo me causou, jamais teria aberto mão disso. Considero uma atitude corajosa abrir o coração, mesmo sabendo que o amor pode se transformar em perda em um piscar de olhos. Eu me consideraria uma covarde se não valorizasse meus dragões como merecem.

A menorzinha é Calithea, mas isso não significa que seja pequena. É catalogada como uma devoradora-de-estrelas, e suas asas com pontas brancas que me fazem pensar em flocos de neve descendem dos dragões primordiais. Seu ovo precisaria ser mantido na borda de uma fonte termal em uma montanha, onde brilharia ao eclodir. Pelo que se dizia, os filhotes de devoradores-de-estrelas pareciam estrelas cadentes em suas explosões de energia. Só aprendiam a controlar o brilho depois dos três primeiros meses de vida, e eram mantidos na caverna até serem capazes de se proteger dos predadores. Os dragões nunca saíam de perto de mim quando eu era bebê, então ela ficou em segurança nos meus aposentos.

A segunda menor é Venatrix, e então Sorin — a ameaça verde-esmeralda com marcas pretas nas asas e nos chifres. Ele sempre foi o mais impulsivo. Ainda filhote, arrancou o dedo mindinho de Garrick com uma dentada por ter levantado a mão para mim. Ele é sem dúvida um garra-da-morte. As fêmeas da espécie voavam para a parte mais densa da floresta de Urasos, ou ainda mais para o norte, nos territórios sagrados, para botar os ovos ao pé de uma árvore ancestral. Eliminavam qualquer um que entrasse na mata para roubar seus filhotes, despejando o sangue do inimigo nas raízes que protegiam os ovos como se fossem garras autênticas.

Depois vem Delmira. Sua coloração azul-clara com marcas amarelas é a de uma cruzadora-dos-céus. Delmira é agradável como um dia de verão, mas também pode se tornar tempestuosa. Não só tem a capacidade de deixar as escamas pretas para se camuflar no céu noturno como consegue se camuflar durante o dia. Para proteger os ovos, uma cruzadora-dos-céus voava por meses, mantendo os filhotes aquecidos com suas chamas enquanto esperava que eclodissem.

Basilius é o maior e o mais tímido. Foi dificílimo encontrar informações a seu respeito, mas aparentemente existe um conjunto de montanhas no deserto de Galakin chamado Círculo de Fogo, e ele deve ser de lá. Os gases tóxicos que se elevam no ar deixam o céu dali roxo. Ele é considerado um espectro-do-trovão. Esses são os dragões com o rugido mais grave, muitas vezes comparados a trovoadas, e os adultos rugiam tão alto para os filhotes eclodirem que o chão tremia como em uma erupção vulcânica.

Venatrix se vira na direção do castelo, e fecho os olhos de novo. Aqui com eles é o único lugar em que me sinto leve e livre. É como se minha exaustão aparecesse junto com o sol e ficasse acorrentada em mim o dia todo. Estou ansiosa demais para conseguir dormir, e toda vez que fecho os olhos vejo o rosto de Ailliard pouco antes de eu queimá-lo. Ouço o som nauseante da faca que atirei entrando em sua carne, e as palavras que ele me deixou como um fardo a ser carregado por anos.

Sua voz não morreu com ele; continua a me machucar todos os dias.

As coisas que disse sobre mim.

As coisas que disse sobre Cayden.

Passei anos tentando agradar Ailliard e todos ao meu redor, a ponto de às vezes não saber quem eu era, apenas quem achava que deveria ser. Meu tio sabia como entrar na minha cabeça e me manipular melhor do que ninguém. Sabia onde atacar para machucar, e agora tenho que conviver com essas feridas.

Sorin solta um rugido, e abro os olhos para vê-lo. Ele está voando perto o bastante para me cutucar no ombro com o focinho, e dou risada ao ver a malícia brincalhona em seu olhar esmeraldino.

— Oi, meu bem — digo, e ele faz um giro rápido, se endireita e se aproxima de novo logo em seguida. — Ah, você quer brincar.

Sorin solta um grito em resposta.

Removo o cinto grosso da cintura e o casaco de inverno, que prendo na sela de Venatrix para que não se torne uma vítima do desejo de Sorin pelo caos. Eu deveria ter me agasalhado melhor, mas saí do castelo às pressas, pois senti que Delmira estava tendo um pesadelo. Mangas translúcidas cor de lavanda com pedrarias em azul-escuro descem por meus braços, agitadas pelo vento, mas pelo menos minha calça de escamas de dragão tem forro de flanela, e minhas costelas estão quase boas, então o corpete não está mais me causando desconforto. Apoio as mãos sob o corpo e me levanto devagarinho enquanto Venatrix bate as asas em um ritmo estável. Sorin mantém os olhos cravados em mim quando abro os braços e acalmo a mente de novo. A adrenalina chega como uma tempestade, e dou uma piscadinha para ele antes de saltar de cima de Venatrix.

Uma série de emoções diferentes chega até mim através do vínculo. O medo de Calithea e Basilius, a raiva de Venatrix e Delmira por minha imprudência, mas Sorin é pura alegria. Um grito se liberta da minha garganta quando desabo em queda livre para o mar enquanto Sorin dá seu mergulho. Solto uma gargalhada conforme caio, sabendo que ele não vai deixar eu me estatelar lá embaixo. O vento uiva em meus ouvidos como uma *banshee*, e o sangue pulsa forte por meu corpo. Todo dia com meus dragões é um privilégio, e não pretendo desperdiçar nem um segundo. Consigo me posicionar melhor, e ergo o queixo quando ele diminui a distância entre nós e bate com o focinho

na sola da minha bota, me fazendo rir de novo.

Sorin bate as asas e alinha o corpo poderoso ao meu até nossos olhos ficarem nivelados, e mergulharmos juntos em direção ao mar. Sorin solta um ruído grave de contentamento. Os outros dragões estão em nosso encalço, mas longe demais para nos alcançarem. Estendo a mão para acariciar seu focinho, e ele se inclina em direção ao meu toque. O mar fica mais ruidoso, mas não me mexo, e Sorin fica mais que satisfeito. Isso não é só um momento de imprudência — é uma demonstração de confiança.

Venatrix solta um rugido, o que faz Sorin bufar, e ele se vira para me deixar no mesmo nível de seu dorso. Eu me seguro nas alças da sela, e aos poucos ele nos endireita no ar até meu peito se colar nas costas dele. O mar está tão próximo que o obriga a dar uma guinada para a direita para evitar que uma onda quebre sobre nós.

Sorin diminui a velocidade quando sobrevoamos a floresta, deixando os outros dragões o alcançarem enquanto se gaba. Fico com a sensação de que Delmira e Venatrix o atacariam a chifradas se eu não estivesse na sela, considerando o jeito como estreitam os olhos. Recupero o fôlego, e só percebo que minhas bochechas estão doendo de tanto sorrir quando relaxo, deixando Sorin me levar até Verendus depois de apanhar meu casaco na sela de Venatrix.

Uma comitiva com o estandarte da minha casa está saindo do castelo, e me levanto na sela em alerta. Há soldados demais para ser apenas uma patrulha de rotina. Ainda é cedo, e não fui informada de que alguém viajaria para o norte. Finnian é fácil de localizar, com seus cabelos ruivos em contraste com a floresta congelada, e não é difícil ver onde estão Cayden e Ryder depois disso. Sorin segue no encalço deles, envolvendo-os com a sombra de sua asa.

A mesma névoa que cobria as pedras se agarra pesadamente às copas das árvores, tornando a luz das tochas fácil de identificar em meio ao cinza. O batalhão para ao lado de um lago azul cristalino, e Sorin começa a sobrevoá-lo enquanto desce. Venatrix vem atrás, e os outros três permanecem no ar, mas sem nunca nos perder de vista.

O gelo ao redor da margem se parte quando Sorin aterrissa e abaixa o ombro para que eu possa descer... mas a testa franzida de Finnian ao me ver me faz interromper o

movimento. Venatrix deve sentir minha tensão, porque aproxima a cabeça de mim por cima do meu ombro e rosna para os quatro soldados aestilianos ajoelhados na lama.

CAPÍTULO
OITO

Elowen

A neve estala sob meus pés quando desço da sela, mas não me afasto muito de Sorin e Venatrix enquanto encaro os quatro rostos familiares do outro lado da margem. As asas dos dragões se estendem atrás de mim, e as garras dianteiras se cravam no chão quando um rugido grave reverbera. Jarek estremece e leva as mãos amarradas para onde devia estar sua lâmina antes de ser confiscada pelos soldados de Vareveth.

Estalo a língua quando o rosnado de Venatrix se torna mais intenso.

— Não faça nenhum movimento brusco. Vai assustar os dragões, e eles são muito protetores comigo. Se quiserem matá-lo, não terei como evitar.

Cayden vem na minha direção, colocando-se entre mim, meus antigos guardas e Jarek. Ele não precisa me dizer que há um problema, pois isso é óbvio. As patrulhas da fronteira receberam ordens para garantir a passagem de qualquer cidadão de Aestilian ao reino e escoltá-lo até o castelo. Passo o polegar sobre o anel que ele me deu, apesar de estar coberto pela luva. Percebi a importância que a peça tem pela quantidade de vezes que já peguei Cayden olhando para ela, mas me forço para não fazer mais perguntas sobre sua origem, pois sei que vai se recusar a responder. Não quero lhe dar a satisfação de saber o quanto penso nisso.

— Por que estão aqui?

Esme, Nessa e Zander eram três dos quatro guardas que fugiram para Imirath com

Ailliard e comigo. O único que falta é Lycus. Estavam se deslocando em grupo, e sei que vou descobrir em breve que ele está em algum lugar no reino. Todos carregam as marcas de um confronto físico, ostentando lábios feridos e cortes que vertem sangue nos trajes.

— Os soldados da patrulha encontraram documentos de absolvição com todos, menos com Jarek. Nesses documentos, Ailliard afirma que os chantageou para que deixassem Imirath e implora a Garrick que tenha misericórdia e dê a eles postos de infantaria para provar sua lealdade — responde Cayden sem emoção, e é bem o que preciso no momento.

Isso não é nada em comparação com a traição de Ailliard, e se Cayden olhasse para mim com pena, minha raiva só aumentaria.

Uma princesa descartada, a voz de Ailliard soa em minha mente antes que eu possa calá-la. Mas preciso ser mais do que um título. Preciso ser mais que os outros governantes de Ravaryn. O peso da coroa esmaga a maioria, mas é justamente o que os faz tropeçar que vai me fazer levantar voo.

— Podemos levá-los para interrogatório no castelo, se preferir — oferece Cayden, me entregando a pilha de indutos. — Fui notificado das movimentações deles pouco depois de você sair para o treinamento de voo, e avisei aos guardas da masmorra que os mantivessem separados, mas a decisão final é sua.

Comprimo os lábios, contemplando a proposta.

— Precisaríamos levá-los pelas ruas de Verendus, alertando a todos sobre a traição dentro do meu reino. Eu me recuso a deixar que esses traidores covardes me façam parecer fraca. Por que não viajaram pelo mar, evitando nossas terras?

— As tempestades esmeralda estão se deslocando pelo mar Dolente. Devem ter achado que tinham mais chance encarando um inimigo mortal do que o mau tempo no mar.

Um alerta de tempestade esmeralda não é algo a ser menosprezado, nem fácil de prever. Essas tempestades são chamadas assim porque dizem que, quando o mar fica verde, é porque a morte está por perto. Você pode estar pescando em águas calmíssimas e, de uma hora para outra, ser esmagado por uma onda do tamanho de uma montanha.

Eu também me arriscaria viajando a pé, mas não seria estúpida a ponto de ser pega. Mesmo que chegassem a Imirath, eles teriam sido jogados na masmorra e torturados, isso se não fossem mortos de imediato. Raptar uma princesa de um castelo não é um crime perdoável ou que pode ser esquecido com o tempo. Garrick teria dado uma punição exemplar aos quatro assim que colocasse as mãos neles. Uma parte de mim deseja deixá-los cruzar a fronteira para provar meu ponto, mas não estou com paciência no momento.

Rasgo os documentos de absolvição e jogo os pedaços na lama.

— E Jarek, está aqui por quê?

— Se recusou a falar com os soldados, mas não é nada que eu não saiba resolver, se você quiser.

Abro um sorrisinho para ele.

— Tenho certeza de que dou conta.

— Espero que sim.

Cayden apoia a mão no cabo da espada e se vira para me levar para mais perto dos prisioneiros. Sorin e Venatrix fazem o chão tremer quando vêm atrás de nós, e os outros três nos sobrevoam em círculos como se estivessem à procura de uma presa. Os cativos pelo menos têm o bom senso de estremecerem, então ao que parece não são idiotas.

— Eles são lindos, não? — comento, fazendo um gesto para os dragões às minhas costas.

— S-sim, minha rainha — balbucia Jarek.

— Sabia que os dragões também são extremamente inteligentes? Muito mais que a maioria das pessoas, apesar de isso não dizer muito. — Agarro o queixo de Jarek e levanto sua cabeça. — Onde está Lycus? Diga agora e concedo a ele a graça de uma morte rápida. Se não falar, vou fazer com que ele implore por isso quando encontrá-lo.

— Ele não está aqui — afirma Jarek. — Ele não a traiu, nem eu.

— Quieto — esbraveja Zander, mas Jarek continua falando mesmo assim.

— Ele se recusou a aceitar a absolvição, e ao que parece disse para Ailliard queimar os papéis anos atrás e nunca mais tocar no assunto. Os documentos ficavam guardados

debaixo de uma tábua solta no piso do quarto do seu tio na sua casa. Lycus sacou a espada contra nós quando saímos de Aestilian, mas foi ferido. Não sei como ele está.

Cerro os punhos, sentindo a amargura e o medo pelo bem-estar de Lycus borbulhando dentro de mim. Só posso torcer para que tenha encontrado Nyrinn. Ela nunca precisou de magia para fazer milagres com uma agulha e algumas ervas.

— E imagino que o fato de você estar viajando com traidores seja mera coincidência, certo?

Solto-o com um gesto bruto, deixando sua cabeça pender de vergonha enquanto observo os outros três. Fico imaginando quantas vezes não conversaram sobre voltar para Imirath sentados à mesa com a comida que coloquei em seus pratos.

— Em tempos de guerra, as lealdades mudam — começa Nessa. — Quando ouvimos falar de seu noivado, sabíamos que ia voltar a Aestilian para buscar soldados para lutar por sua casa, mas jamais poderíamos nos voltar contra o rei Garrick.

— Então tentaram se esgueirar pelo reino como ratos para voltar para um rei que não os quer — rosna Finnian, surgindo ao meu lado com uma das mãos no cabo da espada, o rosto se contorcendo de nojo.

— Você matou Ailliard! — grita Zander, a voz trêmula pelo amigo derrotado.

— Logo vão entender que é assim que resolvo muitos dos meus problemas.

Ele cospe, mas a saliva não atinge minha bota. Cayden é o primeiro a sacar a espada, seguido pelos soldados ao meu redor.

— Ele era seu parente. Sangue do seu sangue. E você o matou!

— Fiz o que era necessário. — Ponho a mão sobre a de Cayden para impedi-lo de acabar com o interrogatório, e ele põe a lâmina na frente do meu corpo como uma barreira de aço. — E não precisa ficar se repetindo. Acho que todo mundo ouviu você quando falou pela primeira vez.

Então me viro para Nessa e Esme. Apenas algumas semanas atrás, conversei com Nessa sobre Aestilian e a filha dela e de Esme durante o chá.

— Vocês abandonaram Moriko?

Nessa respira fundo.

— Ela morreu de febre. Nyrinn não conseguiu salvá-la.

— Meus pêsames.

Sinto um aperto doloroso no peito. Moriko era inocente. Sua vida estava só começando e lhe foi tirada cedo demais, injustamente.

Cayden assume o interrogatório no meu lugar e se dirige a Jarek.

— Você não explicou por que está aqui.

— Ailliard confiou a mim a segurança da rainha Elowen em diversas ocasiões, e afirmou sem rodeios sua desaprovação a essa união — afirma Jarek, com mais confiança do que deveria.

Um instante de silêncio confuso se passa antes que Cayden volte a se manifestar.

— E daí?

— Uma rainha merece coisa melhor que um demônio — retruca ele.

Esme dá uma risadinha.

— Nós o trouxemos porque é um bom soldado, mas nunca acreditamos que o pedido dele seria atendido. Ailliard prometeu a mão de Elowen a Jarek se ela não encontrasse um bom partido depois de vir para a corte.

— Esme! — esbraveja Jarek.

— Ele queria provar seu valor na guerra e vincular a sobrevivência dela ao casamento. Garrick não tem outro herdeiro, e Jarek aceitaria os termos do rei, mesmo que isso significasse manter Elowen presa em seus aposentos. Não parou de falar nisso o caminho todo. Se não fosse a tempestade, iríamos de barco, e a essa altura eu já o teria lançado ao mar.

— Vadia — rosna Jarek.

— Nós já estamos mortos — responde ela, calmamente. — Podemos estar em diferentes lados da guerra, mas ela ainda é Elowen. Vou dar todas as respostas que puder.

Ela ainda é Elowen.

Uma frase que deveria me trazer conforto só serve para revirar meu estômago. Passei anos ao lado dessas pessoas, sangrei e lutei por elas, as alimentei, e nem isso foi

suficiente.

Fico imaginando como deve ser a sensação de bastar por si mesma. Às vezes sinto que nunca vou ser suficiente, mesmo se lutar quase até a morte.

Cayden inclina a cabeça na minha direção, e assinto. Sua lâmina brilha sob o sol nascente quando ele ataca, interrompendo o apelo de Jarek ao decepar sua cabeça com um golpe firme e limpo. O sangue espirra no rosto de Zander, e a cabeça vai ao chão com um baque surdo. Eu a afasto com o pé quando se aproxima da minha bota.

— Considero vocês culpados de traição à coroa. Eu, Elowen Atarah, rainha de Vareveth, rainha de Aestilian, princesa de Imirath e Rainha dos Dragões, sentencio vocês à morte.

Passei anos da minha vida ao lado deles. Mas creio que é verdade que o amor e o ódio são separados por uma linha tênue, e o segundo pode contaminar o primeiro pouco a pouco, sem que ninguém se dê conta.

Dou um passo à frente após ordenar que os soldados posicionados atrás dos prisioneiros saiam dali, e baixo o tom de voz para que apenas eles me ouçam.

— Vocês sabiam o que Garrick estava fazendo com meus dragões quando os deixaram lá. Me viram passar a vida com cinco pedaços de mim faltando e nunca quiseram me dar nenhuma informação sobre o castelo de Imirath, por mais que eu implorasse.

— Achávamos que era uma missão suicida. — A voz de Nessa estremece quando a cabeça de Sorin se eleva acima da minha.

— No fim, quem saiu em missão suicida foram vocês.

Sem nada mais a dizer, viro as costas para ela, mas Zander fala antes que eu possa me afastar, mantendo o tom baixo como o meu.

— Acha mesmo que pode ter um futuro com um homem que odeia o sangue que corre nas suas veias? Seu pai sempre vai ser o inimigo para ele e, quando tiverem herdeiros, seus filhos vão ter essa mesma face. Volte para seu pai e cumpra seu dever, princesa.

Não é um apelo condescendente, ele está sendo sincero. É seu último ato pela

linhagem dos Atarah antes de deixar este mundo. Junto as mãos para ele não ver o quanto estou trêmula.

— O futuro não lhe diz respeito; você não tem lugar nele.

— Elowen, espera! — grita Esme.

Mas me recuso.

Assim como Sorin e Venatrix, que abrem as mandíbulas e lançam chamas, cada um de um lado meu.

CAPÍTULO
NOVE

Cayden

Minha cabeça está latejando depois de passar o dia cercado de gente. As reuniões de guerra são inúteis, considerando que não temos informação nenhuma sobre as movimentações de Imirath ou Thirwen, mas meus generais insistem em fazê-las. Se não fossem bons combatentes, nem me incomodaria em ir, mas, infelizmente, eles são. Porém fui eu que propus a conversa sobre Aestilian depois do que aconteceu, e incluí Finnian na discussão, já que é o conselheiro em quem Elowen mais confia. Meus generais precisavam ser avisados de que ela e eu iremos sair do reino quando a guerra estiver fungando em nosso cangote.

Não quero perder mais soldados em escaramuças inúteis na fronteira, e não quero avançar com o exército antes da chegada de Thirwen. Se atracarem em Vareveth enquanto estivermos em Imirath, corremos o risco de uma guerra em duas frentes. Venho lutando em guerras desde criança, e não quero ser superado por um rei que comanda seu exército detrás da muralha de um castelo quando minha espada está em riste no campo de batalha.

Abro a porta de nossos aposentos e saboreio o silêncio. Elowen só voltou uma hora atrás, depois de voar o dia todo, e me obriguei a ouvir os generais e suas estratégias para dar a ela um pouco de paz e privacidade. Informei que é bem-vinda nas reuniões, mas que seu tempo seria mais bem gasto treinando seus dragões e testando comandos.

Como sei o quanto as batalhas podem se tornar ferozes, fico aliviado por ela não lutar no chão, apesar de que imaginá-la a dezenas de metros do solo não seja muito tranquilizador.

Um fogo crepita na lareira da sala de estar dos aposentos, lançando um brilho suave sobre os móveis estofados em azul-escuro e dourado. Passo pelo sofá, mas, em vez de virar à esquerda, vou para a direita, o que me leva ao cômodos que era o meu quarto nos aposentos compartilhados. Enfiando as mãos nos bolsos, recosto-me no batente da porta. Prateleiras de madeira escura cobrem as paredes, interrompidas apenas pelas janelas e arandelas. Mantive as poltronas perto da lareira e acrescentei lampiões de vidro colorido sobre as mesinhas de canto para iluminar melhor o espaço.

Se Elowen percebeu que estou aqui, não demonstra, e continua olhando para fora pelas portas da varanda. Os dragões sobrevoam o lago congelado enquanto a neve cai, cobrindo com uma manta branca a floresta que se estende daqui a Ladislava.

— Elowen — murmuro ao entrar, para não assustá-la caso esteja perdida em pensamentos. — El.

Meus dedos deslizam pelo tecido macio do vestido lavanda, e ela respira fundo quando passo a mão sob os cabelos e acaricio seu pescoço.

— Aestilian. — Sua respiração está entrecortada. — É preciso evacuar a cidade. — Permaneço em silêncio para ela terminar o raciocínio. — Sabemos que Garrick vai tentar me atingir de todas as maneiras, mesmo que isso signifique dizimar um reino inteiro. Aestilian não tem forças para resistir a Imirath.

— Eles podem vir pra cá.

Durante a reunião, fiz uma lista de casas vagas em Verendus, deixadas pelos cidadãos leais a Eagor ou por aqueles que fugiram para suas propriedades rurais, buscando escapar de eventuais conflitos causados pela tomada do poder.

— Se alguém decidir não vir, preciso que me prometa que vai deixá-lo partir. Não ameace as pessoas. Elas já sofreram o suficiente.

Você já sofreu o suficiente, tenho vontade de dizer. *Sofreu demais.* Ela foi tratada de uma forma tão horrível que não entende o que é a gentileza. A forma desdenhosa como

Ailliard a tratava ficou clara para mim desde que coloquei os olhos no desgraçado. Eu o teria matado nesse mesmo dia se não soubesse que isso colocaria Elowen contra mim.

— Não pretendo minar seu poder — respondo quando ela se vira em minha direção. — Mas se alguém mostrar sinais de traição ou agressividade contra você, vou reagir de acordo.

Não sei como lidar com aqueles que ficaram só olhando conforme Ailliard a maltratava. Quem testemunha um assassinato sem intervir é cúmplice do crime. Aestilian não tem defesas, e não podemos destacar soldados para o norte enquanto estamos em guerra. Agora que Imirath se aliou a Thirwen, precisamos começar a pressionar Galakin a ficar do nosso lado. Feynadra e Urasos são neutros e, considerando a sanha conquistadora de Garrick, como demonstrado pelas incursões nas Ilhas do Sul, provavelmente permanecerão assim. Galakin é nossa melhor chance, não só por ter uma relação horrível com Imirath, como por desprezar Thirwen.

Trinta e cinco anos atrás eclodiu a Guerra da Maré Vermelha, um conflito entre Thirwen e Galakin. A rainha Cordelia, que na época ainda era princesa, tinha duas irmãs, não apenas uma, como hoje em dia. O rei não tinha filhos homens e nomeou Cordelia sua herdeira, com a condição de que permanecesse com o nome Ilaria em vez do tomar o sobrenome do marido. Prometeu a segunda filha, Nasha, ao príncipe da coroa de Feynadra, que atualmente governa o reino. Mas não se sabe o que aconteceu de fato à terceira filha, Cyra.

Galakin afirma que o segundo príncipe de Thirwen, irmão caçula do rei Fallon, a raptou depois de se apaixonar durante um banquete. Mas Thirwen alega que o falecido rei de Galakin matou ambos por esse ato de rebeldia. Há quem acredite que os dois escaparam ilesos e vivem juntos em algum lugar. Uma das guerras mais sangrentas da história de Ravaryn foi travada por um desentendimento ainda não esclarecido. Recebeu o nome de Maré Vermelha porque, por várias léguas, o mar ficou tingido de sangue. Nenhum dos lados foi considerado vencedor, em razão da quantidade imensa de baixas.

Embora a guerra tenha acabado, as animosidades só cresceram.

Imirath é uma península e, com a força adicional das ilhas conquistadas, sua marinha é formidável. Thirwen é um reino insular, assim como Galakin, e o poder de ambos está fundado no mar. Vareveth só tem saída para o mar a oeste e, embora eu tenha passado boa parte dos últimos anos construindo minha frota, os outros reinos têm predominância nessa esfera.

Meu primeiro instinto é manter Elowen aqui, cercada pelo exército por todos os lados. O bem-estar do povo de Aestilian não tira meu sono — mas minha noiva vai encontrar uma maneira de ajudá-los com ou sem mim, e preciso estar ao lado dela, pelo bem da minha sanidade.

Elowen tenta desviar o olhar do meu, mas levanto seu queixo.

— O que foi?

Vi a reação dela quando Zander disse suas últimas palavras, mas não consegui ouvi-lo por conta do vento. Se não estivesse me ignorando, teria dado um jeito de impedi-la de voar para longe. Não sei como lidar com isso. Nunca me preocupei com a opinião e a reação dos outros ao que faço, mas prefiro que Elowen grite comigo em vez de se refugiar em pensamentos, escapando pelos meus dedos como grãos de areia.

Ela franze a testa, se afasta de mim e vira para a janela novamente.

— Vou mandar dois dragões protegerem a fronteira de Imirath, e dois guardarão o castelo na nossa ausência. Asena ainda está no reino, eu a procurei antes de voltar ao castelo. Ophir, o líder do culto à água, também entrou no reino depois que revogamos o banimento da magia. Eles juntaram seus acampamentos na mata perto de Ladislava e disseram que podem abrir um portal para nós combinando suas forças.

Vou quebrar os dentes se apertar a mandíbula com mais força, mas me obrigo a falar em um tom de voz controlado.

— Vamos ficar dois dias fora, no máximo. Você não vai ficar muito tempo longe dos dragões, e vai poder testar como o vínculo funciona a uma grande distância.

Ela assente, enrolando os cachos nos dedos. Palavras que não sei articular queimam em minha garganta enquanto a observo. Parece que destruí a única coisa na vida a que dava importância acima de tudo, e só consigo pensar em como juntar os cacos e nos

tornar um só de novo. Abro a boca para dizer algo... e não só uma, mas três vozes *irritantes* tomam conta dos aposentos quando a porta se abre ruidosamente.

— Olá? — chama Ryder, mas não me dou ao trabalho de responder. Elowen fica olhando para o nada, mas então endireita os ombros e abre um sorriso que nenhum deles vai conseguir ver que é falso quando aparecerem na porta. — Ora, que acréscimo mais aconchegante para o ninho de amor dos pombinhos.

Ryder se joga na poltrona mais próxima do fogo, apoiando as botas na mesa. Se eu acreditasse nos deuses, rezaria para ter paciência.

— Cayden deve concordar, já que fez questão de destruir quase toda a mobília que ficava aqui.

— Não ponha palavras na minha boca.

Estreito os olhos para Elowen. Jamais me referiria ao que quer que fosse como *ninho de amor*.

Ela dá um sorrisinho.

— Como eu poderia fazer isso se você não para de falar um minuto?

Reviro os olhos e localizo a garrafa de uísque, tomando um bom gole. As preces não funcionam, mas o álcool nunca me deixou na mão.

— Estamos todos prontos para partir amanhã? — pergunta Finnian assim que Elowen se senta ao lado dele no sofá.

Os ombros dela ficam tensos quando olha ao redor.

— Vocês já se reuniram para discutir a evacuação? — Ela apoia o braço no encosto do sofá e crava os olhos em mim. — Eu mal tinha mencionado esse plano.

— Evacuação é a única opção. Não sabemos o que Ailliard revelou para Imirath quando negociava sua captura e, como disse, Garrick pode querer massacrar o reino só para te machucar. Se Lycus tiver sido mesmo ferido enquanto a defendia e procurou atendimento médico, seu pessoal vai saber que houve ainda mais traições dentro de Aestilian e vai estar em pé de guerra.

Não só isso como Aestilian fica bem distante daqui. Ela não tem como governar os dois reinos com Urasos e Feynadra no meio do caminho.

— Vamos partir assim que amanhecer? — indaga, e assinto quando ela olha para a frente. Deixo meu uísque sobre o aparador da lareira e apoio as mãos nas almofadas de ambos os lados da cabeça de Elowen. — Estão empolgados para voltar aos seus colchões esburacados?

Finnian solta um grunhido e a voz de Ryder preenche o recinto:

— Por que tem que ser sempre no amanhecer? Acho que deveríamos começar a valorizar as viagens vespertinas.

— Porque a vida das pessoas está em risco — retruca Saskia, secamente, e entrega um pergaminho a Elowen. — Cayden e eu fizemos uma lista de habitações disponíveis em Verendus. Ele se opôs a Ladislava, porque muita gente do seu povo é refugiada. Eles vão ficar mais longe da fronteira aqui na cidade.

Elowen não demora a enfiar a cara no papel.

— Obrigada. É perfeito. — Há um sorriso perceptível em sua voz, que se espelha na expressão de Saskia. Sas precisava de alguém como Elowen desde que a conheci, e o mesmo se aplica a El. — Existe um lugar grande o bastante para servir de orfanato? Gostaria de manter as crianças todas juntas.

Apoio o antebraço no sofá. A pulsação no pescoço de Elowen dispara, e a lista escapa das mãos dela. Passo o dedo de leve por sua perna.

— Estes dois.

Ela não me olha quando aponto os lugares na lista, e aceita uma pena oferecida por Saskia para sublinhar os endereços, embora as linhas que faz saiam tremidas.

— Para — resmunga ela.

— Não falei nada.

— Quase dá para sentir a arrogância irradiando de você. — Solto uma risadinha e Elowen se apressa a mudar de assunto. — Não quero que ninguém mais em Vareveth saiba que os meus guardas me traíram. Não tenho como esconder isso em Aestilian, mas os nobres daqui me odeiam, e não quero que a maledicência deles se estenda para o meu povo por meio de boatos planejados para criar caos no reino. Ainda existem alguns cidadãos e soldados que não confiam em mim, mas talvez isso mude com o tempo, já

que são leais a Cayden.

— Quem for leal a mim jamais fará mal a você. Já deixei bem claro quais são as consequências.

— Sou a filha do seu inimigo, do inimigo deles, e estou no trono do reino.

— E vão morrer quantas vezes forem necessárias se algum discurso de ódio chegar aos meus ouvidos. — Curvo os lábios. — Ainda mais se pensarem em machucá-la.

Saskia solta um suspiro, mas não tiro os olhos de Elowen.

— Você não pode usar essa solução para tudo — argumenta Sas.

— É eficaz.

— Nisso ele tem razão — comenta Ryder.

— Como rei e rainha, precisam pensar na sua imagem pública — continua Saskia. — E sei que nunca se preocuparam com isso.

Elowen se levanta do sofá, inclinando o quadril e pondo a mão na cintura.

— A partir do momento que invocou a cláusula matrimonial, a divisão entre comandante e rei deixou de existir. Você não pode matar todo mundo para assumir a posição de Eagor só porque isso te incomoda.

— Os nobres nunca vão gostar de nós, mas vão aprender a nos temer. Vou ter a aprovação deles, ou então a cabeça de cada um numa estaca. Se um rei pode ser substituído, qualquer um pode. — Contorno o sofá, diminuindo a distância entre nós e a obrigando a olhar para mim. — Não subi na hierarquia fazendo amizade com as pessoas certas, mas as *matando* quando necessário. — Os lábios dela se entreabrem, e seus olhos se fixam nos meus. — E qualquer um que ameaçá-la é um alvo mais que certo.

— É isso! — exclama Saskia, levantando da poltrona tão repentinamente que assusta Elowen, fazendo-a se desequilibrar e cair sobre meu peito. Eu a enlaço pela cintura para mantê-la firme. — Foi disso que senti falta esta semana!

Ryder assente.

— É verdade.

— Eles precisam fazer outra aparição pública. Não são vistos juntos desde o jantar em Ladislava. Desde que a proibição foi revogada, vendedores de produtos mágicos têm

participado da feira noturna, então seria uma ótima forma de mostrar apoio ao povo — sugere Finnian, e Saskia lança um olhar de curiosidade para ele. — Sim, eu sou um ótimo conselheiro, obrigado.

— O que está acontecendo? — sussurra Elowen.

— Quer sair daqui? — pergunto, pois os deuses sabem o quanto *eu quero*.

— Mas eles estão nos nossos aposentos.

Dou uma encarada nela.

— Nós temos outros quartos, dá pra trancá-los para fora.

Saskia põe as mãos nos ombros de Elowen, mas não largo a cintura dela.

— Todo mundo comentou sobre o quanto pareciam apaixonados lá no Noite Estrelada, mas a inquietação vai voltar se não forem consistentes nas suas aparições.

Elowen dá uma tossidinha.

— Bom, eu não diria *apaixonados*.

— Durante meses — começa Saskia, refutando as palavras de Elowen com um gesto —, as pessoas observaram o envolvimento de vocês. Nós somos testemunhas do mundinho em que os dois se isolam quando estão juntos.

Elowen fica tensa, e eu acaricio a lateral de seu corpo por cima do vestido. Sei como a mente dela funciona, e deve estar se repreendendo por não ter programado mais uma aparição pública antes que fosse necessário trazer o assunto à tona. Eu a viro para mim para que se concentre em outra coisa, uma emoção diferente da culpa: raiva.

— Qual é, anjo. — Levanto seu queixo com a mão livre. — Não foi você que enganou o guarda da ponte dizendo que era minha esposa?

Ela franze os lábios.

— Nunca vou me perdoar por ter manifestado esse destino infeliz.

— Essa boca — murmuro, passando o polegar por seu lábio inferior. — Podemos sair de novo hoje à noite, mas entendo se não estiver mais no clima.

Ela se afasta do meu peito.

— O que está insinuando?

Solto um suspiro.

— Que sua performance depende da pressão do momento? Se não tiver pressão, talvez o talento não dê as caras.

Ela me encara como se não acreditasse no que acabou de ouvir. *Isso mesmo*, quero dizer. *Brigue comigo, me desafie, seja sua melhor versão, a que eu tanto adoro. Já chega desses sorrisos falsos, fique comigo de verdade*.

— Entendi muito bem o que está fazendo — acusa ela. Eu levanto as mãos, fingindo inocência. — Será que preciso lembrá-lo de que o guarda da ponte não foi o único que enganei? E aquele soldado atencioso na taverna? — O sorriso desaparece do meu rosto. — Como era mesmo o nome dele, Cayden? Sua memória é melhor que a minha, e você não tirava os olhos de nós. Pena que quebrou o pescoço dele; era um homem bem charmoso.

Claro que me lembro dele. Vê-la flertar com um soldado de Imirath foi uma das piores coisas que testemunhei na vida. Quis jogá-la sobre o meu ombro e atear fogo naquela taverna. A missão que fosse para o inferno.

Elowen bate o dedo no queixo. *Porra, não fala*.

— Evrin!

Ryder, Finnian e Saskia devem ter notado que o cômodo esfriou uns bons graus e logo se retiram para a biblioteca, murmurando algo sobre nos encontrar lá embaixo quando estivermos prontos para ir à feira noturna. Baixo as mãos enquanto nos encaramos. A tensão entre nós é palpável, e tão viva que parece ricochetear pelas paredes.

— Eu vou me lembrar disso, Elowen.

— É uma ameaça?

Solto uma risadinha seca, me lembrando de quão perto ela se sentou dele, e que tive de ficar só olhando enquanto ele punha as mãos na minha dama. Dou um passo à frente, e o peito dela sobe e desce contra o tecido do vestido conforme a respiração acelera. Não respondo de imediato; prefiro passar os dedos por sua clavícula e seu pescoço, fazendo-a estremecer antes de segurar sua cabeça.

— Vou tratá-la tão bem que qualquer outro homem que encontrar vai ser um mero

vulto sem rosto na sua memória, porque não vai ter espaço pra mais ninguém além de mim. Vou me lembrar disso, e dele também, mas você vai esquecer.

Ela se aproxima até colar o corpo ao meu, me encarando com um fogo no olhar que não vejo há dias, e seguro seu cabelo com mais força.

— Parece bastante seguro de si para alguém que me forçou a aceitar um noivado.

— Pode detestar o noivado o quanto quiser, mas se vai declarar seu ódio por isso, pelo menos seja sincera.

— Cá entre nós, a sinceridade não é uma fraqueza *minha*.

Balanço a cabeça negativamente, aproximando o rosto do dela.

— Você odeia nosso noivado porque é o que mais deseja, do fundo de sua alma. Você quer ser minha, e estou acostumado a te esperar, então leve o tempo que precisar para aceitar esse fato, eu não vou a lugar nenhum.

Ela solta um risinho debochado.

— Sua arrogância é inacreditável.

— Não estou falando isso por arrogância.

— Então pelo quê?

Obsessão. Vício. Necessidade.

— Tenho certeza de que vai acabar descobrindo qualquer dia.

CAPÍTULO

DEZ

Elowen

Saskia e eu damos os braços para nos protegermos do frio. Fico tentada a vestir o capuz do casaco para me agasalhar melhor, mas hoje Hyacinth caprichou no meu visual. A parte de cima do cabelo está presa, e pequenas tranças foram entrelaçadas para formar uma espécie de guirlanda na parte de trás da cabeça. A pedraria azul-escura colocada entre as mechas combina com o casaco, que tem uma silhueta parecida com a do outro, em branco. Para arrematar o visual, uma faixa preta bordada com escamas de dragão douradas está atada à minha cintura.

Aromas doces e salgados se desprendem das barracas que circundam a base da escadaria do castelo, de modo que mal tenho tempo para distinguir um cheiro antes de ser atingida por outro. Basilius está empoleirado no alto da cascata ao lado do castelo, e sinto os olhos cor de lavanda acompanhando cada passo meu, enquanto os outros quatro voam em círculos.

— Acha que não ter Cayden ao meu lado vai atrapalhar a imagem que estou tentando passar?

Os lábios pintados de vermelho de Saskia se entreabrem em um sorrisinho.

— Ele não tira os olhos de você desde que saímos. Acho que está cumprindo o papel dele à risca.

Fazemos uma breve pausa ao lado da fogueira acesa em uma armação de pedra no

centro da alameda para absorver o calor. Como se movida por uma força desconhecida, olho por cima do ombro, encontrando o olhar de Cayden. Uma aura sombria e intrigante o cerca quando ele apoia uma das botas na parede atrás de si, equilibrando um cigarro entre os lábios. Um casaco preto, feito de uma mistura de algum tecido luxuoso escuro e couro, envolve os ombros largos, e me obrigo a me virar para a frente e puxar Saskia para a distração mais próxima.

— Minha rainha. — Um homem de óculos redondos que deixam seus olhos azuis enormes está atrás do balcão de uma barraca vermelha. O cabelo branco e fino está espetado para todo lado e combina com o avental que usa sobre o casaco. — Que satisfação ver a senhora aqui na feira.

Muitas dessas pessoas eram forçadas a vender os produtos em sigilo sob o reinado de Eagor e Valia. A magia infundida neles é inofensiva; são apenas coisas para facilitar o dia a dia, como luvas e abafadores de orelhas com magia de fogo para manter o calor, livros com um feitiço simples para marcar página, vestidos e casacos com bainhas que nunca ficam encardidas.

Há quem consiga manipular os elementos, enquanto outros têm a habilidade de fazer encantamentos mais simples. Houve um tempo em que Vareveth foi receptivo à magia da terra — o que não é de surpreender, já que o emblema dos Dasterian era um carvalho. Dizem que o primeiro rei Dasterian tinha um poder capaz de rivalizar com a do Deus da Terra. Muitos fugiram para Craigon, a capital de Urasos, e outras cidades ao redor. No entanto, os vilarejos mais distantes se ocuparam de perseguir por iniciativa própria aqueles com capacidade de praticar a magia da terra. Acreditam que possuir essa magia é uma forma de zombar do próprio deus, e a maioria dos magos elementais mantém as habilidades em segredo.

Coloco meu cesto sobre o balcão e solto o braço de Saskia, pegando um dos pequenos frascos de perfume cujo líquido parece brilhar.

— É feito do quê?

— É uma essência floral leve infundida com fogo-estelar, que lhe confere um toque defumado.

Passo o dedo pelo vidro, incapaz de afastar os olhos. Não tinha ideia do quanto vivia isolada em Aestilian, não só sem acesso ao mundo, mas ao conhecimento. Agora que entendi que Ailliard me manteve na ignorância de propósito, estou compensando o tempo perdido. Confiei nele para aprender sobre o mundo e, como não tive uma educação formal nem acesso a uma biblioteca, nunca duvidei dele.

A verdadeira liberdade vem do conhecimento, e é por isso que tantos governantes mantêm os livros trancados, banindo-os ou os queimando-os; em suma, segurando-os nas mãos dos privilegiados, longe do povo. Manter as pessoas na ignorância é fundamental para exercer a tirania e o controle. Se você não conhece nada diferente, vai se contentar com a realidade, em vez de lutar por algo melhor.

— O senhor sabe evocar o fogo-estelar? — questiono.

— Não, majestade, só a própria deusa tem controle sobre esse elemento. Tenho um estoque bastante diluído, considerando que ela é a única capaz de conjurá-lo e está adormecida há séculos. É muito difícil de encontrar. O meu só tem força suficiente para acrescentar um pouco de brilho às fragrâncias.

— E não vai me queimar?

— De jeito nenhum. — Ele gesticula, me incentivando a experimentar. — Só provoca um calorzinho, mas não mais que uma brisa de verão.

Tiro a rolha do frasco, passando um pouco no pescoço e nos pulsos antes de levá-lo ao nariz. Tem o cheiro de um jardim engarrafado no auge da primavera, mas dá para sentir o toque defumado. É sutil, mas maravilhoso.

— Quanto custa?

— Para a rainha, é um presente.

Ele segura o avental quando se vira para pegar o único frasco grande e brilhante na prateleira. O homem tem uma imensa variedade de perfumes, mas está na cara que este é raro e valioso. Ele franze a testa quando o coloca na minha mão e, antes que possa se afastar, ponho minha bolsinha de moedas sobre sua palma aberta. Seu rosto fica corado quando ele vê do que se trata.

— Ah, não, majestade.

— Isso cobre o valor?

— É dinheiro demais. O rei vai achar um roubo.

— O rei não dirá nada, desde que eu esteja contente. — Ponho o perfume na cesta e a penduro no braço. — Uma boa noite para o senhor.

Ele continua encarando a própria mão, incrédulo, mas mesmo à distância percebo as lágrimas brotando em seus olhos quando enfim consegue responder:

— P-para a senhora também, majestade.

Não muito tempo atrás, eu estava em apuros, precisando desesperadamente de dinheiro e sem saber se teria o suficiente para alimentar a mim mesma e o povo de Aestilian. O anel de ouro no dedo dele e o pingente de coração pendurado sobre o peito me dizem que é casado — talvez tenha uma família. Sei que não posso ajudar a todos, mas se mais gente soubesse do que um gesto de gentileza é capaz, viveríamos em um mundo muito melhor.

Saskia sorri para mim de novo quando paramos em uma barraca de velas.

— Que foi?

Ela sacode a cabeça, levando uma vela com perfume de lírio-d'água ao nariz.

— Você é um amor, Elowen Atarah.

Solto um risinho sarcástico, sem responder, apenas a impedindo de pegar sua bolsinha de moedas; em vez disso, anoto o nome de Cayden na conta junto do endereço dele em Ladislava. Saskia dá risada enquanto coloca seus itens na cesta e acrescenta mais dois à minha.

— Acha que eu consigo fazer a veia do pescoço dele saltar se gastar bastante?

Cayden me desafiou a vir aqui, e está prestes a descobrir que sua presunção vai custar caro. Afinal, existe algo mais romântico que mimar sua prometida?

— Não sei. — Ela franze os lábios. — Mas sou sempre a favor de testar teorias.

— Agradeço por seu apoio às minhas iniciativas.

Continuo a encher a cesta: doces, um livro novo, um anel de ouro em formato de dragão que se enrola no dedo, correntes e pedrarias para enfeitar o cabelo, temperos que gostaria de usar quando for cozinhar... e óleos corporais. Não é a neve que me faz

estremecer quando penso na pele vermelha e coberta de cicatrizes das costas de Cayden. Ele comentou que seu ombro não cicatrizou direito, e fico me perguntando se as marcas de chicotadas não doem também. Não importa o quanto ele me machuque, se houver algo que eu puder fazer para aliviar sua dor, farei.

Passamos por uma série de barracas vendendo cristais, velas e entalhes específicos para adornar o corpo ou altares dedicados aos dez deuses adormecidos. Várias mulheres se juntaram para discutir qual colar ou pulseira de ametista rosa dedicada à Deusa do Amor, do Casamento e da Fertilidade lhes cai melhor. Um público mais inquieto se reúne ao redor da barraca dedicada à Deusa das Almas, que aprendi que também era a da misericórdia e do destino, e quase consigo sentir a ansiedade e o desespero enquanto pegam símbolos de lápis-lazúli. Espadas com pomos encrustados em pedra-de-sangue são brandidas conforme as pessoas se acumulam ao redor da barraca do Deus da Guerra e da Estratégia, mas a Deusa da Tristeza e da Dor é ignorada, e suas torres de turmalina permanecem intocadas entre os tecidos drapejados em tons de cinza.

— O que você comprou, querida? — pergunta Cayden quando me aproximo, tirando o cigarro da boca e o apagando nas pedras do calçamento antes de pegar uma latinha com folhas de hortelã do bolso.

— Não precisava fazer isso.

— Não é saudável pra você respirar a fumaça.

— Então por que estava fumando?

— Você me disse que eu precisava ser mais agradável. — Ele aponta com o queixo para o local onde Ryder e Finnian estão às risadinhas, mais atrás, perdidos na própria conversa. — Eu precisava encontrar alguma ocupação para a boca, para não xingá-los.

Escondo um sorriso atrás da mão e respondo à primeira pergunta.

— Comprei um monte de bebidas para me ajudar a suportar esse noivado.

— Um brinde a isso. — Ele pega a cesta pesada de mim. — Precisa de mais grana?

— Encontrei uma solução bem simples pra isso. — Me aproximo e o encaro como uma noiva apaixonada. — Coloquei seu nome em todas as cobranças que preciso acertar.

— Poderia ter assinado o seu — responde ele, sem se deixar abalar pela revelação.

— Eu não tenho conta em lugar nenhum aqui.

Nem aqui nem em nenhum outro lugar. Ailliard controlava meu dinheiro. Eu deixava uma latinha debaixo da cama para emergências, depois que ele se recusou a me fazer um empréstimo quando Finnian estava precisando de um remédio, mas de resto ia tudo para o bolso dele. Dizia que o dinheiro era usado em benefício do povo de Aestilian, mas não sei mais no que acreditar. Não me surpreenderia se gastasse tudo consigo mesmo.

— *Nós* temos. — Ele se desencosta da parede, aproximando o rosto do meu. — Acrescentei seu nome a todas as minhas contas. — Minha mente parece envolta em melaço espesso enquanto processo as palavras. — E não vou tirar, então nem adianta pedir. Quando formos para a guerra, preciso ter certeza de que vai ter tudo de que precisa se acontecer alguma coisa comigo.

Engulo em seco. Imagens de Cayden sendo capturado ou morto dançam ao som de uma balada mórbida nos meus pensamentos.

— Isso não... Você não precisa...

— Eu sou duro de matar, El. Esqueça isso por ora. — Ele começa a me conduzir de volta para a feira. — Mas, se continuar a me olhar assim, eu fico quietinho enquanto você gasta o quanto quiser.

Mordo o lábio, dando o braço para ele e apoiando a cabeça em seu bíceps.

— Então só preciso sorrir para me deixar gastar sua fortuna?

— Só respirar já basta.

Nem me dou ao trabalho de esconder o riso, com tantos olhos sobre nós. Andando à sua frente, vou até uma barraca azul, onde aceito um prato cheio de pãezinhos adocicados recheados com carne de porco temperada e suculenta. Então levo Cayden até a fonte no centro do círculo, onde os entalhadores de pedra já terminaram os trabalhos. Com uma altura impressionante e detalhes elaboradíssimos, a escultura dá a impressão de que são cinco dragões de verdade alçando voo ao redor de um par de espadas cruzadas, com uma lua crescente no topo.

A fonte no salão de entrada do castelo, que lembrava o carvalho dos Dasterian, também foi substituída por uma similar a esta. Bandeiras azul-escuras tremulam ao sabor do vento no topo das torres pontiagudas enquanto meus dragões as circulam, e Cayden espana um pouco da neve que se acumulou na pedra para que eu possa me sentar. Ele me puxa para mais perto, e me aninho em seu calor, passando-lhe o prato.

Ele ri.

— Já mudou de ideia?

— São pra você.

Ele franze a testa como se estivesse perplexo com meu gesto.

— Quê?

— Você passou o dia todo em reunião. — Junto as mãos no colo quando ele aceita a comida. — Você se esquece de comer às vezes. — Os dedos dele param de acariciar meu braço, e Cayden fica em silêncio por tanto tempo que me forço a olhá-lo. — Posso pegar outra coisa se não tiver gostado.

— Não. — Ele limpa a garganta, e seu olhar se ameniza quando se volta para a comida. — Está perfeito. Obrigado.

Eu relaxo contra o corpo dele, jogando as pernas no colo e apoiando a cabeça no ombro. A falta de sono deve estar me afetando, porque a batida constante de seu coração faz minhas pálpebras ficarem pesadas. Nós dormimos na mesma cama, porém é uma tortura. Ficamos cada um de um lado, mas não me deixo levar pela exaustão porque não confio que vou conseguir manter as mãos longe dele estando inconsciente. Ando cochilando até nas costas de Basilius enquanto voamos.

— Vamos voltar para o castelo depois que eu comer — avisa ele.

Assinto, passando os dedos pelos dragões dourados no punho de seu casaco. Ele jamais se importou com trajes elegantes, se veste mais como um assassino profissional do que como um rei, mas o fato de uma das cores de nossa casa ser o preto ajuda. Cayden sempre parece tranquilo e contido, mas nunca vai ser o tipo de homem que aguenta tecidos incômodos e calças apertadas só para seguir a moda dos ricos. E prefiro que seja assim. Não quero que mude sua aparência. Adoro suas cicatrizes, e a

intensidade de seu olhar, e as ondas do cabelo desarrumado que roçam sua testa e a ponta das orelhas. Ele parece um sonho sombrio em forma humana.

Meus olhos passeiam pelas barracas coloridas e as pessoas vestidas com casacos luxuosos. Crianças sorriem diante dos objetos encantados, mulheres andam de braço dado com as amigas e os homens vão atrás de suas respectivas com os braços cheios de compras. A neve continua a cair, se acumulando nos meus cílios e no gelo que cerca o perímetro da fonte. Estou prestes a pedir a Cayden para pararmos para tomar vinho quente no caminho de volta, mas sinto um arrepio na nuca e minha coluna enrijece. *Não*. Minha última refeição ameaça fazer uma reaparição, e fecho os olhos com força, mas um par de íris azuis que eu reconheceria em qualquer lugar arde atrás das minhas pálpebras. Ailliard está me olhando com um ódio que nunca percebi até ele me trair.

— Não é ele — murmuro. — Ele morreu. *Está morto*.

— El? — Cayden segura meu rosto entre as mãos. — O que foi?

Ele passa os polegares por minhas bochechas e solta um palavrão quando eu não respondo. O gelo se estilhaça quando meu noivo tira uma das mãos e, instantes depois, dedos gelados agarram minha nuca.

— Abra os olhos — manda ele, e faço isso, me obrigando a me concentrar na água escorrendo por minhas costas em vez do pânico. — Respire.

— Ailliard.

Ele passa o polegar por meu cabelo enquanto olho ao redor, procurando o homem. Minhas mãos começam a suar, mas tudo em que consigo pensar é no sangue de Ailliard, que as cobria conforme eu tentava puxar minha faca de volta. O homem que vi tem uma semelhança notável com Ailliard, mas obviamente não é ele. Nunca me permiti ficar de luto pela morte dele, me recusei, e gostaria de poder esmagar a pequena parte de mim que sentiu alívio ao pensar que estava vivo. A morte transforma a todos em idealistas.

— Pensei que...

Faço que não com a cabeça, me dando conta do quanto estou sendo ridícula. Fui eu que o matei. Atirei a faca que o fez tombar e ordenei que Calithea o envolvesse em chamas. Ajoelhei no sangue do homem que foi a coisa mais próxima que tive de um pai.

Ele se foi.

Forço uma risada cínica a subir pela garganta.

— Não liga pra mim. A mente prega truques em nós quando passamos muito tempo sem dormir.

Os olhos verdes de Cayden queimam a lateral do meu rosto, e me obrigo a encará-lo.

— Comigo você não precisa fazer esse joguinho.

Encolho os ombros com ar de inocência.

— Que joguinho?

— El.

O jeito como ele fala meu nome... a suavidade... a compreensão... Minhas mãos começam a tremer de novo.

— Por favor, não faz isso — murmuro.

Sinto um músculo saltar na mandíbula de Cayden, e um olhar sombrio surge nas feições dele quando percebe que não vai conseguir me fazer baixar a guarda esta noite. Não quero falar sobre Ailliard. Não quero pensar nele. Não quero que tenha poder nenhum sobre mim, mas às vezes parece que nem a morte é capaz de arrancar as garras que aquele homem cravou na minha mente. Cayden permanece em silêncio, se preparando para mais uma batalha de vontades em nossa contínua guerra de teimosia, mas não insiste. Não é hora nem lugar para isso, mas a tensão entre nós é como uma chaleira prestes a começar a apitar sobre o fogo.

CAPÍTULO
ONZE

Elowen

Ainda está escuro quando desço pela escada lateral do castelo, que leva ao lago com pedras cobertas de gelo. Não consigo ficar confinada nem por mais um minuto. Meus dragões ressonam suavemente nas margens, e a umidade do solo se infiltra na minha calça quando me ajoelho no círculo formado por eles. Os olhos prateados de Calithea se abrem e ela se aproxima de mim, me permitindo passar os dedos em seu focinho enquanto cantarolo uma melodia tranquilizadora. Devem ter dormido por pura exaustão, e sinto um aperto no coração quando penso nos cinco dormindo juntos naquela câmara dos dragões.

Quantos anos deviam ter quando ficaram grandes demais para voar dentro daquele espaço confinado?

Quantos dias não teriam desejado morrer enquanto olhavam para o céu em que agora podem voar?

Não existe nada que eu não faria para salvá-los do sofrimento. Delmira me envolve com a cauda conforme os outros se aproximam, atraídos pela minha presença mesmo durante o sono. Tudo o que sempre quis foram os meus dragões, não uma coroa ou um reino. Sempre soube que mataria Garrick pelo que fez com eles, comigo, e agora com Cayden. Mas quando penso no meu futuro, é como se estivesse contemplando um horizonte inalcançável. Só o que fiz a vida toda foi acordar dia após dia e tentar

sobreviver, a ponto de não me lembrar de como é viver.

Ouço passos na grama quando o sol desponta entre as montanhas, e pedriscos dançam pela margem congelada quando o rugido de Sorin faz o chão tremer. Eu o acalmo através do vínculo e sorrio para Finnian por cima do ombro.

— Está pronta? — pergunta ele.

— Você está? — devolvo.

O manto verde e a túnica marrom que ele usa complementam bem seus atributos físicos; um broche com o emblema dos Veles está orgulhosamente fixado em seu peito. Como sempre, o arco e a aljava estão pendurados no ombro, e a espada, na cintura.

Ele engole em seco, e a voz sai como um murmúrio rouco:

— Não.

Solto Calithea e me levanto para ir até ele.

— Não precisa ir, se for demais pra você.

— Não vou ficar aqui enquanto você perde nossa casa.

— Estou perdendo território — digo, segurando as mãos dele. — Não estou perdendo minha casa.

Meu amigo pisca algumas vezes para afastar as lágrimas, me puxando para a frente pelas mãos.

— Aonde você for, eu vou também.

A tensão no meu corpo esmorece. Finnian sempre foi mais que um amigo para mim, desde o momento em que me fez rir pela primeira vez. Nossa proximidade nunca se baseou no que eu poderia lhe oferecer. Na maior parte do tempo, acho que ele preferiria que eu não fosse a princesa perdida de Imirath.

— Talvez um dia isso nos leve para um lugar quente. — Ele ri, mas é uma risada carregada de tensão, e me afasto para encará-lo.

— O que foi?

— Sei que não conversamos sobre isso, mas preciso dizer uma coisa. — Ele morde a bochecha, e seu peito se ergue em uma respiração profunda. — Venho pensando bastante desde a noite em que Ailliard nos traiu... lembrando da nossa infância, do jeito

como ele te tratava, o quanto ter você como escudo facilitava as coisas pra mim.

— Finnian, para.

— Lembro que ele gritou com você por ter ficado do meu lado quando eu estava doente, febril. Estava delirando, mas me lembro de você ter implorado por dinheiro pra comprar remédio quando nada mais funcionou; ele falou que era egoísmo seu gastar com uma coisa que só ia servir para uma pessoa. — Finnian engole em seco, pesadamente. — Você saiu, e algumas horas depois voltou com um remédio que eu sabia que não tinha como pagar, tremendo, coberta de sangue e com um machucado no rosto. E nunca me contou o que aconteceu.

— Finnian. — Seguro seus braços com as mãos, forçando as lembranças que estão guardadas no fundo da mente a permanecerem lá, ignorando meu estômago revirado. Em certos pensamentos é melhor não mexer. — Você não pode carregar o peso das escolhas que fiz ao longo de todos esses anos. Não perca o sono com coisas que eu faria de novo se fosse necessário. Não foi por causa da raiva que eu carregava dentro de mim que sobrevivi ao exílio, foi por você.

Ele solta o ar com força e beija minha testa, me puxando para mais um longo abraço antes de perguntar:

— Já decidiu qual dragão vai levar?

Eu suspiro, massageando o peito para tentar aliviar o aperto que sinto.

— Sei que posso confiar em Venatrix para manter todos na linha, menos Sorin. Ele é imprevisível, e nem sei se vai desobedecer minhas ordens e seguir a gente.

Um sorriso familiar surge nos lábios do meu amigo.

— Essa é uma boa qualidade.

Dou um empurrão no ombro dele como resposta. Saskia sai do castelo com seu casaco mais quente e um cachecol enrolado até o queixo. Está com o mesmo broche que Finnian no peito, e puxo minha própria corrente com uma pequena réplica do meu emblema brilhando sob o sol. Combina com os dragões dourados que envolvem os punhos do meu casaco de inverno branco.

— Asena e o mago da água chegaram à entrada principal do castelo e estão sendo

escoltados até aqui por Braxton — avisa Saskia.

Finnian estremece.

— A presença deles é perturbadora.

— Não acho que usem trajes que ocultam o rosto e entoem cânticos na floresta para parecerem convidativos — resmungo, e Finnian me olha feio.

Cayden está conversando com Ryder quando eles vêm até nós, carregados de armas e trajando vestes pretas de inverno que fazem seus corpos musculosos parecerem ainda mais volumosos. Meus dragões começam a acordar quando sentem a aglomeração se formando, e Basilius é o primeiro a decolar.

Cayden solta um suspiro quando para ao meu lado.

— Acho que nunca vamos conseguir fazer o povo de Aestilian entender por que você escolheu se casar comigo.

Eu estreito os olhos.

— Por quê?

— Você é bonita demais. Não tem jeito, as pessoas vão comentar.

— A maioria sabe que você é rico. Isso vai ajudá-los a entender.

As covinhas de Cayden se aprofundam quando ri, e o som é como se o sol estivesse me banhando. Ele me acompanhou até nossos aposentos depois da feira noturna e foi para a varanda, entrando de volta só depois que diminuí a luz dos lampiões e me deitei. Então me disse que tinha assuntos a resolver na taverna e só voltou horas depois. Não me disse que assuntos eram esses, mas a julgar pelos cortes nas juntas das mãos, estava lutando de novo.

Asena aparece na escadaria com Ophir, ambos com trajes pesados que indicam suas lealdades: vermelho para Asena e azul para Ophir. Não tive a chance de perguntar sobre a origem dos dragões quando a vi ontem. Meu foco principal era Aestilian, e o que ela podia fazer para me ajudar. Só os deuses são capazes de conjurar elementos, mas ela pode comandar as chamas quando estão próximas. Ophir tem uma habilidade parecida, mas com água. No entanto, depois de treinar a vida toda, ambos são proficientes em outras capacidades mágicas, que lhes permitem abrir portais. A magia em seu sangue foi

passada de geração em geração, e é mais poderosa que a dos comerciantes da feira, que usam magia para infundir encantamentos em objetos.

Os cachos de Asena descem ao redor dela como um halo quando tira o capuz e faz uma mesura.

— Majestades, permitam-me apresentar Ophir, mago renomado e líder da seita do culto à água.

O cabelo liso cor de ônix adorna o rosto claro, caindo até a faixa de tecido preto amarrado na cintura. A reverência é visível em seus olhos escuros quando se voltam para Cayden, e ele se apoia em um dos joelhos.

— Meu rei.

Nós trocamos um olhar confuso.

— Por que a seita do culto à água veio a Vareveth? — questiona Cayden. — Seja claro. Não temos tempo a perder.

Suas boas maneiras são realmente notáveis. Mas pelo menos esse seu jeito nos poupa tempo.

Magos e seitas costumam circular pelas florestas de Terrwyn e Sweven, para evitar perseguições. Os únicos reinos onde a magia é integrada à cultura são Galakin e Thirwen. Galakin é receptivo à magia do fogo, e muita gente em Thirwen estuda o controle da mente e tem vínculos com animais. Se minha mãe fosse de Thirwen, talvez explicasse meu vínculo com os dragões, mas ela era uma nobre de Imirath, reino que aceita a magia da água. Urasos aceita a do ar e, agora, a da terra, mas a magia é proibida em Feynadra.

Os reinos se limitam a um elemento para estabelecer algum equilíbrio de poder entre si. Séculos atrás, quando a magia em Ravaryn era mais forte, mais magos exerciam suas habilidades sem medo. Embora Galakin tenha reivindicado para si o elemento fogo, ninguém pode desafiar a minha reivindicação, graças ao meu vínculo com os dragões; no entanto, para irritar Imirath, Cayden e eu também revogamos a proibição à magia da água.

— Estou aqui para vê-lo pelo mesmo motivo que Asena procurou a rainha Elowen.

O vento traz mensagens da maré, e sussurrou seu nome. — Troco outro olhar com Cayden; é algo parecido com o que Asena me disse quando me deu o amuleto. — Meu povo e eu viemos de Terrwyn para jurar lealdade a você, o rei abençoado pelo Deus da Água, da Morte e da Lua. Basta ordenar, e o seguiremos à guerra ou à ruína.

— Assim como o culto ao fogo deseja jurar lealdade à rainha abençoada pela Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas — acrescenta Asena. — Essa união estava destinada pelos deuses, e traz equilíbrio a nossos elementos. É divina e abençoada com sangue. Os deuses honram o sacrifício, o fim da linhagem Dasterian pelo nascimento de um poder nunca visto neste mundo.

— As chamas correm nas veias da rainha Elowen, e o sal do mar nas suas — diz Ophir para Cayden. — Vi você matar Eagor Dasterian quando olhei para as ondas, e senti uma mudança no ar quando reivindicou o trono.

A sensação é de uma afirmação tão invasiva quanto a de Asena, quando disse que me viu roubar o amuleto de entre as chamas.

— Como conseguem conviver pacificamente? — questiona Cayden. — Seitas são conhecidas por suas rivalidades, e não vou aceitar as guerras de vocês no meu território.

— Nossas lealdades refletem as alianças que os deuses firmaram uns com os outros. A seita do culto à Deusa das Almas reside nas profundezas da floresta de Etril, mas temos um bom relacionamento com eles também. Não vivem em nenhum dos reinos; são um tanto estranhos.

— Sim, claro. — Só posso imaginar o quanto são estranhos, para *Asena* chamá-los assim. Pigarreio e continuo: — São bem-vindos ao nosso reino, mas não esperem devoção de seus governantes. Seremos justos, mas não cultuamos os deuses como vocês.

— E, se quiserem nos servir, cortem a palma da mão para um juramento de sangue — acrescenta Cayden. É uma aliança mais que séria. Se alguém quebrar um juramento desse tipo, o sangue ferverá lentamente, com a pessoa ainda viva, durante horas. — Não quero ninguém nos traindo no campo de batalha e fugindo para as saias de outro governante porque *o vento* mandou.

— Sim, majestade — respondem Ophir e Asena em uníssono.

Então os dois sacam facas da cintura dos trajes e cortam a mão. O sangue se acumula sobre a pele antes de ser vertido no chão enquanto fazem seus juramentos. Esse ato não é pouca coisa, e o juramento não pode ser quebrado facilmente.

Fico atordoada, então decido deixar as perguntas sobre a Deusa das Chamas e sua relação com os dragões para outro dia. É muita coisa para assimilar em uma só manhã.

— Como vocês vão saber quando abrir o portal para a minha volta a Vareveth?

— Consegue comandar os dragões de uma grande distância? — pergunta Asena.

— Consigo.

Ela assente.

— Vamos construir uma pira na beira do lago. Quando chegar a hora de retornar, comande um dos dragões a acendê-la, agiremos imediatamente. — Os olhos dela se suavizam, o que me faz questionar o quanto sabe sobre dragões e seus ginetes. — Agora vou deixá-los para suas despedidas.

— Obrigada — respondo, esboçando um sorriso que desaparece quando eles se vão.

Não ordeno que os dragões desçam, pois prefiro vê-los voar. São magníficos... extraordinários... Nunca vou entender como alguém pode ser capaz de olhar para eles e decidir trancafiá-los. Dou o comando para Venatrix e Delmira voarem até a fronteira; continuo a rastreá-las enquanto ficam cada vez menores no horizonte, e por um momento finjo que são filhotes de novo, pequenos o bastante para pousarem no meu ombro. Calithea rodeia as torres do castelo, e Basilius mergulha sobre a cachoeira, abrindo as asas sobre Verendus.

Massageio o peito, sentindo um aperto no coração, e me obrigo a ficar calma.

— Sabe o que Ryder estava me contando agora há pouco? — indaga Cayden, e chego a pensar que ele leu minha mente ao me proporcionar uma distração.

— Hum?

— Ao que parece, aos olhos dos deuses, você já seria minha mulher, porque eu matei por você — conta ele. — Se é isso que a pessoa precisa fazer, estou sendo um marido exemplar.

Reviro os olhos.

— Você nem acredita nos deuses.

— O casamento me transformou.

— A redenção não faz parte do seu conjunto de habilidades, e meu nome não é Elowen Veles, então nem comece a desenhar coraçõezinhos em pergaminhos.

As pupilas de Cayden se dilatam quando olha para os meus lábios conforme falo, como se estivesse tentando memorizar o formato. Algo parecido com obsessão surge nas feições dele, e qualquer traço de humor desaparece. Sua mão se inquieta ao lado do corpo, como se quisesse estendê-la e traçar o contorno da minha boca. Cayden sempre agiu assim, mesmo antes do noivado, como se eu fosse sua e ele estivesse disposto a matar qualquer um que tentasse me tirar dele.

— Porra, como esse nome soa bem.

— Mas nem por isso é verdade.

Seus olhos se voltam para a minha pulsação acelerada.

— *Prometida* é uma palavra desnecessariamente longa.

— O meu nome também, e você não se incomoda em dizê-lo.

— É porque gosto da sensação dele na boca, Elowen.

Sinto o calor e o desejo se intensificarem dentro de mim quanto mais ele me olha. Se ao menos a vontade que sinto dele tivesse diminuído com o tempo que passamos na hospedaria, seria bem mais fácil manter distância.

— Não me olha desse jeito — murmura ele, chegando mais perto, ainda sem me tocar. — Assim eu levo você lá pra cima e não saio mais por vários dias.

— Eu... — Sacudo a cabeça. — Continuo chateada com você.

— Posso me ajoelhar se quiser um pedido de desculpas. Quando eu terminar você já estará me adorando novamente.

Ai, deuses.

Sorin me salva com um guincho, mas a pulsação latejando no meio das minhas pernas não para nem quando viro as costas para Cayden. *Bom menino*, comunico através do vínculo, mas então vejo por que ele gritou. Asena e Ophir estão de mãos dadas e cabeça abaixada, e o ar se divide em dois quando uma fenda repleta de fios roxos e

pretos surge. Nunca vi nada assim — é como uma névoa colorida encapsulada.

Calithea e Basilius gritam quando nos aproximamos do portal, e detenho o passo, mas Cayden está aqui, com a mão nas minhas costas, me impelindo a seguir em frente. Eles não param de guinchar, por mais que eu tente acalmá-los através do vínculo, e Venatrix e Delmira fazem o mesmo, à distância.

Meus olhos se enchem de lágrimas, mas não as deixo escorrer por meu rosto. *Eu volto logo, amorzinhos.*

Os dragões guincham sem parar, e não há nada que eu possa fazer a essa altura. Estou de mãos atadas, impotente, presa a um dever que Ailliard colocou sobre meus ombros desde pequena.

— Continua andando, querida — murmura Cayden, passando um braço por minha cintura.

Assinto, incapaz de formar palavras em meio à culpa sufocante. Ele me olha como se desejasse tirar toda a minha dor e tomá-la para si, querendo me libertar dessa agonia.

Sorin mergulha no portal, e nós fazemos o mesmo. A sensação é de que milhares de penas minúsculas roçam minha pele e desaparecem da mesma forma súbita como surgiram. Minhas botas amassam a neve ruidosamente, e o ar da montanha me atinge. Árvores cobertas de gelo e neve intocada se estendem por quilômetros, e rios e cascatas congeladas fazem o lugar parecer um reino encantado.

Sorin aterrissa ao nosso lado e grita como se estivesse com dor. Tiro duas adagas das bainhas das coxas e corro até ele... mas não há nenhuma ameaça. As garras deixam grandes sulcos na neve quando ele anda, e sua cabeça balança de um lado para o outro antes de se inclinar para trás e rugir.

— Sorin. — Embainho as lâminas e passo a mão em sua perna. — Está tudo bem. Você vai voltar para junto dos outros em breve.

— Acho que não é isso — comenta Saskia quando Sorin crava as garras na terra ao meu redor. — Estamos em território sagrado. As criaturas sentem coisas que não somos capazes de perceber.

— Mas já andaram em território sagrado antes — respondo. — Ficaram bem depois

que Cayden e eu os soltamos.

— Eles estavam saindo do confinamento. — Cayden embainha a espada. — Qualquer coisa é melhor que uma jaula.

Assinto, pois sei bem o quanto isso é verdade.

— Vamos fazer essa incursão o mais rápido possível, mas preciso procurar Nyrinn primeiro. É lá que Lycus vai estar.

Passo a mão pelas escamas de Sorin antes que ele decole e lidero nosso pequeno batalhão para longe do paredão de névoa à distância, que mantém o reino escondido, voltando-me para Aestilian pela última vez.

CAPÍTULO
DOZE

Cayden

Além da floresta, há um vilarejo feito de chalés construídos ao redor de rios congelados e estradas sinuosas de terra. A fumaça sobe pelas chaminés e a luz das velas brilha através das janelas adornadas com venezianas coloridas. As montanhas se elevam ao nosso redor, e uma cascata se derrama do alto de um dos penhascos escarpados à distância.

— Deuses — murmura Saskia, com as botas estalando na neve ao meu lado. — Que lugar lindo.

Não digo nada, não rejeito nem concordo, só continuo observando a parte de trás da cabeça de Elowen, afastando o olhar apenas para observar os arredores. É um lugar charmoso, claro, mas nunca vou me esquecer do que Elowen me falou sobre o fardo em seus ombros. Meu objetivo aqui é tornar a *vida dela* mais fácil, não a dessas pessoas.

Ela é o único motivo para eu estar aqui, não o fato de ser o certo a se fazer. A moralidade me mataria se eu a levasse tão a sério assim.

Lembranças são inúteis, a não ser para alimentar minha raiva, mas quando vejo uma mãe e um filho bebendo de suas canecas, enrolados em cobertores enquanto assistem ao nascer do sol, é impossível não pensar na minha mãe. Como sua vida teria sido se ela tivesse largado meu pai? Se tivéssemos encontrado um lugar como este? Ainda consigo ouvir os gritos, ela sufocando com o próprio sangue. Um amargor poderoso, capaz de

estragar até a fruta mais doce, me embrulha o estômago.

Meu luto por ela durou mais que o tempo que passamos juntos. Meu pai nem se deu ao trabalho de enterrá-la; até onde sei, pode ter sido cremada, deixada em uma cova não identificada pelos moradores do vilarejo ou então ter sido largada para os bichos comerem.

Eu nunca me sentiria em casa em um lugar assim. Desde o momento em que aquele soldado de Imirath abriu um talho na minha cara, uma raiva intensa arde dentro de mim, e só cresce a cada dia. Às vezes sinto que estou neste mundo, mas não faço parte dele. Fui forjado pelo ódio e lapidado com a violência. Sobrevivi a todos que tentaram me matar e, apesar de ter sacrificado partes de mim mesmo para alcançar essas vitórias, só por cima do meu cadáver permitirei que um inimigo meu escape com vida.

Ser abençoado pelo Deus da Morte é uma ideia risível. Não há lugar para deuses na minha vida. Nunca houve.

— Cayden. — Saskia baixa o tom de voz, diminuindo o passo para manter a conversa em particular. — Depois que Elowen resolver essa questão de Aestilian, vamos precisar discutir a sucessão em Imirath.

Cerro os dentes, me lembrando de quando Elowen me disse que nunca quis uma posição permanente em Imirath. Me apaixonar por ela não estava nos planos. A ideia era executar minha vingança: matar Garrick, assinar um tratado e não me envolver mais, só que agora isso é impossível.

— Vou falar com ela quando voltarmos.

— Garrick não tinha outros filhos? Nem bastardos? — questiona ela, e se sua preocupação não fosse tão evidente eu a deixaria falando sozinha.

— Um bastardo nunca vai superar uma filha legítima numa reivindicação ao trono — respondo. — E não, ele não tem.

De canto de olho, vejo Saskia enfiar as mãos nos bolsos do casaco.

— Vou tentar descobrir o que está sendo discutido em Imirath. Pelo menos assim Elowen vai ter mais informações antes de tomar uma decisão.

Ryder faz um gesto para Saskia se aproximar, e Finnian a conduz junto de meus

soldados para o que imagino que seja a casa da guarda. Meus passos logo eliminam a distância entre mim e Elowen, e dou o braço para ela, para que não escorregue em trechos congelados. Ignoro as pessoas espiando pelas janelas para nos ver, algumas inclusive abrindo as portas e celebrando o retorno de sua rainha.

Elowen segura firme no meu braço, me olhando com um sorriso que poderia ser o de quem leva o amado para conhecer sua casa.

— Sorria, demônio. Foi você que enfiou a gente nesta encrenca, então cumpra seu papel.

— Eu quase não sorria antes do nosso noivado, e isso não impediu ninguém de acreditar que sou apaixonado por você.

Olho para ela, que se encolhe, mas sua expressão continua a mesma.

— Meu povo não se deixa enganar assim tão facilmente.

Seguro seu queixo com a mão livre.

— Se quiser um beijo, é só pedir.

A vermelhidão sobe por seu pescoço quando ela olha para os meus lábios.

— Não seja presunçoso.

— Só estou dando uma sugestão para fortalecer nossa imagem. — Ela me dá uma encarada antes de se virar e bater na porta diante da qual paramos. — Sabia que ganho o dia quando vejo a irritação estampar tão claramente esse seu rostinho lindo?

Ela me ignora enquanto a porta se abre, e o cheiro de alecrim, milefólio e chá quente se derrama pelos degraus da frente. Uma calorosa mulher de pele marrom-quente e cabelo preto até os ombros dá um grito e puxa minha prometida para um abraço. Elowen fica tensa de início, mas logo se derrete no rápido abraço antes de ser colocada para dentro. Dou outra olhada ligeira ao redor antes de fechar a porta atrás de mim.

— Minha menina — diz Nyrinn, em um tom quase maternal. — Eu sabia que você voltaria.

Elowen passa os dedos por uma das vigas que sustentam o telhado.

— Esta está sendo nossa primeira parada.

Nyrinn se volta para a porta quando vê que há mais uma pessoa presente, e mantém o queixo erguido quando faz uma mesura.

— Perdão, majestade. Imaginei que fosse um guarda.

— Dispenso as formalidades, e sou, sim, guarda-costas de Elowen. — Estendo a mão, apesar de nunca fazer isso quando conheço alguém. — Cayden.

Ela me cumprimenta com uma mão calejada e bem menor que a minha.

— Nyrinn. Se nunca tiver ouvido falar de mim, vou ficar ofendidíssima.

Forço um meio-sorriso.

— Os ensinamentos que passou para Elowen me ajudaram em várias ocasiões, e ela sempre falou muito bem de você.

Nyrinn parece satisfeita com a resposta e se volta de novo para Elowen.

— Os comandantes e reis costumam ser guarda-costas de suas mulheres ou você ainda está determinada a encontrar a morte antes da hora?

— Não estou determinada a morrer. — Elowen revira os olhos, encarando a mulher com o afeto de que sinto tanta falta. As memórias capturam minha mente, me deixando com uma saudade que nunca senti. Lamento a perda de sua risada, da suavidade do seu olhar ao me ver e da maneira como se aconchegava ao meu corpo porque se sentia segura nos meus braços. — Cayden está determinado a me manter viva. É diferente.

— Homem esperto — resmunga ela, com os olhos escuros passando de um para o outro. — Mas pelo visto omitiu alguns detalhes da carta de algumas semanas atrás.

— Não consigo me lembrar de nada digno de nota. — Elowen bate palmas. — Onde está Lycus? Imagino que esteja num dos quartos de hóspedes, certo?

Nyrinn puxa uma cadeira à mesa, e uma expressão de lamento toma seu rosto quando gesticula para Elowen sentar-se ao seu lado. Ela hesita por um breve momento, mas assente. Seus dedos seguram o pingente de pedra da lua na corrente de ouro, e murmura palavras que já sei de antemão:

— Ele morreu, não é?

— Os ferimentos causados pelos guardas foram profundos. O estrago foi grande demais, assim como a perda de sangue. O máximo que consegui foi proporcionar algum

conforto para ele. — Nyrinn balança a cabeça. — Mas Lycus queria que eu transmitisse suas últimas palavras pra você: "É uma honra morrer pela Rainha dos Dragões".

Elowen solta o colar, apoia os cotovelos na mesa e segura a cabeça entre as mãos. Eu me afasto da parede e ajoelho ao seu lado, puxando a cadeira para obrigá-la a olhar para mim.

— O sangue dele não está nas suas mãos. Ele cumpriu o dever como um soldado leal e se opôs aos responsáveis pela traição. Você já executou os culpados.

Elowen esfrega os braços como se estivesse tentando limpar uma sujeira invisível da pele.

— Ele não deveria ter tentado resistir.

— A lealdade e a traição são duas velhas amigas. Uma não existe sem a outra, e não saberíamos o valor de uma sem a presença da outra — respondo. — Mortes em tempo de guerra são inevitáveis, mas vamos honrar o sacrifício dele derrotando o inimigo.

Elowen crava os dentes no lábio inferior, e os olhos atormentados se fixam nos meus. Sei que é difícil para ela aceitar algum consolo, mas isso não me impede de tentar. Às vezes acho que assimila e internaliza o sofrimento ao seu redor para que, quando procurar um culpado, sempre seja ela mesma.

— Quando é o funeral? — pergunta Elowen.

— Hoje — responde Nyrinn. — Depois que as notícias sobre Ailliard chegaram, e após o motim dos guardas, sabíamos que você voltaria. Não parecia certo cremar o corpo sem sua presença. Também desconfiamos que você tenha um plano para lidar com a situação.

— Tenho, sim. — Elowen respira fundo, se virando para Nyrinn enquanto fico em pé e ponho a mão sobre seu ombro. — Aestilian deve ser evacuada para a segurança das pessoas. Como rainha de Vareveth, ofereço refúgio a quem estiver disposto a fazer a viagem. Ofereceremos moradia, assim como uma verba para quem precisar de ajuda para se reerguer no novo reino.

Nyrinn olha ao redor da loja, se levanta da cadeira e passa os dedos pelos frascos de vidro nas prateleiras, pelos maços de flores pendurados no teto, sem pressa, enquanto

Elowen aperta a cadeira até os nós dos dedos ficarem pálidos.

— Por favor, não fique aqui, Nyrinn. Não é seguro. Cayden me presenteou com uma loja para curas, e você será mais que bem-vinda para usá-la.

— Ele te presenteou, é? — A mulher se vira para nós, a curiosidade faiscando nos olhos quando percebe que estou com as mãos nos ombros de Elowen. — Isso parece bem mais generoso do que os boatos que tenho ouvido sobre ele.

— Os boatos estão certos — afirmo.

Nyrinn solta um risinho de deboche e abre a tampa de um baú vazio, encostado na parede. Ela segura as alças laterais, abaixa a cabeça e respira fundo.

— Me informe sobre o estoque da loja e comece a separar tudo o que estiver faltando lá.

* * *

Mais pessoas do que eu julgava possível preenchem o lugar a que Elowen se referiu como Campo do Luto. Lycus repousa sobre uma grande pira funerária, com a espada entre as mãos acinzentadas. O traje de couro marrom que está usando combina com o cabelo cuidadosamente trançado.

— Não sei muita coisa sobre a vida após a morte — murmura Elowen. — Era Ailliard quem fazia os discursos nos funerais.

— Eu sei um pouco.

— Tem algo que eu possa dizer para ele como uma última bênção?

A lembrança chega como um soco: mãos cobertas de terra e sangue desenterrando algo do passado enquanto barras de metal pressionam minhas costas. Não repeti essas palavras desde então; nunca tive motivo.

— Que sua alma atravesse o rio e encontre paz.

Dizem que existem muitas camadas no inferno, e quanto mais perto do topo você estiver, melhor foi em vida, mas há rios por todo o caminho. A alma só pode descansar depois de aceitar a morte e a travessia. Alguns reencarnam, se o Deus da Morte achar

que merecem outra chance para se provar, mas ele é notoriamente implacável. Vou ter que dar um jeito de escalar as montanhas do submundo após a morte, porque Elowen com certeza estará no alto. Mas, custe o que custar, minha alma condenada vai encontrar um caminho até a dela.

Elowen seca uma lágrima solitária do rosto e aperta as mãos de Lycus.

— Que sua alma atravesse o rio e encontre paz, Lycus.

Ela segura meu braço com mais força quando voltamos para onde estão Finnian, Saskia e Ryder. Sorin pousa ao lado da pira, fazendo com que vários pais puxem os filhos mais para perto. Os olhos de Elowen brilham em um tom de dourado por um momento, e o calor das chamas de Sorin atinge meu rosto com força quando a pira é acesa.

— Você aprendeu isso nos livros? — pergunta Elowen.

— Não. — Pigarreio. — Minha mãe me contava histórias enquanto tricotava cobertores no inverno.

Elowen se aproxima de mim.

— Qual era o nome dela?

Engulo em seco.

— Asterin.

— Que bonito — sussurra Elowen.

— Os cobertores não eram — murmuro, tentando lhe proporcionar uma distração, como ela fez tantas vezes comigo. — Ela nunca aprendeu a tricotar direito. As damas da corte treinavam pontos com agulha. Os cobertores dela sempre saíam deformados e cheios de buracos, mas eram as coisas mais quentes que já tive na vida. Se pudesse ter salvado algo do incêndio, teria sido um deles.

— Fico feliz de saber o quanto ela o amava. — Elowen coloca a mão enluvada de sobre a minha, o primeiro gesto de afeto desde o noivado que reconheço como genuíno. — Vamos vingar a morte dela, Cayden.

Passo o polegar sobre seus dedos, mas me interrompo quando Finnian se aproxima. Os ombros estreitos dele enrijecem quando se vira para os presentes, e as chamas às suas

costas refletem seu olhar determinado.

— O que ele está fazendo? — pergunta Ryder.

— Não sei — responde Elowen. — Ele nunca discursou num funeral antes.

— Eu cheguei em Aestilian ainda criança... órfão e sozinho — começa Finnian, e sua voz ecoa pelo vale. — Minha família vivia num território sagrado, e eu nunca soube muita coisa sobre reis e rainhas, nunca entendi por que tanta gente dava a vida por eles nas histórias. Isso foi antes de conhecer uma rainha não muito mais velha que eu: Elowen Atarah.

Sua mão aperta a minha enquanto Finnian continua a falar.

— Lycus se voltou contra aqueles que a traíram, e por isso sua alma vai encontrar paz após a morte. Ele era um soldado corajoso e leal, em quem todos nós podemos nos espelhar. Não deixem que o sacrifício dele seja em vão. Elowen é a única rainha que vou ter na vida. É a governante que escolhi seguir até o dia em que os deuses levarem minha alma. Ela lutou por nós desde criança, e agora é nossa vez de retribuir o favor. Elowen está indo à guerra contra o próprio pai, e devemos segui-la. Se Lycus pôde erguer a espada em seu nome contra seus amigos, nós podemos erguer as nossas contra os inimigos. Quantos governantes criaram um reino no exílio? Quantas pessoas não só trouxeram dragões ao mundo como montaram neles?

As espadas são desembainhadas e erguidas no ar, e a multidão fica mais ruidosa. Finnian fala em um tom que nunca ouvi antes. Exige atenção e impõe respeito. Sorin mostra os dentes e rosna quando Elowen vai até o amigo. Não escuto o que dizem por causa dos gritos, mas o amor entre ambos fica evidente em seus olhos. Ela não está de coroa, mas qualquer um que a olhasse saberia que se trata de uma rainha, pela forma como se porta.

— Vamos lutar por nossa rainha! — Finnian saca a espada e a levanta acima da cabeça. — A Rainha dos Dragões!

— A Rainha dos Dragões! — repete a multidão uma, duas vezes, até virar um coro e um mar de espadas erguidas, brilhando sob o sol quando todos os presentes se ajoelham.

A Rainha dos Dragões.

Não a rainha de Aestilian. Não a rainha de Vareveth. Uma rainha que o povo seguirá para onde quer que seja, qualquer que seja o fim, para a guerra e além.

CAPÍTULO

TREZE

Elowen

Quando chegamos à minha antiga casa, a lua já tomou o lugar do sol. O dia foi dominado pelos preparativos de evacuação. Saskia e eu assumimos a tarefa de designar as habitações, enquanto Cayden, Ryder, Finnian e os soldados que nos acompanham começavam a carregar baús e caixotes para as carroças.

A governanta que cuidava da propriedade acendeu os lampiões e as lareiras quando soube que eu estava de volta. Pensei que fosse me sentir confortável aqui, mas é estranho ver um lugar que já chamei de casa e perceber que não é mais. Deslizo os dedos pela madeira áspera conforme levanto o trinco, mas o rangido do portão não me faz mais relaxar os ombros quando o som alcança meus ouvidos. Não encontro consolo enquanto percorro o caminho que leva à porta verde descascada que pintei vários verões atrás.

Aestilian continuou parada no tempo. Quem mudou fui eu. Respiro fundo ao virar a maçaneta, mas o desconforto dentro de mim só cresce enquanto vou até o fogo que arde na lareira, sabendo que, em algum momento do passado, entrei aqui como uma pessoa diferente. Uma rainha sem exército, uma ginete sem dragões, uma mulher tentando manter unido um reino que se despedaçava. Largo o casaco sobre os outros empilhados no sofá e me sento ao lado de Saskia à mesa, com a presença dos meus companheiros aplacando a solidão que antes habitava este lugar.

— Por favor, me digam que têm outra coisa além de cerveja — murmura Saskia, contrariada.

— É mesmo triste você ter que me perguntar isso.

Abro um sorriso, estendo a mão para o armário atrás de mim e pego uma garrafa de vinho.

— Você precisa continuar bebendo cerveja para pegar gosto pela coisa — instrui Ryder, dando uma bela garfada em sua torta de panela, de alguma forma fazendo com que a carne, as batatas, as ervilhas e o molho não pareçam nada apetitosos.

Cayden revira os olhos.

— Será que você poderia evitar expor a comida que está *dentro* da sua boca? — reclama ele.

— Podemos dar um gole toda vez que eles se bicarem — murmuro para Saskia e Finnian.

Finnian me dá um aperto de mão sob a mesa, mas Saskia empalidece.

— Você quer morrer, é?

Dou risada, escondendo a boca no cálice, enquanto Ryder olha feio para Cayden.

— Você já viu entranhas caindo para fora do corpo de um homem, mas tem nojinho de comida?

Finnian dá um soco na mesa, fazendo balançar os pratos e os talheres.

— Nada de mencionar entranhas à mesa.

— Desde quando virei o inimigo? — grita Ryder, incrédulo.

— Mudança de planos — digo.

Eu me levanto da mesa, deixando a brincadeira com a bebida para lá. Pego o prato e o cálice e passo a garrafa para Saskia pelo gargalo, para não precisar vir buscar mais vinho. Nós nos acomodamos no sofá, brindando com as taças e enchendo-as de novo.

A cozinha, a sala de visitas e a sala de jantar são conectadas, então, apesar de termos nos afastados dos homens, não vamos muito longe, e decerto não podemos desfrutar do silêncio. A cadeira de Ryder se arrasta ruidosamente quando se levanta da mesa e se senta no chão diante de nós com seu jantar.

— Pode manter a bebida rolando, queridinha.

Olho bem para ele enquanto bebo direto da garrafa. Finnian vem se sentar ao meu lado, e Cayden fica com a poltrona mais próxima da lareira.

— Soltei algumas cabras no campo para Sorin — avisa Cayden.

— Mas elas são tão lindinhas — resmunga Finnian, e dou um tapinha no seu ombro.

— Você pode tentar colocá-las de volta no curral com um dragão no seu encalço por interferir na caçada. — Cayden nem se dá ao trabalho de tirar os olhos da própria comida enquanto aponta para a janela. — Nós podemos ficar assistindo.

— E aí você vai correndo salvar a pele dele assim que Elowen começar a gritar — ironiza Ryder, e Cayden dá um tapa na cabeça dele, o que faz os dois caírem na gargalhada, acompanhados por nós.

A vida é feita de uma série de momentos, e pode mudar num piscar de olhos. Nunca soube o que o amanhã, ou mesmo a próxima hora, me reservava: morte, tragédia ou algo completamente diferente. Mas, nos piores dias, às vezes são as pessoas com quem estou que fazem com que eu me sinta melhor.

— Vou mostrar os quartos de vocês — digo quando a cerveja e o vinho acabam e o cansaço pesa para todos nós, conduzindo-os pelo longo corredor ladeado por vários cômodos. O carpete gasto que um dia foi vermelho-vivo agora é de um cor-de-rosa desbotado, provavelmente por efeito do sol e das solas das botas. — Tem mais cobertores no armário e lenha extra ao lado das lareiras.

Ryder esfrega a barriga ao entrar em seu quarto, e Saskia fica com o aposento ao lado. As acomodações são simples, só uma cama e uma cômoda, mas suficientes. Finnian abre a porta do seu quarto e suspira.

— Eu não senti falta desse colchão encaroçado.

— Você dorme feito uma pedra, e com certeza as tábuas do assoalho vão começar a vibrar daqui a um pouquinho com seus roncos.

— Eu não ronco tão alto assim. — Ele dá uma risadinha, mas logo se cala quando não respondo, e meu sorriso cresce em meio ao silêncio. — Ellie. — Meu apelido de infância vem impregnado de traição. — Como você nunca me contou?

— É reconfortante. — Dou de ombros, fingindo inocência. — É como dormir perto de um ursão.

Ele me olha como se eu tivesse perdido a capacidade de articular um pensamento coerente, e puxo Cayden para o meu quarto, rindo sozinha quando fecho a porta.

— A cama é bem menor do que você está acostumado, e seus pés vão ficar pendurados para fora, mas...

— Tudo bem.

Ele tira a espada da cintura e senta antes de olhar ao redor do quarto, observando as pilhas de livros, a cadeira e as pequenas pinturas nos cantos das paredes, que eu fazia quando estava entediada. Minhas poucas joias estão em uma tigela na mesinha de cabeceira, toda respingada de cera das noites que passei lendo à luz de velas.

— O primeiro lugar que consegui alugar para morar era uma despensa infestada de ratos — comenta ele.

Faço uma careta.

— Tinha uma janela, pelo menos?

— Sim, mas não era muita vantagem, a não ser que tivesse interesse em sentir o cheiro da imundície da rua ou em ouvir os bêbados gritando.

— Quantos anos você tinha?

Ele franze a testa enquanto faz as contas, e ponho as mãos na cintura para resistir ao impulso de desmanchar sua careta.

— Uns 15. — Sinto o estômago revirar. — Não faz essa cara.

— É a única que eu tenho.

Desvio o rosto e me aproximo da pilha de livros, passando os dedos pelas lombadas como se cumprimentasse velhos amigos.

— Vamos dormir na mesma cama?

Olho por cima do ombro enquanto desfaço a trança que Hyacinth fez de manhã, massageando o couro cabeludo.

— Por que não?

— Não tem criados aqui — comenta ele. — Não era por isso que você queria que eu

dormisse na sua cama em Vareveth? Para evitar rumores caso uma criada entrasse e me visse dormindo no chão?

— Ah, é verdade — respondo, me pondo em pé, então jogo o cabelo para trás e junto as mãos. Minha cama aqui é bem menor, então vai ser impossível dormirmos juntos sem nos tocar. — Vou te levar para um outro quarto.

— Você não me entendeu. — Ele entra na minha frente e me segura pelo pulso antes que eu gire a maçaneta de latão. — Vou ficar aqui mesmo. A casa não está protegida, estamos em território estrangeiro e, apesar de os inimigos estarem a quilômetros daqui, ainda estamos em guerra. Não vou arriscar sua segurança. Posso dormir no chão, se isso deixá-la mais à vontade.

Ele está muito perto de mim, me encarando com olhos que me fazem sentir que parei diante de uma fogueira depois de atravessar uma tempestade.

— E-eu não vou fazer você dormir no chão.

Ele me atrai como se eu fosse uma viajante exausta desesperada por algum conforto, mas ainda estou presa na neve. A voz de Ailliard ecoa sem parar na minha mente, me fazendo querer tapar os ouvidos e gritar. Já encarei coisas apavorantes na vida, mas a ideia de que alguém possa me amar por todos os anos que me restam e o medo que isso gera são coisas com as quais não sei lidar.

Baixo os olhos e desvencilho meu pulso do seu toque.

— El...

— Você me dá um minutinho? Gostaria de ficar sozinha.

Essa mentira me provoca um gosto amargo na boca. Cayden está bem na minha frente, mas estou sentindo *falta* dele. Sinto falta de contornar suas cicatrizes com os dedos e a boca. Sinto falta da sensação de estar à vontade em seus braços. Nada aconteceu do jeito que eu queria, mas o desejo mesmo assim.

Cayden tem um poder sobre mim como ninguém mais, e detesto sentir que estou criando uma barreira para a minha própria felicidade. No entanto, continuo empilhando uma pedra em cima da outra, dizendo a mim mesma que isso que me machuca hoje nunca mais vai poder me ferir.

Ninguém é capaz de amar uma criatura assim tão vil.

Ele me olha por um longo momento, e o silêncio entre nós me sufoca. Envolve minha garganta como uma fita, com a covardia e a dor se entrelaçando para formar um laço. Cayden pega a espada de volta e sai do quarto, as botas batendo com força no piso rangente de madeira. Ouço a porta da frente da casa bater e colo a testa à parede, massageando a dor no meu peito.

Não posso ficar parada aqui, vou acabar enlouquecendo. O coração de Ailliard pulsa nas paredes, me tentando a ir atrás da fonte daquilo que está atormentando minha mente desde que Jarek me contou onde os documentos de absolvição estavam escondidos. Cravo as unhas nas palmas das mãos e saio para o corredor. Uma parte de mim não queria voltar aqui, por saber que isso seria inevitável.

O luar banha o cômodo com luminosidade suficiente para ser possível enxergar, e sinto o cheiro da poeira que flutua entre os raios prateados. Seguro o pingente na corrente enquanto avanço mais alguns passos, observando os arredores de um lugar tão familiar, mas ao mesmo tempo estranho. Eu não conhecia de verdade o homem que ocupava este quarto, apesar de morarmos sob o mesmo teto.

Meus joelhos batem com força no chão quando caio, atordoada, e levanto a tampa do baú ao pé da cama. Várias túnicas dobradas estão guardadas em duas pilhas simétricas, e parece que estou me vendo de fora do corpo quando pego uma delas e a trago para junto do peito. Cravo os dentes no lábio inferior até sentir o gosto de sangue, jogando a túnica de volta no baú e batendo a tampa com força.

O corte na minha coxa já está curado, mas a cicatriz ainda recente lateja quando me lembro de Ailliard enfiando as unhas na ferida. Ele guardava tanta maldade e tanto ódio dentro de si, e aqui estou eu, abraçando sua túnica.

Sinto o sangue gelar quando fico em pé e contorno a cômoda um tanto mal posicionada no quarto. Pressiono as tábuas do assoalho com as mãos até uma delas se soltar. Respiro fundo antes de levantá-la, e a deixo escorregar desajeitadamente por meus dedos sem força.

Meu estômago revira, e me obrigo a virar a cabeça para o outro lado, fechando os

olhos com força, como se isso pudesse apagar a imagem marcada a fogo na minha mente. *Por quê?* Por que ele me traiu? Quando se arrependeu de fugir comigo? Quando decidiu que se importava menos comigo do que com um rei que o queria morto?

As lágrimas molham a madeira ao meu redor como no começo de uma tempestade, e nem me dou ao trabalho de secá-las do rosto enquanto passo os dedos sobre as fitas que usava no cabelo quando criança. Eu nunca ia a lugar nenhum sem algo colorido entrelaçado em minhas tranças. Ailliard sabia disso, e toda vez que saía para uma incursão me trazia uma cor nova.

Um soluço me sacode ao folhear as velhas páginas de um manual de jardinagem que ele usou para me ensinar a ler. Cada centímetro do meu corpo treme tanto que não consigo nem decifrar as palavras, então o deixo de lado e pego o primeiro vestido que meu tio me deu, lavanda e branco. Eu o usava quase o tempo todo, até ficar pequeno demais. Jogo tudo no chão, pressionando os olhos com as mãos abertas, como se isso fosse estancar as lágrimas, mas elas continuam jorrando em ondas violentas.

A respiração se acelera e minha visão começa a ficar turva. Tento me acalmar, não sucumbir às emoções, mas elas tomam conta de mim e me arrastam para profundezas sombrias. Sinto que não vou conseguir escapar se me tiverem em suas garras. Levo a mão ao pescoço, tentando remover uma amarração invisível, mas não adianta. Frustrada comigo mesma, junto meus pertences sobre o vestido e enrolo tudo.

Não posso mais ficar aqui.

Pisando duro, vou para os fundos da casa e escancaro a porta, atirando minha infância no pátio antes de dar meia-volta. Pego tudo o que me faz lembrar de Ailliard: roupas, cobertores, botas, a caneca que ele sempre usava, as adagas que comprei depois de economizar durante meses e a cadeira em que se sentava à mesa de jantar.

Só me detenho quando meu peito está ofegante por conta do esforço, não mais pela ansiedade.

— Sorin! — Minha voz sai como um sussurro, mas a visão das escamas verde-esmeralda me consola. — Queime tudo.

As chamas envolvem toda a pilha, mas não é o fogo que destrói as lembranças do

passado, é o presente.

CAPÍTULO
CATORZE

Cayden

Passo a pedra de amolar pela espada enquanto a neve rodopia ao meu redor, não me dando ao trabalho de erguer o olhar quando várias pessoas na estrada param para olhar e depois rapidamente retomam o passo, dedicando-se aos preparativos de última hora que precisam concluir antes de partirem. Estou contando os segundos para irmos embora. Minha paciência está por um fio esfarrapado, e o mau humor cresce como uma nuvem carregada sobre minha cabeça.

Não consegui ir além da varanda da frente. Apesar de querer uma distração, proteger Elowen é meu dever. Fiz um juramento para ela quando selamos nosso acordo, e não pretendo descumprir minha palavra. A violência moldou minha vida mesmo nos momentos mais tranquilos, e estou sempre pronto para que ela dê as caras. Foi o povo de Vareveth que inventou o termo *demônio de Ravaryn*, mas às vezes acho que fui mesmo possuído quando menino e que ele está aos poucos devorando minha alma. Meu nome é pronunciado com medo, envolto em sombras e encharcado de sangue.

Alguém contorna a lateral da casa, as botas esmagando a neve conforme o soldado da patrulha acelera o passo. Largo a pedra de amolar e volto toda a minha atenção para o que está acontecendo.

— Senhor, é a rainha. Ela...

Agarro o cabo da espada e corro para os fundos da casa, e imediatamente vejo as

evidências de seu sofrimento. As cinzas cobrem o chão castigado pelo inverno, e faíscas se elevam bem acima das chamas.

— Nenhum soldado tem permissão para vir aqui até eu levar a rainha de volta para dentro! — ordeno aos berros por cima do ombro.

As pegadas seguem até um lago coberto de gelo e margeado por montanhas escarpadas. A única imperfeição na superfície, que de resto está imaculada, é a fenda sob a cascata que jorra sobre as rochas pretas.

Elowen caminha de um lado para o outro na margem, abraçando a si mesma como se estivesse sedenta por algum tipo de conforto. Fico me perguntando quantas vezes não desmoronou sozinha, em silêncio e se abraçando, desejando ter alguém ao seu lado para confortá-la. Puta que pariu, ela não está nem de casaco, e quanto mais me aproximo, mais evidente é o fato de que está tremendo. Os dragões bordados em dourado nas mangas largas da túnica azul cintilam conforme se move. Está aberta na frente, revelando as pernas carregadas de facas e um desenho mais delicado que desce pelas coxas. Sorin não está muito distante, farfalhando as asas e batendo as patas no chão enquanto a observa.

Já removi meu casaco do corpo quando a alcanço, e ela levanta a cabeça quando a envolvo com o tecido.

— O que aconteceu? Por que está chorando?

Um rosnado feroz escapa de seus lábios quando arranca o casaco e o atira em meu peito.

— Não quero você aqui.

Elowen não tem dormido direito. Mal tem se alimentado. Está perdida nos próprios pensamentos a maior parte de tempo, e preciso tirá-la desse ciclo. Seguro o casaco, impedindo que caia na neve porque preciso fazer com que o vista de qualquer jeito. Elowen cobre a boca e arregala os olhos de medo quando os volta de novo para a casa.

— Ninguém mais vai te ouvir, só eu. Te dei espaço quando pediu, mas já chega disso, claramente não está funcionando.

— Você não tem o direito de me magoar e depois querer ter acesso a cada um dos meus pensamentos.

Ela seca algumas lágrimas com um gesto raivoso.

— Se não conversar comigo, não tenho como resolver nada.

— Conversar com você? — Ela solta uma risada estridente. — A comunicação foi a única coisa que te pedi, deixei bem claro o quanto isso era importante, e acabei emboscada numa sala cheia de inimigos. Então não aja como se a culpa fosse minha. — A respiração dela sai em lufadas de vapor pelos lábios, curta e acelerada. — Já parou para pensar que talvez eu tenha pedido mais espaço porque dói olhar pra você? — Sinto como se relâmpagos varassem meu peito, e fica difícil respirar, mas não deixo isso transparecer. — O que você sempre quis foi poder, e eu não vou ser usada como um peão no seu tabuleiro para que o consiga.

— É por isso que fiz de você a minha rainha.

Dou um passo à frente, forçando seus braços pelas mangas do casaco enquanto ela se debate contra mim.

— Não tira — peço com um grunhido baixo antes de soltá-la. Ela pode brigar comigo o quanto quiser, até o sol raiar, desde que esteja agasalhada. Em qualquer outro momento, acharia engraçado o quanto o casaco fica grande nela, mas agora imagino que Elowen me caparia ao sinal do mais leve sorriso. — A voz na sua cabeça dizendo que usei a ideia do casamento porque quero ser rei mais do que quero você não é a minha.

Ela se encolhe, abraçando o próprio corpo com força.

— Não fale sobre Ailliard.

— Eu não toquei no nome dele, querida. — Ela sacode a cabeça de novo, e me pergunto se Ailliard está presente aqui neste momento. Nunca vou entender como alguém que adoro tanto pode ter uma visão tão negativa a respeito de si mesma. — Já estive em situações muito piores na vida, então, sim, assumi o papel de rei e farei o que for necessário. Nasci quase sem nada, e mesmo o pouco que tinha me foi arrancado, me obrigando a reconstruir tijolo por tijolo. Se fracassar como rei, se sequer fraquejar e der uma brecha que os inimigos possam explorar, vou perdê-la. Vou perder tudo aquilo de

que não estou disposto a abrir mão. Você é a minha prioridade, e é minha responsabilidade protegê-la, não um trono ou um reino.

Ela respira fundo e massageia o peito, fechando os olhos com força e sacudindo a cabeça. Anos de condicionamento ensinaram Elowen a ver a si mesma como alguém que só se doa e não recebe nada em troca. É capaz de oferecer partes de seu corpo em uma bandeja se não tiver mais nada a dar, mas isso acaba aqui.

— Uma coroa é um ornamento, nada além de uma mentira dourada. Não vale nada contra uma espada, e só um exército é capaz de mantê-la na cabeça de um rei. Posso ter ficado nas sombras, mas governava tudo de lá e nunca precisei da validação do mundo. O poder não é algo concedido, mas sim tomado.

Ela soluça, e isso arrebenta uma parte de mim que eu nem sabia que estava inteira. Dou um passo à frente, arriscando desencadear sua ira ao segurar seu rosto entre as mãos. Ela não se afasta, mas também não se aproxima.

— Eu conquistei um reino para ter você. Era o único jeito.

— Você manipulou Eagor. Manipula todo mundo ao seu redor para ter o que quer. — Ela me dá um empurrão, e sua raiva volta a se inflamar, apesar da clara exaustão que sente. — Eu devo ter sido um alvo fácil. Uma mulher que nunca conheceu o amor, a não ser o do melhor amigo. Você me prometeu a lua, e eu aceitei como uma tola. — Então as próximas palavras saem como rosnados entre dentes: — Não vou fingir que não estou vendo e aceitar um tratamento que não mereço só porque quero estar com você.

— Está achando que eu manipulei *você*? — questiono, incrédulo, passando a mão no rosto. A raiva de Elowen é gélida, mas seu coração é calor e luz. Ela ama com ferocidade e se magoa profundamente por isso. Eu jamais mudaria nada nela, só quero ser aquele que vai proteger esse coração. Quero que esteja seguro comigo. — Se tivesse te manipulado, exigiria que se casasse comigo antes de libertar os dragões, sabendo que você aceitaria. Porra, Elowen. Se tivesse te manipulado, eu não teria me destruído no processo. Não passaria cada hora do dia atormentado, sabendo que é mais uma hora perdida com essa distância entre nós.

Ela sacode a cabeça sem parar, a frustração evidente em sua expressão. Elowen

passou a vida toda ouvindo palavras vazias; não posso culpá-la por duvidar de tudo o que digo. Desembainho a adaga de dragão que estava em sua coxa e fecho seus dedos em torno do cabo, mantendo minha mão sobre a dela e levando a lâmina ao meu pescoço.

— O que está fazendo?!

— Parece que chegamos a um impasse. — Sua mão treme sob a minha, mas continuo segurando firme. — Pode me matar se me odeia tanto por causa do que fiz. Não tenho nenhum arrependimento quando o assunto é você, e me recuso a morrer pela mão de qualquer outra pessoa. Estou morrendo aos poucos desde o momento em que te vi pela primeira vez, então faz sentido que seja você a pôr um ponto-final na minha história. Enquanto eu viver, você nunca vai se livrar de mim, e mesmo depois da morte vou fazer tudo o que puder para te assombrar.

A lâmina continua pressionada contra meu pescoço depois que solto seus dedos, e me inclino para o gume afiado. Elowen respira fundo, o peito subindo e descendo conforme me inclino e passo os dedos por seus cachos enquanto as gotas de sangue começam a escorrer por minha pele. Seus olhos alternam entre a lâmina e meu olhar, e a testa se enruga quando meus lábios pairam a poucos centímetros dos seus.

— Trate de escolher, *sirantia*, porque a minha única escolha sempre foi você.

Cada lágrima que escorre por seu rosto é como mais uma lâmina cortando minha pele.

— Sabe o que é pior? Se me dissesse que queria ser rei, eu teria lutado por você. Teria casado com você, se fosse o que queria. Depois de tudo o que fez por mim e por meus dragões, não te recusaria nada.

— Eu não queria que fosse assim. — Minha lealdade pode estar manchada de sangue, mas sempre foi dela. Elowen é a luz da minha vida, a única parte boa que existe em mim. É o silêncio em meio ao caos. — Eu me sacrificarei no seu altar mil vezes se for preciso para ser o homem que você merece, mesmo sabendo que nunca vou conseguir, porque não existe um homem à sua altura.

Ela permanece em silêncio, com o luar iluminando as lágrimas que fluem como rios por seu rosto. Detesto lágrimas, sempre me deixam incomodado, mas estas me enchem

de um desespero feroz para tentar consertar as coisas. Elowen é a única exceção, e não faço a mínima ideia de como conseguiu esse posto. Sorin se aninha ao redor dela. soltando ruídos tristes do fundo da garganta. Parece a melodia que Elowen cantarola para acalmá-los de vez em quando.

Ela deve ter percebido, porque soluça de novo e abaixa a mão com a faca.

— Você sabe que eu não consigo. Não consigo, não importa o que tenha acontecido.

— Vem cá — murmuro antes de erguê-la do chão e entrelaçar suas pernas em volta da minha cintura.

Ela desaba sobre mim enquanto volto para a casa, me agarrando com força, como se estivesse tão desesperada por isso quanto eu. Seu corpo continua trêmulo quando atravesso o corredor e a coloco na cama. Ponho mais um pedaço de lenha na lareira antes de vasculhar minha bolsa para encontrar a latinha de que preciso. Então levanto o queixo de Elowen.

— Vou dar mais um tempinho pra você se preparar para dormir enquanto faço um chá. Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

Ela assente, com os olhos secos, mas sem nada daquela intensidade que aprendi a adorar, e não consigo me segurar e dou um beijo em sua testa antes de sair. Abaixo a cabeça, com vontade de esganar alguém, esmagar alguma coisa, qualquer coisa, enquanto ponho a chaleira de bronze no fogo que ainda está aceso. Bato a lata com força na bancada da cozinha e seguro a cabeça entre as mãos. Não importa o quanto Elowen esteja furiosa, nunca vai conseguir me odiar mais do que eu me odeio.

Uma porta range no corredor, e endireito as costas, fazendo a emoção desaparecer de minhas feições. Finnian aparece com roupas de dormir, lançando um olhar para meu pescoço.

— Será que eu quero saber?

— Mesmo se quisesse, eu não ia te contar.

Ele dá uma risadinha e pega a latinha para ler o rótulo.

— Camomila e lavanda?

— Dizem que é bom para ansiedade.

— Para você? — questiona ele, apesar de saber a resposta, então nem me dou ao trabalho de responder. — Você está apaixonado pela minha irmã.

Deuses, será que alguém neste grupo é capaz de cuidar da porra da própria vida? O amor é o sentimento mais egoísta de todos, na minha opinião. Você faz a pessoa se apaixonar e destrói a vida dela no processo. O amor foi a ruína dos meus pais.

O destino usa o amor como uma arma, deixando apenas tragédia em seu rastro.

Eu me viro para procurar uma caneca, e Finnian ainda está ali quando a encontro.

— Nem perca seu tempo se está esperando que eu negue. Se aquela mulher derramar mais uma lágrima hoje, eu mato um.

Finnian ri baixinho.

— Por mais estranho que possa parecer, estou feliz por ela ter alguém como você. Fiquei surpreso por não ter matado Ailliard antes.

Dou de ombros, torcendo para a porra da chaleira ferver logo.

— Eu ameacei matá-lo.

Finnian arqueia as sobrancelhas.

— Ele nunca mencionou isso.

Não há muitos homens capazes de admitir que quase colocaram os bofes para fora ao serem prensados contra a parede.

— Foi depois que Elowen e eu voltamos da prisão de Kallistar. Avisei que quebraria o pescoço dele e faria parecer um acidente se não começasse a tratá-la melhor.

— Isso explica a mudança de comportamento dele — murmura Finnian. — Eu deveria ter feito isso anos atrás.

Mordo a língua para não rebater, porque sei que Elowen odiaria se eu deixasse Finnian chateado. Se ele quer ser reconfortado, é melhor ir acordar Ryder. Ele é bem mais amigável do que eu, e saberia lidar muito melhor com essa situação.

— Elowen está no quarto, se quiser conversar com ela.

— Não é de mim que ela precisa. — Ele me lança um olhar incisivo. — Elowen não é uma pessoa vingativa por natureza. Não nasceu com essas trevas dentro de si, foi algo

provocado. Tem um coração de pura gentileza, e quando a guerra acabar espero viver num mundo que permita que ela seja quem é de verdade. Duvido que teria pegado numa faca se não tivesse sido forçada a isso.

A chaleira apita, e despejo as folhas do chá na água fumegante. As pessoas mais perigosas não são as que nascem raivosas, mas as que se tornam letais para vingar alguma coisa ou alguém. A motivação é a pedra de amolar que afia você contra o mundo.

— Quero que você seja o comandante das forças de Aestilian. Elowen é a única que tem autoridade para conceder essa posição, mas sei que ela vai concordar.

Já estou atravessando o corredor quando escuto o sussurro rouco de Finnian:

— Por quê?

— Ela sempre diz que não teria sobrevivido ao exílio se não tivesse você ao lado dela. — Detenho o passo e olho por cima do ombro. — Se alguém merece ser nomeado comandante de Aestilian, é você.

Finnian pisca algumas vezes, surpreso, e o deixo digerindo a notícia. Elowen pode conversar com ele a respeito, mas a lealdade de Finnian é inquestionável. Me faz lembrar do vínculo que tenho com Ryder e Saskia. Cresci ao lado deles, sofri com eles, aprendi quais são suas forças. Foi por isso que os promovi quando me tornei o comandante de Vareveth.

Já machuquei mais gente do que sou capaz de me lembrar, deixando seus rostos se apagarem na escuridão de dentro de mim, mas o rosto de Elowen permanece comigo. Abro a porta e sinto um aperto no peito quando vejo os olhos vermelhos e os cachos escuros caindo ao redor do rosto quando ela se senta, apoiada na cabeceira.

— Me desc...

— Como é? Te desculpar por ser a mulher mais bonita que já existiu? — Entrego a caneca a ela, interrompendo-a de vez: — Nunca peça desculpas pra mim.

Ela leva a caneca ao nariz e fecha os olhos ao sentir o aroma floral antes de dar um gole. Tiro as botas e jogo a camisa de lado, sentando na cama para ficarmos frente a frente. Ela passa o dedo pela borda da caneca, olhando para o chá como se estivesse em

busca de uma resposta ali.

— Ele guardava umas coisas de quando eu era criança no mesmo esconderijo dos documentos de absolvição. Eu queimei tudo com outros pertences dele. — Ela funga. — Ele não me amava, mesmo que tentasse.

— A incapacidade dele de te amar não diz nada sobre você, só sobre ele. Não baseie o seu valor em alguém que não chegava nem aos seus pés — respondo. — Era uma imbecilidade dele não amá-la.

Elowen dá mais um gole, engolindo ruidosamente e passando a língua nos lábios.

— A grande ironia é que ele me castigou uma vez quando não consegui matar. Eu era uma criança, tinha uns 12 anos, no máximo, e Ailliard organizou uma caçada; vi uma corça e seu filhote. Ele ficou furioso comigo e bateu minha cabeça numa pedra quando larguei as facas; eu falei para todo mundo que tinha caído. Ele até me convenceu disso. Finnian teve que me carregar de volta para casa. — Minha mão coça para sacar a espada, mas meu alvo não está aqui. — Depois ele foi atrás do rastro da corça pela floresta e sangrou ela e o filhote na minha frente e me forçou a comer a carne. Não que eu tenha conseguido manter no estômago. — Ela volta os olhos para mim. — Eu lamento mais por aqueles bichos do que por meu tio, e quando penso em tudo o que fez comigo, tudo o que ele me disse, minha mente fica confusa. Minhas lembranças não são confiáveis, porque não sei o quanto me manipulou.

— Ele mereceu morrer.

Quando minha morte chegar, vou fazer questão de encontrar Ailliard no inferno e torturá-lo por tudo que fez. Deito na cama ao lado de Elowen, puxando-a para meu peito e passando os dedos por seu cabelo. Ela deve estar cansada, porque não resiste, mas a cama é pequena demais para a dividirmos sem encostar um no outro, de qualquer forma. Ela põe a perna sobre a minha, e minha pele arde em todos os lugares onde sinto seu toque. Nunca fiz nada na vida para merecê-la, mas não consigo deixar de desejá-la com uma devoção capaz de rivalizar com outras religiões.

— Elowen, eu juro, qualquer um neste mundo que te fez mal vai morrer aos gritos.

Ela mexe a cabeça para me olhar, passando o dedo distraidamente por uma de

minhas cicatrizes. Deuses, esses olhos. É como se estivesse torcendo uma faca no meu coração, mas ainda assim não sinto alívio algum em sua ausência.

— Nunca me traia.

— Minha lealdade a você nunca vai deixar de existir.

CAPÍTULO
QUINZE

Elowen

Sou arrancada do sono por uma trovoada. Abro os olhos de uma vez e solto um grunhido no travesseiro quando vejo a luz do sol entrando pela cortina. Percebo que não foi um trovão que me acordou, e sim a voz de Saskia.

— Hora de levantar!

Ela continua esmurrando a porta e, se não parar com isso, vai acabar rachando a madeira. Não durmo bem assim desde que destronamos Eagor, e minha exaustão continua me consumindo, como correntes me prendendo aos sonhos. Venho sendo atormentada por pesadelos de tal maneira que evito as poucas horas de sono que consigo ter, mas não acordei nenhuma vez na noite passada.

— Vá para o inferno, Sas — resmunga Cayden, me abraçando com mais força.

A voz fica ainda mais grave e rouca de manhã, e as lembranças dele beijando meu pescoço enquanto murmura promessas sensuais contra minha pele me vêm de imediato. Eu deveria sair da cama; é a coisa mais inteligente a fazer, mas também é a última que quero. Cayden não deixa passar nada e, apesar de não estar virada para ele, sei que percebeu que estou acordada, evitando me mexer. Devemos ter trocado de posição em algum momento durante a noite.

Respiro fundo e me arqueio contra ele, fingindo me espreguiçar inocentemente.

Um grunhido delicioso vibra contra as minhas costas.

— Elowen... — diz ele, em um tom de aviso.

— Hã?

Jogo os quadris para trás mais uma vez, e sinto a extensão de sua ereção contra mim. Agarro as cobertas e tento me concentrar em manter minha respiração estável.

— Puta merda — sibila ele com a boca colada aos meus cabelos e põe a mão espalmada em minha barriga.

Nunca desejei o toque de ninguém desse jeito, e é impossível resistir quando ele está assim tão perto. Um dos poucos momentos em que minha mente se acalma é quando os braços de Cayden estão me envolvendo. Ele me toca como se já lamentasse pelo momento em que vamos nos desgrudar e estivesse lutando por mais alguns segundos. Agarra minha camisola, sem querer fazendo o tecido subir pelas pernas. Pressiono as pernas uma contra a outra com a leve sensação, e a ansiedade faz um gemidinho de vontade me escapar assim que batem na porta de novo.

Cayden usa a outra mão para cobrir minha boca enquanto roça os lábios no meu pescoço. Inclino a cabeça para lhe dar um acesso melhor, e ele larga a camisola para acariciar minha pele com movimentos circulares.

— Fica quietinha pra mim, amor — murmura ele, dando uma mordida no ponto mais sensível, passando a língua na marca que deixou.

A mão dele abafa mais um gemido, e meu desejo por mais e mais se torna inacreditavelmente poderoso.

As batidas na porta recomeçam, seguidas de um grunhido de frustração.

— Eu vou voltar — avisa Saskia antes de se afastar pelo corredor.

Cayden libera minha boca e me dá uma mordidinha na orelha.

— Por favor. — Mantenho o tom de voz baixinho, para ninguém ouvir nada pelas paredes finas como papel. — Talvez seja mais fácil conviver se nós pararmos de nos negar as coisas.

A mão passa da barriga para o meu peito, e os dedos calejados me fazem estremecer. Os movimentos são lânguidos quando Cayden me aperta e passa o polegar sobre o mamilo. Sinto a risada quente e inebriante como um chocolate derretendo na minha

língua.

— Acha que vai ser simples assim?

Não, mas admitir isso em voz alta é muita humilhação.

— Sim.

— Elowen. — Na voz dele, meu nome se torna uma carícia, cada sílaba vira um segredo que Cayden deseja manter apenas para si. — Eu não teria enlouquecido desejando ter mais de você do que mereço se meus sentimentos pudessem ser aliviados por um simples toque, mas por outro lado não queremos a mesma coisa.

O calor dele se afasta de mim quando Cayden se senta e joga as pernas para fora da cama. A luz da manhã ilumina as cicatrizes vermelhas em relevo nas costas dele e as estrelas pintadas na pele, que descem pelas costelas. Os músculos dali se flexionam quando Cayden passa uma das mãos pelo cabelo ondulado bagunçado.

Limpo a garganta e me apoio na cabeceira, tentando ignorar a pontada de rejeição. Só quero esquecer tudo o que aconteceu por alguns minutos.

— C-como assim? O que você quer?

— Entendo por que não acredita em mim. Você deixou bem claro ontem à noite que eu traí sua confiança, e minha prioridade é me redimir por isso. — Ele olha por cima do ombro. — Porque quero tudo com você, El, e não vou aceitar nada menos, mesmo que demore anos para a gente chegar lá.

— Anos? — repito, piscando devagar, mas a expressão dele segue inabalavelmente séria quando assente. — Você está falando sério mesmo.

Cayden passa a língua nos lábios e se inclina para acariciar meu rosto.

— Só o que peço é que, quando entrar em guerra com a sua mente, reserve um lugar para mim na linha de frente.

Um sorriso curva meus lábios, e meus olhos se amenizam. Acho que a maioria dos homens gostaria que eu guardasse os pensamentos só para mim, mas esse nunca seria o caso de Cayden. Ele presta atenção a cada palavra e cada emoção minhas como se fossem suas.

— Certo, soldado.

Uma covinha se aprofunda na bochecha de Cayden quando a boca se curva em um dos cantos, e ele se inclina para me dar um beijo na testa antes de se levantar da cama. O piso range sob seu peso, e uma cadeira se arrasta contra o piso da sala de jantar, seguido pelo som de passos pesados de novo.

— Já passaram tempo suficiente admirando um ao outro? — grita Ryder, e Cayden joga a cabeça para atrás, suspirando.

— Vou arranjar um espelho pra você não se sentir solitário — responde Cayden.

Sombras dançam quando Ryder para na frente da porta, mas ele baixa o tom de voz para um sussurro do outro lado.

— Saiam logo, por favor. Finnian ainda não acordou, e Saskia fica assustadora quando as tarefas do dia se atrasam.

Cayden me lança um olhar bem sério enquanto amarra o cordão da calça.

— Podemos fugir pela janela.

Reviro os olhos, afastando as cobertas.

— Ah, hoje vai ser um dia tão divertido...

CAPÍTULO

DEZESSEIS

Elowen

Um vento gélido desce do alto das montanhas, trazendo consigo uma fina camada de neve. As copas das árvores balançam, os galhos se roçando em um labirinto intricado e infindável. Sorin ruge, e o som solitário ecoa pelo vale.

— Acha que ele está com saudade dos outros? — pergunta Finnian enquanto caminhamos de braços dados pela estrada.

— Muito provavelmente. Eles nunca se separaram desde que nasceram. — Lembro das palavras de Saskia no dia anterior enquanto observo Sorin, que voa em círculos inquietos. — Os dragões vêm da magia antiga; talvez ele consiga sentir a magia divina que ainda resta por aqui.

— Achei que você não acreditasse nos deuses.

— Não sou uma adoradora praticante, mas a magia existe.

Antes de eu nascer, com certeza as pessoas diziam a mesma coisa sobre os dragões. Eles eram mitos que só existiam em lendas e contos, criaturas que os pais usavam para assustar as crianças quando contavam histórias na hora de dormir.

— O mundo muda a cada dia, criando possibilidades que as pessoas julgavam impossíveis. Basta uma única pessoa para alterar a realidade e torná-la irreconhecível, para o bem e para o mal — complemento.

Finnian estremece.

— Eu vivi em território sagrado a vida toda, mas pelo menos tive uma folga dos rituais enquanto estava aqui.

— Pensei que se escondesse no celeiro durante as cerimônias.

— Só quando já tinha idade suficiente para sair do lado da minha mãe. — Finnian observa as árvores ao redor. — Antes disso, tinha de ficar ouvindo os cânticos por horas.

Aperto o braço dele com mais força, pois sei que é difícil para Finnian falar sobre o passado. Sobre a família que perdeu quando um clã incendiou sua casa.

— Vou tentar limitar a cantoria de Asena e Ophir.

— Obrigado — diz Finn com um suspiro, parecendo aliviado de verdade. — Blade vem com a gente. Eu o ajudei a encaixotar as coisas da forja ontem, e ele falou que gostaria de trabalhar em Ladislava. Imagino que vamos precisar do máximo possível de armas.

Blade acolheu Finnian como aprendiz aos 13 anos, e imagino que meu amigo teria assumido a forja eventualmente se não estivéssemos evacuando o local.

— Ele vai estar nadando em dinheiro até o fim do mês.

Passamos pelo campo de tiro onde praticamos a vida inteira. Foi ali que observei Finnian atirando com uma série de arcos de todos os tamanhos conforme crescia. Passamos quase todos os dias juntos desde que nos conhecemos mais de uma década atrás, e saí para enfrentar o mundo como forma de proteger nós dois do que quer que aparecesse em nosso caminho.

Aestilian foi o lugar onde fui criada, mas Finnian é que era meu lar.

Ele fica mais sério, e me pergunto se não está vendo uma versão mais jovem de mim também.

— A traição de Ailliard estragou Aestilian pra você?

Nunca me senti satisfeita de verdade aqui. Minha necessidade de vingança sempre falou mais alto que a segurança que este lugar oferecia. Finnian põe uma flecha no arco, e eu tiro uma faca da bainha de minha cintura. Há alvos pintados em vermelho presos nas pilhas de feno, e atiro minha primeira lâmina.

— Eu já fiz as pazes com este lugar, mas não posso ficar aqui agora que sei como é

fazer parte do mundo que observava à distância.

— Sente falta dele?

— Não.

Eu precisava me permitir viver o luto pela morte de Ailliard para superá-la. Era como se estivesse tentando manter um vaso quebrado de pé com as mãos, me ferindo constantemente enquanto tentava realizar uma tarefa impossível. Precisava deixar os cacos se espalharem e aceitar o fato de que estava perdido para sempre.

— Foram as atitudes dele que levaram a isso, e jamais o teria mantido numa cela depois de ele ter segurado uma faca contra o seu pescoço — falo, por fim.

A segunda lâmina vira um borrão prateado reluzindo sob o sol e se crava no centro do alvo. Finnian e eu vamos até as pilhas de feno buscar nossas armas, e ele me cutuca com o cotovelo.

— Sabia que sempre adorei essa fúria assassina que você usa pra me proteger? É como ver um filhotinho de gato rosnando.

— Sabia que não precisa falar tudo o que passa pela sua cabeça?

Envolvo o cabo da faca com os dedos, mas um calafrio percorre minha espinha nesse momento. É a mesma sensação que tenho quando sou observada. Um farfalhar na mata atrai nossa atenção, e mantemos as armas de prontidão. O som é alto demais para ser o vento, e nenhuma patrulha está protegendo o perímetro, já que vamos partir em breve e eu não queria correr o risco de deixar ninguém para trás quando o portal se abrir.

Crack.

Crack.

Crack.

Finnian e eu nos entreolhamos, e Sorin solta um rugido poderoso, descendo do céu e voando bem na minha direção.

— Um ataque! — grito por cima do ombro. Tem alguma coisa errada, sinto isso no fundo do meu ser. — Saquem as armas.

Os sinos começam a soar, alertando os soldados a se prepararem para uma

emboscada, e dou o comando para Basilius queimar a pira ao lado do castelo enquanto me preparo para enfrentar o exército de Imirath. Ailliard deve ter informado para eles a localização exata do reino. Garrick deve ter um espião em Vareveth que o informou sobre meus movimentos. Acalmo os nervos e não pisco. Eu me recuso a morrer aqui.

— Pelos deuses — murmura Finnian.

Não são os homens de Imirath que saem do meio das árvores. São espectros-das-profundezas. As pelagens brancas se camuflam na neve, mas os olhos vermelhos se destacam como gotas de sangue. O veneno escorre das presas expostas, e os rosnados ferozes se misturam aos gritos das pessoas a vários metros dali.

— Eles invadiram a cidade — diz Finnian, virando a cabeça na direção das casas atrás de nós.

Dou o comando para Sorin queimar as árvores imediatamente à nossa frente quando arremesso uma faca, que se crava no crânio de uma das criaturas. Finnian dispara uma flecha em outro monstro, mas ele continua avançando enquanto a erupção de chamas provocada por Sorin faz o chão tremer. Um paredão de fogo envolve árvores que deviam estar ali há séculos, junto com as demais criaturas. Lanço outra faca, mas o espectro se esquiva e a lâmina apenas pega de raspão em sua orelha.

Finnian posiciona mais uma flecha no arco, mas não há tempo suficiente.

Dou um salto e o derrubo quando o espectro pula sobre nós, nos tombando na neve e fazendo com que a flecha erre o alvo. A fera não se volta de novo para nós e segue correndo para a cidade.

— Eu ia acertá-lo! — exclama Finnian.

— E ia morrer no processo!

Finnian me protege com os braços e dá um chute na cabeça de outro espectro. Meus pulmões queimam por causa do ar gelado e da fumaça, mas consigo me desvencilhar rapidamente para cortar o pescoço da criatura. Gritos ecoam pelo reino, e dou o comando para Sorin continuar queimando as partes da floresta de onde as monstruosidades estão vindo. Sinto um aperto no peito quando ele se rebela contra minha ordem por querer ficar ao meu lado, mas me mantenho firme, repetindo o

comando até ele obedecer. O sangue mancha a neve. Os gritos cada vez mais altos vão se misturando, se tornando um único pedido de socorro carregado de pânico.

Cayden.

Preciso encontrá-lo.

— Saskia ainda está na casa. Você precisa levá-la até as carroças. É lá que vai estar o portal, e também Cayden e Ryder — instruo às pressas. Não há tempo para discussão. Saskia e o soldado de Vareveth destacado para proteger a casa não conhecem Aestilian como nós. A preocupação no rosto de Finnian é similar à que sinto quando ele pressiona a testa contra a minha. — Atira pra valer.

— Arremessa sem dó.

Com as chamas às nossas costas, saímos em disparada para a cidade. Há uma fileira de chalezinhos manchados de sangue e bem próximos uns dos outros. Finnian e eu disparamos por um beco. Salto um cadáver sangrento no meio do caminho, e o caos irrompe assim que chegamos do outro lado. Dou uma última olhada em Finnian, e alguém se choca contra mim. Mal tenho tempo de registrar a dor latejante no ombro antes de me ver cercada por uma multidão histérica, com pessoas me pressionando por todos os lados. Basilius conseguiu acender a pira, pois o portal tênue brilha como um farol a vários metros dali, com pessoas tentando abrir caminho até ele com unhas e dentes.

Nomes são chamados, lágrimas são derramadas e gritos de dor ecoam por toda parte. A estrada principal está tão lotada que as pessoas não conseguem se mover quando as feras começam a correr entre as construções para capturar quem está empacado. Vou avançando às cotoveladas em meio àqueles que me cercam, abrindo caminho como se atravessasse um lamaçal, e me concentro em colocar um pé diante do outro. Rainha ou plebeia, se cair serei pisoteada.

Não consigo respirar.

Não importa para onde eu me vire, não há brecha.

Não há escapatória.

A multidão avança como uma coisa só, e sou forçada a pisar em alguém que está sob

meus pés. Deuses, espero que essa pessoa já esteja morta, pois não conseguiria nem me mover o suficiente para dar um fim ao seu sofrimento caso ainda esteja respirando.

O suor cobre minha pele, e forço a bile garganta abaixo com a ânsia de vômito que sinto com tanta gente me tocando. Sorin voa em minha direção, guinchando com os olhos verdes grudados aos meus, e consigo levantar a mão quando ele mergulha. Ele plana sobre mim, estendendo a garra enquanto as pessoas começam a se segurar em meus ombros, nos braços, em qualquer parte possível para tentarem se livrar dessa situação. Elas tentam subir em mim, mas consigo me manter em pé. Sorin usa a outra garra para me libertar e envolve meu tronco com os dedos, me içando sobre a multidão.

Enfim consigo respirar fundo, esfregando as costelas agora que estou em segurança com meu dragão.

— Obrigada, meu menino lindo.

Sinto os olhos marejarem, pois suas chamas fazem arder mais uma centena de árvores, e desse ponto de vista consigo ver as feras que estão nos cercando. São numerosas demais para contar. Mais do que já vi em qualquer ocasião. Ele mergulha para o chão quando vejo Cayden lutando lado a lado com Ryder. Os soldados de Vareveth que nos acompanham participam do confronto, e todos atuam como uma unidade, mas os dois são os mais impressionantes. Quantas vezes será que já lutaram assim? Cayden e Ryder se movem como se fossem controlados por uma mesma mente, não só confiando plenamente um no outro como sabendo quando ajudar sem precisar sequer olhar.

Sorin aterrissa na neve, me colocando no chão com cuidado quando desembainho a espada na cintura e pego mais uma faca. Em uma rápida brecha proporcionada pelas criaturas, Cayden se vira e corre até mim, passando um braço por minha cintura e mantendo a espada firme na outra mão.

— Está machucada? — pergunta, à procura de ferimentos que não tenho.

Ryder aparece antes que eu tenha a chance de responder.

— Cadê a minha irmã? — questiona ele freneticamente. — E Finnian?

— A gente teve que se separar, mas ele foi atrás dela.

As casas ao redor do perímetro estão pegando fogo, e espectros-das-profundezas em chamas correm enlouquecidos pelo vilarejo até colapsarem. Para onde quer que eu olhe, só vejo morte e sangue. Marcas de garras desfiguram aqueles que tombaram, a carne exposta e as cinzas adornando a morte. Sorin decola de novo e continua incinerando dezenas das criaturas.

Cayden acerta mais um espectro com a espada, espalhando sangue na própria bota e acrescentando mais carmesim à paisagem já repleta de entranhas. Atiro a faca em um monstro que salta sobre Ryder, dando a ele tempo para fazer um giro e acertar mais um.

— São muitos — digo, arfando. — Precisamos fazer todo mundo atravessar o portal e sair daqui logo, antes que nos matem. O único jeito de acabar com isso é voltando pra casa.

Cayden me encara, e já sei o que está passando por sua cabeça só de olhar.

— Não vou te deixar pra trás — prometo.

Defendo o reino porque é meu dever, mas sinto uma necessidade feroz de proteger meus amigos, de proteger Cayden.

— Vou te arremessar por esse portal se for preciso — responde ele.

— Faça isso e eu volto montada num dragão.

Eu me abaixo bem e corto os tendões dos tornozelos de um espectro-das-profundezas a tempo de Cayden cravar a espada em seu crânio. Ele levanta a voz para se dirigir aos soldados, sem tirar os olhos de mim.

— Eu mato vocês com minhas próprias mãos se algo acontecer com a rainha.

— Quanta gentileza a sua. — Uma flecha se crava na barriga de uma criatura, e o alívio toma conta de mim. Cayden se vira para desferir mais um golpe, decapitando outro espectro que saltava sobre ele. Me esquivo da cabeça monstruosa por muito pouco e a chuto para longe, a língua se projetando para fora da boca. — Deuses, isso é nojento.

— Sas! — grita Ryder quando ela e Finnian aparecem.

Estão cobertos de sangue como nós, mas isso não impede Ryder de abraçar a irmã brevemente quando ela chega mais perto.

— Os espectros-das-profundezas nunca conseguiram atravessar a névoa — digo a Cayden. — Você acha que Thirwen pode ter alguma coisa a ver com isso?

Thirwen se alinhou com Imirath, e os magos nascidos lá aprimoram os poderes através dos vínculos com animais. Os mais habilidosos são capazes de entrar na mente dos animais e controlá-los. E se conseguiram encontrar uma forma de fazer isso com feras monstruosas? Sinto o sangue gelar. Teriam como controlar mentes humanas? Dragões?

— Vamos tentar entender isso quando estivermos em casa — responde Cayden. — Em formação!

O soldados de Vareveth obedecem, assim como pelo menos quinze dos de Aestilian, prontos para receber e cumprir as ordens de Cayden.

— Precisamos garantir a segurança do perímetro ao redor da multidão enquanto as pessoas fogem. Aproveitem a primeira brecha para atravessar o portal.

— Sim, majestade — respondem em uníssono.

— Fique perto — avisa Ryder a Saskia.

Continuamos lutando, nos dirigindo para a parte de trás da multidão. Os espectros-das-profundezas fluem por entre as construções como regatos correndo para um rio. Será que Sorin sentiu que algo estava errado? Será que foi por isso que ficou tão inquieto?

Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos por ora.

Cayden tira alguma coisa do bolso de trás e arranca um pino de um orbe preto e dourado enquanto corta uma fera ao meio. Ele a arremessa o mais longe que consegue, e o fogo irrompe, engolindo pelo menos cinquenta espectros nas chamas conforme o chão estremece.

Então, com sangue escorrendo do rosto no meio da batalha, Cayden *sorri*.

Dou o comando para Sorin começar a lançar chamas mais perto, vendo o que resta de Aestilian sendo tomada pelo fogo. Não tenho como construir uma pira para cada cidadão morto, mas posso oferecer isso. Essa é minha gente, e Ailliard podia se referir a mim como a princesa descartada de Imirath, mas este é o reino que me escolheu, que vai

para a guerra comigo.

Seguimos na batalha, nos aproximando cada vez mais do portal à medida que as pessoas vão atravessando. As chamas de Sorin fazem meus olhos lacrimejarem, e as cinzas grudam no sangue que cobre meu corpo. Uma criatura arranha minha perna, e cravo uma faca nela, ignorando o sangramento e a dor do machucado.

A magia pulsa às minhas costas, me fazendo estremecer. As feras entram em um frenesi para fugir das chamas, mas Sorin as incinera mesmo assim. Ryder passa um braço pela cintura de Saskia e lança um último olhar para Cayden antes de conduzi-la para o portal. Finnian dispara sua última flecha, mas o empurro para o outro lado antes que tenha a chance de sacar a espada, uma arma que nunca foi sua especialidade.

Cayden lança um machado com tanta força que o espectro que acerta se choca com violência contra outro que se aproxima rapidamente. A fera solta um guincho quando o fogo de Sorin se aproxima, a carne derretendo e se desprendendo dos ossos. Só o que vejo é fogo e sangue. O portal começa a encolher, e os braços de Cayden já estão me enlaçando antes que eu possa avisá-lo, e juntos caímos em um fosso de névoa escura e espiralada com Sorin.

Parte II

A ASCENSÃO DA HERDEIRA

CAPÍTULO

DEZESSETE

Cayden

Enfio a mão sob a cabeça de Elowen para impedir que bata no chão, ralando as juntas dos dedos em uma raiz de árvore que se projeta do solo. Estamos colados um ao outro enquanto recuperamos o fôlego, ouvindo entes queridos gritando nossos nomes ou clamando pelo socorro de curandeiros. Foi um verdadeiro massacre. Já vi muito sangue e tragédia na vida, encarei incontáveis batalhas, honrosas ou não, mas nunca vi feras atacarem com tamanho frenesi.

Apoio os cotovelos no chão, dando a Elowen espaço para respirar.

— Sua perna.

— Seu peito.

Um espectro-das-profundezas conseguiu cravar as garras em mim no caos dos últimos momentos por lá, mas não foi nada fatal nem uma mordida venenosa. O sangue vermelho-vivo que escorreu do ferimento acaba de arruinar o conjunto azul e dourado de Elowen. Eu me ajoelho e a coloco sentada para examinar sua lesão, mas ela me distrai puxando a minha camisa esfarrapada.

— Estou bem — asseguro. — Quando limpar o sangue, você vai ver que a ferida não é profunda.

Ela baixa os olhos para a própria perna.

— Eu também, já está coagulando. Mas vamos ficar com cicatrizes.

— Ah, que horror — murmuro.

— Alguém foi mordido? — Elowen se vira para nossos companheiros caídos na grama, todos ofegantes demais para conseguir falar, mas sacodem a cabeça. — Não teria suprimentos de cura para barrar o veneno se alguém tivesse sido.

— E Nyrinn?

Eu estava carregando os baús dela quando as feras vieram, e empurrei a mulher pelo portal antes que pudesse protestar. Elowen ficaria arrasada se ela morresse.

Elowen olha ao redor, apavorada até ver Nyrinn no meio dos baús, abastecendo os cintos com ervas e tônicos e dando ordens para os soldados aestilianos ao seu redor.

— Preciso ajudá-la.

O som de alguém com ânsia nos faz virar na direção oposta. Finnian está debruçado e tremendo violentamente, com a mão na barriga. Elowen corre na direção dele, massageando a costas e afastando os cabelos suados da testa.

— Ele foi mordido? — pergunta Ryder, caindo de joelhos.

— Foi como antes — murmura Finnian por entre os lábios exangues, esfregando a boca com a manga do casaco. — Tantas famílias perdidas. Tantas crianças ficando órfãs. Eu não consegui salvá-las.

Então percebo que Finnian não está aqui. Está perdido nos próprios pensamentos.

O sangue seco cobre seu rosto quando Elowen o segura entre as mãos, amor incondicional estampado no rosto.

— Sua mãe, seu pai e sua irmã, onde quer que estejam, estão felizes porque você não estava em casa naquela noite. O que aconteceu foi uma tragédia terrível, mas acredito que para eles seja um consolo você estar vivo.

Os olhos de Finnian se enchem de lágrimas, e ele puxa Elowen para junto de si, enterrando a cabeça no pescoço dela enquanto o corpo se contorce em soluços silenciosos. Estamos todos cobertos de sangue e tripas, mas Finnian a abraça como se fosse a única coisa capaz de aliviar sua dor. Ofereço a mão para Saskia se levantar, e depois para Ryder, que me dá um tapinha no ombro.

Se os olhos de Finnian estão marejados, os de Elowen são puro fogo pela raiva que

queima dentro dela.

— Se isso foi um ataque orquestrado por Imirath ou Thirwen, quero os responsáveis mortos até o pôr do sol, as cabeças espetadas em estacas.

— O mago! — grito, não conseguindo lembrar seu nome.

— Não quero ouvir uma palestra de Ophir sobre os deuses. Quero montar num dragão e incendiar a porra do acampamento inimigo — rosna ela quando Finnian a solta. — Se esse foi o primeiro ato de guerra deles, revidarei com todo o prazer.

Elowen é capaz de fazer o que for preciso pela vitória, mas não mataria inocentes. Famílias visitando soldados no front, curandeiros que trabalham na fronteira, essas pessoas a impediriam de levar adiante esse plano. Sempre considerei o destino uma coisa sacana e traiçoeira, mas Elowen ser a pessoa que tem um vínculo com cinco dragões é uma rara bênção.

— Toda magia tem uma marca que os outros magos conseguem captar. É como a assinatura numa carta. Em alguns casos extraordinários, essa assinatura pode ser escondida, mas é bem incomum. Se Thirwen estiver controlando essas feras, o mago vai confirmar.

Mesmo assim, a conta não fecha. Se fosse um ato de guerra, nossos inimigos focariam em nós como alvo, sabendo que não estávamos sob a proteção de um exército, e teriam se revelado. Eles nos atacariam diretamente ou fugiriam pela floresta para escapar do fogo do dragão.

— Majestade, bem-vindo de vol...

— Você conseguiu ver através do portal? — questiono.

— Sim, senhor. O portal é transparente para mim e para Asena, porque fomos nós que o conjuramos.

— Então testemunharam o ataque? — pergunto, e ele assente. — Você sentiu alguma magia quando abriu o portal?

Ophir franze a testa.

— Não, senhor. O território sagrado está mais volátil desde que os dragões foram libertados, mas acreditamos que essa seja a causa do desequilíbrio. Não existiam dragões

desde que os deuses nos deixaram.

Elowen bufa e olha para o céu.

— Então não acreditam que haja alguém controlando os espectros-das-profundezas?

— Não, majestade, mas sabe-se que eles vivem nas florestas de Sweven e Terrwyn. Podem ter seguido o cheiro de sangue até seu reino.

— Eles nunca atravessam a... — Ela bate os dedos nos lábios. — Seria possível vocês abrirem um portal onde o rio Caleum faz a curva nas montanhas? Não precisa ser grande, só o suficiente para ver.

Ophir confirma, fechando os olhos e murmurando um feitiço em ravariano. Faíscas e vapores se acumulam ao redor de seus dedos, enrolando-se neles como cobras enquanto parte o ar, criando um portal que tem no máximo a extensão da minha espada. À medida que continua seu encantamento, o preto e o roxo vão desaparecendo, revelando a imagem nítida de uma floresta.

— Luz do sol. — Elowen agarra minha mão. — A névoa se foi.

— Você não sente magia nenhuma nessa mudança da névoa?

— Não, senhor. Nenhuma pessoa viva seria capaz de dissipá-la. As barreiras foram criadas pelos deuses e não podem ser desfeitas.

— Então por que agora? — murmura Elowen, mais para si mesma que para qualquer um.

— A magia deixada pelos deuses enfraquece a cada ano que passa — responde Ophir mesmo assim. — Pode ser uma consequência disso.

— Já pode fechar o portal, obrigada — diz Elowen, ainda perdida nos pensamentos.

Faço um aceno de cabeça para o mago, que responde com uma mesura antes de se virar e encontrar Asena entre as fileiras de pessoas à espera de atendimento. Os curandeiros do castelo também se juntaram aos trabalhos, e os criados distribuem pão e água.

— Você está bem, anjo?

— Não gosto de como falam dos acontecimentos de nossa vida como se fossem

determinados por deuses em que não acredito — murmura ela. — Ailliard jurou que a névoa jamais se dissiparia, então acho que estou contente por estar certa, mas Sorin ficou incomodado o tempo todo que estivemos no território sagrado. Aterrissar foi quase insuportável para ele.

— Eles são fanáticos. Se chover, dirão que é porque um deus está chorando ou mijando. — O sangue seco no rosto de Elowen racha quando ela solta uma risada cansada. — Mas pelo menos não foi um ato de guerra.

Ela assente, ainda não parecendo convencida.

— Vou escrever para a rainha de Galakin amanhã e pedir para Asena enviar a mensagem por meio de magia, para que chegue imediatamente. O ocorrido pode até não ter sido culpa de Thirwen ou Imirath, mas cada dia que passa nos aproximamos mais do inevitável.

CAPÍTULO
DEZOITO

Elowen

Meus dragões voam por entre as nuvens de tempestade que se aproximam, as escamas vibrantes em contraste com aqueles domínios cinzentos, mas nunca se afastam a ponto de atravessar a fronteira de Imirath. Apesar da guerra iminente, o clima do acampamento militar de Vareveth é tranquilo como sempre. Os soldados congregam ao redor das fogueiras enquanto mexem nas panelas de ensopado, afiam as armas e riem entre histórias e bebidas.

— Eu recebi um... relatório preocupante de uma espiã hoje — informa Saskia.

O vento carrega o aroma de seu sabonete de jasmim enquanto andamos de braços dados, o que provavelmente é o melhor a se fazer, considerando o quanto estou exausta. Em sua maior parte, os caminhos até o acampamento estão secos, mas há poças de lama que eu preferiria evitar. Passei quase a noite toda cuidando dos feridos com Nyrinn, conforme os outros supervisionavam a acomodação do meu povo nas novas moradias. As imagens do ataque me assombraram quando tentei dormir. Não foi todo mundo que passou pelo portal que sobreviveu. O antídoto para o veneno de espectro-das-profundezas nem sempre funciona, a depender do quanto já se espalhou pelo corpo. Não importa o quanto as pessoas me implorassem enquanto desvaneciam diante dos meus olhos, eu não opero milagres, por mais que desejasse muito.

— E de onde veio?

— De Imirath — responde ela com um sussurro, esquadrinhando os arredores com os olhos escuros. Diminuo o passo e me aproximo um pouco mais. — Uma batedora da fronteira relatou o avistamento de grandes jaulas sendo transportadas pelo reino.

— Jaulas? — Franzo a testa. — Quão grandes? O que tinha nelas?

— Ela não conseguiu se aproximar o suficiente. Estavam cobertas por lona, mas não havia nenhum som que pudesse denunciar o que havia nelas. Se estivessem escondendo feras ou monstros, imagino que usariam runas silenciadoras, como faziam na câmara dos dragões. As jaulas estão sob forte vigilância, sendo transportadas por dez soldados cada. — Ela olha ao redor de novo. — Estão vindo atrás de você, Elowen. Essa guerra é pessoal.

Garrick sabe que nunca vai conseguir me derrotar com armas comuns. Qualquer que sejam suas feras, nunca vão superar o poder de um dragão. Essa guerra é pessoal para mim desde o momento em que ele me afastou dos meus dragões e me obrigou a ouvi-los chorar.

— Ótimo. Vão me poupar do trabalho de procurá-los se tiverem coragem de sair para campo aberto.

— E se houver uma maneira de ver o que tem dentro das jaulas? — questiona Saskia. — Você estaria disposta a tentar?

— Claro. — Enfio a mão sob o manto para segurar meu pingente na corrente. — Mas sabe que não vou conseguir passar de fininho de novo. As defesas deles devem ter sido fortalecidas, assim como as nossas.

— Não é disso que estou falando. — Ela olha ao redor mais uma vez antes de me puxar para uma barraca cheia de escudos e vários tipos de armas, mas felizmente nenhum ocupante. — Quantos anos você tinha quando fugiu de Imirath?

— Onze.

Os olhos dela brilham.

— A magia se manifesta aos 12. E se o seu vínculo envolvesse mais coisas do que sabemos? Os magos de Galakin são capazes de conjurar fogo, mas não têm vínculo com cinco dragões. Não têm a mesma conexão com o elemento que você. E existe gente em

Thirwen que consegue ver através dos olhos dos animais com quem *têm um vínculo*.

— Você... — começo, hesitante. — Você acredita que eu tenho magia? Mas eu já não saberia a essa altura? Sabe como é... tipo, incendiando alguma coisa sem querer quando fico irritada, coisa que acontece toda hora?

— Acho que seu vínculo adormeceu por conta da separação. Não se desfez, só enfraqueceu. Mas o que quero dizer é: talvez você consiga fazer mais do que só voar com eles.

Pego Saskia pelo braço e a arrasto para longe da abertura da barraca, nos escondendo em um canto escuro cheio de barris e lanças.

— Sendo armas ou criaturas nas jaulas, o alvo são meus dragões, e prefiro estar preparada. Asena pode saber de alguma coisa. Andei lendo sobre dragões, mas tem alguns detalhes faltando nos textos, e não sei nada sobre como despertar a magia.

— Vamos falar com ela juntas, mas limitando os detalhes o máximo possível.

Assinto.

— Você já contou para o Cayden?

— Só sobre as jaulas, não sobre as minhas suspeitas a respeito das suas habilidades. Achei melhor conversar só com você primeiro.

— Obrigada.

Não que eu queira esconder alguma coisa de Cayden, mas gosto de me sentir importante o bastante para Saskia a ponto de ela tratar a questão diretamente comigo.

— De nada. — Ela sorri. — Vou investigar melhor hoje. Tenho uma biblioteca bem ampla a respeito, e Cayden também. Juntando tudo o que temos, com certeza vamos descobrir alguma coisa. — As tranças balançam quando ela sacode a cabeça. — Deuses, bem que eu queria ter acesso à biblioteca do meu pai, mas ele me colocaria para correr antes mesmo de passar pela porta.

Nunca entendi por que pessoas tão cheias de si têm filhos se não têm lugar para mais ninguém em seus corações.

— Ele era cruel com você?

Saskia ri, mas de uma forma amargurada que não combina nada com sua

personalidade.

— Ele me vendeu aos 15 anos para me casar com um homem com o dobro da minha idade. Ryder fugiu comigo antes que terminassem de assinar o acordo.

Uma criança.

— Se me passar o endereço dele, posso mandar um recado em seu nome.

Saskia cruzou as linhas inimigas por mim, e eu faria o mesmo por ela sem hesitação. Sou capaz de decolar com um dragão agora mesmo se me pedir.

Ela suspira.

— Para um homem como ele, o pior castigo é viver numa casa vazia, sem ninguém para levar o nome Neredras adiante.

Não existem muitas jovens que têm a oportunidade de serem só isso e nada mais. De viverem sua meninice pelo tempo que durar antes que alguém tente tirar isso delas, transformando isso em uma coisa feia e frágil.

— Existe uma força inegável em existir num mundo que não foi feito pra você, e acho que chegou a hora de mudar as coisas.

Ela estende a mão para apertar a minha, mas a aterrissagem de um dragão faz o chão sob nossos pés tremer, interrompendo o que ela estava prestes a dizer. Várias espadas se chocam umas contra as outras, e a sombra das asas se projeta sobre a lona como uma figura conjurada das trevas.

— O rei voltou! — grita um soldado.

Provavelmente foi Venatrix que pousou perto da barraca. Ela adora receber a atenção dele.

Não sabia que Cayden tinha deixado o acampamento. Ele e Ryder disseram que iriam rever o plano de batalha antes que nos reuníssemos com os generais de Vareveth para discutir estratégias. Saskia e eu saímos da barraca e, mesmo à distância, percebo a tensão que irradia dele. Parece pronto para entrar em batalha neste exato momento.

— Onde está Elowen? — As palavras saem roucas e apressadas.

— Estou aqui! — Eu me adianto às pressas, em solidariedade ao soldado que segura as rédeas do cavalo de Cayden, olhando para ele de boca aberta, temeroso. — Pensei que

só fôssemos conversar com os generais mais tarde.

Cayden segura meus ombros, as mãos descem pelos braços enquanto me percorre com o olhar, como se estivesse procurando por algo errado.

— Que foi? De onde você está vindo? — pergunto.

Ele balança a cabeça e me abraça, me puxando para junto de si enquanto me leva para a nossa barraca. A mesma que compartilhamos desde a noite em que localizei Cayden na fronteira quando executava o soldado que havia tramado meu assassinato.

Ele para diante da entrada para se dirigir a um dos soldados que estão de guarda.

— Não devemos ser interrompidos a menos que seja estritamente necessário.

Entro na barraca enquanto desamarro o manto. Não estivemos aqui desde antes de tomarmos o poder, e devo admitir que senti falta desse lugar. O castelo é lindo, mas a barraca é bem mais aconchegante. Está bem mais espaçosa agora que Cayden removeu a cama dele da sala frontal e a escrivaninha foi recolocada no quarto que antes era só meu. Bom, acho que na verdade o quarto era só *dele*, considerando que fez esses arranjos para me dar um lugar seguro para dormir.

A decoração feminina não mudou nada e, quando comentei que os soldados tirariam sarro dele quando soubesse que seu líder dormia em uma cama florida, ele deu de ombros e falou: *Se tivessem a chance de dormir numa cama com uma mulher linda como você, duvido muito que reparariam nas flores*.

Sento no sofá ao lado do fogo e aqueço as mãos.

— Se está assim por causa das jaulas, Saskia já comentou comigo.

— Ah, essas jaulas de merda. — Ele solta uma risadinha tensa. — Esse relatório foi inútil. Já esperávamos que Imirath fosse procurar uma maneira de te atingir. Se não tinham nada relevante a dizer, seria melhor que tivessem ficado quietos, em vez de pôr em risco toda a cadeia de comunicação.

Ele puxa as mangas do casaco e começa a tirá-lo, jogando-o sobre uma cadeira e colocando dois pergaminhos dobrados no meu colo.

— Eu queria que você recebesse a informação direto de mim.

Engulo em seco.

— É de um de seus espiões, então?

Ele assente e senta-se na cadeira à minha frente.

— Tenho uma cadeia de espiões em Imirath. Um relatório estava pra chegar, e fui até minha taverna buscar.

Abro o primeiro pergaminho lentamente e leio duas vezes para me certificar de que não entendi nada errado.

— Meu pai vai se casar de novo nas próximas semanas.

Garrick permaneceu viúvo depois que os dragões queimaram minha mãe, e nunca houve rumores de alguma amante. Ele é paranoico, governado pelo medo do desconhecido. Pode parecer temível aos olhos de Ravaryn, mas para mim sempre foi um homem adulto que temia uma garotinha a ponto de mantê-la trancafiada.

— Leia o próximo.

Faço isso, me preparando para o impacto do que quer que seja que o colocou em alerta máximo. Sinto o sangue gelar, me paralisando da cabeça aos pés. Eu deveria imaginar que algo assim estava a caminho, e não sei por que a primeira coisa que sinto é... raiva. Não alívio, como eu esperava.

— Ele prometeu a filha primogênita do novo casamento para o herdeiro de Thirwen. Foi assim que a aliança foi concretizada.

— E ele pretende substitui-la, seu papel como herdeira, pelo filho primogênito — complementa Cayden, com os dentes cerrados.

— Ele vai ter mais filhos — repito, atordoada. Eu provavelmente vou ter irmãos. Crianças inocentes trazidas para um reino dividido pela guerra. — Ah, deuses.

Herdeiros homens têm preferência, mas em certos casos uma mulher pode ascender ao trono, como no caso da mãe de Eagor.

— *Você* é a princesa de Imirath. A herdeira legítima do trono, que possui um vínculo com cinco dragões e uma união garantida com o soberano do reino inimigo. As pessoas vão jurar lealdade a você, não importa o que seu pai diga.

— Ele vai prolongar a guerra pra sempre se tiver um filho antes de ser morto.

Rasgo os pergaminhos ao meio e os atiro no fogo, observando enquanto as chamas

enrugam as beiradas, reduzindo-os a nada.

— Quem quer que suba ao trono depois de Garrick sempre se sentirá ameaçado pela sua existência. Nunca vão deixá-la em paz. Mesmo se não reivindicar o trono, continuará sendo a herdeira legítima, governando o reino vizinho.

Apoio os cotovelos nos joelhos inquietos.

— Qual é a origem do conflito entre Imirath e Vareveth? Sei que tem a ver com disputas sobre magia e território, mas deve ter algo bem mais importante, para envenenar um povo contra o outro.

Tecnicamente, Imirath aceita a magia da água; não é difícil entender, considerando que a capital é construída sobre um arquipélago, mas a maioria dos magos se mantém no território sagrado. O uso da magia é limitado em Imirath, o que criou uma tensão com os governantes de Vareveth que vieram antes de Eagor e deixavam que a magia da terra fosse usada livremente no reino. Quando li os mitos de Ravaryn, vi ilustrações de sereias tomando sol nas praias de areia preta de Imirath, iluminuras com detalhes feitos em folha de ouro ao longo do extenso texto.

— O ódio pode ser hereditário. É transmitido ao longo das linhagens, como as características físicas e a religião — responde Cayden. — Muita gente de Imirath e Vareveth perdeu entes queridos no conflito, e o rancor foi crescendo com o tempo.

— Mas a Guerra da Maré Vermelha tinha uma *causa*, apesar de cada lado ter sua versão. Se meu papel é unir dois reinos com um longo histórico de ódio, preciso saber as verdadeiras origens.

— Teve o "Desaparecimento dos Sete" — começa Cayden. — Uns trezentos anos atrás, um grupo de príncipes e princesas de Atarah estavam viajando para um palácio de verão perto da fronteira de Vareveth. A rainha na época tinha dez filhos, e os três herdeiros mais próximos na linha de sucessão ficaram na capital estudando política e esgrima, em vez de saírem de férias. Mas os sete nunca chegaram lá. Todas as praias e florestas foram vasculhadas, mas não havia nem sinal deles. Muitos colocaram a culpa pelo rapto ou assassinato em soldados de Vareveth que atravessaram a fronteira, porque um pedaço de manto verde foi encontrado num galho não muito longe da estrada.

— Deuses — murmuro. — Que horror.

Cayden assente.

— E Vareveth também tinha motivo para vilanizar Imirath. Depois que as batalhas entre os dois reinos começaram, um príncipe da coroa da Casa Dasterian foi capturado e se apaixonou por uma plebeia de Imirath que curou seus ferimentos. Era alguém valioso demais para Imirath deixá-lo morrer. Uma noite, ela o libertou da cela e entregou um pergaminho a ele, que deixou um bilhete dizendo que não queria ter nada a ver com a guerra e estava fugindo com a mulher que amava. Imirath mandou caçadores atrás dos dois, preferindo vê-lo morto a deixá-lo fugir. Eles foram esquartejados, e partes do corpo do príncipe foram mandadas para o castelo de Vareveth. Essa história ficou conhecida como "A plebeia e o príncipe de certas partes".

— Bom, quem inventou esse nome tinha um dom com as palavras. Estou começando a achar que não existem finais felizes neste mundo. — Balanço a cabeça. — E você acha que devo tomar o trono de Imirath? Acha que posso apagar anos e anos de hostilidade?

— O que quero é que seu pai se arrependa de tudo que te fez. Pretendo retribuir fazendo mil vezes pior.

Cayden lambe os lábios e se aproxima, parando apenas ao se ajoelhar diante de mim, segurando minhas mãos. Detesto perceber que estão tremendo. Isso faz com que eu pareça tão fraca quanto me sinto. Sempre quis ser forte ao encarar Imirath, mas às vezes é como se a mera menção a esse nome me fizesse voltar a ser aquela garotinha que rasgava a pele dos pulsos algemados enquanto tentava, em vão, chegar aos seus dragões.

Meus dragões.

Eles também seriam caçados, não só eu.

— Você não é o ponto fraco da linhagem, como ele quer que todos acreditem; é o ápice dela. É a única governante em que já acreditei na vida, e não tenho fé em nada. É verdade que Imirath e Vareveth são inimigos há séculos, mas você é a primeira pessoa que pode reivindicar ambos os tronos. Nunca poderá apagar o passado, mas pode prometer um futuro para essa gente.

— Imirath. — Quase consigo sentir o gosto de sangue na boca, seu cheiro e textura. Meus pensamentos não param, me comprimindo e deixando meus membros dormentes. Sinto-me leve e pesada ao mesmo tempo. Suada e congelando. Com vontade de correr, mas como se já tivesse corrido mais de um quilômetro. — Eles me humilharam naquele castelo.

— As pessoas que foram cúmplices na sua tortura vão morrer. — O tom de voz de Cayden é rouco e áspero. — Vou matar qualquer inimigo e fazer o que for preciso para manter sua segurança. Se não quiser governar Imirath, eu entendo, mas prefiro que pense melhor antes de recusar. Quando a levei para o vilarejo onde nasci... aliviou algo dentro de mim. A dor continua lá, mas há felicidade também. Você fez isso por mim e, se me der a chance, gostaria de fazer o mesmo por você.

Para mim, é quase impossível pensar claramente quando o assunto é Imirath. Quero sair desta barraca e passar vários dias na floresta, sem pensar e sem falar, só existindo. As palavras estão presas em minha garganta como milhares de abelhas zumbindo em uma colmeia, mas não tenho energia para colocá-las para fora. Não posso viver sob a ameaça constante de Imirath, e não é só por minha vida que estou lutando.

No exílio, eu ouvia que nunca teria um exército numeroso a ponto de conseguir tomar Imirath, mas agora tenho. Ouvia que nunca veria meus dragões de novo, mas eu os libertei do castelo onde meu pai se esconde. Segundo foi profetizado, posso ser a salvação ou a ruína de Imirath, mas talvez esses dois caminhos sejam um só. Talvez a única salvação para Imirath seja o fim da linhagem Atarah. Estou cansada de ser vista como uma princesa descartada, indesejada pelo próprio pai, apesar de ser sua única herdeira. Tentar me restringir nunca termina bem, e talvez eu devesse provar isso para Garrick de uma vez por todas tomando o que é meu por direito.

— E se... — Fico em pé e começo a andar de um lado para o outro, o som das botas abafado pelo tapete. Aperto as têmporas com os dedos e massageio o latejar em minha cabeça. — E se eu *quiser* mais?

— O que você quiser, faremos acontecer.

Coloco as mãos na nuca, sob o cabelo.

— E Feynadra e Urasos? Ficam na fronteira ao norte, e duvido que gostem da ideia de Imirath e Vareveth se unificarem. Não haveria nenhuma barreira entre eles e o maior exército de Ravaryn.

— Não aceitar sua reivindicação ao trono de Imirath vai contra a deles, que gostariam ainda menos que Garrick tomasse Vareveth. Você não tem reputação de tirana, Garrick, sim. Ele continua a oprimir as Ilhas do Sul, que eram um reino independente antes de seu bisavô conquistá-las. Feynadra e Urasos são neutros. A geografia de Urasos torna quase impossível uma invasão, e Feynadra tem uma boa relação com Galakin, que agora você sabe que odeia Imirath, porque as rainhas são irmãs. Nasha é rainha de Feynadra e odeia Thirwen por causa da irmã que perdeu, mas não tem tanto poder quanto Cordelia porque é rainha consorte; Cordelia, por sua vez, herdou o trono.

— Seja como for, nenhum governante em Ravaryn apoiará a forma como tomamos a coroa de Vareveth — pondero. — Até mesmo uma faísca pode incendiar o mundo deles.

— O melhor a fazer é ignorar os resmungos de uma turba de imbecis que só sabe pensar em tradição — afirma Cayden, levando a mão ao cabo da espada enquanto me observa. — Você e eu não fomos criados como essa gente. O mundo é controlado por pessoas que se acham importantes e destruído por aquelas que sabem que não são. Meu valor não me foi concedido, eu o conquistei com a espada, e caso decidam se colocar no nosso caminho, logo perceberão o tamanho desse erro.

Passo as mãos pelo cabelo de novo.

— O povo de Imirath foi condicionado a me odiar por anos. Duvido que estejam bordando estandartes com o nosso emblema, aguardando meu retorno.

O olhar de Cayden ganha um brilho calculista.

— Tem mais uma coisa que gostaria de discutir com você.

— Bom, não é como se este assunto estivesse resolvido.

— Não. — Ele passa o manto pelos meus ombros. — Mas o que tenho a dizer pode influenciar.

CAPÍTULO
DEZENOVE

Cayden

Apresentar Elowen formalmente aos generais não era o único motivo para eu querer sua presença aqui. Ontem à noite, um grupo de quatro soldados de Imirath tentou se infiltrar pela fronteira. Segundo o relatório, nem resistiram à prisão. Passei a maior parte dos últimos anos em acampamentos de guerra, e a maioria dos prisioneiros com que cruzei saía cuspindo insultos a torto e a direito para conseguir uma morte rápida. Em alguns casos, eles ficam quietos, mas nunca vi ninguém se render assim que foi apanhado.

Ponho a mão nas costas de Elowen quando uma série de celas separadas que servem como prisão surge diante de nós. Minha expressão é sombria e meu olhar, afiado, para garantir que nenhum prisioneiro por que passarmos diga besteiras a Elowen enquanto a conduzo. As botas afundam na lama quando paramos no destino pretendido. O soldado que guarda a entrada faz uma mesura e prende o cigarro entre os lábios antes de destrancar a porta. O cheiro de excrementos humanos e suor faz o nariz arder, mas não chega nem perto do odor pungente da masmorra sob o castelo.

Os prisioneiros ficam de joelhos quando entramos, apesar de estarem algemados e presos a postes, o que torna seus movimentos estranhos e desengonçados. Interrogar prisioneiros não é o que gostaria de estar fazendo no momento, mas Elowen precisa ouvir isso. O trono de Imirath é seu por direito, e não permitirei que alguém que

continua enviando assassinos atrás dela o tome.

— Imagino que sabia quais eram as consequências de entrar no nosso território quando aceitou sua missão, não?

— Perdão, senhor.

Não respondo a seu apelo, e uso o silêncio para intensificar o medo. Uma sombra se projeta sobre a jaula quando Venatrix pousa logo atrás de Elowen, com um ruído ameaçador estalando na garganta enquanto abaixa a cabeça em direção às grades da parte superior. Os prisioneiros choramingam, e meus lábios se contraem quando o cheiro forte de urina é acrescido ao odor nauseabundo do ambiente.

— Não vamos perder tempo arrancando informações de soldados de infantaria — diz Elowen, observando as armaduras simples deles enquanto Venatrix rosna. Seu olhar escarlate está colado às grades que a separam de Elowen, e não ficaria surpreso se as destruísse com as presas. — Fale agora ou morra.

— Há uma inquietação no acampamento de Imirath desde que os dragões foram libertados. Muitos de nós acreditamos que a libertação foi um sinal da graça dos deuses. Lutar contra vocês seria entrar em guerra contra eles.

Nunca pensei que poderia contar com fanáticos religiosos para fortalecer Elowen, mas não dispenso a ajuda.

— *Anuncie* sua missão. Não vou pedir de novo.

— Era... — O soldado hesita, e levo a mão ao cabo da espada. — Era matar a rainha.

Elowen fecha os olhos brevemente, aceitando a realidade de sua posição. O pai dela nunca vai parar. Seja lá quem for declarado seu sucessor nunca vai parar.

Sempre fui protetor em relação a ela, mas a raiva que me domina quando alguém a insulta ou ameaça sempre me pega de surpresa. É como uma coisa viva dentro de mim. Uma necessidade implacável de eliminar o perigo antes que a alcance.

Entro na frente de Elowen, tirando os prisioneiros de seu campo de visão, e me inclino para murmurar em seu ouvido.

— Pode voltar lá pra fora. Te encontro num instante.

Ela franze a testa.

— O que está planejando?

— Confia em mim?

Ela comprime os lábios e resmunga, estreitando os olhos, mas se vira e sai da cela. Gesticulo para o guarda da entrada soltar os prisioneiros dos postes, sem tirar os olhos de Elowen. Sua presença já está atraindo uma multidão. As correntes geladas queimam a pele quando as seguro com mais força e puxo os prisioneiros para fora, forçando-os a se ajoelharem na lama congelante.

Mais dos meus soldados interrompem o que estão fazendo para assistir, formando um círculo ao nosso redor. Ryder chega aos empurrões e se coloca ao lado de Elowen, esquadrinhando a área para garantir sua segurança.

— Vou permitir que fiquem vivos se renegarem sua lealdade a Garrick Atarah.

Se eu os matar agora, eles se tornarão mártires, suas mortes inspirando ainda mais ódio, e para Elowen assumir o trono precisamos ser mais estratégicos.

Existe mais de uma maneira de travar uma guerra, mas a manipulação costuma ser preterida em favor de lâminas e sangue.

— Nós renegamos nossa lealdade a Garrick Atarah — dizem os prisioneiros em uníssono.

Desembainho uma faca da coxa e abro um corte na palma da mão de cada um dos quatro, um de cada vez.

— Declarem sua lealdade com um juramento de sangue. Se quebrarem sua palavra, serão mortos no mesmo instante.

— Nós lhes juramos lealdade, nosso rei e nossa rainha. A herdeira legítima de Imirath — afirma um dos prisioneiros, e os outros três viram as mãos algemadas para deixar o sangue cair na terra, repetindo o mesmo juramento enquanto a magia acontece.

— Podem transportá-los para mais interrogatórios e vigilância — ordeno a dois soldados. Duvido muito que saibam alguma coisa importante, mas abrir mão de um interrogatório seria um desperdício. — As partes das armaduras que tiverem o brasão dos Atarah devem ser jogadas para o outro lado da fronteira. Que os soldados deles vejam a rapidez com que os que usam sua armadura estão dispostos a trair o rei Garrick.

— Sim, meu rei.

Os prisioneiros se deixam conduzir sem resistência, e os soldados ao nosso redor começam a comemorar. A notícia vai se espalhar, e é por isso que eu queria que o juramento fosse público. Garrick vai reforçar a segurança na fronteira, para não deixar ninguém mais mudar de lado, mas isso só vai suscitar o ódio. Ele trancafiou Elowen quando criança, e logo vai ser obrigado a fazer o mesmo com seus cidadãos. Isso vai fazê-lo parecer fraco e apavorado. O povo de Imirath se aproximará de Elowen por meio das atitudes de Garrick. Isso vai favorecê-la.

Vou usar todas as vantagens possíveis e arrancar eu mesmo a coroa da cabeça de Garrick. Ele vai pagar por seus atos, e vai se arrepender do dia em que me fez seu inimigo.

Venatrix solta um guincho impaciente e Elowen aponta o queixo para a dragoa com um olhar interrogativo. Apesar de querer que ela fique para continuarmos nossa conversa, Elowen precisa refletir sobre a decisão de reivindicar o trono a que tem direito, então assinto e a vejo desaparecer na multidão.

CAPÍTULO
VINTE

Cayden

Uma máscara cobre a metade inferior do meu rosto enquanto percorro as ruas de Verendus. Uma energia inquieta me percorre, e intensifica-se conforme espero pelo retorno de Elowen. Sei que ela está pensando sobre a linha sucessória de Imirath. Eu teria enlouquecido se ficasse na barraca ou voltasse ao castelo. No passado, eu pegava trabalhos extras quando a escuridão cobria o céu e com frequência executava múltiplos assassinatos em uma só noite. Não faço isso desde que me tornei comandante. Bem, pelo menos não por dinheiro.

O vento uiva pelas ruas estreitas, trazendo um cheiro podre consigo. É muito pior no verão, mas também não é agradável no inverno. As construções dilapidadas se inclinam umas na direção das outras para se manterem de pé, o que só intensifica a sensação inóspita do lugar. Ninguém mora aqui por vontade própria. Entro no beco ao lado da taverna e pego o chaveiro de argola preso no cinto, sacudindo-o até encontrar a menor chave, de latão.

A entrada dos fundos do Covil do Demônio se abre com um rangido, e minhas botas vibram com os gritos que ressoam no teto do porão. Giro o pescoço e estalo os dedos antes de me obrigar a virar na direção oposta.

Está tudo escuro, já que nenhum empregado tem acesso ao andar de cima, então pego os fósforos da prateleira onde os guardo e acendo os lampiões da minha sala. As

venezianas ainda estão abertas de quando estive aqui mais cedo, e faço uma breve pausa ao ouvir um dragão guinchar à distância.

Uma batida seca e ritmada chama minha atenção de volta para a sala.

— Entre — respondo, tirando os olhos do céu e sentando à mesa. Alexus entra com uma bolsa no ombro, provavelmente contendo seu uniforme de criado. Ele pode ter trocado de roupa, mas ainda está cheirando a vinho e alho. — Em que posto se infiltrou desta vez?

— Mordomo. — Ele larga a bolsa no chão e senta-se diante de mim. — Os nobres tornam tudo tão fácil. Só o que preciso fazer é ficar parado num canto com uma jarra de vinho enquanto eles reclamam e resmungam.

— Então eles andam comentando?

— Ah, eles têm opiniões de sobra, como todas as pessoas cheias de si. — Alexus faz um gesto para o uísque que deixo sobre a mesa, se servindo de um gole quando assinto. — Mas estão morrendo de medo de se mobilizarem. Contrataram guardas, mas todos sabem que a lealdade de um mercenário sempre vai ser ao dinheiro.

— A arrogância deles vai vencer a batalha contra a lógica, como costuma acontecer com os lordes. — Eu me recosto na cadeira. — Quando se reunirem, vai ser a prova de que preciso para executar aqueles que se recusam a jurar lealdade sem me arriscar a uma rebelião.

Alexus assente.

— Eu mando avisar assim que ficar sabendo da reunião. Imagino que vá ser em breve; o ódio deles cresce a cada minuto.

O que torna meu dever pessoal incitar esse ódio ainda mais a cada minuto que passa.

— Se não tem mais nada a relatar, pode voltar para sua posição.

Alexus vira o uísque e eu lhe jogo um cigarro. Ele o acende no lampião antes de levá-lo aos lábios e sai silenciosamente para o corredor. Não é uma espada que acaba com um homem; é sua língua. Os nobres cometeram o erro de pensar que têm um valor inestimável para o reino, mas posso acabar com todos se for benéfico para mim.

Antes de ser o rei de Vareveth, eu era o rei dos bastardos.

Vou até a janela, passando a mão pelo cabelo e pelo rosto. *Porra*. Ainda sinto o cheiro dela na ponta dos dedos, de quando toquei seu cabelo mais cedo. Em meio aos cortiços, ao suor e à fumaça, aqui está ela. A única vida em um mar de mortes. Uma flor crescendo em um cemitério. Seu aroma é o bastante para despertar em mim a urgência de encontrá-la, de puxá-la para junto de mim até abandonar sua raiva e me conceder *tudo*.

Eu me seguro ao gradil, respirando fundo em uma tentativa de amenizar o latejar na cabeça. Minha paciência é quase inexistente, e sei que preciso dar um jeito em mim antes de vê-la de novo. Sou torturado pela lembrança dela embaixo de mim, seus cachos espalhados pelo travesseiro e, depois, sobre o meu peito. Seu gosto.

Deuses, o sabor dela.

A porta se escancara atrás de mim, e o aço da minha espada assobia contra a bainha quando a empunho. Um grito agudo preenche o ar quando Ryder vê a ponta a centímetros do próprio rosto. Reviro os olhos e volto a embainhar a lâmina.

— Da próxima vez, vê se bate na porta.

— É assim que você atende à porta na sua casa? Não é à toa que nunca recebe visitas.

— Está precisando de alguma coisa?

— Por que está mais irritado do que o normal? — questiona ele, colocando os pés na minha mesa e pegando o uísque. — Será que tem a ver com uma mulher de cabelo preto que saiu voando por aí?

— O cabelo dela não é preto.

Quando ela está sob o sol, a luz revela que se trata de um tom bem escuro de castanho.

— Certo, então admito que não prestei muita atenção à aparência de Elowen. — Ryder suspira. — Não vou embora enquanto não me contar o que aconteceu.

— Você nunca vai embora mesmo. — Fecho a boca e passo a língua na parte de dentro da bochecha. — Garrick vai se casar de novo e pretende substituir Elowen como herdeira.

Ryder fica sério ao ouvir isso, se endireitando na cadeira e apoiando os pés no chão. Acho que ter uma irmã caçula o torna naturalmente protetor em relação a Elowen, ainda mais considerando o quanto ela e Saskia ficaram próximas.

— A única opção para ela é tomar Imirath. Ela nunca vai estar segura se não fizer isso, nem os herdeiros de vocês, que também vão ter direito a reivindicar o trono.

Deuses, não quero nem pensar em herdeiros. Minhas preocupações começam e terminam em Elowen. Não há necessidade de complicar as coisas. Isso sem considerar que sou acolhedor como uma rocha escarpada. Não posso me arriscar a deixar que uma criança — ainda mais um filho nosso — sofra por minha incapacidade de amar.

— Ela sabe disso.

— O exército de Vareveth é inabalavelmente leal a você, e por extensão a Elowen. Você subiu na hierarquia lutando ao lado deles, sangrando nos mesmos campos de batalha. Basta dar a ordem e o trono será tomado.

— Haverá batalhas, e muitos vão morrer, independente de qual seja a decisão de Elowen. Não é uma questão sucessória.

— Você poderia tomar o trono, por direito de nascença ou não. — Ryder levanta da cadeira e fica em pé à minha frente, os olhos sempre cheios de divertimento estão incomodamente sérios. — Escolhemos você como nosso líder muito antes de tomar o trono de Eagor. Não porque nasceu com esse direito, mas porque era uma pessoa que valia a pena seguir, que nunca precisou dizer pra ninguém de onde veio para sabermos que é diferente dos demais. Você é o primeiro comandante a guerrear com Imirath, e o primeiro rei de nossa história a tomar a coroa num ato de rebelião. Os soldados, aquele bando de desgraçados endurecidos no campo de batalha, te idolatram como um tipo de deus quando comanda um ataque a que o outros reis costumam assistir detrás das fileiras, isso se estiverem presentes.

Olho para a cidade outra vez, com os telhados inclinados e a fumaça saindo das chaminés se misturando com a neve e desaparecendo. Quando menino, lembro-me de presenciar a mesma cena, pensando nas lareiras que não me aqueceriam, sem saber se sobreviveria à noite, desejando ser nada além de uma mera sombra. Na escuridão,

minha necessidade de vingança cresceu e se tornou purulenta como uma ferida não tratada. Como não fui abençoado com a misericórdia, me tornei alguém que nunca precisaria dela.

Estalo os dedos e abro o baú no canto da sala para pegar uma máscara, uma bandana e um frasco de tônico. A fala de Ryder continua pairando no ar, mas não vou ser mais um homem a usar Elowen para benefício próprio, e não vou arquitetar essa guerra sem ela. Sei que Ryder não tem nenhuma intenção maliciosa com a sugestão de que eu tome o trono, mas as coisas são diferentes agora. Tenho o que perder se agir com egoísmo, e não quero trair Elowen. Levo o frasquinho à boca e o viro de uma vez, fazendo com que as evidências que o passado deixou na minha pele desapareçam. A violência é tudo o que conheci na vida, e antes de Elowen a única coisa que eu tinha. A presença da dor se tornou natural, e agora não sei viver sem isso.

Quando os pensamentos sobre Garrick surgem, me arrastam para lembranças antigas em que evito pensar. Dou uma última olhada pela janela na direção de Imirath. Ao final dessa guerra, erguerei a filha do meu inimigo sobre as ruínas do reino e o farei se sentir tão impotente como ele fazia comigo.

CAPÍTULO

VINTE E UM

Elowen

Gotas de água salgada molham meu rosto quando mais uma onda imensa quebra nos penhascos escuros sob as patas de Delmira. O luar dança na superfície indomável do oceano, e meus dragões voam por entre as ondas, arrastando as garras pelas cristas espumosas antes de rodopiar sob as estrelas.

Voamos para tão longe que não sei mais se estou em Vareveth ou se me aventurei em Imirath, mas ainda assim não sinto nada de diferente. Houve um tempo em que só de pensar em Imirath eu mergulhava em uma espiral. Ainda não penso no meu lugar de nascimento com felicidade ou tranquilidade, mas a viagem para Zinambra aplacou algo em meu interior. Fecho os olhos e me imagino sentada em um café à beira de um dos canais banhados pelo sol veranil. Meus dragões amam ficar perto da água, e acho que adorariam estar em uma cidade como aquela. Foi onde Cayden passou parte da infância, e me pergunto se ele não sente falta de lá.

Acho que nunca tive a chance de amar ou me orgulhar do reino em que nasci. O povo não é o meu inimigo, só aqueles que participaram da tortura que meus dragões e eu sofremos. Garrick tentou me matar várias vezes. Não consigo nem me lembrar de todas. Não existe nada mais importante para ele do que a coroa, a ponto de ter submetido a única filha a um suplício por causa de uma profecia. A nova esposa pode dar um filho a ele, mas não importa quantas crianças nasçam, não permitirei que anule a

minha existência. Não vou deixar que tire de mim mais do que já tirou.

Imirath é meu direito de nascença. Ele pode fazer planos para o futuro do reino, mas eu também posso, porque o trono é meu.

Para além da praia de areia fina, as árvores se estendem por quilômetros, e as mesmas montanhas com picos cobertos de neve que vejo das janelas dos meus aposentos perfuram o céu. Isso tudo poderia ser meu. Não quero ser a ruína de Imirath, mas nunca pensei que pudesse ser a salvação. Se sobrevoasse o reino com meus dragões e queimasse tudo até sobrarem apenas cinzas, não seria muito diferente do meu pai. Os órfãos me veriam como Cayden enxerga Garrick: um tirano que matou seus pais e os fez enfrentar um mundo cruel antes que estivessem preparados.

Agora sou a rainha de Vareveth, comprometida com o rei, e eu quero que Garrick entenda as consequências da minha ascensão ao poder, visto que significa o declínio do seu.

Delmira bate as asas com impaciência, percebendo meus sentimentos através do vínculo, e eu estalo a língua. O vento uiva em meus ouvidos e machuca meu rosto quando ela mergulha do penhasco, dando uma guinada para a esquerda pouco antes de tocar a superfície da água. Fecho os olhos quando dou o comando para ela me levar para casa, deixando o céu me abraçar como um velho amigo, apesar da temperatura congelante.

O medo e a tragédia nos moldam tanto quanto o amor e a felicidade, independentemente da nossa vontade. Nos forçam a encarar com cautela e desconfiança um mundo que víamos com olhos inocentes. O mundo é um lugar lindo. São as pessoas que o habitam que o tornam insuportável às vezes. Encontrar a luz na escuridão é algo que faço há anos, buscando sempre um lado positivo, por mais minúsculo que seja.

Delmira aterrissa, mas, antes mesmo que eu volte a abrir os olhos, o cheiro no ar me diz que não estamos no castelo. Não reconheço esta parte de Verendus. É mais escura e povoada, e cheira a bebida, lixo e outras coisas que prefiro não identificar. O som das garrafas de bebida se quebrando ecoa pelas ruas sinuosas, assim como os gritos

arrastados e ininteligíveis dos bêbados.

— Delmira, minha querida, você perdeu o senso de direção? Ou quem sabe a sanidade? — Suas escamas azuis, normalmente claras como um dia de verão, estão pretas. Deve ser por isso que as pessoas não gritaram quando ela desceu do céu, mas é só questão de tempo antes que alguém a veja neste beco escuro. — Para casa. Me leve pra casa.

Ela bufa de impaciência e arqueia as costas, tensionando as correias da sela e me arremessando brevemente no ar.

— Delmira! Não vou mais te dar carne fresca... só cenouras.

Ela se contorce de novo, dessa vez com mais força ainda, e baixa a asa para o chão, para eu descer. Reviro os olhos e me solto da sela, escorregando até as botas encontrarem o calçamento de pedra.

— Para a sua informação, não estou vestida para a ocasião.

Gesticulo indicando minha roupa. É como a que eu usava em Aestilian, feita de tecido azul-escuro, mas embelezado com uma mistura de contas em azul-claro e branco, e com pele branca nos punhos e na gola. Esse detalhe foi pensado para combinar com o manto, que desce até as panturrilhas como um vestido, mas ainda permite acesso às facas presas às minhas pernas, cobertas pela calça preta, a mesma cor das botas e do cinto.

Com um suspiro, coloco o capuz e observo os arredores, apontando para uma poça por onde ratos passam correndo.

— Esta é minha nova sala de banho? Você tem um olhar afiado para o luxo, Delly.

Ela bate a pata no chão e me empurra de leve para a entrada dos fundos da construção. Aceitando a vontade da minha insistente dragoa, eu pego os ganchos de arrombar fechaduras que levo nas botas. Começo a cantarolar enquanto os enfio no buraco, usando a técnica que Cayden me ensinou. Meu hálito se condensa diante dos meus lábios enquanto tento virá-los dentro da fechadura, mas não consigo abri-la.

Delmira bufa de novo e me empurra com o focinho antes de cravar as presas na madeira, arrancando um bom pedaço da porta e engolindo tudo, inclusive a fechadura.

O rangido parece mais um grito quando a portinhola se abre, me provocando uma careta.

— Sutil... e altamente nutritivo.

Tiro uma das adagas de dragão da bainha na minha coxa e prendo uma máscara nas orelhas enquanto avanço para a escadaria às escuras. A porta se abre de novo quando tento fechá-la, mas felizmente Delmira não comeu a tranca, então a prendo, ignorando o fato de que mais de metade da madeira está faltando. Isso não é problema meu.

Ela decola quando um som reverbera sob as solas das minhas botas, então me viro naquela direção para ver de onde vem. Não consigo ver a base da escadaria em meio à escuridão, mas mantenho a mão na parede para firmar os passos. Uma faixa de luz vaza para as sombras no chão, e continuo a tatear a madeira lisa. Meus olhos se ajustam à baixa luminosidade, e seguro uma alavanca, que puxo para abrir a porta oculta.

A energia no recinto me engole como uma onda da qual não tenho nenhuma esperança de escapar. O cheiro de sangue e suor misturados paira pesadamente no ar, acompanhado da fumaça que forma uma névoa sobre o porão e sobe até as vigas de madeira rachada mais acima. Ninguém me nota enquanto fecho a porta atrás de mim; todos continuam com a atenção voltada para os dois homens trocando socos em um ringue elevado.

Avanço um pouco mais, as botas grudando no chão no que *torço* que seja cerveja derramada. Se estiver errada, prefiro nem saber.

— Eu estava só esperando para ver quando você ia aparecer aqui. — Uma mão envolve meu pulso, e levo a faca até as costelas da pessoa. — Me faz um favor, queridinha, e não deixe que ele a veja apontando essa coisa pra mim. Receio que ele me atiraria naquele ringue, e gosto do meu rosto do jeitinho que ele é.

Ergo o olhar e dou de cara um par de olhos azuis desconhecidos, mantidos à sombra pela aba de uma boina. O homem também está de máscara, que abafa sua voz, mas ainda assim ela é tão... conhecida. Eu afasto a faca dele.

— Ryder?

Ele leva um dedo aos lábios.

— Nada de nomes. Por que está aqui? Aconteceu alguma coisa?

Uma sensação persistente desvia meu olhar de volta para o ringue, e sinto os ombros enrijecerem ainda mais quando percebo que não são apenas dois lutadores lá em cima... um deles é Cayden. Aqui deve ser sua taverna. E ele bebeu o tônico de que me falou, que o torna quase irreconhecível à primeira vista. O cabelo e a maior parte do rosto estão cobertos, mas ele continua alto e musculoso como sempre. A pele está livre das cicatrizes e tatuagens com que aprendi a me acostumar — as marcas que o tornam o homem que sei que ele é.

Para casa.

Delmira me trouxe *para casa*.

— Não, está tudo bem.

O adversário acerta um soco nas costelas de Cayden, e respiro fundo como se eu tivesse recebido o golpe. Ele poderia ter se esquivado facilmente. Eu o vi enfrentar vários soldados de uma vez e sair sem um arranhão. Cayden desvia do golpe seguinte, mas deixa o ombro lesionado exposto, permitindo que o oponente se aproveite dessa vulnerabilidade.

— Por que ele está fazendo isso? — O sangue mancha minhas unhas por tê-las cravado nas palmas. — Você sabe que ele pode derrotar esse homem fácil.

— Ele pode derrotar fácil qualquer um que subir naquele ringue.

Ryder me abraça para me impedir de me aproximar.

— Vocês dois já ganharam dinheiro suficiente.

— Não é mais só uma questão de dinheiro — diz ele.

— Como assim?

Ryder sacode a cabeça enquanto se vira de novo para Cayden.

— Ele poderia parar de lutar quando virou comandante. Eu até levantei a hipótese de vender isso aqui para protegê-lo daqueles que poderiam querer investigar seu passado quando ele subiu na hierarquia, mas a violência é o jeito dele de lidar com as coisas. Cayden está sempre com dor, e não é do tipo que gosta de falar sobre o que está pensando.

Faço uma careta quando Cayden leva mais uma pancada nas costelas.

— Mas pra que levar tantos socos?

— Nem sempre lidamos com as coisas de um jeito bonito e limpinho. — Ele me dá um empurrãozinho fraternal e me puxa para mais perto quando a plateia fica mais agitada. — Ele está bem. Está muito melhor desde que te conheceu. Provavelmente vai adorar saber que você está assistindo quando perceber, então respire fundo e espere um pouco enquanto ele ganha mais algumas moedas para pagar pela aliança que vai pôr no seu dedo.

Respiro fundo, apesar de o ar ter um cheiro amargo, e solto uma risadinha fraca. As bandagens brancas nas mãos de Cayden estão salpicadas de sangue, e o suor escorre pelo peito bem torneado, fazendo meu corpo esquentar. Algo mais percorre meu corpo quando me dou conta de que não sou a única a reparar nisso. Ele está lindo no ringue, movendo-se com uma elegância rara.

Quase todas as mulheres presentes o olham com desejo estampado no rosto. Elas ficam por aqui quando ele termina de lutar? Encostam nele quando atravessa a plateia? Será que já esteve com alguma delas antes? Não conheço essa parte da vida dele. Não conheço essa versão sua. Mas quero conhecer.

Me afasto um passo de Ryder, cedendo ao impulso que me atrai para Cayden desde que o conheci, e é como se esse movimento tivesse provocado algo dentro dele, porque seu olhar encontra o meu. Seus olhos estão perturbados e tão cheios de maldade que me provocam um calafrio. A pessoa que ele está enfrentando não é quem está vendo em sua mente. Ele pode apagar temporariamente as cicatrizes da pele, mas não as memórias que fazem os ferimentos cicatrizados sangrarem. Ele volta a me olhar, franzindo a testa como se não conseguisse acreditar que estou aqui, e dá um empurrão nos ombros do oponente.

Seu movimento seguinte acontece em um piscar de olhos, cravando o punho na lateral do rosto do homem, mandando-o para o chão, onde permanece enquanto Cayden se abaixa para passar pelas cordas. O ruído da plateia é ensurdecedor, mas em vez de correrem em sua direção, como imaginei, as pessoas fazem o contrário. Seu olhar

sombrio não abandona o meu nem por um segundo quando caminha até mim como se nenhuma força neste mundo fosse capaz de alterar seu curso.

— Cinco vitórias para o Víbora! Recolham seus ganhos na janela de apostas e façam as apostas para a próxima luta! — grita o locutor.

Sinto um frio na barriga.

Cinco lutas.

A conversa sobre o trono de Imirath desencadeou tudo isso?

Mal tenho tempo de observá-lo melhor quando se aproxima de mim. Ele me joga sobre o ombro, e quase não ouço a risada de Ryder por causa dos batimentos pulsando nos ouvidos enquanto Cayden me carrega. Ele passa pela porta escondida e me coloca em pé antes de tirar a máscara. Em um átimo ele está com o corpo colado ao meu, prensando minhas costas contra a madeira.

— Por que está aqui? Aconteceu alguma coisa?

Sua respiração está acelerada, e ele se inclina cuidadosamente para a frente para retirar a minha máscara, não que isso faça muita diferença. O máximo que consigo ver é sua silhueta, mas prefiro que seja assim, considerando que está usando o tônico que altera as feições.

— Eu estou bem. — Cravo as unhas na porta, levantando a cabeça quando sinto seu hálito contra meus lábios. — Por que você veio pra cá?

— Precisava me encontrar com Alexus.

— Você sabe que não é disso que estou falando. — Ryder e eu já falamos sobre o assunto, mas preciso ouvir da boca dele. — Por que está lutando desse jeito?

Quando ele responde, sua voz é como um rugido grave que me faz vibrar até a medula.

— Acalma a minha mente.

Engulo em seco.

— Não tem nada mais que acalme sua mente?

Ele move um dos braços acima da minha cabeça, desamarrando meu manto com a outra mão, deixando que caia por meus ombros antes de tocar meu pescoço com os

dedos.

— Está calma agora.

Seu polegar pousa sobre uma veia pulsante.

Tento me tranquilizar baixando o olhar, mas não consigo. Não dá para ver seus olhos, mas mesmo assim os sinto arder sobre os meus. Ele sempre consegue fazer isso. Me ver quando ninguém mais é capaz. Cayden está ligado a mim como a lua e as estrelas pertencem à noite — continuamos juntos, não importa a escuridão que nos rodeie.

— Eu...

Minha garganta está tão seca que é quase doloroso falar.

— Você está tremendo. — A mão desce do meu pescoço e escorrega para o braço. Sempre detestei a forma como a minha ansiedade se mostra tão claramente. — Está assustada?

— Acho que sim — murmuro, e sua mão para de se mover e ele fica tenso. — Não por sua causa, mas pelo que preciso te dizer.

Ele segura meu rosto entre as mãos, me mantendo perto de si como se fosse impossível me largar. Seu polegar acaricia meu lábio inferior, e fecho os olhos. Sei que sua boca está próxima, e sinto a tentação de eliminar essa distância, mas seu calor é arrancado de mim quando damos as mãos e ele me puxa para longe da parede.

— Vamos conversar na minha sala.

Dou um grito quando ele me pega no colo e começa a subir as escadas.

— Alguém a viu sem a máscara? — indaga ele.

— Não. Fiquei de máscara o tempo todo.

— Ótimo. Ninguém esquece um rosto como o seu. Confie em mim, sei bem disso.

Me sinto grata por ele ainda não poder ver o rubor que sobe por meu pescoço.

Ah, deuses.

Delmira comeu a porta *dele*.

Os passos de Cayden se tornam mais lentos no primeiro patamar da escada, e inspeciono as unhas depois de lançar um olhar de soslaio para a porta e bufar.

— Devia cuidar melhor dos seus investimentos. Este lugar tá caindo aos pedaços.

— Tem marcas de mordida na madeira — afirma ele, impassível.

— Olha, eu não te julgo por querer fazer um lanche, mas da próxima vez você podia tentar encontrar um docinho.

Ele suspira enquanto continuamos a subir.

— O que eu disse meses atrás sobre esse comportamento de superioridade da realeza?

Que eu o dominei.

— Alguma coisa sobre ser uma das suas coisas favoritas em mim.

— Você não deve ter muitas boas qualidades, então.

Ele ri da minha irritação e abre uma porta no último andar. O corredor estreito tem mais algumas portas, mas ele me conduz pela primeira. É um escritório pequeno, mas funcional, com pouca mobília em vários tons diferentes de madeira e alguns livros contábeis empilhados atrás da mesa. O tapete vermelho e preto já viu dias melhores, mas entendo por que decorou o local assim: nada além do uísque me faz associar esta sala a ele.

Cayden me põe no chão e me viro para encará-lo, mas respiro fundo e esbarro em uma cadeira. De pronto, ele franze a sobrancelha sobre um par de olhos *castanhos*. Ele põe a mão em meu ombro, mas inevitavelmente me encolho. Nunca imaginei como seu rosto ficaria sem a cicatriz. Acho que isso lhe confere uma beleza mais clássica, mas para mim ele sempre foi lindo, e o prefiro do jeito que é.

— Que foi?

— Você... — Balanço a cabeça. — Você não parece...

O meu Cayden.

A confusão desaparece do seu rosto, e ele se vira para pegar um frasco no baú do canto, engolindo o líquido laranja efervescente. Abro os lábios quando as cicatrizes nas costas dele aos poucos reaparecem e, quando se vira para mim, sinto os ombros relaxarem. Ele veste uma camisa enquanto lhe sirvo um copo de água de um jarro sobre a mesinha.

Cayden me olha com curiosidade.

— Sobre o que queria conversar?

Olho ao redor, mas não há muitos lugares para sentar, e preferiria não ter essa conversa em cadeiras desconfortáveis. Pego o copo de sua mão e dou alguns goles antes de devolvê-lo. Seus lábios se franzem de uma forma familiar que acalma um pouco os meus nervos, e começo a mexer nos pelos da pele de minhas mangas conforme ando até a janela aberta.

— Então esta é sua taverna?

Ele arqueia as sobrancelhas e enfia uma das mãos no bolso enquanto se posiciona ao meu lado.

— O Covil do Demônio.

Rio baixinho, dando uma olhada rápida nele antes de me voltar para a cidade.

— Que sutil.

Ele dá de ombros.

— Mais sutil que a sua tentativa de ganhar tempo.

Mordo o lábio inferior com força e me obrigo a engolir em seco.

— Passei a maior parte da vida procurando amor em meio à dor, então acho que parei de pensar nele como um aliado para lidar com as coisas. Mas, quanto mais dor eu sentia, mais ansiava por amor, e mais desesperada ficava. Não percebi a que ponto tinha chegado. Era como se estendesse a mão o tempo todo e só me desse conta do tamanho da minha dor quando quebravam meus dedos, minha pele ficava marcada de sangue e eu não tinha mais nada a oferecer. — Isso começou antes de Ailliard. Eu me lembro de me agarrar às grades da cela enquanto gritava por uma mãe que nunca veio até mim. — Então, quando você me magoou, achei que me afastar era a melhor forma de me proteger. Sempre ouvi dizer que esse meu jeito de sentir as coisas tão profundamente é uma fraqueza, e que é melhor manter nossas fraquezas escondidas.

— Não quero que esconda nenhuma parte sua de mim — diz Cayden, fechando os dedos sobre o parapeito da janela. Ele inclina a cabeça para baixo, para eu poder olhar em seus olhos. — Eu adoro tudo em você, até aquilo que você mesma detesta.

Assinto, me agarrando a essa garantia como uma tábua de salvação.

— Eu sinto sua falta.

Seu rosto se contorce de dor, e ele volta o olhar para os meus lábios.

— Nunca saí do seu lado.

— Mas preciso de mais. — Fecho os olhos para aliviar a ardência que sinto. — Para ficar vulnerável ao seu lado, preciso de reciprocidade. Para tomarmos o trono de Imirath, preciso confiar plenamente em você. Se estiver sempre usando uma armadura quando estivermos sozinhos um com o outro, então só o que posso esperar é uma batalha.

— Nunca foi minha intenção fazer você se sentir assim — responde ele gentilmente, e seu olhar se ameniza. — É que vivi sem poder ser vulnerável por tanto tempo que nem me lembro mais de como é não precisar ter cautela.

— Você sabe o que aconteceu comigo quando eu era criança. Torturou um dos guardas de Garrick, ouviu as histórias sobre a princesa trancafiada e me ajudou a atravessar esse pânico. — Respiro fundo, me obrigando a continuar. — Você continua pedindo para eu falar, mas não vou conseguir fazer isso até que escale esse muro que existe entre nós para nos encontrarmos do outro lado. Quero conhecer você, Cayden. Quero saber se confia em mim o suficiente pra me contar as coisas que fizeram de você o homem que é hoje. Não quero mais ser pega de surpresa por nada a seu respeito.

— Você quer que eu te conte sobre meu passado — afirma ele, sem demonstrar emoção. — Quer saber por que odeio Garrick, para além da cicatriz do meu rosto e do fato de ele ter assassinado minha mãe.

— Quero.

Cayden contrai o maxilar, em seguida leva a língua à parte de dentro da bochecha enquanto pesa minhas palavras. Ele está me olhando como se eu fosse seu quebra-cabeça favorito à espera de uma solução, com os olhos verdes faiscantes mapeando minhas feições e os dedos segurando meu pingente. Cayden assente, mais para si mesmo que para mim, como se tivesse chegado a uma conclusão nas profundezas de sua mente.

Vários segundos se passam, e seu rosto não muda, mas seus dedos se entrelaçam nos meus.

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

Cayden

Nunca me esqueci de quem sou, nem os acontecimentos que me tornaram o que eu sou hoje. Se você sempre se lembrar de quem é, ninguém pode usar isso contra você. Tenho terra e sangue acumulados sob as unhas quebradas na minha escalada até o topo, para me elevar sobre aqueles que me menosprezavam, e o tempo ensinou essas pessoas a temerem meu nome.

Depois de vestir um manto e uma máscara limpa, desço com Elowen e devolvo a máscara dela. Ponho o capuz enquanto ela prende a máscara nas orelhas e saímos pela porta semidevorada.

— Sobe no cavalo — digo, apontando com o queixo para o local onde Koa está amarrado.

Sinto os músculos cansados pela atividade no ringue, mas empilho caixotes pesados para bloquear a porta. Ryder vai consertá-la antes de ir embora, mas não quero deixar assim. Sinto vontade de pegar um cigarro quando as lembranças ressurgem, mas deixo esse desejo de lado e monto atrás de Elowen. É tarde da noite, então as ruas estão desertas, a não ser por alguns vadios com andar cambaleante, embriagados demais para saber quem somos.

— O que você quer saber?

— Por que seus pais estavam fugindo de Garrick?

Gritos.

Eles ecoam em meu crânio sempre que penso na minha mãe.

Não me lembro mais de qual era o tom de loiro de seu cabelo, nem da cor dos vestidos que usava. Só sei a cor de seus olhos porque é a mesma dos meus, e às vezes quando me vejo no espelho só o que consigo ver é a vida abandonando os olhos dela.

Todas as minhas demais feições vieram do meu pai — e isso me enoja. Eu fui feito para odiar a mim mesmo.

— Por minha causa — respondo, sem demonstrar emoção. — Minha mãe era dama de companhia da sua, e meu pai era o guarda do palácio designado a ela. Eles não podiam ser vistos juntos publicamente, encarariam como uma traição a Garrick e Isira, porque meu pai estava numa posição muito abaixo da dela. Minha mãe era de uma família nobre de Imirath, que se recusou a recebê-la quando ela fugiu do castelo e apareceu grávida do filho bastardo de um bastardo das Ilhas do Sul, sem terras nem título.

— Você tentou entrar em contato com alguém da sua família depois que ficou sozinho? Com algum dos lados? — pergunta Elowen baixinho.

— Não. Por mais que estivesse com frio ou com fome, me mantive irredutível em minha decisão. Minha mãe foi a única pessoa que me amou neste mundo, e eu preferia morrer a trair a memória dela. Talvez ela quisesse que eu os procurasse se fosse para escapar de uma vida nas ruas, marcada pelo crime, mas mesmo sabendo disso não havia a menor chance. — A ideia de sentar à mesa com aqueles que a desprezaram parecia ainda pior que matar por dinheiro. — Eu já deveria ter contado. Para Garrick, não faria diferença quem eu era quando fui comandante, porque subi na hierarquia por mérito próprio, mas a realeza odeia bastardos porque abalam os alicerces sobre os quais ela se apoia. Ele vai reconhecer meu sobrenome e tentar voltar o povo contra nós.

— Bom, sempre achei a maior parte das pessoas burra ou completamente idiota, então é melhor ignorar o que o povo diz — comenta Elowen, e segura meu braço com mais força quando dou uma risadinha. — Garrick não vai se lembrar do nome de um guarda do castelo...

— Eu assumi o nome da minha mãe, não o do meu pai. — Foi ela que me trouxe ao mundo e me criou, e nunca quis nenhum tipo de associação com o meu pai depois que me livrei dele. — Suponho que meu verdadeiro nome seja Cayden...

— Veles — completa ela. — Você é Cayden Veles. E sempre será.

Suprimi esses sentimentos e essas lembranças por tanto tempo que nem parecem mais pertencer a mim. Parece que estou contando a história da vida de outra pessoa. Mas sinto um aperto no peito ao ouvir a certeza com que ela pronuncia palavras que nunca pensei que fosse ouvir.

— Eu posso ser Atarah, se adotar um nome da realeza for facilitar as coisas. Essa linhagem governou Imirath por séculos.

Ela se vira para mim, mas só consigo ver seus olhos, já que está de capuz e máscara.

— Com isso só assumiria o nome de um homem que odeia depois de recusar o nome do próprio pai.

Eu cerro os dentes.

— Meu orgulho não vale o seu sofrimento.

Os olhos dela se suavizam, e seguro as rédeas com mais força. O pai de Eagor não era um Dasterian, assim como o rei Erix de Galakin não era um Ilaria — eles assumiram o nome das rainhas para manter o legado. Cayden Atarah. O nome me faz querer voltar para o ringue e socar alguém até minha mão ficar em carne viva. Mas eu me submeteria a isso... por Elowen.

Ela passa o polegar sobre meu pulso.

— Nunca fui uma filha para o meu pai, nunca fui de lugar nenhum nem de ninguém, e sei que nunca vou conhecer sua mãe, mas gostaria de manter o nome dela vivo, como um agradecimento.

Franzo a testa.

— Um agradecimento?

— Se não fosse por ela, eu nunca teria te conhecido.

Só percebo a força com que puxei as rédeas quando o cavalo para no meio da estrada ladeada por sempre-verdes cobertas de neve enquanto seguimos para Ladislava. Se

Elowen notou que nosso caminho se desviava para longe do castelo, não disse nada. Ela tira a máscara agora que estamos sozinhos, e volto o olhar para seus lábios como se tivessem murmurado um encantamento para me controlar.

— Que foi? Pensei que fosse gostar da ideia.

— E gostei. — Agito as rédeas para ordenar ao cavalo que retome o trote. Não entendo como quase ninguém na vida dela se manteve fiel ao seu lado. Sua presença por si só basta para fazer com que eu, um homem considerado irredimível, me agarre à moralidade só para ter pelo menos uma fração da minha alma que seja boa o suficiente para ela. — Você nunca vai se livrar de mim, *Elowen Veles*.

Deuses.

Não consigo nem descrever o quanto isso soa bem.

Ela sorri e se vira para a frente de novo, respirando fundo quando relaxa contra meu corpo. Passo a língua nos lábios e faço o cavalo ir mais depressa enquanto percorro as memórias, vendo pequenos flocos de neve flutuarem lentamente.

— Meu pai ficou olhando sem fazer nada enquanto os soldados de Imirath arrastaram minha mãe de casa pelos cabelos. Ela me implorou para ficar escondido quando percebeu que estavam chegando, mas eu sabia onde meu pai escondia a espada. — A lâmina era muito mais pesada que os gravetos com que eu treinava, mas se tratava de um momento de desespero. — Desarmei o homem que segurava a espada contra o pescoço dela, mas outro assumiu seu lugar. Ela morreu sufocada pelo próprio sangue, assistindo enquanto abriam um talho em meu rosto. Meu pai implorou de joelhos para ser poupado conforme eu matava o soldado que me cortou. — Havia tanto sangue que lembro de ter pensado que deviam ter me cegado. Lembro de ter sentido a ponta da lâmina atravessar minhas gengivas. — Então todos se voltaram contra mim, mas consegui manter a espada em punho. Foi quando meu pai negociou com os assassinos da minha mãe e disse a eles que eu teria mais valor vivo.

Elowen estremece contra mim, mas continuo, porque preciso acabar logo com isso.

— Meu pai me acorrentou e começou a me levar aos ringues de luta em Imirath, como essa que você viu; a diferença é que na minha não permito crianças. Eu perdia de

propósito, e os soldados ameaçaram matá-lo se eu não parasse com isso, então meu pai começou a me chicotear como castigo pelas derrotas. — As palavras parecem ácido na minha boca, e giro o punho, afastando momentaneamente minha mão da de Elowen. — Ele foi ficando mais criativo e começou a me obrigar a lutar até a morte, sabendo que eu ardia de necessidade de vingança, pela minha mãe e por mim.

— Por favor, me diz que você acabou com a vida dele — murmura Elowen.

— Ele roubou a gaiola de um cão de caça quando tudo isso começou. Era assim que me impedia de fugir. Só me tirava do ringue quando eu estava arrebentado ou tão exausto que mal conseguia andar.

Elowen se encolhe ao ouvir isso, mas não diz nada, talvez se dando conta de que nossa infância teve muito mais coisas em comum do que seria capaz de imaginar. Fiquei à mercê do meu pai dos 11 aos 14 anos, e ela ficou à mercê do pai dela dos 4 aos 10. É por isso que não suporto ser tocado; fui condicionado a matar qualquer um que chegasse perto demais.

— Depois de uma série de vitórias ao longo de dois anos, meu pai começou a ficar desleixado. Consegui pegar a chave da minha gaiola quando estava bêbado e me libertei enquanto ele apagou. — Dou uma risadinha seca e sombria quando atravessamos as árvores e galopamos pelo morro que leva a Ladislava. — Eu o acordei antes de cortar a garganta dele do mesmo jeito que fizeram com minha mãe.

Elowen pigarreia para tentar disfarçar que está fungando, mas, mesmo que conseguisse, os tremores que atravessam sua silhueta estreita teriam denunciado suas emoções.

— Você ficou com algum dinheiro das suas vitórias? Foi assim que conseguiu alugar seu primeiro apartamento?

Toda vez que eu ganhava, meu pai gastava tudo com mulheres, bebida e drogas. Puta que pariu, eu não quero falar disso.

— Só o que peguei foi o casaco dele antes de fazer a travessia para Vareveth.

— Sua existência não se torna um erro só porque alguém o fez acreditar que é.

Elowen sacode a cabeça antes de passar a perna por cima do cavalo, sentando de

lado na sela para abraçar meus ombros.

Puxo as rédeas para diminuir a velocidade do cavalo.

— Você sabe montar assim na sela?

O corpo dela vibra com os soluços que tenta conter quando me puxa para si, como se estivesse tentando abraçar a versão de mim que eu era quando fui forçado a lutar naqueles ringues, e não tenho coragem de lhe dizer que esse menino não existe mais. Talvez esteja em algum lugar com o fantasma de quem ela mesma foi; talvez estejam desfrutando da infância que lhes foi roubada.

O rugido em meus ouvidos se acalma quando ela está comigo. Um rio à distância cria uma melodia relaxante, e a suavidade de Elowen torna menos agudas essas lembranças brutais. Continuo respirando seu cheiro leve de flores e baunilha para substituir o odor pungente de sangue. Existem certos aspectos em que nós dois sem dúvida combinamos, mas é em momentos como este, quando encontro forças em sua gentileza, que me dou conta do quanto somos diferentes. Ela é a vida que brota da morte que me atormenta, e a luz que dissipa a escuridão dentro de mim. É preciso um tipo diferente de força para continuar gentil em um mundo que deu todos os motivos para você se tornar alguém destrutivo. Elowen tem um lado vingativo, e sua sede de sangue é evidente, mas é capaz de amar com toda a força de seu ser.

— Eu lutei — começo e pauso brevemente para limpar a garganta —, porque sabia que você existia. Me forcei a sobreviver até te encontrar. A princesa com um vínculo com cinco dragões que foi vítima do mesmo homem que destruiu minha vida. Pensei em você nas minhas piores noites, e você me manteve vivo.

Eu me inclino para beijar Elowen e secar suas lágrimas, passando o polegar sobre o anel de safira que ela só tira para tomar banho e dormir.

— Este anel era da minha mãe. Foi passado de geração em geração entre as mulheres da minha família. Nunca consegui me desfazer dele, por mais que estivesse com fome ou com frio. — Eu o arranquei do dedo dela enquanto os soldados me puxavam para longe. Estava coberto por tanto sangue que não conseguiram vê-lo na minha mão quando o enfiei no bolso. — Ela teria adorado você.

— Você deveria ficar com ele — murmura Elowen, com tanto sentimento na voz que meu coração chega a doer.

— Eu não o quero. — Levo sua mão aos lábios, beijando a joia. — Quero que você use.

Ela umedece os lábios, a determinação visível nos olhos.

— Você é Cayden Veles. Não é um bastardo. É filho de Asterin. A maior bênção da vida dela. Um sobrevivente. O homem mais corajoso e forte que conheço. Você é o rei de Vareveth e o único conquistador do nosso mundo.

Meu coração está quase saltando pela boca, e só o que consigo fazer é olhá-la. Procurei por ela em todas as partes de Ravaryn. Fui a todos os reinos, às Ilhas do Sul e a ilhas sem nome, mas valeu a pena. *Tudo* vale a pena por ela.

— Não importa o que fez para sobreviver — murmura Elowen. — O importante é que conseguiu.

— Obrigado por ter sido a razão para eu ter conseguido.

Mesmo quando eu não tinha nada.

Ainda tinha ela nos pensamentos.

— Vamos tirar tudo de Garrick — promete Elowen com uma ferocidade inigualável. — Vamos tomar o trono e apagar o nome dele deste mundo. O legado dele acaba aqui.

— Você vai assumir o trono de Imirath?

Os portões de ferro da sede da Casa Veles se abrem, mas Elowen não se vira, não tira os olhos de mim nem mesmo quando um guarda nos cumprimenta e acende uma tocha para avisar a criadagem da minha presença.

— A rainha Cordelia de Galakin não respondeu à minha carta, então existe a chance de enfrentarmos dois reinos por um trono que a maioria não quer que eu assuma, mas ele será nosso. Eu sou a princesa de Imirath, e vou lutar pelo meu direito de nascença.

CAPÍTULO

VINTE E TRÊS

Elowen

Passo o polegar sobre meu anel.

O anel de Asterin.

Nada que ele já tenha me comprado teria tanto significado. Meu coração parece que vai saltar do peito enquanto faço um juramento silencioso para a mãe de Cayden, prometendo manter a segurança deste anel e do filho dela.

Meus ombros relaxam quando o longo caminho ladeado por uma floresta invernal coberta de regatos congelados termina, e a sede da Casa Veles surge em toda a sua glória. A madeira escura e as pedras da fachada estão banhadas pelo luar, e os vitrais, iluminados pela luz das velas acesas lá dentro. Torretas pontiagudas perfuram a noite, encimadas por estátuas de dragões como as da fonte no centro do círculo diante da entrada principal, esculpidas para parecerem os cinco em pleno voo, com as caudas ao redor de um par de espadas cruzadas. Essa fonte está aqui desde antes de nosso noivado, percebo. As estátuas sobre as torretas são novas, mas de alguma forma eu sempre existi aqui, antes mesmo de nos conhecermos.

— Por que você mandou fazer isso? — indago enquanto ele segura minha cintura e me ajuda a descer do cavalo. — Parece o nosso emblema, mas lembro que já estava aqui quando vim pela primeira vez.

— Serviu como um lembrete pra mim — conta Cayden, atraindo meus olhos de

volta aos seus. — De que você estava em algum lugar deste mundo, e eu não ia aceitar uma realidade em que não a encontrasse. Além disso, eu via os dragões como um símbolo da fraqueza de Garrick. Homens corajosos não acorrentam criaturas que têm coragem de enfrentar ou domar.

Cayden faz um aceno para o cavalariço que pegou as rédeas, mas continuo olhando para ele enquanto o brilho das estrelas acentua as linhas duras do seu rosto. A raiva dele é como o mar: a força é evidente mesmo quando parece dormente, e quando a tempestade irrompe só ele é capaz de decidir quando a destruição vai parar.

— Tem certeza de que o trono de Imirath é o que você quer? — ele pergunta.

Reivindicar o trono de Imirath não é uma questão de vontade, e sim de até onde estou disposta a ir para proteger a mim mesma e as pessoas que amo, e *isso* não tem limites.

— Minha vida foi uma sucessão de homens me trancafiando em jaulas ou me mantendo no escuro. Quando eu queimar o mundo deles até não sobrar nada e construir um novo sobre as cinzas, não haverá ninguém a culpar além deles mesmos. Nossos inimigos garantiram que a paz jamais seja uma opção, então precisam entender que todos os anos que viveram foram por nossa misericórdia quando acabarmos com a raça deles.

— Você nunca conseguiu viver no mundo deles, então devem encontrar seu fim no nosso. Não vou parar de lutar até que todos que lhe fizeram mal estejam mortos — afirma ele, os olhos verdes fervilhando de intensidade. — Garrick não vai sobreviver ao inferno que vamos criar, nem quem ficar ao lado dele. — Seus dedos envolvem a parte de trás do meu pescoço, e não sou capaz de olhar para qualquer outra coisa que não seja ele. — Estou com você, Elowen. Isso não é mais algo que precisa fazer sozinha. Pode descarregar todas as preocupações em mim, para não que não precise carregar esse peso.

Eu me agarro à firmeza que sua presença oferece, afiando-a como se fosse uma lâmina e a embainhando em seguida. O trono de Imirath é meu por direito, e vou reivindicá-lo com o inimigo do meu pai ao meu lado e meus dragões voando sobre nós.

A luz se derrama pelos degraus da frente como água entornada quando uma criada

abre a entrada principal, mas seguro o braço de Cayden quando ele tenta dar um passo na direção dela. Na ponta dos pés, pressiono os lábios em sua bochecha marcada pela cicatriz, para deixar bem claro que vejo quem ele é por inteiro e não vou sair do seu lado. Suas pupilas se dilatam enquanto os olhos passeiam por meu rosto, e meu grito ecoa pelas paredes quando ele passa um braço sob meus joelhos e costas e me pega no colo.

— Sabia que eu consigo caminhar? Porque pelo jeito anda esquecendo toda hora.

— Estou exercendo meus privilégios de marido. — Faço um aceno para a criada quando entramos, e sentir o calor lá de dentro é sublime depois das várias horas voando e cavalgando. — Estou carregando minha mulher para dentro da nossa casa.

Eu reviro os olhos.

— Você não é meu marido.

Ele dá de ombros, e sei que só está fazendo isso para não falar mais sobre o passado, mas posso aceitar, se é disso que ele precisa.

— Isso é só uma questão semântica, lady Veles.

Eu me pergunto como seria ser uma lady, não uma rainha.

— Enquanto eu não tiver uma aliança tão grande e pesada que me deixe até torta no dedo, nós *não somos* casados.

— Ah, a realeza — ele murmura, e lhe dou um tapa na nuca.

A sala de estar da entrada é decorada nas cores da nossa casa, com uma réplica dourada do nosso emblema sobre a lareira grande, feita com as mesmas pedras da fachada. Ele ri e me carrega pelo corredor. Um tapete azul ornamentado percorre toda a sua extensão, e as paredes são revestidas com uma mistura das mesmas pedras e madeira escura, iluminadas por arandelas douradas.

Cada cômodo por onde passamos é distinto e elegante, mas sem perder a aparência de lar. Quando vim aqui pela primeira vez, vi apenas tons escuros: couro marrom, tapetes estampados em verde-esmeralda, azul e vermelho com toques de preto... Porém, quando ele diminui o passo, vejo cores mais claras que não estavam aqui antes, brilhando em novas pinturas de campos primaveris, murais de vinhas retorcidas e céus estrelados, novos tapetes que incluem tons de lavanda e sálvia e vários vasos de flores no

centro de uma sala de visitas, sobre a mesa de jantar e aninhados junto às janelas que vão do chão ao teto. Até a madeira foi entalhada para refletir toques de delicadeza e luxo.

Sinto o coração inflar de alegria enquanto Cayden me carrega pela escadaria dupla e curva, e estendo a mão para acariciar as marcas no corrimão. Passamos por várias portas fechadas, tão detalhadamente ornamentada quanto o resto da casa, e ele me coloca no chão para destrancar uma especialmente deslumbrante.

Abafo um suspiro com a mão quando a porta se abre, e entro em outra sala de estar cheia de móveis de madeira escura revestidos com estofamento nas cores da nossa casa dispostos ao redor de uma lareira de duas faces. Uma gravura de cinco dragões voando sobre uma cordilheira está pendurada logo acima, com a assinatura de Ryder no canto. Cortinas luxuosas com uma camada de renda e borlas douradas estão presas de ambos os lados de uma janela saliente, revelando um conjunto de chá com vários livros empilhados na bandeja.

Tiro as botas e atravesso a arcada que leva ao quarto, sentindo os olhos marejarem quando olho para cima e vejo uma réplica do céu noturno pintada no teto abobadado. Meu peito sobe e desce com força quando me vejo diante de... *um lar*. Eu ansiava por um lugar que nem sabia que existia.

Só percebo que as lágrimas transbordaram quando Cayden para ao meu lado e acaricia de leve meu rosto com o dorso dos dedos.

— Quando foi que encontrou tempo para fazer tudo isso?

— Quando não conseguia dormir à noite. — Perco o fôlego, sentindo um alívio inesperado ao descobrir por onde ele andava. — Onde achou que eu estava? — Não quero responder, mas ele deve ter percebido alguma coisa na minha expressão, porque seus ombros desabam. — Elowen.

Balanço a cabeça e avanço mais para dentro do quarto.

— Não precisa me dizer nada.

— Preciso, sim. — A mão se fecha ao redor do meu pulso, e ele se senta no banco aos pés da cama, enlaçando minha cintura com o braço para me manter entre suas pernas. — Desde que nos conhecemos, você me viu olhar para outra mulher?

— Eu as vi olhando pra você — respondo, odiando a insegurança no meu tom de voz. — É capaz que algumas tenham desmaiado enquanto você estava lutando.

— E todo homem com um par de olhos olha pra você — rebate ele, sem rodeios.

— Só os que têm bom gosto.

Nunca gostei de ninguém a ponto de me sentir assim, mas a ideia de Cayden com outra faz meu estômago revirar dolorosamente e um desejo de violência percorrer minhas veias.

— Nunca precisei de uma aliança para lhe ser fiel. Você ocupa minha mente a ponto de eu nem conseguir pensar em outra mulher. Você é tudo o que eu quero, e seria uma puta idiotice minha arriscar a melhor coisa que me aconteceu na vida.

Olho para baixo, mas Cayden está tão perto que não tenho como esconder o sorriso que se abre em meu rosto. Ele segura meu queixo para atrair meus olhos de volta para os seus.

— Permita-me ser bem claro. Nunca vai existir outra pessoa para nenhum de nós dois, entendeu? Conquistei um reino pra ter você, e meus sentimentos nunca vão mudar.

— Entendido.

Ele se levanta do banco e me leva até a sala de banho, com uma banheira gigante no centro do cômodo e a neve caindo suavemente diante das três janelas arqueadas que dão para o lago onde meus dragões estão descansando.

— Vou pegar uma roupa pra você — diz ele, me dando um beijo na testa antes de se retirar.

Levo a mão ao peito assim que ele sai, girando e absorvendo tudo. Se dissesse a mim mesma um ano atrás que era aqui que estaria, nunca teria acreditado.

Abro as torneiras da banheira antes de tirar a roupa e entrar no banho, me ensaboando e mergulhando na água. As bolhas flutuam na superfície, e passo os dedos por elas enquanto observo os dragões pelo vidro embaçado. Ouço Cayden voltar e pendurar as roupas em um gancho, mas ele me deixa para terminar meu banho. As pontas dos dedos estão enrugadas quando termino, e solto um suspiro de satisfação

enquanto torço a água dos meus cachos. A camisola azul-clara é tão macia que parece me acariciar.

— Existe alguma coisa em que não tenha pensado? — pergunto, sentando-me no colchão que parece ser recheado de nuvens.

— Não. — Cayden se vira da janela para mim, e os olhos escurecem ao percorrerem meu corpo da cabeça aos pés. Eu me pergunto se sonhou em me ter em sua cama. Minha respiração fica mais pesada enquanto ele caminha devagar em direção a mim, sem esconder o desejo e a luxúria, que preenchem cada espaço do quarto. — Porque eu sei do que você precisa. — Ele me pega pela cintura, e apoio a cabeça nos travesseiros conforme me inclino para trás, mas sua aproximação continua até ele estar a um suspiro dos meus lábios, os bíceps saltando contra as mangas da camisa. — E adoro ser quem te proporciona isso.

No instante seguinte, ele não está mais ali, me deixando frustrada e necessitada quando desaparece na sala de banho. Pressiono as bochechas quentes e pulo da cama para encontrar um pedaço de pergaminho, rabiscando às pressas um bilhete para Finnian, dizendo que não se preocupe. Fui vê-lo hoje de manhã, mas ele já tinha saído para cavalgar com Ryder.

— Cayden? — chamo.

— Sim, anjo.

— Podemos ficar aqui? Não só hoje à noite.

O castelo é lindo... mas não é meu. O fantasma de Ailliard continua me assombrando por lá, assim como as lembranças do castelo de Imirath.

— Esta é a sua casa. Não precisa nem me perguntar.

Fecho os olhos brevemente quando o alívio toma conta de mim, e absorvo os detalhes do quarto mais uma vez quando volto a abri-los. *É perfeito.* Termino de escrever o bilhete para Finnian e vasculho a escrivaninha à procura do emblema com o nosso símbolo.

O corpo de Cayden se cola ao meu por trás quando estou me levantando, e me sinto pulsar. Sinto o calor de seu peito nu através camisola fina, e a calça folgada que ele usa

não faz nada para esconder o volume que contém.

— Para Finnian, imagino?

Sua voz grave provoca faíscas em meu corpo.

— Aham.

— Eu levo lá para baixo pra você. — Ele pega o bilhete, agora levemente amassado, e sai do quarto a passos largos.

Apago os lampiões e volto para a cama, suspirando quando meu corpo dolorido e cansado encontra um alívio. Deuses, até os lençóis têm o cheiro dele.

— Nada de barreira de almofadas desta vez? — pergunta ele quando volta, pegando uma adaga na gaveta da mesinha de cabeceira e colocando-a sobre o móvel.

— Não é mais necessário. Já me acostumei com a sua presença espaçosa.

Ele flexiona os músculos, sorrindo para mim enquanto se reclina e põe um dos braços sob a cabeça. Me viro para o outro lado para esconder o rosto, me acomodando nos travesseiros e puxando as cobertas macias até o queixo. Sinto minha nuca se arrepiar, e a vontade de me virar de volta para ele é tão forte que me puxa como a ressaca do mar.

Fecho os olhos, tentando me entregar ao sono, mas o que vejo por trás das pálpebras não é a escuridão. É Cayden em diferentes idades, sofrendo coisas terríveis nas mãos do pai dele e do meu. Não importa se o mundo pensa que é um demônio. Ele me faz bem como ninguém mais.

Eu me viro abruptamente, envolvendo seu tronco com o braço e entrelaçando as pernas nas dele. Ele não diz nada quando as mãos me envolvem, uma se acomodando nas minhas costas e a outra deslizando por meu cabelo. Apoio a orelha sobre seu coração, encontrando conforto nos batimentos que tantos tentaram silenciar, que me embalam para o sono como uma canção de ninar que nunca foi cantada para mim.

— Boa noite, demônio.

Ele beija minha testa.

— Boa noite, *mia sirantia*.

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

Cayden

Fiquei observando enquanto Elowen virava cento e quarenta e sete páginas de um livro que claramente a deixa encantada. O fato de seus olhos semicerrados terem se voltado para mim o tempo todo nas últimas cinquenta é um claro sinal de diversão. Não tenho intenção de parar, e a natureza teimosa dela a impede de recuar. Aqui estamos, presos em uma disputa silenciosa como se não tivéssemos outros assuntos importantes para resolver.

— Como foi seu passeio matinal?

— Bom.

— E como está o livro, *sirantia*?

Ela vira outra página com um gesto dramático.

— Fascinante.

— Você vai continuar me respondendo com uma palavra só?

— Talvez.

Seus dragões estavam inquietos pouco antes do amanhecer, e ela não se deu ao trabalho de trocar a camisola antes de vestir o *meu* casaco e seu par de botas. Eles ficaram circundando a propriedade, o que observei pelas janelas enquanto lia os relatórios diários que recebo para me certificar de que nada deu errado durante a noite. Os criados trouxeram o café da manhã para a sala de estar em frente ao quarto, e

Elowen tirou o casaco assim que viu os doces e o café e se jogou no sofá.

Ela parece algo saído de um sonho banhado de desejo, se materializando para ser minha ruína. É uma perdição que vou aceitar alegremente, vinda de seus lábios ou pela ponta da sua faca. É a única forma de tortura à qual nunca resistirei. Faz meses que desisti até de tentar negar a magnitude do anseio que pulsa em minhas veias.

Apoio os cotovelos sobre os joelhos e me inclino para a frente, deixando de lado a espada que estava afiando.

— Me conte.

Ela reflete por um momento antes de jogar os cachos desalinhados sobre o ombro, puxando a bainha já bem curta da camisola pelas coxas. *Deuses*.

— Ainda não tomei café suficiente para manter uma conversa mais longa com você.

Eu não deveria gostar dessa sua atitude, mas a adoro. Se estivesse me olhando com pena depois que revelei os detalhes do meu passado, eu arrumaria alguma desculpa para sair do quarto, mas isso é estimulante. Sua teimosia, essa sensação de desafio, isso só me faz desejá-la mais. Junto os dedos diante dos lábios para esconder o sorriso, apesar de as covinhas o denunciarem, e descaradamente passeio com os olhos por seu corpo reclinado.

Ela fecha o livro com força e se inclina para a frente para pegar outro folhado de morango, soltando um gemido ao mordê-lo. Meu olhar se fixa em seus lábios enquanto ela lambe um pouco de geleia e açúcar dos dedos, arrastando-os pela superfície carnuda. Em seguida suga as bochechas, e a imagem dela ajoelhada me colocando na boca intensifica meu desejo. Ela sabe o que está fazendo, e abre um sorriso de triunfo. Sei que sou um miserável nesta vida, mas devo ter sido um enorme cretino em uma vida passada para merecer isso.

— Casa comigo — peço. — Daqui a uma semana. Ou antes.

— Peça por favor.

— Por favor, casa comigo.

Ela afasta a mão da bochecha e faz uma careta.

— Isso não basta.

Nós já estamos prometidos, porra.

— Elowen Atarah, meu doce sofrimento, fonte da minha obsessão. — Levanto da cadeira e contorno a mesa de centro com mais bandejas que o necessário para duas pessoas e me ajoelho, notando um rubor subindo pelo pescoço dela. — Quando eu for embora deste mundo, irei com prazer para o inferno, sabendo que experimentei a divindade na sua presença e encontrei a salvação nos seus lábios. Poderia, por favor, acabar com meu sofrimento e se tornar minha esposa daqui a uma semana? Sempre vou escolher você em qualquer vida e em todos os mundos, então, por favor, me permita proclamar estas palavras publicamente.

Mantenho um tom de voz baixo, um sussurro de desejo e sinceridade que a faz estremecer. Ela crava os dentes no lábio inferior, e cerro os punhos para me impedir de estender a mão. A vontade de beijá-la é fortíssima, mas por algum milagre me obrigo a não ceder. Preciso da resposta dela.

— Sim. — Ela comprime os lábios para tentar esconder o sorriso, que é evidente nos olhos radiantes. — Acho que não faz sentido ficar adiando. Vou mandar chamar uma costureira para vir aqui amanhã de manhã.

— Pague um extra para o serviço ser feito o mais rápido possível.

— O vestido para um casamento real não vai sair barato.

— Não importa — respondo. — Me mande a conta que eu cuido disso.

Ela franze os lábios.

— Tenho gostos caros.

Eu me inclino mais perto para que minha boca paire a dois centímetros da dela.

— Eu também.

Guardei dinheiro ao longo dos anos, então ela pode gastar o quanto quiser. Os gostos de Elowen realmente custam caro, mas tenho bolsos recheados e um fraco por querer vê-la feliz.

— Podemos convidar os governantes de Feynadra e Urasos para criar um bom relacionamento. Acha que existe alguma chance de se aliarem a nós nessa guerra? — questiona ela.

— Acho que o máximo que podemos esperar é neutralidade da parte deles. Nosso foco deve ser garantir que não juntem forças com Imirath, porque enfrentar uma guerra em duas frentes é infernal. Estamos entre eles e Imirath. Não vão querer perder soldados na nossa guerra se não tiverem nada a ganhar e tudo a perder caso Imirath invada Vareveth e avance para o norte. A princesa casada com o príncipe herdeiro de Urasos é filha de uma das casas nobres de Thirwen, então duvido que estariam dispostos a romper essa paz.

— Galakin é a aliança mais essencial, de qualquer forma — responde ela. É da marinha deles que precisamos, não de mais soldados de dois reinos menores. — Talvez a rainha de Feynadra possa falar a nosso favor com a irmã dela, a rainha Cordelia.

— Vou descobrir o que puder sobre os governantes e enviar os convites hoje. Se descobrir algo útil, aviso você.

— Você deveria agradecer por casarmos assim tão rápido. — Ela ri e apoia o rosto na mão. — Se convocássemos um evento com a realeza antes de trocarmos nossos votos, os governantes me implorariam para casar com os filhos deles. A rainha Cordelia não foi nada sutil no baile da aliança.

Fico em pé e volto a me sentar diante dela, tomando um gole do café morno.

— Um príncipe pomposo jamais te satisfaria.

— Não? — Ela se endireita, sentando impecavelmente no sofá, fazendo-o parecer até um trono. — Se nossas vidas fossem diferentes, como teria lidado com meus muitos pretendentes em Imirath?

— Com a espada, me livrando dos corpos no canal.

— Acha que seríamos amigos?

— Eu jamais conseguiria ser só seu amigo.

Ela ri e, *deuses*, essa risada. Se pudesse engarrafar o som e ouvir sem parar é o que faria. É livre e desimpedida, destinada apenas a mim. Guardo essa lembrança com todas as outras que tenho dela separada das outras partes da minha vida, para que esses momentos permaneçam intocados.

— Para começo de conversa, eu teria te raptado antes que tivesse a chance de ir para

o altar com outro. Em segundo lugar, mesmo que você sorrisse para a realeza oferecendo seus filhos como presentes a uma deusa, ainda voltaria rastejando para minha cama à noite, e eu te lembraria de quão profundamente me pertence.

— Mas e se você for alguém esquecível depois de algumas noitadas?

— Humm. — Arqueio uma sobrancelha. — Será que sou?

O sorriso dela se ilumina.

— Com certeza.

— Vem aqui.

Afasto as pernas, sabendo que ela está mentindo na cara dura. Elowen comprime os lábios, endireitando a coluna, e sei que a tenho na palma da mão, pois nunca vai recusar um desafio. Os quadris balançam de maneira sedutora enquanto lentamente elimina a distância entre nós e se senta no meu colo. Seu perfume me envolve quando ela se inclina para perto, e os seios pressionam meu peito. Agarro o braço da cadeira quando ela passa os dedos por minha camisa, contornando as cicatrizes através do tecido. Quantas vezes será que me observou sem camisa para saber as localizações exatas?

— Não estou nem um pouco afetada — diz ela com um suspiro trêmulo.

— É o que parece mesmo. — Escondo um sorriso, soltando aos poucos o aperto mortal na cadeira, e deslizo uma mão por suas costas. Suas coxas se comprimem quando ela estremece, e tenta disfarçar isso mudando de posição. — Fala a verdade, linda.

Elowen engole em seco e aperta meus ombros. Ela muda de posição de novo quando ergo a outra mão e envolvo os cachos ao redor do meu punho. Sempre adorei a cor escura de seu cabelo e a maneira como faz seus olhos faiscarem, quentes. Eu a puxo para mais perto de mim, e ela respira fundo quando inclino sua cabeça para o lado e passo os lábios por seu pescoço. Uma risada grave retumba no meu peito quando ela estremece.

— Eu vou te fazer tão bem, Elowen.

Abaixo a boca até o ponto que ela adora, logo abaixo da orelha, passando a língua ali, e ela solta um gritinho e se arqueia contra mim. Então solta os meus ombros e enlaça meu pescoço com os braços, se inclinando para a minha mão, expondo mais do pescoço

para mim. A luxúria se mistura com a necessidade de marcá-la como minha e se espalha por meu corpo como uma droga.

Continuo lambendo e mordiscando todos os lugares que sei que vão fazê-la gemer, descendo até o decote da camisola e a puxando para baixo com os dentes para expor o alto dos seios. Caralho, *pelos deuses*, essa mulher.

— Eu quero a verdade, amor.

— Você já tem — geme ela, passando os dedos em meu cabelo e me guiando na direção do mamilo visível através do tecido. Meu anjo desafiador.

Envolvo a protuberância com os lábios, e ela solta um gemido agudo, rebolando os quadris sobre o volume nas minhas calças.

— A verdade é que se eu abrisse essas perninhas lindas, ia ver como você está encharcada pra mim.

— Você está delirando — diz ela, ofegando.

Sorrio com a boca colada nela, passando a língua de volta até o queixo e a mantendo no lugar enquanto se contorce, desejando que estejamos ainda mais próximos, querendo possuí-la. Meus dedos acariciam suas costas e sua coxa até entrarem por baixo da camisola para afastar suas pernas com um punho. Ela geme de novo, franzindo as sobrancelhas, e empurra os quadris para a frente, procurando pelo alívio que não vou lhe conceder ainda.

— A verdade... — ela começa, fechando os olhos quando passo um dedo pela lateral da calcinha.

Elowen arfa contra meus lábios, e sua respiração se mistura à minha enquanto nossos batimentos sincronizam. Mantenho o dedo onde está, esfregando-o para a frente e para trás para dar a ela um vislumbre do que vou fazer quando me der o que peço. Tudo o que ela precisa fazer é dizer que me quer, mas, porra, como eu adoro essa resistência.

O sino toca ao pé da escadaria — são os criados sinalizando que um visitante chegou.

— Ignora. Não estou esperando ninguém.

— M-mas não queremos ser rudes.

— Queremos, sim. Queremos ser extremamente rudes.

Elowen levanta-se de supetão, mas permanece entre minhas coxas abertas com um sorriso diabólico no rosto. Ela engancha os dedos nas alças finas nos ombros e desliza *devagar* o tecido pelo corpo, até ficar sem nada além da luz matinal na pele.

— Porra — digo com um grunhido, retomando o aperto mortal na cadeira. — Vou matar quem estiver na porta. — Ela ri, virando-se de costas para mim e indo até o quarto, os seios e a bunda balançando enquanto anda. Quero me enterrar dentro dela e lhe arrancar cada gota de prazer até deixá-la sem forças. Quero capturar seus gemidos na minha boca e enterrar o rosto entre suas coxas. — Não estou brincando.

Passo as mãos pelo cabelo e pelo rosto antes de inclinar a cabeça para trás, no espaldar cadeira. Se esse é o jogo que ela quer, tudo bem. Pode me afastar o quanto quiser; isso só me faz querer retribuir o tormento. Elowen volta pela porta com o olhar inocente, toda deslumbrante em um vestido de veludo lavanda no estilo favorito dela, com um bordado delicado.

— Vamos receber nossos convidados.

Ela pega minha mão e me puxa para fora do quarto.

— Vamos matar todos eles.

CAPÍTULO

VINTE E CINCO

Elowen

— Não — declara Cayden quando vê as torres de baús empilhados na entrada, com outros ainda presos à carroça do outro lado da porta.

Sou a culpada pela maior parte da bagunça, visto que solicitei que várias joias, vestidos, sapatos e outros itens fossem transferidos para cá. Contudo, os baús de Finnian, Ryder e Saskia estão somados ao caos. As dobradiças rangem quando abro um deles e passo os dedos por um livro encadernado em tecido bordado com rosas cor-de-rosa.

— Foi Elowen que nos convidou — responde Ryder. — Quem sou eu pra negar o pedido da minha rainha?

Ele passa o braço ao redor dos meus ombros, e me obrigo a não ficar tensa com o contato físico sem aviso. Estou lidando melhor com isso, mas acho que sempre vai haver uma parte de mim que se rebelará contra a proximidade dos outros logo de cara.

Cayden me arranca do abraço do melhor amigo, envolvendo minha cintura com os braços e pressionando minhas costas contra o peito.

— Vão pra casa.

Finnian ergue a mão.

— Eu não tenho casa.

— Vou comprar uma pra você — responde Cayden. — Os outros dois têm sua

própria casa para a qual voltar.

Tapo a boca de Cayden com a mão.

— Estou feliz que todos estejam aqui.

Cayden tira minha mão da boca.

— Não vou te julgar pelo lapso de juízo.

— Cayden nasceu com um cabo de vassoura enfiado bem no meio d...

Ele me interrompe com um beliscão, fazendo-me cócegas, e eu afasto suas mãos com um tapa antes de me virar para encará-lo.

— Continue falando e vou encontrar uma forma muito melhor de usar essa boquinha — sussurra ele antes de se recompor. Meu desejo de antes ainda não se dissipou, e Cayden sorri observando minhas feições. Ele pega o relógio de bolso e consulta as horas. — Tenho um compromisso em Ladislava daqui a pouco, mas espero que seus pertences estejam fora da minha casa quando eu voltar.

Ele beija minha testa e passa por mim sem olhar para trás. Estreito os olhos enquanto meu noivo se afasta.

— Cayden.

— Hã?

Ele pega o casaco e as botas no armário perto da entrada principal e começa a se arrumar.

— Olhe pra mim.

— Vejo você mais tarde, amor.

Ele vai direto para a porta, desviando dos baús com facilidade. Me apresso para alcançá-lo, entrando no caminho e segurando seu rosto para obrigá-lo a me encarar.

— Não quero deixar Finnian sozinho depois de perder Aestilian, e ter Saskia aqui vai me ajudar a planejar o casamento com mais eficiência. Me deixa feliz ter os outros por perto.

Ele solta um grunhido enquanto olha nos meus olhos e resmunga sua resposta.

— Tudo bem.

A risada de Ryder ecoa pelas paredes.

— Deuses, isso aqui é bom demais. Elowen devia ter vindo pra cá há muito tempo.

Um sorriso largo surge nos meus lábios quando Finnian comemora triunfantemente, e a fachada de Cayden se desmancha um pouco.

— Como funcionam as proteções aqui? Lembro de você mencionar que a propriedade é protegida, mas queria convidar Asena para fazer algumas perguntas sobre os dragões.

— Desde que não queira lhe fazer mal, ela conseguirá passar. As proteções passaram a incluir você assim que coloquei seu nome na escritura. — Ele segue na direção da porta, olhando por cima do ombro ao abri-la. — Não vou demorar. Não saia da propriedade sem mim ou um dos dragões.

— O que você tem para fazer em Ladislava?

Sua única resposta é um sorriso antes de desaparecer de vista, me deixando sozinha com nossos amigos e alguns criados carregando os baús deles pelo corredor. Imagino que Finnian vá reivindicar o quarto onde dormiu quando estivemos aqui pela última vez, e Saskia e Ryder devem fazer o mesmo. Eu os quero por perto não só por motivos pessoais, mas porque cada um tem um papel a desempenhar nas batalhas que temos pela frente, e morar juntos vai evitar a troca de informações sensíveis por carta.

— Passei em seus aposentos pra garantir que tudo que pediu na carta para Finnian foi empacotado — avisa Saskia, se aproximando para abaixar a voz. — E já informei Asena para vir ao meio-dia. Ela não sabe por quê. Vou deixar isso com você, mas é melhor desvendarmos aquela questão o mais rápido possível.

— Concordo. — Paro de falar quando um criado se aproxima com um sorriso satisfeito no rosto, aprofundando as linhas de expressão ao redor da boca. — Bem-vinda ao lar, majestade. Meu nome é Cyrus, sou o chefe da criadagem. Estão todos satisfeitos em saber que você e o rei estão se estabelecendo aqui.

Ele tem um rosto gentil e redondo e estatura baixa. É o tipo de homem com quem eu cruzaria na rua e não me despertaria desconfiança, o que é uma raridade.

— Adoraria me apresentar se puder me acompanhar. Ainda estou me familiarizando com as coisas por aqui.

— Claro. — Seu sorriso se alarga quando os outros seguem pelo corredor para se acomodar. — Sua alteza falou sobre seu amor pela jardinagem e encomendou alguns equipamentos. Nós os guardamos no barracão de pedra nos fundos da casa. A estufa também está quase pronta.

Meu coração vibra no peito, e tenho a mesma vontade que tive ontem à noite, de me beliscar para ter certeza de que isso é real. Não pensei que ele fosse se lembrar da nossa conversa na hospedaria. A maioria das promessas que ouvi na vida foram vazias, mas Cayden sempre arruma um jeito de cumprir cada juramento por completo e mais um pouco.

A manhã passa depressa, com Cyrus me apresentando à criadagem e me mostrando as diferentes alas da casa — todas igualmente lindas, misturando luz e escuridão, madeira e pedra, gótico e delicado.

Termino no escritório de Cayden no andar de cima. Ele guarda a chave na mesinha de cabeceira porque é o único cômodo na propriedade a que os criados têm acesso negado, tanto por privacidade quanto por segurança, para que não vejam algo que não seja destinado aos seus olhos. Ao contrário dos nossos aposentos compartilhados no castelo, estar nesta sala me faz sentir como se estivesse cercada por Cayden para onde quer que olhe. Os móveis de couro escuro são complementados por tons fortes de azul e preto, combinando com as imagens do céu noturno nos vitrais de várias janelas com vista para o rio que corre atrás da propriedade.

Um retrato para o qual posei está pendurado sobre a lareira, e a única vantagem de ficar parada por várias horas foi que Ryder me fez rir durante todo o processo. Não sabia que era destinado ao escritório dele — imaginei que iria para a galeria real. Meu vestido ornamentado nas cores da Casa Veles combina com a coroa luxuosa na minha cabeça, e uma silhueta de dragão abre as asas atrás de mim. Incapaz de resistir à bisbilhotagem, caminho na direção da grande escrivaninha que domina o ambiente e me pergunto com que frequência os olhos de Cayden se voltam para mim enquanto ele trabalha. Meus dedos acariciam a superfície de madeira polida, e puxo a gaveta de cima, recuando como se atingida por um raio.

Um tremor sobe por minha mão quando a estendo para a frente, não me importando se Cayden nunca quis que eu visse isso. A primeira coisa que pego é uma pilha de cartas que escrevi para ele enquanto estava na fronteira. Está amarrada com uma fita que descartei depois de desamarrar o cabelo — como se não fosse nada —, e no centro está a flor agora seca que ele colocou atrás da minha orelha na confeitaria. A flor de que senti falta. Achei que um dos criados a havia jogado fora ao limpar o quarto. A tinta nas cartas está borrada e vincada de um jeito que me faz acreditar que ele dobrou e carregou os pergaminhos no bolso.

Ao lado está uma faca afiada e limpa que nunca achei que fosse ver de novo depois de atirá-la em um espectro-das-profundezas para protegê-lo. Um arrepio me percorre quando penso nele na escuridão, aqueles olhos gélidos fixados na minha lâmina, carregados com a promessa implacável de me encontrar.

Ele a guardou.

Não consigo acreditar nisso.

Continuo vasculhando, incapaz de resistir à curiosidade, e puxo uma segunda pilha de papéis repletos de tinta borrada. São *partituras*. Há várias notas riscadas e anotações nas margens, como se não quisesse desperdiçar tempo encontrando um novo pergaminho.

A porta se abre abruptamente, e enfio os itens de volta no lugar antes de fechar a gaveta e alisar o vestido com as mãos. Asena entra com Saskia, olhando com admiração ao redor da sala e parando na minha frente para fazer uma reverência.

— Majestade. É uma honra ser convidada para sua casa.

— Sacerdotisa. — Sorrio e a conduzo em direção à lareira. Ela se senta na poltrona mais próxima do fogo, e Saskia e eu nos acomodamos no sofá à sua frente. — Quer alguma coisa? Um chá ou algo para comer?

— Não, obrigada, majestade. — Ela sorri timidamente e joga os cachos apertados para trás dos ombros. — Lady Saskia me disse que você tem algumas perguntas sobre os deuses.

— Posso contar com sua discrição?

— Não vou trair você, com juramento de sangue ou não. Você nasceu do fogo dos deuses, e minha lealdade é sua.

Troco um olhar com Saskia, que assente de leve.

— O que sabe sobre os dragões durante a época dos deuses?

Minha educação foi extremamente limitada enquanto crescia, e é uma das minhas maiores inseguranças. Também é algo que Ailliard nunca deixou de jogar na minha cara, me lembrando de que não poderia me aventurar em um mundo sobre o qual não sabia nada. Mas talvez fosse ele quem devesse ter ficado trancado na jaula de sua covardia. Se tivesse sido esse o caso, talvez ainda estivesse respirando.

Sempre soube que existem dez deuses nas Lendas Ravarianas, mas não conhecia a vastidão do seu poder. Nenhum deles era designado para uma coisa específica. Cinco eram dedicados aos elementos, entre outras coisas: o Deus do Sol e da Luz, o Deus da Terra e da Colheita, a Deusa do Ar e das Tempestades, o Deus da Água, da Morte e da Lua e a Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas. Os dois últimos são os deuses que Asena e Ophir acreditam que abençoaram Cayden e eu. Os outros cinco são a Deusa das Almas, da Misericórdia e do Destino, Patrona dos Videntes; a Deusa do Amor, do Casamento e da Fertilidade; a Deusa da Tristeza e da Dor; o Deus da Guerra e da Estratégia; e o Deus da Ilusão, da Mente e da Memória.

— Dizem que os primeiros dragões nasceram das estrelas para iluminar o mundo quando a noite se tornou escura demais. Eu venero a Deusa das Chamas, mas não o Deus do Sol, embora o poder dele seja o fogo. Existem quatro formas de fogo: solar, estelar, fogo de dragão e fogo terrestre. O Deus do Sol obtém seu poder do sol, obviamente, e a Deusa das Chamas pode manipular os outros três, daí o símbolo da chama tripla que uso ao redor do pescoço. Só os deuses podem conjurar elementos do nada, e os magos e as sacerdotisas como eu podemos apenas manipular o que está ao nosso redor.

— Por que não podiam manipular todas as formas, se são deuses do fogo? — pergunta Saskia.

— Porque são elementos bem diferentes. É como perguntar por que o Deus da

Terra não pode manipular água. Todo fogo é único e incomparável. — Os olhos escuros de Asena se voltam para as chamas quando um pedaço de lenha estala. — As pessoas pensam que os deuses desapareceram.

— Mas você não? — questiono.

— Nada que existe nesta terra está perdido. Vida e morte são inseparáveis. Quando um corpo é enterrado, é absorvido pelo solo de onde brota a vida. O Deus do Sol foi cruel com os dragões, e a Deusa das Chamas exigiu a renúncia de sua condição enquanto deus do fogo. A disputa deles foi o que condenou os deuses. Não existem vencedores na guerra, apenas sobreviventes.

— Se ninguém venceu, qual foi o resultado?

Sinto as mãos suarem quando olho pela janela para onde alguns dos meus dragões estão voando acima das árvores, ao passo que outros estão esparramados na neve, com as escamas coloridas criando um contraste marcante. Ninguém vai tomá-los de mim. Nem um deus, nem um mortal. Vou despedaçar com minhas próprias mãos qualquer um que me desafie, se preciso for.

— Existem especulações, mas ninguém sabe de fato.

— Mas o que você acha? — pressiona Saskia.

— Não acho que tenha chegado ao fim. Acho que está fermentando há séculos.

Estremeço quando um trovão espoca à distância, e engulo a sensação ridícula de condenação iminente, me concentrando no que estou fazendo.

— Você diz que sou abençoada pela sua deusa. Isso poderia me conceder alguma habilidade além do vínculo com os meus dragões? Para eu poder fazer mais do que apenas montá-los e ter a lealdade deles?

Asena reflete a respeito, franzindo os lábios e olhando para o fogo de novo, como se estivesse procurando por uma resposta ali.

— Acredito que existem muitas possibilidades que podem surgir de ser abençoada por um deus, e que você não deve descartar nenhuma.

Olho para Saskia de novo e balanço a cabeça. Prefiro não revelar informações desnecessárias, e ela jurou que não faria isso. Já estaria morta há muito tempo se

confiasse em cada pessoa que me deu sua palavra. Despertar uma magia dormente é um assunto que podemos encontrar em um livro; conhecimento divino é algo com acesso muito mais limitado.

— Quando você abriu o portal para nós, estava falando em ravariano.

— A linguagem esquecida dos deuses. — Ela assente. — É passada entre os membros das seitas, mas os registros escritos são raros.

Uma sensação incômoda passa por minha mente, incitando-me a fazer a próxima pergunta.

— Como se diz "fogo de dragão"?

— *Zayèra*.

— *Zayèra* — repito, vibrando o som de R como ela, e um sorriso satisfeito se forma em seu rosto quando pronuncio corretamente. — Obrigada, Asena, você foi muito útil hoje.

— Claro, majestade. Fico feliz em ajudar da maneira que puder.

— Como retribuição — começo, levantando-me do sofá para conduzi-la para fora do escritório —, adoraria que você e Ophir fossem os oficiantes do casamento real. Seu povo também é bem-vindo a comparecer.

Seus olhos se arregalam e ela entreabre os lábios antes de dar um sorriso largo.

— S-sim, majestade. Seria uma honra.

— Asena, se puder esperar lá fora um minutinho, eu já a acompanho até lá embaixo — diz Saskia com um tom gentil, ficando em silêncio até a sacerdotisa se retirar e fechar a porta atrás de si. — Os nobres vão enlouquecer se permitirem que um mago e uma sacerdotisa oficiem a cerimônia. Você acabou de suspender a proibição da magia.

— Ah, estou contando com isso. — Bato os dedos nos lábios. — Às vezes, quando uma cobra entra no seu jardim, você tem que encontrá-la antes que ela te pique.

As sobrancelhas de Saskia se arqueiam, e um sorriso surge em seus lábios carnudos.

— Gosto do seu jeito de pensar.

— Temos uma semana para nos preparar.

— Uma semana? — grita ela. — E me diz isso só agora! Você nem tem um vestido

ainda. — Ela leva as mãos à testa, gemendo enquanto olha para o teto. — É o casamento do século, e você me dá uma semana para planejá-lo.

— A costureira vem amanhã!

— Ah, sim, claro que vem.

Ela abre a porta em um ímpeto e marcha para o corredor.

Deslizo o pingente pela corrente, ainda rindo de leve quando olho de novo em direção aos meus dragões. Nascidos das estrelas. Talvez seja por isso que sempre fui tão atraída por eles.

Ouço passos se aproximando, mas não estão vindo do corredor, e sim... de detrás da parede. Sinto as mãos formigarem. Sei que a casa é protegida, mas isso não me impede de puxar uma faca da bainha na minha coxa e me deslocar silenciosamente pela sala. Me encosto na parede, seguindo os passos, e prendo a respiração quando a pintura de um oceano agitado com um céu tempestuoso, emoldurada em dourado, se abre, e um homem loiro vestido como criado entra no cômodo.

A ponta da faca está apontada para o pescoço dele antes que dê mais um passo, e o vejo engolir em seco. É mais alto que eu, mas o seguro pelo ombro, pressionando a lâmina mais fundo em sua pele.

— Se eu te cortar bem aqui, você vai sangrar até a morte em segundos.

— Você se move como uma assassina profissional.

Ele parece muito mais impressionado do que um homem na sua posição deveria estar.

— Talvez eu seja.

A porta do escritório se abre, e Cayden entra a passos largos. Meu coração infla no peito quando o vejo.

— Não me deixe com ciúmes, anjo. Alexus é um bom espião, e você sabe que não ajo racionalmente quando estou assim.

— Sou seu *melhor* espião — responde o homem. Alexus.

Recolho a faca e ergo as saias para embainhá-la na coxa de novo antes de contornar Alexus para olhá-lo melhor: cabelos e barba claros e olhos verde-claros. Não de um tom

intenso como os de Cayden, mais como uma vitória-régia flutuando em um lago.

— Você entrou aqui de fininho, então não vou me desculpar.

Os olhos dele me percorrem da cabeça aos pés, se arregalando ligeiramente quando retornam ao meu rosto. Não de um jeito que faz minha pele se arrepiar. Ele é transparente demais na sua inspeção.

— Já chega — diz Cayden, me puxando contra si. — Imagino que você não está aqui para ficar olhando para a minha noiva.

Alexus limpa a garganta, com as bochechas ficando coradas.

— Sim, senhor. — Ele puxa uma pequena chave prateada do bolso, girando-a ao redor do dedo. — O lorde Xantheus está organizando um jantar na Casa Baelyn, e vários lordes estão convidados. Roubei a chave extra do escritório de lorde Xantheus do quarto do mordomo-chefe, e imagino que vá querer ir até lá comigo hoje à noite.

CAPÍTULO

VINTE E SEIS

Cayden

— Ainda não tenho ideia de por que você está usando isso — resmunga Ryder.

— Porque é bonito.

— Estamos numa missão furtiva. Você não precisa estar *bonita*.

O sorriso doce é evidente na voz de Elowen.

— Não precisa nem me dizer. Seu gosto para moda deixa essa sua crença bem clara.

— Cayden — rosna Ryder. — Você pode, por favor, intervir aqui?

Apoio a cabeça atrás de uma árvore, olhando para o céu e pedindo forças.

— Eu ignorei essa conversa inteira, e vou continuar a fazer isso.

— Sua noiva está de azul-claro! — exclama Ryder.

— Dá pra se acalmar? Os bordados e as contas são *em preto*.

— E ela está linda — complemento sem olhar para nenhum dos dois, examinando os fundos da propriedade dos Baelyn, onde vamos nos infiltrar assim que Alexus der o sinal.

Com o canto do olho, vejo Ryder olhar para Finnian em busca apoio, mas ele sabiamente ergue as mãos e balança a cabeça, também evitando entrar na discussão. *Muito bem, Finnian*.

— Alguma novidade? — pergunta Elowen enquanto vem para o meu lado, e enlaço sua cintura para puxá-la de volta contra o peito. Esse movimento já virou um reflexo a

essa altura.

Elowen poderia usar o tom mais claro possível e ainda conseguiria se manter nas sombras melhor que alguém de preto dos pés à cabeça. Suas habilidades seriam preocupantes se não fôssemos aliados. Ela consegue se deslocar sem fazer barulho e ficar bem atrás de uma pessoa sem que a mesma se dê conta. Elowen se trocou antes de sairmos para facilitar a movimentação durante a missão, mas está sempre vestida de maneira feminina e elegante. Duvido que algum dia vou vê-la com algo que não realce sua beleza. A túnica azul-clara com punhos e gola em pele preta para combinar com a capa abraça seu corpo perfeitamente. O tecido se estende até logo abaixo dos joelhos, com uma fenda na frente e atrás para deixar as pernas cobertas de facas à mostra, e o cinto adiciona mais definição à silhueta.

— Não — respondo, sem tirar os olhos da entrada dos criados. — Alexus deve estar esperando até os convidados beberem um pouco mais antes de sair de fininho.

— Acho melhor a gente se separar lá dentro.

Nem pensar é a primeira resposta que surge na minha mente e, apesar de provavelmente entender o que estou pensando quando a aperto com mais força, ela não diz nada.

— Por quê?

— Porque se os nobres estão reunidos e bêbados, podem deixar escapar alguns pensamentos a nosso respeito. Talvez revelem algo útil. Você não precisa de mim para se infiltrar no escritório, e vai saber o que procurar melhor do que eu. — Ela levanta a cabeça para me encarar, mas não olho para baixo. — Já estivemos em lugares piores que a casa de um lorde, e você sabe que eu consigo me virar sozinha.

Ela é capaz de se virar sozinha e muito mais. Eu é que sou a porra do problema. Não a ter ao meu lado é incômodo e divide minha atenção, o que nunca me acontecia antes. Minhas missões sempre foram as coisas mais importantes em minha vida, e claramente isso mudou. Todo mundo tem pontos fortes e fracos, e ela me disse que prefere espionar e derrubar um alvo à distância. A ideia de não estar por perto caso seja dominada me faz acordar suando frio algumas noites.

— Não saia de perto de Ryder e Finnian. — As palavras saem com um gosto ácido. — Vai ser mais fácil me movimentar pelos corredores sem eles.

Todos aqueles que trabalham na casa vão estar preocupados em manter os lordes felizes, e não vão circular tanto pelos corredores como fariam normalmente, mas mesmo assim é melhor limitar nossa exposição.

A porta dos fundos se abre, e fixo os olhos como um falcão, soltando Elowen assim que vejo o pano branco sendo acenado pela pequena fresta.

— Vou te encontrar lá dentro assim que acabar minha busca.

Os lábios dela se curvam.

— Você não faz isso sempre?

— Pode apostar.

Depois de me certificar de que ninguém está observando de nenhuma das janelas, nós quatro corremos agachados do meio das árvores e passamos para a área de jantar reservada aos criados. Alexus pressiona um dedo contra os lábios, apontando com o queixo a arcada que leva à cozinha — o som de panelas e frigideiras batendo e ordens dadas em vozes elevadas é uma evidência clara disso. Ficamos quietos e o seguimos por uma escadaria no fim do corredor, parando no primeiro patamar.

— O escritório é no último andar, mas abri três janelas na sala de jantar. Se quiserem espionar, vão ter mais sorte se escondendo no quarto diretamente acima — murmura Alexus.

Elowen olha para Finnian, que se aproxima dela.

— Vai com eles — eu digo.

Ryder assente, não parecendo muito satisfeito, mas sabendo que já executei tarefas muito mais perigosas que vasculhar a correspondência de um lorde.

Alexus espia o corredor antes de segurar a porta aberta para eles.

— É a primeira porta à esquerda.

Mantenho os olhos nas costas de Elowen, cerrando os dentes quando a porta se fecha atrás dela, e me viro para subir o segundo lance de escadas, que leva a um corredor muito mais curto, decorado em vermelho-carmim e preto como o resto da casa. Poderia

ser um lugar decente, se não fosse tão extravagante. Alexus rapidamente destranca o escritório e me deixa entrar.

— É aqui que a gente se separa. — Ele atira a chave para mim. — Vão notar minha ausência quando precisarem de mais vinho, e prefiro não deixar a missão desmoronar com todo mundo aqui dentro.

— Recolha suas coisas hoje à noite se tiver algum pertence aqui — digo, inspecionando a sala. — Se não encontrarmos nada agora, vou lidar com eles de outra forma.

— Não está mais preocupado com uma rebelião interna?

— Sempre tenho um plano alternativo.

É melhor controlá-los e mantê-los na palma da mão, mas ou eles se dobram, ou terei de quebrá-los.

Caminho na direção da grande escrivaninha de carvalho colocada em frente a uma lareira larga. Xantheus deve ter estado aqui há pouco tempo, porque o calor está sufocante. Não perco tempo removendo o casaco, mas abaixo o capuz. O tapete macio abafa os passos, mas piso leve mesmo assim, para garantir que ninguém no cômodo abaixo possa ouvir. Os ganchos são frios contra a minha mão quando puxo o menor do bolso e fico de joelhos, trabalhando depressa para abrir a primeira gaveta.

Folheio os pergaminhos, certificando-me de manter tudo em ordem quando devolvo a pilha de papéis inúteis; então tranco a gaveta de novo antes de seguir para a próxima. Sinto um aroma de bergamota aqui, e não me surpreenderia se Xantheus queimasse incensos porque acha que cheiram à riqueza. Para onde quer que olhe vejo algum tipo de vaso ou peça dourada. Parece que cada centímetro da casa está entupido de bugigangas.

Abro a gaveta seguinte e repito o processo, folheando página após página até que algo me faz parar. Deixando cair a pilha de registros financeiros na escrivaninha, examino uma carta de um lorde de Thirwen informando Xantheus que não há navios suficientes no reino deles para continuar fazendo comércio durante a guerra. Não faz sentido que Thirwen esteja sem navios. Trata-se de um reino insular, assim como

Galakin — sua marinha é muito superior aos seus exércitos.

Merda.

Eu sabia que Thirwen estaria oferecendo reforços para Imirath por mar, mas não imaginei a magnitude de sua atuação. É um movimento arriscado, considerando que está deixando o próprio reino desprotegido... mas deve haver uma razão. Algo mais do que apenas um casamento entre herdeiros para garantir a aliança. Encontro um pedaço de pergaminho em branco e o coloco sobre a carta para traçar as palavras e assinatura. Dobro-a e memorizo o emblema no lacre: um timão de navio. Ryder vai conseguir recriar o design simples em cera quente antes que seque. Nós falsificamos documentos há anos.

Antes de passar para o corredor, me certifico de que nada esteja fora do lugar. A última coisa que quero é Xantheus fugindo do reino antes que eu tenha a chance de colocá-lo de quatro como o cão covarde que é por causa do que disse sobre Elowen. Prefiro não desperdiçar meu tempo rastreando seu paradeiro. Adoro uma perseguição, mas só quando a recompensa vale a pena.

— Encontrou alguma coisa?

Essa voz. Porra, essa voz tão doce. Isso sempre vai valer a pena.

A sala de visitas é tão ridícula quanto eu imaginava. O luar bate nos móveis banhados a ouro, assim como cada vaso e relíquia apoiados em vários pedestais. Pedrarias em tons variados decoram as paredes como saias de um vestido hediondo, e minhas narinas queimam por causa do maldito incenso. Os três poderiam ter ouvido o que quer que os lordes estivessem dizendo lá embaixo se tivessem ficado nos sofás, mas não me surpreenderia se tivessem decidido ficar nas janelas para tomar pouco de ar fresco.

— Encontrei. — Me agacho em frente a Elowen, que está com as costas pressionadas contra a parede e um doce meio comido diante da boca. — O que vocês ouviram?

— Um monte de bobagem — rosna Finnian, mordendo o pão macio em suas mãos.

— Homens tolos sem papas na língua — acrescenta Elowen. — Eu teria parado de ouvir se não estivesse numa missão. — Arqueio uma sobrancelha, apontando com o

queixo para a comida. — Espionar leva tempo às vezes, então o chef Leonardo fez alguns doces. — Leonardo, o chef da sede da Casa Veles, ficou animado demais quando informei que a lady da casa tem um fraco por doces e confeitaria. Me inclino para a frente antes que ela tenha chance de reagir e dou uma mordida. — Ei!

— Obrigado, anjo. — Ela estreita os olhos. Elowen entregaria a própria refeição se soubesse que não comi, mas não é mulher que compartilha seus doces. Poderia estar empanturrada depois de quatro pratos e ainda conseguiria arranjar espaço para a sobremesa. — Vão me contar o que eles disseram? Porque posso muito bem descer e perguntar eu mesmo.

— Ah, sim, tenho certeza — murmura ela. — Se eu passasse a vida chorando por causa do que homens disseram sobre mim, nunca sairia do meu quarto.

— Sairia, sim, porque eu mataria todos eles.

— É só um bando de ricos idiotas que não apanharam o suficiente na vida — resmunga Ryder.

Elowen dá um tapinha em meu peito e fica em pé, terminando o doce e caminhando até a porta para espiar o corredor.

— Não vou contar aqui porque não fizemos todo esse esforço espiando só pra você revelar nossa presença perdendo a cabeça e descendo ao salão com lâminas em punho.

Minha raiva pulsa sob a pele. No que depender de mim, são *eles* que vão perder a cabeça.

— Foi tão ruim assim?

— O ódio deles pode ser transformado em arma a nosso favor se esperarmos pelo momento certo. — Ela se vira, curvando o dedo para nos prepararmos para descer. — Os homens dizem maldades sobre mulheres o tempo todo, e mesmo assim o mundo continua girando. Não confunda minha calma com complacência. Vou calar a boca deles, mas vocês vão ter que aceitar minha liderança e me deixar fazer o que faço de melhor. — Ela abre a porta e sai para o corredor assim que nos aproximamos. — Ser mais esperta que aqueles que vivem me subestimando.

CAPÍTULO

VINTE E SETE

Elowen

Cayden mal me dirigiu a palavra desde que saímos da propriedade, muito provavelmente mantendo o temperamento sob controle por um fio. Insultos feitos por homens covardes que tremeriam de medo se forçados a repetir na minha cara não me incomodam. É fácil para eles seguirem as opiniões uns dos outros como ovelhas, enxergando-se como deuses intocáveis. Difícil é saber como cravar as garras nas mentes das massas para controlar a percepção das pessoas. A tragédia da linguagem é que poucas pessoas têm a habilidade de juntar palavras de modo que signifiquem algo. Os lordes podem cuspir o discurso raivoso que quiserem. Isso só me dá mais munição para usar contra eles.

Ladislava está lotada de gente saindo das tavernas e congregando pelas ruas. Verendus também estava, mas os cidadãos que vivem na capital não idolatram Cayden como os soldados em Ladislava. Gritos ecoam pelas construções quando Cayden diminui a velocidade do cavalo em que ambos cavalgamos, e canecas são erguidas em homenagem ao rei e à rainha. A cerveja espirra nas pedras e transforma a neve fresca em lama quando as canecas batem umas nas outras. Eles reverenciam Cayden porque, ao contrário da maioria dos reis em Ravaryn, ele luta ao lado de seus homens e, ao contrário de todos os reis ravarianos, também foi um deles.

Puxo meu pingente pela corrente, sabendo que Cayden vai reconhecer isso como

um dos meus tiques de ansiedade. Sua raiva está fermentando como uma tempestade que se aproxima, e pretendo me aproveitar disso.

— O que disseram sobre você? — pergunta, forçando as palavras por entre os dentes.

Cayden deve estar pensando que as coisas horríveis que os lordes disseram estão começando a fazer efeito, mas esses homens me odeiam porque sou mais forte que eles. Sua insegurança é visível, e não são dignos de influenciar minhas emoções ou minha autopercepção.

— Não foi nada, Cayden — suspiro. — Isso não significa nada pra mim.

Ele solta o aperto na minha cintura para inclinar meu queixo em sua direção.

— Mas pra mim, sim.

Ah, estou contando com isso. Até me sentiria mal por manipulá-lo se não fosse para nosso benefício. Ele é esperto o suficiente para saber o que estou fazendo, mas sua raiva fala mais alto que o raciocínio lógico.

Ele se vira na direção de Ryder quando percebe que não vou falar.

— Me conte o que disseram.

Ele é forçado a levantar a voz, fazendo com que vários soldados curiosos olhem para o nosso lado. Faço questão de me inclinar para mais perto dele. De representar o papel da mulher magoada, por mais que isso esteja longe de ser verdade.

— Muito mais do que deveriam — resmunga Ryder, o rosto se distorcendo em desgosto genuíno. — Não vou repetir as coisas que disseram que fariam com ela. Elowen pode te contar, se quiser, mas com certeza você consegue adivinhar.

O tremor que sacode meus ossos não é fingimento. A violência contra mulheres é tão normalizada entre os homens que eles podem sentar-se ao redor de uma mesa e fazer piada sobre isso como se valêssemos menos que o lixo nas ruas. Nunca vou entender como conseguem olhar na cara de suas mães, filhas, irmãs e esposas, ou mesmo de desconhecidas que merecem viver suas vidas sem sofrer com sua malícia misógina, e proclamar sua felicidade diante do sofrimento feminino.

Também não consigo entender por que alguns homens se sentem tão ameaçados

por mulheres fortes. Quando não conseguem conceber uma mulher com poder, exibem as mais baixas intenções de desfigurá-la e diminuí-la, enquanto outras aprendem com frequência demais que nossa força vem do que passamos nas mãos deles. E eu odeio isso. Detesto que nosso poder seja associado à profanação deles. A força pode vir de muitos lugares, mas, no caso das mulheres, vem de dentro de nós.

Não somos definidas pelo que fazem conosco, e somos muito mais do que o abuso que sofremos.

— Eles fizeram várias declarações de traição além dessas. Um lorde até revelou que estão procurando filhos bastardos de Eagor para apoiar uma reivindicação ao trono.

Um soldado que está nos encarando sem disfarçar enquanto passamos ouve a declaração de Ryder.

— Eles não vão tocar em você — promete Cayden em tom ameaçador. — Vou cortar cada dedo das malditas mãos deles se sequer ousarem te ameaçar.

Os lábios do soldado se curvam para baixo, e vejo quando ele conversa acaloradamente com outros ao redor, apontando na nossa direção enquanto viramos a esquina. Só é necessária uma gota para criar uma ondulação em um lago. Existem poucas coisas que as pessoas amam mais do que um boato, e a notícia da traição dos lordes vai se espalhar por Ladislava como fogo em mato seco.

— Não que eu discorde da sua tática, Elowen, mas não estamos tentando evitar uma rebelião? — pergunta Ryder quando estamos longe o suficiente da comoção.

— Estamos evitando uma rebelião contra a coroa — respondo. — Mas se o exército escolher se revoltar contra os lordes pelas declarações de traição, Cayden e eu podemos lavar as mãos até resolvermos intervir para amenizar a situação.

— Eles vão ser pintados como vilões, e a coroa pode mostrar poder — acrescenta Finnian.

— Exatamente. — E duvido muito que os herdeiros e as esposas deles vão ficar ao lado dos traidores quando forem condenados à morte. — Acendi o fogo, mas também vou apagá-lo quando for a hora certa.

Dois guardas abrem os portões altos de ferro fundido da sede da Casa Veles, e

seguimos pelo caminho até a entrada. Só por ter chegado aos limites da propriedade já me sinto mais em paz.

— Entendi por que esperou para me contar — comenta Cayden. — Você queria que os soldados vissem minha raiva, e fez uma boa encenação, mas eu estava falando sério.

— Eu sei — respondo baixinho. Não vou ficar à mercê de outro homem de novo, e eles ainda vão me implorar por clemência. — Vamos acabar com eles juntos.

— Isso mesmo.

Nós quatro subimos os degraus da frente e entramos, removendo as capas e botas para que os criados as guardem no armário. Alguém atravessando o corredor às pressas chama minha atenção, e estico o pescoço a tempo de ver Saskia contornar um canto e cravar os olhos escuros nos meus.

— Encontrei uma coisa! — exclama ela, com um livro de várias centenas de páginas nos braços. — Acho que é possível!

— Acha?

Vou encontrá-la no meio do caminho, ignorando os murmúrios de confusão atrás de mim.

— Podemos testar a teoria hoje à noite, se estiver disposta.

— Qual é a novidade agora? — geme Finnian.

Saskia entrelaça os dedos nos meus e me conduz até a sala de estar enquanto os outros três seguem em nosso encalço. Cayden se ajeita no lugar mais próximo de mim no sofá, e Finnian e Ryder afundam nas poltronas à nossa frente, mas Saskia fica andando de um lado para o outro diante do fogo, arrastando o vestido roxo-escuro atrás dela.

— Nós conversamos com Asena hoje pra discutir o potencial de Elowen para a magia.

— Ah, boa, vamos confiar na mulher que cantarola numa roda ao redor da fogueira — murmura Ryder.

Saskia dá uma encarada nele, mas continua falando.

— Vasculhei todas as histórias que consegui encontrar sobre magia em Thirwen,

considerando os vínculos com animais. Existem famílias proeminentes cuja magia vem de séculos atrás, mas quando algum membro da família não desenvolve as habilidades aos 12 anos, eles realizam cerimônias para despertar a magia dormente.

Cayden se inclina para a frente para apoiar os cotovelos nos joelhos.

— Que magia estamos tentando despertar?

— A de entrar na mente dos meus dragões — respondo. — De ver através dos olhos deles.

— Para quê? — pergunta Finnian.

— As jaulas na fronteira — responde Ryder, e o rosto de Finnian empalidece. — Recebemos o relatório de um dos nossos espiões em Imirath, e todos concordamos que o que quer que esteja naquelas jaulas tem como alvo Elowen e os dragões.

— Para o ritual ter mais chance de sucesso, Elowen vai ter que privar seus sentidos — avisa Saskia. — Ela precisa se concentrar no vínculo com os dragões e se entregar a ele, mas não tem prática nenhuma com magia. Em muitos casos, é usada uma âncora, uma pessoa profundamente ligada ao mago em potencial, que vai manter as mãos sobre seu corpo durante a cerimônia.

— Jovens magos de Thirwen às vezes são transportados para os fiordes de gelo para despertar a magia. Alguns acreditam que tem algo a ver com magia que existe na água, e outros creem que é por causa das temperaturas congelantes — acrescenta Cayden. — Já ouvi sobre essa tática antes, mas não sei nada sobre âncoras.

— Elas possibilitam um caminho de volta para quando a pessoa não estiver na própria mente. Se Elowen não conseguir encontrar o caminho de volta para o corpo, poderia ficar... presa. Asena vai voltar com Ophir em breve para ajudar na cerimônia, porque entendem mais sobre esse assunto.

— Ela pode ficar *presa*? — questiona Ryder. — Temos uma guerra para lutar e minha rainha pode ficar *presa* dentro de um dragão?

— Ela não pode se arriscar assim! — exclama Finnian.

— Isso é Elowen quem decide — diz Cayden, interrompendo o alvoroço com uma voz severa e se virando para me encarar enquanto os outros três brigam entre si, em vez

de projetar suas dúvidas em mim. — Quando começou a especular sobre essas habilidades?

— Saskia e eu estávamos discutindo a respeito quando você voltou ao acampamento para entregar a notícia da sucessão de Imirath. Eu ia te contar — garanto. — Aconteceu tudo tão rápido.

— Tudo bem. O que quer fazer?

Engulo em seco. A ideia de não ser capaz de voltar ao meu corpo é preocupante, mas tenho um dever para com meus dragões, e não posso decepcioná-los de novo.

— Preciso tentar. Sei que é um risco, mas não vou conseguir conviver comigo mesma se a minha inação prejudicar meus dragões.

Ele assente como se já esperasse que eu dissesse isso e desvia os olhos para encarar os outros. A briga deles ainda ressoa pela sala.

— Não dê ouvidos às dúvidas deles. Tudo de que precisa pra sobreviver está dentro de você.

Estendo a mão para apertar a sua e abro a boca para agradecer pelo incentivo, mas algo inteiramente diferente toma meus pensamentos quando olho para baixo.

— Isso é o meu nome?

— Sim — ele afirma sem se alterar.

Fico boquiaberta, sem saber devo beijá-lo ou questionar sua forma de pensar.

— Como pode dizer isso assim, tão calmamente?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Porque fui eu que fiz, e duas vezes.

— Duas? — Levanto a mão dele para olhar melhor e de fato a mesma tatuagem está espelhada em ambos os lados. — Você marcou meu nome para sempre no seu dedo, Cayden! *Duas vezes!*

— Tive que fazer duas vezes. Eu não vejo o lado de fora do dedo o tempo todo. Este é pra mim. — Ele põe o lado de dentro do dedo anelar diante de meu rosto para exibir o nome *Elowen* escrito na minha caligrafia delicada. — Em algum momento posso ter que tirar a aliança para não danificá-la, mas fiz isso para você saber que meus votos nunca

vão ser quebrados.

Escondo o rosto nas mãos.

— Você é louco.

— Pare de fingir que não adorou. — Ele puxa meus pulsos para poder ver meu rosto de novo, e um risinho malicioso surge em seus lábios quando não consigo mais esconder meu próprio sorriso. Esse deve ter sido seu compromisso em Ladislava horas atrás. Mas a tranquilidade desaparece quando se vira de volta para o grupo, erguendo o tom de voz. — Elowen vai realizar a cerimônia e, se vocês três não pararem de brigar como crianças, vou expulsá-los da minha casa e os proibirei de entrar de novo por um bom tempo. — O silêncio toma conta da sala imediatamente, e Cayden reclina a cabeça no encosto do sofá, fechando os olhos enquanto um suspiro lhe escapa pelos lábios. — Porra, até que enfim.

CAPÍTULO

VINTE E OITO

Elowen

Retiro as botas ao lado do rio que serpenteia a propriedade, fazendo uma careta quando meus pés descalços tocam o chão congelado. Uma pequena cascata despeja água em uma piscina natural antes de a correnteza voltar a estreitar e continuar seu percurso por entre as árvores.

— Elowen — chama Asena, pronunciando meu nome com timidez, apesar de eu ter garantido que títulos só complicariam as coisas. — Saskia me disse que explicou a você o conceito de âncora.

— Isso mesmo.

— Como os deuses abençoam sua união, acreditamos que Cayden seja sua melhor opção.

Arqueio as sobrancelhas enquanto desamarro o manto.

— E se eu não acreditar nos deuses?

— As marés fluem para ele, assim como as chamas ardem para você. A atração entre os dois é evidente. Não renegue isso quando sua segurança está em jogo — responde ela. Então acrescenta depressa: — Minha rainha.

Rio baixinho e lanço um olhar para Calithea, que sobrevoa nossas cabeças. Mesmo que eu montasse em um dragão e voasse sobre a fronteira, a visão deles é muito mais aguçada que a minha. O que parece um pontinho para mim é totalmente discernível

para eles. Minha presença só os colocaria em perigo, porque teriam que voar mais perto do chão para eu conseguir enxergar o que está dentro das jaulas.

Em silêncio, Cayden se afasta da árvore em que estava apoiado e começa a se desarmar. Tenho certeza de que Finnian teria sido uma âncora eficaz, mas não tenho conhecimento suficiente em magia para ignorar o conselho de Asena. O lugar que Finnian ocupa no meu coração é caloroso e brilhante como um dia de verão, e ao seu lado me sinto como a criança que nunca tive a chance de ser. Finnian renova minha alma, mas Cayden a mobiliza. Há algo ao mesmo tempo incomum e familiar na minha conexão com meu noivo. Sinto isso até a medula quando ele está por perto, e seu olhar muda a forma como me vejo. Nos encaixamos um no outro tão naturalmente, como um jardim exuberante em plena floração em que as flores crescem entre e ao redor umas das outras.

Olho para Finnian para me desculpar, mas ele balança a cabeça e ergue a mão.

— Estou aliviado por não ter que congelar naquela água, Ellie, e agradeço aos deuses por levarem meu conforto em consideração.

Coloco as mãos na cintura.

— Não vou ficar ao seu lado da próxima vez que beber demais na taverna e vomitar tudo que tiver no estômago.

— Foi só *uma* vez.

Dou uma encarada nele.

— Tá bom, foi bem mais do que uma vez — corrige ele, apertando a capa ao redor de si enquanto uma rajada de vento sacode a floresta.

As copas das árvores balançam, nos salpicando de neve. Cruzo os braços sobre o peito, já congelando sob o tecido fino da combinação. Cayden está ao meu lado. Ele faz um único e breve aceno; o suficiente para me encorajar a encarar Asena e Ophir do outro lado da piscina natural.

— É preciso que vocês deixem cair algumas gotas de sangue na água — instrui Ophir.

— Sempre tem um pagamento em sangue — murmuro.

Saskia me entrega minha adaga de dragão, e passo o polegar sobre o entalhe antes de furar a ponta do dedo, deixando as gotas vermelhas desaparecerem na correnteza. O gelo reveste a superfície das rochas ao lado da cascata, assim como várias outras espalhadas pela margem e rio abaixo.

Basilius aparece quando o convoco, circulando acima das coníferas imponentes. Ele é mais gentil que os outros, apesar de ser o maior. Tem dois lados em si, e a mudança acontece sem esforço. Basilius pode ir de rasgar a carne de um inimigo a rodopiar em um céu de nuvens brancas com garras ensanguentadas em questão de segundos.

Os dragões me escutam, mas não os controlo. Se Sorin ou Venatrix sobrevoarem a fronteira, não confio que não vão se atracar com o inimigo. Eles sofreram por anos, e quando as memórias de seus gritos torturados à noite ressurgem, é como esfregar sal em uma ferida que nunca vai cicatrizar. As escamas cor de lavanda de Basilius mudam para preto, camuflando-o contra o céu noturno, e envio um sentimento carinhoso para ele através do vínculo.

— E agora? — pergunta Cayden.

— Você deve entrar na água com Elowen. Não tire as mãos dela enquanto ela flutua. Essa será a conexão física dela com o próprio corpo — orienta Ophir.

Sinto como se estivesse pisando em agulhas em vez das pedras lisas do leito do rio. Meus dentes batem uns nos outros, não importa o quanto os aperte. Caminho com dificuldade pela água até chegarmos ao centro, então me deito de costas. Cayden coloca os braços sob minhas coxas e costas, me mantendo o mais perto dele possível. Chamo Basilius pela ligação, puxando o fio que nos conecta dentro de mim.

— Você precisa encontrar uma forma de desacelerar os batimentos e deixar a magia tomar conta. Deixe a água atrair o que está dentro de você para a superfície — diz Asena, acendendo algumas velas e as espalhando ao longo da margem.

A suma sacerdotisa cantarola baixinho, e Ophir desliza os dedos pela água.

— Por quanto tempo ela precisa ficar aqui? — pergunta Cayden, nosso desconforto tornando seu tom mais áspero que o habitual... o que não é pouco. — Posso carregá-la para fora quando a magia tomar conta?

— Ela não pode quebrar a conexão com a água, mas faremos uma fogueira assim que sua mente começar a vagar. Você pode levá-la até a beira do rio, mas ela não pode sair até estar de volta ao corpo — responde Asena.

As vozes deles vão ficando mais fracas e, meu corpo, entorpecido pelo frio. As agulhas param de espetar cada centímetro da minha pele, e meus ouvidos deixam de latejar. Cravo os olhos em Basilius, observando seus círculos rítmicos quando seus olhos cor de lavanda encontram os meus.

Somos só nós dois, meu docinho. Você não tem por que ter medo de mim, digo através do vínculo.

As chamas dentro de minha alma rugem alto, aquecendo a pele e desacelerando os batimentos. Basilius transmite uma sensação reconfortante pelo vínculo a cada batida de asas e a cada olhar.

Pressiono a cabeça no peito de Cayden para ouvir sua pulsação e abro os dedos, deixando a água fluir entre eles, fingindo que são meus pensamentos sendo levados embora, até que reste apenas uma casca de mim.

Basilius voa como se não fosse nada mais que uma pluma. Imagino a liberdade de poder alçar voo à vontade, para o reino que nenhum mortal pode reivindicar porque é governado pelos dragões.

Cayden acaricia meus cabelos com gentileza.

— Você nasceu para montar dragões, agora se permita tornar-se um deles.

Tum.

Tum.

Tum.

As chamas dos dragões consagraram minha existência. Através deles, sou imortal. Ilimitada. Sou a força das feras que ninguém consegue domar.

Um estalo atravessa meu corpo e todo som desaparece.

Não sou nada além de uma nuvem de fumaça subindo pelo ar até me tornar fogo envolto em carne.

A cena diante de mim consiste inteiramente de névoa lavanda. Uma ponte curva se

estende sobre um rio, e espreito por cima da borda enquanto tons de dourado, azul-claro e prateado são adicionados à correnteza. Nossas auras se entrelaçam como centenas de estrelas que caíram do céu roxo, mas pairam ao meu redor. Elas se estendem até onde minha visão alcança, em vez de se estilhaçarem no chão. Não somos nada além de almas, mas então sou lançada para o primeiro plano de sua mente, observando o mundo através dos olhos de um dragão.

Basilius se vira na direção da fronteira. Ele bate as asas com força suficiente para nos elevar acima das nuvens, onde ninguém conseguirá nos ver. Desta altura, eu nunca seria capaz de enxergar nada além de pontos, especialmente à noite. Já para Basilius o mundo é uma paisagem vívida.

Sobrevoamos Ladislava — com sons familiares de canções, cânticos e aço tilintando lá embaixo — e seguimos adiante. Tudo desaparece quando cruzamos para Imirath. Uma inquietação toma conta de Basilius, mas eu o acalmo com minha presença, mantendo controle sobre sua mente sem machucá-lo.

— Continue voando alto — comando, embora não saiba bem como. — Eles não podem saber que estamos aqui.

Basilius não faz nenhum ruído e diminui o ritmo, reduzindo nossa altitude em uma proporção minúscula enquanto observamos uma jaula. Pelo menos quinze soldados de Imirath montam guarda ao redor dela, todos com lanças ou espadas na mão. Não avisto mais ninguém, mas imagino que estejam espalhados. Continuamos monitorando a cena de nosso ponto de observação privilegiado, sem a intenção de nos arriscar com um pouso em território inimigo. Perco a noção de tempo conforme Basilius traça círculos suaves pelas nuvens diáfanas, envolta em uma sensação de pura satisfação.

Sinto um puxão que me dá a impressão de estar atrasada para algo, mas ignoro isso ao vislumbrar uma cauda pontiaguda atravessando uma das lonas da jaula. A runa de silenciamento deve ter sido inutilizada quando a fera lá dentro rompeu o aço, porque um guincho se segue, além do som de garras arranhando as paredes de sua prisão. Basilius fica em alerta, com todos os sentidos focados na ameaça em potencial. Um soldado de Imirath grita quando a cauda se enrola ao redor de seu pescoço, mas as

súplicas dolorosas se extinguem quando sua cabeça é separada do restante do corpo. Soldados avançam correndo com lanças, gritando por ajuda enquanto cravam as pontas afiadas na carne escamosa para domá-la, mas a reação da fera não é nada dócil. Ela continua balançando a cauda, lançando soldados pelos ares e perfurando suas barrigas com a ponta afiada.

Já vi uma cauda assim, me dou conta. Serpes. Parentes distantes dos dragões. Li a respeito em um bestiário que adquiri recentemente, e vi sua forma desenhada nas páginas. Na maioria dos casos, não são capazes de cuspir fogo. A cauda pontiaguda venenosa é sua principal arma contra os inimigos. São menores e menos ferozes do que um dragão, mas algo volátil se agita em Basilius enquanto observamos a cena.

— Ainda não — comando. Ele continua se exaltando agora que identificamos o que enfrentaremos no campo de batalha. — Você terá sua chance, mas não hoje. Não podemos enfrentá-los sozinhos.

Basilius rosna, mas no meio da comoção lá embaixo ninguém o ouve. Com relutância, ele se vira para nos levar de volta a Vareveth. Nesse momento, eu sinto mais uma vez um puxão no centro do peito.

Um farol para seguir de volta para casa.

CAPÍTULO

VINTE E NOVE

Cayden

A floresta está silenciosa, mas não mais do que a respiração de Elowen. Passei as últimas duas horas neste rio congelante, segurando o corpo dela contra o meu e contando suas respirações. Ophir disse que seria seguro que eu saísse do rio, desde que mantivesse as mãos nela, mas não posso deixá-la sofrer sozinha. Mandei os outros de volta para casa depois que Asena disse que poderia ser útil se eu conversasse com Elowen enquanto ela estivesse neste estado. Ela não consegue me ouvir, mas talvez possa me sentir. Eu nunca seria capaz de falar com Elowen sobre algo mais profundo se os outros estivessem ouvindo.

Ela está imóvel como um cadáver nos meus braços. Apenas o cabelo flutuando ao redor da cabeça e o branco dos olhos visível. É perturbador. O fogo que Asena acendeu está quase se apagando, mas não vou me arriscar a tirar as mãos do corpo dela. Preciso urgentemente abrigá-la. Ergo a cabeça de forma abrupta ao ouvir Basilius rugir à distância, perto o bastante para já ter atravessado a fronteira de volta.

— Elowen — murmuro, minha voz tensa pelo frio. — Acorda.

Nada.

Nem mesmo um espasmo nos dedos.

— Elowen. — Eu a balanço um pouco nos braços. — *Acorda.*

O pânico começa a subir por minha garganta como um monstro ameaçando vir à

tona e me dominar. Ela parece estar morta. Seu corpo não tem calor nem vibração. Cravo o olhar em sua pulsação constante, embora lenta. Deuses, mal consigo olhar para ela. Este ritual está fodendo com a minha cabeça, esfregando na minha cara a imagem que me persegue durante o sono na maioria das noites.

— Elowen!

Sibilo quando ela se debate, jogando água nos meus braços e no peito. Seus olhos castanhos estão de volta, absorvendo os arredores enquanto leva a mão à testa.

— Você está bem?

Ela olha para mim, passando as mãos pelo rosto, nos ombros e então no peito ofegante conforme seus tremores fazem a água ondular.

— S-sim.

Eu a pego no colo antes mesmo que termine de responder. Ela continua olhando ao redor como se estivesse vendo o mundo pela primeira vez. Meus pés descalços esmagam a neve, mas é impossível ficar mais gelado do que já estou. Pego o manto dela do galho onde Finnian o pendurou e o coloco sobre seus ombros, usando meu casaco para cobrir a parte da frente de seu corpo, e corro em direção a Koa. Montá-lo com Elowen nos braços é um feito difícil, mas não impossível. Eu a mantenho colada ao peito enquanto balanço as rédeas, incitando o cavalo a correr até nossa casa.

Estou com a mente repleta de perguntas, mas me forço a deixá-las para depois. Preciso abrigá-la e elevar sua temperatura corporal. O vento é cortante contra minhas bochechas e braços enquanto cavalgamos, e escondo o rosto dela na curva do meu pescoço.

Desmonto assim que chegamos, e a porta dos fundos bate contra a parede quando a escancaro. Um suspiro trêmulo de alívio escapa do meu peito assim que o calor da casa me envolve. Os criados devem ter acendido todas as lareiras.

— Precisa de alguma coisa, alteza? — pergunta Cyrus, aparecendo às pressas no corredor, quase correndo para acompanhar meus passos. — Já acendi o fogo nos seus aposentos.

— Mande sopa e chá lá pra cima — respondo sem me virar. — Obrigado.

Saskia, Ryder e Finnian saltam dos degraus quando nos veem, e Asena e Ophir se afastam da janela.

— O que ela viu? — pergunta Saskia.

— Agora não. — Meu tom é definitivo e, embora Ryder e Saskia tenham me pressionado em algumas ocasiões ao longo dos anos, eles sabem quando não forçar a barra. — Ela vai ficar comigo, e relatará tudo pra vocês quando estiver pronta.

— Ela está bem? — indaga Finnian em tom urgente.

— Vai ficar, depois que descansar.

Fecho a porta dos nossos aposentos com o pé e a coloco no chão diante do fogo, tirando a combinação encharcada de seu corpo e jogando-a de canto. Faço o mesmo com a minha calça e volto até ela com vários cobertores grossos. Elowen se encosta em mim, sentando entre minhas pernas cobertas enquanto envolvo seus ombros com outra manta. Junto seu cabelo no topo da cabeça para tirá-lo das costas e o prendo com a tira de couro que sempre uso ao redor do pulso, para o caso de ela precisar.

Elowen continua olhando ao redor do quarto como se estivesse tentando se reorientar em relação à realidade, ainda não inteiramente de volta à própria mente. Tenho certeza de que vai ficar mais fácil conforme for utilizando suas habilidades, porém a primeira vez tende a ser a pior. Eu estaria deslumbrado por ela, não fosse pelo fato de a imagem de seus olhos brancos e corpo nos meus braços ter concretizado meu pior medo.

Seus olhos arregalados estão cravados no meu rosto, me encarando como se eu fosse a única coisa real no mundo. Há um desespero que nunca vi em seu olhar.

— Você está de volta aqui comigo, *sirantia*. Está em casa — murmuro, acariciando seus braços.

Os tremores começam a se acalmar, mas ainda estremece de leve enquanto se inclina para a frente. Ela pressiona a ponta do dedo no alto da cicatriz no meu rosto, lentamente arrastando-o para baixo e repetindo o movimento três vezes. Ninguém me tocou como ela. Eu cortaria a mão de quem se atrevesse. Ela se curva contra mim e encosta a testa no meu ombro, se aconchegando em meu pescoço.

Coloco os dedos em seu pulso, mantendo um braço em volta dela enquanto observo as chamas consumirem a lenha. Elowen tem magia dentro de si. Não estou surpreso, considerando seu vínculo com cinco dragões, mas estou curioso para saber que outras habilidades ela pode ter.

— Meu cabelo está muito bagunçado? — murmura ela.

Eu dou risada.

— É com *isso* que está preocupada?

— Meu cabelo é muito importante pra mim.

— Parece que você jogou seu pente fora há cinco anos e nunca comprou um novo.

Ela solta um gemido.

— Vou cancelar o casamento.

— Boa sorte com isso.

Voltamos a ficar em silêncio enquanto observamos o fogo. Cyrus e outro criado sobem com bandejas cheias do que pedi e várias opções doces para a sobremesa. Estão tentando conquistar a simpatia de Elowen, e pelo jeito que ela sorri conforme olha para aquela variedade, eu diria que está funcionando. Nós comemos tudo e, quando tenho certeza de que sua temperatura corporal subiu o suficiente para entrar em uma banheira, eu a pego no colo.

Não deixo a água esquentar muito, só por precaução, caso a temperatura escaldante de costume seja um pouco demais para ela aguentar agora, e a acomodo entre minhas pernas.

— O que você viu?

Ela apoia o peito no meu enquanto a cabeça descansa no meu ombro, ainda traçando as cicatrizes no meu peitoral e nos braços. Ela me toca como se cada um dos meus detalhes fosse digno de ser lembrado. Fui privado do seu corpo por semanas, e esse contato próximo é um tipo viciante de tortura. Pensamentos sobre ela atormentam minha mente como uma maldição da qual nunca desejo ser libertado.

— Serpes — responde, falando baixo como eu. — Ao que parece, eles vão levar a batalha para os céus.

Eu aperto seus quadris.

— Treinar com arco e flecha pode ser útil. Não sabemos se eles têm ginetes.

Ela bufa.

— Odeio flechas. Eu me viro com as minhas facas.

Passo a língua por dentro da bochecha, sem responder, optando por soltar seus cachos e começar a lavá-los. Ela solta um gemidinho quando meus dedos ensaboados massageiam o couro cabeludo, enviando uma onda de desejo por meu corpo. Respiro fundo, me forçando a pensar em estratégia, e não nela embaixo de mim.

Finnian é um arqueiro habilidoso, e não duvido que tenha tentado treiná-la ao longo dos anos. Vou ter de pensar em algo diferente, mas ela vai precisar de algo com mais poder do que uma simples lâmina arremessada. Agradeço aos deuses pelo fato de os serpes não cuspirem fogo, ou a conversa estaria muito mais acalorada.

— Como é que eles têm serpes? — questiona ela. — De onde vieram?

— Li uma vez sobre uma maga de Thirwen que viveu há uns cem anos. Alguns dizem que usou necromancia para ressuscitar dois serpes, mas outros contam que as criaturas foram capturadas na natureza, ainda que na época se acreditasse que estivessem extintos. Ela os manteve em jaulas e os forçou a procriar, e fez o mesmo com os filhotes quando cresceram. Era uma prática deplorável e cruel, que controlava os serpes por magia mental. Eles nunca foram soltos de suas jaulas, nunca foram livres. Foi por isso que o mundo ficou atônito quando disseram que você tem um vínculo espiritual com seus dragões. Ninguém nunca teve um poder como o seu.

— Que horror. — Quando Elowen vier a montar os dragões e eliminar os serpes que enfrentar, a morte vai ser uma misericórdia para as próprias feras. — É só que... não consigo pensar nisso agora, sabendo o que vou ter que fazer em batalha. O que você encontrou mais cedo no escritório de Xantheus?

— Thirwen está enviando mais reforços navais do que eu esperava — revelo. — Mandei ordens para que uma cadeia de batedores se mantenha em vigilância ao longo da costa. Vamos ser avisados quando cada um deles enviar um sinal luminoso.

— Espero ter notícias de Galakin em breve. — Cerro os dentes. Vou encontrar uma

forma de manipulá-lo para entrar nesta guerra, se não vier por vontade própria. Ela se afasta do meu peito, buscando meus olhos. — Imagino que você tenha um plano de ataque, certo?

— Sempre. Também falsifiquei a carta para usar contra Xantheus como prova de traição, já que ele não relatou os movimentos de um inimigo aos seus governantes.

— Ficarei feliz quando ele morrer. — Suas pálpebras estão pesadas de exaustão quando ela cai para a frente de novo, e respiro entre dentes quando ela desliza a mão sobre a cabeça do meu pau. Ela ri baixinho. — Não vou para a cama com você antes do casamento. Sou uma dama.

— Ah, sim — murmuro. — Uma dama da noite.

Ela dá um tapinha de leve na parte de trás da minha cabeça e sai da banheira, se enrolando na toalha e balançando os quadris enquanto caminha para o quarto. Dou uma risadinha enquanto termino o banho antes de ir atrás dela. Fico surpreso ao encontrá-la profundamente adormecida quando vou para a cama.

O fogo da lareira dança sobre seu rosto, tornando impossível desviar os olhos enquanto deito de lado para encará-la. Quando olho para ela, é como se pudesse ver meu coração batendo fora do corpo. Enrolo um dos cachos úmidos ao redor do dedo que agora tem o nome dela tatuado.

Depois de viver nas ruas, nem mesmo estar dentro de uma casa era suficiente para eliminar o frio dentro de mim. Não até conhecer Elowen e tê-la ao meu alcance. O amor deveria ser algo leve, belo e puro, mas o que sinto pela mulher dormindo ao meu lado poderia devastar exércitos e destruir mundos.

Nunca me importei tanto assim com alguém — nunca quis isso ou tive essa verdadeira necessidade. É como se eu nunca tivesse visto ninguém de verdade, agora que a vejo por toda parte. Sei que é um caminho perigoso, mas não consigo parar. Ela solta um ruído de irritação, franzindo um pouco o nariz enquanto pisca os olhos sonolentos, se enroscando em mim sem dizer uma palavra.

Deuses, estou fodido.

Muito, mas muito fodido mesmo.

CAPÍTULO
TRINTA

Elowen

— Precisamos de mais detalhes — diz Saskia antes de dar um gole na delicada xícara em sua mão. — Um casamento real é mais que uma cerimônia, é uma declaração para toda a Ravaryn. Elowen tem uma inclinação por luxos, o que fica claro na extravagância de seus trajes do dia a dia, então não podemos economizar em adornos.

— Eu não diria uma *inclinação*. Tenho um gosto particular, só isso, e meu olho por acaso é atraído por itens caros, mas é uma questão de pura coincidência.

Saskia ri, encolhendo os pés no sofá ao seu lado.

— Claro.

Olhando meu reflexo no espelho triplo, examino cuidadosamente o tecido branco sobre meu corpo. Uma equipe de três costureiras zumbe ao meu redor como abelhas atarefadas, com seus vários alfinetes atuando como ferrões. Fui mais espetada e cutucada nesta única sessão do que em toda a minha vida. A mulher atrás de mim aperta o tecido abruptamente, ao mesmo tempo endireitando minhas costas e empinando meus seios.

— Muito melhor — digo, forçando a respiração.

A costureira que está prendendo a bainha sorri para mim ao lado da caixa sobre a qual estou em pé.

— O corpete vai ser adornado com milhares de contas douradas, que se estenderão

pela saia.

— Sabemos que prefere mangas esvoaçantes, então que tal fazermos uma fenda logo abaixo dos cotovelos, com uma camada de tecido azul transparente como mais uma homenagem à sua união? — acrescenta a costureira atrás de mim. — Também podemos bordar florezinhas azuis nas videiras da saia. Podem ser miosótis, que são de um azul mais escuro.

— E dragões azuis na parte de trás dos braços!

Assinto.

— Acho que...

Minha cabeça se ergue bruscamente ao som da porta se abrindo. Todas no quarto soltam uma exclamação de susto. Saskia fica em pé em um pulo, e as mulheres correm para o biombo para me esconder, mas no fim não havia motivo para tanto alvoroço.

— Imagino que irmãos tenham permissão para ver o vestido antes do casamento — diz Finnian, a voz embargando ao me ver.

Todas soltam um suspiro coletivo de alívio. Finnian fecha a porta e caminha em minha direção. Ele engole em seco, observando os cortes de tecido marfim.

— Ellie.

— Finny. — Curvo os lábios para cima de um dos lados, meus olhos se iluminam. — Vocês nos dão licença um minutinho? — pergunto à mulher que ajustou meu corpete. Ela é a líder das três, apesar de trabalharem em grupo.

— Poderíamos ajudá-la a tirar o vestido se for facilitar, majestade. Fizemos o possível aqui e, quanto antes o levarmos pra loja, mais cedo podemos começar a costurar.

— Termino num minuto — digo a Finnian, que me oferece uma mão para descer da plataforma, assentindo silenciosamente, sem deixar de me olhar. — Não chora. — Minha voz está tão embargada e trêmula quanto a dele.

— Vou ficar olhando pela janela.

Ele caminha como se tivesse fogo sob os calcanhares, e seguro as lágrimas enquanto as mulheres me ajudam a tirar o vestido sem me espetar de novo. Estou me sentindo

como a almofada de alfinetes delas. As três me deixam atrás do biombo, e tiro a anágua que mantive no corpo, por não suportar a ideia de estar completamente nua com estranhas, e ponho o vestido lavanda que usei ontem. O tecido grosso e aveludado não é uma defesa infalível contra o frio, mas ajuda.

A túnica vermelha de Finnian está amassada de cavalgar, e suas bochechas estão coradas por causa do vento frio.

— Como foi com os soldados de Aestilian, comandante?

— Estão preparados para lutar pela rainha — responde ele, enfim desviando os olhos da janela e me dando total atenção. — Agora me diga, o que posso fazer pela *minha* rainha?

— Me leva até o altar?

Seus braços caem ao lado do corpo e os olhos se arregalam. Sou uma filha com coração de órfã, mas ganhei um irmão assim que Finnian entrou na minha vida. Nós formamos a nossa própria família.

— Preciso deixar bem claro que sempre foi meu plano pedir pra você fazer isso, mesmo se Ailliard ainda estivesse aqui. Você é a pessoa que eu amo há mais tempo.

Ele perde a batalha contra as emoções, murmurando um palavrão enquanto lágrimas escorrem pelo rosto. Seus braços me envolvem, me tirando do chão quando ele me gira no ar. Dou uma risada com a boca colada ao seu pescoço e banhada de lágrimas antes de ele me colocar em pé.

— Claro, Ellie. Seria uma honra.

A reação dele acalma algo dentro de mim. Estou apreensiva desde que acordei, sabendo que faria a prova do vestido de noiva. Não me lembro de ter sonhado com um casamento, mesmo quando era pequena. Quando você não acredita que está destinada ao amor, ou que merece ser amada, esse tipo de sonho parece inútil. Saskia me segue para fora da sala de estar, recebendo uma pilha de cartas amarradas com uma fita das mãos de um criado no corredor. Finnian não fica conosco. Ele precisa se encontrar com Cayden e Ryder para passar informações sobre o contingente e as habilidades de seus soldados. Eu poderia ter feito isso, mas fico feliz que seja Finnian. Nomeá-lo

comandante foi uma das decisões mais fáceis que já tomei.

Fui informada de que o chef Leonardo tira uma soneca entre o café da manhã e o almoço, e fico aliviada ao descobrir que é verdade. A cozinha está vazia. Vigas de madeira combinando com os balcões e a ilha no centro correm ao longo das paredes e do teto de pedra. Ponho um avental amarelo-pálido sobre o vestido e ajoelho para acender o fogo sob o forno para trazê-lo à temperatura desejada enquanto trabalho. É um recinto um tanto exótico, mas tem tudo o que é preciso para assar ou cozinhar. As panelas de cobre estão penduradas nas prateleiras cheias de ervas e especiarias em vasos, e sacos de farinha e açúcar estão alinhados contra a parede sob uma grande janela. Saskia se acomoda no cantinho do café da manhã, e coloco a chaleira no fogo para ela.

Para alguém que gosta tanto de assar pães e bolos, não tenho feito muito isso. Aprendi observando os padeiros e confeiteiros pelas janelas enquanto ficava empoleirada em uma árvore, jurando a mim mesma que um dia poderia comer o que quisesse, não só o que estivesse disponível. Ficar parada nunca foi uma habilidade que dominei e, no estado atual da minha mente, acabaria criando uma trincheira no chão de tanto andar de um lado para o outro.

Gosto de assar pães e bolos porque é uma das únicas coisas em que posso ter controle sobre o resultado. Faço jardinagem porque quero saber que minhas mãos podem criar vida, não apenas tirá-la. Leio porque às vezes este mundo é sufocante, e as palavras me oferecem um refúgio.

— Urasos e Feynadra responderam — diz Saskia quando coloco a xícara de chá à sua frente. — O rei e a rainha de Feynadra vão comparecer, mas o príncipe herdeiro e a princesa de Urasos vêm no lugar do rei. Ele está muito doente e não pode se arriscar a fazer a viagem.

Sopro um cacho rebelde para longe do rosto à medida que despejo farinha em uma tigela.

— Me conta o que você sabe sobre eles.

Ela deixa a carta de lado, fixando os olhos escuros em mim enquanto me movo pela cozinha. Conheço o básico que aprendi sozinha, mas preciso de mais.

— A rainha Nasha de Feynadra é irmã da rainha Cordelia de Galakin, e segundo os boatos as duas são muito próximas. Ela pode falar a nosso favor com Cordelia, que não vai estar presente. O rei de Feynadra, Lycidias, é extremamente reservado, conhecido como rei gélido. Não acho que vai ser difícil conseguir que qualquer um deles reconheça sua reivindicação como herdeira de Imirath ou garantir neutralidade. Eles são tradicionais. A rainha Nasha ganhou o apelido de mulher-loba por ser protetora com os filhos; eles são o único motivo de felicidade no casamento dela. Lycidias não se preocupa com questões em outros reinos e vai querer manter seus soldados por perto, caso Vareveth caia.

— Minha carta para Cordelia ainda não foi respondida, então vamos torcer para que Nasha tenha alguma influência sobre a irmã. — Termino de misturar os ingredientes secos e começo a amassar framboesas em uma tigela separada. — E quanto a Urasos?

— Eles são um pouco mais complicados. — Saskia suspira, deslizando a mão pelas saias carmesins e tomando um gole de chá. — A princesa Lethia é uma nobre originalmente de Thirwen, e não sei quão próxima é da família. O pai dela é o mais rico do reino e a casou com o príncipe Hale com um dote considerável. Ao que parece, ela odiava o príncipe no começo, mas pelo jeito os dois se resolveram. Ele adora a princesa hoje em dia. Urasos tem a mesma reputação de neutralidade de Feynadra, mas não sei se o envolvimento de Thirwen com Imirath influenciará isso.

Sinto minha testa se franzir.

— Se não puderem garantir neutralidade e se recusarem a apoiar minha reivindicação ao trono de Imirath, vamos ser obrigados a considerá-los inimigos. Imagino que a admiração do príncipe Hale pela princesa será colocada à prova quando os dragões sobrevoarem o reino deles.

Saskia assente.

— Deixe que falem primeiro. Nós duas sabemos em primeira mão como as mulheres costumam ser tratadas pelos pais.

— Pode deixar. — Recheio as tortinhas de massa amanteigada com a mistura de framboesa e as coloco no forno de pedra. O aroma de canela me envolve quando

começo a próxima receita, nem me preocupando em limpar a ilha, já que vou sujá-la logo em seguida. — Alguma coisa digna de nota em seus relatórios?

— Nenhuma notícia dos lordes ainda, mas você só plantou a semente ontem à noite — responde ela, acrescentando a carta aberta à sua pilha e abrindo outra. Ela pisca lentamente, percorrendo as palavras com os olhos várias vezes enquanto entreabre os lábios. — Houve uma revolta nas Ilhas do Sul.

Eu endireito a postura.

— Nas Ilhas do Sul?

— É. — Ela me olha, incrédula. — Foi rapidamente sufocada, mas segundo o meu relatório de espionagem a tensão é palpável nas ruas. Um grupo de pescadores jogou as redes sobre soldados de Imirath que patrulhavam as docas. Pelo menos quatro se afogaram, mas dizem que estavam gritando pelo rei legítimo. — Ela balança a cabeça. — Não dá para entender. A Casa Vellgrave foi massacrada anos atrás. Nenhum dos herdeiros sobreviveu à investida do seu bisavô.

— Cayden — sussurro, conforme cai a ficha.

— Cayden? Por que eles gritariam por Cayden?

Saskia não conhece a linhagem de Cayden.

— O pai dele era das Ilhas do Sul. Cayden pode não ter sangue real, mas é o único rei vivo com o sangue deles.

— Isso é perfeito! — Ela bate as mãos na mesa, e torrões de açúcar mascavo voam pelo ar quando eu dou um gritinho. — Isso só fortalece a sua reivindicação. Por que ele não mencionou isso?

Cayden odeia o pai, e deixou isso mais do que claro. Provavelmente não quer ter nada a ver com ele, mesmo que facilite sua vida. Veria isso como receber um favor dele.

— Vou falar com ele quando chegar em casa.

— Especulei que ele tinha sangue sulista anos atrás, e ele mentiu. — Saskia bufa. — Provavelmente não queria que tivéssemos outra vitória depois que Ryder descobriu seu aniversário.

— Como Ryder conseguiu isso?

Ela ri enquanto olha pela janela, para a floresta nevada.

— Deu feliz aniversário para Cayden todos os dias até irritá-lo o suficiente para ele contar.

Dou uma risadinha suave, mas com o peso da insegurança.

— Quando é o aniversário dele?

— Nove de novembro.

Foi há algumas semanas. Estávamos em Imirath no dia... mas eu nem sabia. O nó na garganta não desaparece quando engulo em seco. Fica alojado como uma pedra. O rolo de abrir massa cai no chão, e o barulho abrupto faz Saskia virar a cabeça.

— El? O que foi?

— É que eu não esperava que fosse numa data em que a gente já se conhecesse.

— Bom, ele odeia fazer aniversário, na verdade. Não precisa se sentir mal.

Balanço a cabeça, limpando o rolo no avental e o colocando no balcão enquanto Saskia se aproxima.

— Vamos nos casar, e eu não sabia nem isso. Uma coisa tão básica.

Saskia lê minhas emoções com facilidade.

— Você conversou com ele sobre como está se sentindo? Está tudo bem sentir esse nervosismo.

Começamos a vida completamente indefesos, mas o tempo saca suas lâminas contra nós, e apenas aqueles que se revestem com uma armadura sobrevivem para encarar outra batalha.

— Imagina quantas pessoas não se casam e um dia acordam e não reconhecem mais com quem escolheram passar a vida.

Não sei por que minha mente funciona assim, retorcendo as palavras que ouço como espinheiros emaranhados em uma floresta escura. As emoções lutam com a lógica, mas nunca existe um vencedor, o que transforma meus pensamentos em terra arrasada. Não quero duvidar de Cayden, mas sinto que é minha última linha de defesa contra ele.

— Está tudo bem — garanto rapidamente, enquanto tiro as tortinhas de framboesa do forno, não querendo ir muito fundo na dissecação dos meus medos. — Talvez a

gente tenha transado no aniversário dele, e sem saber lhe dei o melhor presente possível.

— Acho que você pode ter mudado a vida dele. — Jogo um punhadinho de farinha em Saskia, deixando suas bochechas escuras pintadas e mais redondas quando ela ri. — Ele não é como os outros. Antes de se conhecerem, eu disse para Cayden que ele devia se casar com você para solidificar a aliança, e ele foi contra. Falou que nunca se sujeitaria ao inferno do casamento. — Eu inevitavelmente estremeço. — O homem que você conhece é alguém a quem ninguém mais teve acesso, nem mesmo Ryder e eu. Ele derrubou a linhagem dos Dasterian não por causa da coroa, mas porque estava morrendo de medo de perdê-la. Cayden tem um lado sombrio, e isso fez muita gente fugir dele, mas sempre pensei que era por isso mesmo que ele esteve te procurando a vida inteira. Você é a luz da vida dele.

Comprimo os lábios, arrastando meu pingente na corrente.

— Você acha isso mesmo?

— Tenho certeza.

Ela aperta meu pulso antes roubar uma das tortinhas que estão esfriando.

— Quando é o seu aniversário? E o de Ryder? — pergunto, não querendo perder mais nenhum. O de Finnian é catorze de julho, e sempre fazemos algo para comemorar, assim como no meu.

O olhar de Saskia se suaviza.

— O meu é quatro de setembro, e o de Ryder, dez de dezembro. E o seu?

— Quinze de janeiro.

O sorriso dela se alarga.

— Vou começar a planejar.

Passamos o tempo em um silêncio confortável, e percebo como é bom estar com alguém sem ter que estar presente o tempo todo. Me perco nas receitas: sovando massa, polvilhando açúcar de confeiteiro e fazendo coberturas. Só paro quando as bancadas estão cheias com os preparos e passos pesados ecoam pelo corredor.

— Você está me devendo uma, anjo.

A voz grave de Cayden ecoa pelo corredor, e meu coração tolo e desesperado

esperneia no peito.

— Deve estar me confundindo com alguém — respondo. — Não lhe devo nada.

Cayden aparece, preenchendo a porta com seu corpanzil vestido em sua túnica preta familiar e calça larga com uma espada amarrada às costas... mas é o que está por cima de suas roupas que faz a assadeira escorregar dos meus dedos e se chocar com um baque contra a bancada.

— Estou aqui para cobrar.

Ele se lança na minha direção e, por reflexo, contorno a ilha correndo, mas isso só parece encorajá-lo. Minha língua parece um peso morto na boca enquanto pisco lentamente. Não consigo absorver a visão diante de mim. Devo estar sonhando.

— Pelos deuses.

— Você não se lembra — diz ele, como se estivesse me acusando de um crime. — No seu primeiro jantar em Vareveth, você me disse que me beijaria se eu usasse o avental mais cor-de-rosa e cheio de babados.

A risada borbulha na minha garganta, escapando de mim sem parar, até meu estômago doer.

— Como diabos você se lembra disso?

— Lembro de tudo que diz respeito a você. — Ele curva o dedo, me chamando para si. — Hora de pagar sua dívida, princesa.

Faço uma careta, mantendo a ilha entre nós enquanto me movo lentamente em sincronia com ele, tentando forçá-lo a me pegar.

— Você está tão desesperado assim?

— Estou determinado.

Ele se lança ao redor da bancada, e dou um grito conforme contorno a outra quina às pressas para mantê-lo do outro lado. Seus olhos verdes examinam as bancadas cheias de rolinhos de canela, pãezinhos de mel, pães e tortinhas de framboesa.

— Você quer alimentar o exército inteiro?

— Aestilian — corrijo. — Quis fazer algo para as crianças antes que a guerra me leve daqui.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Duvido que esses preparos cheguem à porta da frente.

— Nem para as crianças?

— Eu também já fui criança.

Atiro meu avental na cara dele e corro para a porta, agitando os braços enquanto minhas pernas me levam pelo corredor. Meu coração troveja no peito quando as passadas longas de Cayden logo me alcançam e ele me pega pela cintura, me girando nos braços antes de prensar minhas costas na parede. Seu coração bate em sincronia com o meu, se chocando contra suas costelas quando me puxa para si.

— Calma, demônio — sussurro, pressionando os dedos em sua boca, que paira a centímetros da minha.

É um castigo para mim mesma, não só para ele. No entanto, sua determinação é contagiante.

— Você está fazendo um jogo muito perigoso, anjo — declara ele em voz baixa.

— Esse é o melhor tipo de jogo.

Gosto tanto de ter esse poder sobre ele, adoro fazê-lo sofrer por mim. Ele encosta a testa na minha e me olha com tanto anseio que consigo senti-lo como um laço entre nós.

— Acho que rosa é sua cor.

— Não se acostuma, não. — Seu olhar permanece cravado nos meus lábios, como se fossem a única coisa que ele pudesse ver, enquanto remove o tecido cor-de-rosa. — Tenho uma coisa pra você. Já está terminando?

— Puta merda, como isso está gostoso — grunhe Ryder da cozinha, e me afasto de Cayden e corro de volta, encontrando-o no cantinho do café da manhã junto à janela com um prato lotado. — Elowen, se não der certo entre você e Cayden, eu...

— Sas, recolha suas cartas — avisa Cayden. Vejo a água voar sobre meu ombro, encharcando Ryder e seus muitos doces. Meu noivo joga ruidosamente no chão o balde que eu estava usando para lavar louça. — Eu precisava mesmo checar esse vazamento.

Cubro a boca com a mão para tentar suprimir a risada enquanto Ryder engasga e

limpa os olhos, e Saskia se encolhe junto à parede como se fosse uma tábua de salvação.

— Isso foi totalmente desnecessário!

— O que você achou que ia acontecer depois de dizer isso? — Finnian consegue perguntar em meio às risadas ruidosas. — Ele ameaçou pessoas por olharem pra ela.

— Não previ *isso*! — grita Ryder.

Cayden dá de ombros, destrancando a janela e jogando um pãozinho de mel para Delmira. Sinto um aperto no coração, sabendo que anos atrás ele me viu fazer a mesma coisa. Jogo o manto nos ombros e calço as botas.

Cayden enfia um pãozinho de mel na boca enquanto espera e pega um rolinho de canela para a breve caminhada lá fora. O vento acerta meu rosto quando ele destranca a porta de madeira, levando embora a farinha e o açúcar que salpicavam minhas bochechas. Minhas botas afundam na neve quando paro subitamente, avistando uma aljava cheia de flechas e um arranjo de alvos vermelhos à distância.

— Eu te disse que odeio atirar com arco.

— E é por isso que trouxe algo diferente — responde ele, pondo uma das mãos nas minhas costas para me manter andando e pegando uma arma elegante e polida da mesa que ele mesmo deve ter preparado. — Uma balestra.

Pego a arma de suas mãos, surpresa com o quanto pesa, e invejo Cayden pela facilidade com que consegue segurar essa coisa.

— Nunca usei uma dessas.

— Você tem essa coisa maravilhosa chamada marido que é versado em muitas armas. — Reviro os olhos, sem me preocupar em corrigi-lo de novo, porque nada vai entrar nessa cabeça-dura. Ele me puxa pelas costas para que fique na sua frente, posicionando minhas mãos sobre as dele para me mostrar como segurar a arma corretamente. — Lembre-se disso se um dia cogitar desviar os olhos de mim. — Ele beija minha bochecha. — Agora, você vai manter este dedo no gatilho e mirar na altura dos olhos. É melhor ficar com os dois olhos abertos para dar um tiro preciso.

Ele mantém os lábios perto da minha orelha, manejando a balestra até a posição correta e pressionando meu dedo, disparando a seta e absorvendo o coice enquanto o

projétil atinge o centro do alvo. Cayden me solta para pegar mais uma seta da aljava enfiada na neve e a gira nos dedos ao passo que me mostra como recarregar a arma.

— Foi por isso que não conseguiu dormir na noite passada? Estava pensando em mim lutando contra os serpes?

Seus lábios permanecem fechados, e seu rosto não revela nada quando aponta com o queixo na direção do alvo. Giro o pescoço, afastando os pés até a largura dos ombros e realizando o disparo. A seta sai zunindo pelo ar, se cravando a uma boa distância do centro do alvo.

— Quando a estiver usando em batalha, vai sentir quando a mira estiver certa. Quanto mais usar, mais fácil vai ficar.

Cayden se move atrás de mim de novo, corrigindo minha postura com os braços ao meu redor. Ele dispara de novo, partindo ao meio a seta anterior quando esta outra atinge o mesmo lugar no alvo. Abaixo a balestra, inclinando a cabeça para trás enquanto ele se endireita até ficar totalmente em pé.

— Mostre para cada um daqueles desgraçados no campo do que você é capaz, El. Mostre o que significa ser seu inimigo.

— Tem uma coisa que você precisa saber — digo. Ele franze as sobrancelhas, mas não me solta. É melhor que ouça isso da minha boca. — Estouraram revoltas nas Ilhas do Sul. As pessoas estão clamando pelo rei legítimo. Você é o único governante de Ravaryn com sangue das Ilhas do Sul e reivindicação ao trono de Imirath. Acho que estão clamando por você.

Ele estreita os olhos, passando língua pelos dentes.

— Certo.

Abaixo a balestra, me virando para encará-lo enquanto ele enrola um dos meus cachos no dedo.

— Certo?

Ele dá de ombros.

— Os soldados de Imirath sabiam quem eu era quando meu pai me pôs pra lutar, e ele tinha a pele oliva como a da maioria das pessoas nas Ilhas do Sul, igual a mim. Não

tenho nada de sangue da realeza, então se estão clamando por um bastardo para ser seu rei, que seja.

— Você não está incomodado?

— Claro que estou — responde ele. — Não quero nada vindo daquele homem. — Cayden pega a balestra da minha mão e aponta para o alvo mais longe, que não passa de um ponto à distância. — Mas é uma vantagem pra nós, porque, se estão clamando por mim, estão clamando por você. Isso enfraquece ainda mais Garrick, se pessoas do território dele estão clamando por um bastardo e uma herdeira exilada para tomar seu trono. Eles que gritem nosso nome alto o suficiente para chegar aos ouvidos de Garrick na torre mais alta do seu castelo, como um presságio do que está por vir.

Ele puxa o gatilho, acertando o alvo bem na mosca.

CAPÍTULO

TRINTA E UM

Elowen

Calithea faz uma descida brusca paralelamente a uma das torres do castelo, girando ao redor da estrutura sem esforço. Em vez de me segurar na sela, abro os braços, me deleitando com a sensação de ausência de peso enquanto as correias me mantêm presa a ela. É uma euforia que nunca experimentei, e sei que nunca vou encontrar em outro lugar.

Ela se equilibra, subindo de novo e me levando para onde sou necessária. Me solto da correia e deslizo por sua asa para dentro da sala de reuniões, que é aberta de todos os lados, com apenas alguns pilares cobertos de trepadeiras para oferecer a sensação de barreira contra a queda vertiginosa até o chão lá embaixo. A magia dentro do castelo deve manter as plantas vivas, considerando que no passado os Dasterian eram associados à magia da terra.

Basilius enfia a cabeça entre os pilares que Calithea desocupou, acariciando minha barriga com o focinho enquanto tiro a luva com os dentes. Eu lhe dou um beijo entre os olhos e então ele se vira, alçando voo com os outros para montar guarda sobre mim.

— Como é possível você demorar mais pra chegar aqui montada num dragão do que nós a cavalo? — indaga Ryder conforme caminho em direção à longa mesa.

Deslizo o casaco pelos braços e o entrego a um criado. A sala é encantada para permanecer aquecida apesar do conceito aberto, mas o frio belisca meus ombros

expostos e se agarra à coroa que repousa na minha testa. Uma safira azul-escura cintila no centro, combinando com o corpete sem alças ornamentado com brocado dourado ao longo do busto, mangas drapeadas e uma saia que chega até logo abaixo da parte de trás dos meus joelhos.

— Se você pudesse montar um dragão, nunca ia querer tocar os pés no chão.

— Bom argumento — responde ele.

Sento-me ao lado de Cayden em uma das cadeiras estofadas na cabeceira da mesa de madeira escura polida e seguro com as duas mãos uma xícara de chá à espera. Dois decantadores de cristal descansam em cada lado da mesa, e a luz das velas do lustre pendurado no centro do teto ricamente ornamentado dança como se as chamas estivessem presas lá dentro. Faço uma pausa para admirar os arredores.

Quando cheguei pela primeira vez, o castelo de Vareveth parecia uma floresta encantada e, embora mantenha certos elementos, agora tem seus toques de noite. A Casa Veles é a única casa na história de Ravaryn com a habilidade de tocar o céu, e o caráter majestoso do nosso castelo reflete isso. Dragões estão esculpidos nos pilares ao redor do perímetro da sala, sempre servindo como um lembrete do meu poder.

Fico em pé ao lado de Cayden enquanto, à nossa frente, Braxton e quatro generais com marcas do campo de batalha atravessam as portas duplas cercadas por estandartes com nosso brasão. A coroa dourada de Cayden reluz quando ele se move, e o tecido grosso e aveludado da túnica acolchoada abraça seus bíceps e ombros. Ele parece forte, imponente. Não entendo como Eagor olhou para ele e só viu um comandante. Cayden é um rei — não pelo sangue, mas pela alma.

— Generais — diz Cayden. — Permitam-me apresentar minha rainha, Elowen Atarah.

— A mulher que trouxe dragões ao mundo. É uma honra — fala um homem com cabelo ruivo chegando aos ombros. Não é muito alto, mas tem a constituição física de uma montanha. Sorrio para ele, me sentido grata pela menção ao meu sobrenome não parecer inspirar nenhuma animosidade entre os presentes. — General Killian.

— É um prazer conhecê-lo — respondo enquanto ele se acomoda ao lado de

Finnian.

Cayden me contou um pouco sobre eles durante o café da manhã. Todos eram soldados de infantaria que ele promoveu após se tornar comandante. Todos lutaram ao seu lado em diversas batalhas. Suas patentes foram duramente conquistadas.

A mulher loira se apresenta a seguir, com um sorriso suave erguendo a cicatriz que corta seus lábios.

— Me chamo Ren.

Uma mulher com cabelo cortado abaixo do queixo, em um tom de vermelho tão escuro que é quase roxo, assume o lugar ao lado dela e se apresenta como Autumn, um nome bastante apropriado para sua aparência outonal. As duas são bem altas e musculosas, mas Autumn tem a pele de um tom mais escuro e quente, enquanto a pele de Ren é mais clara.

Braxton sorri calorosamente para mim antes de vir ficar ao meu lado, com uma das mãos descansando na espada. Há apenas um homem que ainda não conheço. Seu cabelo loiro-dourado cai em cascata pelos ombros largos.

— Gryffin — diz ele, se apresentando.

Repito os nomes várias vezes na minha cabeça, me obrigando a recordá-los. O desconforto contorce meu estômago quando penso em guardas do passado: Ailliard, Zander, Nessa, Esme... Lycus, que não consegui salvar, os outros que matei. Mas logo afasto esse pensamento, me forçando a seguir em frente.

— Permitam-me apresentar Finnian Eira — digo. — Comandante das forças de Aestilian.

Assim como no caso de meu noivo, nenhum adorno pode mascarar o perigo que exala desses líderes. Serve como um aviso. Sei que Cayden nunca teria se tornado o comandante demoníaco de Ravaryn se não contasse com pessoas leais para cumprir suas ordens.

— Antes que os lordes cheguem, vocês precisam estar cientes de uma coisa, algo que não pode sair desta sala — começa Cayden. — Thirwen mobilizou a frota naval, e posicionei batedores ao longo da fronteira para dar o alerta quando forem avistados. —

Ele se levanta, puxando o mapa de Ravaryn para mais perto. — Eles não devem viajar pelo centro do mar Dolente para arriscar serem vistos pelas patrulhas navais de Galakin, então vão estar mais perto da costa. — Os anéis em seus dedos reluzem enquanto alisa a superfície do mapa. — General Ren e general Killian, preparem suas forças para marchar a qualquer momento. Vamos partir para o ataque quando eles atracarem.

— Quando atracarem em Imirath? — pergunta Killian. — E se atracarem na ponta sul da península? Teríamos que atravessar o reino inteiro para alcançá-los.

— Eles trarão provisões para o exército posicionado na fronteira, e provavelmente soldados de infantaria. O único cais profundo o suficiente para que navios assim se aproximem da costa é o do porto Celestria. Vamos fazer o deslocamento protegidos pela escuridão e embarcar nos nossos navios depois que Thirwen passar, para sair em perseguição. O exército terá que terminar a jornada marchando, mas vamos atracar numa enseada ali perto. — Ele aponta com o queixo na minha direção. — Elowen vai queimar os navios, e nós cuidamos do exército.

O porto Celestria é conhecido por ter uma das praias mais bonitas de Imirath. Tem esse nome porque lá as estrelas brilham com tanta intensidade que são refletidas perfeitamente na água. Ondas e mais ondas de estrelas quebram em praias cercadas por pedras de obsidiana, beijando as areias com o escuro da noite.

— Sim, senhor — ambos respondem em uníssono.

— Quando reivindicarmos o porto, deveremos conseguir manter a posição, considerando que ele se encontra na nossa fronteira.

— Isso vai fazer Imirath parecer fraco e, apesar de não interromper sua rota comercial, vai complicar as coisas — deduz Ryder.

Cayden assente em resposta e ergue o olhar para a porta quando mais passos se aproximam.

— Nem mais uma palavra sobre isso.

Continuamos sentados enquanto três lordes escoltados por guardas do castelo atravessam pomposamente as portas duplas. Todos parecem estar na casa dos 50 anos, e suas roupas ricamente coloridas e cravejadas de joias criam um contraste interessante

com os generais e suas armaduras, couros e mantos. Os três homens fazem uma reverência e ocupam os assentos restantes.

— Majestades — diz o primeiro. Ele veste um casaco roxo e dourado com a gola revestida de pele. Reparo em suas feições, os cabelos pretos salpicados de grisalho e olhos igualmente escuros. — Meu nome é lorde Xantheus. Vim acompanhado de lorde Caspian — ele gesticula para o homem de pele negra vestido de vermelho — e de lorde Drystan — conclui, apontando para o homem esguio com cabelo loiro-platinado.

O olhar duro de Cayden permanece cravado em lorde Xantheus, e reconheço sua voz. Ele foi o mais eloquente sobre seu ódio por mim... e minha pele se arrepia quando me lembro das ameaças horrendas mascaradas por risadas.

Saskia limpa a garganta.

— Como tenho certeza de que todos já ouviram, o rei Garrick vai tomar uma nova esposa com a intenção de gerar mais filhos e deslocar a rainha Elowen de sua posição como herdeira. Isso agora se tornou uma guerra de sucessão. Elowen é a primogênita, e o trono é dela por direito.

— Mas sua majestade não é um filho homem. Se o rei Garrick conseguir ter um antes que a guerra acabe, muitos vão apoiar sua reivindicação, mesmo sendo um bebê — responde Drystan, com a voz anasalada. — Quais são os planos para a criança, ou crianças, se nascerem antes de a guerra acabar?

— Serão bem-vindas em nosso lar — afirmo.

Drystan não deve ter captado meu tom, porque continua:

— Mas seriam descendentes de Garrick Atarah. Toda a prole dele deveria ser abatida.

Aperto o braço da cadeira. Não tenho dúvida de que ele me inclui nessa declaração, e a ideia de crianças — *inocentes* — sendo assassinadas para meu benefício político me enoja. Se não posso manter um trono sem recorrer à carnificina sem sentido, então não mereço ocupá-lo.

— Modere sua língua, Drystan — ordena Cayden em voz baixa, sem se dirigir ao homem com o título adequado. — Da próxima vez que abrir a boca para falar do sangue

que corre pelas veias da rainha Elowen, eu o arremessarei desta torre. Se ela sentir dó, pode mandar um dragão para resgatá-lo antes que se arrebente no chão, mas vou deixar isso a critério dela.

As bochechas de Drystan ficam vermelhas, e ele acena para um criado lhe servir vinho.

— Não quis ofender sua majestade.

Xantheus fala a seguir, intervindo em um tom muito mais alegre.

— Muitos especulam que existe uma razão alternativa para a antecipação do casamento. Podemos esperar que um herdeiro nasça nos próximos meses?

— Podem esperar, mas não vai acontecer — respondo. — Tenho batalhas a lutar, e não vou trazer uma criança para um reino devastado pela guerra.

— Os dragões não foram testados. O que Vareveth precisa é de um herdeiro, não de uma rainha indo montada para a batalha e correndo o risco de morrer no processo.

— Não sabia que era tão conhecedor das necessidades de Vareveth. — Cravo os olhos nele, fazendo-o se encolher no assento. — Vou ficar com o trono de Imirath e a cabeça de Garrick Atarah, e não vou conquistar nenhuma das duas coisas sentada num castelo. A próxima pessoa a insinuar que meu lugar é no chão ou na câmara de parto vai se arrepender. Mas devo agradecer pela preocupação. Se algum de vocês estiver realmente preocupado com as capacidades dos meus dragões, sugiro encará-los e ver a rapidez com que o aço e a carne derretem.

— Não duvido de sua capacidade, alteza — rosna ele, com as bochechas tomadas por um desagradável tom avermelhado. — Só me refiro ao conhecimento comum de que o sexo frágil deve ser mantido dentro de casa.

— E mesmo assim você teve a coragem de sair da sua hoje. Eu o parabenizo. — Levanto da cadeira, apoiando as mãos na mesa à minha frente e me movendo sem a pressa ou a raiva que ele exala. — Fique à vontade para tentar tirar a coroa da minha cabeça, caso resolva sucumbir à burrice que corre nas suas veias como uma doença. Saque sua espada e veja qual de nós sairá ileso do duelo.

Os olhos dele disparam na direção de todos os presentes, exceto para os outros

lordes. Mãos descansam nos cabos das espadas, prontas para abri-lo ao meio caso avance contra mim.

— Os outros lordes sabem onde estou, e vão saber quem culpar se você me matar.

— Uma das decisões mais sábias que tomei foi matar alguém que tentou me controlar. — Arqueio uma sobrancelha. — Fiquei muito boa nisso.

— Você não tem ideia do que vai enfrentar nesta guerra — rosna Xantheus.

— Estou preparada — afirmo calmamente, o que só o enfurece mais.

— Não está, não!

Ele fica em pé tão depressa que a cadeira cai para trás e bate com um estrondo no chão.

Cayden aperta a parte de trás da minha coxa em um gesto silencioso de encorajamento.

— Passei a vida toda me preparando para enfrentar Imirath, e não serão alguns navios de Thirwen que vão me deter.

— Alguns? — Ele ri, incrédulo, com perdigotos voando da boca enquanto a veia em sua testa pulsa. — Você vai enfrentar muito mais do que *alguns* navios.

Permaneço em silêncio, não dizendo nada conforme um sorriso malicioso se abre em meus lábios e Cayden lentamente se levanta ao meu lado.

— Como sabe disso?

Xantheus pisca algumas vezes, encarando o chão antes de disparar olhares para nós dois.

— A aliança de Imirath com Thirwen é de conhecimento público.

— Mas a magnitude da ajuda não é. — Cayden descansa a mão nas minhas costas. — Não relatar informações sobre os movimentos de um inimigo é traição.

— Não tenho nenhuma informação.

— Você negocia com vários nobres de Thirwen e escreve para eles regularmente.

— Anda me espionando? — rosna ele. — Sou leal a Vareveth! Sempre fui leal a Vareveth!

— Você é leal ao seu lucro — responde Cayden, colocando a mão no bolso para

puxar a carta que localizou no escritório de Xantheus, observando enquanto o horror inunda as feições do homem, que sacode a cabeça em descrença. — Eu ofereci a cortesia de um aviso, um privilégio que não costumo conceder, e você desperdiçou isso.

— Não — murmura ele, se arrastando aos tropeços em direção à porta para escapar, mas os guardas do castelo cruzam suas lanças. — Não! Você roubou isso de mim! Ninguém na minha casa me trairia. Você não passa de um maldito ladrão dos cortiços!

— Melhor um ladrão dos cortiços que um lorde a minutos da morte — rebate Cayden, gesticulando para os guardas devolverem Xantheus ao seu lugar. Ele se vira para mim. — *Aso es tesis tasuri nunti cytore vos?* — "Quem é o homem que te ameaçou?"

— O que ele está dizendo? — questiona Xantheus, e os outros dois lordes parecem também assustados. Cayden é imprevisível e impiedoso na mesma medida. Pode esfaquear alguém pelas costas com a mesma facilidade do que faria olhando nos olhos da vítima. Embora todos estivessem presentes durante o banquete, é da voz de lorde Drystan que me lembro.

Sorrio maliciosamente enquanto respondo a Cayden na língua antiga, só para deixá-los ainda mais inquietos.

— *Tesis sosta addi.* — "O pequeno."

— *Por vos, mia sirantia* — diz Cayden, empurrando a cadeira para trás e enfiando as mãos nos bolsos enquanto caminha ao redor da mesa.

Por vos se traduz como "para você", mas para meu desânimo ainda não sei o que *sirantia* significa. Tenho certeza de que poderia perguntar a Asena, mas quero descobrir sozinha. Seja lá o que for, ele acrescentou um "minha" antes.

Nenhum deles ousa se mover. Mal estão respirando conforme as botas de Cayden batem lentamente no chão. Gemidos escapam de seus lábios fechados. Eu me reclino na cadeira e apoio o queixo na mão enquanto assisto ao espetáculo.

— Seus criados são muito mais solícitos quando se trata de relatar traição.

Ele para atrás dos lordes e desembainha a espada lentamente, deixando o aço cantar até a sala ficar em silêncio de novo. E então ele se move, atacando rápido como uma víbora enquanto agarra o cabelo loiro de Drystan e bate sua cabeça contra a mesa após

posicionar o pomo da espada embaixo de seu olho. O grito ressoa pelo ar quando Cayden puxa a cabeça do lorde de volta para cima. O sangue escorre da cavidade ocular, se espalhando na mesa e se misturando às suas lágrimas. Xantheus e Caspian tentam fugir de novo, mas são contidos pelos guardas na porta conforme imploram e suplicam.

— Você achou que ficaria impune depois de dizer que dobraria minha mulher sobre uma mesa enquanto seus amigos o viam violar o corpo dela? — Ele aperta o punho que segura o cabelo de Drystan, fazendo-o gritar mais alto. — Agora eles vão ver o que acontece com aqueles que ameaçam minha rainha.

Cayden o acerta entre as omoplatas com força suficiente para um estalo ecoar pelo recinto, se misturando ao das chamas que crepitam na lareira e provocando o mesmo calor dentro de mim. Drystan cai para a frente. Sua bochecha está pressionada contra a mesa, inteiramente à mercê de Cayden, que enfia sem pressa a espada entre as costelas dele. O homem se debate e cospe sangue. O rosto de Cayden está tomado pela vingança e sem um pingo de piedade enquanto olha para o lorde morto, com o corpo na mesma posição que havia dito que me colocaria, em tom de galhofa.

Ele limpa a lâmina nas vestes caras de Drystan antes de embainhar a arma e olhar para os lordes restantes.

— Prendam os dois e amarrem a jaula ao cavalo do general Braxton. Vamos dar uma voltinha juntos.

CAPÍTULO

TRINTA E DOIS

Cayden

Quando chegamos à parte mais rica de Vareveth, uma multidão de cidadãos e soldados move-se sob a sombra dos dragões de Elowen. Todos os nobres vivem em grandes propriedades fora dos limites da cidade, mas mandei um batalhão à frente para escoltar os demais lordes e seus herdeiros para um campo aberto ao longo da estrada principal, que serpenteia por quilômetros pelo interior. O plano de Elowen funcionou. Ao que parece, os cidadãos estão mais sedentos por sangue do que nós dois, gritando insultos e clamando por cabeças enquanto desmonto do cavalo e destranco a jaula de Xantheus. Seguro suas correntes pesadas com força, esquivando-me de seu cuspe quando o arrasto para a frente, sob o olhar dos lordes presentes.

— Não, espere! — grita ele, perdendo qualquer vestígio da breve faísca de rebelião. — Não considerei aquela carta nada de mais. Teria trazido pra você se soubesse.

Continuo arrastando-o atrás de mim mesmo quando ele desaba, sujando suas roupas finas de lama conforme se rende à histeria. O odor forte de urina se infiltra nos meus sentidos, e não escondo a repulsa quando olho para ele. Sorin aterrissa e se inclina rente ao chão para Elowen poder desmontar, mas não retorna aos céus, onde os outros nos sobrevoam. Mantém a cabeça baixa, mostrando as presas e colocando as garras dianteiras de cada lado de Elowen.

Levanto a mão para silenciar a multidão antes de falar.

— Lordes de Vareveth, trago aqui um traidor entre vocês. Ele tinha informações por escrito de um inimigo e não as revelou. Se eu não tivesse sido avisado, incontáveis vidas de Vareveth poderiam ter sido perdidas. — A multidão está em alvoroço de novo, clamando por sua morte enquanto Xantheus implora aos amigos por ajuda. — Quem é seu herdeiro?

— Sou eu, senhor. — Um homem que parece ter minha idade dá um passo à frente e cai de joelhos. Suas roupas são mais simples que as do pai, mas ainda assim extravagantes. — Renovo meu voto de lealdade à coroa e condeno meu pai por seus crimes. Você é o único verdadeiro rei de Vareveth, por direito de conquista.

— Você não é meu filho — rosna Xantheus.

Seu filho olha para cima, com desgosto estampado no rosto.

— Agradeço aos deuses por isso.

Eu assinto, aceitando a renovação de sua lealdade. Ele se levanta, oferecendo uma reverência a Elowen antes de voltar para o lado de uma mulher grávida que presumo ser sua esposa, pondo uma das mãos na barriga dela para acalmá-la. Ela parece à beira das lágrimas quando o agarra pelas lapelas do casaco. Não me importa se ele renovou o juramento por lealdade a Vareveth ou ódio ao pai. Suas emoções não fazem diferença, desde que a promessa seja mantida, mas eu o respeitaria mais se tivesse feito isso para poder ver seu filho crescer.

— Leve sua esposa para casa, lorde...

— Sillas, majestade.

Ele agradece com um aceno de cabeça, e a mulher sorri timidamente. Observo enquanto ele põe uma mão nas costas dela e a escolta até uma carruagem. Uma pequena parte de mim inveja o fato de que vão voltar para casa, para uma vida normal. De que Sillas não vai precisar levar a esposa para a guerra. Meu caminho foi determinado anos antes de conhecer Elowen, quando não tinha nada a perder, e agora tenho que lutar por uma vida que não estou disposto a sacrificar.

— Condeno lorde Xantheus à morte por seus crimes, junto de lorde Caspian por sua cumplicidade. Lorde Drystan encontrou seu fim dentro do castelo por ameaças feitas

contra a rainha.

Ryder empurra Caspian para a frente conforme Finnian arrasta o cadáver de Drystan, jogando-o na grama sem se importar.

Os lordes à minha frente sabiamente permanecem em silêncio enquanto desembainho a faca da minha coxa e me viro para Xantheus, forçando sua boca a se abrir ao apertar suas bochechas.

— Eu o avisei para tirar o nome da minha rainha da sua maldita boca. — Corto sua língua fora, deixando o pedaço de carne cair na grama, e uso seus cabelos para mantê-lo no lugar enquanto ele grita e se debate. Aperto com mais força, imaginando as coisas que ele disse sobre Elowen e que Ryder se recusou a repetir. Ela me contou o suficiente, mas não conseguiu terminar antes que o nojo tomasse conta de si. Não preciso saber tudo; só tenho que acabar com a estadia dele neste mundo como punição. — Os deuses deixaram você viver tempo demais, e estou aqui para corrigir esse erro.

Corto seu pescoço, borrifando minhas botas com sangue e saindo do caminho para jogá-lo no chão enquanto ele sufoca. O corte não foi profundo o suficiente para matá-lo instantaneamente. Seria fácil demais. Quero que sofra. Mantendo a faca ensanguentada na mão, executo Caspian quando passo por ele.

Elowen passa por cima do corpo de lorde Xantheus como se ele fosse só um galho caído e se dirige aos nobres que assistem a tudo.

— Renovem seus juramentos de lealdade à coroa, ou se recusem e morram.

Seis dos nove lordes e herdeiros restantes ficam de joelhos, alguns parecendo mais felizes que outros. Vou continuar monitorando a situação, mas não faz sentido matar todos eles. O filho de lorde Caspian dobra o joelho, declarando sua lealdade, mas o de Drystan permanece em pé apesar de tremer ainda mais que o pai.

— Juntem estes — ordena Elowen a alguns de nossos soldados.

Eles obedecem imediatamente, separando os traidores de suas famílias. A maioria permanece com o rosto inexpressivo enquanto está ajoelhada, observando seus patriarcas serem escoltados para uma parte vazia do campo. Os olhos de Elowen brilham em um tom de dourado quando as chamas de Sorin os envolvem. Gritos

penetrantes ecoam ao redor até só restar o silêncio, deixando para trás grama chamuscada e o cheiro de carne queimada.

Sorin inclina a cabeça na direção daqueles ajoelhados diante de nós, soltando um rugido que sacode a terra e os fazendo se encolher e puxar seus entes queridos para mais perto. Dando-se por satisfeito pelo terror provocado, ele olha para Elowen uma vez e se junta aos outros no céu.

— É um resultado melhor do que eu esperava — comenta Elowen.

— Um dragão desse tamanho certamente ajuda.

Os olhos de Elowen brilham sempre que ela os vê, como se fossem as coisas mais preciosas do mundo.

— Com certeza ajuda.

A imagem de lorde Sillas e sua esposa, podendo fugir daquela cena e viver uma vida normal, ainda está presa na minha mente, e uma sensação ardente inunda meu peito. Eu nunca poderia deixar os crimes cometidos contra Elowen ficarem impunes. Vou me vingar pelas cicatrizes esculpidas na mente e nos pulsos dela. Estamos presos ao inevitável desde o instante em que nos conhecemos, mas preciso assumir o controle dessa narrativa antes que outros reinos tentem torná-la uma fraqueza.

Eu me viro em direção à multidão de cidadãos e soldados que nos seguiram desde Verendus, pronto para me dirigir a eles, apesar de não ser dado a discursos. Minhas vitórias sempre falaram por si mesmas, mas como rei preciso ir além.

Tudo o que já precisei dizer foi comunicado através de sangue e lâminas, mas então só tinha que me preocupar comigo mesmo. Não por conta de grandes planos ou uma visão de futuro, mas porque me alimentava de ódio e o usava como fonte de vida. As coisas estão diferentes agora... pela primeira vez, quero um futuro. Na verdade, não sei como será, só que Elowen está nele, e não estou interessado em nenhuma versão da realidade sem ela.

Eu me dirijo à multidão, erguendo a voz acima da demanda por mais sangue.

— Vocês querem sangue? Voltem suas espadas contra Imirath, não contra quem está no nosso reino. Enfraquecer Vareveth só vai ajudar Garrick Atarah a conseguir o

que quer. — Espadas são desembainhadas e erguidas acima da multidão. — Vocês não podem ceder! Não podem fraquejar! Não podem ter misericórdia enquanto não colocarem sua rainha no trono de Imirath! — Desembainho minha lâmina para espelhar sua movimentação. — Para a guerra!

— Para a guerra! — ecoa a multidão em um volume ensurdecedor.

CAPÍTULO

TRINTA E TRÊS

Elowen

— Pare de olhar com essa cara — esbravejo.

— É a única que eu tenho.

— Você está fazendo questão de fechar a cara para qualquer homem ao redor.

— Me diga, por favor, quando me viu fazendo algo diferente disso? — Cayden equilibra um cigarro entre os lábios, e ignoro tanto suas palavras quanto a eletricidade que me percorre quando ele levanta meu capuz para afastar o vento.

Finnian enfia a mão na cesta pendurada no meu braço para apanhar outro pãozinho de mel, comendo metade em uma mordida e jogando a cabeça para trás com um gemido.

— Ainda acho que você deveria abrir uma confeitaria quando a guerra acabar.

— Você vai ser meu provador, em troca de facas novas quando assumir o lugar de Blade.

— Fechado.

Ele passa um braço sobre meus ombros, me aconchegando ao seu lado enquanto subimos a ladeira que leva para a área onde a maioria das pessoas de Aestilian se estabeleceu. Chalés de pedra cobertos de neve ladeiam a rua, com as janelas abertas e fumaça subindo das chaminés. Crianças atiram bolas de neve, algumas chegando até a subir nas árvores para obter um ponto de observação melhor, enquanto adultos

enrolados em cobertores sorvem canecas fumegantes nas varandas.

— Rainha Elowen! — grita um garotinho, correndo na minha direção com suas perninhas minúsculas. Está afundado em um casaco que é duas vezes seu tamanho. Eu me agacho e abro os braços para ele pouco antes que se choque contra mim.

— Oi, Ollie.

Dois anos atrás, eu estava viajando pela floresta de Terrwyn durante uma tempestade terrível quando o encontrei. A chuva estava tão forte que eu mal conseguia ver um palmo diante do nariz, e procurei abrigo no que pensei ser uma casa vazia em uma das vilas sem nome. Mas Ollie estava lá, faminto, congelando e chorando diante de uma lareira que não sabia como acender. Seus pais o abandonaram vários dias antes, após dizer que voltariam da feira em algumas horas. Levei-o para minha casa para tomar sopa e chá antes de entregá-lo ao orfanato. Ele se entrosou com as outras crianças rapidamente, e ver seu sorriso sempre me enche de gratidão. Deve ter uns 6 anos agora, mas como não sabia sua data de nascimento é só um palpite.

— Você cresceu desde a última vez que te vi.

— Quase oito centímetros — afirma ele orgulhoso, arrastando os dedos por meus cachos como fazia quando o carregava no cavalo. Ele tem sardas espalhadas pelo nariz adunco e cabelos loiros encaracolados. Os olhos castanhos deslizam para Cayden, e ele inclina a cabeça. — Ele é seu marido? Todo mundo vive dizendo que você está casada agora.

— Sim — responde Cayden, ao mesmo tempo que eu digo que não.

Dou uma encarada nele por cima do ombro.

— Vamos nos casar daqui a alguns dias, e você está mais que convidado para comparecer com lady Marigold e as outras crianças.

Ele abre um sorriso radiante, como se eu tivesse acabado de dizer que o sol nunca vai parar de brilhar.

— Vai ter muita comida?

— Mais do que pode imaginar — sussurro, como se fosse um segredo, e seus olhos se iluminam quando alcanço minha cesta. — E fiz o seu favorito.

Ele solta um gritinho, dando pulinhos de alegria quando entrego o rolinho de canela, amassando-o um pouco quando o segura junto ao peito. Sua pequena dança de comemoração o coloca diretamente na frente de Cayden, que olha para Ollie como se ele fosse de outra espécie, enquanto Ollie olha para cima com olhos arregalados.

— É verdade que você bebe sangue? — ele pergunta com inocência, e Finnian cai na gargalhada.

— Sim.

— Não! — exclamo, enquanto outras crianças começam a me cercar, e abaixo a cesta para deixá-las escolher o doce que quiserem.

Ollie permanece encarando Cayden, ao passo que Finnian continua se sacudindo mal abafando o riso.

— Hã, sim? — Cayden arqueia uma sobrancelha e se dirige a Finnian por cima da minha cabeça. — O que eu faço aqui?

— Ah, Ryder vai se arrepender de ter perdido isso — murmura Finnian, se adiantando para cumprimentar as crianças.

— Quantas pessoas você matou? — pergunta Ollie.

— Até quanto você sabe contar? — responde Cayden.

Ollie franze as sobrancelhas, contando nos dedos silenciosamente.

— Cento e sete.

— Então foi isso.

Cayden se vira para mim pedindo ajuda, parecendo desconfortável como nunca. Olho para Finnian, incapaz de controlar a risada por mais tempo. Faz meses que Ollie diz que quer ser um soldado, e as vitórias de Cayden não são segredo para ninguém.

— Nunca gostei dos homens que andavam com Elowen. Bem, alguns eram legais, acho. — Ele puxa o botão do casaco. — Finnian é o melhor. Todo mundo sabe que ela ama Finnian.

— Está certíssimo, pequeno — grita Finnian.

Os olhos de Cayden se iluminam, e ele se abaixa até ficar da altura de Ollie.

— Você se lembra do nome deles?

— Muito bem! — exclamo, me colocando entre os dois e tirando a cesta do braço. — Ollie, posso confiar em você pra levar isso para lady Marigold e garantir que todas as crianças ganhem um?

Ele estufa o peito o máximo que consegue.

— É claro.

— Você é o meu soldadinho mais corajoso.

Bagunço seu cabelo, deslizando a mão pelo braço enquanto ele se vira de volta em direção ao orfanato. Depois de alguns passos, Cayden o chama, passando por trás de mim conforme enfia a mão no bolso para pegar algumas moedas.

— Tem uma loja de doces descendo a rua. Só não vá sozinho, sem um adulto — diz Cayden sem emoção, como se estivesse dando uma série de ordens para um soldado, mas acho que Ollie gosta. Ele assente, erguendo o queixo, e em vez de correr, sai marchando. Cayden se vira de volta para mim, a confusão ainda evidente no rosto. — Garoto estranho.

— Humm. — Pego seu braço estendido. — Está planejando incluí-lo no seu círculo de espionagem?

— Ele fala demais pra ser um espião. — Cayden revira os olhos. — Além disso, não me importa quem fez parte do seu passado; eu sou o único no seu futuro. — Arqueio as sobrancelhas, e ele acrescenta: — Desde que não cheguem perto e nem pensem em você.

— Cayden, queria sua opinião sobre uma coisa — diz Finnian, nos alcançando enquanto paro nos quiosques dos vendedores de rua, entregando algumas moedas em troca de uma lata de biscoitos que acho que Ryder vai gostar e algumas contas douradas para Saskia adornar suas tranças. — O exército de Aestilian é treinado para pegar os inimigos de surpresa, e acho que poderia ser útil na próxima batalha.

— A escolha é sua — responde Cayden enquanto entramos na oficina de Blade. Armas habilmente elaboradas decoram as paredes: martelos de guerra, machados, foices, espadas e muito mais. O cheiro de fuligem e aço me traz conforto. — Se me conseguir uma lista de soldados, posso disponibilizar um navio para eles.

Finnian parece surpreso.

— Isso foi bem fácil.

Cayden o encara com cautela. Finjo estar absorta em uma seleção de facas enquanto Blade vai buscar meu pedido, pois notou minha presença assim que passei pela porta.

— Tome a decisão, não peça permissão. Um exército espelha a firmeza de seu comandante. Você sempre vai oscilar entre o caos e o controle com seu exército. Nunca perca o segundo, e saiba quando utilizar o primeiro.

Finnian assente, se aprumando e ficando um pouco mais alto que antes, e sinto o coração disparar no peito. Finnian não se valoriza o suficiente, considerando o quanto é inteligente. Compro uma nova proteção de pulso para ele usar com o arco, e Finnian entusiasticamente a coloca antes de passar por mim para falar com Blade. Cayden me conduz para o beco ao lado da oficina e coloco duas bolsinhas na mão dele.

— O que é isso?

— Presentes.

— De casamento? Já estou ganhando tudo que quero.

— Não. — Fecho seus dedos ao redor delas. — Você não me contou que seu aniversário tinha passado, então a vermelha é para compensar isso, e a azul é só porque sim.

Suas sobrancelhas se franzem quando ele olha para baixo, e me pergunto se alguém já lhe comprou algo só porque lembrou dele. Percebendo que não vai fazer isso sozinho, afasto seus dedos e abro a primeira bolsinha, puxando um anel dourado com o emblema da Casa Veles no centro. Diante de tudo que me revelou sobre seu passado, quis que tivesse algo que pudesse usar todos os dias para lembrá-lo de que tem um lar onde é desejado. Ele ainda não se move, então abro a segunda bolsinha e despejo o conteúdo na palma da sua mão. O pingente de ponta de flecha de obsidiana e a corrente dourada reluzem ao sol, assim como o pequeno brinco de argola dourado para combinar.

— Você compra presentes para mim o tempo todo — digo, tentando despertá-lo do transe.

— Isso é diferente.

— Não é, não.

— Você merece coisas boas, e quero dá-las a você.

É o jeito como ele diz essas palavras que me deixa sem resposta. Está sendo absolutamente sincero, como se não considerasse que também merece coisas boas.

Ele pisca devagar, e minha pulsação acelera.

— Obsidiana é uma pedra associada à proteção, e ainda me lembro da flecha que você atirou por mim quando me encontrou na floresta antes de viajarmos para o templo. — Seus olhos disparam para os meus quando abro o fecho da corrente e a prendo em volta do seu pescoço, de forma que fique um pouco mais para baixo que a outra que sempre usa. — E a argolinha é porque notei que sua orelha direita é furada, mas você nunca usa nada nela.

Ele sorri maliciosamente, o olhar ficando mais leve.

— Já te contei por que minha orelha é furada? — Faço que não com a cabeça. — Perdi uma aposta para Ryder quando éramos adolescentes. Estávamos caindo de bêbados e apostei com ele que conseguia roubar uma faca de um guarda sem ser notado.

— Ah, deuses. — Cubro a boca com a mão. — O que aconteceu?

— Roubei a faca e escapei, mas dar um chute no saco do coitado com certeza chamou atenção para a minha presença. — Ele cola os lábios na minha testa e eu apoio as mãos no seu peito para rir, imaginando uma versão mais jovem dele caminhando até um guarda com uma quantidade avassaladora de confiança. — Obrigado, querida.

Ele prende a argola na orelha, e me forço a desviar o olhar, de tão bonito que fica. Passo por ele quando Finnian sai da oficina, precisando do ar frio para refrescar minhas bochechas ardentes enquanto sinto o olhar de Cayden cravado em mim.

Os letreiros brilhantes ao longo da rua tremulam sob o vento e a neve, e fogueiras estão acesas a cada poucos metros para dar aos cidadãos uma chance de aquecer as mãos junto às construções de pedra. Paramos em uma barraca de rua para comprar um chocolate quente que tem gosto de magia, e o aroma de castanhas assadas caramelizadas me faz respirar fundo.

— Nyrinn! — chamo, avistando a mulher que procurava. Ela para no meio do caminho, e seu rosto se abre em um lindo sorriso quando me vê. Ela me alcança no meio

da rua. — Como você está se adaptando?

— Melhor do que esperava. Passei no seu chalé na Travessa dos Curandeiros, é lindo. Vou voltar pra lá mais tarde, mas tinha que terminar algumas visitas domiciliares.

Fico feliz que ela esteja usando o chalé. Adoraria voltar para lá, mas tenho coisas demais com as quais lidar agora. Quando tudo estiver mais calmo, quem sabe ela não me aceite como aprendiz de novo.

— Se tiver tempo, queria convidar você para meu banquete de casamento. Posso mandar o general Braxton escoltá-la até o castelo.

As bochechas dela coram um pouco, e ela agarra a frente da capa.

— General Braxton? É aquele alto com olhos cor de âmbar?

Comprimo os lábios para esconder um sorrisinho malicioso.

— O próprio.

Nyrinn nunca olhou para um homem desde que chegou a Aestilian. Nem para ninguém, na verdade, mas vi seus olhos escuros o seguindo enquanto ele me servia como guarda-costas. Braxton é um homem de boa aparência, com um queixo anguloso e ombros largos moldados a partir de anos empunhando uma espada.

— Claro que vou. — Ela olha para Cayden por cima do meu ombro. — Seja bom pra minha menina.

— Prometo que serei — responde Cayden, sem hesitação.

CAPÍTULO

TRINTA E QUATRO

Cayden

Os sinos badalam na torre enquanto as carruagens douradas deslizam pela rua que leva à entrada circular diante do castelo. Os convidados sobem os degraus, com seus trajes elaborados de tons ricos e tecidos esvoaçantes. Enfio as mãos nos bolsos e me apoio na janela com vista para Verendus. Até onde meus olhos alcançam, as ruas estão decoradas com fios de luzinhas e flores em diferentes tons de azul. As pétalas caídas salpicam as pedras do calçamento. A cidade está cheia de vida, com as pessoas se deleitando na alegria do casamento real.

Um grupo de seis soldados montados em cavalos brancos abre caminho para uma carruagem luxuosa, prateada e branca. Os dois primeiros cavaleiros carregam os estandartes da Casa Duskbane: um lobo prateado rosnando bordado em tecido cinza-escuro. Um escudeiro anuncia os membros da realeza e abre a porta para o rei Lycidias e a rainha Nasha. Ela se parece com Cordelia. As irmãs compartilham o mesmo tom de pele, mas os cabelos de Nasha são tão pretos que absorvem a luz solar ao redor. Lycidias é um contraste gritante, com pele clara e cabelo branco curto amarrado na nuca.

— Sabia que te encontraria espiando a multidão de longe — diz Ryder, vindo pelo corredor e espelhando minha posição no lado oposto da janela. — Acha que eles vão ser um problema?

— Não com cinco dragões no céu e meu exército ao redor.

Como se convocado, Sorin mergulha diante do castelo, e os convidados viram a cabeça em direção ao céu para ver as escamas verdes totalmente expostas e as asas abertas. Uma mistura de admiração, assombro e medo surge nos rostos mais abaixo. Os soldados se aglomeram ao redor do casal da realeza, apesar de saber que o aço não é nada se comparado ao fogo de dragão. Mas é uma prova de lealdade, isso não dá para negar.

— Eles estarem aqui é um sinal positivo. — Ryder puxa um odre do bolso interno do casaco, dando um gole antes de me passar. — Estão reconhecendo publicamente a transferência de poder em Vareveth, apesar de ter tido origem num ato de traição. Isso fortalece sua reivindicação ao trono aos olhos de outros reinos.

Dou um gole do odre, sabendo que uísque também é o veneno preferido de Ryder, e giro o anel com o emblema de nossa casa ao redor do dedo.

— Ele ter o porte certo para o cargo também ajuda — diz Saskia.

Ela vem deslizando pelo corredor em seu vestido azul-escuro e dourado, com várias camadas dramáticas nas saias e mangas que se prendem nos dedos médios. Saskia trançou nos cabelos as contas que Elowen lhe comprou e puxou a maioria das mechas para longe do rosto, deixando duas tranças para emoldurar as feições. Seus olhos se voltam para a coroa dourada no topo da minha cabeça com o emblema da Casa Veles no centro, brilhando orgulhosamente.

Ryder e Saskia são a coisa mais próxima que tenho de uma família. Antes deles, eu não tinha nada neste mundo, nem ninguém para se importar caso eu morresse. Ryder amava a vida o suficiente para me lembrar que eu era humano, e Saskia sempre estava por perto para nos controlar quando éramos imprudentes. Nós nos tornamos uma unidade, mantida intacta por nada além da necessidade de sobreviver, e percebemos que em algum ponto do caminho começamos a oferecer apoio uns ao outros para enfrentar o mundo.

Eles começaram a me chamar de irmão antes mesmo de eu vê-los como algo mais que uma responsabilidade extra para mim, mas esperaram que eu organizasse meus pensamentos. Agradeço aos deuses por isso.

— Seja feliz hoje, Cayden. Pelo bem de vocês dois — sussurra Saskia.

Ryder assente, limpando a garganta. Uma emoção silenciosa transparece em seus olhos quando ele estende a mão, um gesto que fazemos antes de cada batalha, um símbolo de que enfrentaremos o que vier lado a lado. Aperto seu antebraço, e ele se aproxima para me dar um tapa nas costas enquanto aperto o ombro de Saskia com a outra mão. Esse é o máximo que consigo oferecer quando se trata de demonstrar afeto.

— Ela está no lago — avisa Saskia.

Arqueio uma sobrancelha em resposta. Tentei conversar com Elowen mais cedo, e Saskia ameaçou arrancar meus olhos com uma colher se eu a visse antes da cerimônia.

— Apesar do que falei antes, acho que faria bem pra ela ver você.

Estou atravessando o corredor antes mesmo de ela terminar a frase, e a risada de Ryder me segue pela escadaria de pedra em espiral. Meu coração dá coices nas costelas, e a ansiedade faz meu peito parecer tenso a ponto de rachar se batesse nele. Os criados se movimentando pelo castelo me dão passagem enquanto aprontam os aposentos para os hóspedes e preparam o banquete. Endireito o manto antes de empurrar a porta de vidro que leva ao lago.

O sol reluz na superfície e se derrama pelas montanhas cobertas de neve e a floresta. Elowen está em pé na margem gelada, observando seus dragões rodopiarem pelo ar. A ideia de encontrar salvação no submundo parece uma zombaria agora que a estou vendo, ciente de que não existe nada mais doce que esta mulher, e que nada que venha depois pode se comparar.

O vento carrega seu aroma floral na minha direção, e eu o inalo como uma droga, deixando a euforia da sua presença me envolver. Seus cachos estão perfeitamente penteados e adornados com pedras azuis cintilantes, e o vestido que deixa os ombros nus é feito de uma mistura de renda e seda tão delicada que parece água fluindo ao redor dela, brilhando como se a luz das estrelas tivesse sido tecida na peça. A cauda dramática e as bainhas são adornadas com delicadas trepadeiras douradas pontilhadas com florezinhas azuis, e dois dragões bordados decoram a parte de trás de seus braços, combinando com as flores na saia armada.

Seus ombros se enrijecem quando ela sente a minha presença, mas ainda não se vira para me encarar.

— Dizem que dá azar ver a noiva antes do casamento.

A pulsação acelera a ponto de eu não ser capaz de formar palavras enquanto ela se vira. Uma onda de adoração me atinge com tanta força que meus joelhos fraquejam. É um milagre eu conseguir continuar em pé. Elowen é a hera que me consome. Suas vinhas são poderosas e se prendem a mim, como fazem há anos, mas agora não está apenas envolvendo minha mente. Está enraizada na alma que eu nem sabia que eu tinha até conhecê-la.

Deuses, estou tão apaixonado por ela.

— *Você*. — Balanço a cabeça, estendendo os dedos para seu rosto, mas sem tocá-lo de fato. — Não tenho palavras para o quanto você está linda, Elowen.

Não reconheço minha voz, esse tom gutural e ofegante.

Seus olhos castanhos, levemente delineados de preto, brilham com emoção enquanto me observam. A frente do vestido é ainda mais bonita que as costas, com a renda aparecendo acima do corpete para acompanhar as curvas de seus seios e uma safira estrelada colocada entre eles. O vestido é uma mistura de elementos draconianos e celestiais, todos confeccionados nas cores de nossa casa. As contas douradas no corpete e nos quadris são tão pequenas que fico surpreso que o tecido não tenha manchas de sangue, considerando a quantidade de tempo e trabalho que essa criação deve ter consumido. O tecido azul-escuro translúcido se derrama das mangas divididas e drapeja de modo elegante nas laterais do corpo, pontilhado com mais contas douradas que parecem estrelas.

Em vez de uma coroa tradicional, ela usa o diadema dourado que enviei hoje de manhã. A joia repousa em sua testa, adornada por várias safiras em formato de lágrima e pedras da lua com brilho azulado ao longo do aro elaborado. Cinco correntinhas pendem da parte de trás, cada uma com um dragão no centro. A parte da frente de seu cabelo está trançada para trás, entrelaçada com pequenas flores, e fico feliz que não haja um véu cobrindo seu rosto — em vez disso, um tecido dourado translúcido pende de

duas correntes na parte de trás de sua cabeça, entrelaçado com as mesmas pedrarias azuis que decoram o cabelo.

— Estou convencido de que você não é de verdade. — Balanço a cabeça, inclinando seu queixo para cima para colar a testa à dela. — Você só pode ter saído da minha imaginação, porque nada tão perfeito poderia existir num lugar tão miserável quanto este mundo. — Ela solta uma risada trêmula e pisca algumas vezes. Afasto os cachos de seus ombros e passo os dedos por seu pescoço. É um sacrilégio que minha mão, manchada de uma forma irredimível, possa tocar algo tão divino. — E se estiver morto e este for o além-vida, vou matar qualquer criatura que venha me arrastar para longe de você quando o universo perceber que nunca fiz nada para merecer isso.

— Fez, sim — sussurra ela, estendendo uma mão trêmula para acariciar meu rosto. — Você me encontrou. Me procurou desde os 7 anos e esculpiu um lugar pra mim neste *mundo miserável*. Um dia vai perceber que merece a felicidade.

Solto um palavrão. A distância entre nós é tão curta quanto pode ser sem amassar seu vestido, mas ainda é grande demais. Aponto com o queixo para o ponto abaixo do penhasco onde nossos convidados estão esperando e pergunto:

— Está pronta pra isso?

— Estou. — Ela solta um suspiro trêmulo, assentindo com a testa encostada na minha. — Estou melhor agora. Era só nervosismo por causa de toda essa gente.

Aperto a base de seu pescoço com a mão.

— É só manter esses olhos lindos em mim. Essas pessoas não significam nada. Somos só nós dois, anjo.

Meu amor.

Minha esposa.

Minha Elowen.

CAPÍTULO

TRINTA E CINCO

Elowen

Uma mistura angelical de música de cordas me carrega pela floresta montanhosa, sinalizando que é hora de começar a caminhada até a clareira. O castelo no topo da montanha parece ainda mais impressionante daqui de baixo. As torres são tão altas que beijam as nuvens. Aperto o braço de Finnian quando passamos sob um arco de pedra branca coberto de hera. A presença dele ao meu lado me acalma quando centenas de olhares pousam em mim. Eu me obrigo a ignorá-los e mantenho os ombros eretos, flutuando pelo caminho com elegância e graça. Pétalas azul-escuras são esmagadas por minhas sapatilhas cravejadas de predarias e varridas pela cauda dramática do vestido.

A cada passo, me aproximo mais de um futuro que escolhi para mim mesma, enfim uma vida sob meu controle. Meus dragões esvoaçam e dançam à distância sobre a floresta, nunca longe demais e sempre no meu campo de visão. Como Saskia disse, este casamento não é só uma cerimônia, é uma declaração que vai ressoar como sinos por toda a Ravaryn, uma mensagem gritada das Ilhas do Sul até a extremidade norte de Thirwen.

Cayden é o homem mais perigoso em Ravaryn, sem contar com nenhuma magia, e o maior inimigo do homem que me pôs no mundo. Todos aqui ouviram histórias sobre a crueldade de Cayden no campo de batalha e suas diversas vitórias. Não me surpreende que ele não seja abençoado pelo Deus da Guerra, mas pelo Deus da Morte, porque para

onde quer que aponte sua espada a morte o acompanha. Não existe guerreiro como ele, nem nas Lendas Ravarianas há quem se compare ao rei que surgiu do nada e conquistou tudo.

Se meus inimigos não queriam enfrentar o monstro que criaram nem que eu tivesse aliados, deveriam ter apertado melhor as minhas correntes. Fui espancada por homens que me enfrentarão no campo de batalha, e eles vão se encolher sob o poder da Casa Veles. Eu nasci das cinzas do fogo com o qual tentaram me queimar e construí um reino com as próprias mãos. Sou tudo que nunca pensaram que eu seria, e espero que ouçam meu nome — Elowen Veles — e olhem para o céu com um medo tão avassalador que os faça tremer até os ossos.

Velas pingam cera na pedra preta salpicada de neve ao longo do caminho e das rochas ao redor do pequeno lago na base das quedas vertiginosas, envolvendo Cayden em um brilho dourado. Ele está com Asena e Ophir; mas só consigo vê-lo. Almas não se encontram por acaso e, quando encontrei a dele, foi como se tivesse descoberto algo que não sabia que precisava. Um erro tinha sido corrigido. Estar com ele é como ter luz se derramando pelas rachaduras escuras no meu coração, como se as próprias estrelas fossem destinadas a viver no meu corpo.

Para qualquer outra pessoa, Cayden pareceria impassível onde está, com as chamas e quedas-d'água às suas costas, mas vejo a reverência que envolve seu olhar inabalável. Sua túnica preta é confeccionada para parecer que ele está coberto de escamas de dragão no peito e nos braços, como uma homenagem a mim, e o restante de seu traje é feito do mesmo material luxuoso tecido pela noite. O único toque de cor vem do anel no dedo e da coroa dourada que repousa entre as ondas revoltas do cabelo cor de chocolate. O orgulho brilha dentro de mim como nosso emblema reluzindo ao sol.

Finnian para no fim de nossa jornada, e a música sobe até um crescendo quando Cayden caminha em nossa direção. Os dois trocam um olhar carregado enquanto meu noivo estende a mão e Finnian a aperta antes de se inclinar para beijar meu rosto.

— Você é a noiva mais linda do mundo.

Meus olhos marejam ainda mais quando encontro seu olhar.

— Eu te amo.

Ele limpa a garganta e assente, dando uma última olhada em mim enquanto entrego meu buquê para Saskia. Os dois assumem seu lugar na frente, ao lado de Ryder, todos enfeitados em azul, preto e dourado. A multidão reunida prende a respiração quando Cayden leva os lábios até meus dedos, me encarando com uma devoção inflexível, e borboletas se debatem no meu estômago. Ele é a imagem perfeita de um homem que roubou a coroa para me ter e faria o mesmo com a de quem tentasse me levar embora. Cayden me conduz para mais perto da água e nos posiciona de modo que encaremos um ao outro enquanto Asena começa a cerimônia.

— Bem-vindos, estimados convidados, ao Reino do Dragão e do Demônio. Estamos aqui hoje para celebrar a união de Cayden Veles, o Conquistador, o demônio de Ravaryn, matador de reis e produtor de rainhas; e Elowen Atarah, a Rainha dos Dragões, a tempestade de fogo encarnada, a rainha do fogo e filha das chamas, princesa e herdeira legítima do trono de Imirath.

Ophir ergue os braços, fazendo suas grossas vestes azuis se amontoarem ao redor dos cotovelos.

— Os deuses estão conosco e nos concederam sua graça.

Asena esfrega as mãos antes de projetá-las na direção das velas sob os estandartes de nossa casa que pendem de cada lado da queda-d'água. Seu poder parece puxar o elemento das várias velas, mas não a ponto de extinguir nenhuma chama.

Os instrumentos de corda são substituídos por batidas retumbantes de tambor conforme as seitas começam a cantarolar e cantar em ravariano. Ophir se inclina sobre uma laje de pedra, murmurando por cima de uma tigela enquanto joga ervas ali dentro. Olho para Cayden, não mais lutando contra um sorriso, já que vejo a mesma expressão se formar discretamente em seus lábios.

Ophir exibe uma lâmina tão preta que absorve a luz solar e a entrega a Cayden.

— Com esta faca forjada das chamas da deusa, corte a palma de sua mão esquerda como uma oferenda ao Deus da Água, da Morte e da Lua, e voluntariamente ceda seu sangue à tigela abençoada.

Cayden faz o que foi pedido, e eu observo enquanto as gotas escarlates caem na água. Então pego a faca e faço o mesmo.

— Agora repitam o processo com a mão direita, numa oferenda à Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas — instrui Asena, trazendo uma tigela feita de pedra vulcânica cujo interior arde em chamas. As brasas na base sibilam, e os dois observam seus elementos como se fossem revelar algum grande segredo. — Por fim, vocês devem espetar a ponta do dedo anelar e pintar uma linha nos lábios um do outro. Essa é uma oferenda que o casal faz a si mesmo, para selar a união.

Cayden inclina meu queixo para cima com a outra mão, com cuidado para não derramar sangue no meu vestido, e mantém a voz baixa enquanto desliza o dedo por minha boca.

— Juro que minha alma nunca será separada da sua nesta vida e que vou encontrá-la em todas as que vierem depois, não importa o mundo ou distância, porque uma vida com você não é nem perto do suficiente. Mas, se por misericórdia eu partir antes, basta segurar a mão do meu cadáver e encontrarei uma forma de voltar, pois só você comanda meu coração. Você tem meu nome para nos unir, minha espada para matar qualquer um que deseje te fazer mal e meu corpo para protegê-la.

Pego a faca dele com uma mão trêmula enquanto pisco para afastar as lágrimas. Mal sinto quando furo o dedo, levantando o braço para levar meu sangue aos lábios dele.

— Juro ser sua em cada uma das minhas vidas, e esperar por você em todas elas. Quando minha alma adentrar o submundo, não vou atravessar o rio até que me encontre de novo, porque só então poderei encontrar a paz. Cada parte do meu ser pertence a você, até os cacos quebrados, e nunca vou querer nada de volta.

Puxo a mão, sem romper o contato visual com ele, enquanto Asena pede as alianças. Ryder e Saskia se adiantam para nos entregar as alianças que encomendamos um para o outro.

— Estamos aqui para testemunhar homem e mulher unidos à luz dos deuses. Olhem um para o outro e declarem os votos de Ravaryn, sabendo que eles é que vão atá-los um ao outro agora e para sempre.

Cayden desliza em meu dedo uma aliança dourada, confeccionada para parecer trepadeiras crescendo ao redor de uma ametista oval cercada por pequenos diamantes. É o anel mais lindo que já vi, e só não desmorono de emoção ali mesmo por saber que há centenas de pessoas nos observando. Ele não olha para baixo enquanto deslizo a aliança de obsidiana com fragmentos de safiras sobre a tatuagem em seu dedo. Juntamos nossas mãos como Asena instrui, e Ophir despeja o conteúdo da tigela abençoada sobre a vulcânica, apagando as chamas.

— Me entrego a você em um juramento que nunca pode ser quebrado — dizemos em uníssono. — Pertenço a você, e você a mim, desde este dia até meu último dia. *Amito evidani.*

"Pertenço a você."

Um poder que nunca senti brota em meu sangue, desabrochando como as primeiras flores da primavera. Sou capaz de afirmar que Cayden sente o mesmo pela leve surpresa estampada em seu rosto. As chamas ao nosso redor queimam mais alto, e o som da correnteza se eleva. A sensação dentro de mim se torna mais forte, zumbindo por meu corpo como um raio, mas não sinto dor. Eu me sinto *viva*.

A terra treme sob nossos pés, e a atração que sinto por Cayden fica mais forte.

O canto das seitas se torna mais poderoso.

Sinto como se meu coração fosse explodir no peito.

Minhas palmas queimam onde nossos cortes se pressionam um contra o outro, e o mundo ao nosso redor escurece.

Asena dá um passo à frente para separar nossas mãos. Os cortes estão cicatrizados, e não há vestígio de sangue em nossa pele, mas há marcas em seu lugar. Espirais douradas finas serpenteiam ao redor dos meus dedos e se encontram no centro da palma como uma estrela. O mesmo desenho está refletido no dorso da mão, acabando logo acima do pulso. As minhas são mais delicadas que as marcas pretas e grossas que formam um desenho idêntico em Cayden, e as dele parecem contornar a tatuagem com meu nome.

— Você não me disse que a cerimônia nos deixaria marcados — digo.

Não que esteja reclamando. As marcas são lindas.

— Não foi planejado — murmura Asena, olhando para Ophir, incrédula, antes de soltar minha mão para se dirigir à multidão. — Uma união divina!

— Um eclipse! — grita alguém.

— Os deuses se manifestaram — berra Ophir. — Ser inimigo da Casa Veles é se tornar inimigo dos deuses.

Lembro do que Asena me contou sobre o Deus do Sol e da Luz — sua possessividade em relação aos dragões e seu ódio pela deusa que ela acredita ter me abençoado, e Ophir crê que Cayden é abençoado pelo Deus da Água, da Morte e da Lua. Uma inquietação se instala dentro de mim enquanto a luz do sol se espalha ao nosso redor de novo. Posso não adorar os deuses, mas as marcas... e o eclipse... me perturbam.

Afasto essa sensação, pois preciso completar a tarefa que tenho em mãos com os olhos de Ravaryn sobre mim. Não há margem para erros.

— Pode beijar a noiva — declara Ophir.

Cayden segura meu rosto com as mãos, inclinando minha cabeça para cima e colando os lábios aos meus.

Deuses, como senti falta disso.

Ele acaricia meu rosto como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo e me beija como se desejasse sentir o sabor da minha alma. A multidão vibra descontroladamente, jogando pétalas sobre nós enquanto Cayden me segura firme. Quando nossos lábios estão unidos, sinto como é ser desejada de verdade por alguém. É como se ele estivesse faminto por meu toque sempre que estamos separados e saboreasse cada segundo comigo como se fosse o último. Ele entreabre meus lábios lentamente, me beijando como se tivéssemos todo o tempo do mundo, mas se afasta rápido demais. Nossos olhos se encontram, e fica evidente que, embora outras pessoas tenham olhado para mim antes, nunca *me viram* de verdade. Ele vê tudo que sou, e tudo que posso me tornar, e quer tudo para si.

— É uma honra apresentar o rei Cayden e a rainha Elowen Veles de Vareveth! Que seu reinado seja duradouro — exclama Asena.

— Que seu reinado seja duradouro — ecoa a multidão.

CAPÍTULO

TRINTA E SEIS

Elowen

Meu vestido brilha e flui ao meu redor enquanto Cayden nos conduz pelos passos de nossa primeira dança. Ele se move como sempre, com habilidade e controle, e me levanta do chão tão facilmente que sinto como se não pesasse nada. Nossas mãos se entrelaçam diante do meu rosto quando a nota final é tocada, e ele lentamente as abaixa para encontrar meu olhar quando outros casais fluem para a pista. Meu coração acelera do peito, não por causa da dança, mas pela intensidade que vejo em seus olhos e a dominância que o envolveu desde que deslizou a aliança em meu dedo.

O poder que vibrou dentro de mim durante a cerimônia desapareceu, mas as marcas não. As minhas cintilam sob a luz dos lampiões, enquanto as de Cayden a absorvem, como a lâmina que usamos para cortar nossas mãos, que agora está embainhada na coxa dele.

— Elowen Veles — murmura Cayden, em um tom rouco.

Uma covinha se aprofunda quando um sorriso torto se forma em seu rosto, e ele passa a língua pelo lábio como se adorasse meu sabor ali.

— O título da sua maior conquista.

— Pode ter certeza.

— Com quem vamos falar primeiro?

Todos os lordes e ladies de Vareveth estão presentes, junto de toda a comitiva de

suas casas, além das várias pessoas que vieram acompanhando a realeza de Urasos e Feynadra, mas não temos motivo algum para dizermos algo além de uma saudação educada. Depois de investigar mais a fundo, aprendi que nos últimos dois anos, o príncipe Hale de Urasos tem tomado a maioria das decisões no reino. Imagino que tenha que encontrar um equilíbrio entre governar no lugar do pai e permanecer fiel aos desejos dele.

— Feynadra — responde Cayden. — Eles não têm nenhum laço com Imirath, nem com Thirwen.

Deslizo o braço pelo dele, me virando na direção da comitiva de Feynadra. Estão reunidos na base da plataforma onde ficam nossos tronos, construída em pedra por uma equipe de artesãos sob a orientação de Asena e Ophir. Uma janela atrás deles tem vista para os picos nevados da cordilheira de Seren. O meu é esculpido em pedra da lua com estrelas entalhadas, e cinco dragões feitos com a mesma pedra se ramificam, como se estivessem saindo do assento. Um deles alça voo sobre minha cabeça, e os outros quatro são espelhados, dois de cada lado. O trono de Cayden é de obsidiana com espadas douradas se cruzando no alto e uma lua crescente no centro. São deslumbrantes por si só, e ainda mais com as duas enormes cabeças de dragão de pedra montadas de cada lado, derramando água pelas bocas abertas com presas salientes, que se acumula numa piscina logo abaixo.

Um escudeiro se coloca diante do casal real antes de termos a chance de nos apresentar.

— Permitam-me apresentar o rei Lycidias Duskbane e a rainha Nasha Duskbane de Feynadra.

— Acredito que não nos preocupamos com títulos adicionais tanto quanto vocês — diz o rei Lycidias, e embora tente aplacar as palavras com uma risada, o sarcasmo é nítido.

— Nunca é tarde para conseguir alguns — responde Cayden no mesmo tom. — Permitam-me apresentar minha esposa, a rainha Elowen Veles.

Nasha se adianta e entrelaça seu braço ao do rei. A cauda de seu vestido de pele

prateada e veludo cinza se arrasta atrás dela. Ela exala uma majestosidade que reconheci em sua irmã.

— Oferecemos nossas mais sinceras felicitações por sua união.

— E nós agradecemos por terem realizado a viagem para comparecer — respondo.

— Não é todo dia que um rei conquista um reino na sua fronteira sul — diz Lycidias.

O rei pousa os olhos azuis gélidos em Cayden. Seu cabelo claro está ficando grisalho, e sua estrutura óssea é dura como as noites de inverno. O sorriso de Nasha fica tenso quando ela olha para o marido pelo canto do olho, e o tecido na curva do braço dele ondula quando ela o aperta, talvez em um aviso.

— Não é todo dia que as decisões de um rei levam à sua própria morte — retruca Cayden sem rodeios, desafiando Lycidias a dizer algo em favor de Eagor, mas o rei gélido se limita a sorrir, parecendo apreciar a resposta de Cayden.

— Minha irmã lamenta por não poder comparecer — começa Nasha, felizmente mudando de assunto. — Mas ela deve enviar convites para seu Baile de Solstício de Inverno hoje, e mencionou que seu nome está na lista. Com todas as festividades, duvido que tenham tido tempo de monitorar a correspondência.

Aperto o braço Cayden com mais força, mas mantenho oculta a ansiedade que surge dentro de mim. Ela pode ter desconsiderado minha carta anterior, mas um convite ao reino deve ser um sinal positivo. Vamos ter que enfrentar a frota de Thirwen antes de partirmos, enfraquecendo nosso inimigo o suficiente para adiar um contra-ataque. Se partirmos mais cedo, podemos acabar prejudicados.

Eu me pergunto se Nasha sente falta de Galakin. Deve ser de partir o coração deixar um lugar que você ama sabendo que a saudade nunca vai passar.

— Tenho certeza de que poderemos comparecer, desde que as tensões no sul não aumentem.

— Sim. — Ela assente de leve. — Nos sentimos gratos por sermos incluídos neste grande dia, mas presumimos que devia haver outra razão para nossa presença ser solicitada.

— Nós não vamos enviar ajuda — interrompe Lycidias. — Feynadra é muito menor

que Vareveth e vai precisar de cada espada lutando por nossas terras se vocês perderem sua guerra e o rei Garrick avançar para o norte. Reconhecemos que a rainha Elowen é a herdeira ao trono de Imirath, pois refutar sua reivindicação desacreditaria a minha, mas não lutaremos por isso.

Nunca estive tão feliz por ouvir um homem abrir a boca.

— Não lembro de ter pedido sua ajuda — diz Cayden. — E não pretendia fazê-lo.

Lycidias e Nasha se entreolham.

— Se não querem nada de nós, por que nos convidaram?

— Para criar um bom relacionamento entre nossos reinos, já que compartilhamos uma fronteira.

Abro um sorriso fácil, me sentindo como uma aranha vendo uma mosca se enroscar na teia. A reputação de neutralidade deles é pública e notória. Eles caíram direitinho na minha armadilha.

Lycidias assente, com o ar de superioridade se dissipando um pouco, mas é Nasha quem fala a seguir.

— Se o que dizem é verdade, tudo que peço é que não voltem seus dragões contra o norte.

Passo os olhos pelo grupo com que viajaram, notando a ausência de seus filhos. Ela veio aqui querendo algo de mim: uma promessa de que não vou invadir seu reino e massacrar seus herdeiros no processo. Eu me pergunto se eles se dão conta da sorte que têm por serem amados pela mãe, por ter alguém disposto a se colocar entre eles e qualquer ameaça.

— Não se envolvam nas minhas batalhas e vocês não vão ter problemas comigo, a menos que me deem um motivo.

— Então chegamos a um entendimento — responde ele.

Lycidias abaixa o queixo e se afasta de Nasha antes de se juntar à companhia de seus lordes. Os olhos sofridos da rainha o seguem, e não consigo deixar de sentir pena dela. Na maior parte das vezes, os casamentos reais são arranjados e não envolvem sentimentos. Mulheres são vendidas pelo maior lance para garantir uma aliança ou

promover os interesses dos homens. Isso leva apenas a uma vida de infelicidade. Eu me forço a desviar o olhar quando Nasha retorna às suas damas de companhia.

Cayden acena para um criado.

— Algum de nós recebeu uma carta de Galakin hoje?

— Sim, majestade — responde ele, e o alívio é tão grande que meus joelhos ficam bambos. — A rainha Cordelia enviou à sua majestade um convite para o Baile de Solstício de Inverno.

— Não houve resposta à minha carta anterior? — pergunto.

— Tudo o que recebemos foi o convite, alteza.

— Obrigada. — O criado faz uma reverência e volta para junto da mesa cheia de taças de vinho espumante. — Tanto a rainha Nasha quanto o criado disseram que Cordelia falou apenas de mim.

— Então acho que vou ser uma surpresa agradável. — Cayden se apoia em um dos pilares do salão envoltos em glicínia, que também pende do teto ao lado dos estandartes da Casa Veles. — Tão agradável quanto o momento em que meu pai soube da minha concepção. — Dou risada, incapaz de me conter, mas me sinto menos culpada quando Cayden me acompanha. — Acho que a frota de Thirwen não deve estar longe. Vamos nos preparar para partir para Galakin depois da batalha, já que vamos estar perto do mar.

CAPÍTULO

TRINTA E SETE

Elowen

Os pelos de minha nuca se arrepiam e, quando olho por cima do ombro, a princesa de Urasos está com os olhos castanhos cravados em mim. As sobrancelhas de Lethia se erguem quando nota meu olhar, e ela deve ter apertado o braço do príncipe, porque Hale interrompe sua conversa para lhe dar atenção.

Deslizo o braço pelo de Cayden de novo e tomo um gole de vinho que um criado oferece.

— Urasos está se aproximando.

— Depois de hoje vamos dar um tempo nisso de receber hóspedes e comparecer a eventos sociais.

— Acabamos de ser convidados para um baile — pontuo.

— Vamos garantir a aliança antes que o evento aconteça, e então, com a maior satisfação, vou mantê-la ocupada num canto escuro após fazer uma breve aparição.

Belisco seu braço e encosto sutilmente o cálice frio no pescoço para sufocar a vermelhidão que sobe por meu corpo.

— Acho que ainda não tive o prazer... Sou o príncipe Hale Warthorne e esta é minha esposa, princesa Lethia — apresenta-se Hale, mas Lethia permanece em silêncio ao lado dele.

Sua atenção inabalável está fixada em mim como se estivesse vendo um fantasma.

Seu vestido verde-esmeralda com bordados marrons combina com a túnica de Hale, cujo peito foi adornado com uma corrente para representar seu emblema: galhadas de cervo emoldurando uma montanha.

— Rainha Elowen Veles — cumprimento.

Estendo a mão para Lethia, e isso parece tirá-la do transe. Sua mão pálida está escorregadia e levemente trêmula quando segura a minha. Ela limpa a garganta, empurrando uma mecha de cabelo loiro liso para longe do rosto.

— Peço desculpas. Normalmente não sou tão... — ela se interrompe, limpando a garganta de novo.

— Gostaria de tomar um pouco de ar fresco? — ofereço, apontando com o queixo para as portas duplas que levam a um pavilhão.

Não estou perguntando só para o bem dela, mas gostaria de dar um tempo das festividades também, e isso pode nos garantir a oportunidade de falar em particular.

— Seria ótimo.

Ela relaxa um pouco os ombros, e nós quatro nos encaminhamos para fora. Embora o frio esteja congelante, a brisa vinda dos cumes nevados acaricia minha pele aquecida. Meus dragões conseguem me sentir agora que me aventurei para fora, e alteram a rota para voar sobre a floresta, que se estende por muitos quilômetros. Hale detém o passo quando os vê e passa as mãos pelo cabelo ondulado bem preto, que vai até logo abaixo do queixo. A princesa usa um corte raspado do lado esquerdo, e uma tatuagem de cervo marca seu couro cabeludo.

— Você não se lembra de mim, não é? — pergunta Lethia.

Cayden dá um passo para mais perto de mim quando nota meu desconforto. Inclino a cabeça, tentando analisar melhor as feições de Lethia. Ela tem uma faixa de sardas atravessando o nariz, que tem uma pequena saliência, e é bem alta para uma mulher.

— Quando teríamos nos conhecido?

Ela abre um sorriso suave.

— Não estou ofendida. Você era bem pequena.

Tomo outro gole de vinho para umedecer a garganta seca.

— Imirath. Antes do meu aprisionamento.

— Viajei com minha família para Zinambra naquele verão — conta ela. — Meu pai é amigo do rei Fallon, que obviamente é próximo do seu pai, considerando a aliança deles.

A amargura embrulha meu estômago, e olho para meus dragões. Cayden passa os dedos por minhas costas para me acalmar, assumindo a conversa.

— Se vieram até meu reino para falar bem dos meus inimigos, então deveriam ter ficado em casa.

— Não tenho lealdade nem a Imirath nem a Thirwen, apesar da herança da minha esposa — afirma o príncipe Hale. — Ela também não.

A união deles sugere que isso não é verdade. Se o pai de Lethia é próximo do rei de Thirwen, vai esperar que seu genro os apoie na guerra. Caminho em direção a uma mesa e cadeiras posicionadas ao lado de uma vegetação espessa e cercadas por tochas como as que se alinham nas ruas do reino, confeccionadas para parecerem dragões cuspindo fogo. Os demais vêm também, e sentamos uns de frente aos outros.

— Então por que estão aqui? Está na cara que têm algo a dizer — continua Cayden.

Hale passa o polegar pela barba por fazer. Os anéis dourados nos dedos complementam sua pele escura.

— Ainda não sou o rei de Urasos, então tenho que agir dentro de certos limites, mas estou aqui para oferecer informações.

— E por que deveríamos confiar nelas?

— Porque quero vingança contra aqueles que fizeram mal à minha esposa. Tenho certeza de que você me entende.

Hale estreita os olhos azuis.

A mão de Cayden para na minha nuca.

— Se fosse a minha esposa, eu enfiaria um travesseiro na cara do meu pai moribundo para me juntar à guerra e me vingar com as próprias mãos.

— Ele é meu pai — protesta Hale.

— Foi só uma sugestão. Todos temos nossas prioridades. — Ele retoma os movimentos, deslizando os dedos por minha pele. — Me diga o que sabe.

— Urasos manteve a neutralidade por séculos e, com minha ascendência em Thirwen, não podemos nos juntar à sua guerra, mas não vamos agir contra vocês. Se o pai de Hale estivesse morto, simplificaria as coisas, mas precisamos trabalhar dentro dos nossos limites — argumenta Lethia, disparando o olhar para mim de novo. — Eu me lamentei por você. Me disseram que tinha morrido de febre, mas conforme fui ficando mais velha me dei conta de que não podia ser verdade. Nunca mais ouvi falar dos dragões, e não houve nem um funeral. Vocês todos sumiram como se nunca tivessem existido.

— Lamento pela tristeza que isso possa ter causado a você.

Estou tendo dificuldade para encontrar palavras. O que dizer para alguém que se lembra de uma versão sua de que você mesmo não lembra? Uma versão que não existe mais? A garota de quem ela está falando morreu naquelas masmorras, e eu sou tudo o que resta dela.

Os dois falam, falam e não dizem nada, e minha paciência está se esgotando. Olho para a esquerda, notando a presença de Finnian e Ryder junto de dois soldados de Urasos. Estão próximos, mas não o suficiente para ouvir nossa conversa.

— O que vocês querem em troca das informações? — Levanto as sobrancelhas. — Minha garantia de que os dragões não vão devastar seu reino?

— É tão absurdo pedir isso? — pergunta Hale.

— É previsível — corrijo. — Eu não ajo sem motivo. É só não darem motivo para virarem meus inimigos que vocês não terão o mesmo destino que eles.

Faço um gesto com a mão para que continuem falando.

— Nós não vamos comparecer ao próximo baile em Galakin, então não posso apresentá-los eu mesma, mas dizem que o príncipe Zarius Liluria de Thirwen frequenta as casas de jogo no reino. Há boatos de que Fallon assassinou a primeira esposa, a mãe de Zarius, e tentou matá-lo em seguida. Ele não vai para casa desde os 10 anos. Apesar de ter sido deserdado pelo pai, o povo de Thirwen não esqueceu a falecida rainha e seu

amor pelo filho.

Nunca nem ouvi falar do príncipe Zarius. Pensei que todos os herdeiros de Thirwen tivessem menos de 3 anos. *Essa* é a motivação de Thirwen nesta guerra. Eu sabia que devia haver um motivo oculto. Não importa o quanto Garrick e Fallon sejam próximos, a camaradagem não vale mais que o poder. Tanto Garrick como Fallon têm filhos que querem apagar de suas linhagens. Isso os une da mesma forma que eu e Cayden estamos unidos no ódio por Garrick.

Isso tem o potencial de influenciar Galakin a nosso favor também. Galakin tem relacionamentos ruins com Thirwen e Imirath. Ambos os reinos pararam de negociar com Imirath depois que Garrick se recusou a lhes enviar uma planta nativa que era vital para a produção de medicamentos durante uma praga. Os detentores da magia de cura não conseguiram salvar a todos, por conta da natureza altamente contagiosa da doença.

A rivalidade deles com Thirwen foi desencadeada pelos eventos que levaram à Guerra da Maré Vermelha.

Se eu reivindicar o trono de Imirath e Zarius, o trono de Thirwen, Galakin pode ter um aliado em ambos os reinos, em vez de inimigos.

— Obrigada — digo. — Não vou esquecer essa gentileza.

Lethia sorri, e eu passo as mãos pela saia, levantando da cadeira e fazendo um gesto para que ela me acompanhe. Nossos calçados ressoam na pedra enquanto caminhamos de volta para a festa, com Cayden e Hale apenas alguns passos atrás.

— Amei seu vestido — comento. — Combina lindamente com seu cabelo.

— O seu é deslumbrante — responde ela, então franze o nariz, olhando para si mesma. — Não sinto falta de Thirwen, mas de usar vermelho nas festas, sim.

— Roxo é minha cor favorita, então acho que nós duas somos azaradas nesse sentido. — Ela ri, e eu também, me sentindo grata pela tensão estar aos poucos se dissipando dentro de mim. — Eu lamento... que você tenha lamentado por mim.

Ela sacode a cabeça.

— Fico feliz que tenha sido uma lamentação em vão. É difícil para as mulheres encontrarem felicidade num mundo dominado pelos homens, e segurança num mundo

que eles fazem de tudo para tornar traiçoeiro. Sei que não se lembra de mim, mas fico contente em ver você feliz.

— Também é difícil encontrar pessoas boas neste mundo, como você com certeza sabe, mas Urasos não é longe daqui. — Mordo o lábio. — Talvez Cayden e eu possamos fazer uma visita quando a guerra acabar, ou podemos trocar cartas.

Ela sorri para mim.

— Eu adoraria.

CAPÍTULO

TRINTA E OITO

Elowen

Estou com a voz rouca de tanto rir e meus pés doem após todas as danças em que Finnian e Ryder me conduziram. Até compartilhei uma dança com Braxton, que corou durante a música inteira, e girei ao redor de algumas crianças do orfanato que puxavam minha saia.

Quando tropeço para fora da pista de dança, inclino a cabeça para o lado mais distante do salão, onde Cayden me observa das sombras. Os pelos dos meus braços se arrepiam quando noto o calor em seus olhos. Dou um passo para a esquerda para me esconder atrás de um pilar, espiando ao redor para vê-lo se afastar da parede e dar um passo para sua direita. Ele sempre teve uma aura de perigo e mistério, afastando todos os outros, mas isso me puxa em sua direção. Talvez seja porque só senti dor onde o amor deveria estar, e amor onde esse sentimento nunca deveria ter existido.

Deslizo para trás de outro pilar, mas quando espio pela lateral ele não está em lugar nenhum. A excitação dispara dentro de mim, sabendo que ele está me observando mesmo que eu não consiga vê-lo. Continuo me movendo até sair do salão do trono e encontrar a saída mais próxima do castelo. Não consigo vê-lo nem o ouvir, mas posso sentir sua presença. Meus lábios ainda estão queimando por causa do nosso breve beijo durante a cerimônia, e a promessa dos que estão por vir faz meus joelhos tremerem.

Quase correndo pelo caminho que percorri várias horas atrás, sigo a trilha de velas

quase apagadas para dentro da floresta que leva à base do castelo. As mangas do vestido fluem pelas árvores como espíritos da floresta dançando para a lua quando pulo sobre um riacho e acelero o ritmo. Os cachos chicoteiam ao meu redor enquanto balanço a cabeça em todas as direções, não vendo nada além de pinheiros cobertos de neve e rochas geladas. Meu coração bate forte no peito quando chego à base da montanha onde a cerimônia foi realizada. Agarro as saias quando atravesso o caminho abandonado, pisoteando as pétalas de flores e ouvindo a neve ser esmagada perto de mim.

Ele não me deixaria ouvi-lo a menos que quisesse. Como um predador concentrado em sua presa e querendo que ela saiba que o impacto é iminente.

Uma pequena saliência contorna a beirada da piscina natural, e aperto os olhos na escuridão em meio ao vento forte, que afasta parte das quedas-d'água. Há uma caverna escura atrás da base da cachoeira. Sempre obedeci à minha curiosidade, incapaz de ignorar a voz insistente que me diz para explorar um lugar desconhecido. É estranho, porque quase nunca sinto curiosidade em relação às pessoas. Elas costumam ser decepcionantes quando você descasca suas camadas, mas a natureza surpreende mesmo nos menores detalhes.

A pedra está escorregadia sob meus pés, e agarro o tecido da saia com mais firmeza para impedir que caia por cima da beirada e fique se arrastando. O gelo estala embaixo de mim, criando rachaduras como teias de aranha conforme vou pisando. Pontas afiadas pressionam minha palma ao me apoiar na parede ao lado e subir a inclinação, mantendo o equilíbrio enquanto me abaixo e contorno as quedas-d'água. Estou submersa na escuridão, e ouço os sons dos arredores para delinear uma imagem mental. Tem um rio dividindo o centro do caminho, o que se torna óbvio com base no som de água corrente. A saliência em que estou fica mais espessa à medida que percorro a curva, e avisto um brilho azul tênue no fim da caverna estreita.

Sinto o cabelo ficar mais pesado no ar denso e úmido. Solto o vestido e estendo uma mão para trás, afastando as mechas do pescoço — não que isso me traga alívio, considerando que meu desconforto cresce a cada passo.

Mas tiro a mão dos cachos ao passar sob a arcada, atordoada, esquadrinhando a visão encantadora. Piscinas e mais piscinas de água cristalina se derramam umas nas outras, de vários tamanhos e profundidades, com vapor flutuando em cada superfície. São escavadas na rocha, e sou forçada a esticar o pescoço para conseguir ver o que há mais para cima. O teto irregular é salpicado de manchas de um azul-brilhante, mais vibrante que qualquer céu noturno que já tenha visto, com fragmentos de rochas se projetando entre os aglomerados.

— Olá, esposa. — As mãos de Cayden me envolvem. — Seguir você sempre me leva aos lugares mais estranhos.

— Bem, pelo menos nunca vai ficar entediado — respondo. — Você sabia que isto aqui existia?

— Não. Não me parece que seja de conhecimento comum.

Eu me desvencilho de seus braços e me viro para encará-lo, desamarrando o corpete lentamente enquanto tiro os sapatos.

— Então acho melhor aproveitar nossa descoberta.

— Não é para tirar — ordena ele, com um olhar faminto passando por suas feições.

Ele avança na minha direção e pressiona minhas costas contra uma parede. A umidade atravessa o tecido do vestido, e seus lábios roçam os meus quando ele inclina a cabeça para baixo.

Uma ruga se forma entre suas sobrancelhas, e o vejo engolir em seco.

— Não segui você buscando nada além da sua companhia. Não importa que seja nossa noite de núpcias. Não quero fazer isso se você não tiver certeza.

Levanto o braço e pouso a mão trêmula em sua nuca. Por mais terrível que o mundo possa considerá-lo, Cayden nunca me pressionou por nada, por mais flagrante que seja seu desejo.

— Eu quero isso. — Sorrio levemente, e ele contorna minha boca com o dedo. — Quero você.

A boca dele se cola à minha no instante seguinte.

Fico na ponta dos pés para me aproximar mais quando ele envolve minha cintura

com o braço e enfia a mão no meu cabelo. Cayden separa meus lábios e me pressiona contra si como se eu fosse uma flor entre as páginas de um livro, mas a única palavra transcrita dentro desse romance é o seu nome. Estou completa e totalmente consumida. Ele é tudo em que consigo pensar, e o mundo desaparece ao meu redor. Ele me beija como se o mundo estivesse acabando, como se estivesse desesperado para memorizar meu gosto antes de sermos arrancados um do outro.

Estou sem fôlego quando ele se afasta, e nossas respirações se misturam.

— Deuses, como senti sua falta — murmura ele.

Meu coração pula no peito, e ele me olha por um longo momento antes de entrelaçar nossos dedos para me conduzir pela subida, só parando quando estamos aconchegados ao lado de uma pequena piscina em algum lugar mais central. O que quer que esteja fazendo o teto brilhar se reflete em algumas das rochas que ladeiam o caminho. Cayden se vira para mim, e meus olhos se fecham quando ele desliza os dedos por meu pescoço e minha clavícula. Eu me entrego ao seu toque, ansiando por mais que um carinho gentil. Faz tempo demais desde que estivemos juntos. Quero que ele me faça sentir como se eu fosse sua de novo.

— Fiquei olhando pra você o dia todo, incapaz de desviar o olhar, imaginando o momento em que poderia arrancar esse vestido de você — sussurra ele, e me obrigo a encará-lo. — Desejá-la é a tortura mais deliciosa que já experimentei. Nem dormindo tenho um alívio. Você está sempre lá quando fecho os olhos, em meus pensamentos, mesmo quando não está comigo.

Pensei que Cayden estaria pronto para rasgar o vestido quando me pegasse, mas ele me toca com reverência, acariciando as contas do corpete e passando os olhos por minha silhueta, como se para se certificar de que sou mesmo sua noiva. Ele dá um passo mais para perto, e lambo os lábios quando meu peito se pressiona no dele enquanto afrouxa meu corpete. Mantendo os olhos em mim, ele engancha os dedos no decote em forma de coração para deslizar o vestido pelo meu corpo, se ajoelhando. Ele cerra os dentes quando me olha. Mordo o lábio quando ele acaricia a parte posterior das minhas coxas, deslizando os polegares sob a tira de renda presa à cinta-liga.

Sua respiração dança por meu tronco quando ele se inclina para a frente para me dar um beijo.

— Você vestiu isso pra mim, linda?

Sua voz grave faz minhas coxas se pressionarem uma contra a outra. Assinto, não confiando na minha voz enquanto ele se ergue e caminha devagar em volta de mim. Uma respiração áspera escapa de sua garganta quando olha para meu rosto de novo, e ele joga a própria coroa e a túnica de lado.

— Devo ter sido um maldito mártir numa vida passada.

Sorrio suavemente e me desvencilho do amontoado de tecido aos meus pés para desamarrar os cordões de sua calça, mas ele não remove minha coroa nem o véu. Seus olhos ardem de desejo desenfreado quando os ergue para mim, me fazendo estremecer de ansiedade por saber do que ele é capaz. Isso parece diferente de qualquer outra vez em que estivemos juntos, porque Cayden não é mais apenas meu aliado, é meu marido. Um sorriso malicioso surge em suas feições quando me pega nos braços, e um gemido de necessidade sobe por minha garganta quando sinto toda a sua extensão rígida se pressionar contra mim.

Sinto minha pulsação disparada no pescoço e remexo os quadris para a frente, para deslizar contra o seu volume.

Ele geme, e apoio a testa em seu ombro para repetir o movimento, mas suas mãos se prendem aos meus quadris antes que eu possa fazer isso.

— Que tipo de homem eu seria se não fosse bem devagarinho com você depois de ter se vestido assim pra mim?

Aperto as pernas ao seu redor.

— Um homem inteligente.

Ele dá uma risadinha e me leva para dentro da piscina, e um zumbindo de prazer vibra no meu peito quando sinto a água quente subir pelos quadris. Passo a boca em seu pescoço, precisando tê-lo mais perto, precisando senti-lo. Ele caminha até a frente da piscina e me coloca na borda. O medo me paralisa quando percebo o tamanho da queda íngreme para a próxima piscina, e a borda é tão estreita que nem estou totalmente

apoiada nela.

— O que você claramente não é! Me ponha no chão.

— Nunca escondi meu desejo por você, e não vou permitir que me apresse, Elowen. Se quiser ficar aqui só admirando a minha esposa, é o que farei. Se quiser enfiar minha cabeça entre suas pernas enquanto devoro você com a língua, é o que farei. E se quiser me enterrar bem fundo dentro de você e te fazer gritar meu nome como uma prece, é o que farei também. Na verdade, estou ansioso por isso. — Suas palavras fazem meu corpo se contrair com tanta força que sinto que vou estilhaçar com o mais simples toque. — Estamos entendidos?

— Sim — respondo, sem fôlego.

Cayden mantém um braço ao redor dos meus quadris enquanto estende o outro para acariciar meu seio e, apesar da trepidação dessa posição, abro as pernas ainda mais.

— Você sempre reage tão bem a mim. — Ele enrola com o dedo o pedacinho de renda que cobre meu ventre desejoso, e cada roçar do tecido envia ondas de prazer por meu corpo, mas isso não basta. Então ele a rasga, me deixando nua a não ser pelas faixas de renda presas à cinta-liga nas coxas e uma faixa parecida sobre os seios, que deixa pouco à imaginação. — Faz tempo demais desde que provei você. — Ele pressiona os lábios logo abaixo da minha orelha, e entrelaço os dedos em seu cabelo enquanto sua boca percorre meu corpo, me levando ao desespero quando se concentra nos seios. Meus mamilos estão visíveis através da renda, e me arqueio em direção ao seu toque quando ele envolve um deles com os lábios.

— Cayden — imploro.

— Vai me deixar cuidar do que é meu? — Ele pressiona o pau contra meu clitóris, e meus dedos dos pés se dobram sob a água. — Vai manter essas coxas lindas abertas para eu poder idolatrar a minha esposa como devo?

Pelos deuses.

Consigo abrir distância o suficiente para estender a perna até meu tornozelo descansar sobre o ombro dele, então o coloco de joelhos.

— Muito melhor assim.

— Se tirar os olhos de mim, vou parar. Quero que se lembre exatamente como sei te proporcionar o que você precisa, e estava falando sério antes: quero ouvir seus gritos ecoando na caverna. — Ele lambe minha abertura, gemendo ao sentir o sabor, e meus olhos se reviram antes de serem forçados a voltar a se concentrar nele. — Porra — geme ele, colocando minha outra coxa sobre o ombro. Deuses, faz tempo demais. — Você fica mais perfeita a cada vez.

Ele suga meu clitóris, passando a língua nele enquanto mergulha em um frenesi voraz. Não consigo recuperar o fôlego, mal consigo dizer algo além do nome dele conforme meu corpo se incendeia. Cachos úmidos grudam em minha testa e fazem cócegas nos meus quadris quando solto a cabeça para trás. Cayden ri com a boca colada ao meu ventre quando me aperta com mais força. Estou envolvida demais no que ele está fazendo com meu corpo para me importar com a queda em potencial. Ele levanta a outra mão, que enfia por baixo da faixa de renda, passando o polegar sobre o mamilo.

Remexo os quadris para ele, que rosna em aprovação.

— Isso mesmo, anjo. Eu te fodo com a língua e você me dá o que eu quero.

— Estou tão... — Meu tremor piora. — Ah, deuses.

— Eu poderia fazer isso todo maldito dia se você deixasse. — Ele desliza dois dedos dentro de mim e quando os curva posso jurar que estou vendo estrelas. — Quando fica irritada comigo e sai pisando duro e rebolando, tudo em que consigo pensar é levantar sua saia e te chupar até sua irritação passar.

— Pode fazer isso.

Só a ideia dele avançando em minha direção com a determinação estampada nos olhos depois de uma discussão quase me leva ao ápice.

Ele dá outra risadinha, lambendo a umidade das minhas coxas enquanto continua me acariciando com os dedos.

— E o meu pau? Vai me deixar abafar seus gritos se eu quiser te pegar num cantinho escuro durante o dia?

— Vou!

Engasgo em um soluço quando o orgasmo chega, com a mistura de Cayden entre

minhas pernas e a imagem que pintou em minha mente me dominando. Ondas e mais ondas de prazer me invadem enquanto ele continua a arrancar cada gota de êxtase de mim antes de me amparar quando meu corpo cai para a frente.

Ele mal me dá tempo para me recuperar antes de me virar de costas, apoiando meus joelhos no degrau de pedra sob a água. Olho por cima do ombro, passando os dedos em seu cabelo e trazendo seus lábios para junto dos meus. Sua língua mergulha na minha boca enquanto abre minhas pernas com o joelho e desata os botões de cetim que mantêm o corpete rendado ainda preso.

Ele começa a deslizar dentro de mim e nossos lábios se separam em sincronia.

— O que eu sou?

Forço meus olhos a se abrirem, e ele me dá um tempo para me ajustar enquanto acaricia meu clitóris absurdamente sensível. Ele geme quando me aperto ao redor de seu pau.

— Humm. — Arqueio as costas, sentindo a sensação familiar de desafio surgindo dentro de mim. — Um idiota?

Ele se empurra mais para dentro, mas ainda sem me preencher por completo, e sua mão segura meu queixo para manter meu rosto inclinado e nossos olhos cravados. Seu aperto exala toda a sua dominância e possessividade.

— Tenta de novo.

Balanço a cabeça, me recusando a dar a ele o que quer, já que está fazendo o mesmo comigo. Ele recua os quadris, então os bate contra mim.

— Cayden! — grito quando ele me solta, e meus seios se pressionam na saliência de pedra sobre a qual estou praticamente pendurada.

— É isso que eu sou. — Ah, infernos, *essa voz*. Ele me mantém imóvel por um momento, colocando uma das mãos na minha barriga para sentir quão fundo está antes de deslizar para fora e voltar a dar uma estocada. — Me diz *o que eu sou*.

Ele me fode como fez semanas e semanas atrás, e me sinto envolvida demais na sensação para me importar com qualquer outra coisa.

— Meu marido.

— Olha só, foi tão difícil assim? — Ele me recompensa acelerando o ritmo enquanto me mantém presa embaixo dele. O prazer se espalha por meu corpo, e não ouso me mover, por não querer arruinar esse ritmo lindamente torturante. — Você foi feita pra mim — geme ele, saindo apenas o suficiente para me virar e posicionar as minhas pernas ao redor da sua cintura.

Estou toda mole em seus braços, e ele pressiona os lábios nos meus de novo enquanto me carrega pela água. Não me importo para onde está me levando, desde que não pare. Sinto as costas se pressionarem contra a pedra e a água gotejar entre meus seios e sobre os mamilos, intensificando meu prazer conforme Cayden encontra seu ritmo de novo, me fodendo implacavelmente a cada estocada.

— Você é minha, Elowen. — Ele projeta os quadris para a frente para pressionar meu clitóris enquanto está dentro de mim. — Quero te ouvir dizendo isso.

— Eu sou sua.

— Uma esposinha tão perfeita. — Ele segura meus cachos para puxar minha cabeça para trás, passando a língua por meu pescoço. — Levando cada centímetro do meu pau, implorando por ele.

— Porra, você é muito gostoso — digo com um gemido.

Seus olhos escurecem quando as estocadas se tornam cada vez mais frenéticas, e me seguro com as mãos em seus ombros. A pequena cascata gotejante da piscina de cima desliza por seus braços, e mechas molhadas grudam em sua testa.

— Sei que está quase lá, linda. — Assinto freneticamente, ansiosa pela euforia iminente. — Grita o meu nome de novo quando gozar.

A onda familiar de êxtase percorre o meu corpo, e gozo com o nome dele nos lábios. Ele esfrega os quadris contra os meus enquanto se derrama em mim, nos mantendo na mesma posição quando desacelera e cola a testa na minha. Nossas respirações aceleradas se misturam enquanto ele me olha, e um pequeno sorriso curvando meus lábios, em sincronia com o dele. Cayden desliza para fora de mim e nos põe de volta na água, acariciando minhas costas.

Finjo estar triste.

— A gente não vai poder voltar para a festa; você molhou meu cabelo.

Ele nos mergulha sob a água e bolhas saem da minha boca quando dou risada sob a superfície, e continuo quando voltamos à tona. Ele alisa os cabelos para trás, abrindo um sorriso bonito, as gotas de água acompanhando as curvas das covinhas.

— Que pena.

Nosso riso desaparece, e ele me olha com uma suavidade que nunca mostrará ao mundo. Não sei por que, mas isso faz meus olhos arderem. Eu o abraço com força e enterro o rosto em seu pescoço.

— Estou aqui com você, El.

— É que... — Engulo em seco. — Eu sabia que estava sentindo sua falta, mas não percebi o quanto. Mesmo dormindo ao seu lado todas as noites.

— Temos tempo pra resolver tudo isso.

Faço que não com a cabeça.

— O tipo de vida que temos não me permite estar brava com você hoje e não saber se esse vai ser o meu maior arrependimento amanhã. Não quero dar nada como certo. Quero *viver*, mesmo que as circunstâncias sejam as piores possíveis.

— Então será uma honra viver com você. — Ele me abraça mais forte. — Elowen Veles.

— Se continuar dizendo isso, vai se cansar de ouvir meu nome.

— Não existe a menor possibilidade de isso acontecer.

Mergulho os dedos na água e molho o rosto dele, balançando a mão ao ver cintilar as marcas douradas que serpenteiam por minha pele.

— Quer falar sobre isso?

— Falar o quê? — Ele tira um dos braços de mim e examina as marcas na sua mão esquerda.

— Sabe tão bem quanto eu que isso não foi um truque conjurado por Asena ou Ophir. Você sentiu. Além de absorver nosso sangue, essas marcas curaram nossos cortes.

Ele solta um suspiro.

— Por favor, não vá fugir pra se juntar a uma seita. — Estreito os olhos em resposta.

— Você provou que tem algum tipo de magia no sangue quando entrou na mente de Basilius. Pode ter sido um resultado dessa magia selando os votos quando nosso sangue se uniu.

— Faz sentido.

— Obrigado por notar que não sou um completo imbecil. — Jogo mais água nele, desenganchando as pernas de sua cintura e nadando para longe. As pedrarias em meu cabelo reluzem e permanecem presas nas mechas molhadas. — Você parece uma sereia enviada para me atrair para a morte.

Vou nadando entre os pequenos riachos, mantendo-me na escuridão na gruta.

— Talvez eu seja.

— Desde que morra com o seu gosto nos lábios, vou considerar esta uma vida bem vivida e um fim melhor do que mereço.

CAPÍTULO

TRINTA E NOVE

Cayden

Volto para a cama enquanto a luz dourada pinta o quarto, e afasto os cachos bagunçados de Elowen para beijar suas costas. Sei que ela odeia quando seu cabelo fica assim, despenteado e rebelde. Provavelmente vai fazer beicinho no espelho quando se olhar, mas eu adoro. Talvez porque sei que foram os meus dedos que o deixaram assim, e a minha parte possessiva ama isso. Ela murmura dormindo, se arqueando para o meu toque enquanto seus lindos olhos castanhos piscam ao se abrir.

— Bom dia, amor — murmuro, e a aspereza na minha voz a faz se arquear de novo.

O vestido de noiva dela está pendurado em uma das cadeiras, e de alguma forma conseguimos chegar em casa com ela vestindo minha túnica e eu a minha calça, colocada enquanto tropeçávamos para dentro de uma carruagem. Os convidados do casamento com certeza nos viram, mas eu não estava nem aí. Ela subiu no meu colo assim que as portas se fecharam, me cavalgando com o rosto enterrado no meu pescoço. Passei a noite a possuindo de todas as formas, em todos os móveis dos nossos aposentos.

Ela boceja, passando o dedo pela corrente ao redor do meu pescoço e me puxando de volta para si, fazendo os pratos na cama chacoalharem. Ela senta, segurando o lençol sobre o peito enquanto o olhar percorre o quarto.

— C-como? Quando? — Eu a puxo para que fique entre minhas pernas, acomodando-a de costas contra meu peito; então sirvo um pouco de café numa xícara

delicada na bandeja, adoçando-o do jeito que ela gosta. — Tem tantos buquês que mal consigo ver o chão.

Dou um beijo demorado em seu pescoço em resposta. Ela não está errada. A câmara está com cheiro de floricultura, com buquês em tons variados das escamas dos dragões dela — tanto as cores dominantes quanto as das marcas. Ela se vira para me encarar, passando os olhos por meu rosto. Não costumo estranhar pessoas me encarando, mas é diferente quando Elowen faz isso — sem um pingo de medo ou ódio. Não, quando ela olha para mim, é como se estivesse tentando ver dentro da minha alma.

— Obrigada. — Ela beija minha bochecha e, por reflexo, meus braços a envolvem. — Tenho um presente para você também. — Ela se desvencilha de mim e solta um gemido baixo enquanto manca até o armário. — Nem pense em transar comigo hoje.

— Desculpa, amor — falo, dando uma risadinha. — Não vou chegar nem perto de você, mas não me responsabilizo sobre o que vai se passar na minha mente.

Deixo de lado o desconforto inicial com a ideia de que ela me comprou algo. É a mesma sensação que tive quando ela me comprou as joias. Não que eu nunca tenha ganhado presentes — minha mãe costumava fazer seu melhor com o pouco que tínhamos, e Ryder e Saskia me compraram várias coisas ao longo dos anos —, mas, como todo o resto, com Elowen é diferente.

Ela volta com uma caixa quadrada nos braços, parecendo muito mais hesitante quando retoma a posição anterior e puxa os cobertores sobre nossas pernas.

— Se você odiar, pode jogar no fogo, e nunca mais falamos sobre isso.

Minhas sobrancelhas se erguem. O que ela poderia ter...

Minha mente fica em silêncio quando abro a tampa, olhando para o bolo que não como desde os 11 anos. O aroma de mirtilo e açúcar chega até mim, e traz consigo memórias de folhas de outono caindo no chão e minha mãe reclamando que eu estava crescendo rápido demais. Elowen respira fundo.

— Sei que não vai ser igual, porque não tenho a receita, mas tentei várias vezes até achar que consegui chegar perto daquele que você descreveu. — Seu tom ansioso me provoca um aperto no peito, mas é como se eu estivesse congelado. — Eu não quero

ultrapassar os seus limites.

Acordando do transe, coloco a caixa na cama e puxo o rosto dela para o meu, silenciando o falatório e os pensamentos com um único movimento. Mantenho o beijo bem lento, querendo derramar cada gota do que estou sentindo por ela, porque colocar em palavras vai parecer demais como uma despedida. Experimentar o amor é como estar sempre à espera de uma tragédia, e dizer que a amo seria como chegar ao pico da montanha que escalamos e ficar esperando que alguém nos empurre lá de cima.

— Eu amei — murmuro, encostando a testa na dela e passando o polegar por seus lábios. — Tenho pena daqueles que nunca vão conhecer esse lado seu, mas ao mesmo tempo sou grato por isso.

Ela sorri para mim, e aquela mesma sensação de presságio sombrio no fundo do meu estômago não se dissipa, fica mais forte. Nunca tive medo antes de uma batalha, mas agora estou me borrando. Consigo esconder tudo isso, evitando que transpareça, enquanto ela corta o bolo e me passa uma fatia. Elowen come alguns doces da bandeja e toma golinhos do café, servindo uma xícara para mim também.

— *Puta merda* — resmungo com o garfo na boca, e os olhos dela se voltam para os meus de novo. — Detesto concordar com qualquer coisa que Finnian diz, mas você levaria todas as outras padarias de Ravaryn à falência. — Ela ri, jogando um morango no meu rosto. — Não estou brincando. Eu não teria coragem de provocar a Rainha dos Dragões.

— Vou adicionar isso à sua lista de mentiras. — Ela sacode a mão. — Eu me contento em cozinhar para as pessoas de quem gosto e parar por aí mesmo.

Termino a fatia que ela me deu e abro a gaveta da minha mesinha de cabeceira, puxando uma caixa de veludo.

— Tenho mais uma coisa pra você.

— Não. — Ela sacode a cabeça, segurando meu pulso para empurrá-lo de volta em direção à mesinha. — Você já me deu coisas demais.

— Isso é uma questão de perspectiva, e fico feliz em informar que você está errada.

— Eu nunca estou errada — afirma ela, mergulhando um morango no chantilly e

batendo os cílios enquanto lambe o restante dos dedos. — Talvez eu não queira outro presente. Talvez queira outra coisa.

Uma respiração áspera escapa do meu peito enquanto empurro a caixa para ela, roçando os dedos por suas coxas conforme ela abre. Seu rosto se ilumina quando ela olha amorosamente para o que está ali dentro.

— Ainda quer outra coisa?

Ela aproxima do rosto uma das duas pulseiras idênticas e de confecção intricada: um dragão com as asas abertas o suficiente para se encontrarem na parte de baixo do pulso dela, com uma cauda longa que se enrola ao redor do dedo médio. A peça é reforçada por uma segunda faixa que se fecha ao redor do punho na posição perfeita para esconder as cicatrizes deixadas pelos grilhões.

— El. — Os olhos dela disparam para os meus de novo. — Você é perfeita aos meus olhos, e não precisa esconder nenhuma cicatriz, por dentro ou por fora, mas sei como é desejar poder escondê-las às vezes.

Mal dá tempo de eu terminar de falar antes que ela elimine a distância entre nós, e a viro até deixá-la embaixo de mim, se contorcendo e ofegando, exatamente como quero. Minha língua pressiona seu pescoço, descendo pelo vale dos seios enquanto ela geme e, deuses, como eu amo esse som.

Ouvimos alguém esmurrando a porta quando estou beijando sua barriga, e ela fica rígida.

— Pensei que você tinha dito que não iam interromper a gente.

— Disse mesmo. — Saskia, Ryder e Finnian disseram que ficariam no castelo enquanto Elowen e eu celebrávamos nosso casamento do jeito que quiséssemos, e os criados foram avisados para nos deixar em paz. Saio de cima dela, vestindo o roupão preto e me inclinando para dar um beijo em sua testa. — Com certeza não é nada.

Quando chego à porta na sala de estar dos aposentos, aquela mesma sensação familiar de pavor se agarra a mim de novo. Meus instintos me dizem para não abrir, para ignorar o mundo e manter Elowen aqui, mas isso é só um sonho. Manhãs tranquilas e longe do alcance da guerra ainda não são nossa vida — mas pode vir a ser.

Vai ser.

Braxton está do outro lado, um pedido de desculpas que não vocaliza revestindo seus olhos âmbar.

— Forças de Thirwen foram avistadas. Ainda temos tempo, mas se é para continuar com o plano...

— Vamos ter que partir ao anoitecer — afirmo, impassível. — Convoque os outros. Nos encontramos em meia hora para discutir a estratégia.

Ele abaixa a cabeça antes de recuar pelo corredor, e fecho a porta suavemente de novo. Sinto os olhos de Elowen nas minhas costas, ciente de que ela ouviu a conversa inteira, e quando me viro a vejo apoiada no batente da porta usando uma das minhas camisas.

— E é assim que começa.

Confirmo com a cabeça.

— Para a guerra, meu amor.

Parte III

A GUERRA DOS QUATRO REINOS

CAPÍTULO

QUARENTA

Elowen

Eu me recosto no peito de Venatrix, mantendo uma bota cruzada sobre a outra enquanto observo a água escura lamber a praia. Nossos navios ancorados balançam na enseada rochosa, e soldados continuam inundando a praia em armaduras em preto e azul. Eles empurraram os botes para a areia o suficiente para impedir que sejam levados pela maré. Com o manto da escuridão e a distância entre nós e nosso alvo, não vamos ser vistos, mas precisamos atacar depressa.

Esta será a primeira batalha na guerra que venho travando desde o dia em que meus dragões e eu fomos acorrentados. Não estou lutando nesta guerra por validação. Quando a história é escrita, raramente favorece as mulheres. Não me importo em saber como sou percebida; tudo o que me importa é a sobrevivência e a vingança. Quero um mundo melhor, e a única forma de conseguir isso é ungindo a terra no sangue dos meus inimigos.

Duas balestras estão presas à minha sela, com aljavas fechadas com setas sobressalentes ao lado. Sempre vou preferir as facas, mas passei a gostar da sensação de disparar essas armas. Finnian se aproxima primeiro, e aproveito o momento para observá-lo, vendo-o trajando a armadura completa: como no restante do exército, veludo azul acolchoado cobre o aço no peito, e o brasão da Casa Veles está estampado na placa que prende as ombreiras. Vi muitas versões dele ao longo dos anos, mas nunca

a de comandante, e acho que lhe cai bem. Os ombros estão mais alinhados, o queixo, mais alto, e ele ganhou um pouco de musculatura treinando com Cayden e Ryder.

— Os batalhões estão prontos para marchar — diz ele.

Sinto as palmas das mãos formigarem. Não por mim, mas por ele.

— Você vai liderar a investida?

— Não. — Ele olha para baixo por um momento. — Cayden foi contra, já que nunca estive numa batalha dessa magnitude. Ele me disse para me acostumar ao campo de batalha antes de correr para a vanguarda.

Meu alívio é perceptível, mas não suficiente, sabendo que Cayden tem essa experiência e que vai estar na linha de frente. Assim como ajo com meus dragões, meu marido não vai mandar os soldados para uma batalha em que não esteja no comando — principalmente quando a vingança que almejou por anos está enfim ao seu alcance. A urgência de perguntar a Finnian se ele está pronto para isso borbulha em mim, mas, pelo bem dele, silencio esse sentimento.

— Você está nessa posição porque merece, porque é um lutador temível, Finnian. Eu também não estaria liderando uma investida se estivesse lutando no chão. Não tenho experiência.

Ele assente, parecendo aliviado por minha confiança, mas não reage muito bem quando Cayden se aproxima envergando uma armadura inteiramente preta com o emblema da Casa Veles no peito. Cayden já é mais alto que a maioria dos homens, e a armadura enfatiza isso, tornando-o ainda maior. Escamas de dragão cobrem o peito e a parte superior das coxas e brilham sobre a cota de malha que separa suas ombreiras das manoplas com espinhos que cobrem os pulsos e as mãos. O elmo parece um dragão com as asas se abrindo para longe do rosto e dois chifres curvos se projetando do topo. Fora os olhos, esconde por inteiro as feições, e essa visão sinistra é suficiente para inspirar medo em qualquer inimigo.

Finnian olha por cima do ombro rapidamente.

— Vou para o meu posto.

Dou um abraço nele, murmurando junto ao seu peito:

— Atira pra valer.

Seus braços me apertam, nos deixando mais próximos.

— Acho que agora devo te dizer o mesmo.

Solto uma risada suave, batendo de leve nas coxas revestidas de facas.

— Ainda posso conseguir alguns bons arremessos.

— Você sempre consegue.

Ele acena para Cayden enquanto recua, voltando para os soldados de Aestilian.

Cayden para a alguns metros de distância e remove o elmo, absorvendo cada detalhe, como sempre faz antes de uma batalha. Ele começa por baixo, arrastando os olhos por meu casaco de couro também coberto de escamas de dragão, com fendas duplas altas para minhas lâminas serem acessadas facilmente. O forro de pele me mantém aquecida, e dois painéis de tecido azul-escuro pendem das cabeças de dragão nos meus ombros. Não quis usar uma armadura completa, sabendo que vou precisar me deslocar com Venatrix. Meu cabelo está arrumado no penteado de voo de sempre, com várias trancinhas ao longo do couro cabeludo se unindo a uma maior que vai até minha cintura, e um emblema dourado da Casa Veles repousa em uma faixa dourada no centro da minha testa.

— Nenhuma flor? — pergunta ele, e como resposta mostro a parte de trás da cabeça, onde enfiei algumas das flores com que ele me presenteou.

É difícil acreditar que poucas horas atrás acordamos na mesma cama, comendo doces e trocando presentes. Um sorriso tênue floresce em seus lábios, mas há uma intensidade nos olhos que não pode ser disfarçada enquanto ele se aproxima, agarrando a parte de trás do meu pescoço.

— Ataque com força e rapidez. Sem demora. Sem hesitação. Sem misericórdia. Faça o que é preciso fazer e volte pra casa, para mim. Não importa se os serpes têm ginetes, você é melhor que qualquer um deles. O fogo arde no seu sangue. Seus dragões são mais rápidos e mais ferozes, mas você é a mais temível de todos.

Assinto, absorvendo suas palavras, deixando que ecoem através de mim como um tambor de guerra. Enfio os dedos sob o decote para puxar os dois anéis que adicionei ao

meu colar, ao lado do meu pingente de pedra da lua.

— Contrariando meu juízo, eu pareço gostar bastante da sua presença. — Em seguida os coloco de volta onde estavam. — Mantenha os olhos no campo, não no céu, soldado.

Ele me beija antes de recuar, apoiando as mãos no cabo da espada.

— Sei muito bem manter um olho em você enquanto os outros estão tentando me matar. É uma habilidade invejável, e tenho orgulho disso.

Ele coloca o elmo de volta, o que o torna um demônio de mais de dois metros e dez de altura, e encontra Ryder à distância. Eu me viro para Venatrix, pressionando a testa na sua quando ela se abaixa, e deslizo os dedos pelas escamas. Começo a me comunicar pelo vínculo, deixando-o fluir através de mim, me consumir. Uma luz dourada ilumina minha alma quando me torno uma só com minha dragoa. Respiro quando ela respira, e nossos corações batem como um só.

— Vamos pra guerra, minha doçura.

As escamas vermelhas ficam pretas, e os outros dragões seguem o exemplo, espelhando a escuridão que cobre o céu. A única vivacidade vem dos olhos deles. Estão inquietos e ansiosos para começar sua busca por sangue, com as garras batendo no chão a cada poucos segundos. Fico me perguntando se conseguem sentir a selvageria reverberando em mim, se estamos ligados até em nossa vingança.

— *Solka* — digo quando a monto, me agarrando à sela enquanto Venatrix afunda as garras na areia para pegar impulso; é o comando para *voar* em ravariano.

Um por um, cada par de olhos na praia se vira para testemunhar uma visão que ninguém pensava possível. Meu poder crepita no ar, e uma melodia de força ilimitada é criada pelo vento que percorre as asas dos dragões. Eu os conduzo silenciosamente para o céu, alto o suficiente para que a noite nos esconda. Uma tempestade de fogo encarnada sobre suas sombras de morte e cinzas.

Seguindo o plano que discutimos, voo para longe da costa, em direção à parte de trás da frota de Thirwen. É imensa. Centenas de navios ostentam o emblema da Casa Liluria, separando sua força dos navios de Imirath, mais perto da costa. Um kraken

preto com os tentáculos enrolados ao redor de um navio adorna suas velas vermelho-escuras, e nenhuma das embarcações têm ideia de que seu fim se aproxima esta noite.

A água banha os cascos dos navios, e as tochas tremulam nos conveses, iluminando as provisões que Thirwen transporta. Caixotes com comida e armas são passados entre os soldados. Se houvesse uma forma de saquear os navios, faria isso, mas a vitória é mais importante.

Gritos de guerra rompem o silêncio na praia, e fecho os olhos, murmurando uma prece por meus dragões, meus amigos e meu marido, apesar de nunca ter tido uma prece atendida na vida.

Deixo as lembranças do passado me dominarem, tomando o primeiro plano na minha mente. Penso nos dias gélidos e escaldantes na masmorra; no meu sangue jorrando do corpo e ensopando o chão. Penso nas mãos que me tocaram sem meu consentimento, quando eu era criança demais até para consentir. Penso na humilhação, na vergonha e no olhar do meu pai enquanto era espancada diante do seu trono. *Meu trono.* Penso nos meus dragões sendo acorrentados e arrancados de mim, e na dor destruidora me consumindo quando Garrick tentou quebrar meu vínculo.

— *Zayèra*. — "Fogo de dragão."

Embora os dragões respondam aos meus comandos na língua comum, parece mais natural quando falo com eles em ravariano. Venatrix balança a cabeça como se despertasse de um longo sono.

Ela mergulha bruscamente, e um grito de batalha forjado em voo e fúria se rasga livre da minha garganta enquanto o vento grita nos meus ouvidos, não fazendo nada para abafar os rugidos que ecoam dos meus dragões. Eles revelam suas escamas vibrantes conforme as chamas flamejantes engolem dez navios em um sopro. Os cascos racham e estilhaçam, e soldados de armadura completa pulam na água, a menos que sejam pegos no fogo cruzado. O aço vai arrastá-los para as profundezas do Dolente, fugindo das chamas apenas para serem tragados pela maré.

Fico boquiaberta olhando ao redor. As chamas dos meus dragões são diferentes daquelas que os vi soprar anteriormente — o fogo reflete a cor de suas escamas. Chamas

vermelhas como a cereja mais madura explodem da boca de Venatrix, riscadas de rosa e dourado. O calor que as acompanha é avassalador, muito mais quente que fogo terrestre. Sorin lança sobre um navio chamas esmeralda com preto dançando em seu interior, e Basilius faz o mesmo, as suas em um tom de lavanda. As chamas prateadas de Calithea, capazes de derreter a carne, brilham como estrelas, e as de Delmira queimam como um céu azul com o sol no centro.

Lembro-me de Asena me dizendo que fogo de dragão e fogo terrestre eram dois elementos inteiramente diferentes, mas não esperava que sua aparência fosse tão distinta. O fogo de dragão é tão lindo que um observador se queimaria tentando engarrafá-lo como um suvenir.

Os gritos chegam até mim, misturados à essência de sua morte conforme a fumaça faz meus olhos arderem. Venatrix explode outro navio, cuspindo fogo enquanto plana logo acima da água, ampliando a área atingida ainda mais conforme vira a cabeça de um lado para o outro. Guinchos agudos e estridentes soam à distância, e vejo corpos de escamas e couro se debatendo pelo ar.

Serpes.

Sem misericórdia, ecoa a voz de Cayden na minha mente. São eles ou nós, então endureço o coração e sigo em frente.

— Venatrix, Sorin, Calithea — comando. — *Vetàs tesis wyverns!* — "Ataquem os serpes."

Venatrix inclina as asas para cima, e os outros dois respondem com rugidos enquanto Basilius e Delmira ficam para trás para continuar incendiando a frota. Imirath vai passar eras removendo destroços deste cemitério de navios despedaçados. Ninguém conseguirá navegar para este porto quando terminarmos.

Subimos bruscamente, e sinto um solavanco na sela quando a mandíbula de Venatrix se desloca e se prende ao redor do pescoço de um serpe. Ela pega a fera de surpresa e suas presas cortam a carne como manteiga quente, o sangue borrifando sobre nós duas. Os olhos da ginete estão de todo brancos enquanto ela tenta manter controle sobre a conexão mental com o serpe, mas clareiam quando a fera fica inerte sob o aperto

de Venatrix. O terror se estampa no rosto da mulher quando Venatrix desprende os dentes e disparo a balestra, acertando a ginete bem no peito antes que a dragoa largue a dupla no mar.

Prendo a balestra na sela de novo, olhando em direção à praia arenosa encharcada de sangue e salpicada de corpos. Sorin mata dois serpes que voam perto do chão, atingindo vários soldados inimigos com a explosão. Calithea não está longe, disparando atrás de um serpe que se aproxima de mim e o decapitando.

A batalha continua em meio à chuva de sangue e entranhas, e o tilintar de espadas sobe até mim.

Escancaro os dentes, continuando a disparar comandos pelo vínculo e deixando toda a Imirath e seus aliados verem o que acontece quando se faz mal a alguém mais poderoso que você.

Cayden

Deixo uma trilha de cadáveres em meu rastro, me desviando das entranhas que Elowen faz chover do céu e das flechas apontadas para mim. O sangue desliza por minha armadura e, embora nunca tenha tido problema em incutir medo nos inimigos, o elmo de dragão por certo ajuda. Só o que isso faz é solidificar a imagem que Ravaryn tem de mim: não totalmente humano, mas algum tipo de monstro governado por um demônio à espreita.

Alguém investe contra mim, e giro para longe do golpe, atravessando a parte de trás do crânio do oponente com uma das minhas espadas. O sangue jorra da boca aberta enquanto puxo a lâmina de volta, imortalizando seu último grito de batalha. Sou um artista, mas não como Ryder, que passa horas misturando tintas em busca do tom perfeito. Minha lâmina é meu pincel, e a única cor que vejo é o vermelho.

Preciso de mais.

Anseio por mais.

Capturo um lampejo prateado com o canto do olho, e enterro uma das minhas espadas na areia, puxando uma faca da bainha na coxa e a enfiando no pescoço do inimigo que se lança em direção a Ryder. Ele não se tornou meu segundo em comando porque é meu melhor amigo. Sua posição foi conquistada em batalha, mas continuo o protegendo por instinto. Às vezes, quando olho para ele, vejo aquele garoto magrelo, que não sabia segurar uma espada, me implorando para ajudar a irmã. Ele não é meu irmão pelo sangue que compartilhamos, mas pelo sangue que derramamos.

— Ele estava na minha mira! — grita Ryder, abrindo a barriga do soldado com quem estava lutando.

— Ah, sim, com certeza — respondo só para irritá-lo.

Oito homens formam um círculo ao meu redor, e retomo o cabo da minha lâmina descartada, girando-a enquanto se fecham sobre mim. O elmo abafa minha risada. Imirath pode mandar oito homens ou oitenta — vou abrir todos na espada. Quando tinha 14 anos, arranquei a traqueia de um homem com os dentes nos ringues de luta; depois disso, a maioria dos confrontos parecem amenos.

Rasgo as armaduras com a lâmina, girando e manobrando ao redor das espadas que tentam e não conseguem me derrubar. Um deles mira minha perna, e cravo sua lâmina na areia com o pé e quebro sua mandíbula com a outra bota. Os corpos deles se juntam aos cadáveres que me cercam, servindo como um aviso para qualquer um que decida que é corajoso o suficiente para lutar contra mim.

Não sou um rei nem um comandante no campo.

Sou um deus.

Chamas se elevam à minha esquerda, e o calor atinge meu rosto enquanto o cheiro de carne queimando faz meu nariz arder. Aquilo atrai os olhos de todos na praia. Elowen é um farol no campo de batalha, assombrando a mente de cada soldado montada em Venatrix, garantindo que todos possam ver que a Rainha dos Dragões está aqui para tomar o que lhe foi roubado. A explosão de chamas vermelhas engole todos os

soldados de Imirath e Thirwen que atiram flechas das muralhas do forte. Os estandartes roxos com um tridente dourado atravessando uma coroa que emolduram a entrada são vítimas da ira de Elowen, assim como os atracadouros que se projetam para o mar. A visão de Elowen destruindo o símbolo da Casa Atarah depois de assumir meu nome é algo que nunca vou esquecer.

Dou um passo para o lado, rapidamente desviando de uma espada brandida próxima ao meu rosto. O soldado rosna e, embora a armadura indique que é de Thirwen, não sinto nenhuma magia. Parece que todos seus esforços em termos de magia estão focados nos serpes, mas eu esperava mais. Isso me mantém alerta. Ele se prepara para me atacar de novo, mas o agarro pelo pulso, torcendo seu braço atrás das costas e o colocando de joelhos.

— Você não deveria ter mirado no rosto. Minha esposa gosta de mim bonito.

Corto o pescoço dele, empurrando-o para chão com os outros enquanto continuo avançando contra o inimigo. Uma vez meu pai me disse que destruo tudo que toco e, em vez de lutar contra isso, encarnei a própria destruição. Aço se choca com aço e botas chafurdam na areia molhada.

Outro soldado se aproxima e range os dentes enquanto aperta o cabo da espada, como se isso fosse salvá-lo. Giro meu par de lâminas idênticas, afastando os pés e esperando que ele avance, porque prefiro começar na defensiva. Quando parto para a ofensiva rápido demais, a luta termina antes que meus músculos comecem a queimar. Ele puxa a espada para trás assim que o chão treme sob nossos pés. O soldado olha para baixo, e dou um fim nele pela hesitação.

O chão treme de novo, e o sangue ondula nas poças ao longo da praia.

— Recuar! — ouço à distância. — RECUAR!

Ao meu redor, os soldados de Vareveth começam a comemorar quando as forças combinadas de Imirath e Thirwen correm de volta na direção da cidade portuária. Ryder olha para mim, mas faço que não com a cabeça. Tem alguma coisa errada. Eles não desistiriam do forte tão facilmente.

— Mantenham as posições! — ordeno. — Nós não aceitamos rendições!

Rochas ao longo dos penhascos que emolduram a baía caem na água, e embora o forte não tenha colapsado completamente, logo vai desmoronar. Poeira e pedras caem lá de cima. Asena e sua seita nos acompanharam, enquanto Ophir ficou para trás, precisando se preparar para a jornada até Galakin, mas sei que isso não foi um feito dela. Sua tarefa é manipular o fogo para atravessar as linhas inimigas, nada que justificasse esse nível de reação da paisagem.

Uma luz ofuscante se ergue atrás de mim, e faíscas explodem pelo ar enquanto a luminosidade se dissolve. Todos prendem a respiração, e o ar ao nosso redor fica mais espesso, como se estivesse saturado de umidade e sendo puxado para longe de nós. Os gritos fazem os ouvidos zumbirem quando um arco transparente — *uma proteção conjurada por magia* — se forma lá no alto, atrás de nós, ainda mais alto que Elowen, que está voando do outro lado. O arco é mais longo que a praia e começa a se fechar para dentro. Ryder e eu estamos no território deles, pois lideramos a investida.

— Por todos os infernos — murmuro. — Malditos magos.

Uma debandada de soldados atravessa a areia, entrando em um frenesi sem direção enquanto lutam para alcançar seus respectivos lados. Qualquer um que esteja do lado errado da barreira de proteção quando se fechar será executado ou capturado como prisioneiro. Alguém bate no meu ombro ruim, e cerro os dentes, rapidamente me endireitando quando abro caminho até Ryder, não me importando com quem estou derrubando. Mal reparo nos arredores enquanto vou brandindo as lâminas, desviando tanto dos inimigos quanto dos meus soldados, que tentam correr para a segurança. O céu sobre mim está revestido pela cúpula, que cresce cada vez mais para dentro do território deles, conforme o espaço para sairmos fica menor a cada segundo.

— Ryder! — grito, vislumbrando-o em meio ao caos.

— Sai daqui! — berra ele, que está mais entranhado no território de Imirath do que eu, mas continuo abrindo caminho até ele na base da matança.

Eles se aglomeram ao nosso redor como moscas pretas em busca de sangue, mas consigo chegar até ele, cortando o último soldado entre nós. Ryder olha para mim, sujo de sangue e ofegante, com o alívio estampado no rosto. Não precisamos dizer nada

enquanto tomamos a direção contrária e marcamos nosso caminho com entranhas e cadáveres. Quanto mais nos aproximamos do fechamento da barreira, mais apertado o espaço fica. As espadas não têm mais utilidade, e usamos nossa altura e tamanho como vantagem, acotovelando e empurrando, mantendo o equilíbrio enquanto pisamos sobre corpos, tanto vivos quanto mortos.

Não existe o bem e o mal na guerra, só os sobreviventes e os mortos.

E, porra, eu não vou morrer hoje.

Mantenho os olhos cravados em Elowen, que voa em direção ao campo de força enquanto luto para sair do inferno, enfim encontrando uma razão que não seja o egoísmo para fazê-lo.

CAPÍTULO

QUARENTA E UM

Elowen

Venatrix rasga outro serpe, e comando que voe pela praia e se dirija à barreira que está se fechando. Cayden e Ryder lideram as investidas, então não há chance de que estejam do nosso lado. Preciso encontrar um jeito de ao menos retardar a magia para dar a eles uma chance de escapar. Os soldados estão tão aglomerados que a massa de gente mal se move. A maioria vai ser esmagada até a morte antes sequer de a abertura se fechar. O único pequeno alento é saber que Finnian não está com eles.

As correias da sela se esticam quando Venatrix dá uma guinada, oferecendo as costas ao chão enquanto as paredes cintilantes se aproximam.

— *Zayèra!*

Venatrix lança suas chamas em direção às barreiras com o ânimo revigorado, afastando a magia para garantir aos soldados lá embaixo um pouco mais de tempo. Eu me viro para proteger os olhos do calor e vejo Sorin cravar as garras em um serpe que o golpeia com a cauda, mas as escamas do dragão resistem aos espinhos venenosos. Ele o envolve em chamas verde-esmeralda, derretendo a carne do ginete e deixando ambos irem de encontro ao mar. Sorin revela as presas ensanguentadas e solta um rugido furioso, chamando para a luta qualquer um que possa estar à espreita à distância, para que possa encontrar sua ruína.

Basilius vem até nós, espelhando Venatrix e envolvendo as barreiras às minhas

costas em fogo de dragão. Consigo sentir seu poder, algo desperta dentro de mim através deles. É como lembrar de algo que você esqueceu momentos antes, quando estava na ponta da língua.

Mas as barreiras ficam mais fortes, seguem avançando contra nós, e os dragões são forçados a continuar descendo. Venatrix se sacode quando flechas são disparadas contra mim, ricocheteando em suas escamas. Sinto o sangue gelar conforme voamos mais baixo. O cheiro de enxofre é pesado aqui embaixo. Evoca lembranças do dia em que meu pai tentou quebrar meu vínculo com os dragões. Olho por cima do ombro, tentando encontrar Cayden quando estou perto o suficiente do chão para distinguir rostos, mas é impossível localizá-lo.

Venatrix e Basilius são forçados a abandonar seus esforços. Seus corpos são grandes demais para continuar lutando dentro daquele espaço. O calor me atinge quando uma grande explosão ressoa pelo ar. Venatrix se inclina para cima, bloqueando a maior parte das chamas ondulantes que não foram conjuradas por nenhum dos meus dragões. Membros decepados e corpos escaldados voam para longe da abertura. A cúpula se estende para dentro de Imirath até onde meus olhos alcançam, e procuro do nosso lado por algum sinal de Cayden.

Se ele estiver preso em Imirath, não existe nada que eu não seria capaz de fazer para romper essa barreira.

Com os soldados sobreviventes diminuindo e cadáveres cobrindo a praia como grãos de areia — próximos demais e impossíveis de diferenciar —, vejo Cayden. Como uma fênix surgindo das cinzas, ou um monstro saindo de um oceano feito de sangue, Cayden se levanta de onde cobriu o corpo de Ryder com o seu. Seus olhos ardem com um ódio que seiscentos homens somados não seriam capazes de sentir. Ele joga o elmo de lado, arreganhando os dentes cobertos de sangue, e ergue duas espadas contra os inimigos ao seu redor.

Ah, deuses.

O sangue escorre do canto de sua boca, e quando voo até ele vejo os pedaços de metal brilhante despontando de sua armadura. Seu esforço só vai piorar as coisas, mas

ele felizmente dá conta dos soldados feridos depressa. Ryder se ergue do chão ileso, mas um tanto instável. Desamarro as correias da sela antes de Venatrix pousar e deslizo por sua asa, saltando em queda livre para a praia quando ela está perto o suficiente e correndo até os dois.

Cayden cospe sangue, limpando a boca com o dorso da mão antes de colocá-la em meu rosto.

— Você está ferida?

— Estou bem. — Fragmentos da bomba, fosse ela qual fosse, continuam brilhando em um tom de verde doentio, despontando do lado direito de seu peito e braço em pedaços afiados. — Cayden...

Aquilo foi forjado com magia.

Não sei como curar feridas causadas por magia.

Meu pânico começa a aumentar.

— Não se preocupe comigo — insiste Cayden.

— A bomba era venenosa — interrompe Ryder, tirando o elmo. — Há um mago em Thirwen que cria esse tipo de coisa, ele deve estar aqui. Seu nome é Nykeem. Sua marca registrada é o metal verde.

— Que tipo de veneno? — questiono. — Nyrinn está no acampamento com os outros curandeiros...

— Ele não vai aguentar chegar lá — interrompe Ryder. — É o próprio mago que faz o veneno, e mexe com magia das trevas.

— Para de ser tão dramático — retruca Cayden. — Não passa de um arranhãozinho de merda.

— Tem vários pedaços de metal saindo de você — rosna Ryder.

Cayden dá de ombros, encarando Ryder com olhos vidrados.

— Vários arranhões.

Meu estômago revira, e minha respiração acelera. Viro a cabeça em todas as direções, procurando pela única pessoa que pode me ajudar.

— Asena! — Minha voz sai estridente, e as emoções comprimem minha garganta.

Faço o possível para contê-las, mas é quase impossível. — Asena!

Ela tem a magia do fogo, assim como muitos em Galakin, e os magos de lá são conhecidos por canalizar essa magia em habilidades de cura.

Asena deve ser capaz de ajudar.

Alguém precisa fazer alguma coisa.

Cayden põe a outra mão em meu rosto, trazendo meu olhar de volta ao seu quando Asena aparece trajando couros manchados de sangue e uma camisa vermelha como homenagem à deusa.

— Estou aqui, minha rainha.

— Você tem a magia do fogo. Isso significa que também tem magia de cura?

— Eu estou bem, amor. Só preciso tirar esses pedaços e tomar um tônico neutralizante.

— Seu idiota — grita Ryder. — Seu idiota de merda!

— Um obrigado já seria suficiente.

— Não tenho como curar um veneno que não sei identificar — avisa ela, com uma expressão grave no rosto ao examinar Cayden.

— Quem pode?

— A deusa — diz ela.

Balanço negativamente a cabeça, recusando-me a acreditar. Suas sobrancelhas se franzem, e ela comprime os lábios enquanto olha para as marcas em nossas mãos.

— Existem limites para a magia mortal, mas talvez haja outro jeito.

Ela começa a entoar um cântico em ravariano enquanto abre um portal. As pernas de Cayden cedem, ele cai de joelhos, e eu me ajoelho junto. Venatrix assume uma postura protetora acima de nós, pegando os cadáveres com as garras para abrir espaço em meio à carnificina. Ryder força Cayden a deitar de costas, e consigo encontrar uma parte limpa nas minhas roupas para secar as mãos.

— Posso começar a remover os fragmentos?

— Eu não sei! — Ryder joga as mãos para cima.

— Sim. Volto num instante — responde Asena antes de atravessar rapidamente o

portal.

— Certo. — Empurro os fios soltos do cabelo para atrás das orelhas e respiro fundo. Já curei incontáveis ferimentos. Eu consigo fazer isso. Não posso deixá-lo morrer. — Cayden, isso vai doer.

— Pode fazer o que for preciso — diz ele.

Não perco tempo antes de envolver o primeiro fragmento com a mão, tomando cuidado para não me cortar, e arrancá-lo. Cayden nem pisca, e fico preocupada que seu corpo esteja dormente até olhar para baixo, onde sua mão aperta o cabo da espada. Removo outro fragmento que descia por seu lado direito e, mais uma vez, *nenhuma* reação. Eu me pergunto quanta dor ele sentiu na vida para conseguir se segurar tão bem quando qualquer outra pessoa estaria gritando. Se pudesse matar o pai dele eu mesma, faria isso, e sem pressa alguma. Apenas os anos de treinamento me impedem de perder a cabeça. Sei que não tenho como curá-lo, mas posso pelo menos prepará-lo para quem quer que Asena esteja trazendo.

Seus olhos encontram os meus.

— Nada do que fizer comigo pode me machucar.

— Nós dois sabemos que isso é mentira — sussurro.

Engulo por cima do nó na garganta e continuo removendo os fragmentos até não sobrar nenhum, e começo a soltar sua armadura. Por que o amor não consegue encontrar um jeito de se desassociar da tragédia?

Ah, deuses.

Eu o amo.

Acho que já faz tempo, mas como pude não ter notado? O amor é o sentimento que infla meu peito sempre que ele está por perto, como se eu fosse explodir se não estiver em seus braços. O amor é o motivo por que ele beija minhas lágrimas e cicatrizes para substituir minha dor por adoração. É o que faz minha respiração parar quando ele encosta em mim, tanto nos toques mais íntimos como nos mais simples, e é o que deixa minhas pernas bambas quando ele me encara com intensidade no olhar.

O amor está tão entranhado em nosso cotidiano que mal percebemos quando está

bem na nossa frente, porque ele sempre esteve lá.

Nos últimos meses, Cayden tem escalado as paredes da fortaleza onde mantenho meu coração trancafiado. Sou inteiramente dele. Tentar não o amar é como tentar sobreviver sem respirar.

Solto as correias da armadura e corto a camisa até expor seu peito. Aperto os lábios para não gritar. Ryder desvia o olhar, pressionando um punho na frente da boca enquanto as narinas se dilatam. Ele está coberto de sangue e hematomas da luta na batida em retirada.

— Me lembra de me machucar mais vezes se for terminar com você arrancando minhas roupas — murmura Cayden.

Forço uma risada para o seu bem, sabendo que ele iria querer me manter calma se os papéis estivessem trocados.

— É o único momento em que consigo te tolerar.

— Consigo pensar em outros. — Mais sangue escorre pelo canto de sua boca. — Outros bem bons.

— ASENA! — grito em direção ao portal que gira sem parar, não conseguindo mais esconder o medo. Não sou a pessoa certa para tratá-lo. Minha inutilidade é tão palpável que eu poderia me engasgar com ela.

As veias de seu pescoço, peito e braços estão ficando pretas no lado direito do corpo, formando teias visíveis através da pele. Uma maga com traje roxo passa pelo portal com Asena. As duas correm até nós e se ajoelham do outro lado de Cayden.

— Majestade — diz a mulher com um tom grave enquanto examina as feridas.

— Não.

Não quero ouvir esse tom. Não quero sua piedade. Não posso perder Cayden.

— Um veneno dessa natureza é extremamente mortal. Vai poluindo o sangue até que só reste o próprio veneno.

— Não perguntei o que era — rebato. — Estou ordenando que cure isso.

Finnian nos encontra, os olhos cravados em Cayden, então ele estanca e não consegue sair do lugar. É estranho para todos nós ver Cayden assim; de todos nós, ele é

quem parece invulnerável. Asena e a mulher entram numa discussão acalorada, mas meu coração está batendo forte demais para absorver mais do que uma palavra aqui, outra ali.

Por favor, não o tire de mim. Por favor, não o tire de mim. Por favor, não o tire de mim.

— Me deixa ver esses seus olhos bonitos, *sirantia*. — Cayden estende a mão para acariciar meu rosto. — A cláusula do casamento está cumprida. Ninguém tem o direito de contestar sua reivindicação ao trono de Vareveth, mesmo que eu não esteja governando ao seu lado.

Finnian se ajoelha ao meu lado, mas não estende a mão, apenas indica que está aqui para o que eu precisar enquanto balanço negativamente a cabeça.

— Pare de falar.

— Essa palavra. Ela significa...

— Não.

— *"Luz das estrelas"*.

Respiro fundo.

— *Sirse* é "estrela", e *veantia* é "luz". Eu te chamo assim não só porque você ama as estrelas, mas porque me guiou até um lar que nem sabia que existia, e brilhou como um farol através da escuridão que me atormentou por anos. Eu reviveria cada momento da minha vida, toda a dor e o sofrimento, sabendo que me levaria a você. Não pertenço à morte, eu sou seu, e vou te encontrar em cada uma das minhas vidas.

— Não ouse se despedir de mim. Não ouse quebrar sua promessa.

A dor que perfura meu coração é insuportável. Se Cayden for tirado de mim, não existirá barreira forte o suficiente para me impedir de entrar em Imirath.

Ele aperta meu cabelo entre os dedos.

— Ser casado com você por apenas um dia me trouxe mais felicidade do que qualquer bastardo como eu merece.

Lágrimas escorrem por meu rosto.

— Eu quero mais.

— Valeu a pena, El. Tudo. Nunca esqueça disso.

Olho para a mulher de novo.

— O que você pode fazer? Dou qualquer coisa em troca. Faço qualquer coisa.

— Existe um ritual que só pode ser feito *uma vez* — diz a maga. — Mas não sei nem explicar a dimensão do perigo que envolve, e também a dor que você vai sentir.

— Eu não ligo.

— Elowen, não — ordena Cayden, mas o ignoro.

A escolha é minha. Só preciso de uma chance. De um fragmento minúsculo de fé, e vou me agarrar a ele como a uma boia de salvação.

— Corte as palmas das suas mãos, e das dele também. Vamos precisar explorar a magia divina dentro das marcas. A magia vai remover algumas das toxinas do sangue dele, passando-as para o seu, e vocês vão ter que lutar contra o veneno juntos. Ele vai se sentir melhor, mas você vai...

Já estou fazendo os cortes antes que ela termine a explicação, e passo para as mãos de Cayden apesar de ele tentar puxá-las para longe de mim. O veneno o deixou fraco demais para resistir e, o mais importante, ele não consegue se desvencilhar de Ryder, que o segura pelos ombros.

— Me deixe fazer isso. Ele é meu irmão — implora Ryder. — Ela não precisa passar por esse sofrimento.

— Vocês podem ter um vínculo, mas suas almas não têm — responde a maga. — Um ritual como esse só funciona por causa do que eles representam um para o outro, mas a rainha ainda poder morrer se o veneno for forte demais para ela.

— Vá em frente.

Ignoro seu estranho jeito de se expressar, só quero que faça isso de uma vez. Ela começa a murmurar preces em ravariano ao Deus da Morte, à Deusa da Vida e à Deusa das Almas.

— Tire ela de perto de mim — exige Cayden, os olhos vidrados em Finnian. — Se ela morrer, você será o culpado.

— Cale a boca — ordeno, e Cayden volta sua atenção para mim.

A pele da minha palma já arde com o sangue dele quando Cayden tenta se afastar,

mas sei que isso é apenas o começo.

— Não se arrisque por minha causa. Me solte, meu amor. Meu corpo pode lutar contra isso sozinho.

Minhas mãos começam a tremer, mas não pela dor.

— Não me peça para fazer uma coisa que você nunca faria. Você prometeu morrer ao meu lado muitas vezes; agora, é minha vez de prometer.

— Elowen — murmura ele, e suas piscadas desaceleram quando a maga termina sua prece. Eu me inclino para colar os lábios aos dele enquanto ele murmura meu nome uma última vez antes de ficar inconsciente. — Minha Elowen.

Sua pulsação ainda está lá, mas está fraca.

Filamentos dourados cercam o ponto onde Cayden e eu estamos unidos, criando uma barreira inquebrável enquanto observo seu peito subir e descer de maneira irregular. Mantenho nossos dedos entrelaçados só por precaução, por não querer correr o risco de quebrar a conexão.

— Não há como voltar atrás na sua escolha depois que o veneno entrar no seu sangue, majestade. Você vai enganar a morte, e sempre existe um preço a ser pago — alerta a maga. — Este é meu último aviso.

Qualquer que seja o preço, não se compara a perder Cayden. Faço um aceno curto com a cabeça, e uma dor como nunca senti crava as garras em mim. É como atravessar o fogo. Como ter mil facas perfurando minha pele de uma só vez. É como se minha carne estivesse sendo lentamente arrancada dos ossos. Cerro os dentes e abaixo a cabeça, não querendo que ninguém veja a agonia que isso está me causando.

Não vou morrer aqui.

Não vou deixar Cayden morrer aqui.

Engasgo com o gosto de cobre na boca.

Meu corpo inteiro está tremendo como se houvesse um terremoto dentro de mim.

Espirais vermelhas começam a subir por meus braços, como se o veneno estivesse me queimando por dentro e tentando forçar uma saída. O vermelho também respinga nos meus braços, escorre pelo rosto, e percebo que estou chorando lágrimas de sangue.

Meu peito está ofegante, e minha garganta, queimando como se o próprio ar fosse venenoso. Jogo a cabeça para trás e grito quando se torna impossível conter a dor.

Finnian me envolve com um braço para me impedir de desmoronar enquanto sou queimada viva sem nenhum fogo à vista. O suor escorre pelas costas, e ele corta as mangas para ajudar meu corpo a resfriar. Meus outros dragões pousam na grama ao nosso redor. Sorin chega perto para cutucar minha perna com o focinho, e os outros três abaixam a cabeça e fecham os olhos.

Imirath não vai tirar mais nada de mim.

Sou feita de fogo, e nada vai me queimar.

A magia canta no meu sangue, e ordeno que consuma o veneno em vez da minha pele. Volto minha magia contra a substância estranha que corre através de mim, cortante como uma lâmina. Construo uma represa contra a dor e a obrigo a se tornar poder.

Abro os olhos e observo as marcas vermelhas espiraladas que param logo acima dos meus cotovelos se tornarem cor de lavanda, azul-claras, prateadas e douradas. Elas se enrolam como trepadeiras e se estendem até onde minhas marcas douradas terminam. O mesmo padrão espiralado está refletido em Cayden, mas ele está marcado em preto e uma faixa de azul-escuro. Suas marcas viajam pelas costelas do seu lado direito, mas deixam a barriga intocada, se enrolando através do peito e de metade do pescoço e descendo pelo braço.

Os filamentos dourados desvanecem com a dor, e finalmente consigo respirar sem parecer que tenho agulhas nos pulmões. Quando desaparecem por completo, desabo no peito de Cayden, ouvindo o som fraco de seus batimentos, que se tornaram minha música favorita. Nossas mãos estão curadas e, embora as feridas em seu peito não estejam, vejo que pararam de sangrar. Só solto Cayden quando sei com certeza que ele ficará bem. Posso limpar suas feridas depois. Tudo que importa é que o veneno se foi.

A maga está olhando para nós dois e para nossas marcas como se tivesse acabado de testemunhar um milagre.

— Nunca vi marcas assim.

Pego o odre que Finnian me oferece enquanto afasta meus cabelos da testa suada e esguicho a água na boca para bochechar e cuspir o sangue.

— Isso nunca aconteceu quando você fez o ritual antes?

— Ninguém nunca sobreviveu a ele — responde ela, olhando para Cayden e para mim como se fôssemos um quebra-cabeça que precisa desesperadamente de solução, mas não tenho tempo para sua curiosidade. Qualquer que seja a magia que correu por mim durante o ritual, não se dissolveu, ficou mais forte, pressionando minha pele como se precisasse ser descartada. — Seus *olhos*...

Finnian segura meu queixo, e seus lábios se abrem de surpresa.

— Estão espiralando. Como se fossem ouro derretido.

A raiva corre através de mim como uma droga, e me perco nessa onda ao me levantar, ainda coberta de sangue e cinzas da batalha. Os soldados de Vareveth que testemunharam o ritual estão se ajoelhando entre os cadáveres na areia ao nosso redor; até alguns soldados de Thirwen e Imirath espelham o gesto.

— Onde está o mago que criou a bomba? — questiono, caminhando em direção às barreiras. — Me tragam Nykeem!

Paro a poucos centímetros da parede brilhante enquanto os soldados do outro lado começam a se separar.

— Eu me segurei para não queimar seu reino até não sobrar nada, mas minha misericórdia tem limite — começo, com a voz rouca e áspera de gritar. — *Zayèra*.

Ao meu redor, o fogo dos meus dragões arde, colidindo com as barreiras enquanto observo quem deve ser Nykeem irromper da multidão e lutar para combatê-los. Seus cabelos pretos vão até logo abaixo do queixo, e sua armadura não tem sequer uma mancha de sangue. Está claro que ele não participou da batalha. Outros magos de Thirwen se juntam a Nykeem, me observando de olhos arregalados. Abro um sorriso com os dentes manchados de sangue quando o encaro, apontando direto para ele para que saiba o que vem pela frente.

Morte.

— Diga a Garrick que seu pesadelo voltou acompanhado por um demônio.

Vários soldados de Imirath atrás das barreiras ficam de joelhos, e o caos rapidamente se instaura quando os leais a Garrick veem isso. Brigas eclodem, soldados empurram os magos tentando segurar as barreiras, e eu dou risada.

— Podem se esconder atrás das suas barreiras o quanto quiserem, mas um dia vocês não vão ter mais como fugir, e não vai ter ninguém para protegê-los quando forem massacrados por mim ou pelo rei que não conseguiram matar.

Outra onda de poder me percorre, e cerro os dentes ao abrir os braços, encarando para o fogo de dragão enquanto o puxo em minha direção. *Eu o manipulo*. Uma mistura das chamas de todos os meus dragões cintila nas minhas mãos e serpenteia em círculos por meus braços, obedecendo ao meu comando.

Eu me torno as chamas. Não resisto mais ao meu poder — eu o reivindico para que ninguém possa tirá-lo de mim.

Mais soldados além das barreiras caem de joelhos enquanto me comunico com o vínculo em meu peito, comandando as chamas do mesmo jeito que comando meus dragões. Me junto a eles, disparando fogo nas barreiras e piorando ainda mais a situação para os magos. As chamas se transformam em garras nas pontas dos meus dedos, com uma cor para cada dragão em ambas as mãos. Começo a abrir a barreira de magia como se fosse argila úmida, arrancando pedaços inteiros enquanto os gritos preocupados dos magos inundam meus ouvidos. Afundo as garras nela, pensando em rasgá-los. O coração deles pode continuar batendo nas minhas mãos depois que eu arrancá-lo do peito de cada um, fazendo-os engolir o próprio órgão em seguida.

Ainda não, digo a mim mesma.

As barreiras de magia não apenas nos impedem de entrar, também impedem que eles saiam enquanto não forem desfeitas. Havíamos combinado de partir para Galakin amanhã cedo, assim que soubéssemos dos movimentos de Thirwen, e eles acabaram de prender a si mesmos em Imirath.

Ordeno aos dragões que parem, mas eles continuam por perto. Sorin e Venatrix voam baixo, Basilius protege minha retaguarda e Delmira e Calithea ficam uma de cada lado meu.

— Vocês nunca vão estar seguros de novo. Sempre vou estar à espreita nas sombras, com as lâminas desembainhadas e as chamas acesas.

As chamas se enrolam em meus braços e, no meu reflexo, vejo que formam uma coroa ao redor da minha cabeça. Lentamente libero o controle sobre meu poder, vendo as garras desaparecerem, mas mantendo a coroa ali enquanto marco minha posição com meus dragões diante de nosso inimigo.

— Sou Elowen Veles, e vim para tomar o meu trono.

CAPÍTULO

QUARENTA E DOIS

Elowen

Eu me mantenho em pé por algum milagre, mesmo sentindo as pernas arderem ao tropeçar pela areia ensanguentada. As barreiras de magia não incluíram o forte destruído situado sobre a água, e as pedras carbonizadas continuam caindo sobre as ondas enquanto as muralhas desabam. O mundo fica embaçado nas bordas do meu campo de visão borrado conforme a magia deixa meu corpo, e a exaustão me atinge com tanta violência que é como se eu tivesse caído em um lago congelado, sem conseguir me mover enquanto afundo nas profundezas escuras.

Eu manipulei o fogo de dragão.

Meu cérebro não consegue acompanhar as transformações no corpo, e neste momento não tenho energia para teorizar.

Os soldados permanecem ajoelhados enquanto volto até onde estão Finnian e Ryder, para que eles possam dar suas ordens. Os dois se levantam, ambos com perguntas que não sei responder estampadas no rosto. Toda vez que experimentei a magia, ela me fez sentir intocável e invencível, mas nunca consegui retê-la. Sempre escorrega por meus dedos, me deixando vazia e exaurida.

— Preciso de suprimentos de cura. — Venatrix volta a montar guarda sobre o corpo de Cayden, e mordo a parte interna da bochecha quando vejo todo o sangue e a sujeira que o recobrem. Ryder acena para alguém e me entrega a bolsa que a pessoa traz. —

Reúnam os soldados e preparem todos para retornar a Vareveth. Não faz sentido deixar ninguém pra trás. O fogo de dragão deixou o porto inutilizado, e os suprimentos deles estão enterrados sob os escombros. Pendurem nossos estandartes nas muralhas. Eles não vão arriscar baixar as barreiras, então vão precisar lembrar o tempo todo do que aconteceu hoje e temer as batalhas que estão por vir.

— Vamos fazer tudo depressa e pedir que Asena abra um portal de volta para a hospedaria. Sas deve estar enlouquecendo a essa altura, e Cayden precisa ir para algum lugar seguro enquanto seu corpo se recupera — diz Ryder. — O que fazemos com os soldados inimigos do nosso lado das barreiras?

Sinto um aperto no peito, mas mantenho os ombros alinhados, não querendo que ninguém me veja fraquejar.

— Deem a eles a opção de um juramento de sangue. Se jurarem lutar por nós, continuam vivos. Caso se recusem, matem um por um. A perda de Imirath e Thirwen pode muito bem virar um ganho pra nós.

Ryder assente, franzindo as sobrancelhas.

— *Como?*

Uma palavra pode ter muito peso, a depender de como é pronunciada. A pergunta não diz respeito aos prisioneiros, mas a todo o resto.

— Não sei. — Balanço na cabeça. — Vou falar com a maga que realizou o ritual antes de partir.

— Não demore.

— Você também. Vou mandar três dragões ficarem aqui até que esteja tudo seguro.

Ryder dá outra olhada em Cayden e engole em seco depois de respirar fundo. Seu sentimento de culpa é tão aparente que irradia, mas ele se afasta pela praia antes que eu tenha a chance de dizer qualquer coisa. Finnian aperta minha mão antes de segui-lo, e o sangue que forma crostas em nossa pele racha, me fazendo ansiar por um banho. Odeio a sensação do sangue seco.

Fico nervosa por continuar aqui, então deixo minha preocupação de lado por ora e encontro Asena na beira da praia com a outra maga. A fumaça que sobe para o céu é tão

densa que deixa minha garganta áspera. A madeira queimada se projeta da água como um mar de ossos quebrados, se estendendo até onde a vista alcança.

Asena percebe o que estou buscando e vem rapidamente até mim.

— Majestade, o que acabou de fazer... — Seus cachos presos no alto da cabeça balançam quando ela sacode a cabeça, me encarando com olhos arregalados e maravilhados. — Nenhum mago jamais manipulou o fogo de dragão.

— Nenhum mago jamais teve um vínculo com cinco dragões — respondo. É a única explicação que consigo encontrar. A própria Asena tinha me dito para não colocar limitações nas minhas habilidades. — Pode me apresentar à sua amiga?

— Claro. — Ela estende a mão para puxar a mulher para a frente. — Esta é Sage. É uma maga de alma que dedicou a vida à Deusa das Almas. Sua seita vive na floresta de Etril.

Um arrepio sobe por minha espinha quando penso nas matas sinistras que Cayden e eu atravessamos enquanto fugíamos de Imirath. As árvores perfeitamente simétricas... o silêncio que só era quebrado pelo assobio do vento e o som de galhos batendo uns nos outros.

Sage me oferece um sorriso tímido e uma reverência.

— Majestade.

— Obrigada pelo que fez por mim — digo. — Não sei como retribuir.

— Para mim, nenhum pagamento é necessário. Você sobreviveu porque os deuses assim desejaram, e a minha vida é dedicada a servi-los.

Limpo a garganta.

— O que quis dizer quando mencionou que Cayden e eu temos um vínculo?

Ela crava os dentes no lábio inferior e enfia as mãos nos bolsos. Seu traje se move, e noto as cicatrizes de queimadura no pescoço.

— Antes de realizar a cerimônia, meus poderes sentiram um vínculo entre você e o rei Cayden. Caso contrário, eu nunca teria sugerido esse ritual; não haveria a menor chance de sobrevivência. Trata-se de uma corrente invisível entre os dois que apenas a Deusa das Almas pode criar.

— Então Cayden e eu temos um vínculo?

— Sim — confirma Sage. — Um vínculo de alma, que entrelaça seus destinos, forçando seus caminhos a se cruzarem, mas o que sentem um pelo outro depende totalmente de vocês. Alguns vínculos de alma levam as pessoas até seus inimigos.

Pisco algumas vezes, absorvendo a informação. Sempre senti que um magnetismo me atraía para Cayden, mas a menção de que os deuses teriam influência sobre nossas vidas me faz querer me rebelar contra isso.

— E as novas marcas?

Olho novamente para as linhas espiraladas que sobem por meus braços.

— São provas do vínculo. Nós as chamamos de marcas de aura, porque as cores refletem suas almas. Como falei, um ritual dessa magnitude só pode ser realizado uma vez. É uma alerta para outros magos de almas de que não podem recorrer a essa magia se algum de vocês voltar a sofrer ferimentos graves.

Cambaleio, e Asena estende a mão para me firmar.

— É melhor partir, majestade. Você precisa descansar.

— Vejo você quando voltar a Vareveth — digo, e ela sorri em resposta. — E obrigada, Sage. Estou em dívida com você. Se algum dia mudar de ideia sobre receber um pagamento, por favor, não hesite em me procurar.

Seus lábios se curvam para baixo.

— Não sou eu quem vai cobrar o pagamento pelo ritual, alteza.

Meu sorriso vacila, mas consigo mantê-lo no rosto ao me virar. Outra onda de fadiga me atinge enquanto caminho em direção a Venatrix. Ela levanta Cayden com mais cuidado do que já a vi segurar qualquer coisa e o coloca devagarinho sobre Calithea, que se curva o máximo que pode para que eu possa subir nela. Passo as correias da sela ao redor do meu corpo e de Cayden antes de prendê-las no arreio. Não há a menor possibilidade de que eu consiga suportar o peso dele, mas mantenho seu corpo reclinado pressionado entre meus joelhos e os apoios da sela. Calithea está sintonizada com meus sentidos e sabe que este não é um voo comum. Não acho que os dragões aceitariam outra pessoa em suas costas tão calmamente se a situação não fosse

desesperadora.

Ela sobe um penhasco a alguns metros de distância e abre as asas para uma decolagem equilibrada, ganhando altitude, mas nunca se inclinando o suficiente para nos sacudir. As feridas de Cayden precisam ser enfaixadas. Tiro a bolsa do ombro e puxo um pano limpo e um odre, porque preciso limpar seu tronco primeiro. Sempre foi mais fácil curar estranhos — até um arranhãozinho em um ente querido me provoca emoções indesejadas. Cayden respira fundo, gemendo quando pressiono o pano sobre o maior corte na lateral do corpo. Seus olhos se abrem e se concentram o máximo possível no meu rosto. Ordeno que Calithea fique só planando. Isso vai prolongar a viagem de modo considerável, mas não posso fazer a sutura sem que ela estabilize o voo. Ryder e Finnian provavelmente vão terminar de reunir os soldados e chegar a Avaloria, a cidade litorânea de Vareveth, pelo portal antes de nós. Não faria sentido viajarmos de volta à propriedade tendo que estar no porto antes do amanhecer, mas parte de mim ainda gostaria que pudéssemos fazer isso.

Enfio a linha na agulha e começo a trabalhar.

— Um dia você vai parar de se machucar só para receber minha atenção.

Seus lábios se curvam em um sorriso bobo que nunca vi nele. Não está de todo consciente ainda, mas sei que está lutando para chegar lá.

— Tem funcionado maravilhosamente desde a primeira noite em que te beijei, e não pretendo parar.

Ele adormece de novo, e termino de suturar. Calithea ganha velocidade toda vez que termino de cuidar de um corte, cobrindo mais distância enquanto enfio a linha na agulha outra vez. Felizmente nem todas as feridas são tão profundas, e depois de limpar o sangue tiro um momento para admirar suas marcas e contorná-las com o dedo.

As árvores desaparecem, e Avaloria toma seu lugar. É uma pequena cidade de Vareveth, com ruas sinuosas e antigos bangalôs de pedra ao longo da costa. Os navios estão ancorados à distância e barcos menores balançam junto às docas, com pescadores puxando redes com o resultado do dia. Calithea e Venatrix pousam em frente à hospedaria. Todas as casas pitorescas ao longo da rua têm guirlandas feitas de vidro

marinho colorido e conchas. Claramente são feitas à mão, o que só lhes confere mais charme, assim como as venezianas desgastadas pintadas em vários tons de azul, verde e coral.

Uso o embalo das ondas quebrando na costa para abafar os gritos de dor que me cercavam momentos atrás. Nossas acomodações ficam de frente para a água, e espero que ainda seja possível ouvir o mar com as janelas fechadas. Adoraria voltar aqui no verão, mas no momento estou ansiosa para sair deste frio.

Saskia irrompe da entrada com Finnian e Ryder em seu encalço. Ryder ainda está coberto de sangue e rapidamente ultrapassa a irmã.

— Por que demoraram tanto?

Solto as correias que nos prendem à sela e deslizo para o chão.

— Não daria para suturar as feridas se Calithea voasse em velocidade máxima.

— Cayden! — grita Saskia.

— Não morri. Sinto te decepcionar. — Cayden senta e escorrega atrás de mim, usando Calithea para se equilibrar e dando tapinhas em suas escamas. — Obrigado pela carona, bela dama.

— Eu te ajudo a entrar.

Ryder dá um passo para a frente, mas Cayden pressiona a mão em seu peito para detê-lo e continua andando sem assistência. Ele nem deveria estar consciente agora, muito menos andando, e sua teimosia me irrita. Ele empurra a porta de vidro marinho verde e azul com batente em arco coberto de conchas. A estalajadeira perto da recepção grita e deixa cair a pilha de lençóis que carregava.

— Eu causo mesmo esse efeito nas pessoas. — Cayden se apoia em um dos pilares brancos que sustentam o teto. — Qual é o meu quarto?

— S-subindo as escadas, à direita, majestade. É o melhor que temos.

— Obrigada — digo, me enfiando sob seu braço.

No melhor dos casos, isso deve ajudá-lo a manter o equilíbrio. Ele não me olha, e o sorriso bobo não está mais lá. Sei que fiz a coisa certa. Não fiz nada que ele não teria feito por mim.

CAPÍTULO

QUARENTA E TRÊS

Elowen

Meus cabelos ainda estão molhados do banho quando Ryder me encontra à pequena mesa de jantar. Assim como a entrada da pousada, o tampo da mesa é feito de pedaços de vidro marinho partido e polido pelas ondas, provando mais uma vez que até as coisas quebradas ainda podem resultar em algo belo. Seus olhos escuros estão sombrios de remorso quando vê a silhueta de Cayden espalhada na cama.

— Está com fome? — pergunto, apontando para as bandejas de comida que um criado trouxe.

Só o que consegui foi beliscar um pouco de pão enquanto observava as ondas pelas janelas em arco e o peito de Cayden subindo e descendo através do dossel da cor de espuma do mar. Posso estar fisicamente na hospedaria, mas, em minha mente, ainda estou na batalha. Não consigo parar de pensar nos serpes alados e nos olhos brancos dos magos enquanto controlavam as criaturas. Sempre vou escolher meus dragões, não importa quem seja o inimigo, mas lembrar daquelas feras despencando do céu me provoca um aperto no coração.

— Comi um pouco antes do banho — diz ele, se acomodando no assento em frente ao meu. Seu olhar permanece em Cayden enquanto passa a mão pelo rosto. — Tudo bem se eu sentar aqui? Deveria ter perguntado antes.

Abro um meio-sorriso, piscando para afastar as lágrimas que se acumulam nos

olhos.

— Você é o melhor amigo dele, Ryder. É claro que pode.

— Com o tempo vai ficando mais fácil. — Ele me lança um olhar compreensivo. — As batalhas.

Assinto com a cabeça, limpando a garganta e tomando um gole de chá.

— Não entendi o que ele estava fazendo quando me derrubou. — Um músculo se contrai em sua mandíbula. — Foi tudo tão rápido. Finalmente conseguimos passar pela abertura, por algum milagre. Ainda estávamos na aglomeração quando a bomba explodiu, mas ele me agarrou para me cobrir antes que o impacto nos lançasse pelos ares.

— Nada disso é culpa sua, e ele não gostaria que você se culpasse.

— Ele teria morrido se você não tivesse se torturado — diz Ryder, apertando os olhos com força. — Desculpe. Não queria me exaltar.

— Eu entendo.

Se Ryder acha que *isso* foi se exaltar, precisava ter conhecido Ailliard. Quando eu tinha 14 anos, em um acesso de raiva, ele destruiu uma estante que eu tinha feito com as próprias mãos.

— Ele fazia a mesma coisa quando a gente era mais novo, porque eu tinha Saskia, e ele não tinha ninguém. Só quero que ele pare de se ver como descartável e invencível.

Olho para as ondas de novo, lembrando de quando Cayden me contou que elas o acalmam.

— Como vocês dois eram nessa época?

Sempre tive dificuldade em imaginar como eles se tornaram amigos, mas talvez relembrar ajude Ryder a lidar com as emoções. Ryder é o tipo de pessoa que conseguiria fazer amizade até com uma pedra, e Cayden é do tipo que atiraria uma pedra em qualquer um.

— A primeira coisa que Cayden me disse foi "Vá embora antes que eu te mate por interromper meu jantar". — Ryder enfim solta uma risada fraca. — Deuses, se acha que ele é ruim agora, precisava ter visto naquela época. Ele tinha *muita* raiva. Nunca vi

ninguém com tanto ódio. Então, obviamente, tentei fazer amizade com ele e acabei com um olho roxo e o lábio arrebentado.

— Reconheço o seu esforço por ter se aproximado dele.

— Fiz isso pela Sas. Não pudemos levar nenhum centavo quando saímos de casa, porque meu pai faria uma queixa criminal, e eu não podia ser um mercenário porque nunca tinha empunhado uma espada. Eu era um péssimo ladrão, já que nasci rico. Ela ficou doente logo depois que fomos embora, e eu a levei para dentro da taverna mais sórdida que já vi numa noite de tempestade e abordei o sujeito mais mal-encarado de lá.

— Ele te mandou passear, então?

— Ah, ele tentou, mas eu era um irmão mais velho protetor que precisava que sua irmã sobrevivesse àquela noite. Quando falei dela, Cayden entregou suas chaves e disse para a gente ir embora em três dias. Ainda não sei onde ele ficou enquanto usamos seu quarto, mas nos entregavam sopa quente e remédios toda noite.

Meu coração se derrete pelo garoto amargurado que Cayden foi. Sabendo o que sei sobre seu pai, me pergunto se ele os ajudou porque não queria ser o motivo para alguém perder um ente querido. Cayden matou muita gente sem remorso e até foi pago para cometer assassinatos, mas talvez tenha se visto refletido no desespero de Ryder.

— Então vocês ficaram amigos depois disso?

— De jeito nenhum. — Ele dá uma risadinha. — Continuei rondando a taverna, e em algum momento ele parou de me bater por estar sempre atrás dele, depois parou de me ameaçar por ser irritante. Só viramos amigos quando ele apareceu completamente bêbado uma noite e me perguntou se eu queria ajudar a ocultar um cadáver, e mesmo assim "amizade" ainda era um termo forte. Ele me chamou de Rykus por um ano inteiro.

Os ombros de Ryder balançam com os meus enquanto eu rio. Ele continua o relato, me contando que ele e Saskia se mudaram para a casa de Cayden logo depois, que começaram a ganhar dinheiro com lutas clandestinas e contrabando e que Cayden o ensinou a empunhar uma lâmina e bater carteiras.

— Parece que ele era exatamente como imaginei — comento.

— Por mais babaca que ele fosse, me senti mais vivo morando nos cortiços do que na propriedade da minha família — conta Ryder. — Fui embora por causa de Saskia, mas também por mim mesmo. Eu teria morrido naquele estilo de vida... era uma existência sem alma.

Entendo esse sentimento bem demais.

— A vida é curta, e quero ter certeza de que vivi de verdade quando fechar os olhos pela última vez — afirmo.

— Essa é a ideia, queridinha. — Ryder se levanta e olha para Cayden e para mim. — Volto para dar uma olhada de manhã, mas você deveria tentar dormir um pouco.

— Ah, espera! — Sinto o chão frio de madeira através dos chinelos enquanto caminho até meu baú e o abro. O que preciso está bem em cima, e volto até Ryder, entregando a lata verde com um laço branco. — Sei que você tomou uma cerveja com Cayden antes da batalha, mas queria te desejar um feliz aniversário.

Um sorriso largo se abre quando ele levanta a tampa.

— Foi você que fez?

Ele devorou os biscoitos que comprei para ele quando visitamos o bairro aestiliano em Verendus, e acho que comida sempre é um bom presente.

— Isso. São biscoitos de limão docinhos e amanteigados.

Tenho uma tendência a recorrer à confeitaria quando estou estressada.

E ando bastante estressada.

— Obrigado. — Seus olhos calorosos pousam em mim. — Não conte para os outros que me deu isso. Vão me roubar quando não estiver olhando.

— Eles farejam doces como cães de caça, então boa sorte — respondo, e ele dá uma risadinha quando caminha até a porta. — Boa noite, Rykus.

Ele me olha por cima do ombro, batendo os dedos no batente enquanto me vê retornar ao baú.

— Bem-vinda à família, Elowen Veles.

A porta se fecha suavemente atrás dele, e vasculho meus pertences até encontrar o frasco de óleo que comprei várias semanas atrás. Em algum momento, Cayden virou

para se deitar de bruços, deixando as cicatrizes em suas costas expostas à tênue luz das velas no quarto. A raiva me sobe à cabeça, principalmente por saber que foi o pai dele quem as colocou ali.

Subo na cama, me posicionando sobre os quadris de Cayden enquanto puxo as mangas do suéter que roubei dele até os cotovelos e derramo um pouco de óleo nas mãos. Mesmo estando exausta, duvido que consiga dormir até que ele acorde. Duvido que ele sequer se lembre de ter chegado aqui. Mesmo que tenha conseguido ficar de pé, acho que foi meramente consequência de anos de condicionamento de sobrevivência, não sinal de que esteja curado de verdade.

Deslizo os dedos pelas marcas de chicotadas vermelhas esculpidas em suas costas, algumas salientes, outras talhos profundos, antes de afundar as palmas em seus músculos para aliviar as inevitáveis dores. Sua pele reluz enquanto trabalho, dando o meu melhor para desfazer décadas de tensão, mas logo quando acho que estou chegando a algum lugar o mundo vira de cabeça para baixo, e estou deitada de costas com uma faca apontada para minha garganta. Os olhos de Cayden estão abertos e alertas, me encarando fixamente com uma emoção que nunca demonstraram, mas ela desaparece em um piscar de olhos, antes mesmo que eu tenha a chance de sentir medo.

— El. — Ofegante, ele joga a faca no chão. — Porra, desculpa. Me desculpa.

— Está tudo bem — digo com o coração acelerado, e seus olhos se voltam para minhas palmas reluzentes. — Estava só tentando aliviar as dores que você vai sentir de manhã. — Seus olhos disparam para a janela antes de olhar ao redor do quarto, confuso. — Estamos de volta a Vareveth. Em Avaloria. A batalha acabou. Vamos para Galakin de manhã, como planejado. Trouxe você de volta aqui montado em Calithea.

Ele passa um braço por baixo de mim e me esmaga contra si, enterrando o rosto em meu pescoço e respirando profundamente. Seu coração se choca contra o meu enquanto envolvo seus ombros com os braços. Ele inverte nossas posições, pressionando as costas contra a cabeceira e me colocando em seu peito.

— Você deveria estar dormindo — murmura ele.

— Eu precisava saber se estava tudo bem com você. — Sinto um nó na garganta

agora que ele está acordado. Sua voz. Sabia que ansiava por seus braços, mas não me dei conta do quanto estava desesperada para ouvi-lo falar. — Tinha tanto sangue.

— Eu sei, mas preciso que você descanse, amor. — Ele passa a mão por meu cabelo e massageia minha nuca com os dedos quando começo a tremer. — Estou bem, El. Você não vai se livrar de mim depois de apenas um dia casados.

Não digo nada, só o abraço com mais força enquanto a mistura de exaustão e alívio me invade. Quero ficar acordada, absorver sua presença, falar com ele sobre tudo, mas é impossível manter os olhos abertos. O sentimento de culpa queima em minha garganta quando penso de novo nos serpes. É tão mais simples matar humanos. Eles estão participando da batalha conscientemente, mas os serpes estão presos por um feitiço. Não devem nem saber o que está acontecendo até que o mago morra e perca o controle sobre sua mente. A ganância da humanidade prejudicando criaturas inocentes, essa é uma história atemporal e infeliz.

— Como consegue dormir sabendo que o que fez vai te perseguir nos seus sonhos?

— Porque tenho você do meu lado — responde ele. — Você é um lembrete de que tudo o que fiz valeu a pena.

Ele beija minha testa e passa as mãos sobre meu corpo como se estivesse se assegurando de que estou ilesa.

— Nunca — sussurra ele. — *Nunca* escolha a mim em vez de você mesma.

— Eu escolhi a mim mesma quando escolhi você.

CAPÍTULO

QUARENTA E QUATRO

Cayden

O vento açoitando as ondas não é alto o bastante para abafar a voz de meu pai ecoando no meu crânio.

Você arruína tudo o que toca, garoto. Minha vida era bem melhor antes de você vir ao mundo, e queria que tivesse morrido no ventre da sua mãe. Ela teria lamentado a perda, mas pelo menos ainda estaria aqui.

Minha cabeça está fodida de um jeito que não tem mais volta. Com certeza o velho está sorrindo para mim em triunfo depois de me provar que estava certo mais uma vez. Ele ficaria feliz por eu ser rei, e odeio isso. Ficaria feliz com o povo das Ilhas do Sul clamando para que eu ascenda ao trono conquistado, e odeio isso. Ele teria dito que utilizar a cláusula do casamento foi uma atitude inteligente, e odeio isso.

Odeio quando parece que vejo meu pai quando me olho no espelho.

Temos o mesmo tom de pele, os mesmos cabelos ondulados, a mesma constituição física robusta, as mesmas feições. Graças aos deuses não herdei seus olhos, apesar das chibatadas a mais que recebia quando ele via minha mãe no meu olhar.

A única maldita coisa que nos separa é que eu jamais ficaria parado sem fazer nada se Elowen fosse atacada.

Não consegui voltar a dormir depois de segurar uma faca no pescoço dela. Foi uma visão arrepiante demais, e sabia que estaria à minha espera nos pesadelos. A última coisa

que lembrei de antes de desmaiar por causa do veneno foram os gritos de Elowen, e eu ainda estava no estado mental da batalha quando acordei de bruços com alguém nas minhas costas. Não sabia que era ela, mas se houve um momento em que quis lhe fazer o favor de sair da sua vida, foi aquele.

— Içar velas! — grita Vale, o capitão da embarcação, e a tripulação corre pelo convés em resposta.

Vários praticantes da magia da água que acompanham Ophir se juntaram às fileiras, e eles conseguem manipular o mar para nos levar a Galakin mais depressa.

As ondas se chocam contra os penhascos íngremes que margeiam a enseada, e o borrifo se dissolve no ar em meio aos grasnados das gaivotas. Não podemos abrir um portal para Galakin porque a distância é grande demais e os magos poderiam ficar exauridos, mas se algo der errado em Vareveth é um risco que vamos ter que correr. O navio balança sob meus pés quando o vento enche as velas azul-escuras. Transfiro o peso para não me desequilibrar, algo que Elowen e Finnian ainda não dominaram, se os estrondos e risadinhas vindos de algum lugar no convés servirem de indicação.

Meus olhos permanecem no horizonte infinito salpicado de nuvens enquanto os dragões voam à frente. Saskia se posiciona ao meu lado, as mãos enluvadas se agarrando à amurada.

— Nós cinco precisamos fazer uma reunião, agora que saímos do porto.

Ophir fende uma onda em duas, o que nos permite navegar através dela.

— Ryder está na cabine?

Ela hesita por um momento.

— Está.

Estalo o pescoço e encho os pulmões com o ar salgado, sabendo que a discussão inevitável a caminho só vai aumentar minha exaustão.

— Vejo você lá embaixo.

Dou uma última olhada furtiva em Elowen pelo canto do olho antes de subir os degraus até o convés superior e empurrar a porta da sala de reunião. Uma decoração de tema náutico adorna as paredes, mas nada muito extravagante. O navio inteiro é feito

de madeira escura, incluindo os móveis, que são pregados no chão, com exceção das cadeiras.

Ryder levanta o olhar para mim quando entro, e seus lábios se curvam para baixo enquanto me observa.

— Vamos logo com isso — suspiro, ocupando o assento à sua frente. — Você não perde essa mania de deixar as emoções estampadas no rosto.

Ele sacode a cabeça, e um sorriso de escárnio contorce suas feições.

— O que posso dizer, Cayden? Você salvou minha vida, e estou me sentindo um peso morto de novo, exatamente como quando a gente era mais novo.

— Você me defendeu várias vezes.

— Nunca entrei na frente de uma bomba por você.

— Sempre teremos outras oportunidades, se foi isso que azedou seu humor. — Dou de ombros. — Não fazia sentido morrermos os dois. Eu sabia o que estava a caminho, então cobri você.

— Você tem uma esposa! — Ele bate as mãos na mesa, chacoalhando o lampião no centro. — *Uma esposa!* Tive que ouvir aquela mulher gritar com lágrimas de sangue escorrendo pelo rosto enquanto rezava para todos os deuses de que já ouvi falar para poupar a vida de vocês dois. Você estava morrendo bem na minha frente, e ela também.

Se ele tivesse me obrigado a engolir vidro teria sido menos doloroso. Deuses, os gritos dela. Vou me lembrar disso até o fim dos meus dias. A impotência que senti naquele momento me enojou, e me odiei mais que nunca, sabendo que não podia arrancar minhas mãos das dela.

— Você deveria ter levado Elowen para longe de mim.

— Deveria nada. — Ele sacode a cabeça. — O que ela fez foi um milagre.

— O que ela fez foi suicida — rosno, ficando de pé.

— Então vocês são perfeitos um para o outro. — Ele também levanta. — Como acha que ela ficaria se você morresse? Pense em Elowen. Vocês podem estar casados, mas ainda não existe um herdeiro para assegurar a linha de sucessão.

Sinto o sangue se inflamar com a menção à paternidade, algo que sempre rejeitei

totalmente.

— Tudo o que fiz desde o momento em que Elowen entrou na minha vida foi pensar nela! Os dragões são uma garantia muito maior para um trono do que qualquer criança, então é melhor parar de falar da *minha esposa* como se o valor dela se resumisse ao que pode sair do meio de suas pernas. Pode me insultar o quanto quiser, mas não envolva Elowen na conversa. Você está dando uma de cretino imaturo, me repreendendo como se eu tivesse ido atrás da bomba, sendo que tudo o que fiz foi limitar o número de mortos num ataque impossível de evitar.

Seu rosto se desfaz enquanto ele desaba de volta na cadeira. As paredes parecem estar se fechando sobre mim, mas cerro os dentes e volto ao meu assento também. Saskia vai chegar com Finnian e Elowen em breve, e o mais sensato é fazer essa reunião agora que estamos a caminho de Galakin para tentar uma aliança.

Arregaço as mangas e encaro furioso as novas marcas no meu braço. Odeio não conseguir deixar de amá-la, mas ao mesmo tempo, de forma doentia, nunca quero ser libertado desse tormento amaldiçoado. Seus gritos continuam ecoando na minha mente, e eu já estaria a caminho do porão do Covil do Demônio se estivéssemos em Vareveth, de tanto que preciso descarregar a raiva em alguém. O medo é um sentimento lastimável, mas quase senti seu gosto quando Elowen abriu os cortes na palma das mãos. Foi a única coisa mais forte que meu ódio de mim mesmo.

Sou profundamente egoísta, e minhas atitudes ao longo da vida refletem isso. Mato quando necessário. Roubo quando necessário. Minto quando necessário. Consigo gerar algum grau de sentimento se for provocado, mas não navego pela vida através das emoções.

Elowen sempre foi a maior falha na minha lógica.

Isso me deixou infinitamente perplexo no começo. Passava noites sem dormir tentando entender por que a felicidade e a segurança dela começaram a importar mais para mim do que libertar seus dragões. Saía do campo de batalha ou do ringue e escolhia flores com as mãos cobertas de sangue, imaginando o sorriso dela quando chegassem em seu quarto. Ela é a única parte boa de mim, mas quando penso na dor que causei a

ela tenho vontade de enterrar minhas emoções para que ela nunca conheça as verdadeiras profundezas delas. Durante toda a minha vida me ensinaram que amor é uma fraqueza, que tudo o que faz é gerar sofrimento, e queria poder ser diferente, mas não sou.

Elowen irrompe na sala como uma tempestade quando o navio balança sobre uma faixa de águas agitadas, e consigo me levantar e ampará-la com os braços antes que ela se choque contra a mesa.

— Com o tempo você se acostuma com o mar.

— Já estou bem acostumada com a terra firme — responde ela, sem fôlego.

— Meu colo ainda está disponível se estiver com medo dos monstros marinhos nadando lá embaixo.

Ela geme, olhando para mim por cima do ombro.

— Vou te mandar pra lá se continuar me lembrando da existência deles.

Eu a puxo para o assento ao meu lado apesar das emoções sombrias se agitando no meu interior, ou talvez justamente por causa delas. A presença de Elowen sempre torna a escuridão suportável. Ela é o centro do meu universo, e tudo o mais gira ao seu redor. Fecho a mão em torno de sua nuca, passando o polegar várias vezes pelo ponto de pulsação, e se ela nota o que estou fazendo não comenta a respeito.

— Primeira coisa — diz Saskia, tirando o manto grosso de peles e jogando sobre uma cadeira enquanto Finnian se acomoda no lugar ao lado de Elowen. — Já que estamos a caminho de Galakin, vamos discutir como fazer o príncipe Zarius se juntar a nós.

— Sequestro.

— Chantagem — diz Elowen.

— Ameaças — acrescenta Ryder.

Saskia segura a cabeça entre as mãos enquanto Finnian ri.

— Vocês são a família real de Vareveth. Precisam conseguir negociar com governantes como se deve, sem chantagem. Mesmo que seja com um príncipe deserdado.

— Ganhar vantagem por qualquer meio necessário *é* negociar como se deve — digo.

O navio balança de novo e Elowen fecha os olhos com força e procura minha mão. Puxo a cadeira dela para mais perto da minha e envolvo sua cintura com o braço, beijando sua cabeça. Ela pega a garrafa de vinho ao lado da lanterna e toma vários goles antes que eu a arranque dela. — Você não comeu nada.

— Assim eu fico bêbada mais rápido, e o tempo vai passar mais depressa.

— Não quando você estiver vomitando num barril. — Dou um dia antes que ela mude de ideia e se apaixone por navegar. — Vamos lidar com o príncipe quando chegar a hora. Os melhores planos nascem do improviso, de qualquer forma.

— Você planejou por vários anos antes de encontrar Elowen — aponta Saskia, com um tom de repreensão.

— Foi diferente.

— Ela também era uma deserdada da realeza.

— Com um vínculo com cinco dragões, filha do meu inimigo e linda de morrer.

— Dessa última parte você não sabia.

— Minha esperança se realizou.

Uma vermelhidão sobe pelo pescoço de Elowen, que limpa a garganta.

— Colocar o príncipe Zarius no trono de Thirwen vai ser bom para nós e para Galakin. Além de ser um novo aliado, Cordelia deve querer respostas sobre a irmã que desapareceu e provocou a guerra entre seus reinos.

— Não importa o quanto deseje se esconder, um membro da família real não pode continuar sendo um fantasma para sempre — diz Finnian, apontando para Elowen como prova.

— Zario é conhecida por suas casas de apostas. Fica nos arredores da cidade real. Vamos dar uma olhada lá antes de seguir para o castelo — sugiro.

— A realeza não vai considerar um insulto se não formos falar diretamente com eles primeiro? — pergunta Saskia.

— Já fizemos missões furtivas antes — responde Ryder. — Vamos abaixar as velas que têm o emblema dos Veles. Elowen pode mandar os dragões ficarem fora de vista, e podemos entrar e sair da cidade antes que a realeza fique sabendo. Elowen e Cayden

nunca vieram aqui como rei e rainha antes. Ninguém vai reconhecê-los.

Quando os outros não estão olhando, Ryder me oferece um olhar de desculpas, e assinto com a cabeça. Sei que ele se arrependeu do jeito como falou mais cedo, mas não sou do tipo que exige desculpas melosas.

Um criado traz uma bandeja de ensopado de carne com batatas-doces, cenouras, cebolas e outros legumes. O aroma reconfortante preenche a cabine quando ele a coloca na mesa. Finnian fica ainda mais verde que antes, mas não perco tempo antes de arrancar um pedaço de pão quente e mergulhá-lo em minha tigela.

— Como você está conseguindo comer? — resmunga Finnian.

— Com a boca — afirmo sem emoção.

— Galakin tem os deuses em alta conta, principalmente a Deusa das Chamas. A sociedade deles é constituída em torno da magia do fogo e da luz — começa Ryder. — Vocês dois foram marcados no casamento, no ritual, e com a nova habilidade de Elowen de manipular fogo de dragão...

— Por que vocês não começaram falando disso? Porra, quem se importa com o príncipe? — Me viro completamente para encarar Elowen. — Você manipulou o fogo de dragão?

A boca de Elowen abre e fecha várias vezes, e uma risada nervosa escapa enquanto olha ao redor.

— Hã, meio que sim?

— Como é que você *meio que* manipula o fogo?

— Olha só, eu não sei como fiz isso. Sentei ao lado de uma vela por várias horas ontem à noite e tentei puxar as chamas na minha direção, mas não senti nada. Pode ter sido um acaso ou resultado do ritual. Lembro que minha raiva se intensificou depois que soube que você estava curado, e parecia que aquele poder ia fazer meu corpo entrar em combustão se não fosse posto para fora logo.

— Tenta de novo. — Ryder empurra a lanterna em direção a ela, com uma única chama cintilando através do vidro. — Ou podemos subir para o convés, se quiser usar fogo de dragão, daí ficamos lá te aplaudindo enquanto faz isso.

— Mas que ideia brilhante — ironiza Elowen —, puxar fogo mágico para mim quando estou num navio de madeira no meio do mar.

Ele estala os dedos.

— Anotado. Não foi meu melhor plano, admito.

— O que aconteceu depois que você manipulou o fogo?

Malditos infernos, não consigo acreditar que perdi isso.

— Consegui invadir as barreiras de magia de proteção, e teria continuado se o plano não fosse sair de Vareveth, mas as barreiras vão ajudar a manter Imirath fora do nosso território. Mas não consegui reter esse poder. Espero conseguir observar alguns magos de Galakin e praticar suas técnicas. Enquanto isso, vou continuar fortalecendo a conexão com meus dragões. Ver através dos olhos deles não vai incendiar o navio e, quanto mais eu fizer isso, mais fácil vai ficar. — Ela respira fundo. — Soldados dos dois lados se ajoelharam para mim. Foi o caos nas fileiras de Imirath e Thirwen. Declarei que estou indo tomar o meu trono.

— Você é... incrível — digo, incapaz de desviar o olhar de seu rosto.

Ela fica ainda mais vermelha e se inclina para a frente na cadeira para escapar do meu olhar intenso. Vou vê-la manipular o fogo um dia. Ela pode pensar que foi um acaso, mas tenho certeza de que essa mulher é feita de magia.

— Alguma notícia das Ilhas do Sul desde a rebelião? — pergunta Finnian.

— Não — responde Saskia. — Está tudo tranquilo por enquanto, mas o silêncio pode acabar num piscar de olhos.

CAPÍTULO

QUARENTA E CINCO

Elowen

Delmira faz uma espiral e mergulha para baixo das nuvens, arrastando as garras pelo mar cintilante ao lado do navio. Esta viagem me deu uma desculpa para escapar a qualquer hora do dia para voar. Passo mais tempo sobre os dragões do que a bordo da embarcação. Parte da razão para isso é que Cayden anda bem estranho nos últimos dias, mas não preciso de muito convencimento para montar uma de minhas feras flamejantes.

Ele não está me evitando. Está sempre por perto, e compartilhamos uma cabine a bordo, mas está visivelmente quieto. Instável. Como um vulcão adormecido ou uma tempestade se acumulando no horizonte. Consigo perceber que está processando alguma coisa em sua mente, e quero ter a mesma paciência que ele teve comigo. Porém, sinto como se estivesse andando na ponta dos pés à beira de um precipício.

Ainda não perguntei a Cayden sobre a partitura em sua escrivaninha, mas considerando o quanto anda fechado em si mesmo não acho que seja hora de admitir que bisbilhotei seus pertences.

Delmira voa acima de Sorin, se camuflando no céu para uma emboscada, mas está encarando alguém que nunca foge de um desafio. Ele ruge quando percebe a presença dela, e os dois entrelaçam as garras enquanto caem rodopiando na direção da água. Dou risada, sentindo frio na barriga, e eles se separam a apenas centímetros da superfície,

voando em um arco amplo e roçando o focinho um no outro quando se encontram no meio, muito mais calmos do que antes.

Pisco várias vezes para amenizar a tontura quando Delmira se estabiliza, seguindo o ritmo do navio enquanto puxo um livro da bolsa que joguei sobre o ombro e deito de bruços. Contorno a sereia folheada a ouro na capa com o dedo antes de mergulhar na história. As luvas que cobrem minhas mãos tornam um pouco difícil virar as páginas, mas o clima está começando a esquentar à medida que avançamos em nossa jornada. Os primeiros dois dias não foram nada além de chuva. Ainda consegui voar acima das nuvens para evitar a tempestade, mas também passei um bom tempo lá dentro jogando e bebendo com Finnian e Ryder enquanto Cayden relutantemente tocava o piano instável e desafinado para Saskia e eu rodopiarmos pela pequena cabine.

* * *

Repito a mesma rotina no dia seguinte, mas preciso apenas de uma blusa para me proteger do frio, e no sexto dia de viagem já estou usando um vestido rosa-claro feito de chiffon esvoaçante com recortes nas laterais e uma modelagem soltinha que deixa meus braços expostos, mas se prende nos pulsos. Percorro uma das linhas lavanda que espiralam ao redor do braço enquanto tomo sol nas escamas de Sorin. O céu está pintado em tons de fogo quando os últimos raios solares queimam o dia. Se pudesse jantar aqui em cima, faria isso, mas considerando que já trouxe para cá o café da manhã, o almoço e vários petiscos, acho melhor dar as caras em algum momento.

Comando Sorin a me deixar no convés, mas ele faz o oposto e eleva a altitude.

— Sorin. — Falo seu nome como se estivesse repreendendo uma criança levada, e ele bufa antes de obedecer. — Boa noite, meu menino lindo.

Deslizo pela asa estendida, e meus pés calçados com chinelos batem no convés enquanto recupero o equilíbrio. Meus olhos estão no céu quando o escuto.

— Você está me evitando.

Cayden está recostado na amurada junto à proa, vestindo uma camisa branca de

linho que ondula ao vento. O colar de ponta de flecha que ele nunca mais tirou repousa no decote em V profundo da camisa, e as marcações que espiralam ao longo dos músculos são visíveis através do tecido meio translúcido. A calça preta folgada está enfiada dentro das botas, do jeito que ele usa todos os dias desde que o conheci, e uma bandana segura o cabelo longe do rosto. O mar lhe cai bem.

— Já pensou que talvez eu esteja ocupada?

— No meio do mar? — Ele se afasta da amurada e seus passos pesados devoram a distância entre nós. — Você leu três livros e está fazendo duas das três refeições do dia no céu, e é uma péssima atriz, porque dá risadinhas no travesseiro enquanto finge estar dormindo.

— Sou uma atriz fenomenal. — Jogo os cachos sobre o ombro e coloco a mão na cintura. — E não é de bom tom espionar as pessoas.

Ele cruza os braços.

— Você é minha esposa.

— Parabéns, essa foi uma observação quase inteligente. — Ele enfia a língua no canto da bochecha para não rir. — Estava me procurando por algum motivo em particular ou só pelo prazer da minha presença?

— Está mais para castigo.

Dou um empurrão em seu peito, que vibra com uma risada, e me viro na direção da cabine de jantar. Seus olhos pesam fortemente nas minhas costas a cada passo, e sei que a cada segundo que passa estamos nos aproximando de uma conversa inevitável.

* * *

Depois de um jantar tenso e de uma noite mais tensa ainda, pulo da cama. Apesar de saber que meus dragões querem ser montados, permaneço no navio e me empoleiro em um barril enquanto tomo limonada gelada e teimosamente encaro Cayden. Ele não se envergonha de encontrar meu olhar do outro lado do convés. É mais um dia escaldante sob o sol, e Finnian está se escondendo na sombra das velas enquanto esfrega loção

hidratante na pele avermelhada.

— Nunca vou sobreviver a este reino — resmunga ele.

— Você vai ficar bem. — Sorrio enquanto começo a afiar outra faca. — Se encontrar alguém que sente atração por morangos, vai ter um admirador ardente.

Ele mostra a língua para mim em resposta, e dou uma risadinha conforme coloco outra framboesa na boca. Cayden e Ryder tiram a camisa e erguem os punhos fechados enquanto vários soldados os aplaudem. Os dois circundam um ao outro, e eu provavelmente conseguiria ouvir as provocações que estão disparando se não estivesse tão focada no corpo esculpido de Cayden. *Pelos deuses.* O sumo da fruta escorre até o cotovelo, e nem percebo que esmaguei a framboesa que estou segurando até Cayden dar uma piscadinha para mim, quebrando o transe.

Saskia, que se abana com um leque de cetim vermelho que combina com seu conjunto de duas peças com ombros à mostra, bufa audivelmente. O estilo é similar ao meu — tecido esvoaçante transparente preso ao redor dos tornozelos e pulsos, mas o meu é lavanda e pontilhado com pérolas, em vez de pedrarias, e mostra mais a barriga.

— Seria de se esperar que usassem o tempo livre pra abandonar um pouco esse comportamento troglodita.

— Acho que você tem expectativas altas demais.

— Minha vez! — grita Finnian, saltando da sombra e cruzando o convés enquanto os soldados vibram ao ver Cayden imobilizar Ryder de bruços sobre as tábuas de madeira.

— Pega ele, Finny! — Finnian é claramente o azarão da luta, mas grito ainda mais alto quando Cayden me dá uma encarada. Há um ar de desafio em seus olhos, e até Saskia se junta a mim. Finnian tira a camisa, e tento não fazer careta quando vejo a pele queimada de sol. Como ele conseguiu se queimar *de roupa*? Cayden facilmente se esquiva do soco do meu amigo e torce seu braço para trás antes dar uma gravata nele. — Ah, Finny.

— Elowen, seu marido está tentando me matar! — grita Finnian, arranhando o braço de Cayden, que não está utilizando nem metade de sua força.

Finnian apenas vive e respira drama.

Cayden revira os olhos.

— Você que pediu pra treinar comigo.

— Treinar não significa estrangular.

— Você me irritou.

— Isso é surpreendentemente fácil — retruca Finnian, sem fôlego, enquanto Cayden o solta e pega uma caneca de cerveja gelada de Ryder, que está rindo baixinho.

Desço do barril e avanço em direção ao círculo de treino, passando pelos soldados e ficando cara a cara com Cayden. Seu peito reluzente sobe e desce, quase pressionando o meu a cada respiração. Ele parece mais leve que nos últimos dias, mas a escuridão que espreita sob a superfície — que não existia antes do ritual — ainda está presente. Eu me pergunto se algum poder desconhecido pulsa em suas veias, crescendo e o sufocando por dentro, já que ele não foi capaz de colocá-lo para fora. Se também tiver sido abençoado pelos deuses, fico imaginando de que formas isso vai se manifestar.

— Quer treinar comigo? — pergunta ele.

De perto, é ainda mais difícil ignorar a atração que sinto por ele. Por suas linhas angulosas e tinta escura. Além da lembrança de seu corpo contra o meu... me penetrando... Minha boca fica seca. O que quero é levá-lo à nossa cabine e trancar a porta.

— Quero. — Ele lambe os lábios, pedindo duas espadas cegas de treino, e envolvo os dedos ao redor do cabo, sentindo o peso enquanto o circundo lentamente. — Mas quero tornar isso mais interessante.

— Uma aposta?

Dou de ombros, olhando para ele e batendo os cílios, a imagem da inocência que ele sabe que nunca vou ter.

— Essa é sua especialidade, não?

Não menciono a taverna, já que estamos cercados de gente prestando atenção em cada palavra nossa, mas Cayden entende e parece ainda mais intrigado.

— O que você quer?

— Um favor numa data futura.

— Tudo bem. — Cayden ri, aproximando-se de mim para que apenas eu consiga ouvir o prêmio escolhido por ele. — Se eu ganhar, quero que vista outro daqueles conjuntos de renda pra mim.

— Combinado — sussurro, sentindo o corpo esquentar com seu tom rouco. — Vence quem desarmar o outro primeiro.

Cayden não vai me acertar, foi por isso pediu as espadas. É até provável que não lutará com toda sua força, por medo de me machucar. Mesmo logo quando o conheci, todos aqueles meses atrás, ele apenas me desarmou e conteve. Vai tentar fazer o mesmo, tal como fez com Finnian. Cayden é um dos maiores lutadores que Ravaryn já viu, e quando os livros de história narrarem sua vida, não vai ser a parte de coroa que vai vir primeiro, e sim a da espada. Ele luta como um deus e tem a mentalidade da própria morte.

Menos de um suspiro depois, ele elimina a distância entre nós e ataca. Levanto a espada para bloqueá-lo, e nossos olhos se encontram por cima das lâminas. O tilintar do aço faz vibrar meus ossos. Usando toda a força, o empurro para trás, sem nem perder tempo em tentar avançar. Ataco uma, duas, três vezes — e ele bloqueia todas as investidas. Finjo frustração, arreganhando os dentes, querendo fazê-lo pagar por seu comentário da noite passada de que sou uma péssima atriz. Os soldados ao nosso redor riem enquanto repetimos os mesmos movimentos outra vez.

Ele me força a recuar com sua arma, e tropeço no pé que ele coloca atrás do meu e jogo o peso para o lado para não cair. A lâmina gira em sua mão enquanto os olhos me perseguem como um predador, e sei que fiz o suficiente para ele acreditar que não tenho mais cartas na manga. Sua espada corta o ar e finjo estar mais cansada do que de fato estou, deixando o par de lâminas cegas me atingirem na lateral do corpo. Enrugo as sobrancelhas e caio de joelhos, me segurando para não sorrir quando sua espada vai ao chão.

— Puta merda, anjo, você está...

Mantenho uma pegada firme no cabo da espada enquanto giro sobre os joelhos,

passando a perna sob seus tornozelos e o fazendo se espatifar no convés. Subo em cima dele e aponto a lâmina para sua garganta. Os aplausos ensurdecedores fazem vibrar as tábuas sob nós.

— Sua malandrinha — diz ele, mas com covinhas profundas nas bochechas enquanto olha para mim.

— Acho que foi você quem me disse pra nunca lutar limpo. — Solto a espada ao meu lado e me inclino até sua orelha. — Mas, se você se comportar, ainda vou te dar o que pediu.

Com isso, saio de cima dele e sopro um beijo por cima do ombro enquanto ele passa a mão pelo rosto e se levanta. Os olhos verdes se fixam em mim quando caminho de volta para Saskia, que está radiante.

CAPÍTULO

QUARENTA E SEIS

Cayden

O uísque queima minha garganta quando tiro a garrafa da boca e apoio a cabeça no sofá, ouvindo o vaivém dos passos de Elowen. Nossa cabine está localizada na parte de trás do navio, dividida por um conjunto de cortinas azul-escuras que costumam ficar abertas, mas permanecem fechadas esta noite. Uma janela se estende ao longo da parede mais distante, um detalhe que fiz questão de acrescentar, tendo em mente o medo de confinamento de Elowen.

— Está sem prática, menina-sombra — digo, interrompendo seus movimentos.

Ela murmura um palavrão e passa pelas cortinas, vestindo nada além de uma camisola. Minha mão aperta a garrafa, que solto aos poucos, um dedo de cada vez, para não estilhaçá-la.

Ela senta entre minhas pernas abertas, e cerro os dentes para não gemer quando o aroma de seu perfume me envolve. A peça curtíssima roça o alto de suas coxas e não deixa quase nada para a imaginação.

— Quanto você bebeu?

— Nem perto do suficiente.

— Eu posso vestir um roupão.

— Eu posso queimar um roupão.

Ela ri e, porra, é uma das coisas mais lindas que já ouvi. Em sua mão está uma

tigelinha contendo algum tipo de óleo com ervas boiando na superfície.

— Imaginei que podia tentar aliviar a dor no seu ombro de novo, agora que está acordado.

Engulo em seco e molho a garganta com outro gole.

— Não precisa fazer isso.

— Eu sei.

Ela mergulha os dedos no óleo e esfrega as palmas juntas antes de pôr as mãos no meu ombro esquerdo e escavar anos de dores. Deito a cabeça em seu ombro enquanto seguro seus quadris. Sua pulsação dispara, e arrepios sobem pelos braços. Seu toque é doloroso no início, mas logo fica diabolicamente bom. Ela mantém o padrão torturante e prazeroso, e sou como massa modelável em suas mãos mágicas.

— O que está fazendo comigo, anjo?

Meus lábios roçam sua pele enquanto falo, e ela estremece de novo. É uma pergunta carregada de significado, porque o que sinto por ela ameaça minha própria existência. Não resta nada para mim neste mundo se ela não estiver aqui. Nunca percebi o quanto tinha pouco na vida até que a magnitude de sua presença se tornou aparente. Minha esposa é tudo. É a faca que perfura meu coração, mas também a curandeira que sutura a ferida mortal.

— Estou cuidando de você, já que se recusa a fazer isso.

— Você não está me inspirando a começar.

Levanto a cabeça, mas meus olhos se fixam nas novas marcas, as delicadas espirais prateadas, douradas, lavanda e azul-claras. Marcas que vão solidificar para sempre o que fez por mim, e como a coloquei em perigo. A escuridão que sempre espreitou dentro de mim anda mais vigorosa desde o ritual. Quero mantê-la longe de Elowen, mas a escuridão clama por ela, canta para ela e dança ao som de sua voz.

Culpa.

É um sentimento que me marca e faz o sangue ferver.

Eu a aperto com as mãos, querendo estar aqui, não dentro da minha cabeça. No entanto, a escuridão me faz de refém. Ela enterra os polegares em mim de novo, e se me

dissesse que é uma feiticeira nesse momento, eu acreditaria.

— Se aprendeu isso com Nyrinn, quero saber em quem você usou esse óleo antes.

— Por quê?

— Só pra conversar.

Vou matar qualquer desgraçado que tenha sentido as mãos dela assim. Sinceramente, mataria qualquer um que ela tivesse tocado de qualquer forma que seja. Elowen termina a massagem, mas nenhum de nós dois se move enquanto ela continua trilhando os dedos por meu ombro e descendo pelas costas. Está a centímetros de distância, mas em vez de sentir a paz que sempre acompanha sua proximidade, sinto como se não conseguisse puxar o ar para os pulmões.

Ela franze as sobrancelhas, e meu coração pulsa dolorosamente contra as costelas. *Você arruína tudo o que toca, garoto.* Solto seus quadris.

— Cayden?

Por todos os infernos, tudo o que sinto por ela se enrola em um nó na garganta e corta meu ar. Estou me afogando nela, mas parei de tentar espernear para voltar à tona. Sei que isso vai me matar e aceitei meu destino. Estar cercado por ela é exatamente como quero morrer.

— Volto num instante, amor. — Me inclino para beijar sua testa e visto a camisa de linho preta jogada sobre o braço do sofá. — Só preciso de um pouco de ar.

Entro no corredor estreito e sigo por uma escada, localizando o pequeno convés privado na popa do navio, logo abaixo da nossa cabine. A porta se fecha atrás de mim enquanto corro em direção à amurada. Enfio a mão no bolso para pegar um cigarro, massageando a dor sem fim no meu peito. Acendendo rapidamente o cigarro, dou uma tragada profunda e apoio os cotovelos na amurada, abaixando a cabeça para encarar a água. Mas nem a sinfonia do mar consegue me acalmar.

Merda, estou perdendo a cabeça.

A porta se abre com um baque e, se o temperamento de Elowen fosse capaz de começar um incêndio, o navio estaria incinerado. Nem preciso me virar para saber que é ela, e sou capaz de apostar que está balançando os quadris enquanto pisa duro, como

sempre faz quando está irritada.

— Pare de fugir de mim — exige. — Não posso continuar vivendo assim. Precisamos resolver isso, como sempre fazemos, não pisar em ovos, rodeando o problema como duas crianças. Sei o que você está pensando e não é justo.

— Ah, é? — Viro a cabeça em sua direção, apagando o cigarro, por sua proximidade. — E o que é que estou eu pensando?

— Eu sabia dos riscos quando concordei com o ritual. — Ela ergue o queixo obstinadamente. — Sei que se eu morresse não conseguiria cumprir nosso acordo, mas...

— Volta pra dentro.

— Não.

— Então pode ficar remoendo os pensamentos, se acha que estou arrependido do acordo.

— Você tentou convencer Finnian a me tirar de lá. Acha mesmo que eu ficaria vendo você morrer, sabendo que tinha algo que eu poderia fazer para impedir isso?

Ela dá um empurrão no meu peito antes de agarrar minha camisa.

Minhas narinas se dilatam quando noto seus anéis reluzindo ao luar, mas mantenho as mãos na lateral do corpo.

— Você teria vivido uma vida bem longa e celibatária.

Ela me solta e joga as mãos para cima.

— Você estava pronto pra aceitar a morte!

— É isso o que você acha?

— Você se despediu.

Sua voz falha, mas os olhos ainda estão cheios de raiva.

— O que queria que eu dissesse, Elowen? — pergunto, incrédulo, inclinando a cabeça para trás e contemplando as estrelas antes de olhá-la de novo. — Seria melhor se dissesse exatamente o que estava se passando na minha cabeça quando achei que estava dando meus últimos suspiros?

Ela engole em seco quando dou um passo à frente, forçando-a a olhar para cima quando chego mais perto.

— Queria que falasse sobre a amargura de saber que a procurei por mais tempo do que passei ao seu lado? Que há uma ironia doentia em sobreviver todos os anos em que quis morrer e morrer quando enfim tinha um motivo para viver além de vingança? Porque o motivo é um só e eu nunca o perco de vista, Elowen. É você. Tudo o que diz respeito a você é o que importa pra mim; você é infinita. Você foi tudo o que me permiti ver enquanto estava morrendo porque queria levar a lembrança do seu rosto comigo. Queria que contasse que rezei ao Deus da Morte para deixar minha alma com você se ele realmente tiver me dado sua bênção?

— Então por que está me afastando? — grita ela, frustrada. — Você falou que eu estava te evitando, mas estava na cara que precisava de mais espaço. Concordei em dar esse tempo pra nós, por ser um desejo seu, e agora está agindo como se quisesse que eu tivesse te deixado morrer.

— Deveria ter deixado mesmo.

— Não diga isso.

— Os seus gritos ainda reverberam na minha mente, o tempo todo. Se tiver que escolher entre nós dois, sempre quero que escolha você, mesmo que isso me mate.

— Sei que Ryder estava furioso com você por fazer o que eu fiz, então isso faz de você um hipócrita.

— São situações totalmente diferentes — rosno.

— Então você não é só um hipócrita, é um tolo também! Sua vida não vale menos que a minha, apesar de você achar que sim.

— É isso que você não entende! Vale menos, sim! — disparo de volta, com uma voz rouca e enfurecida. — Não porque você é a Rainha dos Dragões, ou a herdeira de Imirath, ou qualquer que seja o título. Minha vida vale menos que a sua porque *você* é minha vida. Minha vida perde o sentido sem você.

Seu rosto desmorona. Algumas lágrimas escorrem, e ela as seca com raiva. Eu teria me casado com ela mesmo se não tivesse nada em seu nome, os dragões não existissem e tudo o que possuísse fossem as roupas do corpo.

Não posso fazer isso.

Não consigo nem olhar para ela.

Elowen vai ficar melhor se eu mantiver minha maldita boca fechada, uma habilidade que nunca dominei quando estamos juntos. Nunca esperei que ela fosse amar alguém como eu. Não é culpa dela que não consiga ser digno de sua companhia; são anos e mais anos de maus hábitos.

— Pare de me afastar. Pare de fugir. Só pare com isso! — Ela me segura pelo pulso, mas não me viro e continuo andando mesmo assim. Minha sanidade está por um fio, e minha paciência se esgotou há tanto tempo que estou convencido de que nunca existiu. — Por que não consegue olhar pra mim?

Pelos infernos.

— Porque eu te amo! — rosno quando me forço a encará-la, e minha declaração está manchada pela raiva que vem junto com uma confissão indesejada. — Sinto que já disse isso de mil maneiras, mas se precisa dessas palavras, muito bem. Eu te amo. Sou apaixonado por você. Não me pergunte desde quando, porque não sei. Só sei que, em algum momento depois que te conheci e antes do casamento, me dei conta de que não consigo viver sem você.

As palavras saem às pressas da minha boca, rompendo as grades da gaiola em que as trancafiei por meses. Elowen recua, tropeçando enquanto anda para trás.

Por um momento, não há nenhum som além das ondas abaixo, compondo uma sinfonia com meu coração acelerado.

— Eu te amo — repito, com mais suavidade, já que ela nunca respondeu bem a gritos —, e não estou bravo com você. Eu nunca consigo ficar bravo com você, mas você quase morreu por mim, e não sei como conviver com isso.

O sangue pulsa tão ferozmente que mal ouço seu suspiro ofegante. Seus olhos castanhos me encaram como se eu não fosse real. Claro que sua primeira reação é de descrença, o que não surpreende. Ela passou a vida inteira sem se sentir amada, mas se for preciso vou lembrá-la todo dia.

Mesmo que não faça mais nada certo na vida, vou amá-la como ela merece.

— E... E eu não sou digno disso, Elowen. — Sinto um nó na garganta, mas me

esforço para continuar falando. — Nem de você. Passei a vida na escuridão, sem sentir amor por nada, nem acreditando que era capaz de amar, mas então você apareceu. Essa faísca de esperança, de luz. Eu me rendi antes mesmo de me dar conta disso, e estou em agonia há meses, amando você em silêncio. Se isso te assusta, trate de encontrar uma maneira de conviver com isso, porque sou egoísta até os ossos e nunca vou abrir mão disso. Prefiro renegar este mundo e reduzi-lo a cinzas a ter que viver um dia sem você.

— Você... — Ela dá um passo à frente, e as mãos agarram minha camisa logo acima do meu coração. — Você me ama.

— Meus sentimentos não exigem nada em troca. Mesmo que eu não seja correspondido, ou que você só sinta metade do que sinto, nunca vou deixar de te amar.

Eu aceito qualquer coisa dela, até migalhas. É melhor passar fome pelo resto da vida do que ficar sem minha esposa.

— Você me ama — repete ela, em um deslumbramento, me encarando com os olhos arregalados.

— Só me permito sentir o que quer que seja quando estou com você. Nunca deixe ninguém te dizer que sou incapaz de amar, porque é prova viva de que existe alguma coisa dentro do meu peito, e ela bate por você.

Está difícil até de respirar. Coloco as mãos nos seus quadris, para me assegurar de que ela está realmente aqui. Nos meus braços. Às vezes sinto que vou acordar, que tudo isso é um sonho, e que vou ter que voltar a procurá-la. Nunca me considerei um homem gentil. Não me preocupo com os sentimentos dos outros... mas Elowen é a exceção a todas as minhas regras. Quando estou com ela, me sinto uma pessoa diferente. Uma pessoa melhor.

Passo os dedos de leve em seu rosto, saboreando a sensação enquanto mantenho um aperto firme na seda que ela veste, morrendo de medo de que Elowen me escape. Nunca fiz isso, nunca senti isso. Não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

— Não existe nada que eu queira mais que você. Não existe nada que eu não faria por você. Não existe nada que eu ame mais que você.

— E se eu mudar com o tempo? — Ela umedece os lábios. — E se você acordar um

dia e se ressentir de mim porque não sou mais a pessoa que era quando tomou essa decisão?

— Se você mudar, vou passar o resto da minha vida encontrando novas razões para te amar.

Ela assente e aperta minha camisa com força.

— Eu te amo, Cayden.

Respiro fundo, como se ela tivesse me dado um soco no estômago, porque é assim que me sinto.

— Não diga isso se não estiver falando sério.

— Eu estou.

Balanço a cabeça.

— Elowen, não estou no meu juízo perfeito. Você não pode dizer uma coisa dessas à toa. Ou só o que vai fazer é alimentar meu vício.

— Eu te amo, Cayden Veles.

— Eu não mereço isso.

— Você não precisa ser perfeito para ser amado. Tem meu coração, e o protege com a mesma determinação que protege meu corpo. Nunca vou amar ninguém como amo você.

Suas mãos se entrelaçam no meu cabelo, e ela me puxa para baixo com urgência, para aproximar nossos lábios. Agarro seus quadris com mais força e a coloco na amurada, me posicionando entre suas pernas quando me prende ali. Ela me beija com uma paixão que incendeia minha pele. Passo as mãos por seu corpo, fazendo de tudo para senti-la mais perto.

Isso não pode ser real.

Devo estar sonhando.

— Eu te amo — murmura ela contra meus lábios, e me agarro a cada sílaba. — Mesmo quando nossas almas forem só resquícios esquecidos no vento e o mundo deixar de existir, ainda vou te amar. *Amito evidani.*

— *Amito evidani, mia sirantia.*

— É fácil demais te amar, Cayden Veles, e vou passar o resto da vida tentando fazer você acreditar nisso.

— Então vou tratar de garantir que tenha uma vida muito longa.

Ela sorri suavemente para mim conforme o ar marinho dança por seus cachos. Eu viveria neste momento para sempre, se pudesse. Eu a beijo de novo, mantenho-a colada a mim enquanto abro seus lábios com os meus. *Ela me ama.* Parece bom demais para ser verdade, e detesto ver a cara feia da suspeita neste momento. Eu a afasto para longe, me obrigando a confiar em Elowen nesta terra desconhecida que estamos explorando juntos, e aprofundo o beijo quando a levanto da amurada.

Ela murmura contra meus lábios e desliza os dedos em meu cabelo. Meus passos vacilam quando ela move os quadris contra os meus enquanto caminho. Pressiono-a de costas contra a parede do corredor escuro e me esfrego nela, incapaz de voltar à cabine sem lhe dar uma amostra do que quer. Cubro sua boca quando seus lábios se separam dos meus em um gemido.

— Isso tudo é só pra mim, anjo.

Elowen assente, revirando os olhos quando repito os movimentos. Ela não faz ideia de como vou ficar agora que sei que me ama. Ela nunca vai se livrar de mim. Outro gemido suave escapa de seus lábios, e dou risada contra seu pescoço, sugando o ponto sensível logo abaixo do queixo para torturá-la um pouco mais. Minha amada arqueia as costas, pressionando os seios contra mim, e a mordo para abafar um grunhido.

Suas mãos passeiam por meus ombros enquanto nos levo pela escada até nossa cabine, trancando a porta atrás de mim.

— Você está sempre tão carente de mim, linda.

— Então me dá logo o que eu quero — responde ela enquanto a coloco na escrivaninha ao lado da porta e me sento na cadeira.

— A paciência é uma virtude.

— Quando foi que te dei a impressão de que sou virtuosa?

Engancho o dedo no decote de sua camisola antes de trazer a outra mão para a frente e rasgar a peça bem no meio. Lambo os lábios enquanto observo seu peito

ofegante e suas pernas abertas e me inclino para beijar seus seios. Ela se arqueia na direção da minha boca enquanto beijo a carne macia e abocanho um mamilo, usando os dedos para brincar com o outro.

Qualquer peça de mobília vira um altar com ela em cima.

Puxo a calcinha para o lado e deslizo dois dedos para dentro de sua abertura encharcada. Ela geme meu nome como se fosse a resposta para qualquer coisa que possa querer enquanto começo a enfiar e tirar os dedos lentamente. Toda vez que a toco, a urgência desenfreada de fazê-la se sentir tão bem a ponto de esquecer qualquer outro que possa ter vindo antes de mim se fortalece. Quero ser o único homem em sua mente. O único nome a honrar sua língua.

Pressiono o anel que ganhei de presente em seu clitóris, e ela joga a cabeça para trás em resposta. Algo primitivo surge dentro de mim por saber que nosso emblema está pressionando a parte mais íntima dela. Sempre que estou com ela me dedico a saborear cada momento e cada gemido, sabendo que poderia passar horas entre suas coxas. Suas pernas escorregam dos braços da cadeira quando giro os dedos, e Elowen olha para mim com olhos suplicantes quando os deslizo para fora e os chupo até limpá-los.

— Por que parou? — questiona, ofegante, com um dos cachos balançando na frente dos lábios.

Mas não respondo, só pego o que restou de sua camisola e rasgo na parte das costas, usando os pedaços que caem por seus braços para amarrar seus pés à cadeira. Ela arregala os olhos e engole em seco.

— Tudo bem fazermos isso?

Ela assente lentamente.

— Acho que sim.

— Se mudar de ideia, me avisa. — Deslizo os dedos dentro dela de novo, dobrando-os um pouco. Um gemido desesperado escapa de seus lábios, e ela abre mais as pernas. — Confia em mim pra cuidar direitinho de você? — Ela assente. — Você está lambuzando a minha mão inteira, amor.

Estou tão duro que chega a doer, o que não é incomum quando estou perto de

Elowen, mesmo quando ela não está fazendo nada sensual, mas vê-la esparramada diante de mim me torna voraz. A necessidade de reivindicá-la, de possuí-la, pulsa através do meu corpo. Essa sensação sempre esteve aqui, como uma fera insaciável sob minha pele, mas piorou depois do ritual. Pressiono a língua em seu clitóris, sugando-o enquanto ela agarra meu cabelo, as coxas tremendo.

Ela é minha, a escuridão dentro de mim sussurra, e passo o braço ao redor de suas costas e a arrasto para mais perto quando uma batida ressoa na porta. Eu ignoro, mantendo a cabeça entre as pernas de Elowen, não me importando com nada além dela — o que também não é incomum. Seu gosto é como uma droga que me tira a razão. Ela tenta se afastar, mas não deixo, e ela pressiona os lábios juntos para abafar um gemido enquanto seu tremor aumenta.

A batida ressoa de novo, e me afasto dela apenas o suficiente para dizer com a voz rouca:

— Se não quiser morrer, sugiro que se afaste da porta. — Pressiono o anel em seu clitóris de novo, e ela tapa a boca com a mão enquanto movo o dedo em círculos rápidos. Ela implora com os olhos, e sei que está a segundos de chegar lá. Uma vermelhidão familiar se espalha por seus seios e se enrola ao redor do pescoço. — Está gostando de usar nosso emblema pra fazer você gozar? — murmuro, só para ela ouvir. — Isso te lembra a quem você pertence?

— Z-Zario surgiu no horizonte. Vamos começar a procurar um lugar desabitado para atracar — dispara alguém do outro da porta antes de correr pelo corredor.

Como se eu me importasse.

Eu a puxo mais para fora da escrivaninha e a lambo como um homem drogado por seu gosto até que esteja sem fôlego, completamente derretida. Não paro quando ela cobre a boca para gritar meu nome, levada pelas ondas de prazer até ficar mole. Ainda não estou disposto a soltá-la, quero até a última gota para mim.

Lambo os dedos de novo e levanto o anel cintilante para seus lábios.

— Beija.

Ela faz o que peço, mantendo os olhos cravados nos meus enquanto desamarro seus

tornozelos. Elowen cai no meu colo, encharcando minhas calças com sua abertura molhada enquanto se inclina para a frente para deixar um rastro de lambidas em meu pescoço. Minha cabeça cai para trás, dando acesso para ela fazer o que quiser comigo. Ela se esfrega no meu pau e, por todos os malditos infernos, nunca vou sobreviver a ela. Choques de prazer me atravessam quando dança em cima mim como fez no bordel, e a lembrança daquela noite quase me faz gozar na calça. Eu jamais a despiria em uma sala cheia de pessoas, mas saber que todos lá estavam com os olhos grudados nela e que ela só tinha olhos para mim e implorava que eu a tocasse... aquela foi a cena mais erótica que já presenciei.

Tudo nela é avassalador — seu cheiro, sua pele, ela. Ela basta. Seus dedos descem lentamente por meu peito enquanto continua rebolando contra mim e desamarra os cordões da minha calça. Agarro sua calcinha por trás e a arranco, não querendo nada entre nós. Minha ereção salta para fora, e gemo contra seus lábios quando me cobre com sua umidade, deslizando em cima mim até alinhar sua entrada e descer aos poucos. Ela continua a descer, gemendo contra meus lábios enquanto se ajusta a cada centímetro, só parando quando estou completamente dentro. Minha esposa fecha os olhos com força, apoiando a cabeça no meu ombro. Assumo o controle, penetrando-a com força, e seus dentes afundam em meu pescoço. Prefiro estar no controle. Adoro me concentrar no prazer dela.

Ela rasga minha camisa até parti-la em duas e desliza as mãos em meu tronco marcado por cicatrizes enquanto a coloco de volta na escrivaninha, dando estocadas em um ritmo implacável que a faz cravar as unhas nas minhas costas e envolver minha cintura com as pernas. Capturo seus lábios com os meus quando se aperta ao meu redor, e continuo a fodê-la com gosto até que ela chegue a um segundo orgasmo. Ela grita contra meus lábios e me encara com olhos nebulosos depois que seu prazer atinge o ápice.

— Você ainda vai gozar de novo pra mim — digo, diminuindo as estocadas, mas sem sair de dentro dela. Elowen assente preguiçosamente, remexendo os quadris contra os meus na promessa de mais. — Vai me deixar encher essa bocetinha perfeita?

— Vou. — Acelero o ritmo de novo, lubrificando nossa pele quente com suor. Outra batida ressoa contra a porta, e Elowen rompe nosso beijo para sussurrar: — Manda embora. Só não para, por favor.

— Se acha que eu ia parar de te foder por quem quer que seja, é sinal de que não me conhece muito bem.

Tiro as botas e arranco o resto das roupas enquanto ela continua se movendo sobre mim, e a levanto nos braços. A cômoda ao lado de nossa cama tem um pequeno espelho, e a coloco na beira da cama e para virá-la de bruços, puxando seus quadris para cima. Ela geme quando pego seu clitóris inchado na boca de novo, lambendo-o por alguns instantes e sentindo que ela fica mais molhada quando olha para o nosso reflexo. Dou uma última lambida e uma piscadinha para ela antes de levantar, arrastando o pau até sua abertura. Seus olhos se fixam nos meus de novo. Enrolo seus cachos no meu punho e me jogo contra ela, febril e frenético, fazendo a cabeceira bater na parede e enviar uma mensagem em alto e bom som para o lado de fora.

Um sorriso arrogante se forma em meus lábios.

— Gosta de me ver fodendo você, anjo?

— Uhumm.

— Fala o que você está vendo. — Deixo uma trilha de beijos em suas costas. — Porque acho que você fica tão linda quando estou enfiado tudo em você.

— Parece que você não se cansa de mim — ofega ela.

A cabeceira bate contra a parede ainda mais alto, as estocadas impulsionadas por suas palavras.

— Você é minha pela eternidade, e ainda não é tempo suficiente.

Ela perde o controle debaixo de mim, gritando e suspirando meu nome, sem se importar com quem possa ouvir. Perdida demais no prazer que estou proporcionando.

— Isso mesmo. Mostra pra quem está do outro lado da porta que você é minha. — Eu a viro de frente, beijando os seios, o pescoço, os lábios, e querendo vê-la quando ela termina de gozar. — Fala de novo.

— Cayden — geme ela.

— Não isso.

Seus olhos estão pesados de desejo, mas brilham quando ela se dá conta.

— Eu te amo.

Diminuo as estocadas, e ela choraminga.

— Fala de novo.

— Eu te amo.

Paro de me mover, mas continuo enterrado nela até a base.

— De novo.

— Eu te amo — diz ela com tom de súplica. — Eu te amo, Cayden.

Deuses, isso é inebriante.

— Você realmente nunca deveria ter me dito isso — repito minha declaração anterior. — Sou viciado em você há mais tempo do que imagina, e agora é que não vou abrir mão mesmo.

Dou a nós dois o que ambos queremos, persigo o êxtase. Estou tentando me segurar, mas ela está gemendo meu nome e me agarrando loucamente enquanto se perde no clímax. Acelero as estocadas para prolongar seu prazer, e a euforia que só encontrei nela me percorre por inteiro. Suavizo os movimentos conforme a névoa se dissipa, colando de leve os lábios aos dela. Beijo o rosto, a testa e a ponta de seu nariz. Ela é a coisa mais preciosa do mundo para mim.

— Eu te amo, Cayden — repete ela, com a voz impregnada de emoção em vez de prazer.

A quietude daquele tom, a gentileza, me provoca um aperto no peito.

Pressiono os lábios nos dela de novo.

— Eu te amo também. Pra sempre.

CAPÍTULO

QUARENTA E SETE

Elowen

Apesar de ser inverno em Galakin, o reino é a imagem do verão. As docas estão fervilhando, e os aromas de especiarias e frutas tropicais doces criam uma combinação inebriante. Entrelaço os dedos aos de Cayden enquanto nós cinco nos apressamos para entrar na cidade. Zario é um cenário vibrante, com foliões do solstício de inverno dançando ao som de uma canção tocada por músicos de rua.

Conseguimos encontrar uma caverna coberta onde atracar o navio depois de navegar ao largo de uma praia sem patrulha. Achei que os dragões ficariam chateados quando ordenei que não viessem conosco, mas logo mergulharam na água rasa, batendo as asas nas ondinhas e relaxando. Não mostraram sinais de fadiga na jornada, mas tenho certeza de que estão aproveitando o descanso.

Zario é construída ao longo de uma colina íngreme com ruas sinuosas ladeadas de casas de pedra branca de no máximo dois andares, com telhados abobadados em cores variadas. Meu cabelo faz cócegas na parte de trás dos braços quando inclino a cabeça, olhando para as palmeiras imponentes carregadas de cocos. Em todas as direções, o oceano é visível e cristalino até de noite. Cayden puxa minha mão, e paramos diante de um dos vendedores de rua, que vende fatias de alguma fruta que nunca vi, enquanto Finnian e Ryder experimentam máscaras extravagantes decoradas com penas e joias.

— O que é isso?

— Só experimenta — responde Cayden acima da música, levando uma das fatias polvilhadas com pó vermelho até minha boca. É doce, salgada e um pouco picante ao mesmo tempo. Ele ri quando meus olhos se iluminam e pego outro pedaço. — Essa fruta é uma manga, e está temperada com uma mistura de limão, pimentas e sal.

— Por que não temos isso em casa? — pergunto, incrédula.

— As mangas só crescem nas Ilhas do Sul e em Galakin, e custa caro importar. Essa receita vem das Ilhas do Sul. Muita gente fugiu pra cá na invasão de Imirath, porque combinava melhor com seu estilo de vida. Os invernos nas ilhas são frios, não tão severos quanto no continente, mas em Galakin as pessoas podiam ganhar a vida no mar e não precisavam ter medo de morrer congeladas puxando as redes.

É bom ouvi-lo falar bem sobre as ilhas. Ele raramente faz isso, e entendo o porquê.

— Quando vencermos a guerra, prometo comer mangas com você até enjoar.

— Claro, princesa.

Ele passa um dos braços ao redor de meus ombros enquanto uma brisa quente agita minha saia, e viramos uma esquina.

A rua é inteira é ladeada por casas de apostas, todas bem próximas para aqueles com os bolsos recheados pularem de uma para outra. As janelas de todos os estabelecimentos estão abertas, e os sons de aplausos acompanhados por cartas sendo batidas e fichas sendo recolhidas escapam para a rua.

— Sim, eu diria que estamos no lugar certo — comenta Ryder.

— Por onde começamos? — pergunta Finnian.

— Na pior de todas — respondo. — São aqueles que ninguém nota que sabem mais sobre todo mundo.

Pego uma garrafa de rum de uma mesa cercada por clientes desavisados e tomo um gole antes de passá-la adiante. Já vi manipuladores de chamas em ação, mas é diferente estar aqui, onde veneraram o fogo há séculos. Eles puxam o elemento das lanternas penduradas nas ruas e lançam chispas pelo ar. Alguns chegam ao ponto de moldá-lo como um bando de pássaros esvoaçantes ou uma serpente sinuosa se enrolando ao redor do sol. Nem as minhas marcas divinas nem as de Cayden atraem atenção indesejada,

apesar de nossos braços estarem expostos, porque vários cidadãos cobriram o corpo com tinta colorida em padrões espiralados. Tigelas de tinta descartadas se espalham pela rua de pedra branca, e as pegadas criam trilhas desbotadas, indicando que quem quer que tivesse passado ali teve sua atenção capturada por algo.

Uma profunda explosão de gritos desvia minha atenção das lanternas de papel penduradas mais acima. Um homem claramente bêbado é jogado por um lance de degraus levando a um dos salões de apostas por um mercenário muito maior que ele, tornado ainda mais ameaçador pelas cicatrizes de queimadura que cobrem metade do rosto.

— Este lugar parece perfeito. — Pego o rum da mão de Finnian antes que ele tenha a chance de levá-lo de volta à boca enquanto conduzo o grupo a um beco ao lado da pequena construção. — Vocês quatro esperem aqui, eu volto em alguns minutos.

— Por que tenho que esperar aqui fora? — resmunga Finnian.

— Porque você fica vermelho quando mente.

Tomo outro gole antes de derramar um pouco na mão e esfregar no pescoço e no alto dos seios, que estão empinados para cima por um bustiê branco com uma safira estelar no centro. A saia combinando é de cintura baixa e pende sobre os quadris com uma corrente com pedrarias. Passo mais álcool na barriga, para garantir que esteja cheirando como se tivesse rastejado por uma taverna.

Cayden se inclina para lamber um pouco do meu peito, e o empurro pelos ombros.

— Nada de interferir com a apresentação.

— Posso ter uma só para mim?

— Eu não cobro barato.

Ele dá de ombros, se recostando contra a parede em frente a mim e me devorando com os olhos.

— Diga seu preço.

— Não diga nada sarcástico por um dia inteiro pra nenhum de nós quatro.

— Eu disse preço, não milagre.

— E já não conseguiu — diz Ryder, se colocando ao lado de Cayden. — Aposto que

ela consegue o que precisamos em vinte minutos.

— Dez — responde Cayden, apertando a mão estendida de Ryder e apontando o queixo na direção da entrada.

O orgulho infla meu peito, e altero o jeito de andar quando chego aos degraus da frente, por não querer parecer obviamente bêbada. A sutileza é o que vende uma apresentação. Se eu estivesse mesmo embriagada, faria tudo ao meu alcance para esconder isso das pessoas.

Os dragões me pressionam através do vínculo, querendo desobedecer ao meu comando de ficar fora de vista e vir me encontrar, mas bato o pé e emito o comando de novo, fechando os olhos para que ninguém veja seu brilho dourado sob a luz fraca. Sabia que a complacência deles não duraria muito, mas não achei que terminaria tão depressa.

Não tem algo digno de nota aqui além de um mosaico lascado no telhado abobadado, uma imagem das ondas do mar, mas está desbotado, assim como as mesas descombinadas espalhadas de forma desordenada. O ar está quente e denso com fumaça de cachimbo e suor, e abro caminho até o bar, me segurando no balcão de madeira. Rio comigo mesma quando subo em um banquinho e sorrio para uma dupla de mulheres que fazem um breve contato visual antes de retribuírem o gesto, dando risadinhas em seus copos.

— O que estão bebendo? — pergunto, apoiando a cabeça na mão e balançando as pernas.

— Rum com água de coco — diz a mais próxima de mim. — Quer experimentar?

— Por que não?

Faço o pedido à mulher atrás do balcão e agradeço quando ela desliza o copo na minha frente. Não que seja bom, mas também não é a pior coisa que já provei.

— Você é daqui?

— Ah, não. — Dou uma risada. — Estou só de passagem no navio mercante do meu pai.

— Bom, com certeza tem diversão de sobra para uma jovem aqui no reino, caso não tenha notado. — Ela olha por cima do ombro, onde não duvido que vários homens

estejam olhando na nossa direção, não só para mim, mas para elas também. Podem não estar usando vestidos ornamentados, mas a ausência de calosidades em suas mãos me faz acreditar que são damas de alta estirpe dando uma fugidinha. Os aristocratas circulam principalmente na parte mais cara da cidade, o Distrito da Luz, então aqui elas têm uma chance melhor de não esbarrar em nenhum conhecido.

Por baixo do balcão, passo a aliança de casamento para outro dedo.

— Pode valer a pena aproveitar. Meu pai quer me casar com quem oferecer o melhor dote assim que atracarmos em casa. Acho que não tenho como escapar, a não ser que volte para o barco dele com um príncipe nos braços.

A mulher à esquerda ri, a simpatia brilhando nos olhos.

— Bom, os príncipes de Galakin estão todos trancados no palácio. Nunca vêm para a cidade. O príncipe Zale aparece às vezes, mas só nos seus lugares favoritos, principalmente nas praças das artes ou no teatro.

— Que pena — digo, arrastando as palavras e terminando a bebida. — Ouvi que o príncipe de Thirwen está aqui. É verdade? Sempre quis conhecer um príncipe.

As duas dão risadinhas enquanto estalo os lábios e me aproximo para ouvir a resposta sussurrada.

— Existem boatos que o príncipe Zarius frequenta o Oráculo. É uma casa de apostas a alguns quarteirões daqui, muito mais cara do que esta.

Meus olhos se iluminam.

— Me contem mais.

A mais próxima de mim se inclina de novo, os olhos castanhos acesos com malícia.

— Dizem que ele é um bêbado terrível, e ainda pior quando está sóbrio. Não tem herança, mas de alguma forma tem dinheiro, apesar de ter sido deserdado pelo pai. Eu manteria distância, se fosse você. Ele não é conhecido pela bondade, e dizem que seus olhos vermelhos são bastante perturbadores. É como olhar para poças de sangue.

— Então me desejem sorte tentando encontrar um outro homem rico que agrade meu pai.

Solto um suspiro e desço do banquinho, estendendo o braço para dar tapinhas em

suas mãos pousadas sobre o balcão.

Elas erguem os copos para mim, e faço questão de tropeçar em uma perna de cadeira enquanto aceno por cima do ombro. O leão de chácara assustador na porta me olha como se estivesse pronto para me jogar para fora se eu demorar o suficiente para irritá-lo. Agarro a saia conforme desfilo pelos degraus e viro a esquina para encontrar meus amigos de novo.

Os olhos de Cayden se iluminam ao me ver, e Ryder resmunga enquanto joga um saco de moedas em sua palma estendida. Faço uma reverência, compartilho a informação que adquiri, e nós cinco seguimos o caminho até o príncipe desavisado.

CAPÍTULO

QUARENTA E OITO

Cayden

Ryder e Finnian secaram a garrafa roubada de rum de Elowen quando chegamos ao Oráculo. As ruas estão um pouco menos lotadas, mas ainda cheias. Caminho atrás de Elowen, encarando furiosamente cada homem cuja cabeça ela faz virar, o que me deixa de cara fechada quase o tempo todo. Faço isso não só por minhas razões egoístas, mas porque Elowen está se divertindo, e ela ficaria cautelosa e na defensiva se um homem se aproximasse dela. Quero que sua ansiedade a deixe em paz, nem que seja por apenas uma maldita noite.

Ocupamos uma mesa alta do outro lado da rua da casa de apostas, um pouco distante da entrada principal, para conseguirmos observar a porta lateral também, a única outra saída.

— Qual é o plano? — pergunta Finnian. — Eu *humildemente* fiquei de fora enquanto Elowen conseguia as informações, apesar de *não ser verdade* que fico vermelho quando minto, então me ofereço para me aventurar lá dentro.

— Fica à vontade, Finny — diz Elowen, fazendo um gesto na direção da construção.

— Saskia e eu também vamos — avisa Ryder. — Vocês dois podem monitorar as saídas, mas, já que estamos numa parte mais cara da cidade, é melhor os dois ficarem fora de vista o máximo possível. Conseguimos passar despercebidos até aqui, mas não vamos abusar da sorte.

Levanto as sobrancelhas.

— *Você* não quer abusar da sorte?

— Pode ser que eu esteja amadurecendo.

— Você deu uma cambalhota e caiu numa barraca de melões no caminho para cá.

— Eu disse amadurecendo, não mudando.

— Talvez um dia eu seja abençoada com as duas coisas acontecendo com você ao mesmo tempo — resmunga Saskia enquanto o segue, com as contas douradas que Elowen trançou em seus cachos escuros cintilando ao balançar.

Todos estão vestidos com trajes de verão usados pelos locais, na esperança de se misturar à multidão... Mas, no caso de Finnian, não tenho muita esperança.

Bato o dedo entre as sobrancelhas franzidas de Elowen, ocupando o banquinho ao lado do dela, puxando-a para o meio das minhas pernas para ficar de olho na casa de apostas.

— O que está se passando nessa cabecinha?

Seus lábios se curvam para um lado.

— Pensamentos sujos demais para os seus ouvidos.

— Se não pode falar, é só me mostrar. Eu aprendo melhor fazendo do que ouvindo mesmo.

— Humm. — Ela franze o nariz e balança a cabeça antes de olhar para baixo para girar o anel de casamento. — Não consigo fazer o fogo na tocha se mover. Estava tentando puxá-lo na minha direção como fiz com o fogo de dragão. É como se o poder tivesse me inundado e depois ficado dormente em meu corpo.

Deuses, o que eu teria dado para vê-la derretendo as barreiras de magia de proteção de Imirath, invocando todo aquele fogo de dragão como uma deusa renascida. Eu a forcei a contar isso várias vezes, mas nunca perde o encanto. Adoro vê-la incutir medo em nossos inimigos; realmente é uma visão deslumbrante.

— Entra na mente de Sorin — comando, para mostrar a ela que nem todas as suas habilidades estão dormentes.

Ela estrala as juntas dos dedos, olhando de um lado para o outro para se certificar de

que ninguém está olhando para seu rosto. Estou de costas para um paredão curvo com vista para o mar, e as outras mesas brancas com azulejos pintados de laranja e amarelo estão cheias de bêbados barulhentos tão afundados nos próprios copos que não notariam nem se alguém os esbofeteasse no rosto.

Suas íris desaparecem, e a mão aperta minha coxa enquanto passa um tempo com Sorin. Ele é de longe o mais travesso, mas sei que ela adora isso. Elowen volta depois de alguns momentos, os olhos castanhos mais claros que antes.

— Eu continuei praticando durante a viagem, então é muito mais fácil para mim fazer essa transferência, mas *essa* habilidade nunca foi embora, ao contrário da manipulação de fogo. Você se sentiu diferente quando acordou depois do ritual?

Passo o polegar pelo queixo com a barba por fazer.

— Não sei.

— Como assim, não sabe?

Minha faca brilha enquanto a giro ao redor dos dedos, contemplando a melhor maneira de responder à pergunta.

— A morte e a escuridão moldaram minha vida, e sempre senti que me seguiam como uma sombra. As marcas que recebi no ritual provam o quanto a escuridão se infiltrou em mim. — Aponto para o braço e o pescoço, onde principalmente linhas pretas se espalham por minha pele, e a única linha azul é tão escura que poderia muito bem ser preta também. — Isso sempre viveu dentro de mim, sempre foi parte de mim, mas é como se tivesse alguma coisa me puxando na sua direção. Sempre me senti assim, só que agora está mais forte. Mais instável. Eu mataria por você sem pensar duas vezes desde o momento em que a gente se conheceu, mas agora é como se não conseguisse dormir porque desviar minha atenção, mesmo que só por um momento, me deixa nervoso. Algo em meu sangue pulsa contra minha pele e meus ossos me proibindo de baixar a guarda, e não é uma força pacífica. Sua presença sempre silenciou as vozes da minha cabeça, mas agora é como se alguma coisa tivesse despertado e chamasse por você, mas não sei o que é.

— Ah.

Ela abaixa a cabeça.

— Não é uma coisa ruim — acrescento, trazendo seus olhos de volta para mim. — É só...

— Diferente?

— É.

— Tem uma coisa que não te contei sobre o ritual. — Ela engole em seco, e giro um dos cachos adornados com as mesmas contas douradas de Saskia para acalmá-la. — Depois que derreti as proteções de Thirwen, falei com a maga da alma que o executou porque queria respostas. Ela me disse que nossas almas têm um vínculo. Nossos caminhos foram traçados pela Deusa das Almas para se cruzarem. Sem isso, o ritual não teria dado certo.

— E você acredita nisso?

— Não sei mais no que acredito. — Ela pisca os olhos e cerra os dentes enquanto olha na direção do mar. — Mas sei que você teria morrido sem aquele ritual.

— *Sirantia.* — Puxo seu rosto de volta na direção do meu. — Procurei por você porque era a filha do meu inimigo e tinha um vínculo com cinco dragões. A atração por você não era tão forte naquela época, não era desesperadora.

— Você está deixando os sentimentos turvarem seus pensamentos — sussurra ela. — Nossa vida é muito maior do que apenas nós dois. Você já se perguntou se tem poderes? Algum tipo de habilidade mágica? Se eu consigo entrar em outras mentes, montar dragões e *às vezes* até manipular fogo... E se você for capaz de fazer alguma coisa assim também?

Faço que não com a cabeça.

— Além de ser extraordinariamente bom com a minha língua e uma lâmina... — Ela bufa ao ouvir minha arrogância. — Acho que não tenho nada de incomum.

— Não acredito nisso. — Ela me olha por um longo momento enquanto puxa o pingente ao longo de sua corrente. — Tem alguma coisa à espreita dentro de você, Cayden, e sempre que se manifestar, trate de fazer o mundo todo sentir.

Não quero decepcioná-la, então mantenho a boca fechada. A magia se manifesta

nas pessoas aos 12 anos. Elowen é uma exceção — se suas habilidades foram sufocadas como resposta ao trauma ou por estar separada de seus dragões, ela foi capaz de despertá-las. Não tenho vínculo com nenhuma criatura e fui colocado em ringues de luta pelo meu pai, onde fui espancado o suficiente para incitar algum tipo de habilidade mágica a se revelar... mas tudo o que tinha eram meus punhos — e garrafas quebradas, caso as jogassem no ringue. Quando ele chicoteou minhas costas, e a vontade de matá-lo era mais forte que qualquer força neste mundo, alguma coisa teria acontecido.

Sou arrancado dos pensamentos quando a porta lateral se abre com estrondo e um homem sai cambaleando para fora, amparado por alguém que o acompanha.

— Isso não é maneira de tratar seu príncipe — diz o magricela, arrastando as palavras.

Elowen e eu nos entreolhamos.

— As pessoas lá dentro estão farejando você como cães de caça — rosna o guarda, com o cabo da espada larga amarrada às costas brilhando enquanto mantém o homem de pé pela camisa. — Você acha que seu pai parou de procurar por você? Se não quiser ser massacrado, é melhor continuar andando.

— Vocês cavaleiros são sempre tão dramáticos. Se revogassem seu voto de celibato, com certeza seriam muito mais agradáveis.

— Um cavaleiro? — sussurra Elowen. — Um cavaleiro de Thirwen está com o príncipe? Achei que todos faziam juramento de sangue para o rei.

— Isso é uma coisa recente — murmuro, e me pergunto o que provocou a mudança.

Foi mais ou menos na época em que sor Rhys Froydin desapareceu. Ele foi uma lenda na Guerra da Maré Vermelha, conhecido como abutre, por sua crueldade quando lutou na marinha de Thirwen, mais tarde nomeado cavaleiro por sua bravura. Foi lá que perdeu o olho esquerdo, passando a usar um tapa-olho. Dizem que teve um caso com a antiga rainha de Thirwen e que é o verdadeiro pai de Zarius. O rei Fallon mandou matá-lo, mas aqui está ele: cabelo grisalho, rugas na cara, mas ainda um guerreiro.

— Vá chamar os outros — murmuro. — Eu vou atrás deles.

— Não faça nenhuma besteira.

Ela salta do banquinho e se separa de mim quando atravessamos a rua. Há uma ladeira bastante íngreme depois que passo pela casa de apostas, e me mantenho nas sombras que as construções oferecem. Achei que o cabelo de Zarius era loiro quando o vi pela primeira vez... mas de repente parece branco. As mechas se misturam com as casas, mas a camisa vermelha é fácil de identificar na multidão. Eles param na rua, e sor Rhys olha por cima do ombro. Entro em um beco e colo as costas à parede enquanto os observo dobrar a esquina, esperando que continuem andando.

A concentração de pessoas diminui conforme vou seguindo a dupla. Enfio as mãos nos bolsos e nem tento manter os passos silenciosos quando restamos só os três. O príncipe está tão bêbado que mal reage quando Rhys saca a lâmina e se vira para me encarar.

— Não use a lâmina prematuramente — aviso. — Isso só seria um incentivo para te matar.

— Pode tentar a sorte.

Ele mantém um aperto firme no colarinho do príncipe, espremendo os olhos na escuridão, tentando distinguir meus traços quando levanto a cabeça. E ali está: o reconhecimento quando seus olhos encontram a cicatriz no lado direito de meu rosto.

Dou mais um passo adiante.

— Ainda acredita que não vou acabar com você?

— Demônio.

— Abutre. — Ele continua apertando o príncipe e o cabo da espada. — Mas admito que não sei o nome do seu companheiro.

— Príncipe Zarius. — Ele soluça. — Prazer em te conhecer, demônio.

Está claro que ele não faz ideia de quem sou, o que quase me faz querer rir. Rhys rosna, puxando Zarius para colocá-lo de pé, e tenho que respeitar sua paciência. Lealdade nenhuma me transformaria em babá de um homem bêbado como se fosse uma criança.

— O que você quer?

Saskia e Ryder se colocam cada um de um lado de mim, enquanto Elowen e Finnian

saltam das construções que ladeiam a rua, cercando Rhys e Zarius. Finnian posiciona uma flecha no arco por precaução, enquanto Elowen dá a volta para encará-los.

— Ah, merda — murmura Zarius, olhando para mim e Elowen. — Eles vieram atrás da minha coroa.

— Você não tem coroa. — Rhys suspira.

Zarius ofega.

— Já a pegaram?

Elowen o encara.

— Sou obrigada a dizer que o exílio me maltratou bem menos. Você não tem um pouco de água para o principezinho?

— Sou mais velho que você, Rainha dos Dragões.

— Quem poderia imaginar. — Ela dá um passo à frente, não prestando atenção à lâmina empunhada cavaleiro lendário. — Não há necessidade de derramamento de sangue se vocês cooperarem.

— Nós somos prisioneiros aqui? — pergunta Rhys, direcionando as palavras a mim.

Inclino a cabeça enquanto os observo. O silêncio é bem eficaz para deixar as pessoas nervosas, às vezes até mais que qualquer outra coisa, especialmente quando sabem quem eu sou.

— Isso ainda não está definido. — O cavaleiro observa cada um de nós e aceita o fato de que está em desvantagem numérica. Se não tivesse um príncipe bêbado para cuidar, talvez lutasse, mas ele joga a espada no chão, escancarando os dentes em um rosnado feroz. — Pode pegar de volta, abutre. Não sou seu escudeiro, e não temo a ponta de uma lâmina.

CAPÍTULO

QUARENTA E NOVE

Cayden

Subo na amurada e me recosto na escada que leva ao convés superior, girando uma faca sobre o joelho dobrado enquanto ouço as ondas que batem contra o navio. O sal do mar tem um cheiro mais forte na caverna, tão denso que quase consigo sentir seu gosto.

— Isso é ridículo — resmunga Saskia, bufando. — Estamos sentados aqui como se estivéssemos esperando um bebê acordar da soneca.

— Bom, ele está mamado, isso é fato — responde Elowen, parando de acariciar o focinho de Venatrix e se virando para nós.

A dragoa volta para a água quando deixa de receber atenção, afundando tão profundamente que só a cabeça continua à tona.

— O que deveríamos ter feito? — Ryder joga uma carta sobre o barril entre ele e Finnian. — Negociação com um bêbado?

— Ele já dormiu o suficiente — retruca Saskia. — Estamos perdendo tempo. O assunto precisa estar resolvido antes de navegarmos até o castelo.

Finnian levanta do caixote de madeira e mergulha duas canecas na bacia de água doce, avançando até onde Zarius desmaiou sobre uma pilha de sacos de grãos. Rhys põe a mão no cabo da lâmina.

— Cuidado com essa mão — avisa Elowen, e rosnados ecoam pela caverna, criando uma sinfonia de promessa de retaliação e crueldade.

Os dedos trêmulos de Rhys se afrouxam, e Finnian joga o conteúdo da primeira caneca no príncipe. Zarius tosse e engasga, levantando em um pulo enquanto empurra para trás o cabelo que estava grudado no rosto.

— Bem-vindo de volta — diz Finnian com um tom alegre, colocando a outra caneca ao lado de Zarius e batendo no ombro do príncipe. Até Rhys não consegue esconder um sorrisinho. — Problema resolvido.

Os rosnados baixos dos dragões continuam ecoando pela caverna, mas eles continuam fora de vista. Será que pressentem o medo em Zarius e Rhys e desejam se aproveitar disso? Elowen apoia as costas na minha coxa e cruza os braços enquanto Rhys oferece a mão para ajudar Zarius a se levantar. A dupla vem em nossa direção, se acomodando em dois caixotes perto da nossa parte do convés.

— Pode acalmar suas feras, rainha — diz Zarius. — Estou acordado.

Elowen não mostra sinal de irritação, mas, um por um, os dragões emergem da escuridão às nossas costas com as presas expostas, nos cercando com a cabeça enquanto as gotas d'água chiam em suas escamas.

— É melhor não se meter no jeito que comando os meus dragões.

Um membro da tripulação entrega a Zarius um pedaço de pão para absorver um pouco do álcool em seu estômago, mas ele mal percebe, incapaz de desviar os olhos vermelhos dos dragões.

— Eu não quis ofender.

— Para me ofender, eu teria que me importar com o que você pensa. — Elowen dá de ombros, desembainhando a faca da cintura e indicando o pão com a ponta. — Coma.

— Por que eu deveria confiar em vocês o suficiente para comer o que me servem?

— Porque no momento sua vida não vale nada — respondo.

Suas narinas dilatam, mas ele aceita, mordendo um pedaço e bebendo água enquanto pisca os olhos, nos observando.

— O bastardo ama a princesa, e o mundo sangra por isso. — Ele dá uma risada seca. — Ah, ouvi muito sobre vocês dois.

— O que mais você ouviu? — pergunta Ryder.

— Dizem que a adorável Elowen é a mulher mais linda de Ravaryn, com um rostinho que colocou um reino de joelhos. Uma mulher abençoada pela Deusa da Vida casou com um homem abençoado pelo Deus da Morte... é tudo bem poético, se querem saber minha opinião. Vida e morte, fogo e água, estrelas e lua. Alguns dizem que são amaldiçoados, não abençoados; outros, que Elowen é uma bruxa ou uma encantatriz que enfeitiçou Cayden. — Ele se vira para Saskia, que está ao lado de Ryder. — Mas eu adoraria conhecê-la melhor para descobrir por que está me encarando com tanto ódio.

Seus lábios se curvam, e Ryder leva a mão à espada, rosnando um aviso.

— Cuidado com a língua.

Ele sempre foi protetor com Sas. Não que eu não entenda, mas Saskia provou várias vezes que é capaz de se defender sozinha contra esse tipo de homem. Já a vi destruí-los apenas com palavras e um sorriso condescendente de escárnio.

— Prefiro me jogar no mar a aprender o que quer que seja sobre você além do que precisamos.

Zarius levanta as mãos e prende a metade superior do cabelo branco ondulado com uma tira de couro. Ele se move com incômodo sob meu olhar, mas tenta disfarçar com bom humor.

— Ainda estou esperando para descobrir exatamente para que tudo isso.

— Para você assumir o trono de Thirwen — digo, sem me preocupar com preâmbulos.

Rhys endireita o corpo, claramente interessado, embora a suspeita seja visível nos olhos castanhos. Agora que consigo vê-los melhor sob a luz das tochas, tento encontrar semelhanças entre eles. Os dois têm cabelo branco, óbvio que por razões diferentes, e não há nenhum traço em comum além dos olhos angulosos. Rhys é pálido, e Zarius tem a pele marrom-clara. Até as compleições físicas são diferentes — Rhys tem o corpo musculoso de um soldado, enquanto Zarius é magro, não franzino, mas também não robusto.

— Assumir o trono? — repete Zarius. — Não sei se notou, demônio, mas não estamos exatamente em Thirwen, e Rhys é bom com a espada, mas não vale por um

exército.

— Estamos indo para a guerra contra seu pai, caso você não tenha ouvido essa parte no meio das histórias sobre a beleza da minha esposa — digo, afirmando o óbvio.

— Não vejo o que isso tem a ver comigo. Não quero saber do trono. Tudo o que isso me trouxe foi morte e desespero.

— O trono não trouxe nada disso para você. É um objeto inanimado — argumenta Elowen. — É a pessoa que senta nele que o faz ganhar vida.

— A ganância impregnada nas pedras com que o trono foi construído me trouxe sofrimento suficiente para uma vida inteira.

— Então resista — respondo.

— Foi isso que você fez quando conquistou Vareveth? — retruca ele. — Vi minha mãe morrer bem na minha frente porque deixou de ser útil *à coroa*. Você não faz ideia do que isso faz com uma pessoa.

Sua autopiedade me irrita. Sim, eu sei o que isso faz com uma pessoa e, apesar de ter alimentado meus demônios com álcool e violência, não me deixei desmoronar, como claramente foi o caso dele. A raiva me serviu como argamassa, me fortificando contra o mundo. Solto uma risada seca.

— Pelo visto transforma a pessoa num babaca sem colhões.

Elowen se afasta da amurada e se acomoda em um caixote diante de Zarius, deslizando as adagas de dragão uma contra a outra.

— Como já sabe quem somos, com certeza ouviu dizer que fazemos o que for preciso para conseguir o que queremos. Você não precisa de todos os dedos para sentar numa cadeira bonita, principezinho.

Rhys leva a mão à espada, mas Finnian dá um passo à frente.

— Sugiro que repense a ideia de sacar uma arma contra minha rainha. Você está em desvantagem numérica e não tem como proteger seu príncipe na morte.

O cavaleiro rosna, empurrando a lâmina na bainha, e troco um olhar com Ryder. Finnian certamente encontrou sua essência desde que se tornou comandante de Aestilian. Ganhou mais músculos, e há uma dureza em sua voz que não estava lá alguns

meses atrás.

— Ela ameaçou meu príncipe.

— Um príncipe que, como ele mesmo lembrou, não tem exército e nenhum apoio para sua reivindicação ao trono. No momento, ele não vale mais que qualquer um na rua — aviso. — Não pretendemos causar estragos no momento...

— Que reconfortante — resmunga Zarius.

— Mas vamos levá-lo ao palácio amanhã, e você vai se comportar direito e se preparar para assumir o trono do seu pai assim que o matarmos.

Zarius e Rhys trocam um longo olhar cheio de significado, mas é o primeiro quem fala.

— Vocês pretendem matar meu pai?

Levanto uma sobrancelha.

— Geralmente é assim que as guerras terminam.

— Então me querem no trono de Thirwen porque acham que sou mais fácil de manipular que meu pai?

— Não é bem uma manipulação se você sabe qual é o plano — ironiza Saskia, atraindo a atenção de Zarius de novo.

Ela levanta o queixo sob seu olhar inquisitivo.

— Você não é nosso inimigo, apesar de ter nascido de um. Acho que nós dois entendemos isso — começa Elowen, e Zarius assente aos poucos, um músculo tremulando na mandíbula quando cerra os dentes. — Me responda uma coisa: quer passar o resto da vida em casas de apostas num reino estrangeiro enquanto seu pai te caça?

Ele sacode a cabeça, aparentemente detestando admitir aquilo, mas Rhys parece aliviado.

— Já pensou em vingar sua mãe?

Suas narinas se dilatam, e os olhos sombreados se voltam para as próprias botas.

— Já.

— Nossos termos são simples: comércio aberto entre meu reino, Galakin e

Thirwen. Lute conosco no campo de batalha para que seu povo veja que você ainda está vivo. — Ela embainha as facas e se levanta, acenando para um tripulante. — Você vai ser levado para uma cabine agora. Pense na minha proposta, pois garanto que é a melhor que vai ouvir.

Saskia olha para o mar enquanto Zarius e Rhys são escoltados para os conveses inferiores; o príncipe faz o mesmo até a porta se fechar e seus olhos vermelhos encontrarem os dela uma última vez.

Cinco.

Quatro.

Três.

Do...

Ryder avança em minha direção.

— Detestei esse maldito bastardo.

— Tecnicamente, ele é um filho legítimo. Que tal usar um insulto factual?

— Não estou interessado nisso.

— Saskia é uma mulher adulta e pode muito bem cortar as bolas dele se perder a paciência — digo, sabendo que a raiz de sua raiva está no fato de Saskia ter atraído a atenção de Zarius mais de uma vez.

— Vamos beber na praia — Elowen sugere com empolgação, passando o braço pelo de Saskia e gesticulando para Finnian pegar o outro.

Saskia parece sinceramente aliviada por sair do navio enquanto a dupla a leva com uma garrafa de bebida em cada mão.

Anos atrás, houve um momento em que Ryder entrou numa espiral descendente depois que sua amada foi morta. Foi ele quem a encontrou depois de procurar a noite toda. Nunca o vi chorar daquele jeito, nunca vi seus olhos tão destroçados e sem brilho. Ele começou a beber mais, e logo estava indo para a cama com uma pessoa diferente por noite. Passei mais tempo dormindo no chão do que na minha cama, e peguei trabalhos quase todas as noites para deixar Saskia ficar com meu quarto. Sempre que alguém demonstra o mais remoto interesse em Saskia, Ryder bota a pessoa para correr. Ele

nunca disse em voz alta, mas acho que está sempre tentando poupá-la de todas as dores que o mundo tem a oferecer. Assumiu o papel de pai, de certa forma, e às vezes acho que ainda a vê como a garotinha com laços nas pontas das tranças.

— Você precisa se conter — digo assim que os outros saem de perto. — Precisamos de Zarius como aliado.

— Eu sei — responde ele, respirando fundo e sacudindo as mãos. — Eu sei.

— O cara é um idiota. — Dou de ombros. — Não fui com a cara dele...

— Você não vai com a cara de ninguém.

— E continuo insistindo que essa filosofia é a mais sábia de se adotar — acrescento. — Não precisa facilitar as coisas para ele. Não precisa nem falar com o sujeito. É só ficar na sua enquanto selamos o acordo para assegurar Galakin.

Ele passa a mão no rosto e assente.

— Elowen falou algo sobre beber na praia...

Eu lhe dou um tapa no ombro.

— Eu pego uma garrafa pra você.

Ele dá uma risadinha fraca enquanto andamos pela prancha de desembarque e cruzamos a enseada rochosa. Ouvimos risos flutuarem pelo ar assim que saímos da caverna. As palmeiras nos ocultam neste oásis, e tiro as botas no mesmo lugar onde Elowen descartou as sandálias. Ela está na água cristalina até os tornozelos, recolhendo conchas da areia e juntando tudo na saia amontoada.

Os olhos se iluminam quando ela percebe minha aproximação, oscilando levemente quando uma onda se choca contra seus tornozelos. Olho para Finnian, mais atrás, e levanto uma sobrancelha. Ele levanta uma garrafa de rum pela metade e aponta para sua melhor amiga com um sorriso orgulhoso. *Pelos deuses*.

— Cayden, olha só essas! Parecem pequenos tesouros — diz ela, arrastando as palavras.

— São muito bonitas, amor.

Gentilmente a conduzo para fora da água, e ela cai ao lado de Finnian. Eles trocam sorrisos marotos enquanto entrelaçam os braços e dão goles em suas garrafas antes de

passá-las para mim e para Ryder. Saskia aplaude, parecendo muito mais leve do que estava no navio.

— Não vou chegar tão perto assim de você só para dar um gole — comenta Ryder.

— Assim você fere meus sentimentos — afirmo sem emoção, o que o faz dar uma risadinha.

A hora seguinte passa depressa, nós todos revezando com as garrafas enquanto Elowen e Finnian nos ensinam jogos que aprenderam em seu reino. Precisamos adivinhar qual de três declarações é mentira, e quem não acertar tem que beber. Fica mais difícil à medida que o jogo continua, e aparentemente ninguém além de mim consegue manter a cara séria quando mente.

— Nunca nadei no mar. — Elowen arrasta as palavras, a cabeça caindo em meu ombro.

Dou uma risada, levando a garrafa aos lábios de novo.

— É melhor você beber água primeiro, e eu não vou ficar pelado na frente de ninguém aqui, então...

— Verdade! — grita Saskia.

— Mentira! — arrisca Ryder.

— Isso não era parte do jogo — respondo. — É a verdade, porra. — Elowen levanta do meio das minhas pernas com um pulo e começa a correr em direção à água como se o fogo lambesse seus calcanhares. — Por que é que o álcool deixa ela mais energizada que o normal?

— Vai, Ellie! Você consegue! — grita Finnian enquanto levanto.

O cabelo e a saia de Elowen chicoteiam atrás dela conforme diminuo a distância entre nós, jogando-a sobre meu ombro enquanto os outros três aplaudem, inebriados. Os punhos dela batem de leve nas minhas costas.

— Você não teve tanta pressa quando a gente estava fugindo de Imirath.

— Estou aberta a debater isso — declara ela, apontando para o mar. — Você acabou de me dizer que preciso beber água.

— Não água salgada. — Eu lhe dou um tapa na bunda, e ela ri de novo enquanto me

viro para os outros. — Não venham atrás de nós.

Ryder engasga de rir em resposta, e Finnian faz uma série de barulhos de beijo. *Por todos os infernos, como foi que a minha vida virou isso?* Vou até uma parte da praia escondida por uma floresta exuberante, cheia de palmeiras e flores de hibisco, e ponho Elowen de pé. Puxo a saia dela para baixo e me inclino para a frente para dar uma mordida brincalhona em sua coxa. Ela grita e bate no meu ombro enquanto puxa a blusa pela cabeça.

— Sou uma mulher casada, senhor. — Ela está ofegante, balançando os quadris quando caminha para o mar.

— Pode apostar que sim.

Tiro a calça e a alcanço, suas pernas envolvendo minha cintura quando uma onda quente se choca em nós. Ela grita, me agarrando com mais força quando a água passa por nós, e nado para além da arrebentação, longe o suficiente para que ela consiga aproveitar as ondulações sem ser golpeada pelas ondas.

— Você sente falta do mar quando estamos em Vareveth? — pergunta ela, deslizando os braços pela superfície cristalina.

— Às vezes — respondo sinceramente.

— Como é Imirath no verão?

Passeio por memórias de infância borradas.

— Quando me aventurava em Zinambra, o mar era de um azul mais claro do que no inverno, e muito mais quente. Algumas praias tinham ondas altas e fortes, e em outras a arrebentação era menor. As pessoas fritavam peixe nas docas por apenas algumas moedas, e outras sentavam nas ruas comendo vários tipos de frutos do mar e arroz e bebendo vinho frutado. Era mais fresco nas montanhas, mas as flores cresciam em todas as florestas, e em alguns lugares a mata era tão densa que não dava pra ver o céu.

Elowen suspira, olhando para o horizonte.

— Ando pensando no que vem depois de tudo isso, e sei que você ama o mar... então achei que a gente podia passar os meses mais quentes em Imirath. Eu... acho que nunca vou conseguir viver no castelo de novo, mas a gente pode construir um novo bem na

praia.

Sei que ela está bêbada, mas sua sinceridade é real.

— Eu ia gostar disso.

Ela sorri suavemente, colocando a mão no meu rosto marcado por cicatrizes e colando os lábios nos meus. Mergulho nós dois sob a superfície, nos mantendo juntos enquanto a maré bloqueia o mundo ao nosso redor.

CAPÍTULO

CINQUENTA

Elowen

Fico na proa do navio, deixando o vento marinho acariciar meu rosto e jogar os cachos para trás. Estar sobre a água é reconfortante e, quando olho para Cayden afiando a espada, de olho na costa, me pergunto se a bordo de um navio ele sente a mesma sensação de liberdade que sinto nas costas de um dragão.

Deixamos Zario para trás e cruzamos o rio que a separa de Zraka e deságua no oceano por falésias íngremes. Sinto a pele arrepiar, e os pelos da nuca se eriçam. Tenho a sensação de estar sendo observada. Olho por cima do ombro, mas não há nada fora do comum.

Finnian, Ryder, Saskia e alguns tripulantes enchem os pratos com o café da manhã. O olhar de Cayden ainda não encontrou o meu, mas meus olhos se voltam para o rio e as montanhas ao longe. Meu peito está apertado como se alguém tivesse amarrado um barbante em uma das minhas costelas, então os olhos de Cayden encontram os meus.

— Você sentiu isso? — Ele assente com a cabeça enquanto põe a pedra de amolar de lado e me concede toda a sua atenção. — O que tem nessas montanhas?

— Pelo que sei, são desabitadas, infestadas de cobras venenosas e outros répteis, sem contar os monstros nativos do reino.

Venatrix guincha enquanto se aproxima do rio planando, só abrindo as asas para mudar de direção quando me afasto demais para seu gosto.

— Humm.

Fico de olho nas quedas-d'água enquanto continuamos navegando, sem me mexer até elas sumirem do campo de visão.

Sor Rhys escolta o príncipe Zarius até o convés, e levo os dedos às têmporas latejantes em uma tentativa de aliviar a dor de cabeça fraca antes que ele me provoque outra. Um mago da água foi à cidade mais cedo para buscar o resto dos pertences dele em Zario, então pelo menos o príncipe parece mais apresentável que no dia anterior. Nada muito extravagante, mas sua camisa de linho vermelho não está amassada nem fedendo a rum, e ele colocou algumas joias de prata para dar um toque de realeza.

— Rainha — cumprimenta Zarius com um aceno de cabeça, parecendo bem mais formal que na noite anterior. — Rei.

— Pensou na nossa proposta?

— Eu tenho escolha?

— Todo mundo tem escolha. Mas depende de você conseguir lidar com as consequências — respondo.

— Tenho algumas condições — avisa Zarius, e Cayden faz um gesto para ele continuar. — Como disse ontem, não tenho exército, e meu pai tem outros herdeiros da segunda esposa, que a população pode preferir. Depois que tudo estiver resolvido, vocês vão ter um tratado entre nossos reinos abrindo o comércio tanto para Galakin quanto para Vareveth, como solicitado, mas exijo que lutem comigo, assim como vou me juntar à sua luta. Se houver uma rebelião no meu reino depois que eu retomar o trono, preciso do Rei Demônio e da Rainha dos Dragões para sufocar qualquer levante.

Troco um olhar com Cayden, mas é um acordo justo. Buscar Zarius para colocá-lo no trono e garantir uma aliança com Thirwen não vai adiantar nada se ele não conseguir se manter no poder.

— Ontem você disse que não queria o trono. Por que essa reviravolta repentina?

Ele passa a língua nos lábios, inclinando a cabeça para o lado enquanto reflete.

— É uma questão de perspectiva.

Olho para sor Rhys, impassível ao lado do príncipe, e me pergunto quanta

influência ele tem. Seja como for, sou grata por isso enquanto entrelaço os dedos às costas para evitar um aperto de mão.

— Muito bem.

Mechas de cabelo branco roçam suas maçãs do rosto salientes quando ele assente e abaixa a cabeça para examinar as marcas na minha pele e na de Cayden.

— Que foi? — pergunto, e Cayden estreita os olhos, desconfiado.

— Nunca vi marcas divinas, só ouvi histórias — responde ele, se aproximando da mesa para se servir uma xícara de café. — O envolvimento dos deuses na vida dos mortais sempre vem acompanhado de tragédia. A notícia da sua capacidade de manipular o fogo de dragão cruzou o mar Dolente, mas sou obrigado a admitir que não acreditei até ver as marcas. As pessoas não sobrevivem ao ritual que você fez.

— Como sabe de tudo isso? — questiona Saskia.

Ele a olha, mas sua expressão impassível não muda.

— Só porque sou um príncipe rejeitado não quer dizer que não recebi educação nos meus anos de formação.

Não importa o que eu sinta em relação aos deuses nem quantas as preces sem resposta tenha murmurado ao longo dos anos, as marcas no meu casamento... o ritual... isso deve significar *alguma coisa*. Não é uma questão de devoção, só seria tolice negar a sombra que me acompanha desde o eclipse.

O navio corta o mar, contornando mansões imponentes espalhadas por vastas propriedades tropicais enquanto a ilha onde o castelo foi construído surge no horizonte. Os tripulantes se movimentam pelo convés para diminuir nossa velocidade conforme deslizamos sob um arco dourado e exuberante feito para parecer duas serpentes emergindo do mar e cravando as presas sob um sol escaldante. O porto é amplo e fundo o suficiente para embarcações como a nossa atracarem.

Os raios de sol que se derramam do céu acariciam as torres brancas, e pisco para os olhos se acostumarem com a luminosidade. Uma mistura de cúpulas azuis, vermelhas, alaranjadas e amarelas coroa cada torre, todas conectadas por pontes, com quedas-d'água descendo a encosta íngreme até o oceano. Palmeiras se erguem nos espaços

abertos, assim como vários tipos de flores tropicais, seus aromas doces trazidos pelo vento.

Meus dragões voam à frente, circulando as construções que formam a estrutura, e uma mistura de criados e nobres se aglomera nas escadarias em espiral abertas nas torres com vista para a baía para observá-los. Passo as mãos pelo chiffon azul-escuro que flui ao meu redor como ondas na madrugada. Minhas costas ficam à mostra, a não ser pelas finas correntes que prendem o tecido. Dois braceletes dourados com formato de dragões voando em direção à estrela do norte adornam a parte superior dos braços, e as pulseiras de dragão que Cayden me deu envolvem os punhos. Há uma safira no corpete que fica entre meus seios, logo acima de um pequeno recorte triangular, e combina com a tiara que ganhei no dia do casamento e que repousa em minha testa.

Cayden se aproxima e me oferece o braço, enfiando a espada na bainha presa às costas. Também está com a mesma coroa do casamento, mas não tenho como culpá-lo pela falta de paciência para mais adornos com esse calor. Seus cabelos ondulados estão despenteados por causa do vento, e ele veste outra camisa de linho preto com calça larga da mesma cor enfiada nas botas, mas para mim ele parece um sonho perigoso.

— O rei Cayden e a rainha Elowen Veles de Vareveth! — anuncia Ophir enquanto descemos a prancha e encontramos um mordomo na base do passeio que leva ao castelo.

— Bem-vindos a Galakin, majestades — diz o homem, usando uma túnica vermelha bordada de amarelo e laranja que valoriza sua pele escura e o cabelo mais escuro ainda. Seus olhos se demoram no príncipe Zarius, mas por sorte ele não diz nada. Achamos melhor apresentá-lo à família real pessoalmente antes de sua identidade ser confirmada para a corte. — Estou aqui para escoltá-los até a família real.

Começamos a subir a colina ladeada por riachos e flores enquanto os dragões nos sobrevoam. Minhas coxas estão queimando quando chegamos ao topo, e meus olhos são poupados do sol ofuscante quando passamos por um par de cortinas laranja abertas que nos levam a um aposento aberto de todos os lados e repleto de móveis imponentes e palmeiras.

Somos conduzidos por corredores curvos decorados com azulejos pintados e pelas

várias pontes ladeadas por árvores com borboletas e pássaros coloridos circulando ao redor. O sol aquece meus ombros quando pisamos em um pátio com uma longa piscina retangular cheia de flores de lótus e vitórias-régias, que se estende diante de um pavilhão emoldurado pelos estandartes da Casa Ilaria. Os criados se afastam dos membros da realeza ao notarem nossa presença, levando consigo tigelas de melão e bandejas de limonada gelada.

— Permitam-me apresentar o rei Erix, a rainha Cordelia e o príncipe herdeiro Zale da Casa Ilaria — anuncia o escudeiro do seu posto ao lado dos degraus que levam ao estrado.

A rainha Cordelia nos examina com os olhos castanhos enquanto toma um gole de sua bebida. Seu vestido vermelho cobre a *chaise* onde está reclinada, que, como todos os móveis daqui, combina com as cores da Casa Ilaria.

— Agradeço por terem feito uma viagem tão longa para comparecer ao nosso baile.

Ela se levanta e toma o braço do marido para descer os degraus e me cumprimentar com beijinhos nas duas bochechas. Sinto um aperto no peito, mas me forço a não ficar tensa.

— Obrigada pelo convite, majestade. Sempre quis visitar Galakin, mas o que tinha ouvido falar sobre o reino não faz jus à sua beleza.

Suas mãos permanecem nos meus ombros enquanto se volta com um sorriso forçado para Cayden. Então o rei Erix estende a mão para cumprimentá-lo e diz:

— Creio que devo lhe parabenizar pela libertação dos dragões, pela conquista da coroa e pela nova esposa.

Cayden aperta a mão de Erix, mas não retribui o sorriso, e Cordelia intervém de novo:

— Sim, minha irmã me escreveu contando que a cerimônia foi linda. Uma pena a termos perdido.

— Com a guerra se aproximando, achamos melhor solidificar nossa união o quanto antes.

— Claro — responde Cordelia, os cachos castanho-acobreados caindo pelas costas

quando se vira para chamar o filho.

— Não vamos desperdiçar seu tempo, com certeza querem um descanso depois de uma viagem tão longa, mas me permitam apresentar o príncipe herdeiro.

Um homem que aparenta ter a minha idade se inclina para beijar minha mão, aumentando meu desconforto.

— O rei conquistador — diz Zale, encarando Cayden.

É apenas alguns centímetros mais alto que eu, tem os mesmos olhos da mãe e os cabelos cacheados do pai, mas castanhos em vez de grisalhos.

— Príncipe — responde Cayden. — Temos mais um presente. — Ele faz um gesto para trás de nós, e nosso novo aliado dá um passo à frente. — O príncipe Zarius Liluria, de Thirwen.

Erix arqueia uma sobrancelha, e Cordelia aperta o braço do marido.

— Pensei que o príncipe Zarius tivesse morrido com a mãe — diz o rei.

Zarius esboça um sorriso irônico.

— Lamento decepcioná-lo.

Os olhos de Cordelia lançam faíscas para Zarius, mas ela permanece em silêncio, com o peito subindo e descendo de forma irregular. Erix assente devagar com a cabeça, examinando o príncipe como se não soubesse o que fazer com ele.

— Você se aliou aos inimigos do seu pai por livre e espontânea vontade?

— Não devo nada ao meu pai. — Zarius aponta com o queixo na minha direção. — Os inimigos dos meus inimigos são meus amigos.

— Aparentemente. — Os lábios de Cordelia se curvam por um momento antes que ela mascare a expressão. — Vamos discutir sua presença no meu reino mais tarde.

Calithea voa sobre nós, guinchando ao pousar em uma das cúpulas mais altas, mantendo os olhos prateados fixos em mim.

— Sempre quis ver um dragão. — O tom de Zale é de pura admiração ao observá-la.

— O nome dela é Calithea.

— Incrível. — Ele sorri. — Se quiser conhecer melhor o castelo, posso levá-la para um passeio pelos jardins antes do jantar.

Estamos aqui por uma aliança, lembro. Cordelia ama o filho, e recusei sua proposta informal de casamento no baile da aliança. É possível esconder muita coisa por trás de um sorriso, e estou percebendo que essa pode ser minha arma mais afiada em uma corte. Nem toda batalha pode ser travada com uma lâmina; algumas exigem tecer as palavras certas para formar uma teia e capturar a presa.

— Seria um prazer.

Cordelia parece satisfeita ao chamar um criado para nos levar aos nossos aposentos. Cada cômodo e corredor do castelo é banhado em tons quentes com toques régios, e olho para o rio que corre sob a ponte que leva ao nosso quarto enquanto o criado destranca a porta. Como no resto da construção, as janelas não têm vidro, e as cortinas laranja translúcidas esvoaçam com a brisa. A sala de estar é circular, com uma varanda de frente para o oceano, e nosso quarto fica atrás de portas douradas.

Avisto Delmira planando no céu bem diante da varanda e atravesso a abertura para saudá-la. Gaivotas grasnam à distância, e ondas se quebram contra a base da torre.

— Oi, Delly.

Me inclino para a frente, apoiando os braços no parapeito, e a vejo fazer piruetas e giros para mim. Suas asas azul-celeste deveriam se confundir com todas as tonalidades ao nosso redor, mas ela se destaca mesmo assim. Cayden apoia o quadril no parapeito e enfia as mãos nos bolsos. Os dragões devem sentir sua presença, porque em um piscar de olhos mais quatro se juntam ao espetáculo.

— Você dá guloseimas demais pra eles.

Ele dá de ombros.

— Eu precisava cair nas graças deles de alguma forma.

— Não. Você só adora me mimar, e eles ficam com o troco.

— Não me arrependo nem um pouco.

— Hum.

Eu me endireito para encará-lo, porque ele claramente tem algo a dizer.

— Não gosto do jeito que olham pra você — comenta, sem precisar especificar de quem está falando.

— Você não gosta do jeito que ninguém olha pra mim. Acho que ficaria feliz em criminalizar essa atitude. — Ele estreita os olhos, mas não nega. — Também não gostei do jeito que Cordelia olhou pra você.

— Por quê?

— Ela te olhou como se você não merecesse estar aqui, usar a coroa e ficar ao meu lado. Você merece mais que qualquer um deles, porque conquistou sua coroa. As deles foram dadas de mão beijada. Eu...

— El. — Ele segura meu rosto entre as mãos, passando os polegares em minhas maçãs do rosto. — Sou um bastardo, o que não duvido que eles saibam, um criminoso conhecido como demônio. Não é nenhuma novidade ver pessoas me fulminando com o olhar ou ficando incomodadas com minha presença. Na verdade, prefiro assim, porque não preciso fingir que me importo com quem elas são ou com o que dizem.

— Eu me importo — sussurro, limpando a garganta. — Me importo com o jeito que te tratam.

Cayden ergue meu queixo quando tento abaixar o rosto, e meu coração bate com tanta força que tenho certeza de que ele consegue sentir também. Não sei por que fico nervosa de admitir isso. Eu já disse que o amava, e ainda assim parece que estou me abrindo de novo sempre que confesso qualquer coisa, por mais simples que seja. Talvez porque meus sentimentos tenham sido usados contra mim a vida inteira, nunca senti que me pertenciam de verdade.

— O que você pensa de mim é a única opinião que me importa — responde ele.

Seja como for, não quero que as pessoas o diminuam por conta de sua origem. Passo a língua nos lábios antes de colá-los rapidamente aos dele e me aconchego em seus braços para observar meus dragões. Ele fica tenso por um instante, mas então relaxa e me abraça com mais força. Não existe nenhum lugar no mundo em que eu tenha me sentido mais em casa do que nos braços dele. Estive perdida por tanto tempo, mas, quando meu marido me olha, é como se enfim eu tivesse sido encontrada.

CAPÍTULO

CINQUENTA E UM

Elowen

— Sou obrigado a admitir que parte de mim não acreditava que os dragões fossem reais — diz Zale enquanto me inclino para cheirar uma das flores. Elas pintam a paisagem em tons que vão do rosa mais intenso ao amarelo mais suave. O jardim é fértil e exuberante, sem dúvida por causa da quantidade de chuva no reino. — Eu estava lá quando a vidente proferiu a profecia e os ovos chocaram no seu berço, mas era pequeno demais pra me lembrar de qualquer coisa.

Eu me endireito para olhá-lo.

— Você conhece essa vidente?

— Conheço. — Ele sorri levemente, e o vento infla seu colete claro e elegante. A calça é do mesmo tecido mostarda, bordada em uma mistura de vermelho e laranja. — Mae é como uma avó pra mim. Na maior parte do tempo, prefere ficar recolhida, e tem dias em que não está bem, mas posso levar você para vê-la se estiver em condições de receber visitas.

— Seria maravilhoso. — Talvez eu enfim consiga algumas respostas para as perguntas que faço há anos. — Obrigada, príncipe...

— Só Zale já é suficiente — interrompe ele.

— Zale — concluo. — Pode me chamar de Elowen. Você sabe quais são os sintomas dela? Posso tentar ajudar.

Ele suspira, enfiando as mãos nos bolsos.

— São as visões. Foram deteriorando a mente dela ao longo dos anos, e às vezes ela não sabe mais o que é real e o que está só em sua cabeça.

— Sinto muito. — Meus lábios se curvam para baixo. Não há nada que eu possa fazer. — Não deve ser fácil presenciar isso.

Ele me oferece outro sorriso discreto enquanto continuamos caminhando por uma fileira de palmeiras frondosas. O salão de banquetes fica a poucos passos dali, aberto por todos os lados agora que as cortinas foram puxadas e presas com cordas douradas e grossas. Sinto os olhos de Cordelia me espetando como uma faca quando interajo com o filho. Os irmãos mais novos de Zale correm pelo gramado, e os criados os perseguem para evitar que sujem as roupas, enquanto os adolescentes se espreguiçam embaixo das palmeiras com leques de papel. Ao todo, ele tem oito irmãos, seis meninas e dois meninos. Não consigo imaginar como é fazer parte de uma família tão grande.

— Ouvi dizer que você consegue manipular o fogo de dragão — diz Zale, puxando uma pequena chama para si quando passamos por uma tocha. Ela tremula a um centímetro do seu indicador e se move quando ele a joga de um lado para o outro na palma da mão. — Se importa em me mostrar?

Engulo o sentimento de fracasso que sobe pela garganta enquanto Zale faz o controle de chamas parecer tão fácil quanto respirar.

— Talvez outra hora.

Ele me observa com desconfiança, mas não verbaliza o que está pensando. Não sei se isso é melhor ou pior.

— Vamos nos juntar ao banquete?

Ele me oferece o braço, e hesito apenas um instante antes de aceitá-lo. Tenho a sensação de que ofender Zale vai me colocar na pior situação possível com Cordelia. Já é ruim o suficiente ter trazido o filho de sua inimiga para cá. Nossos braços estão descobertos, e a sensação da pele de alguém roçando a minha me dá vontade de sair correndo sem parar até o aperto em meu peito se desfazer, mas mantenho o sorriso no rosto enquanto passamos pelo arco.

Cayden

Afasto Elowen do braço do príncipe assim que ela está perto o suficiente para isso. Precisei de todo o pouquíssimo autocontrole que me resta para não sucumbir ao meu ciúme assim que Zale veio buscá-la. Ela solta um suspiro trêmulo que só eu consigo ouvir, mantendo aquele sorriso impenetrável no rosto enquanto aceita uma bebida de rum com romã de um criado.

— Sua esposa é muito amável, rei — diz Zale para mim. — Obrigado pelo passeio, Elowen.

Ele dá meia-volta e vai em direção à mãe, que o aguarda debaixo de um dos muitos arcos pintados com pequenos sóis amarelos.

— Elowen? Quanta informalidade.

— Não começa.

Dou uma risadinha.

— Ele fez algo que te incomodou?

— Não, ele foi um perfeito cavalheiro. — Ela toma um gole da bebida antes de se aproximar do meu peito para esconder a repulsa. Pego o copo de sua mão e olho ao redor para ter certeza de que ninguém está vendo antes de despejar o conteúdo do vaso de uma palmeira. — Acho que isso pode acabar matando a planta.

— Antes ela que você — comento. — Por que está tão tensa?

— Só não entendo por que esta família é tão sensível.

Passo a mão por seu outro braço.

— Fique perto de mim. Comigo aqui eles mantêm distância. — Ela deve estar desesperada, porque não faz nenhum comentário sobre ser capaz de se virar sozinha, só assente. — E consigo arrumar uma bebida melhor pra você.

— Zale disse que vai me levar até a vidente que fez a profecia quando eu era bebê — conta ela enquanto a acompanho até uma mesa posicionada à frente de outra maior,

onde os outros membros do nosso grupo vão comer, junto do resto da família Ilaria.

Não acredito em videntes, mas se conversar com a mulher for acalmar alguma coisa dentro de Elowen, que seja.

Faço um gesto para dispensar o criado que se apressa para puxar a cadeira de Elowen e me acomodo ao seu lado na cabeceira da mesa com pernas esculpidas para parecerem serpentes marinhas. Cordelia e Zale sentam-se à frente de Elowen e Zarius, e Erix fica de frente para mim. Os criados se aproximam de novo, colocando diante de nós pequenas tigelas de cristal cheias de bolinhas de duas variedades de melão e enchendo de vinho as taças combinando.

— Nenhum dos outros reinos vai se juntar a nós? — pergunta Elowen.

— Feynadra deve chegar amanhã — diz Cordelia. — Acho melhor tratarmos de negócios antes que minha irmã chegue. Está claro que vieram aqui com segundas intenções, já que um príncipe do *reino inimigo* está sentado à minha mesa.

Zarius toma um longo gole de vinho, encarando Cordelia por cima da borda da taça.

— Acho que fui chamado de príncipe mais vezes nas últimas vinte e quatro horas do que antes de ser exilado. Uma guinada interessante.

Erix ignora o tom de Zarius e fixa o olhar em mim.

— Imagino que estejam em busca da nossa aliança? Do uso da nossa marinha? Thirwen se alinhou com o pai da sua esposa, então vocês deduzem que vamos querer participar da guerra por conta de nossa animosidade de longa data com eles.

Fico grato por irmos direto ao ponto. Não sou um cortesão e não sei conversar sobre amenidades só para preencher o silêncio. Também não tenho a capacidade de fingir que me interesso por qualquer coisa que me digam, e tenho certeza de que isso está estampado na minha cara. Já usei isso a meu favor no passado — nunca quis conversar com ninguém e preferia ficar sozinho —, mas Elowen me fez prometer tentar uma aliança cordial antes de recorrermos a ameaças... talvez porque nunca teria recebido os ovos de dragão se não fosse pelo rei e pela rainha.

— Deduzo que vão querer participar desta guerra quando souberem o que têm a

ganhar com isso — respondo. — Nosso objetivo é recuperar a reivindicação do príncipe Zarius ao trono Thirwen, e ele concordou em recuar a marinha de sua fronteira e reabrir o comércio com o seu reino. O comércio com Imirath também vai ser uma opção, já que minha esposa é a única herdeira viva de Garrick Atarah.

Erix passa a mão pelo queixo com a barba por fazer, mas Cordelia o interrompe para se dirigir a Elowen.

— Você já sabia o que queríamos — sibila ela. — Poderia ter garantido sua aliança pelo casamento. Você não é burra. Acho que deixei minhas intenções bem claras quando a vi pela última vez, mas em vez disso não só insultou minha oferta como trouxe o filho da minha inimiga para comer à minha mesa.

— Você está certa — responde Elowen, sem se alterar. — Não sou burra mesmo, e Zarius não é como o pai dele, assim como eu não sou como o meu.

— E ainda assim escolheu um bastardo em vez de um príncipe!

— Escolhi um rei. — Elowen baixa o tom de voz. — Escolhi um homem.

É uma sensação estranha ver outra pessoa lutar por mim quando passei a maior parte da vida travando minhas próprias batalhas.

— Eu poderia ignorar suas indiscrições e faria vista grossa até que fosse necessário produzir um herdeiro se você tivesse se casado com meu filho.

— Quanta generosidade da sua parte.

Meu temperamento começa a sair do controle, batendo contra a gaiola em que prometi que o trancaria, mas o fato de Cordelia falar com Elowen como se tivesse algum direito sobre ela atiça as chamas da raiva dentro de mim. Se Elowen não tivesse concordado em ser minha rainha, eu teria trucidado quem quer que fosse para mantê-la em segurança, mesmo que ela não fosse nada além de uma aliada.

— Pode me chamar de bastardo à vontade. Tenho certeza de que te assusta ver até onde um bastardo consegue chegar. Mas vai moderar seu tom quando se dirigir à minha esposa. — Me inclino para a frente e percebo que os guardas se aproximam de seus governantes. — Se estava tão interessada em Elowen, talvez devesse ter mobilizado sua marinha quando ela estava presa numa masmorra depois que a *sua vidente* transmitiu

uma profecia para um tirano.

— Não tínhamos como saber o que Garrick faria — argumenta Erix. — E não poderíamos arriscar incontáveis vidas por uma única garota.

— Então vocês não merecem nada dela.

— E o bastardo que você insultou não arriscou incontáveis vidas; arriscou só a dele mesmo — retruca Elowen. — Viemos em busca da sua aliança, e devo avisá-los que esse é um caminho melhor do que nos transformar em inimigos. A maioria deles não sobrevive.

— Você está ameaçando meus pais no castelo deles? — questiona Zale, incrédulo, olhando na direção do guarda atrás de Elowen.

Saco a espada quando ele dá um passo à frente. Para fazer o quê, não sei, mas a mão dele congela no cabo quando inclino a ponta da lâmina sob o queixo de Zale. Cadeiras se arrastam atrás de mim, e mais lâminas são sacadas.

— Elowen não fez uma ameaça; fez uma afirmação, mas não sou tão bondoso quanto ela. Se o seu guarda der mais um passo em direção à minha esposa, seu príncipe pagará com sangue.

— Derramar sangue aqui seria um ato de guerra — avisa Erix. — Seu exército está do outro lado do mar.

— Quanta perspicácia.

— Você jamais sairia vivo deste salão.

Mantenho a lâmina apontada para a garganta do príncipe enquanto desvio os olhos para Erix.

— Você e seu precioso príncipe também não.

Um corpo coberto de escamas verdes aterrissa violentamente, visível por um dos arcos. Sorin é o protetor dela, assim como todos os demais, mas ele é o principal. Elowen me contou uma vez que o aprisionamento deles começou no dia em que Sorin arrancou o dedo mínimo de Garrick depois que ele ergueu a mão para ela. Venatrix aparece um segundo depois, esmagando as fileiras perfeitamente esculpidas de flores sob suas garras. Os dois enfiam as cabeças pelas duas aberturas atrás de Elowen, rugindo

alto o suficiente para acordar um deus adormecido. Vários soldados de Galakin largam as armas e murmuram uma prece.

Em meio ao silêncio, Elowen diz:

— Sugiro que todos embainhem as lâminas. Meus dragões não vão recuar até que saibam que não me querem mal. Eles me obedecem, mas não estão totalmente sob meu controle. Eu posso montá-los, mas não me coloco no caminho das presas deles.

Os olhos de Erix se voltam para Elowen, que toma um gole de vinho com um ar relaxado, recostada na cadeira.

— Para trás — ordena ele, e os dragões param de rosnar enquanto todos guardam as armas e retomam seus lugares.

Os guardas recuam. As feras permanecem no jardim, sempre vigilantes em relação a Elowen. Ela acena discretamente com a cabeça para mim, e embainho a espada antes de puxar a cadeira dela para mais perto da minha e retomar meu lugar.

Para minha surpresa, é Zarius quem fala primeiro.

— Galakin é um reino devoto, assim como Thirwen. A união do rei Cayden e da rainha Elowen foi declarada divina quando o Deus da Água, da Morte e da Lua demonstrou seu favoritismo no dia do casamento deles ao encobrir o sol. Isso é evidente pelas marcas deles. É o sinal mais poderoso que recebemos dos deuses em séculos. Estou ciente do sangue derramado entre nossos reinos, e de quanto dele foi para o mar, mas a animosidade precisa dar lugar à paz se quisermos avançar.

— Avançar? — repete Cordelia, incrédula. Erix pousa a mão no ombro da esposa, mas ela o afasta. — Minha irmã está perdida para sempre pra mim. Não consigo avançar quando um pedaço de mim vive dentro do cadáver dela.

— Então vingue sua morte — responde Elowen. — Em vez de culpar o príncipe Zarius por coisas que aconteceram antes que ele nascesse, enfrente seu inimigo no campo de batalha conosco e vença.

O silêncio paira pesado no ar, e Elowen se levanta da mesa. Está claro que nenhum de nós consegue se sentar para uma refeição depois de tudo isso; há tensão demais. Nosso grupo acompanha seu gesto, e aguardando o comando de Elowen.

— Podemos discutir sua decisão depois que tiverem tido tempo de conversar, mas não vou ficar sentada aqui ouvindo insultos ao meu rei e ao meu casamento. Cayden provou que a vida de um bastardo vale a de mil reis, e merece respeito. A maioria dos governantes não estaria no trono se tivesse precisado lutar por ele em vez de receber uma coroa ao nascer.

Elowen enlaça o braço no meu, e começo a conduzi-la para fora do salão, olhando por cima do ombro para encarar o rei e a rainha uma última vez.

— Viemos em busca de sua aliança, mas se falar com minha rainha desse jeito de novo, não vai ter tempo de fazer as pazes com seus deuses.

Os guardas não nos barram enquanto atravessamos o castelo e descemos a encosta íngreme que leva ao cais. Não existe a menor chance de dormirmos no castelo. Navios escuros balançam ao redor do nosso no porto conforme subimos ao convés, e Elowen me solta para caminhar em direção à proa.

Desvio os olhos de sua silhueta para encarar o príncipe de Thirwen.

— Você ficou do nosso lado.

— Somos aliados — responde ele, os olhos vermelhos mais vivos na escuridão noturna. — Eu tenho a ganhar com o sucesso na guerra, e posso não gostar de Galakin, mas a marinha deles é necessária.

— É muito mais fácil lidar com você quando está sóbrio — comento antes de caminhar em direção a Elowen, que encara o castelo de Galakin, como se quisesse incendiá-lo.

— Preciso montar em alguém — avisa ela assim que me aproximo, e engulo um trocadilho provavelmente inoportuno.

Ela me estende a mão, e Basilius pousa em uma pedra. Ele é tão imenso que ultrapassa a altura dos mastros do navio.

Não me lembro bem do que aconteceu com Elowen entre o ritual no porto Celestria e a hora que acordei na hospedaria, mas quando ela me solta para escalar a asa lavanda do dragão, acomodando-se no dorso dele e me chamando para subir também, a euforia se acende dentro de mim. Jamais pediria para montar um dragão — Elowen teve

pouquíssimo tempo na vida apenas para si —, mas se está disposta a compartilhar a experiência, não vou recusar.

Elowen dobra as pernas de lado, e a fera rosna quando subo atrás dela, envolvendo-a com os braços enquanto conversa com o dragão e acaricia as escamas. Ela não demora para conseguir acalmá-lo, e ele se impulsiona. Suas asas se abrem e ele desliza pela superfície do mar, mergulhando as garras traseiras na arrebentação das ondas antes de se inclinar para cima e nos levar para mais perto das estrelas que pontilham o céu. O coração dispara como se eu estivesse avançando em um campo de batalha, mas minha mente se aquieta enquanto a criatura se inclina para o lado, mergulhando por falésias cobertas de musgo e salpicadas de flores tropicais.

A cabeça de Elowen cai para trás contra meu peito, e ela solta um suspiro longo, os lábios se curvando em um sorriso. É como se estar no céu tirasse o peso dos seus ombros, e consigo entender por quê. Voar é uma sensação que eu jamais conseguiria descrever a quem nunca a vivenciou. É... é... libertador. Elowen entreabre um olho, tornando o momento ainda mais bonito com uma risada.

Seguro seu queixo, inclinando-o para cima e abaixando os lábios para os dela. É um beijo lento, e ela o aprofunda, enfiando a mão no meu cabelo e deslizando a língua para dentro da minha boca. Movo a mão, passando os dedos por seu rosto e a puxando para mais perto, só nos separando para pousar minha testa na dela.

Ela sorri para mim com os olhos refletindo o brilho das estrelas e me beija de novo.

CAPÍTULO

CINQUENTA E DOIS

Cayden

O amanhecer toca suavemente a cabine quando abro os olhos. A julgar pela ausência do som de passos, quase ninguém além dos guardas de plantão no convés está acordado. Limpo a rouquidão da garganta quando Elowen arrasta a ponta do dedo por minha bochecha. A última vez que fez isso foi quando ficou bêbada depois do baile da aliança e eu a carreguei para a cama. Duvido que se lembre de alguma coisa, mas naquela noite percorreu minhas feições com uma das mãos e com a outra entrelaçou nossos dedos. Até segurou minha mão enquanto dormia, e passei a noite sentado ao lado da cama para continuar segurando a dela, como tinha prometido.

— Como posso ser útil, minha esposa?

— Você pode me soltar desse aperto mortal para eu pegar a carta que passaram por baixo da porta — responde ela, e a aperto mais forte por garantia, fazendo-a rir antes de soltá-la a contragosto. Sento-me na cama, apoiando as costas na cabeceira, enquanto Elowen volta e puxa o lençol até a cintura. — Tem o emblema dos Ilaria.

Pego os óculos de leitura na mesinha de cabeceira e arranco a carta das mãos dela, quebrando a serpente de cera enrolada ao redor do sol para desdobrá-la. Que... interessante. O príncipe Zale solicita nossa presença em um café em Zraka sem guardas, afirmando que amigos não precisam de soldados para conversar entre si. Eu sabia que teríamos notícias do rei e da rainha sobre nossa oferta, mas não pensei que Zale fosse

voltar a falar comigo e Elowen depois que encostei a lâmina em sua garganta.

Que pena.

Acho que vou precisar fazer coisa pior da próxima vez.

— Caro Cayden, volte pra casa, seu bastardo, e deixe sua esposa promíscua aqui para meu filho fazer dela uma mulher honesta. Com todo o meu amor, Cordelia. Que oferta generosa da parte de uma mulher tão inteligente.

Elowen revira os olhos e rouba a carta de mim, arqueando as sobrancelhas enquanto percorre as palavras com os olhos.

— Não sabia que apontar uma espada para alguém era sinal de uma amizade nascendo.

— Você já sacou facas pra mim várias vezes e eu sou seu marido. — Dou de ombros. — Isso cria caráter.

— Também não esperava que ele fosse se desculpar em nome dos pais. Zale não arriscaria colocar isso por escrito se não estivesse falando sério.

— Estou curioso para ver o que ele vai dizer quando não estiver fazendo o papel de cachorrinho dos pais.

— Como aqueles vira-latas que vi na corte.

Dou risada, enlaçando sua cintura com o braço para puxá-la para o peito.

— Ele pediu a presença de Zarius também, então acho que a oferta é sincera.

Ela suspira, se afastando de mim sem relaxar, e levanta da cama. Para meu desgosto, veste o roupão que eu havia tirado na noite anterior. Por mais que ela me deixe entrar em seu corpo, a necessidade de tocá-la nunca é saciada. Esse desespero vive dentro de mim como uma chama que só cresce, e a presença de Elowen é o oxigênio que a atiça. A água chacoalha na bacia de porcelana quando começa a umedecer os cachos despenteados para iniciar sua rotina matinal.

— Precisamos sair em uma hora para não chegar atrasados. Posso confiar que você vai avisar Zarius?

— Sim, amor, acho que sou capaz de transmitir um simples recado.

Meus pés afundam no tapete macio sob a cama, e pego uma calça limpa e uma

camisa de linho branco no baú e me visto antes de fechá-lo para amarrar as botas.

— Sei que é capaz de transmitir um recado, só não sei com que nível de cordialidade.

— Isso depende dele.

Beijo sua bochecha e saio da cabine, pedindo a um criado que mande um café para ela não estar de mau humor quando chegarmos. O quarto de Rhys e Zarius fica no mesmo corredor que o nosso, e bato na porta sem nenhuma consideração pelo horário. Rhys a abre repentinamente, revelando o príncipe de Thirwen esparramado na pequena cama, roncando alto com a boca aberta.

— Certo, entendi por que você já está acordado.

Rhys esboça um meio-sorriso, o primeiro que vejo em suas feições.

— O príncipe não é elegante enquanto dorme. Imagino que tenha um recado para ele, já que apareceu tão cedo.

— Zarius precisa estar acordado e pronto pra sair em uma hora. Foi convocado junto com Elowen e eu para se encontrar com o príncipe Zale na cidade para o café da manhã.

— Não no palácio?

Passo a língua pelos dentes.

— Duvido que ele queira a mãe e o pai como testemunhas desse encontro.

Rhys estava lá na noite anterior, sentado à mesa comprida com nossos soldados e membros do culto das águas. Mesmo que não estivesse, não tenho dúvida de que Zarius teria relatado cada detalhe assim que voltasse ao navio. Os dois vivem cochichando um para o outro, e apesar da rispidez entre ambos quando nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez, quando sóbrio o príncipe costuma buscar o conselho e a companhia do cavaleiro.

— Vocês precisam do apoio de Galakin para ele ascender ao trono de Thirwen. Seus inimigos não vão conseguir enfrentar os dois reinos juntos, além daqueles em Thirwen que apoiam sua reivindicação.

— Fale sem rodeios — peço. — Acha mesmo que muitos em Thirwen vão apoiar a

reivindicação dele?

Rhys passa a língua nos lábios, olhando para baixo para esconder o raro lampejo de emoção, e limpa a garganta. Quando os olhos encontram os meus de novo, os anos que passou nesta terra parecem pesar mais sobre ele.

— Ruella era muito amada. Ele vai ter apoio por ser filho dela.

Arqueio uma sobrancelha diante da informalidade com que se referiu à falecida rainha de Thirwen, mas ele não se abala.

— Então os rumores são verdadeiros.

Rhys me encara, as linhas de expressão ao redor da boca se contraindo enquanto olha por cima do ombro para ter certeza de que o príncipe ainda está dormindo.

— Nem todos têm o poder para derrubar um reino pelas pessoas que amam, demônio. Às vezes as amamos em segredo, mas até os segredos dão um jeito de nunca nos pertencer de verdade. — Seus olhos endurecem, e ele cerra os punhos. — O príncipe não é meu filho, se é isso que está insinuando, mas isso nunca me impediu de enxergá-lo como um. Sua reivindicação é legítima, assim como ele.

Ele está mentindo.

E é por isso que ficou com o príncipe no exílio. Não como cavaleiro, mas como um pai protegendo a única coisa que ainda o conecta à sua amada. Duvido que Zarius saiba; se soubesse, não estaria tão ansioso para tomar o trono, ainda mais considerando que o rei Fallon tem outros filhos.

— Não precisa me garantir nada. O sangue que corre nas veias dele não me interessa, desde que não complique meus planos. — Eu sempre soube que jamais venceria o jogo sem enganar todos os meus opositores. Zarius precisa descobrir como fazer isso em Thirwen. Não há nada que ameace mais quem herdou o poder do que quem o conquistou. — Prepare o príncipe para partir.

Estou na metade do corredor quando Rhys fala de novo:

— Nós dois sabemos o que é sofrer por querer uma mulher que nunca deveria ter sido nossa.

Olho por cima do ombro, esperando que ele termine de falar.

— Não abra mão da sua. De um bastardo para outro, rezo para que nunca conheça a dor do destino quando ele vem cobrar o que você roubou.

CAPÍTULO

CINQUENTA E TRÊS

Elowen

O café para o qual Zale nos convidou fica à beira-mar. Um criado nos conduz a uma varanda com vista para a areia branca e as ondas, entre pilares cobertos de flores laranja e rosa-claro. Ao longe, um grupo de golfinhos salta pelas águas cristalinas, sumindo apenas quando as sombras dos meus dragões os alcançam. Parece que Zale foi fiel à sua palavra — não há guardas dentro do café nem na rua.

Zale está em pé ao lado de uma mesa com as mãos entrelaçadas às costas, em uma postura rígida, embora tente desviar a atenção do nervosismo sorrindo para nós. Está com uma roupa parecida com a da noite anterior, com o linho vermelho valorizando a cor da pele e os cabelos castanho-escuros.

Sento-me de frente para o príncipe herdeiro e, embora a mesa seja redonda, fica claro que Zarius e Cayden se acomodam deliberadamente mais próximos de mim. Só que Zarius não faz isso por lealdade, e tem dificuldade em disfarçar o escárnio quando olha para Zale. Uma mulher coloca uma jarra de suco de laranja no centro da mesa junto de uma bandeja de café cheia de adoçantes, leite e uma tigelinha com chocolates.

Zale limpa a garganta, põe um dos chocolates na xícara e despeja café por cima. Ele nota minha curiosidade e explica:

— É a maneira preferida de tomar café em Galakin, já que chocolate e café são os produtos de que mais nos orgulhamos. — Ele vira uma xícara. — Experimente.

Fico olhando para ele sem expressão, arqueando uma sobrancelha e esperando que fale. Ele está muito enganado se acha que vou entretê-lo antes que reconheça que ficou sentado sem intervir enquanto sua mãe me chamava de desfrutável e cuspia a palavra *bastardo* como uma maldição.

O pomo de adão dele sobe e desce, e Zale olha brevemente para baixo antes de endireitar os ombros.

— Como afirmei na minha carta, quero me desculpar pela forma como minha mãe e meu pai agiram ontem à noite. Foi inapropriado, e eu jamais me meteria no seu casamento.

Ah, santos deuses.

Troco um olhar com Cayden, que não faz esforço algum para esconder a paciência se esgotando ao perguntar:

— O vento por acaso assobia pelo espaço vazio entre suas orelhas como se fosse um templo abandonado? — Zarius engasga com o suco de laranja, e comprimo os lábios para não dar risada. — Diga logo por que nos chamou aqui, porque acho que não foi para falar sobre suas preferências no quesito café.

Como um gesto de paz, me inclino para a frente. As marcas em meus braços reluzem enquanto pego um dos chocolates. O café fumegante o derrete, e mexo com a colherzinha passada pela alça da xícara para garantir que não sobre nenhum pedaço. Só o cheiro já me deixa com água na boca, e o sabor é ainda melhor.

Zale parece satisfeito com a reação e fala com uma confiança recém-descoberta.

— Quero treinar você.

— A mim? — Dou risada. — Não tive professores que usassem espadas sem fio, príncipe. Aprendi a lutar para sobreviver.

— Em magia.

Coloco a xícara de volta no pires e apoio as mãos entrelaçadas sobre a mesa.

— Para manipular o fogo?

— Não sei manipular o fogo de dragão, mas ensiná-la a manipular o fogo terrestre pode ajudar a apurar suas habilidades. Você dominou seu fogo num momento

carregado de emoção. Precisa ser capaz de evocá-lo estando sentada aqui. — Ele faz exatamente isso, puxando a chama de algum lugar do restaurante. — Você precisa sentilo mesmo quando não consegue vê-lo, e deixá-lo se tornar parte de você.

— O que você ganha em troca? — questiono, sabendo que tudo tem um preço, mas a oferta é tão tentadora que eu pagaria quase qualquer coisa.

O fogo inunda minhas veias, mas não tem para onde ir. Vive dentro de mim como uma chama eterna, e minhas opções são queimar por dentro ou conquistá-lo.

Ele olha para nós três enquanto outro criado coloca sobre a mesa uma bandeja de três andares com opções salgadas e doces para o café da manhã.

— Vou convencer meus pais a entrar na guerra. Não é uma luta só sua. — Seu olhar pousa em Zarius, que parece incrivelmente impassível, tirando um fiapo imaginário da camisa. — Nossos povos lutaram antes de nascermos e ainda se agarram ao ódio que alimentam, mas isso não vai resolver nada. Só vai inspirar o mesmo veneno nas gerações futuras, e incontáveis vidas serão perdidas porque governantes não conseguiram encontrar um caminho para liderar seus povos na direção de um mundo melhor.

— Não acho que seus pais vão ter uma perspectiva tão progressista sobre os acontecimentos que deram início à guerra entre nossos povos — responde Zarius. — Sou obrigado a lembrar que nunca foi provado que meu tio sequestrou sua tia. Ela pode ter partido por vontade própria.

Zale suspira.

— E talvez isso nunca seja provado, mas...

— Não podemos construir um futuro melhor se vivermos no passado — concluo por ele. — Os governantes deveriam se esforçar para aliviar o sofrimento, não perpetuá-lo.

— Sim. — Zale assente com a cabeça. — Exato.

— Tudo isso é muito comovente — declara Cayden em tom neutro, batucando os dedos na mesa e passando o outro braço pelo encosto da minha cadeira. — Mas quero saber quantos navios você pode prometer.

— Quinhentos.

— Oitocentos — exige Cayden.

— Seiscentos.

— Oitocentos.

Zale suspira, estendendo a mão.

— Oitocentos navios.

Eles apertam as mãos.

— Você vai ser informado dos planos de batalha assim que o tratado for assinado e eu puder ver os navios com os próprios olhos.

— Tenho grandes expectativas, porque já ouvi falar de planos anteriores concebidos pelo demônio de Ravaryn.

O rosto de Cayden permanece neutro, sem revelar nada sobre o que se passa em sua cabeça. É uma tática que usa para perturbar os outros, e está claramente funcionando com Zale, que limpa a garganta de novo e se volta para Zarius.

— Você tem alguma condição em relação à nossa aliança?

Os lábios de Zarius se apertam em uma linha reta enquanto avalia o príncipe que ele deve ter sido condicionado a odiar desde que nasceu.

— Recue suas esquadras no mar Dolente quando isso tudo terminar. Vamos navegar para uma guerra; duvido que algum de nós vai querer voltar para outra se suas promessas de paz forem verdadeiras.

Zale assente.

— Se fizer o mesmo com os seus, não vamos ter problemas.

— Como é que consegue falar como se fosse o rei? — pergunto, atraindo seu olhar de volta para mim. — Está fechando um acordo num café, não num castelo. Seus pais, os donos da marinha que prometeu para nós, sabem que está aqui?

— Meus pais vão cair em si — garante ele, terminando o café e se levantando da cadeira. — Mas você e eu temos assuntos mais urgentes a tratar, rainha.

* * *

Desato as tiras das sandálias que sobem por minhas panturrilhas enquanto a areia se espalha nas solas de couro. Finnian passa os dedos pelo arco pendurado no ombro quando examina a praia isolada em busca de qualquer sinal de emboscada, mas apenas Zale está em pé alguns passos acima das marcas das ondas na areia, empilhando troncos secos.

Braxton insistiu em nos acompanhar nesse treino, mas Zale não tinha nenhum guarda no café, e prefiro preservar a paz frágil que construímos. Zarius ficou para conversar com sor Rhys, e Ryder se recusou a deixar Saskia sozinha com ele — apesar de haver vários guardas a bordo. Só espero que o navio não esteja reduzido a cinzas quando voltarmos, já que Cayden não está lá para mediar a situação. Assim que soube que Finnian me acompanharia, ele desceu a prancha alegando ter um recado rápido para dar. Para Cayden, um recado rápido pode ser desde matar alguém a me trazer flores, mas ele foi embora antes que eu tivesse a chance de questioná-lo.

Eu me ajoelho de frente para Zale, com o vestido azul com um grande recorte em forma de losango na barriga se abrindo ao meu redor. Finnian se senta em um pedaço de madeira um pouco mais para trás, observando com atenção enquanto Zale acende os troncos entre nós com uma pederneira. O fogo começa pequeno, mas cresce conforme Zale move as mãos ao redor.

— O fogo precisa de oxigênio para crescer, mas como controladora, é você quem sopra vida nele — explica.

— Quando descobriu que era capaz de fazer isso pela primeira vez?

Ele dá uma risada suave.

— Ateei fogo numa cortina sem querer quando era criança. Também foi num momento carregado de emoção, como sua primeira experiência. Só que a minha não teve a complexidade de quase perder alguém que amava. Meu irmão caçula roubou o macaco de pelúcia que minha avó fez pra mim e que eu guardava debaixo do travesseiro. Ele saiu correndo pelos corredores mostrando meu bem mais precioso para todas as outras crianças, e me senti humilhado.

— Você ainda tem esse macaco?

— Não é *esse* o tema da aula hoje — responde ele, e rio quando ele não nega.

— Qual era o nome dele?

Ele me lança um olhar constrangido.

— Pascal.

— Ah, que fofo — digo afetadamente, e ele resmunga enquanto aperta a ponte do nariz, apontando de novo para o fogo.

Eu me inclino para a frente, apoiando as mãos de ambos os lados dos troncos, e me concentro na forma, no calor, no cheiro das brasas acesas na base do buraco na areia, mas meu corpo trava quando Zale envolve os dedos nos meus pulsos, e Finnian se põe em pé.

— Me solte — ordeno em voz baixa antes de me virar para Finnian. — Está tudo bem. Não precisa começar outra guerra.

Ele abre um sorrisinho, soltando o arco e voltando a se sentar.

— Qualquer coisa por você, Ellie.

Dou uma risadinha suave e volto minha atenção para Zale, que está com os olhos fixos em Finnian.

— Amigo seu?

— É mais como um irmão. — Quando as pessoas descrevem grandes amores, costumam falar em conexões românticas, mas uma amizade pode ser igualmente épica. — Se puder não me tocar durante a aula, agradeço muito.

Ele franze as sobrancelhas escuras e acena, uma expressão de compreensão se espalhando pelo rosto.

— Me desculpe se a deixei desconfortável. Não vai se repetir.

Inclino a cabeça, vendo o príncipe sob uma nova luz.

— Obrigada.

Ele assente e imita minha posição, chamando o fogo para si, embalando-o e enrolando-o nas palmas das mãos.

— Concentre-se na respiração. Muitos pensam que o fogo é destruição, mas também é vida e equilíbrio. Tem poder de cura. Sem o sol não conseguiríamos viver, e

sem as estrelas nunca encontraríamos o caminho de casa.

Ele segura uma pequena chama e a deposita nas minhas mãos, mas ela some em um piscar de olhos, deixando apenas a fumaça subindo para o céu.

Solto um suspiro, tentando conter a frustração que cresce dentro de mim, mas é um esforço em vão. Estendo as mãos de novo, convocando as chamas e esperando que meu poder desperte, mas não sinto nada. Fecho os olhos com força, empurrando tudo ao meu redor para fora da mente, e inalo a fumaça pelas narinas. Na escuridão das minhas pálpebras, deixo uma única chama tremeluzir até ganhar corpo e virar um incêndio.

Um dragão não teme o fogo, e eu também não temerei. As chamas estão sob suas escamas, assim como em minha alma. A única maneira de derrotar meus inimigos é não deixar que a dúvida que instalaram em minha mente seja mais forte que as minhas capacidades. Eles tentaram me limitar, me sufocar, e vou reduzi-los a cinzas por isso. Minha vingança será um reinado de cinzas e sangue.

Sou a rainha das chamas, e o fogo me obedece.

— A única lição que vamos fazer hoje é segurar o fogo. Você não tem como dominá-lo se não conseguir segurá-lo. — Abro os olhos enquanto ele recolhe o fogo de novo. — Sabia que em Galakin você não virou fantasma, como em Erebos? Aqui você virou lenda. A princesa perdida que traria os dragões de volta aos nossos céus. — Ele segura as chamas acima das minhas palmas em concha, e respiro fundo, mantendo a mente tranquila e convocando as chamas que vivem dentro de mim para a superfície. — O fogo é quem você é. Não precisa ter medo.

Zale deixa a chama cair nas minhas mãos, e eu a seguro.

CAPÍTULO

CINQUENTA E QUATRO

Cayden

Se tem uma lição que aprendi na vida é nunca confiar em nada nem em ninguém. As pessoas podem fazer promessas vazias soarem como ouro puro antes que você perceba que os bolsos dela são tão vazios quanto suas palavras. Um príncipe não é um rei, e Zale pode pregar sobre o futuro o quanto quiser, mas nunca precisou lutar para ver o dia seguinte. Tem esperança porque nunca teve que encarar a crueldade do mundo sem uma rede de proteção.

Puxo a corrente do relógio para ver as horas antes de trocá-lo pelo gancho preso no cinto. O metal curvo corta o ar enquanto o giro em círculos largos, de olho nos guardas que patrulham as muralhas lá de cima, do meio das palmeiras densas que me cercam.

Faço a contagem regressiva mentalmente até uma explosão sacudir o chão, e um sino estridente rasga o ar.

— Fogo! Tragam água! Fogo!

Os guardas lá em cima correm para o outro lado da torre para ver o que está acontecendo. A tragédia atrai os humanos como moscas ao mel. As pessoas adoram assistir à ruína alheia porque, por aquele breve momento, a natureza rancorosa do universo está se voltando para outros. É possível relaxar sabendo que, enquanto o destino estiver mordendo a jugular de alguém, não vai cravar as garras em você.

O gancho voa pelo ar e trava no parapeito, o barulho engolido pelos sinos e pelo rio

que corre sob a ponte. Dou alguns puxões para ter certeza de que vai aguentar, apoio a bota contra o muro do castelo, aproveitando a sombra que a ponte faz, e me iço para cima. O suor escorre pela testa e pelas costas, mas mantenho o ritmo. Preferia não matar guardas em um reino com o qual estou tentando fechar uma aliança, mas, se encrencarem comigo, dou um jeito de fechar a boca deles e fazê-los sumir. É mais uma tarefa de que não preciso na minha lista e, apesar de estar todo de preto, tirar o sangue debaixo das unhas é sempre um inferno.

Passo a perna por cima da borda e me agacho logo atrás, enrolando a corda e a prendendo de volta no cinto. Se chegasse pelo portão da frente, com certeza me deixariam entrar — afinal, sou um rei visitante —, mas provavelmente teria que esperar Cordelia voltar depois de recepcionar o navio de Feynadra que atracou no porto. Consigo segurar a raiva quando ela me insulta, mas Elowen é uma linha que não deixo ninguém cruzar.

Atravesso depressa a ponte de pedra e passo pelas cortinas abertas que dão para a ala real. Os guardas do castelo não são tão vigilantes quanto os membros da realeza acreditam. Estou de olho na propriedade deles desde que deixei Elowen na praia. Não me fiz notar para evitar suas perguntas inevitáveis, e a segui apenas para garantir que Zale não havia planejado uma emboscada. Só fui embora quando a vi segurar uma chama nas mãos. Sabia que ela aprenderia — ela provou que é capaz dominando o fogo de dragão, mas aguardo ansioso o dia em que vou poder vê-la incinerar nossos inimigos.

Os corredores curvos revestidos de azulejos funcionam como um túnel acústico para as ondas que se quebram e as gaivotas que pairam sobre elas. Pinturas com temas náuticos adornam as paredes com suas molduras douradas elaboradas, e serpentes marinhas sibilantes alinham os corredores como colunas. Dois guardas aparecem, e me enfio em uma alcova escavada na parede entre duas serpentes, com apenas uma palmeira alta em um vaso. Convoco as sombras que dançam na parede enquanto a planta balança com a brisa do mar, mas não sinto nada. Não há conexão.

Os guardas passam, e pego o pó de dormir que Elowen e eu usamos na prisão de Kallistar, sem dar tempo para que os soldados postados diante do gabinete do rei

entendam o que está acontecendo antes de assoprá-lo em seus rostos. A magia os domina de imediato, e dou um passo para o lado enquanto caem desajeitadamente aos meus pés.

Sem bater, empurro a porta e entro no escritório. O valor de uma ideia é determinado pelo resultado, então só o tempo vai dizer se isso tudo foi à toa. Erix se levanta de repente de detrás da mesa e vira apressadamente os papéis espalhados pela superfície. A escrivaninha está posicionada de frente para um semicírculo de janelas em arco com cortinas vermelhas finas balançando levemente, e o teto é um mosaico de pôr do sol. O gabinete se parece com o resto do castelo, com os tons das cores da casa — vermelho, laranja e amarelo — e detalhes régios e marinhos nas molduras de madeira entalhada e nos tecidos da área de visitas.

— Rei Cayden — diz ele. — Não sabia que tínhamos uma reunião.

— Não estava agendada — respondo, apontando com o queixo para o uísque em uma mesinha redonda alta, aliviado ao ver a familiar bebida âmbar neste reino infestado de rum. — Mas achei que tínhamos muito a discutir, então tomei a liberdade de vir.

— Em outras palavras, você não deveria estar aqui.

— Eu não deveria estar em muitos lugares. — Sirvo dois dedos de uísque. — E são exatamente esses que se mostram mais úteis. — Seus olhos disparam para a porta fechada. — Chame os guardas se quiser, mas vai demorar para que respondam. — Ele se move para contornar a mesa, mas o prendo com o olhar. — Sente, Erix. Se quisesse te matar, já teria feito isso.

— Você é um péssimo diplomata — murmura ele, afundando de volta na cadeira enquanto me acomodo na que fica do outro lado. — Mas ainda assim não consigo dizer que te desprezo totalmente.

— Sua gentileza é admirável. — Apoio o cotovelo no braço da cadeira, o gelo tilintando no copo quando o giro devagar. — Imagino que saiba que seu filho organizou uma reunião hoje de manhã.

— De fato. — Ele espelha minha posição, relaxando na cadeira enquanto coloca um cigarro nos lábios e o acende convocando uma chama do lampião na parede. — E

imagino que esteja aqui para solidificar o que meu filho prometeu?

— Mil navios pra mim, comércio entre nossos reinos, e tanto ele quanto Zarius concordaram em recuar as esquadras da zona de conflito no mar Dolente.

A madeira da cadeira de Erix range sob seu aperto antes de ele soltá-la.

— O príncipe Zarius é confiável? Como vou ter certeza de que vai mesmo recuar a marinha do confronto com a minha?

— Não confio em Zarius, e você também não deveria. — Tomo um gole de uísque. — Mas sei que ele quer ser rei e vai fazer o que for preciso por nosso apoio. Quanto a um acordo comercial, eu assinaria um agora mesmo se você o apresentasse.

Erix batuca os dedos na mesa, deixando o olhar passear para o mar que se estende até o horizonte.

— E se eu discordar?

— Apesar das palavras de Cordelia no jantar, Elowen sempre vai ter uma estima especial por Galakin por causa dos ovos de dragão. — Passo a língua pelos lábios, fazendo uma pausa para formular o que vem a seguir. — Mas o ódio da sua esposa pelos bastardos me faz acreditar que você tem alguns escondidos pelo reino e, bem... se um bastardo com sangue de plebeu consegue tomar o trono, imagine o que um com sangue da realeza seria capaz de fazer com uma boa oportunidade.

As narinas de Erix se alargam, e os olhos se estreitam.

— Você não sabe do que está falando. Eu poderia arrancar sua língua por isso.

— Você estaria morto antes de levantar da cadeira. — Tomo mais um gole, apoiando a bota sobre o joelho enquanto me reclino. — Não me importa onde enfiou seu pau. O único motivo para eu estar aqui é garantir que a minha esposa tenha as melhores chances de sobreviver às batalhas que vêm pela frente.

Posso lidar com os exércitos deles, mas é Elowen quem vai enfrentar a marinha montada em um dragão. Galakin pode ajudar nos seus esforços de maneiras que não consigo no campo. Depois de quase perdê-la na última batalha, preciso tomar todas as precauções para que isso nunca se repita.

— E pretende conseguir isso me ameaçando?

— Pretendo conseguir isso por todos os meios possíveis, e nunca se esqueça de que nenhuma ameaça minha é vazia quando se trata dela — aviso. — Minha lealdade não é a uma coroa nem a um reino. É à minha esposa, e sempre vai ser.

Erix dá uma tragada longa, olhando de novo para o mar enquanto solta a fumaça.

— Apesar de não concordar com seus métodos, respeito você como homem. — Fico em silêncio, sem nenhum interesse especial no que ele pensa de mim. Tudo o que quero são os navios. — O amor sempre dá um jeito de sangrar o dever até a última gota. Como rei, seu dever é com seu reino, mesmo ao custo de quem ama. A coroa na cabeça tem que vir sempre antes da aliança no dedo.

— Você nasceu numa posição que conquistei com a espada e, tendo seus bastardos, não dou muito valor aos seus conselhos sobre como me comportar como marido.

As narinas dele se alargam.

— Eu não admiti isso em nenhum momento. Amo minha esposa.

— Não precisava, e não me importa.

Erix sabe que seria idiotice me transformar em um inimigo. Com Elowen assumindo o trono de Imirath, nosso reino, somado às Ilhas do Sul, vai ser o maior de Ravaryn. Não só isso como a rainha tem vínculo com cinco dragões, e os manipuladores de fogo de Galakin não serão capazes de dominar o fogo de dragão caso a vingança de Elowen se volte contra eles em seguida.

— Um tratado precisa ser redigido — diz ele. — Mas vou apoiar sua força naval *apenas* mediante a garantia de que o comércio vai ser estabelecido e os navios de Thirwen vão recuar do confronto com os meus.

Termino o uísque e coloco o copo de cristal vazio na borda da mesa.

— Foi um prazer fazer negócios com você, Erix.

Abro as portas do gabinete e passo por cima dos guardas ainda dormindo. Estão sob o comando do rei, então Erix que decida o que fazer com eles.

— Majestade! — grita alguém atrás de mim, mas continuo andando, ansioso para sair deste castelo. — Majestade!

Olho por cima do ombro, e de fato uma criada está me chamando. Ela para por um

momento para recuperar o fôlego quando se aproxima.

— Só queria perguntar se está perdido. Sei que as torres podem ser confusas.

— Eu já estava de saída.

— Mas a rainha acabou de chegar — diz ela.

— A rainha Cordelia está ocupada com a irmã, e sugiro mantê-la assim até eu ir embora.

— Não, senhor. *Sua* rainha. Sua majestade chegou com o príncipe Zale e o comandante Finnian.

CAPÍTULO

CINQUENTA E CINCO

Elowen

O incenso queima meu nariz, tão forte que quase consigo sentir seu gosto. O quarto de Mae é mais escuro que a maioria, mas ela não está à vista. Os sinos dourados pendurados nas janelas criam uma melodia suave... então não entendo por que minha pele está arrepiada. É a mesma sensação que tive na travessia para Zraka. Parece que estou me esquecendo de alguma coisa, como se devesse estar em outro lugar, mas não conseguisse me lembrar de para onde ir. Fora os sinos, tudo no aposento é vermelho. Me lembra os mantos de Asena, e me pergunto se Mae tem alguma ligação com o culto ao fogo.

Seguro a saia para não tropeçar nos vários almofadões pelo chão ao redor de uma mesinha baixa, e paro quando Zale levanta a mão antes de sumir na varanda.

— Acho que vou espirrar se ficar aqui mais um segundo — sussurra Finnian.

— Morei com você durante sua adolescência, então aqui está com um cheiro bom em comparação.

Ele me fulmina com o olhar enquanto apoia um dedo sob o nariz.

— Grossa.

— Mae? — chama Zale.

Espio pelas cortinas transparentes e o vejo contornar um pequeno sofá de frente para o mar. O pergolado mais acima oferece à idosa um pouco de sombra, mas tento

não fazer uma careta quando outra onda de incenso me atinge. Gravetos fumegantes descansam em várias tigelas douradas ao redor dela. Os ombros frágeis estão envoltos em um xale e se erguem quando Zale entra em seu campo de visão.

— Trouxe alguém que quer conversar com você.

— Elowen Veles e o irmão dela vieram me visitar — diz ela com a voz trêmula, estendendo a mão para segurar o rosto de Zale. — Venha cá, menina. Me deixe ver você depois de todos esses anos.

Troco um olhar com Finnian, mas Zale não parece se abalar quando faz sinal para nos aproximarmos. Passo as mãos pelo vestido e endireito as alças nos ombros enquanto faço o que ela pediu. Rugas profundas estão gravadas na pele marrom, e manchas de idade pontilham as bochechas, mas os olhos são quentes e gentis.

— Elowen Atarah. Elowen Veles. — Ela diz meu nome como se estivesse testando o peso de cada sílaba para decidir qual prefere, pousando as mãos nas minhas bochechas. — Elowen Veles. Prisioneira, princesa, ginete de dragão e rainha.

— É um prazer conhecê-la, Mae — digo quando ela solta meu rosto, mas toma meu pulso para examinar as linhas da mão. — Sei que nos encontramos antes, mas eu era pequena demais para me lembrar.

— Mas você lembra dos seus dragões. Nunca os esquece.

— Sim, é verdade. São minha lembrança mais antiga.

— A magia nas suas veias não a deixa esquecer — murmura ela. — Você não consegue se esquecer de nada disso. Ele também não conseguia. — Olho para Finnian de novo, mas Mae puxa meu pulso, balançando a cabeça. — Bastardo, criminoso, comandante e rei.

Franzo as sobrancelhas.

— Do que Cayden se lembra?

— Ele vai saber em breve.

Zale senta no lugar ao lado de Mae e gentilmente afasta a mão dela do meu pulso. A mulher parece se acalmar com a presença dele, um sorriso surgindo nos lábios vermelho-vivos. É a única maquiagem que usa.

— Mae, Elowen queria fazer algumas perguntas. Está se sentindo bem pra isso?

— Sim.

Ela dá tapinhas no espaço do outro lado, e não me oponho. A almofada afunda com meu peso, e Finnian se move para ficar mais perto de mim.

— Dizem que os deuses vieram até você num sonho e mandaram que me desse os ovos de dragão. Você se lembra de alguma coisa relacionada a isso?

Ela franze a testa e aponta para o conjunto de chá à sua frente. Zale se inclina para encher uma xícara, e ela toma um gole antes de falar, agarrando a porcelana como se estivesse com frio.

— Não foram os deuses, foi uma só. A Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas disse que era hora de os dragões despertarem. Você nasceu para trazê-los ao mundo. E vai mantê-los em segurança. A guerreira de coração feroz e gentil.

— Mas por que não outra pessoa? — pergunto.

— O fogo na sua alma — garante ela. — O que é seu nunca errará o alvo. Sempre dá um jeito de se fazer presente antes mesmo de saber o que é. — Ela toca o dedo ossudo nas minhas costelas, bem onde senti o aperto enquanto navegávamos para Zraka. — A intuição de uma mulher quase nunca mente. Confie em si mesma para trilhar seu caminho. Só você pode decidir o que é certo, o que te quebra e o que te fortalece. Para encontrar as respostas que procura, precisa abandonar a dúvida e abraçar quem você é.

Meus olhos se voltam na direção de onde senti o puxão, e Mae assente com a cabeça.

— Deixe o dragão renascer das cinzas — diz ela. — Um erro foi corrigido quando eles te encontraram e te escolheram. Um fio rasgado pela ganância foi remendado com o seu nascimento.

Quanto mais ela fala, mais confusa fico. Tudo o que eu sei é que quero investigar o que se esconde em Galakin e por que me atrai tanto.

— Que erro?

— Os deuses lutaram uns contra os outros, e isso levou tanto à ruína deles quanto à destruição dos dragões. Os céus são vazios sem dragões. Um reino não é nada sem um

governante forte no trono.

Zale toma delicadamente a mão dela, atraindo seus olhos carinhosos para si.

— Mas qual foi o fio rasgado pela ganância? — pergunta.

Ela pisca algumas vezes, e está claro que não vai responder. Aperto a saia entre o polegar e o indicador, já que é um gesto menos distrativo que ficar mexendo no colar. Não acho que seria inteligente pressioná-la — ela parece tão frágil —, então engulo a curiosidade e faço uma pergunta diferente.

— De onde vieram os ovos de dragão? — Ela abre a boca, mas recua como se tivesse levado uma bofetada. — Mae?

Ela começa a sacudir a cabeça, olhando para o pergolado que bloqueia o céu enquanto cobre os ouvidos. Um ruído que vem de fundo na garganta me lembra um animal ferido, e Zale envolve os ombros dela com o braço. Saio do sofá e fico em pé na frente de Finnian, me mantendo por perto caso o príncipe precise de ajuda. Sei que ela não seria páreo para Finnian, mas protegê-lo sempre será meu primeiro instinto.

— Mae! — chama Zale quando os olhos dela reviram, e ele lhe dá tapinhas na bochecha gentilmente. — Faz anos que ela não tem uma visão, não sei o que está acontecendo.

— Quer que eu chame um curandeiro? — pergunto.

— Não, não tem nada que ninguém possa fazer quando uma visão toma conta.

As cortinas que levam ao quarto dela se abrem e, para minha surpresa, Cayden aparece.

— Achei que você tinha um *recado pra dar*.

— E tinha — responde ele, vindo até mim. — Eu garanti nossa aliança. Conto os detalhes depois, mas que diabos vocês fizeram?

— Só fiz algumas perguntas sobre os dragões, e então isso aconteceu. Acabamos de chegar.

— O amor dos deuses. O ódio dos deuses. O amor dos deuses. O ódio dos deuses — recita ela em voz baixa. Cayden abre a boca para dizer alguma coisa, mas me empurra para trás quando Mae se lança para a frente e o agarra pela camisa. A dor contorce suas

feições, e queria poder fazer alguma coisa para ajudá-la. — O sol será banhado em sangue e as sombras encobrirão o dia. Cinzas a serem levadas pelas ondas. Olhos velhos observam e olhos novos se fecham. — Sua voz sai surpreendentemente baixa, quase como se não fosse ela a transmitir a mensagem.

Zale a afasta de Cayden quando as íris reaparecem no branco dos olhos. Ela desaba contra ele, tremendo e tossindo enquanto Zale a envolve com um dos vários cobertores. Meu coração bate com tanta força que sinto a pulsação nas pontas dos dedos dos pés e das mãos. *Deuses.* Fico grata por não ser uma profecia diretamente relacionada a mim, como a que foi proferida anos atrás, mas, ainda assim, poderia ter vivido feliz sem ouvir outra escapar dos lábios de ninguém.

Nem sei o que essa significa. A profecia que recebi quando era criança era direta, não havia nada a decifrar. Não sei se o estado da mente dela influencia a clareza das visões, mas não entendo como o sol pode ser banhado em sangue, nem como o restante do que ela disse pode ser possível.

— V-você disse que temos uma aliança? — pergunta Finnian, desviando os olhos da mulher.

— Conversei com o rei Erix para garantir o que queríamos.

— Você *conversou* com meu pai? — pergunta Zale, com os fios da raiva que sente se mostrando em suas feições. — Ou o ameaçou?

— Guarde sua raiva para o campo de batalha, principezinho. Vai ter a chance de ensanguentar a espada em algo além dos campos de treino se sua mãe tiver te amamentado o suficiente.

O rosto de Zale fica vermelho e ele se levanta do sofá, se certificando de que Mae esteja bem acomodada entre os travesseiros.

— Você ameaçou meu pai?

— Acho melhor fazer essa pergunta pra ele. Acredito que é uma questão de perspectiva.

— Talvez eu faça isso mesmo — retruca ele.

— Chega — intervenho, me colocando entre os dois. — Todo mundo conseguiu o

que queria, e não vou fazer o papel de babá de marmanjos enquanto tenho uma guerra para disputar. Aprendam a se entender ou fiquem quietos.

Finnian contorna o grupo para ajustar o cobertor de Mae, e o olhar de Zale o acompanha.

— Posso trazer alguma coisa pra você, minha senhora?

Mae o encara, com o corpo frágil ainda sacudido por tremores, e faz que não com a cabeça. Ele assente, ficando em pé outra vez e voltando para o grupo enquanto nos aproximamos do parapeito.

— Alguém tem alguma ideia do que a visão significava?

— Mae muitas vezes fica confusa e se perde na própria cabeça — explica Zale. — Não sei se a visão foi totalmente precisa.

— Ela falou com clareza, mesmo que a mensagem não tenha sido clara — respondo, controlando o nervosismo. Da última vez que recebi uma profecia, acabei acorrentada e separada dos meus dragões. — Mas temos assuntos mais urgentes que visões de deuses adormecidos.

Tento tirar isso da cabeça, de verdade.

Mas a sombra que me segue como uma nuvem carregada no horizonte há semanas fica mais densa, e temo que a chuva não demore a cair.

CAPÍTULO

CINQUENTA E SEIS

Elowen

Apoio as mãos na amurada, olhando na direção do lugar que Mae me indicou para investigar. Não consigo ver daqui, mas quando penso na floresta densa aos pés das montanhas sinto aquele puxão nas costelas de novo. Deveria estar me arrumando para o baile, mas sempre que tento descer para o convés inferior algo me traz de volta para cá.

Mal consegui dormir, passei a noite deitada de lado, encarando a janela da cabine. A voz de Mae ecoou no meu crânio até as primeiras horas da manhã. Informamos Saskia, Ryder e Zarius sobre a profecia quando voltamos, mas o único que acredita nesse tipo de coisa é Zarius. Ele pareceu abalado, mas não tinha nenhuma teoria sobre o que poderia significar.

O curso da minha vida foi alterado por uma profecia. Nasci para governar Imirath e fui espancada diante do trono. Meu sangue se infiltrou nas pedras do castelo, e vivo em suas paredes, nas frestas e nos alicerces. Minha presença pulsa como um coração invisível, enterrado tão fundo que o ritmo enlouquece meu pai, sabendo que um dia virei reclamar o que é meu.

Algumas profecias levam anos para se cumprir. Outras são tão vagas que ninguém sabe se realmente foram concretizadas ou se o destino ainda está aguardando o momento de dar prosseguimento às mensagens reveladas aos videntes. Os dragões voam na direção para onde estou olhando, mas sempre mudam de rota para voltar até mim, e

fico me perguntando se também sentem alguma coisa. Tem alguma coisa lá, e é como se eu estivesse nadando em águas escuras, sem conseguir enxergar as profundezas que os monstros habitam, à espreita para me arrastar para o fundo.

— Mostre o caminho, princesa — diz Cayden, chegando até mim com passadas largas, apoiando o quadril na amurada.

— Quê? — pergunto, sacudindo a névoa de minha cabeça.

— Está bem claro que você precisa ver o que tem lá, e não vai sem mim. — Ele aponta para os dragões. — Sem falar que não consigo subir em nenhum deles sem morrer, então decida logo.

Mordo o lábio.

— Quanto tempo temos antes do baile?

Passamos o dia discutindo possíveis estratégias de batalha com Zale e Zarius, e o sol já está se pondo.

Ele tira o relógio de bolso e faz os cálculos rapidamente.

— Levando em conta as várias horas que vai precisar para se arrumar, não o suficiente.

Reviro os olhos.

— Desconte as várias horas que você vai perder ensaiando seu olhar intimidador no espelho e teremos tempo de sobra.

Ele guarda o relógio de volta no bolso.

— Temos uma hora.

Assinto com a cabeça.

— Os dragões estão inquietos, então me dê um tempo para acalmar Basilius antes de decolar.

Calithea pode tê-lo carregado nas costas quando estava inconsciente, mas não acho que o aceitaria acordado com a mesma facilidade. Os dragões conseguem sentir minhas emoções e talvez soubessem o quanto eu estava desesperada para tirá-lo de lá. Todos adoram Cayden, muito provavelmente porque ele lhes oferece suas carnes preferidas e vive escondendo guloseimas para presenteá-los, mas não quero me arriscar enfurecer

nenhum deles tentando fazê-lo montar, mesmo comigo na sela também. Começo a cantarolar a melodia suave que os acalma quando acordam de pesadelos e pressiono a testa contra a de Basilius enquanto suas garras afundam no cais e ele se encolhe até a minha altura.

Todos os dragões são grandes, mas Basilius é imenso.

Cayden me observa conforme continuo cantarolando e passo os dedos pelas escamas ao longo de seu corpo até subir na sela. Basilius se arrepia embaixo de mim e rosna baixinho quando Cayden pisa na asa, mas pressiono seu pescoço e continuo a melodia, fazendo um gesto com a outra mão para Cayden avançar.

Assim que ele está acomodado atrás de mim, envolvendo meu corpo com os braços, Basilius avança pelas ondas rasas e se projeta da areia, batendo as asas cor de lavanda para nos levar por cima do porto, para o céu. As pessoas de Galakin param no meio das ruas enquanto os dragões voam acima delas, projetando as sombras de suas asas sobre a cidade. Alguns os olham com admiração e espanto, outros correm em busca de abrigo. Para quem venera o fogo, os dragões devem parecer deuses.

As construções dão lugar a palmeiras, e Basilius dá uma guinada à direita quando avisto o rio que separa Zario de Zraka. Suas margens são cobertas de pedras desbotadas pelo sol, onde serpentes coloridas se aquecem. Estremeço. As cobras sempre me deixaram apreensiva. Sorin ultrapassa Basilius, seguido de Venatrix e Delmira, que passam zunindo, mas Calithea fica para trás e cutuca Basilius com o focinho, arrancando dele um resmungo alegre.

Uma clareira se abre na floresta e um lago cristalino chama minha atenção, assim como os regalecos que nadam em seu interior, com as longas caudas ondulando atrás deles em tons de roxo, rosa e amarelo. São lindos, mas, como a maioria das criaturas de cores vivas, extremamente venenosos. Duas construções de pedra se erguem nas margens do lago, conectadas por uma ponte de ferro forjado que reluz sob o sol. Assim que nos aproximamos, percebo que são templos. Um tem uma lua crescente no topo, e o outro, uma estrela.

Deve ser um local de adoração aos deuses que nos abençoaram.

O templo da lua fica à esquerda, esculpido em pedra tão escura que só pode ser obsidiana pura, e à direita há um templo branco com veios azuis. *Lembram nossos tronos*, percebo. Obsidiana e pedra da lua. Basilius aterrissa na margem, e os peixes mergulham para as profundezas. A floresta é úmida, e o próprio ar parece pegajoso. Prendo os cachos com a mão enquanto desço de Basilius, abanando a nuca antes de soltá-los.

— Vamos ver aquele primeiro — digo, apontando para o templo de obsidiana do qual Cayden não tirou os olhos.

Há caveiras entalhadas na base das colunas que cercam toda a estrutura, e as fases da lua são exibidas acima da entrada, me lembrando a tatuagem que ele tem nas costelas. Eu não diria que a construção está em ruínas, mas as trepadeiras proliferam pela estrutura abandonada, por cima de colunas caídas e de pedaços do teto que desabaram.

Subimos os degraus pretos como uma noite sem estrelas, desviando do musgo e das ervas daninhas que brotam pelas rachaduras. Por dentro está completamente vazio, tendo apenas um altar feito da mesma pedra preta e uma fonte seca no centro. Cayden saca a espada, apesar de parecer que nenhuma alma passou por aqui em séculos, e faz um giro lento ao redor de si mesmo enquanto se aproxima do altar. Em seguida, passa a mão sobre a laje, tirando a poeira, a sujeira e as folhas de palmeira amareladas. Uma pulsação fraca é absorvida por minhas sandálias, e os pelos da minha nuca se eriçam quando Cayden lê as palavras gravadas no altar.

— "Ninguém escapa das trevas; elas aguardam por todos nós" — recita ele. — Traduzi do ravariano, então pode não ser exatamente isso.

O templo range como se voltasse à vida com a voz de Cayden, e ele se lança em minha direção, pressionando uma mão nas minhas costas e mantendo a lâmina estendida diante de mim. Levanto o queixo, sobressaltada com um movimento repentino, e a água começa a jorrar do topo das colunas que ainda restam. Alguns jatos arqueiam sobre nossas cabeças e caem na fonte rasa que ocupa todo o chão. Cayden abaixa a arma quando uma rajada de vento atravessa as arcadas abertas e polvilha nossa pele com gotículas.

É incrível.

Ele me olha quando levanto a saia lavanda e dou um passo para dentro da fonte, firmando o passo na água que chega ao joelho antes de soltá-la. As finas correntes douradas que pendem da parte superior do meu conjunto de duas peças roçam minha barriga conforme avanço. Os olhos escuros de Cayden acompanham cada movimento meu, mas ele está inquietantemente imóvel, a veia do pescoço saltada. Uma força emana dele enquanto as sombras se movem como cobras se enrolando nos cantos. As marcas em minhas mãos e nos braços pulsam no ritmo de meus batimentos quando ele entra na fonte e caminha pouco a pouco na minha direção.

— Tenho a sensação de já ter visto isso num sonho — comenta ele.

— Achei que você não sonhasse. — Circulo uma das quedas-d'água. — Você costuma ter um sono agitado à noite.

— Não acontece sempre. — A voz dele é rouca, profunda. — Mas, quando sonho, você sempre está lá. — A água cor de obsidiana ondula ao nosso redor, e não sei dizer se isso acontece em resposta a Cayden ou à água que continua a jorrar. Ele pode achar que não tem habilidades mágicas, mas acreditou em mim quando ninguém acreditava, nem eu mesma, e é isso que estou fazendo por ele. — Acho que sonhei com você antes de a gente se conhecer. Não via seu rosto, mas sabia que era você.

— Como você sabia?

— A paz que senti. — Ele me alcança antes que eu consiga me esconder atrás de outra cascata e me pressiona contra o peito. Seus olhos estão quase pretos, e sua pele está quente como se estivesse febril. Deslizo as mãos por sua camisa e enfio um dedo na corrente do colar de ponta de flecha. — Só encontrei paz na sua presença.

— É paz o que você está sentindo agora? — pergunto. Ele me segura pela nuca, e minhas marcas formigam quando seus lábios roçam os meus. — Eu sei que a magia do templo está te afetando. Sei que consegue sentir.

— Posso garantir que os deuses são a última coisa na minha cabeça agora, e o que estou sentindo não tem nada a ver com eles. — Faço que não com a cabeça, mas ele usa a outra mão para segurar meu queixo e interrompe o movimento. — Só você consegue me colocar de joelhos, Elowen Veles.

Estremeço, mas não tem nada a ver com outra brisa que espirra gotículas — tem tudo a ver com a intensidade inabalável que Cayden carrega. A atração que sinto por ele é tão forte que quase dói, mas ele não me solta desse aperto paralisante.

— Vamos ao próximo? — pergunta ele, embora a água não tenha parado de correr.

— Só se você quiser ir embora.

Ele recua e entrelaça os dedos nos meus para me ajudar a sair da fonte, mas a distância entre nós não diminui minha atração por ele. A bainha encharcada da saia gruda nas pernas enquanto atravessamos a ponte arqueada, e a cada passo se amplifica o chamado do templo de pedra da lua dedicado à Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas, e sinto meus sentidos serem atraídos em duas direções diferentes.

— Acha que eles formaram uma aliança por compartilharem a noite? — pergunto.

— Parece possível.

— Você nunca leu nada sobre a relação entre eles?

— Não — responde ele com um leve movimento de cabeça, o que chama minha atenção para a cicatriz vermelha em sua bochecha. — Acho que isso não foi transcrito em lugar nenhum. Os deuses não podem se apaixonar uns pelos outros, então mesmo que tivessem tido um relacionamento seria proibido.

Viver por uma eternidade parece mais uma punição que uma bênção em meio à solidão. Prefiro uma vida mortal com o coração pleno a passar éons percorrendo a terra, me tornando indiferente a tudo ao meu redor e perdendo a humanidade. Os dragões guincham quando pressiono uma sandália no primeiro degrau do templo, e um arrepio me sobe pela espinha.

Assim como no templo dedicado ao Deus da Água, da Morte e da Lua, o da Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas tem um altar, mas em vez de uma fonte há um espaço vazio. Solto a mão de Cayden, e os veios azuis dançam por todo o chão conforme caminho em direção à laje de pedra da lua, desviando de uma coluna caída e varrendo as folhas de palmeira e a poeira da superfície. Minhas mãos estão úmidas de suor, e leio as palavras em voz alta.

— "Suportar o fogo é caminhar pelas chamas sem temer ser consumida" — leio,

traduzindo do ravariano.

O templo estremece, como um grande incêndio tomando uma floresta, os troncos se partindo em brasas. Duas fileiras de chamas azul-claras se projetam para a frente e se curvam ao longo do perímetro do templo, e no centro três delas traçam círculos no chão, formando o símbolo da chama tripla associado à deusa. *É fogo estelar.* Talvez seja por isso que me senti atraída até aqui, por esse elemento. Lembro-me do homem de quem comprei o perfume me dizendo que o fogo estelar em sua forma mais pura não existe mais em Ravaryn — mas existe, sim, e foi despertado por minha presença. Meus dragões sobrevoam as ruínas, lançando fogo de dragão no centro do círculo, me envolvendo em chamas tão vibrantes quanto suas escamas enquanto circulo o altar e mergulho nas chamas faiscantes riscadas de prata.

Elas se aproximam, mas não me queimam quando tocam minha pele e começam a subir pelos braços. O fogo estelar ao meu redor cresce até que as chamas alcancem a altura das colunas e se misturem com os dragões.

Agora entendo.

O fogo pode ser caos, mas também pode ser paz. O calor é algo que todo ser humano busca, mas, assim como o amor, seu excesso pode ser fatal. Deve sempre existir um equilíbrio nos elementos, e na forma como são enxergados.

Sento-me no centro do círculo, observando o fogo se arquear acima da minha cabeça e girar ao meu redor como vaga-lumes. As chamas se abrem brevemente para deixar Cayden entrar — a única pessoa que nunca encarou o meu poder com medo. Ele atravessa as chamas para chegar até mim, muito mais confiante do que qualquer pessoa deveria estar ao caminhar através de algo capaz de matá-la. Cayden se ajoelha enquanto a tempestade azul ruge ao nosso redor e segura meu rosto entre as mãos, passando os polegares em minhas bochechas conforme seu peito sobe e desce com força.

— Meu amor — murmura ele um segundo antes de colar os lábios aos meus.

O beijo é febril, dominador e delicado ao mesmo tempo. O poder que comecei a sentir no templo do Deus da Morte se amplifica, e passo as unhas nos ombros de Cayden. Eu não sabia que um amor tão poderoso podia ser delicado até conhecê-lo. Ele

me deita de costas no chão frio de pedra, em meio às chamas, e sobe a saia por minhas pernas. Se achei que os olhos dele estavam escuros antes, não era nada em comparação a como me olha agora. Ele puxa meu quadril do chão e mergulha a cabeça entre as minhas coxas. Meus lábios se separam em uma prece, como se o templo fosse dedicado a ele.

O fogo estelar dispara por minhas veias enquanto ele eleva meu prazer, murmurando sua devoção contra minha pele.

Envolvo as pernas em torno de sua cintura quando Cayden se levanta, precisando tê-lo mais perto. Ele segura meus braços, e o fogo se desloca para acomodar seu toque. Seus quadris pulsam contra os meus, e gemo em sua boca.

— Você é mais radiante que qualquer deusa que já existiu — sussurra ele com a boca colada ao meu pescoço, passando a língua pelo alto dos meus seios empinados pelo decote. — Estou convencido de que não existe uma Deusa da Beleza, porque sua existência a deixaria envergonhada.

Eu me arqueio contra ele enquanto meu marido estende a mão para desamarrar a calça e esfrega o pau na minha abertura úmida. O fogo que pulsa dentro de mim fica mais forte, mais quente e mais caótico quando ele me penetra. Seguro seu ombro com uma das mãos enquanto a outra vai para o cabo da espada que ainda repousa em suas costas ao mesmo tempo que me possui. Nada jamais pareceu mais perfeito que estar com ele. O poder que vibra em meus ossos clama pelo dele enquanto me encara e pressiona nossas testas coladas. Cayden pode não entender, mas eu entendo. Eu o vejo. Ele cobre meus lábios com os seus de novo e não para até o fogo se apagar e as estrelas salpicarem o céu.

CAPÍTULO

CINQUENTA E SETE

Elowen

Outro grupo de convidados desce os degraus que levam ao pátio de cerâmica em mosaico vermelho e branco. Lanternas das mesmas cores enfeitam a festa, projetando um brilho quente sobre todos os presentes e reluzindo nos vestidos e nas taças de cristal cheias de vinho e rum. Zarius parece tão entediado quanto o resto de nós, sentado ao pé da árvore em que me apoio enquanto segura seu quarto copo de rum. Saskia franze o nariz com repulsa.

— Que tal a gente dançar? — pergunta Ryder.

— Agradeço a oferta, mas passo — responde Cayden, arrancando uma risada de Finnian.

Ryder o fulmina com o olhar.

— Não era com você que eu estava falando.

Cayden toma mais um gole de rum.

— Como vou sobreviver a essa rejeição?

Os governantes de Galakin logo vão aparecer para se juntar a nós — estão em oração há quase dez horas para honrar cada um dos dez deuses e o solstício de inverno. Estátuas dedicadas a cada divindade estão espalhadas pelo jardim impecável. A imagem de uma mulher sem rosto amamentando um bebê no seio é dedicada à Deusa do Amor, do Casamento e da Fertilidade. À sua direita, outra mulher sem rosto, ajoelhada com a

cabeça curvada e coberta por um véu: a Deusa da Tristeza e da Dor. À sua esquerda, uma terceira mulher com fios entrelaçados nos dedos: a Deusa das Almas, da Misericórdia e do Destino.

— Vem caminhar comigo? — pergunto a Cayden, que assente em resposta.

O baile nem começou e já preciso de uma pausa de todos aqueles olhares.

Agarro a saia do vestido e sigo em direção ao caminho ladeado de tochas para ver as artes expostas de perto. Cayden me segue em silêncio, com a mão espalmada na parte inferior das minhas costas enquanto vasculha a vegetação densa, atento a qualquer sinal de ameaça. Flores laranja e vermelhas se enrolam pelo tronco de uma grande árvore atrás de duas estátuas claramente dedicadas ao Deus da Guerra e da Estratégia — pelas espadas desembainhadas e pelo elmo que obscurece seu rosto — e ao Deus da Ilusão, da Mente e da Memória, que parece mudar de cor conforme a iluminação.

Atravessamos uma ponte arqueada sobre um riacho que dá acesso a um pátio em semicírculo com os cinco deuses restantes, todos também sem rosto. A primeira é a Deusa do Ar e das Tempestades, com as mãos erguidas e raios disparando das palmas; depois vem o Deus da Terra e da Colheita, com raízes se enroscando ao longo das pernas e dos braços; e em seguida o Deus do Sol e da Luz, com a maior quantidade de oferendas a seus pés. Uma coroa dourada repousa sobre sua cabeça, e uma chama queima em cada mão, em homenagem à sua capacidade de manipular tanto o fogo terreno como o solar.

— Você está encarando essa estátua como se quisesse assassiná-la — comenta Cayden, desviando meu olhar para ele. — Preferiria não precisar ter ciúmes de um pedaço de pedra, *sirantia*.

Dou uma risada suave e me desvencilho do seu toque enquanto caminhamos até a parte com a visão mais clara do mar. Depois que Asena revelou que o Deus do Sol tentou acorrentar dragões, assim como meu pai, eu sempre vou odiá-lo, sendo a história real ou não. O vento traz o perfume de dama-da-noite, íris e flores estelares que crescem aos pés dos dois deuses que governam a noite. O riacho serpenteia o chão coberto de musgo e se mistura lindamente com a música que continua a tocar.

Eu me aproximo dos dois, me sentindo atraída por eles por saber que ao que parece abençoaram Cayden e a mim. A Deusa das Chamas, da Vida e das Estrelas tem três chamas ardendo sobre a cabeça, os cabelos escorrendo até a metade das coxas e duas estrelas nas palmas das mãos. Dragões gêmeos se enrolam em seus braços e se aninham nos ombros. Ao seu lado está o Deus da Água, da Morte e da Lua. As cinco fases lunares estão esculpidas acima de sua cabeça e dois crânios repousam em suas palmas. Acho que esse local foi escolhido para ele pela proximidade com o rio e o mar.

As marcas nos meus braços cintilam quando estico o pescoço e estendo os dedos para traçar o contorno da pedra. É lisa e fria, apesar do calor do reino. A data festiva teria um ar bem diferente se estivéssemos em casa. Sempre a associei a árvores adornadas com fitas, quitutes recém-assados acompanhados de chocolate quente e momentos diante da lareira vendo a neve cair, mas está quente demais para sequer pensar nessas coisas aqui. O povo de Galakin pode comemorar na praia, se assim desejar.

Passos ressoam no chão, e pego o punhal debaixo da minha saia enquanto Cayden se aproxima de mim com a espada já desembainhada.

— Podem suspender o ataque. — Saskia bufa quando cruza a ponte e vê nossas lâminas. — Não consigo ficar mais um minuto com os outros se nenhum de vocês estiver presente. Não tenho para quem olhar quando dizem alguma idiotice. — Rio e a pego pelo braço para conduzi-la de volta à festa. — Vamos arranjar algo pra comer antes que os reis cheguem e tenhamos de focar em assuntos políticos.

Minha ansiedade praticamente acabou com meu apetite, mas não quero que ela fique sozinha. Estamos aqui para selar uma aliança com Galakin, porém precisamos manter os olhos abertos. Nossas saias ondulam atrás de nós quando retornamos à festa, abrindo caminho pela multidão. Saskia está com um elegante vestido azul que cai sobre um ombro, o tecido translúcido cravejado de diamantes flutuando em seu rastro. Estou com uma cor semelhante, mas o corpete e os punhos são feitos de pérolas com fios finos que se prendem ao redor do pescoço e sobre os ombros. O tecido drapeado vai do corpete até os pulsos, fluindo com a mesma leveza da saia, e combina com minha coroa

de dragões de safira e pedra da lua.

Finnian nos alcança, enlaçando meu braço livre e se juntando a nós em direção à mesa repleta de frutas vibrantes, pães-folha e patês. Uma criada empilha uma variedade de delícias tropicais em uma travessa de cristal, e quase solto um gemido ao experimentar uma fruta estranha de cor verde que me dizem ser kiwi.

— Posso reconsiderar a proposta de casamento de Cordelia se isso significar ter essa fruta para sempre — comento após engolir.

— Por favor, não diga isso. Prefiro não ter que encarar outro golpe — murmura Saskia, lançando um olhar na direção de Cayden para ter certeza de que ele não ouviu.

— Calma, Sas. Uma pitada de violência poderia tornar essa noite interessante.

Dou risada quando ela solta um grunhido.

— Quem estamos enfrentando? — pergunta Finnian, voltando a se reunir conosco após enfiar uma fatia de manga na boca.

— Ninguém, por enquanto, mas a noite é uma criança — respondo, guiando nosso caminho de volta ao grupo. — Ainda haverá muitas oportunidades para um de nós tirar alguém do sério.

Liras e instrumentos de corda alertam os convidados para a chegada iminente da família real, e todos se dirigem em massa para a base da grande escadaria. Fazemos o oposto, nos mantendo afastados da multidão e voltando ao nosso grupo. Cayden rouba minhas uvas, e eu o fulmino com o olhar enquanto ele as joga na boca, me puxando para mais perto para beijar minha cabeça.

— O que você pegou? — pergunta Zarius para Saskia, com um sorrisinho dissimulado por cima do copo quando ela se irrita.

— Nada que seja do seu interesse, já que não vem em forma líquida e não é servido numa taverna.

— Isso não é verdade — ele responde. — Dá pra servir frutas em forma de suco.

Ela solta um risinho de deboche e vai para o lado oposto da roda, enquanto eu arqueio as sobrancelhas. Cayden sacode a cabeça.

— Não é problema nosso. Não é da nossa conta.

— Saskia é da minha conta, sim — digo, mordendo outro kiwi antes que Cayden decida que também quer roubá-lo. — E é tão intrigante.

— Não seja tão dramática.

Estreito os olhos.

— Você acha que eu sou dramática?

— Você acha que o sol é brilhante?

Uma trombeta ecoa, e mostro o dedo do meio a ele enquanto me viro.

— A Casa Ilaria gostaria agradecê-los por se juntarem ao baile real em celebração ao solstício de inverno — anuncia um escudeiro, então se ouve o som de mais quatro trombetas. — O rei Erix, a rainha Cordelia e o príncipe herdeiro Zale estão acompanhados por toda a sua casa e pelo rei Lycidias e a rainha Nasha de Feynadra, irmã de nossa amada rainha.

Erix, Cordelia e Zale aparecem primeiro, em trajes elaborados e cravejados de pedrarias nas cores do sol poente. Serpentes marinhas feitas de chamas deslizam pelo céu como estrelas cadentes enquanto caminham. Os vários príncipes e princesas os seguem, e na sequência vem Nasha de braço dado com seu rei. Ela encontra meu olhar na multidão e inclina levemente o queixo em reconhecimento.

Cayden coloca meu prato em um galho baixo e tomo seu braço para irmos cumprimentar a realeza juntos. O sorriso de Zale se alarga quando nos vê, mas seus olhos se voltam para o espaço atrás de nós. Viro-me para ver o que chamou sua atenção e percebo que está olhando para Finnian sem ele perceber, enquanto conversa com Ryder. Quando me volto para Zale, seu olhar já está em outro lugar.

— Rei Cayden e rainha Elowen — saúda Erix conforme seu povo abre espaço e ele se aproxima de nós. — Redigi um tratado para vocês dois assinarem, e outro em separado para o príncipe Zarius. Então anunciarei publicamente nossa aliança para os que se reuniram para celebrar a noite mais longa do ano.

— Acredito que isso agradará aos deuses — diz Cordelia, com um tom muito mais cordial do que da última vez que conversamos. Sua boca está comprimida em uma linha reta, mas o veneno não está mais presente no olhar. — Nunca vou negar que esperava

que você entrasse na família pelo casamento, mas os deuses tinham outros planos. Como sabe, carrego uma culpa pelo que aconteceu em Imirath depois que minha vidente anunciou sua profecia, e ajudá-la a destituir o rei é como gostaria de oferecer meu pedido de desculpas, caso considere que os termos sejam aceitáveis.

— Não é necessário se desculpar pelas ações do meu pai — respondo.

Ela assente enquanto chama um criado e nos apresenta dois pedaços de pergaminho dobrados.

— Podem levar lá pra dentro se preferirem um lugar tranquilo para ler.

— Daremos nossa resposta em breve — responde Cayden antes de me conduzir de volta ao nosso grupo e jogar o tratado de Zarius no colo dele. — Está sóbrio o suficiente para ler isso?

— Ah, estou ótimo — responde Zarius, rompendo o emblema e levantando com dificuldade para lê-lo ao lado de sor Rhys, que permaneceu em silêncio durante toda a reunião.

Não consigo imaginar como me sentiria em sua posição, fazendo as pazes com Imirath, então não me surpreende que tenha recorrido ao que imagino ser seu remédio favorito: rum. Os dois começam a murmurar em voz baixa enquanto me recosto nos braços de Cayden, pressionando as costas contra o peito dele para lermos o tratado juntos.

— É uma lista básica de mercadorias e um cronograma provisório. Algumas das tarifas estão um pouco mais altas do que eu gostaria, mas considerando que vamos receber mil navios, está bom — conclui ele.

— Mil? — pergunto. — Achei que Zale tinha concordado com oitocentos.

— Concordou, mas o rei não sabia — explica ele. — Zarius, assine o seu.

— Não terminei de ler — responde Zarius, ríspido.

— Não interessa. Você está ganhando um trono com isso, e retirar seus navios do espaço marítimo de Galakin fortalece o compromisso deles conosco.

Zarius abre a boca para retrucar, mas Saskia o interrompe.

— Você não tem nada a nos oferecer além do seu nome, então assina logo.

Suas pálpebras estão pesadas por causa do álcool, mas ele range os dentes.

— Vamos acabar com isso logo.

Ele rabisca o nome no final e vem comigo e com Cayden enquanto contornamos a pista de dança, onde os convidados se balançam ao ritmo de uma melodia criada por cítaras, tamburas e *bansuris*. Os dançarinos batem palmas e fazem retinir as joias nos braços conforme se entrelaçam uns com os outros.

— ATAQUE! — Um mensageiro do palácio corre até o topo dos degraus que os reis acabaram de descer, e os dançarinos param, sem reação, enquanto a música cessa. — Thirwen usou magia para violar nossas proteções e está atacando Zario!

— Merda — rosna Zarius por entre os dentes cerrados, esfregando as mãos no rosto e dando tapas nas próprias bochechas.

— Fique no castelo, principezinho — ordeno. — Você não serve de nada morto, e não pode encarar uma batalha depois de ter bebido tanto.

— Você se surpreenderia se soubesse ao que já sobrevivi estando embriagado.

— Tenho certeza de que é uma história estimulante, mas vai ter que guardar para outro dia — diz Cayden. — El está certa.

Os dragões rugem acima de nós, sentindo o inimigo à distância, e meus músculos tensionam, me preparando para a batalha a quilômetros dali, em uma cidade que percorremos há apenas alguns dias. Estava tão cheia de vida, e agora está assombrada pela morte. Cayden encontra os olhos de Erix em meio aos convidados e ergue os dois tratados assinados.

Erix levanta a voz acima da multidão.

— O Reino dos Dragões está conosco! Enfrentamos nosso inimigo como um só! — Gritos e clamores por sangue ecoam, mas duvido que muita gente daqui vá estar no campo de batalha. São todos nobres, e provavelmente vão enviar soldados para lutar em seu lugar. — Os deuses concederam seu favorecimento a Vareveth, e eles estão do nosso lado nesta batalha e nas que virão. Pela glória e por Galakin!

Cayden entrega os tratados a um criado e me pega pela mão, me conduzindo de volta aos outros para trocarmos de roupa e pegarmos armas extras. Eu ranjo os dentes,

me lembrando de como a última batalha terminou mal, e me forço a continuar avançando. Se Nykeem estiver aqui, vou arrancar a carne de seus ossos, e veneno nenhum vai conseguir me deter.

CAPÍTULO

CINQUENTA E OITO

Cayden

O sangue mancha o branco das construções e escorre entre as pedras do calçamento da rua. A fumaça pesada paira no ar, tão densa que dá para sentir o gosto no fundo da garganta. Sigo em frente, mantendo uma mão firme nas rédeas do cavalo emprestado dos estábulos reais. Saco uma faca da coxa e a arremesso, observando quando a lâmina perfura as costas de um soldado de Thirwen que perseguia um homem carregando o filho em direção a Zraka, onde vão buscar refúgio.

Cadáveres cobrem as ruas — homens, mulheres e crianças — à medida que nos aproximamos da praia. Catapultas disparam pedras em chamas contra a cidade, demolindo construções e esmagando aqueles que fogem para tentar se salvar. Calithea ruge acima de nós enquanto crava as garras em um serpe, empurrando-o para baixo conforme o banha em chamas prateadas. Já vi a magia sendo usada e conheci vários guerreiros lendários, mas nunca nada tão poderoso quanto Elowen montando uma fera que colocaria de joelhos até a pessoa mais corajosa do mundo.

— Qual é o plano? — pergunta Ryder quando chegamos ao topo da colina que leva à vastidão da praia, e solta um palavrão ao contemplar o que está diante de si.

Navios até onde a vista alcança, areia encharcada de sangue e mais soldados de Thirwen desembarcando dos botes a remo.

— Mate quantos conseguir e tente não morrer.

O impulso feroz de matar e o instinto de sobrevivência me invadem, aguçando os sentidos para cada espada ao meu redor, ensanguentada ou embainhada. Lidero o avanço de Vareveth pela duna, e o aço sibila no ar quando travo a lâmina contra a de um inimigo que se aproxima, sacando outra faca para cortar sua garganta sob o elmo. Sangue jorra do corte, espirrando no meu rosto e escorrendo pelo queixo enquanto avanço.

O mar se abre ao meio quando Calithea queima uma linha na superfície, engolindo vários barcos a remo com Elowen em suas costas. Uma explosão sacode o chão, e ponho o braço na frente do rosto para manter a areia longe dos olhos antes de sacar uma segunda espada. Sigo lutando com uma arma em cada mão, sem olhar para os corpos que despencam pelo caminho. Para onde quer que me vire, há mais um inimigo avançando, mas eles subestimam o quanto gosto disso. Nasci para a batalha e para o derramamento de sangue. Sangue e entranhas cobrem minhas roupas e minha pele até eu parecer o monstro em que este mundo me transformou.

Uma saraivada de flechas derruba meu cavalo, e salto de suas costas antes que seu peso esmague minha perna, levantando rapidamente enquanto enfio a espada na barriga de alguém. Empurro o ferido para trás com a bota para enfrentar o próximo.

— O rei bastardo — sibila ele entre dentes, está coberto de sangue enquanto nossas lâminas colidem diante do meu rosto.

A maré lambe minhas botas quando as ondas quebram na areia. Mexer com a mente do adversário é metade da diversão da batalha, então coloco a língua para fora e a deslizo por meus lábios ensanguentados em vez de cuspir o sangue.

Arqueio uma sobrancelha indiferente para *o soldado irrelevante*. O sangue derramado é tanto que borbulha na água e na areia. Ele tropeça em um cadáver boiando de bruços, recua um passo e saca uma segunda lâmina para se igualar a mim, mas a espada está frouxa na sua mão. Certa vez, meu pai me entregou uma pedra após eu perder uma luta e me deu a opção de quebrar minha própria mão direita ou deixar isso por conta dele. Naquela noite, espatifei os dedos até ficarem tortos e deformados. Ele queria que eu fosse igualmente letal com ambas as mãos, e está claro que esse homem

não teve o mesmo treinamento.

Ele solta um grito de guerra desnecessário, e derrubo a espada da sua mão fraca. Uso a mesma lâmina para bloquear sua outra arma enquanto cravo a espada em sua boca.

— Espero que possa me oferecer um desafio melhor na sua próxima vida.

O sangue borbulha em sua garganta quando puxo a lâmina, deixando seu corpo se esvaindo em sangue enquanto é sacudido de leve pelas ondas.

Espremo os olhos quando ergo a cabeça para o céu, vendo Calithea virar de cabeça para baixo e rasgar a barriga de um serpe com as garras. Ele não morre, e percebo que os serpes são muito mais numerosos que da última vez. Mordo o interior da bochecha, incapaz de desviar o olhar. Eles a estão cercando e, embora os dragões sejam formidáveis, meu coração quase para quando noto Elowen se abaixando sob uma cauda afiada com pontas venenosas antes de se lançar para trás e decepá-la com a espada.

A fera grita, e só então percebo que não está sendo montada. Nenhum serpe está. Aperto o cabo da espada e esquadrinho os arredores. Para tê-los sob seu controle, os magos precisariam estar por perto, e duvido que arriscariam mantê-los nos navios, considerando o cemitério de madeira que Elowen deixou para trás em porto Celestria.

O serpe voa baixo e, apesar dos graves ferimentos, quem quer que o controle deve estar disposto a forçar a fera até o último suspiro. Seus olhos negros me localizam na praia, onde o mar vermelho continua a me molhar. Solto uma risada abafada enquanto ele começa a voar na minha direção. O sangue continua jorrando de sua barriga quando se alinha rente à superfície e escancara a boca com gengivas pretas, expondo fileiras de presas.

Suspendo as lâminas e me agacho em posição defensiva.

Ele ruge em resposta e estala os dentes afiados, que anseiam por meu sangue.

Minhas espadas estão firmes, bem como minha pulsação. Monstro contra monstro, um duelo de igual para igual.

Meus olhos capturam um brilho prateado no céu, e arrisco olhar para cima. No entanto, Calithea dispara para longe com a sela vazia. Elowen despenca pelo ar com a espada em riste e a boca aberta em um grito de guerra feroz. Ela crava o aço no crânio

do serpe e cai sobre suas costas, usando o cabo para se manter firme enquanto o sangue jorra do ferimento, pintando traços vermelhos em seu belo rosto. Sorin vem às pressas até ela, sempre protetor, e golpeia o serpe. Minha rainha salta de cima da fera enquanto o dragão dispara para a frente, apanhando a ginete em seu dorso.

O serpe despenca entre as ondas quando Elowen se agarra a Sorin, e o corpo sem vida é trazido em minha direção pela maré. El olha por cima do ombro e me manda um beijo enquanto embainho uma das lâminas para recuperar sua espada do cadáver do serpe. Pego o beijo no ar após extrair a lâmina e pressiono a mão no aço. Não consigo ouvir sua risada daqui, mas consigo senti-la.

Essa é a minha esposa.

Forçando a mente de volta à batalha, noto uma enseada sombria à distância. Um pequeno banco de areia coberto de rochas se projeta para o mar, o único esconderijo na praia. Começo a abrir caminho para lá, mergulhando em uma névoa vermelha. Chego à curva, e queria poder limpar os olhos, mas minhas mãos estão tão ensanguentadas quanto meu rosto, e não quero arriscar soltar as armas.

É mais silencioso aqui. Consigo distinguir os sons de uma respiração irregular enquanto me esgueiro silenciosamente pelas rochas. Dois soldados protegem dois magos ajoelhados na água e, embora estejam de costas para mim, imagino que seus olhos estejam tão brancos quanto os de Elowen quando entra na mente dos dragões. Desço pelo penhasco e mergulho as botas na água sem ser notado.

Suas almas me pertencem, assim como o sangue que estou prestes a derramar.

Eu me movo com a maré, que uso para esconder meus passos enquanto minhas botas afundam na areia. Faz calor demais neste reino maldito para usar armadura, o que facilita meus movimentos. Os olhares de ambos os soldados estão fixos no céu enquanto observam Elowen enfrentar o enxame de serpes. Cravo a espada nas costas do mais próximo, matando-o instantaneamente. Descarto o corpo como um pedaço de madeira à deriva e me volto para o próximo.

O soldado projeta a lâmina à minha frente, e desvio a ponta do meu corpo. Ele é mais habilidoso que os outros que enfrentei na praia, e já está sacando uma faca da

cintura e cortando pelo ar. Acerta meu braço de raspão, mas o corte não é fundo o suficiente para exigir pontos. Parte de mim deseja que pudesse ter sido, por saber que seria Elowen que me costuraria. A camisa que ela me deu quando disse que eu precisava incorporar mais cor ao meu guarda-roupa também rasgou. É azul-escura, mas é uma questão de princípio.

— Seu idiota — resmungo.

Sua lâmina se choca contra a minha, mas mantenho o controle e uso o pomo da segunda espada para acertá-lo na têmpora. Ele tropeça na areia e o empurro para baixo, usando a bota para mantê-lo preso sob a superfície e vendo a vida deixar seus olhos conforme se debate. Cravo uma das minhas espadas no mar e pego outra faca da coxa, que arremesso na maga mais distante de mim. Ela trespassa o ponto entre seus olhos, e a mulher desaba no cemitério que criei, mas não com a elegância esperada. Seu ombro bate no mago que restou, e o azul volta aos olhos dele enquanto o serpe que a outra devia estar controlando solta um guincho.

Cravo a espada restante na garganta do soldado, prendendo-o de vez sob a superfície, e me lanço sobre o mago logo que ele saca o punhal da cintura. O mar salgado me molha assim que eu o derrubo, arrancando a faca de seus dedos ossudos enquanto envolvo a mão em seu pescoço e o puxo para cima.

— Achou que eu não ia encontrar as pessoas que estão tentando matar minha esposa? — Ele cospe água no meu rosto, mas mal registro isso em meio à tempestade de fogo que arde dentro de mim. Minha sanidade está por um fio na maior parte dos dias, mas ver alguém atacando Elowen e tê-lo sob meu controle extingue qualquer misericórdia que ainda me reste. — Onde estão seus navios?

— Vai se foder.

Eu o empurro para debaixo d'água novamente, mantendo-o preso por vários segundos antes de puxá-lo para cima de novo. Ele está engasgando e tossindo, mas quero a porra de uma resposta clara. Pode haver muitos navios na baía, mas não o suficiente para dar conta de todos aqueles soldados, e Thirwen não cometeria o mesmo erro de enviar uma frota inteira à costa sabendo que Elowen está aqui. Enfio a ponta da

faca dele em sua bochecha.

— Você sabe quem eu sou. Posso tornar a situação muito desagradável, e não vou ter pressa se precisar fazer isso. Antes de você morrer, vou fazer com que perca o desejo de viver. Vou fazê-lo ansiar pela morte.

Eu o empurro sob a superfície mais uma vez antes de puxá-lo para cima.

— Onde estão seus navios?

— Bloqueio.

Ele quase bota o pulmão cheio água para fora, de tanto tossir.

— Imirath está com eles?

Ele abre um sorriso delirante, confirmando minhas suspeitas.

— Você nunca vai chegar a Erebos. Pode ser abençoado por um deus, mas vai morrer neste mar antes de chegar em casa.

Não tenho medo da morte, aprendi a conviver com sua presença há muito tempo, então respondo:

— Só um de nós vai ser deixado para virar alimento de peixe.

Eu o empurro para baixo de novo quando seus olhos ficam brancos. Uma fera guincha à distância e, de fato, quando olho por cima do ombro, um corpo de escamas negras vem direto na minha direção. Fico cego de raiva e agarro o pescoço do mago, apertando cada vez mais forte, até veias saltarem em sua testa e os ossos estalarem na minha mão.

A fera continua voando em minha direção, apesar de o encantamento ter sido rompido com a morte do mago. Pego o arco de um dos soldados caídos, posiciono duas flechas e mantenho as mãos firmes, mirando.

Calma.

O serpe grita de novo. Está tão perto que consigo distinguir o formato de cada escama e o sangue que as recobre.

Calma.

Aquieto a mente, fixando os olhos no único lugar onde posso acertá-lo de forma decisiva. A mandíbula se abre mais e, quando está perto o suficiente para eu sentir o

cheiro fétido de seu hálito, solto as flechas e mergulho para o lado enquanto o bicho despenca mais adiante. Seu grito ferido perfura meus ouvidos, fazendo-os doer e latejar, e me levanto da areia, recuperando as duas espadas para enfrentar o serpe. Sangue jorra da órbita ocular que consegui acertar, e me abaixo enquanto ele balança a cauda com pontas venenosas em direção à minha cabeça.

Tento comandar a maré como Elowen faz com as chamas, mas não obtenho resposta. Cerro os dentes, aceitando que tudo que tenho é o aço. É tudo que sempre tive. Nunca precisei dos deuses — nunca precisei de nada. Não sou abençoado pela morte. Eu sou a morte.

— Vamos lá — resmungo enquanto ele rosna. — Vamos!

O serpe tenta me morder, mas eu me esquivo e abro um talho com uma das espadas abaixo de seu pescoço. Ele grita de novo, sacudindo a cabeça para longe de mim antes que eu possa cortar sua garganta novamente. Rasgo sua asa, acrescentando mais sangue ao mar já vermelho. A besta me golpeia com a cauda outra vez, e sacrifico uma lâmina para cravá-la na sua carne blindada, puxando a mão para baixo um momento antes de o veneno ser injetado no meu pulso.

Em um último esforço, ele projeta a cabeça para a frente, roçando meu ombro com uma das presas enquanto cravo a última lâmina no outro olho. Eu a afundo até o cabo, e continuo empurrando até transpassar o cérebro da besta. Um último rugido morre em seus lábios, e ele desaba nas ondas quando caio de joelhos para recuperar o fôlego.

Raramente sinto pena, mas é o que acontece agora ao olhar para essa fera. Sei como é ser enjaulado e controlado, mas consegui me libertar.

Ponho uma mão em seu focinho. Não existem vencedores ao final de uma batalha, apenas sobreviventes traumatizados. Peguei Elowen chorando no navio depois da primeira batalha em que precisou matar serpes, e essas memórias a perseguiram durante o sono mais de uma noite. Ela teve que escolher entre a sobrevivência de seus dragões e essas criaturas, mas os serpes não agem por vontade própria; estão sendo controlados.

— Que sua alma atravesse o rio e encontre paz — digo enquanto removo as lâminas. Eu me levanto ao lado da fera e enfio as botas na areia, cavoucando e o empurrando

mais para o fundo da maré, proporcionando a ele o único enterro que posso oferecer.

CAPÍTULO

CINQUENTA E NOVE

Cayden

Caminho entre poças de sangue, passando por cima de corpos, ouvindo as pessoas chamarem por entes queridos. A batalha acabou e, apesar de termos conseguido defender Galakin da invasão, o saldo de mortos de ambos os lados é considerável, sem contar os civis nas ruas.

Onde está minha esposa?

Uma pontada afiada retorce meu estômago quando olho para o céu sem dragões. Eles costumam sobrevoar o lugar onde Elowen está. A mente é minha pior inimiga, conjurando imagens dela morta ou capturada, e a loucura pulsa dentro de mim. Eu me preparei para esta guerra a vida inteira, e mesmo assim sei que abriria mão de tudo por ela. Aprenderia a passar o resto da vida me odiando se isso significasse que ela estaria segura.

Viro a cabeça em todas as direções, o coração batendo tão forte que quase abafa a gritaria. Não consigo vislumbrar os cachos ou as marcas coloridas de Elowen em lugar nenhum. Sempre foi fácil localizá-la. Meu olhar é frequentemente atraído para ela em qualquer lugar onde esteja, e a procuro mesmo quando não está por perto. Não importa quanta gente haja entre nós. Fui abençoado com a capacidade de vê-la; seria um desperdício usar minha visão para qualquer outra coisa.

Pelos infernos.

Sigo a curva da praia, mantendo os olhos atentos. Houve um tempo em que encontrava paz na violência e tinha a sensação de tranquilidade ao final da batalha. Os músculos ardiam e meu corpo ficava cansado demais para ouvir a mente, mas agora há uma tempestade de raiva dentro de mim que não será apaziguada enquanto não souber onde ela está.

Solto a respiração que estava prendendo.

— Elowen!

Ela não me ouve, está discutindo acaloradamente com Finnian, que esfrega as mãos em seus braços antes que minha esposa se ajoelhe na areia, virando outro soldado de cabelos escuros com as mãos trêmulas. Seus ombros despencam ao contemplar as feições dele.

Ah, anjo.

— El! — chamo de novo, dessa vez mais alto.

Finnian me vê primeiro, e mesmo daqui percebo como a tensão abandona seu corpo. Ryder levanta de onde estava agachado, vasculhando os corpos, e leva uma das mãos ao peito.

Mas é de Elowen que não consigo tirar os olhos quando se vira na minha direção. Suas sobrancelhas se franzem e o rosto revela uma emoção que nunca vi antes. É poderosa demais para ser alívio. Tremores sacodem seu corpo enquanto ela levanta e começa a correr até mim.

Meus joelhos perdem a força diante do peso de ser amado por alguém como ela, mas consigo me manter em pé. Avanço como se estivesse em transe, só me libertando quando a levanto do chão e aperto seu corpo com força. Seu coração batendo contra o meu é a garantia de que preciso agora, e mesmo assim não parece suficiente.

Ela engasga com um soluço ao enterrar o rosto no meu pescoço.

— Está tudo bem, anjo. Nós estamos bem.

Passo as mãos por seu corpo para verificar se não há ferimentos.

— Não consegui te encontrar. Ninguém sabia onde você estava.

Ela recua o suficiente para me olhar e emoldura meu rosto com as mãos quando a

coloco no chão e aplico pressão na sua nuca, massageando-a devagar para aliviar a ansiedade.

— Sempre vou encontrar o caminho de volta pra você. Não importa onde esteja. Nunca duvide disso — digo, pressionando a testa coberta de sangue contra a dela enquanto os dragões nos sobrevoam. — Não pretendo morrer em batalha agora que tenho alguém à minha espera no final.

Deslizo o polegar por seu lábio inferior uma, duas vezes. Ela sorri, e parece que vai ficar tudo bem. Elowen permanece perto de mim quando Ryder e Finnian chegam até nós, pressionando as costas contra meu peito para encará-los.

— Corre o rumor de que o rei de Galakin se juntou à batalha e está ferido — conta Ryder. — Ele nos acompanharia até Imirath, mas agora será o príncipe Zale a liderar as tropas.

— Vai ser mais fácil de lidar com Zale — respondo.

Ryder assente.

— Quero voltar para o castelo para ver como Sas está.

— Sas está na fortaleza, e tem sor Rhys para garantir a segurança dela — diz Elowen. — Ela tem mais motivos para estar preocupada com você do que o contrário.

Ryder balança a cabeça.

— Não confio nele nem no príncipe.

— Acho que isso vale para todos. — Entrelaço os dedos nos de Elowen e começo a conduzi-la pela praia. — Mas ele sabe que seria uma sentença de morte se Saskia morresse sob sua proteção, e nesse caso Zarius não receberia um trono. No máximo uma pira funerária.

Finnian mergulha as mãos no mar para lavar o sangue antes de vir atrás de nós.

— Tinha algum soldado de Imirath aqui? Só vi gente de Thirwen, mas nem sinal de Nykeem.

— Não avistei nenhum navio de Imirath enquanto voava, nem o estandarte do meu pai.

— Foi tudo coordenado por Thirwen, mas Imirath está com eles.

Conto a eles o que descobri sobre o bloqueio enquanto procuramos cavalos para montar de volta ao castelo. Com a ajuda de Galakin e a vantagem do fator surpresa, vou elaborar um plano para rompê-lo. Imirath vai se concentrar em proteger sua extremidade sul, então a força total da sua marinha não vai estar presente. Contudo, a força numérica de Thirwen é imensa. Tomamos as rédeas de três cavalos soltos na praia e montamos nas selas ensanguentadas. Mantenho minha esposa à minha frente, sem querer soltá-la ainda. Tristeza e alívio nos cercam enquanto cavalgamos, avançando pelo sempre confuso rescaldo da guerra conforme alguns se reencontram com entes queridos e outros se dão conta de que perderam tudo. Elowen seca uma lágrima do rosto ao ver um homem erguer uma menininha coberta de cinzas dos escombros, colocando-a junto ao peito enquanto pisca para conter as lágrimas e ela envolve seu pescoço com os bracinhos. Eu me pergunto se está pensando no pai, ou talvez em Ailliard — dois homens que permitiram que o egoísmo e o medo os impedissem de amá-la.

Seguimos o cortejo de soldados cavalgando de volta a Zraka, nos mantendo em silêncio em respeito àqueles que pereceram. Poderíamos ter embarcado em um navio em um dos vários atracadouros, mas os feridos precisam deles mais do que nós. Ryder está tremendo de ansiedade quando chegamos à longa ponte de pedra com formato de serpente marinha que conecta o castelo a Zraka. Somos forçados a reduzir o passo para não atropelar feridos que estão sendo carregados, além de cidadãos em busca de refúgio. Curandeiros se movem pelo pátio, a magia brilhando como orbes dourados na noite.

Ajudo Elowen a desmontar e a conduzo em direção à entrada principal. Ryder corre à nossa frente, mal se desviando de quem está em seu caminho. Finnian permanece ao nosso lado. Elowen entrelaça o braço no dele e apoia a cabeça em seu ombro e, embora ela não note, ele a olha com adoração.

— Sas! — chama Ryder, a voz ecoando pelo vasto corredor de entrada com aberturas do chão ao teto que proporcionam uma vista para o mar.

Saskia levanta a cabeça de onde está ajoelhada no chão distribuindo água. A concha escorrega de sua mão quando se coloca em pé em um pulo e envolve os braços em torno

do irmão. Sor Rhys e Zarius estão apoiados em uma coluna a poucos passos de distância, e o príncipe desvia os olhos sóbrios da nuca de Saskia para olhar em minha direção antes de se virar para o mar.

Saskia abraça Elowen em seguida, sem se importar em sujar o vestido ao pressionar os couros azul-escuros e pretos de Elowen contra o peito. A capa de tecido transparente que cai até suas coxas deve ter sido rasgada durante a batalha.

Finnian fica ao lado dela enquanto me dirijo ao príncipe de cabelos brancos.

— Soldados feridos do seu reino serão levados às masmorras para interrogatório, se tiverem patente para isso.

Seus olhos vermelhos faíscam para os meus.

— Eu não vou matá-los se você...

— Dê a eles a opção de fazer um juramento de sangue — interrompo. Matá-los só serviria para voltar Thirwen contra ele. — Quando enfrentar seu pai no campo de batalha, não faça isso só com meus soldados ao seu redor; leve os seus.

— Meu pai provavelmente vai ficar escondido no castelo — responde ele. — Ele tem um fraco por matar os que estão desarmados, não soldados.

— Mais um motivo para se diferenciar dele. Não diga ao seu povo para segui-lo; mostre por que as pessoas deveriam fazer isso.

Ele olha ao redor.

— Os soldados de Thirwen já estão nas masmorras?

— Sim. Voltamos de cavalo pra cá, mas os prisioneiros devem ter sido colocados em navios para não fugirem.

— E você sabe onde ficam as masmorras?

Aponto com o queixo em direção ao corredor, e tanto ele quanto Rhys acompanham. Conheço a arquitetura do castelo quase tão bem quanto um criado depois de espionar Erix. Precisamos agir logo, antes que Galakin ordene sua execução ou que morram no processo de interrogatório. O ar está úmido, e o sangue seco faz minha pele coçar conforme avançamos em direção à torre leste. Como todas as outras, foi construída de pedra branca e coroada com uma cúpula laranja, mas aqui não há

janelas abertas, apenas pequenas fendas cobertas com grades. Os guardas me deixam passar, e o odor pútrido de dejetos humanos me faz ansiar pela fumaça e o sangue da batalha assim que cruzamos o limiar escuro.

— Terei que matar os que se opuserem a mim — diz Zarius, e sua voz ecoa pelo corredor mofado.

— E também terá que matar soldados de Thirwen no campo de batalha se levantarem a espada contra você. Então trate de se acostumar.

— Concederei a misericórdia de uma morte rápida. Não vou deixar que fiquem apodrecendo numa cela.

— Um governante sem sangue na coroa é um cadáver — respondo, avistando nosso alvo à distância.

Aponto com o queixo, sinalizando que ele avance e ordene aos guardas que se afastem.

Preciso admitir que ele não hesita nem recua, como poderia acontecer com alguém que assume um papel desconhecido.

— Afastem-se — ordena ele, mas os guardas de Galakin não se movem. Os soldados de Thirwen fazem o possível para identificar quem está falando entre as grades, mas ainda não conseguem distingui-lo. — Sou o príncipe Zarius Liluria de Thirwen, primogênito do rei Fallon e herdeiro legítimo do trono. Assinei um tratado com o seu rei e, a menos que desejem que esse acordo seja dissolvido por conta de sua insolência, fiquem longe dos meus soldados e me deixem em paz. Eu serei o juiz do destino deles.

Os guardas se entreolham, cautelosos, e levo a mão ao cabo da espada para enfatizar a ordem, fazendo a dupla sair correndo com o rabo entre as pernas.

— Tem certeza de que o rei de Galakin vai aprovar isso?

— É melhor pedir perdão do que pedir permissão — Elowen responde, saindo das sombras e dando um susto em Zarius e Rhys.

— Pelos deuses, de onde você veio? — indaga Zarius, colocando a mão no peito.

— De um casamento sem amor. — Ela gesticula para Zarius avançar em direção à porta, e sussurra para mim enquanto ele obedece: — Assustei você?

Não quero destruir suas expectativas, mas eu sabia que ela estava ali o tempo todo.

— Aham.

Seu sorriso triunfante me faz sacudir a cabeça enquanto a sigo para a cela com oito prisioneiros. Apenas uma janelinha gradeada oferece ar fresco à alcova cheia de homens e mulheres feridos que pressionam as costas contra as paredes.

— Então é verdade — diz a mulher mais próxima de nós. — O príncipe está vivo, assim como sor Rhys.

— Por que estão aqui? — pergunta Zarius. — Qual era o propósito da invasão?

— Oficialmente, vingança contra a Rainha dos Dragões por ter incinerado nossa frota. — Ela lambe os lábios pálidos. — Mas havia boatos dizendo que você estava vivo. Seu pai nos enviou pra te matar. — Levo a mão à espada em sintonia com Rhys, e Elowen dá um passo para perto de Zarius, que ergue a mão para dispensar nossa proteção enquanto a mulher se dirige a Rhys. — Achamos que você tinha morrido em batalha.

— Foi uma morte inventada pelo rei Fallon quando eu estava longe do príncipe Zarius. Sua intenção era matar nós dois, junto com — Rhys limpa a garganta — a rainha Ruella. Nós escapamos. Ela não teve a mesma sorte.

— A rainha Ruella morreu de febre — afirma um homem no canto.

— Então por que ela não recebeu uma pira funerária, como todos os monarcas de Thirwen? — A voz de Rhys se torna áspera, tensa. — Se quisesse guardar luto pela esposa como se deve, ele não a teria sepultado nas criptas e se casado com outra em quinze dias.

— Rainha Ruella — murmuram os soldados ao redor da cela, colocando os dedos nos lábios antes de pressioná-los contra o coração. Zarius e Rhys replicam o gesto.

Após uma pausa carregada, Zarius continua:

— A Rainha dos Dragões cumpriu seu dever e é uma aliada do príncipe herdeiro de Thirwen. — Nenhum deles contesta a afirmação, o que é um bom sinal. — Vocês têm a oportunidade de se juntar a mim com um juramento de sangue, ou então enfrentar a espada.

Um soldado no canto é o primeiro a falar.

— Se jurar lealdade a você, vou ter que lutar contra meu próprio povo. — Ele ergue a cabeça, sangue escorrendo de um corte na testa. — Não posso derramar o sangue deles.

Os grilhões se sacodem quando ele se levanta e se ajoelha diante de Zarius com a cabeça inclinada. Rhys avança para tirar esse fardo dos ombros dele, mas um leve gesto negativo de Zarius o detém, o que me faz respeitá-lo um pouco mais. Um segundo soldado se move para se ajoelhar ao lado do outro, mas os seis restantes estendem as palmas abertas, prontos para o juramento de sangue.

— O rei Fallon cometeu traição ao matar nossa rainha — diz a mulher que falou primeiro. — Vamos vingar a boa rainha colocando o filho dela no trono.

Zarius vai até cada soldado, abrindo suas palmas, e eles permitem que o sangue se infiltre nas pedras abaixo e fazem o juramento de protegê-lo, servi-lo e nunca trai-lo, sob pena de morte. Zarius volta a espada para os soldados ajoelhados, colocando a lâmina no pescoço do primeiro e dizendo as mesmas palavras que eu disse a Elowen semanas atrás, e ao serpe esta noite:

— Que sua alma atravesse o rio e encontre paz.

CAPÍTULO
SESSENTA

Elowen

Os sinos das torres do castelo repicam para se despedir do príncipe, e o mar que ontem estava manchado de sangue agora está coberto de flores. O povo de Galakin se espalha pelas falésias, praias e embarcações para acenar enquanto nosso navio atravessa o jardim flutuante com mais pétalas chovendo sobre nós. Não tenho dúvida de que Zale está no convés principal, oferecendo seu melhor sorriso e acenando para o povo que um dia governará. Eu precisava de silêncio, ansiava por isso após me ver cercada pelos gritos da batalha e pelos feridos no rescaldo do confronto. Fiz os curativos como Nyrinn me ensinou, sem confiar o suficiente em minhas habilidades mágicas para tentar tratar ferimentos com qualquer coisa além dos remédios que conheço.

Saskia está ao meu lado no pequeno convés privativo na popa do navio, os lábios curvados para baixo.

— Não entendo por que as pessoas torcem pela guerra. Jogam flores como se fosse uma celebração, sendo que muitos vão morrer.

Batuco os dedos na amurada, percorrendo com os olhos a frota de Galakin que nos escolta. Suas velas cor de laranja se inflam na brisa, ampliando a serpente marinha vermelha que se enrola ao redor do sol amarelo. O rei e a rainha também presentearam Zarius com cinco navios para transportar os sobreviventes de Thirwen que se ajoelharam diante dele e fizeram um juramento de sangue. Zarius manteve o brasão da

família, mas inverteu as cores, exibindo um kraken vermelho que enrola os tentáculos ao redor de um navio de vela preta.

— Acho que a vida acaba se tornando uma série de tentativas de tornar suportáveis os momentos insuportáveis. E, na maioria das vezes, isso traz esperança, ainda que falsa. Eles podem jogar flores nisso que parece uma celebração, mas flores também são colocadas em túmulos ou nas mãos de um cadáver antes que a pira seja acesa. É uma despedida, mesmo que não digam isso com todas as palavras.

Os olhos de Saskia pousam pesadamente em mim e, embora não estenda a mão para me tocar, ela dá um passo em minha direção enquanto o litoral de Zario, chamuscado e tingido de vermelho, some ao longe e iniciamos a jornada de volta a Erebos. Não para casa. Os soldados de Vareveth vão nos encontrar em porto Celestria para avançar sobre Imirath.

A porta range atrás de nós, e nos viramos para aquela interrupção repentina da paz. Zarius fica parado na entrada, pousando o olhar em nós.

— Me desculpem, pensei que o espaço estivesse vago.

Ele faz menção de se afastar, mas o detenho.

— Não precisa fugir, Zarius. Estamos no mesmo barco por uma semana; cedo ou tarde, vamos nos cruzar.

Uma das mãos dele aperta a madeira quando os olhos vermelhos recaem brevemente em Saskia, mas ele a solta e avança na nossa direção. Ele ocupa o lugar vago do meu outro lado. Não diz nada, prefere ficar em silêncio enquanto observa as pequenas ondas criadas pela embarcação. Odeio pensar no que pode estar à espreita nas profundezas sombrias. Já vi mais monstros em terra do que deveria. Prefiro nunca saber o que se esconde onde ninguém jamais se aventurou.

— Por que há um kraken no brasão de Thirwen? — pergunto, querendo puxar qualquer assunto para quebrar o silêncio incômodo.

Os olhos de Zarius se movem para os dragões voando logo atrás do navio, onde consigo manter todos eles à vista.

— Há vários séculos, diziam que a primeira rainha da minha casa tinha um vínculo

com o kraken. Era seu familiar.

Saskia estreita os olhos.

— Ouvi dizer que isso era só uma história para crianças.

Zarius não a olha quando responde.

— Muitas vezes existe verdade por trás das histórias, mesmo naquelas voltadas às crianças.

Ela bufa.

— Prefiro textos embasados em fatos, não contos de fadas.

— Que biblioteca entediante deve ser a sua, milady.

Saskia olha para o céu como se suplicasse por misericórdia antes de se dirigir a mim.

— Vou para o convés superior.

Ela cruza a porta em um sopro, arrastando o vestido preto atrás de si e deixa Zarius e eu em silêncio de novo. Se ele se incomodou com a dispensa brusca, não demonstra, mas o silêncio entre nós ainda é irritante.

Passo a língua nos lábios.

— Você tem um familiar?

Ele tem um sobressalto, ainda que seja quase imperceptível.

— Eu tive um. Há muitos anos.

Lanço um olhar de soslaio para ele antes de espelhar sua posição, me virando para a frente para observar os dragões cortando as nuvens cor de creme. O único consolo que consegui encontrar no exílio foi saber que os dragões estavam vivos. Eu me forcei a sobreviver porque sabia que eles precisavam de mim. Consigo entender sua perda, por isso simpatizo com ele neste momento.

— Sinto muito, Zarius.

Não consigo imaginar meu vínculo sendo rompido. O vazio que seria forçada a enfrentar... Não sei nem se conseguiria sobreviver a isso. Seria como caminhar pela vida com cinco facas constantemente enfiadas no peito, sempre sangrando sem nunca ter a oportunidade de me curar.

— Obrigado — diz ele, parecendo sincero, antes de limpar a garganta. — Ela ainda

está comigo. Aqueles que estão ligados a nós nunca nos deixam de verdade.

— Você vai conseguir ser próximo de outro animal algum dia?

— Não, e nem quero isso — afirma ele com veemência.

— Eu entendo. — Engulo em seco. — Quando fui separada dos meus dragões, nunca falava sobre eles, porque era doloroso demais. Sei que não somos amigos, mas se quiser conversar sobre ela com alguém que entende vínculos com animais, pode falar comigo.

Não ser compreendido é uma forma terrível de solidão. Você pode dizer exatamente o que se passa em sua cabeça, mas tem a impressão de estar falando com as paredes quando conversa com a pessoa errada. Zarius não tem nenhum laço com sua casa além de sor Rhys, e me identifico com isso também, por não ter ninguém em Imirath.

Ele desvia o olhar dos meus dragões e, embora continue impassível, noto o respeito que aflorou em seu rosto enquanto inclina a cabeça.

— Já pensou no que vai dizer quando reencontrar seu pai?

Cerro os dentes, contemplando a pergunta desconfortável. Depois de todos esses anos, vou dar fim à guerra que ele começou entre nós.

— Eles não merecem palavras, porque tudo que nos deram foi sangue. Sua vingança e sua espada podem falar por você. É a única língua que entendem, então não pense no que vai dizer, e sim no que vai fazer quando chegar a hora de tomar a coroa que ele arrancou das suas mãos.

Seu cabelo branco ondulado roça o rosto enquanto ele me observa sem se mover para afastá-lo.

— Então você é tão sedenta por sangue quanto dizem.

— Sou uma mulher. Meu gosto por sangue vem da necessidade de repor o que foi drenado do meu corpo quando os homens decidiram que eu não era uma pessoa, mas uma propriedade. — Ergo o queixo, dando um passo para mais perto do príncipe. — A única forma de sobreviver a este mundo é se tornar mais poderoso que aqueles que se opõem a você. A indecisão é a morte do sucesso. Basta um momento de hesitação para o fracasso te encontrar. Use a jornada para se acostumar à ideia do que precisa fazer e como sua vida vai mudar, e faça acontecer.

Eu me viro para a porta, deixando Zarius refletir sobre minhas palavras, mas as tábuas rangem sob meus pés quando ele chama meu nome, interrompendo meus movimentos.

— Obrigado.

Olho por cima do ombro, arqueando as sobrancelhas.

— Por incentivá-lo a matar seu pai? Minha motivação é egoísta. Não quero ser a única governante amaldiçoada por Ravaryn como parricida quando ascendermos ao trono.

— Pela sua franqueza. A linguagem floreada parece ser o padrão para assuntos difíceis.

— Bom, se é honestidade o que valoriza, então juro colocá-lo no seu lugar sempre que for necessário, principezinho.

Ele me concede um meio-sorriso — o primeiro desde que nos conhecemos.

— Combinado, Rainha dos Dragões.

CAPÍTULO

SESSENTA E UM

Elowen

O sol se põe no nosso terceiro dia a bordo, marcando quase metade da jornada. Finnian ressona no meu ombro enquanto absorvemos o calor cada vez mais escasso através dos suéteres grossos. Meu pescoço dói de tanto ficar sentada com as costas contra a parede, mas me sinto mal em me mexer quando ele está tão tranquilo.

Ryder vem em nossa direção, com Cayden e Saskia não muito atrás.

Ele dá um tapinha no rosto de Finnian, e um ronco fica preso em sua garganta enquanto pisca lentamente para encarar Ryder.

— Eu estava dormindo — reclama ele.

— Pois é, acho que todo mundo ouviu — responde Ryder antes de se dirigir a todos nós. — Precisamos começar a discutir como vamos atravessar o bloqueio de Thirwen e Imirath. Ophir conseguiu manipular as marés para ter uma ideia das coordenadas deles, e devemos chegar lá nas primeiras horas da manhã.

Zale também se junta ao grupo, e Finnian sutilmente se esconde no meu cabelo para esfregar o rosto.

— Você não babou — sussurro.

— Não confio mais em você depois de não ter enxugado meu rosto quando o vextree me envenenou.

— Nossa amizade tem limites.

— Desde quando? — sibila ele.

— Não sei bem.

Ele puxa um dos meus cachos, e eu dou um tapa na sua mão enquanto nos viramos de volta para os outros.

Zale poderia ter navegado em qualquer embarcação da sua frota, mas optou por viajar conosco, assim como Zarius. Fica mais fácil planejar batalhas em conjunto, mas o príncipe e eu também temos meditado todas as manhãs ao nascer do sol para me ajudar a localizar a fonte de poder dentro de mim.

— E se Elowen voasse na frente e incinerasse todos os navios? — pergunta Ryder.

— Ela não pode voar para a batalha completamente sozinha se não sabemos nem os números deles — rebate Finnian.

— Os soldados que juraram lealdade a Zarius informaram que os barcos deles têm encantamentos contra o fogo terrestre, e o fogo dos dragões é imprevisível. Queima numa temperatura maior e demora mais pra se dissipar. Mesmo com a ajuda dos magos das águas para aumentar nossa velocidade, teremos de acrescentar dias à jornada se mudarmos de rota, e não podemos arriscar fazer a frota navegar por uma tempestade de fogo — respondo.

— Vai ser uma batalha de aço, não de dragões — acrescenta Cayden.

Por mais que eu adore voar, tenho sentido falta de lutar com os pés no chão... Quer dizer, isso se um navio puder ser considerado chão.

— Talvez você não possa usar os dragões, mas acho que tenho uma forma de ajudar nos nossos esforços — diz Zarius, cruzando as mãos às costas.

— Você sabe pelo menos empunhar uma espada? — pergunta Ryder, com um tom cheio de condescendência, mas para seu crédito Zarius não cai no jogo dele.

— Sim, e muito bem — responde ele, sem se alterar. — Mas não estou falando de lâminas. Estou falando de magia.

Franzo as sobrancelhas e cruzo os braços. Não sabia que ele tinha algum tipo de magia.

Mas minha curiosidade dá lugar ao choque... porque Zarius *desaparece*.

Não há nada além de um espaço vazio onde ele estava.

— Por todos os infernos — murmura Saskia antes de gritar abruptamente quando Zarius reaparece a alguns passos de onde estava, com uma espada no pescoço de Ryder.

— Como disse, sou muito bom com a espada — comenta ele enquanto embainha a lâmina, recebendo um olhar assassino tanto de Saskia quanto de Ryder, mas estou intrigada.

— Você é um ilusionista — comenta Cayden.

Zarius assente.

— Consigo manipular a percepção das pessoas ao meu redor.

— Então por que não fez isso na noite em que nos conhecemos? — questiona Saskia.

— Ele fez, sim — interfere Cayden. — Quando o vi pela primeira vez, seu cabelo era loiro, mas mudou logo depois que ele saiu da casa de apostas.

— Eu estava caindo de bêbado — afirma Zarius com frieza conforme olha para Saskia. — Preciso de concentração total para que a ilusão seja convincente. Um detalhe errado e tudo pode ir por água abaixo. É extremamente desgastante, e não vou conseguir empunhar uma lâmina enquanto faço isso.

— Então foi assim que você ficou escondido em Galakin. — Batuco os dedos em um barril. — Alterava as feições para que ninguém soubesse quem procurar, mesmo que tivessem uma ideia de onde você estava.

Zarius confirma com a cabeça.

— Escolhi Galakin porque seria o reino mais difícil para meu pai enviar assassinos de aluguel, mas eu ainda era um príncipe inimigo, independentemente da minha situação com ele.

— Você nasceu com essa habilidade? — pergunto.

— Foi se desenvolvendo com o tempo — responde ele. — Meu povo venera o Deus da Ilusão, da Mente e da Memória. Dizem que os meus ancestrais do lado materno receberam uma gota do sangue dele, e daí vieram nossos olhos vermelhos e, em alguns casos, habilidades mágicas.

— Tem certeza de que vai conseguir mascarar a frota toda?

— Se me derem espaço para me preparar, sim.

— No pior dos casos, você não consegue e a gente morre. — Cayden dá de ombros, se reclinando entre minhas coxas. — Vai te poupar de viver com a vergonha, a não ser que seu pai tenha ordenado que você seja capturado vivo.

— Que belo voto de confiança, Cayden. Fico tão feliz que esteja participando da conversa.

— Quando quiser, meu amor — ele responde, dando um tapinha na minha perna.

— Você ainda vai precisar estar preparado para lutar quando a ilusão for desfeita. Se vamos te colocar no trono, prove que é digno sobrevivendo à batalha — diz Ryder, trazendo a conversa de volta ao ponto de partida. — Você não lutou quando te capturamos.

— Como eu disse, estava caindo de bêbado — reitera Zarius. — E quem disse que você é o melhor soldado que vou enfrentar?

Dou uma risada, mas logo tusso, tentando disfarçar.

Ryder arranca a camisa e a joga de lado.

— Não sou um soldado. Sou um general.

Zarius diz algo em voz baixa que não consigo ouvir enquanto espelha os movimentos de Ryder, tirando a camisa para expor a musculatura definida e uma tatuagem de leopardo-das-neves rugindo que toma suas costas. A cauda envolve sua cintura, e as garras dianteiras estão erguidas conforme ele se equilibra nas patas traseiras. Devia ser sua familiar. É um memorial do que ele perdeu para sempre gravado em sua pele.

Rhys avança quando Zarius pega uma espada de treinamento, assim como os seis guardas que juraram lealdade ao príncipe na prisão. Eram de patente mais alta, e agora são sua guarda real, por isso estão navegando conosco. Tiveram que se acomodar nos beliches dos porões onde a tripulação se reveza para dormir, mas estão se virando. Desde que ninguém bata na minha porta pedindo para passar a noite na minha cabine, não me importo com isso.

Lanço um olhar para Rhys e Zarius e vejo o cavaleiro mais velho encarando o

príncipe com orgulho descarado. É o olhar que vi inúmeros pais oferecerem aos filhos. Às vezes é fácil identificar uma emoção que você nunca conheceu. Ela se destaca mais, é mais intrigante. Há um impulso persistente para identificá-la, para que você possa decifrar por que nunca a experimentou ou se algum dia isso será possível.

Os cabelos de Zarius são brancos, ondulados e chegam até logo abaixo do queixo, embora ele sempre prenda a metade superior e deixe duas mechas para emoldurar os olhos vermelhos. O cabelo de Rhys está cortado bem rente ao couro cabeludo, mas pelo tom preto nos fios grisalhos é óbvio que teve uma cabeleira escura. Acho a forma dos olhos dos dois parecida, funda e angular, mas não idêntica.

Simplesmente não consigo ignorar não só a forma como Rhys olha para Zarius, mas como o trata.

Passo os braços pelos ombros de Cayden e pressiono o peito nas costas dele para me aproximar do seu ouvido.

— Rhys e Zarius... você acha que...

Ele cruza os braços.

— Sabia que você ia perceber.

— Cayden Veles, você sabia de um segredo e não me contou?

Ele sorri por cima do ombro.

— Estava esperando você descobrir sozinha.

Dou uma encarada nele.

— Vou queimar aquela lingerie lavanda que você queria que eu usasse.

Seus olhos se estreitam.

— Vou colocá-la numa prateleira que você não consiga alcançar.

Viramos para a frente de novo quando aço se choca contra aço e os dois homens começam a circular um ao redor do outro. A espada de Ryder se projeta para a frente, mas Zarius a bloqueia. Ryder imprime mais força em seus golpes, mas o príncipe é ágil. Fica claro que Rhys o treinou de modo a se adaptar a seus pontos fortes. Se Ryder pudesse partir para o ataque, Zarius já estaria morto. Ele tem a experiência de batalha que falta a Zarius, mas o treino é muito mais contido.

— Estava esperando isso acontecer — murmura Zale, se recostando no barril próximo à Finnian.

— Acho que todos estavam — responde Finn com uma risadinha. — Os dois estavam pra voar no pescoço um do outro desde que se conheceram.

— Por quê?

— Ele elogiou Saskia quando estava bêbado.

— Eu tenho irmãs. — Zale faz uma careta. — Não culpo Ryder.

— Já superei isso.

Finnian bate no ombro de Cayden e é rapidamente afastado.

— Sempre estive sóbrio ao elogiar Elowen — afirma Cayden.

— Você bebe uísque como se fosse água — rebate Finnian.

— Queria que bebesse também. Quem sabe assim você não desmaia e cala a boca um pouco.

Reviro os olhos.

— Vocês me fazem torcer pela próxima batalha só para ter um descanso desse bate-boca todo.

Zarius cruza sua lâmina com a de Ryder e olha ao redor em busca de Saskia. Um raro sorriso se forma nos seus lábios enquanto diz algo que faz Ryder rosnar e empurrá-lo para trás. Uma espada cai no convés, e o punho de Ryder esmaga a boca de Zarius.

Zarius enxuga o sangue dos lábios.

— Para um general tão digno, não achei que recorreria a uma resposta tão infantil.

— Vai se foder — rosna Ryder.

— Que eloquência contagiante.

Finnian suspira, desencostando do barril para se colocar entre os dois.

— Chega. Vão dar uma volta.

Eles continuam se encarando enquanto marcham para lados opostos do navio. Saskia suspira, sacudindo a cabeça e resmungando sobre a estupidez dos homens. Não tenho como discordar. Esta embarcação parece muito menor do que quando zarpamos.

— Podem pular do convés para me poupar dessa dor de cabeça, vocês dois — grita

Cayden.

CAPÍTULO

SESSENTA E DOIS

Elowen

Zarius está na proa do navio, os dedos se contraindo enquanto encara o horizonte escuro. Deslizo mais facas pelo cinto, vendo a névoa começar a recobrir a superfície do mar. A frota inteira apaga silenciosamente as lanternas conforme ele trabalha, para que Thirwen ou Imirath não nos aviste no horizonte.

O suor encharca a camisa de Zarius enquanto ele trabalha, tornando a tatuagem do leopardo-das-neves visível através do tecido conforme a névoa engrossa. A umidade pesa o ar ao nosso redor e me lembra da neblina que um dia cercou Aestilian, mas consigo ver através desta. Deve ter algo a ver com a magia de Zarius. Seria inútil se não pudéssemos ver o inimigo, ficando tão às cegas quanto eles. Ordeno que os dragões permaneçam quietos e com as escamas camufladas, como Zarius instruiu mais cedo.

Um manto se assenta sobre cada um dos mil navios, nos engolindo por inteiro. Thirwen e Imirath vão ver uma tempestade se aproximando, mas não vão saber que é sangue e fogo que vai chover sobre eles. Os dragões voam logo acima dos mastros dos primeiros cinco navios, com Venatrix permanecendo sobre o nosso, enquanto as tochas do bloqueio tremulam à distância. Passo os dedos pelas facas de novo quando surgem as silhuetas dos navios ancorados.

Cayden acena para Ophir que, parado junto à amurada, responde estalando os nós dedos e entrelaçando as mãos antes de estendê-las para os lados. A embarcação balança

sob nossos pés enquanto Ophir manipula a maré para direcionar nossos navios pelos vãos no bloqueio do inimigo. A bordo do convés, o aço começa a ser desembainhado à medida que penetramos mais fundo no território protegido. Os soldados estão relaxando nos conveses por onde passamos flutuando, bebendo e brincando enquanto a névoa os envolve, completamente alheios à nossa presença. Estamos cercados por velas roxas e vermelhas por todos os lados, e não me arrisco a emitir um único som.

As mãos de Zarius tremem à medida que ele tenta manter o feitiço, mas não há como isso durar para sempre.

— Eles queriam guerra e vão receber um verdadeiro inferno — sussurra Cayden antes de beijar minha cabeça e avançar enquanto Zarius vacila sob o peso do feitiço se dissipando. — Disparem todos os canhões! — A ilusão desaparece em um piscar de olhos quando as explosões fazem vibrar o convés sob minhas botas. — Mantenha a embarcação firme, Ophir.

Sinos repicam enquanto os navios ao nosso redor começam a se encher de água rapidamente, os conveses mergulhando no abismo quando meus dragões descem, rasgam vários navios com as garras e os empurram para baixo da superfície.

Puxo duas facas das bainhas, beijando as lâminas em um silencioso adeus enquanto Finnian encaixa uma flecha no arco.

— Atira pra valer.

— Arremessa sem dó — responde ele com um sorriso.

Lanço as lâminas contra o inimigo, cravando-as em dois soldados que correm para acionar os canhões, e jogo mais duas em uma dupla que balança sobre nosso convés com as cordas presas nos navios deles. Eles perdem o apoio e despencam nas águas escuras lá embaixo, levando minhas facas para sua sepultura marinha. Finnian abate mais alguns, e pego minha balestra de onde descansa aos meus pés para atirar ao lado dele.

Saskia corre para um canhão desocupado no nosso convés, agachando-se atrás dele para mirar depois que o homem ao seu lado o carrega. O estrondo ressoa como um trovão quando uma bola de ferro despedaça a madeira bem onde um dos navios encontra a água. Os dois repetem rapidamente os movimentos, e água jorra para dentro

da embarcação.

— Sas! — grito em aviso, mas não tenho mais setas para atirar.

Jogo a balestra de lado e desembainho outra faca, mirando no soldado que corre para as costas dela de onde aterrissou no nosso convés. Dobro o braço para trás, mas uma flecha perfura o pescoço dele antes que eu tenha chance de arremessar a lâmina. Ela grita quando o sangue espirra em seu rosto e olha por cima do ombro para o convés superior e, embora ninguém esteja nos encarando com um arco erguido no ar, há um aos pés de Zarius enquanto ele saca uma lâmina da bainha.

Zale rouba minha atenção quando corre para a amurada e faz um movimento largo e arqueado com os braços, projetando uma lâmina longa feita de chamas para a frente e, embora os navios não peguem fogo por causa dos encantamentos, ela corta quinze soldados ao meio.

— Você me fez ficar segurando o fogo quando poderia ter me ensinado isso? — grito depois de desarmar um inimigo e rasgá-lo ao meio.

— Calma, tudo a seu tempo — responde Zale.

Os dois navios seguintes com que cruzamos se anteciparam enquanto dávamos conta dos anteriores, e soldados saltam para o nosso convés dos dois lados. Cayden e Ryder estão lá em um instante, liderando uma combinação de soldados de Thirwen, Galakin e Vareveth para a batalha. O sangue recobre as tábuas da embarcação enquanto o aço ressoa pelo ar. Eu me arremesso em meio ao caos, me tornando uma só com minha lâmina, como tenho feito desde a primeira vez que matei alguém.

Uma soldado corre em minha direção, e desvio da faca que ela arremessa em meu rosto, cravando a lâmina na sua barriga quando está perto o suficiente. Rangendo os dentes, empurro-a para a amurada e a chuto para fora. Navios afundam ao nosso redor graças aos esforços dos nossos soldados e dos meus dragões, que os despedaçam com as garras. Os focinhos deles estão cobertos de sangue de tanto rasgar pessoas, por vezes engolindo-as inteiras.

Uma sinfonia de guerra ganha vida através dos gritos dos que estão queimando, sangrando ou se debatendo na água enquanto tubarões e monstros os arrastam para

baixo.

— Princesa — provoca um soldado de Imirath de estatura imponente quando entra no meu caminho junto de outro que espelha seu tamanho.

— Panaca.

Desembainho uma faca e me ajoelho, girando antes que ele perceba o que está acontecendo, e a enfio em sua coxa. Uma das lições mais valiosas que Ailliard me ensinou foi que não importa o tamanho de uma pessoa, até uma pequena serpente pode derrubar um homem gigantesco se atacar rápido e com força. Minha letalidade vem da velocidade e da precisão. Não preciso de muito para derrubar um inimigo, basta uma lâmina.

Ele grita e agarra meu cabelo até doer enquanto uma faca vem direto para o meu pescoço. Seguro seu pulso com a mão livre e uso a perna para conter o companheiro dele com um chute. Jogo a espada para cima, virando-a no ar para agarrar o cabo e golpear para trás. O sangue escorre por meus ombros e pelas costas, e deixo o corpo dele cair no chão enquanto puxo a lâmina de volta.

Minha cabeça é jogada para o lado, mas consigo me manter firme mesmo com a bochecha latejando. O sangue escorre em meu rosto, e passo a língua nos lábios.

— Ora, isso é jeito de tratar sua princesa?

— A ruína de Imirath não é minha princesa — retruca ele, se abaixando em posição ofensiva enquanto projeta a espada para a frente.

Estalo a língua, sorrindo maliciosamente para ele por entre nossas armas cruzadas.

— Alguém deveria ter ensinado bons modos a você.

Dou uma joelhada na sua barriga, seguida por um chute no queixo. Consigo cortar a barriga quando ele se recupera, mas não fundo o suficiente para matá-lo.

— Sangue por sangue — digo com um sorriso. — É justo.

O homem avança contra mim, e o aço ressoa enquanto ele força minhas costas contra o mastro largo no centro do navio. Farpas se cravam nos meus braços conforme resisto ao seu aperto, e sua espada reluz enquanto ele a puxa para trás e mira no meu rosto. Me liberto o suficiente para me abaixar, e um baque surdo vibra contra minhas

costas quando ele crava a arma na madeira. Aproveitando sua falta de técnica com a espada, dou um salto e enfio minha lâmina no peito dele, puxando-a de volta e agarrando seu cabelo para fazê-lo se dobrar em seus momentos finais.

— O protocolo manda se curvar diante da sua princesa.

Dou um tapinha no brasão de Atarah gravado no couro do seu braço antes de deixá-lo desabar no convés.

Uma bala de canhão rasga nosso convés, e me jogo de bruços ao lado do cadáver enquanto pedaços de madeira chovem sobre mim. O sangue encharca as minhas roupas, e mal posso esperar para que tudo isso acabe para poder tomar um banho.

— Você está bem, amor? — grita Cayden e, embora eu não o veja no meio do caos, não me surpreende que esteja de olho em mim.

— Melhor do que nunca.

Faço uma careta ao descolar um tufo de cabelo do meu braço grudento e levanto, retomando as armas.

Em meio ao desespero, um punhado de soldados de Imirath e Thirwen atira tochas no nosso navio, sabendo que vão morrer e querendo nos levar junto. Zale dá ordens para os manipuladores de fogo sob seu comando, e eles mandam o fogo terrestre de volta para o inimigo. Os navios não pegam fogo, mas as velas, sim, o que manda brasas quentes e pedaços de tecido em chamas ondulando ao vento sobre os que estão nos conveses. Sinto meu poder surgir dentro de mim enquanto observo sua movimentação. Eu o imagino como a maré indo e voltando conforme deixo a magia fluir por meu corpo.

Sinto minha nuca se arrepiar e deixo os instintos me guiarem até meu olhar pousar em chamas azul-claras salpicadas de prata ondulando em uma tocha no nosso caminho. Estamos quase atravessando o bloqueio e, apesar de termos perdido alguns navios, o fator surpresa nos ajudou de forma inestimável. A batalha está quase no fim, mas preciso garantir que não vamos ter problemas nos momentos finais.

Pelos deuses.

Zale não sabe manipular o fogo estelar — nem sei como foi que conseguiram isso —,

e é tão imprevisível quanto o fogo de dragão.

Não estou disposta a correr o risco de fracassar, e corro para a extremidade do navio. Zale e Finnian gritam meu nome, mas eu os ignoro, criando um arremedo de plano que talvez seja uma péssima ideia enquanto avanço me esquivando e desferindo golpes.

Sinceramente, os melhores planos nascem do absurdo, e só são considerados bons se derem certo.

— Preciso que mire naquele navio, exatamente como vem fazendo — grito sobre o clamor da batalha enquanto enrolo uma corda no punho e piso no corrimão.

— Elowen. — Saskia diz meu nome como se estivesse tentando convencer um animal feroz a não a morder. — Que diabos você está fazendo?

— Talvez criando uma distração, talvez morrendo, vamos ver.

— Elowen! — grita ela, tentando agarrar meus tornozelos, mas salto para a frente com a espada desembainhada.

Flechas voam por todos os lados, mas não me acertam enquanto me lanço no espaço entre os navios. Minha bota esmaga a cara de uma mulher, e a tocha de fogo estelar cai da mão dela quando desaba no convés, com meus pés dos dois lados do seu corpo. Cravo o salto da bota em sua têmpora para deixá-la inconsciente, praguejando enquanto outro soldado recupera a tocha antes que atinja o convés deles.

Sou cercada em um instante, brandindo a lâmina às cegas só para manter os inimigos longe de mim. Alguém mais salta por cima da amurada, se jogando sobre os três soldados à minha esquerda enquanto flechas são disparadas por trás.

— Sempre me surpreendendo, anjo.

Cayden me oferece as costas para podermos lutar juntos.

— Isso mantém a chama do nosso casamento acesa. — Apunhalo alguém na garganta e afasto um cacho ensanguentado do rosto. — Não precisa me agradecer pelo esforço e dedicação.

Cadáveres se acumulam ao nosso redor enquanto lutamos sujo, observando pelo canto do olho conforme nossa embarcação navega em segurança e as flechas de Finnian

deixam de me alcançar. Meus braços e pernas ardem quase tanto quanto meus pulmões, e um machado voa sobre minha cabeça, partindo ao meio o rosto de um soldado que vinha me atacar.

— Eu ia dar um jeito nele! — grito.

— Não precisa me agradecer — responde Cayden.

O fogo estelar volta a chamar minha atenção quando o soldado que segura a tocha corre para a amurada. Estamos longe demais para arrancá-la das mãos dele e apagá-la. Convoco as chamas, atraindo-as para mim enquanto o homem as carrega para mais longe ainda.

Você é minha.

Você me pertence.

Você me obedece.

As chamas oscilam, aproximando-se lentamente de mim, mas a conexão é cortada quando o braço de Cayden envolve minha cintura e ele arremessa uma faca no pescoço do homem. O fogo estelar engole o navio em um instante e chamusca a parte de trás do meu braço enquanto Cayden nos lança para as águas infestadas de tubarões.

O frio me engolfa, e meus ouvidos zumbem no silêncio repentino. Ele nos mantém sob a superfície, os cadáveres e navios afundados iluminados pelos canhões disparando e pelo fogo estelar. Mesmo sob as ondas, consigo sentir o calor. O sal queima meus olhos, mas não me arrisco a fechá-los. Tubarões circulam sob meus tornozelos e me forço a expelir lentamente o último fôlego que tomei, precisando poupar o oxigênio.

Eu me agarro a Cayden e forço o grito que borbulha na minha garganta a permanecer preso nos lábios quando um tentáculo se projeta para cima e se enrola em volta de um cadáver, depois em mais dois, arrastando-os para baixo, em uma área em que não é mais possível enxergar. Dois olhos que parecem rubis piscam, nos encarando. Um olho sozinho tem a altura de Cayden, e a escuridão é tamanha que não consigo ver o tamanho completo do corpo do monstro. Talvez seja uma bênção, considerando que pelo menos cinquenta tentáculos se espalham ao redor da cabeça arredondada. Cayden me empurra para trás, mantendo uma das mãos pressionadas nas minhas costas, e fico

paralisada enquanto a criatura ancestral se aproxima. Meus pulmões imploram por ar, mas o fogo ainda está forte demais, e não acho que seja inteligente dar as costas a esse monstro, seja lá o que for.

Pontos pretos surgem no meu campo visão, e um grito silencioso escapa dos meus lábios quando outro tentáculo se projeta, se enrolando na bota de Cayden, mas ele não o ataca com a espada que ainda tem na mão. Puxo sua camisa para me soltar e poder cortar a criatura eu mesma. Não sou orgulhosa o suficiente para acreditar que posso vencer um monstro marinho no seu próprio domínio, mas não vou ficar só olhando enquanto ele arrasta Cayden lá para baixo. O polegar dele esfrega minhas costas, mas ele não me deixa tomar distância.

O monstro estala os dentes afiados como navalhas, e o som sinistro vibra e ecoa pelo espaço e faz os tubarões dispararem para longe. Ele retrai o tentáculo viscoso enquanto rasteja ainda mais para fora das sombras, e Cayden me puxa para a superfície a tempo de ver aquilo enrolar os tentáculos em torno de um punhado de navios de Thirwen e Imirath. O monstro arrasta algumas embarcações para baixo, mas engole outras inteiras, fartando-se com os soldados que nadam para a superfície.

— Por todos os infernos — digo em estado de transe. — O que você fez?

Ele sacode a cabeça, ainda mantendo um braço em volta de mim enquanto nadamos em meio aos pedaços de madeira em chamas e cadáveres.

— Não falei com ele nem comandei nada, como você faz com seus dragões.

— Alguma coisa você fez — digo, ofegante. — Você nunca me contou que sabia falar com peixes.

Ele para de nadar e me dá uma encarada.

— Não começa.

— Já comecei e não vou parar.

Seu suspiro ecoa na água, então ele volta a nadar.

— Ele só olhou pra mim.

— Talvez tenha te achado bonitão. — Ele solta um resmungo como se estivesse cogitando me largar para me virar sozinha no mar, mas intensifica o abraço, sorrindo

apesar de tudo. — Sabe que monstro é esse?

Seus olhos se voltam para as velas de Thirwen, muitas ainda queimando no rescaldo dos esforços de Zale.

— Acho... que é o kraken.

— Nunca mais vou nadar neste mar esquecido pelos deuses.

Cayden consegue nos levar de volta ao navio e me empurra para a escada. Os dragões cravam as garras nas embarcações da última fila, afundando-as enquanto entramos em mar aberto novamente. Ergo o corpo e despenco no convés, e Cayden também se larga sobre as tábuas. Estou exausta demais para me importar que a madeira esteja coberta de sangue ou vibrando conforme as pessoas se aproximam. Abro os olhos aos poucos, e Saskia, Finnian, Ryder, Zale e Zarius estão todos olhando para nós.

— Este é o meu inferno pessoal — declara Cayden enquanto se senta para desviar dos olhares, mas eu permaneço deitada.

Zale sacode a cabeça e é o primeiro a romper o silêncio.

— Sua doida varrida.

Eu me sentiria ofendida se as palavras dele não estivessem encharcadas de uma mistura de assombro e respeito, então em vez disso dou risada.

CAPÍTULO

SESSENTA E TRÊS

Elowen

Meu casaco se espalha pelo convés superior enquanto me deito de costas e encaro as estrelas. Estão tão brilhantes esta noite que as escamas dos meus dragões cintilam em pleno voo. Não consigo dormir, o que não é incomum, mas é nossa última noite a bordo. Tirando a batalha, é como se tivéssemos escapado para o nosso próprio mundo quando estamos no mar. Gostaria de conhecer melhor Ravaryn quando a guerra acabar e, apesar de saber que os desafios sempre vêm, anseio pelo dia em que vou poder acordar e aproveitar a vida.

Nunca lutei pela glória, nem para ser conhecida como uma das maiores guerreiras da história de Ravaryn quando estudiosos reduzirem minha vida a alguns parágrafos. Luto porque fui machucada, assim como as pessoas e as criaturas que amo, mas aguardo pelo dia em que não vou mais ter que me preocupar em mantê-las vivas. Quero manhãs no meu jardim, tardes à beira do lago e noites junto ao fogo. Quero ler todos os livros que guardo para outro dia e experimentar as receitas que anotei.

Quero viver, não apenas sobreviver. Se a guerra fosse preferível, não ansiaríamos pela paz enquanto ela acontece.

Puxo o tecido forrado de pele para mais perto quando uma brisa sopra do mar, e me sinto grata por ter me lembrado das luvas antes de sair da cabine. Cayden precisou ir alinhar um plano com Zarius, e sei que eu poderia ter ido com ele, mas não estava com

vontade de falar. Às vezes anseio pelo silêncio como se fosse ar. Mas, além disso, ouvir os planos de batalha de Cayden me lembra do que vamos enfrentar quando atracarmos, e é como se uma mão invisível se enrolasse no meu pescoço. Minha respiração sempre acelera quando me sinto assim, bem como minha pulsação, e as paredes parecem estar se fechando sobre mim.

Não conseguia ficar deitada na cama, em um silêncio sufocante, e precisei encontrar uma quietude que me acalmasse. Cayden pode me contar sobre os planos quando atracarmos, mas só quero mais uma noite fingindo que vivemos o tipo de vida em que não preciso temer que ele morra a qualquer momento por uma lâmina. Em outra vida, gostaria muito de viver uma rotina comum ao seu lado.

A porta no andar de baixo range nas dobradiças, e sei que é Cayden quando seu cheiro sobe até mim.

— Esposa — diz ele para me cumprimentar, reivindicando o espaço ao meu lado e colocando uma caixa embrulhada entre nós. Ele descansa um braço sobre o joelho dobrado e coloca a outra mão perto da minha cabeça. — Antes que diga que compro coisas demais, eu não me importo, e esse é o seu presente de solstício de inverno. Então é só abrir.

— Que jeito adorável você tem com as palavras — falo, me sentando. — Seu presente está embrulhado embaixo da cama.

— É lingerie? — pergunta ele.

— Por quê? Quer vestir algo bonito pra mim?

Ele puxa um dos meus cachos e lhe dou um tapa na mão. Ele ri, e não sei por que fico surpresa com esse som. Talvez porque seja tão raro ver um sorriso no rosto dele... ainda mais um completamente despreocupado. Esses eu guardo como pequenos tesouros na minha mente, mantendo uma galeria de retratos de todos os momentos que rezo para nunca esquecer.

— É só se comportar que ganhará o que deseja. *Depois* que eu lhe der seu presente de verdade.

Pedi para Blade forjar uma arma com aço de obsidiana encontrado nas cavernas nas

profundezas da cordilheira de Seren. O pomo tem uma safira oval emoldurada por duas asas de dragão. Ele coça a nuca, e seu sorriso fica mais tenso. Talvez um dia fique mais fácil para ele receber presentes, mas duvido que isso aconteça tão cedo.

Cayden observa atentamente enquanto desato o laço cor de lavanda e desdobro o tecido combinando que mantém o presente em si escondido de mim. Ele engole em seco e passa uma das mãos pelo cabelo de novo, sacando uma faca da coxa para girá-la entre os dedos.

Deuses, o que tem aqui?

Levanto a tampa, revelando um livro grosso encadernado em couro com cinco dragões gravados no centro e trepadeiras ao longo das bordas. Minha curiosidade cresce enquanto tiro o presente pesado da caixa e contorno os entalhes com os dedos. Viro a capa, revelando uma única palavra escrita em uma caligrafia delicada: *Filhotes*.

Olho para ele, que desvia os olhos para a faca enquanto cerra os dentes.

Quando viro a página, meu fôlego é arrancado de mim como se tivesse levado um soco no estômago. Passo o dedo trêmulo pelos pequenos dragões que me encaram de volta. São tão minúsculos que caberiam na palma da minha mão se tivessem saído do ovo hoje, e não quando eu era bebê. Viro outra página, e uma descrição detalhada de Sorin se segue: a raça, o tamanho, como o ovo foi incubado, as forças, as fraquezas e os traços de personalidade. São todos detalhes que compartilhei de passagem com Cayden, sem dar importância, enquanto divagava sobre minhas memórias ou coisas que aprendi.

Vários desenhos de Sorin em posições variadas e de ângulos diferentes preenchem o pergaminho, seguidos de mais páginas dedicadas aos outros quatro. Pelo peso e tamanho do livro, acho que todos os vinte e quatro anos foram ilustrados, e não me surpreenderia se o vigésimo quinto também estivesse aqui, já que nosso aniversário é daqui a poucas semanas. Tenho só um ano a mais que eles, o que é estranhíssimo de pensar, já que os vejo como bebês gigantes.

Continuo folheando, e meu coração transborda quando aperto o livro junto ao peito depois de olhar para uma Venatrix de 7 anos, para que as lágrimas não borrem a página. Cayden estende a mão para enxugá-las do meu rosto, com a expressão de quem

foi esfaqueado.

— Não queria deixá-la chateada — murmura ele. — Se tiver odiado, pode arremessá-lo no mar, e nunca precisamos falar sobre isso de novo.

Balanço negativamente a cabeça.

— C-como você conseguiu?

Ele umedece os lábios.

— Não foi nada, não se preocupe.

— Isso não é *nada* — afirmo com veemência. — Deve ter custado uma fortuna.

— Você mencionou como te doía não saber como eles eram enquanto cresciam. — Ele dá de ombros. — Só queria tentar devolver um pedaço do que Garrick roubou. Sei que não é o mesmo que...

Eu o calo com um beijo, me enfiando entre as pernas dele com o livro ainda firmemente pressionado contra o peito. Sua pulsação troveja pelo corpo, e ele entrelaça as mãos em meu cabelo. Despejo em cima dele todas as preocupações e ansiedades que me trouxeram aqui, deixando seu amor queimá-las. Quero estar aqui com Cayden, não perdida na minha cabeça ou me preocupando com um futuro ainda distante. Ainda que mesmo as frutas mais doces amadureçam e apodreçam e nada dure para sempre, me agarrar ao meu marido me faz sentir que consigo alterar esse caminho inevitável.

— Você não odiou? — pergunta ele, se afastando.

— Eu amei. — Pisco os olhos para afastar as lágrimas. — Você não tem ideia do quanto isso significa pra mim.

— Porra — murmura ele, a tensão se dissolvendo dos seus ombros largos enquanto passa os braços ao meu redor e me puxa para si. — Graças aos deuses. Cheguei a cogitar saltar por cima da amurada com esse livro.

Eu torço o nariz.

— Acho que vou te manter por perto por um tempo, Veles.

— Humm — resmunga ele. — Quanta generosidade.

Ele me beija de novo, enroscando os dedos no meu cabelo e me mantendo junto a si enquanto folheio o livro. Há momentos em que tudo fica pesado demais, quando a dor

é avassaladora a ponto de precisar fechar o livro, mas ele continua me abraçando quando o amanhecer irrompe no horizonte e eu termino de ler.

CAPÍTULO

SESSENTA E QUATRO

Elowen

Cedo demais, o cemitério de navios que deixei para trás em porto Celestria emerge diante de nós, e envio os dragões na frente. As chamas deles queimam o que resta, e içamos a âncora para navegar pelas cinzas, chegando o mais perto possível da costa antes de nos distribuirmos em botes. Os soldados de Vareveth enchem a praia e começam a nos aclamar quando avistam seu rei e sua rainha chegando com uma armada às nossas costas. Estou vestida com meus couros em azul-escuro e preto e peles, e carrego a coroa de safira e pedra da lua na cabeça. O frio parece ainda mais intenso depois de tanto tempo sob o sol de Galakin.

— Como você está, principezinho? — pergunta Finnian para Zale.

— Pode deixar que te aviso se as minhas bolas congelarem — murmura ele com um suspiro trêmulo.

— Aguardo a atualização ansiosamente.

Zale ri como resposta enquanto o bote para na areia molhada, e dou um passo para fora, para minha terra, meu lar. Eu me ajoelho e enfio a mão na areia grossa, esfregando-a entre os dedos. Vou ter a vida que desejo depois de derramar o sangue de quem tentar tirá-la de mim.

— As proteções foram removidas — digo. — Assim como o exército.

— Garrick e Fallon devem ter ordenado a retirada para Zinambra. Vão ter mais

chances de enfrentar nosso exército unidos, considerando que estamos com força máxima — responde Cayden.

— Então tudo se resume a uma única batalha.

Uma batalha para determinar o destino de milhares.

O destino do trono de Imirath.

O destino de todos que amo.

Finnian vem até mim.

— Vão se esconder atrás das muralhas enquanto mandam os soldados fazer o serviço sujo.

— Não vai sobrar ninguém para guardar as muralhas quando a batalha acabar — diz Cayden.

— E eu desentocarei cada um deles se tentarem se esconder como os ratos que são — acrescento.

— Fallon é meu — declara Zarius enquanto desembarca do bote, com Sor Rhys e sua guarda real no seu encalço.

Ele não tocou em uma gota de álcool na jornada de volta e treinou no convés todos os dias. Pode não ser o guerreiro mais habilidoso, mas é capaz de se virar bem. A ilusão que criou nos poupou de baixas e danos substanciais à frota, então qualquer um que negue sua força ou seu pedido seria um tolo.

— Fique à vontade fazer o que quiser com ele.

Ele assente, mas os ombros não relaxam.

— Precisamos avançar — diz Ryder. — Com certeza há espiões na floresta, e não podemos nos arriscar a uma emboscada. Vai levar pelo menos dois dias para chegar a Zinambra se ficarmos nas estradas principais e cavalgarmos rápido. Os soldados podem descansar quando a gente estiver nos arredores da cidade.

Cayden assente, gesticulando para a general Autumn se aproximar.

Ela faz uma mesura.

— Meu rei.

— Prepare o exército para entrar em marcha em menos de uma hora. Vamos

cavalgar para a batalha.

— Pode deixar comigo.

Ela bate o punho duas vezes no peito enquanto se afasta de nós para dar início à sua tarefa.

Zale estreita os olhos para a escuridão da cidade de pequenas cabanas de pedra ao longo de ruas sinuosas. Me lembra Avaloria, a cidade costeira de Vareveth para onde voamos após o fim da batalha. Não são assim tão diferentes, e são as pessoas que habitam cidades como esta que acabam esmagadas sob o peso do orgulho e do ódio de seus governantes. As luzes de velas tremulam nas janelas, dando alguma vida ao vilarejo fantasma. A neve que cai cobre telhados e barcos virados enquanto a fumaça sobe das chaminés.

— Está vendo aquilo? — pergunta Zale.

— Vendo o quê?

Ele aponta com o queixo para a frente, caminhando comigo até a areia dar lugar à pedra e começarmos a subir uma ladeira íngreme. Cayden, Ryder, Finnian, Saskia e Zarius nos seguem — não que eu esperasse que ficassem para trás. Não só estamos em território perigoso, como todos parecem insuportavelmente curiosos.

— As cores dos Atarah são roxo e dourado, certo? — questiona Zale.

— Sim — respondo. — Uma bandeira roxa com um tridente dourado perfurando uma coroa.

Meu hálito se condensa à minha frente quando diminuo o passo e absorvo a visão ao meu redor. Tiras de tecido azul-escuro estão amarradas nas maçanetas das portas, e lençóis bordados com o brasão dos Veles estão pendurados em varais que atravessam as ruas, ondulando na brisa invernal. Uma a uma, cortinas são puxadas para o lado, e vários pares de olhos pousam em mim na rua. Consigo sentir o medo deles através do vidro, e talvez estejam se perguntando se viemos para causar mais estragos. Tenho certeza de que meu pai espalhou histórias sobre minha natureza impiedosa, usando sua ira para me pintar como um monstro capaz de fazer mal a inocentes.

Avanço em direção à porta mais próxima, desamarro o tecido azul da maçaneta e

uso os dentes para atá-lo em torno da palma da mão. Então a pressiono sobre o coração antes de erguê-la no ar, querendo mostrar que estão seguros comigo, com meus dragões e meu exército. Uma janela range ao abrir, e um punhado de fitas em vários tons de azul rodopia pelo ar antes de pousar diante das minhas botas.

— É a princesa Elowen — sussurra uma menininha.

Engulo o nó na garganta. Nunca pensei que seria bem-vinda na terra que deveria ter sido meu lar, mas quem senta no trono não define o reino. As pessoas e a cultura são o que dão vida a um território.

Sorrio calorosamente para a menina na janela e aceno para ela. Mais janelas começam a se abrir, e mais fitas e retalhos de tecido se juntam aos outros na rua. Os moradores sussurram *princesa Elowen* até que aquilo se torne uma aclamação, uma saudação de boas-vindas e um ajuste de contas, tudo ao mesmo tempo.

Eles se sentem encorajados, saindo das casas com capas longas e botas assim que percebem que não sou uma ameaça. Meu grupo me acompanha na rua enquanto caminho livre e sem restrições por um reino onde um dia fui prisioneira. Pensei que seria recebida com hostilidade se voltasse, mas tenho uma recepção calorosa. Fico me perguntando o que Garrick pode ter falado sobre mim, se disse que eu queimaria seus lares e mataria seus filhos. Sei que fiz coisas questionáveis, mas isso é necessário para sobreviver em um mundo que fez tudo ao seu alcance para me expulsar dele. Não me lembro dos nomes e rostos de todos os que tentaram me matar, mas aqui estou, em Imirath.

No reino em que eu nunca pensei que voltaria a pôr os pés, muito menos que um dia o governaria.

O povo não clama pelo meu pai, clama por mim. A princesa perdida que voltou para tomar o que é seu.

CAPÍTULO

SESSENTA E CINCO

Cayden

Desaceleramos as montarias após cavalgar a noite toda e o dia seguinte inteiro, somente fazendo pequenas pausas durante o trajeto. Quanto mais nos aproximamos do castelo, menos cidadãos há nas cidades. Devem ter fugido para as montanhas em busca de um refúgio da batalha. As estradas estão cobertas de pegadas de botas e cascos enlameados dos soldados e seus cavalos que recuaram da fronteira. Isso serve como um presságio: um exército foge, e outro se aproxima.

Eu me ajoelho para pegar uma cortina azul encharcada e manchada de sangue com nosso emblema bordado. Elowen caminha ao meu lado, com as fitas de sua chegada ainda trançadas nos cabelos grossos, e ela franze os lábios quando olha para o que estou segurando.

— Não vou ser como meu pai — ela murmura. — Não vou deixar este mundo pior do que o encontrei.

Ela enuncia as palavras como um lembrete, como se temesse enxergar os traços do pai em si mesma quando vier a tomar seu trono.

— Você já o tornou um lugar melhor. — Elowen é implacável, mas a diferença é no seu caso se trata de sobrevivência; no de Garrick, não passa de fome pelo poder. Se dois ladrões cometem o mesmo crime, a moralidade de cada um depende da motivação. Deixo a cortina escorregar da minha mão, olhando em direção à clareira adiante, onde o

exército vai acampar. — A esperança é como uma droga. Quando você experimenta, começa a procurá-la em tudo e a ansiar por ela nos momentos mais vulneráveis. Você dá esperança a essas pessoas. É por isso que elas fugiram. Sabem que um mundo melhor está a caminho e querem viver para ver isso acontecer.

— Não imaginei que acreditasse em coisas como esperança.

— Não acredito. — Pego as rédeas de Koa e caminho ao lado de Elowen, conduzindo-o para além da cidade. O general Gryffin o trouxe dos estábulos do castelo para que eu possa montá-lo na batalha. — Mas sempre acreditei em você.

Os dragões guincham, atraindo sua atenção para o céu enquanto amarro Koa ao poste onde montarei nossa barraca.

— É melhor fazermos uma fogueira. Finnian me chamou mais cedo para dar uma caminhada, então vamos juntar um pouco de lenha.

— Vou buscar Ryder e Saskia — respondo.

Observo enquanto ela sacode as mãos e caminha até a barraca de Finnian, segurando o braço dele e apagando a ansiedade das feições. Está sendo corajosa por ele.

Intercepto o olhar de Braxton e aponto com o queixo na direção deles. Ele assente e os segue a uma distância segura. Os dois podem ser guerreiros, mas estamos infiltrados demais em território inimigo para eu me expor a qualquer risco.

O crepitar das chamas preenche o silêncio quando nós cinco nos reunimos a alguns quilômetros da agitação do acampamento, sentados em troncos caídos enquanto os últimos raios do dia se apagam. Todos sabemos o que está por vir, e isso torna o grupo mais sério. Havíamos percorrido esse caminho para libertar os dragões, sabendo que ele nos traria de volta até aqui, mas acho que ninguém esperava que esse retorno fosse ser tão rápido.

Nunca tive nada a perder, mas agora parece que estou arriscando tudo. Encosto a caneca nos lábios, enrolando um dos cachos de Elowen no dedo enquanto ela descansa entre minhas pernas. Ela se move a cada poucos minutos para mexer o ensopado na panela sobre as brasas. Eu me ofereceria para substituí-la, mas sei que se ocupar com tarefas acalma seus nervos.

— Vocês estão agindo como se tivéssemos perdido a batalha antes mesmo de começar — diz ela, soltando um suspiro e servindo um pouco de comida em um prato para Finnian e o passando para ele.

Ryder coloca uma colherada na boca.

— Desculpa aí se a véspera de uma batalha é uma coisa tensa, queridinha.

— Desculpas aceitas. — Não sei como ela consegue, mas o rosto de Ryder se abre em um sorriso. — Não tem nada de trágico acontecendo agora, então não sufoquem a paz de hoje com a dor de amanhã. Se meu mundo for acabar amanhã, não tem ninguém mais com quem preferiria passar minha última noite. — Sorin e Calithea pousam na floresta atrás de nós, resfolegando. — E vocês também, meus docinhos.

Os dragões com escamas em esmeralda e prateado se enrolam em torno da nossa pequena roda enquanto os outros três sobrevoam em círculos sobre de nós. Elowen abre um sorriso largo e lindo, que me tira o fôlego antes que eu desvie o olhar. A mulher com o maior coração que já conheci será a pessoa mais visada no campo de batalha. Ela foi um alvo a vida inteira e, pelos deuses, sabe muito bem se virar sozinha, mas nunca imaginei que seria tão difícil vê-la cumprir o acordo que fizemos. Parte de mim deseja que tivéssemos fracassado e vivido juntos no exílio como dois fora da lei.

Mas ela nunca seria feliz.

Nunca se sentiria inteira sem seus dragões.

Ela ama essas feras mais do que a maioria das mães ama seus filhos.

Finnian olha para todos nós.

— Este não é meu pior dia, nem o de nenhum de vocês, então não vamos ficar sentados de cara fechada só para nos arrepender disso pela manhã.

— Quando eu estava presa na masmorra — Elowen começa, e todos ficamos estáticos. É como se o mundo parasse. Ela nunca fala sobre o tempo que passou em Imirath. — Depois de surras especialmente pesadas, eu sussurrava: *Só mais um dia.* Tudo que eu precisava fazer era sobreviver só mais um dia, e talvez no próximo pudesse ver meus dragões, encontrar uma forma de me libertar. Eu não teria a vida que tenho hoje se tivesse desistido enquanto lutava por ela.

Mordo a língua e cravo as unhas nas palmas das mãos para não sair em disparada em direção ao castelo de Imirath neste exato momento. Ela merece muito mais deste mundo miserável, e quando vencermos a guerra ela enfim terá.

— Não importa o que aconteça — Ryder balança a cabeça —, eu não abriria mão desse tempo com vocês por nada neste mundo.

Finnian ergue a caneca.

— Pelas famílias que escolhemos.

— E por mais um dia com elas — concluo.

Escondo minha inquietação e beijo a bochecha de Elowen quando ela volta a se acomodar entre minhas pernas. Então alguém que espreita além dos dragões se pronuncia.

— Tem lugar para mais um?

Os olhos de Elowen brilham em um tom de dourado, e Sorin ergue a cauda para deixar Zale entrar em nosso pequeno círculo.

— Sempre, principezinho.

As sobrancelhas de Saskia se arqueiam.

— Achei que você fosse passar a noite com seus soldados.

— Eles me tratam como um príncipe, e não estou nem aí para formalidades numa noite dessas.

— Mas quando não está às vésperas de uma batalha tudo bem ser paparicado? — pergunta Finnian.

Zale dá de ombros, pegando um pouco de ensopado da panela e acenando a Elowen em agradecimento.

— Não desgosto. Você ia se incomodar com isso se fosse um príncipe?

Finnian franze os lábios.

— Nunca pensei muito nisso, já que sou um órfão que virou comandante.

— Nunca imaginei que nós dois iríamos ter algo em comum — resmungo.

— Incrível, não é?

— Eu diria irritante. — Elowen me belisca na coxa com unhas surpreendentemente

afiadas. — Pelos deuses — murmuro, agarrando a mão dela. — Sim, Finnian, estou profundamente feliz por sermos dois órfãos que adoram a guerra. Feliz agora?

— Demais — responde ela, imitando minha voz e espalhando uma onda de gargalhadas entre os presentes.

Eu me inclino para tocar seus lábios com os dedos, baixando a voz para que só ela possa ouvir:

— Continue falando assim, querida. Está me fazendo pensar em todas as formas que adoraria calar sua boquinha.

— Estou contando com isso.

Os olhos dela faíscam em desafio, e ela morde a ponta do meu dedo antes de se virar de volta para o grupo e se aconchegar no meu peito.

Sorin rosna quando um galho estala.

— Merda dos infernos — outra voz familiar braveja, e Elowen manda o dragão abrir passagem.

— Olá, Zarius — diz ela.

— Só estou aqui porque quero garantir que não estão tramando nada sem mim, não porque desejo passar qualquer tempo que seja com algum de vocês — avisa ele, tomando um lugar vazio ao pé de uma árvore. — Só não esperava quase ser queimado vivo.

Elowen revira os olhos.

— Sorin nem chegou a erguer a cabeça.

— Eles conseguem cuspir fogo deitados.

— Se servir de consolo, ele já se fartou de cabras, então não teria te devorado.

O olhar de Zarius se volta para a fera verde que o encara enquanto ele arrasta as palavras:

— Sim, suas palavras são bem reconfortantes.

— Não estamos tramando nada sem você — afirma Saskia. — Amigos jantam juntos às vezes, mas duvido que já tenha feito isso, considerando sua personalidade desagradável.

— Se *vocês* conseguiram, tenho certeza de que eu arrumo um jeito.

Elowen esconde o rosto no meu peito para rir, mas Finnian a vê e isso o contagia, seguido de Ryder, porque Finnian guincha feito um maldito porco. Envolvo os ombros de Elowen com os braços para esconder o rosto no cabelo dela, mas Saskia ainda consegue perceber.

— Odeio todos vocês — resmunga ela.

A raiva dela se dissolve no decorrer da noite, e ela ri com o restante de nós de várias piadas à custa uns dos outros e por conta das histórias que trocamos. Mas a primeira pilha de toras desaparece, depois a segunda, então a terceira. Quando o acampamento se cala, o peso do momento recai sobre nós.

As chamas se apagam, restando apenas brasas acesas, e o frio se infiltra. Um filete de lua paira alto no céu, e todos sabemos que é hora de descansar, mas ninguém se move para isso — nem Finnian, encostado numa árvore; nem Ryder, com um braço dobrado sob a cabeça enquanto contempla as estrelas; nem Zale, conforme termina a cerveja; nem Saskia, enrolada em um cobertor ao meu lado; nem Zarius, cutucando as brasas com um graveto; e nem Elowen, com a cabeça descansando na minha coxa.

— Sem despedidas — diz Ryder, se levantando e espanando a sujeira da calça. — Vejo todos vocês de manhã.

Ele estende a mão para Saskia enquanto Sorin e Calithea voltam aos céus, acenando para nós antes de acompanhar a irmã até a tenda dela.

— Vou voltar com vocês dois — diz Zale para Finnian e Zarius. — Isso vai me poupar de ficar de vela.

Finnian dá uma risadinha de deboche, beijando a testa de Elowen e desaparecendo na escuridão com os príncipes. Entrelaço os dedos aos de minha esposa para colocá-la em pé e passo o braço sobre os ombros dela, aconchegando-a contra meu corpo. Os soldados param de afiar armas e conversar uns com os outros para inclinarem a cabeça na nossa direção conforme atravessamos as fileiras de barracas a caminho da nossa. Afasto o tecido pesado para ela e o deixo cair atrás de mim após me curvar para entrar. Não há nada aqui além de um colchão de peles e um lampião com a chama baixa, mas é realmente tudo de que precisamos por uma noite.

Elowen desafivela o fecho do casaco com dedos trêmulos, deixando a massa de tecido azul-escuro forrado de pelo escorregar até o chão, seguido pelas peças de couro e a túnica. Espelho suas ações enquanto ela se desliza sob as peles sem uma única peça de roupa. Eu provavelmente estaria ofegando que nem um cachorro se não estivesse tão preocupado com ela.

— El.

— Hã? — ela murmura, olhando fixamente para a parede de lona.

— Anjo. — Sento-me ao lado dela, envolvendo-a com os braços e batendo o dedo em sua têmpora. — Não me deixe de fora enquanto enfrenta a tempestade sozinha.

Ela suspira, contornando com os dedos as marcas ao longo do meu pescoço e por cima do meu ombro.

— Um dia você vai se cansar dos meus devaneios.

— Você pode ler tratados políticos pra mim durante horas que ainda vou me interessar, porque ia poder te ver e ouvir sua voz.

Ela sorri, mas é um gesto carregado por emoções demais.

— Estou indo à guerra contra meu pai por causa do que ele fez comigo e com os meus dragões quando eu era criança, mas não consigo parar de pensar nos soldados que nunca vão voltar pra casa e na dor que seus entes queridos vão sofrer, tudo porque não consegui virar a página, como Ailliard esperava que eu fizesse.

Sufoco a raiva diante da menção àquele homem louco e doentio e me concentro nela. O que ela precisa não é de um desabafo sobre o quanto eu o odiava.

— Imirath pressiona Vareveth desde antes mesmo de nascermos e, antes de eu virar comandante eles saqueavam Ladislava de tempos em tempos. Muitos dos soldados que lutam conosco agora perderam imensamente pelas mãos de Imirath.

Ela assente e inspira fundo. Graças aos deuses que estou ficando melhor nisso de usar as palavras.

— Talvez em outra vida a gente não precise enfrentar guerras. Talvez possamos ter uma vida feliz, despreocupada e simples.

— Não quero uma vida diferente com você. — Colo os lábios aos dela. — Quero

esta, e depois de amanhã vamos ter uma vida feliz, despreocupada e simples. Eu juro. Te darei o que você quiser.

— O que *você* quer? — pergunta ela, ainda traçando minhas marcas. — No que pensa quando imagina o futuro?

Umedeço os lábios, colocando uma mão atrás da cabeça.

— Como eu disse, nunca me permiti pensar muito nisso. Nunca imaginei de verdade que teria futuro.

— Então pense — insiste ela. — Sei que é um conceito difícil pra você assimilar, mas confio na sua capacidade.

Puxo levemente um dos seus cachos. Sempre achei que morreria jovem, como se estivesse fazendo hora extra no mundo, então nunca me incomodei em pensar em um futuro para além de conseguir minha vingança.

— Tudo que vejo é você feliz em casa, cercada de livros, doces e dragões, usando o mínimo possível de roupa, mas estou aberto a negociar essa parte. — Ela inclina a cabeça, me olhando como se quisesse que eu dissesse mais. Passo a língua pelos dentes e solto um suspiro. — Por que você não me conta sobre os seus grandes planos, para me dar alguma inspiração?

Ela morde o lábio de novo.

— A gente nunca conversou sobre — ela engole em seco — filhos. Todo mundo fica jogando o termo *herdeiro* na nossa cara, mas nunca falamos sobre isso.

Meu olhar se desvia do seu, e limpo a garganta.

— Você quer?

— Não sei — responde ela, baixinho. — Quando os dragões foram tirados de mim... os gritos deles... ainda consigo ouvi-los, soavam como crianças indefesas. Não consigo passar por isso de novo.

— Não acho que eu seria um bom pai, mas nunca deixaria isso acontecer — digo, com uma onda de instinto protetor surgindo dentro de mim. Existe gente neste mundo que faria dele um lugar melhor evitando se reproduzir, e acredito de verdade que sou uma dessas pessoas, mas sei que jamais deixaria meus filhos sofrerem. — Não vou ser

como ele.

— Ele? — Então o olhar dela se suaviza. — Seu pai.

Fixo os olhos no teto da barraca acima de mim. As paredes do meu primeiro apartamento eram finas como papel, e eu ouvia os gritos de mulheres dando à luz, ouvia o choro dos maridos quando elas sangravam até a morte na cama. Pensar em Elowen nessa posição... não consigo fazer isso.

Ela pressiona os lábios contra meu coração.

— Você nunca vai ser nem parecido com seu pai. — A vontade de refutar sua afirmação me sobe pela garganta. Sou a imagem e semelhança dele. Sou vil e egoísta como ele. Sou incapaz de amar qualquer coisa neste mundo além da mulher nos meus braços. — Você ficou ao meu lado quando teria sido mais fácil me entregar aos meus captores. Lutou por mim desde o início, e desde que nos conhecemos sempre me senti segura ao seu lado.

— Eu amo você com todas as minhas forças. — Eu me obrigo a encará-la, o desespero arranhando meu peito. — Você sabe disso, né?

— Sei.

— O mundo poderia estar desmoronando agora que eu ainda ficaria bem aqui com você, Elowen Veles. — Colo os lábios aos dela de novo, sentando para trocar nossas posições. — Se esta é minha última noite neste mundo, preciso que saiba que te conhecer foi a parte mais maravilhosa da minha vida.

Uma lágrima escapa do canto do seu olho, mas junto meus lábios aos dela antes que tenha a chance de responder. Preciso senti-la. Preciso cuidar dela. Envolvo sua cintura com o braço, puxando seu peito contra o meu enquanto ela arqueia sobre as peles. Quero guardá-la como um segredo, escondida do mundo e só para mim. Deslizo o dorso dos dedos pela bochecha dela e os enrosco em seus cachos como se tivéssemos todo o tempo do mundo, em vez de estarmos na véspera de uma batalha.

Com um braço, ela aperta meus ombros, percorrendo meu peito com a outra mão para envolver meu comprimento. A mão dela desliza preguiçosamente para cima e para baixo, enviando sangue fervente para o meu pau. Enfio os dedos nela enquanto me

acaricia, metendo e os curvando conforme seus gemidos escapam junto à minha boca.

— Por favor — diz ela, ofegante. — Preciso de você.

— Eu sei, amor.

Eu me alinho com sua entrada, empurrando aos poucos para dentro. Normalmente passaria mais tempo a provocando, mas também preciso dela, como nunca precisei de nada, como nunca me permiti precisar. É aterrorizante, mas não abriria mão dela por nada. A vida toda ergui barreiras contra a vulnerabilidade, mas arrancaria cada peça de armadura e entregaria uma lâmina a ela.

Suas pernas se apertam ao meu redor enquanto me movimento dentro dela, tomando-a em estocadas longas e sem pressa. Fazendo amor não só com seu corpo, mas com sua alma. Pressiono o anel com nosso emblema contra seu clitóris, e ela geme contra meus lábios enquanto as coxas começam a tremer. Com movimentos circulares, aumento o ritmo, afastando nossos rostos o suficiente para ver seus olhos revirarem quando grita meu nome.

Com a outra mão, seguro o queixo dela, forçando seu olhar de volta ao meu e a levo ao ápice, mas ainda não gozo. Quero que minha amada esteja em frangalhos quando terminarmos.

Eu a viro de lado e me deito atrás dela, colocando uma das coxas sobre meu braço e voltando a penetrá-la. Ela arqueia as costas, e agarro seus cachos para trazer seus lábios de volta aos meus enquanto projeto os quadris para a frente com força. Tudo o que existe além dessa mulher desaparece da minha cabeça, e me perco nela. Elowen agarra meu pescoço para nos manter unidos e morde o lábio. Seus olhos estão pesados de desejo enquanto empina o quadril contra o meu.

Talvez as pessoas estivessem certas. Talvez ela seja mesmo uma encantatriz. A divindade é perceptível quando nossos lábios se encontram, e entre suas coxas, e a cada gemido e suspiro entrecortado me embrenho mais no seu feitiço. Quando sua pele está pressionada contra a minha e ela me deixa entrar em seu corpo, me sinto como um fiel renascido realizando um ritual sagrado para uma deusa.

Solto os cachos e deslizo o braço sob ela, precisando percorrer o seu corpo com as

mãos.

— Você me deixa perdido — digo como uma acusação, passando os dedos por um mamilo eriçado. — Tem ideia de como é difícil estar cercado de pessoas com seu corpo colado ao meu e ter que fingir que não quero subir em cima de você e fazer exatamente isso?

— Você faria isso? — ela pergunta, ofegante.

— Você ia adorar, né? — Sorrio contra os lábios dela. — Eu jamais deixaria alguém que a viu nua viver para lembrar, mas é uma visão maravilhosa para levar para o submundo. Mas sim, Elowen — dou uma estocada forte —, se deixar, posso me aproximar por trás e deslizar o pau para dentro de você. No jardim, na biblioteca, na cozinha... Pelos infernos, eu interromperia uma reunião só para botá-la na minha mesa e abrir suas pernas.

Minha mão busca seu clitóris mais uma vez, curvando os dedos para cima para elevar seu prazer ao ápice. Ela ofega e se contorce no meu abraço, enterrando a cabeça no meu pescoço. Mas a forço a se afastar e deslizo a língua do seu ombro ao pescoço, mordendo aquele pedacinho que ela ama, logo abaixo da orelha. Ela se arqueia contra mim de novo enquanto chupo sua pele, querendo marcá-la.

— Mais uma vez, linda. Você está quase lá.

Ela se desfaz em um orgasmo, gritando meu nome e me arrastando junto com ela. Malditos deuses, *esta mulher*. Estou arruinado desde o dia em que a conheci, e irrevogavelmente amaldiçoado a cada vez que respiro. Ela nem precisa estar na minha presença, porque está na minha mente, me encantando como uma tentação, e quando penso nas lendas dos marinheiros que se jogavam às marés quando ouviam o canto de uma sereia, entendo o porquê. Eu seguiria Elowen a qualquer lugar, até para a morte.

Eu saio de dentro dela e a puxo para meu peito, passando as mãos pelos cachos bagunçados.

— Dorme, *mia sirantia*. Vou estar aqui quando você acordar.

— Eu te amo — ela murmura, passando o polegar pela aliança e apoiando a perna sobre a minha.

Suas piscadas ficam mais pesadas, e percorro cada centímetro dela com os dedos.

— Eu te amo mais do que você poderia imaginar — sussurro depois que ela adormece.

Estou bem acordado, e não pretendo pregar o olho, por não querer perder um segundo da sensação do coração de Elowen pulsando contra o meu.

Amanhã vou me tornar a pior versão de mim mesmo para lutar pelo nosso futuro.

Mas esta noite sou todo dela.

CAPÍTULO

SESSENTA E SEIS

Elowen

Finalizo a trança e a jogo sobre o ombro, deixando-a cair pelas costas. O emblema dourado da Casa Veles repousa no centro da minha testa em uma faixa simples. As mesmas facas que prendo nas pernas todos os dias descansam contra mim, e visto as peças de armadura preta sobre a túnica azul para proteção extra: uma placa de aço no peito; protetores de ombro, braço e coxa, todos desenhados com elementos dracônicos. As peças são mais finas que a armadura de um soldado de infantaria, para facilitar minha movimentação na sela, mas ainda assim são resistentes.

Lutei pela minha coroa, sangrei pelos meus reinos do passado, do presente e do futuro e vou conseguir minha vingança. Penso na masmorra, consigo sentir o cheiro do sangue acobreado se acumulando no chão, ouvir o tilintar de correntes e as provocações dos guardas do meu pai, sentir uma vara açoitando minha carne. Eu me forço a convocar a imagem dos meus dragões sendo arrastados para longe de mim, a sentir o ardor da garganta enquanto gritava.

Não vou parar até que a cidade enfrente uma enxurrada vermelha provocada por mim. A princesa da destruição pode renascer das cinzas como a rainha da salvação.

A lona da barraca se abre e Finnian se abaixa para entrar. Está usando uma armadura completa com o arco amarrado através do peito e uma espada na cintura.

— Os batedores relataram que o inimigo se mobilizou. Cayden convocou todos os

comandantes para uma reunião final de conselho antes do início da batalha.

Assinto, verificando as balestras para garantir que estejam carregadas corretamente, e jogo uma aljava de setas sobre o ombro. Ele segura a lona aberta para mim enquanto entrego minhas armas a uma soldado à espera.

— Prenda estas na sela de Venatrix. Já cuidei de todas as outras. — Deixo que ela veja meus olhos brilharem em dourado para reforçar quando envio o comando pelo vínculo. — Ordenei que ela deixe você se aproximar, então não precisa ter medo, mas não se demore.

— Sim, minha rainha.

A mulher faz uma mesura, sua armadura preta e azul reluzindo ao sol enquanto segue minhas ordens.

O acampamento é composto por uma série de barracas nas cores das casas das nossas forças aliadas: azul, vermelho e laranja. Finnian me leva até a maior estrutura, com três cúpulas no topo e, embora meus couros tenham forro de pele, o fogo que arde lá dentro é bem-vindo. O elmo de Cayden repousa sobre a mesa, assim como a espada que dei a ele no solstício de inverno, e sua armadura de obsidiana o torna de longe o homem mais imponente aqui.

Nossos generais abaixam a cabeça quando passo por eles e assumo meu lugar ao lado de Cayden no centro da longa mesa de madeira coberta por um mapa de Zinambra. A armadura prateada e as capas vermelhas usadas por Zarius e seus generais formam um contraste marcante com o dourado de Galakin.

— Você não vai estar com a frota? — pergunto a Zale, notando sua armadura pesada.

Combatentes navais preferem couros, para não afundarem como uma pedra se caírem na água.

— Vou liderar um batalhão em campo. Quero que Thirwen e Imirath vejam que seus inimigos estão unidos contra eles em todas as frentes — responde ele. — Mas minha frota está mobilizada. — Ele aponta para a ponta sul de Imirath. — Não há avistamentos de navios das Ilhas do Sul, e nosso objetivo é cercar a frota. Se fugirem para a costa...

— Vou queimá-los vivos. Vão ser alvos fáceis na praia — afirmo antes de me virar para Cayden. — Posso ordenar que dois dragões permaneçam com o exército.

— Não, você precisa utilizar toda a força deles para monitorar a maior extensão territorial possível. Não podemos arriscar que Garrick ou Fallon escapem num barco e busquem apoiadores em outro lugar. Essa guerra termina hoje.

— Precisamos marchar logo menos — afirma Ryder. — Não vai demorar para alcançarem a gente, e eles vão estar em vantagem se não chegarmos ao topo da colina.

— Partiremos em breve, mas vamos marchar até a base da colina em que já estamos — responde Cayden, e a tensão cresce dentro da barraca silenciosa enquanto os combatentes experientes trocam olhares.

— A base da colina? — questiona sor Rhys. — Desculpe, majestade, mas...

— Se moderar a língua, não será necessário se desculpar — interrompe Cayden.

Rhys se irrita.

— Sei que você tem experiência, mas ficar na base de uma colina é suicídio.

— Vamos seguir o plano de Cayden — intervém Zarius, e consigo disfarçar minha surpresa. — Ele é o guerreiro mais condecorado aqui, e não teria se tornado o demônio de Ravaryn criando planos fracassados.

Cayden inclina o queixo, e Zarius faz o mesmo. Algo desconhecido para mim é comunicado através do olhar deles. Mas ao que parece ninguém mais entendeu. Se não confiasse plenamente em Cayden para comandar as forças terrestres, eu o puxaria de lado e exigiria saber o que está pensando, mas mesmo antes de conhecê-lo já ouvia falar dele. Tem a mente tão letal quanto a espada.

— Seria ingenuidade da nossa parte acreditar que Imirath e Thirwen não têm tantos batedores monitorando nosso acampamento quanto temos no deles, e nem todo plano pode ser dito em voz alta — declaro. — Cayden não vai começar a batalha em desvantagem. Se existe algo em que podemos confiar, é na reputação dele.

Sor Rhys faz uma mesura, mas não diz nada enquanto as cornetas de batalha bradam ao longe, acompanhadas pelo som de milhares de botas e cascos martelando a terra.

— Garrick e Fallon não foram vistos com seus exércitos, e imagino que suas rainhas estejam com eles — diz Cayden para mim. — Faça o que for necessário para forçá-los a sair. Vou comandar um batalhão pra varrer o campo em busca de Nykeem e eliminá-lo. Estarei pronto para os governantes quando fugirem do castelo sob seu ataque.

Assinto antes de me virar para Zarius.

— Como eu disse, o destino dos governantes de Thirwen fica a seu critério.

— Ninguém marcha antes do meu comando — avisa Cayden. — Quem desobedecer será abatido por ordem minha. Garantam que seus soldados estejam cientes disso e comecem os preparativos.

Todos se afastam lentamente da mesa para cuidar de suas tarefas individuais, e os dragões guincham lá no alto. Seus olhos aguçados devem estar enxergando o inimigo. Primeiro me viro para Finnian, agora que estamos cinco de nós. Ele engole em seco enquanto olha para mim e avança para me envolver com os braços, apoiando uma das mãos na parte de trás da minha cabeça e a outra na minha cintura, curvando-se um pouco para compensar nossa diferença de altura quando eu fico na ponta dos pés.

— Nós sobrevivemos juntos — diz ele. — Hoje não é diferente.

Eu o abraço mais forte.

— Contra o mundo, Finny. Você e eu.

Ele pressiona a testa contra a minha, apertando minhas mãos enquanto pisca os olhos marejados.

— Sem mais palavras. Sem despedidas.

Levo a palma da mão ao seu rosto, deixando o amor em meus olhos dizer as palavras que nenhum de nós consegue expressar. Não acho que haja uma forma adequada de agradecer a alguém por amar você quando não se sentia merecedora de amor, por se tornar sua família quando não havia ninguém mais na sua vida e por ser seu lar quando você não sabia nem o que procurar em um.

— Prometo que vou deixar você me arrastar para todas as tavernas que encontrarmos quando a batalha terminar.

Suas sobrancelhas se franzem enquanto ele ri, e terminamos por aí. Não vou

conseguir montar um dragão se me deixar contemplar um mundo sem Finnian. Nós existimos a partir do quê e de quem amamos — isso preenche as fissuras provocadas pelo ódio e nos dá um motivo para atravessar os piores momentos. Mesmo quando você não encontra forças para viver por si mesmo, pode fazer isso por outra pessoa.

Ryder e Cayden são os menos emotivos, e talvez seja porque lutam lado a lado em todas as batalhas, ou talvez seja uma questão de experiência. Mas Saskia já precisou se despedir deles várias vezes, e está claro que está tendo dificuldade em controlar as emoções.

— Estou com você — diz Ryder.

— Vou estar à sua esquerda — responde Cayden, avançando para que ele e Ryder possam se cumprimentar, um segurando o antebraço do outro. — Rumo à batalha, irmão.

Ryder se vira para Finnian, oferecendo o mesmo gesto de despedida.

— Você vai ficar com os arqueiros no topo do penhasco?

— Até as fileiras ficarem misturadas demais; então entro na batalha.

— Ótimo. Você tem a melhor pontaria, depois pelo menos tenho uma chance ligeiramente menor de ser acertado por uma flecha perdida. — Ele suspira, parando na minha frente e apontando para o céu. — Você trate de infernizar esses desgraçados e impedir que um serpe estrague meu rostinho bonito.

— Tem minha palavra de que quando a batalha acabar você vai continuar tão bonito quanto neste momento.

— Eis um motivo para viver. — O sorriso dele se alarga, mas se abala quando ele vira para encarar Saskia, que o olha de baixo para cima com olhos marejados. — Nada disso.

Ela pisca mais rápido, os cílios escuros brilhando com as lágrimas que tenta conter enquanto lança os braços em torno do pescoço dele. Ryder aperta sua cintura, beijando-a na cabeça antes de soltá-la. Jogo meus braços em torno de Saskia em seguida, respirando seu aroma de jasmim antes de lançar um último olhar para o grupo de pessoas que passou a significar mais para mim do que eu seria capaz de imaginar.

— Vejo vocês em breve — digo enquanto Cayden entrelaça os dedos nos meus e me

conduz para fora da tenda.

Os soldados já começaram a formar suas fileiras, e uma mistura de estandartes das Casas Veles, Ilaria e a versão invertida de Liluria esvoaça no vento. Esperam pacientemente por seus líderes para conduzi-los ao campo de batalha, preparados para lutar, preparados para morrer.

Não costumo fazer discursos, mas solto a mão de Cayden e dou um passo à frente, sabendo que é minha última chance de me dirigir ao exército antes de alçar voo.

— Soldados de Vareveth — começo, erguendo a voz o suficiente para garantir que todos me ouçam. — Vocês são do reino dos dragões, e devem lutar como se o fogo que reside nas feras aladas vivesse dentro de vocês. Um dragão não se acovarda diante do aço, e nem vocês. — Eles batem as espadas nos escudos duas vezes. — Nasci na Casa Atarah, uma das mais antigas casas governantes de Ravaryn, mas no fim desta batalha os estandartes da Casa Veles serão hasteados na cidade. O nosso! — Os soldados batem o aço em uníssono novamente, erguendo as vozes em um clamor enquanto prossigo. — Para os aliados que vieram aqui se juntar à nossa luta, a lealdade de um dragão não é algo volátil. Se estão aqui hoje, podem ter certeza de que não vamos esquecer da bravura de vocês. Vão ajudar a libertar o povo de Imirath, meu povo de sangue, do domínio de Garrick Atarah. Quando o sol se pôr ao fim da tarde, vocês vão sair como os vencedores de um novo mundo ungido com o sangue desse tirano!

Os aplausos são ensurdecedores quando olho para Cayden, e ele toma minha mão para me conduzir pelas fileiras. Os soldados nos olham com respeito e adoração. Meu coração bate em sincronia com os tambores de guerra que fazem o chão vibrar enquanto os batalhões clamam por vingança, por retaliação, pela morte de seus inimigos.

Espero que meu pai possa ouvi-los de onde está escondido no castelo. Espero que esteja olhando para o céu com medo, só esperando que eu desça.

Vim pelo meu trono, e não vou parar até que a coroa de Imirath seja arrancada dele.

Atravessamos a linha de árvores, e a ansiedade aperta minha garganta. Posso mostrar uma face corajosa para os soldados, mas não para Cayden. Ele vai estar lá

embaixo no campo liderando o ataque, com as lâminas do inimigo voltadas para si. Sei que ele é forte. Sei que sobreviveu a incontáveis batalhas. Mas basta um segundo para que a vida mude e a tragédia se instaure.

— Por favor, não — sussurro com a voz embargada, olhando para as botas dele quando paramos ao lado de Venatrix. — Já dissemos tudo o que era preciso ontem à noite.

Não me importa que ele não saiba como nosso futuro vai ser, porque quero vivê-lo. Não vou deixar Garrick tirar mais alguém que amo. *Não posso deixar*.

— Só vou dizer isso uma vez. — Ele segura meu rosto entre as mãos para manter meu olhar preso ao seu. — Nada disso vale a pena se você não sair daquele campo de batalha. Não tenho a menor intenção de morrer, mas preciso que saiba que, se encontrar meu fim hoje, sepultura nenhuma vai me segurar e minha alma não encontrará descanso até estar com a sua de novo. Sempre vou encontrar um jeito de voltar pra você, mesmo na morte.

Não sei quem se move primeiro, mas no segundo seguinte meus braços estão no pescoço dele, e os dele estão na minha cintura, e nossos lábios se encontram. Ele me beija como se nunca mais fosse me ver, como se quisesse verter cada grama de seu amor e proteção para dentro de mim, para me manter segura.

Estou sem fôlego quando ele recua e se inclina para me dar mais um beijo rápido, como se não conseguisse se conter.

— Se não montar nos próximos trinta segundos, não garanto que não vou amarrar você numa árvore de novo.

Um meio-sorriso carregado de emoções demais se estende por meus lábios, e soltá-lo é uma das coisas mais difíceis que já precisei fazer. É como se algo estivesse se partindo entre nós quando desfaço o contato, me afastando antes que esteja pronta.

— Mostre a eles por que você é o demônio de Ravaryn — digo, olhando por cima do ombro com uma bota na asa de Venatrix. — Seja tão sanguinário quanto dizem os boatos; faça o que for preciso para sobreviver e voltar pra mim.

— Pode deixar comigo — responde ele enquanto me acomodo na sela de Venatrix,

observando quando prendo as correias. — E você precisa mostrar a eles quem é, El. Mostrar o quanto foram tolos ao fazer de você uma inimiga. Acabe com eles por isso. Você é a Rainha dos Dragões; é tudo que seu pai temia que fosse. Transforme o reinado dele em cinzas bem diante de seus olhos.

CAPÍTULO

SESSENTA E SETE

Cayden

Tum.

Tum.

Tum.

Tum.

O sol ilumina o cascalho e a terra que chovem do cume do terreno inclinado. Nossas montarias batem os cascos no chão; a maioria é veterana de batalha e sabe que estamos em desvantagem. Cornetas bradam, mais próximas agora, sinalizando para a cavalaria se preparar para o avanço. Estandartes exibindo os brasões da Casa Atarah e da Casa Liluria coroam o topo da colina, e uma longa fileira de soldados os segue.

Uma corneta brada novamente. Então, todas silenciam ao mesmo tempo. A fileira se estende até onde minha vista alcança. Dou uma cutucada nas ancas do meu cavalo, para Koa dar alguns passos à frente do meu exército. Os soldados ficam agitados ao meu redor, e não posso culpá-los — não sabem o que está acontecendo. Zarius se certificou disso.

— Manter posição! — ordeno.

Eu não podia arriscar revelar meu plano a ninguém além das seitas da água e do fogo, que ajudaram a concretizá-lo. Seus juramentos de sangue os proíbem de trair Elowen e a mim. Se as coisas fossem conduzidas por Ryder ou por mim, nossa ausência

teria sido notada, mas Zarius conseguiu encobrir os arredores enquanto as seitas trabalhavam.

— Arqueiros! — grito, dando o comando a Finnian.

— Municiar! — ordena Finnian quando o avanço começa. — Atirar!

Uma saraivada de flechas é disparada, perfurando vários cavalos e soldados inimigos. Vejo alguns sendo pisoteados pelo exército que avança, corpos engolidos em segundos. Desembainho a lâmina presa às minhas costas, mas a mantenho abaixada enquanto milhares de gritos de batalha preenchem o ar. Outra saraivada se segue ao comando de Finnian, eliminando vários outros quando os inimigos apontam suas lanças, avançando sobre nós com a promessa de morte em suas pontas afiadas.

— Parados! — grito.

Meus soldados não podem se mover ainda. Um único erro pode arruinar o plano.

Aproveito para observar as torres de obsidiana do castelo de Imirath cortando as nuvens. Comecei esta luta pela minha mãe e por mim mesmo, vingando duas mortes que aconteceram naquele dia, ainda que apenas uma alma tenha feito a travessia para o submundo. Ser a pior versão de mim mesmo foi necessário para sobreviver, para me trazer até este momento, quando um menino nascido sem nada pode desafiar um rei.

— Não lutem por mim, lutem por vocês mesmos, lutem por suas famílias e lutem por quem deixaram para trás e que vai sofrer se vocês caírem hoje! Não lutem por glória, lutem porque cada inimigo que eliminam é uma ameaça a menos. Eu não luto com vocês apenas como rei; luto com vocês como um marido vingando a esposa e como um filho vingando a mãe. Lutem com a indignação daqueles que foram pisoteados pelo peso desta guerra e pela corrupção de Garrick Atarah — grito acima da sinfonia da guerra enquanto o inimigo continua se aproximando. — Cavalguem com as espadas desembainhadas e levem a morte para quem desafiá-los! Sem misericórdia nem trégua, matem cada um dos malditos que se colocarem entre sua rainha e seu trono legítimo!

Centenas de galhos estalam, expondo a armadilha enquanto uma mistura de soldados de Imirath e Thirwen cai em uma caverna oculta por vários elementos do terreno: gravetos, neve, pedras, musgo e folhas. Com a velocidade que ganharam

descendo a colina, são incapazes de frear os cavalos. Os olhos deles se arregalam de medo enquanto puxam as rédeas com força, mas é em vão. Corpos e mais corpos se amontoam uns sobre os outros, desamparados e imóveis, se empilhando como tijolos.

Ophir e Asena ordenaram a suas seitas que cavassem o mais fundo que pudessem, ambos usando o domínio dos elementos a seu favor. Os magos da água puxaram a água de dentro da terra úmida para criar a trincheira curvada, e a colina atrás de nós impede o exército de nos cercar, mesmo que conseguissem saltar o vão. Os magos do fogo iam derretendo rochas e descongelando a terra sob as pontas dos dedos quanto mais fundo escavavam. Zarius utilizou sua magia de ilusão para mascarar todo o plano, mas não para encobrir a trincheira — não foi preciso.

Os magos a mesclaram perfeitamente com a terra ao redor.

Ergo a espada bem alto no ar quando a trincheira está cheia até a borda. Centenas de mortos do lado deles, e nenhuma baixa do nosso ainda.

— ATACAR!

CAPÍTULO

SESSENTA E OITO

Elowen

—*Zayèra!*

As chamas vermelhas de Venatrix cortam uma linha pela praia, engolfando os soldados inimigos que saem dos barcos a remo e tentam correr em direção à batalha. Nossas forças aliadas avançam pela maré, disparando canhões para empurrar Imirath e Thirwen de volta enquanto lutam por posicionamento. A fumaça sobe conforme patrulho a praia e o castelo nas nuvens e, apesar do dano considerável à marinha deles, os navios restantes ainda são numerosos e estão tripulados por marinheiros habilidosos. Solto a balestra de onde está presa na sela de Venatrix e comando que ela desça.

O vento uiva nos meus ouvidos, quase abafando o aviso de um soldado no convés.

— Dragão! Dragão se aproximando!

Seguro firme na sela, miro em uma mulher que comanda o canhão apontado para a popa da frota de Galakin e puxo o gatilho da balestra enquanto Venatrix rasga o convés com as garras, fundo o suficiente para fazer água jorrar para dentro do navio, empurrando-o para o fundo do mar.

Sua cauda se arrasta pela água, e ela a utiliza para se guiar pelos vãos estreitos entre os navios. As correias da minha sela se tensionam quando ela vira de cabeça para baixo, fazendo com que outra saraivada de flechas ricocheteie em suas escamas blindadas antes de endireitar nossa posição.

Olho por cima do ombro para garantir que estamos longe o suficiente da nossa frota para dar o comando.

— *Zayèra.*

As chamas se projetam e engolfam sete navios e quem quer que estivesse neles. O fogo de dragão não só queima os soldados — derrete a carne dos ossos, e só então os carboniza. Quando os dragões vão à guerra, tornam-se verdadeiros deuses. Os mortais e o aço não são nada diante do seu poder.

Sinos repicam atrás de mim, e olho para a frota de Vareveth. Eles estão em posição de vantagem, não deveriam estar pedindo socorro. Ordeno que Venatrix voe acima dos mastros para ter uma perspectiva melhor e pisco devagar enquanto olho para o horizonte repleto de velas roxas... mas não são os emblemas dos Atarah bordados nelas... é a lua crescente da Casa Vellgrave, a extinta casa que governava as Ilhas do Sul antes de serem conquistadas.

Aperto as mãos na sela.

É considerado traição içar esse emblema. Se fossem leais a Garrick, estariam navegando sob os estandartes de Atarah, mas não posso descartar a possibilidade de se tratar de uma armadilha. Não ouvimos nada sobre eles além da rebelião inicial, e o território é reivindicado por Garrick. Olho para a frota de Vareveth novamente, e a inquietação faz formigar as palmas das mãos. Nossa marinha vai ficar presa entre Imirath e a frota das Ilhas do Sul se não tiverem vindo lutar por nós.

— *Solka.* — Ordeno que Venatrix voe em direção a eles e convoco Sorin e Delmira para segui-la. Sobrevoamos nossa marinha e rapidamente ganhamos terreno sobre a frota que se aproxima. Venatrix ruge na ponta da formação triangular, mas a forço a não os queimar ainda, e nosso vínculo se tensiona. Ela se rebela contra o comando; misericórdia não é sua natureza. — *Lotas*, Venatrix.

Ela obedece ao comando dito em ravariano, que tem mais peso na mente dos dragões.

A bile me sobe pela garganta quando olho mais de perto e percebo que as proas de cada navio estão adornadas não por esculturas... mas por corpos. O sangue encharca a

armadura de soldados de Imirath e escorre pela proa de cada embarcação que se aproxima. Faço Venatrix descer, precisando de uma visão mais próxima antes de decidir se realmente estão aqui para lutar ao nosso lado.

As garras de Venatrix se cravam no convés do navio que lidera a frota, que quase tomba sob seu peso. Ela solta um rugido ensurdecedor, fazendo todos a bordo caírem de joelhos.

— Um movimento errado e queimarei todo mundo vivo.

— Viemos lutar pelo Rei Demônio e pela Rainha dos Dragões — choraminga um tripulante em desespero, e paro um pouco para examiná-los.

Todos a bordo estão em roupas comuns manchadas de sangue, parecendo mais pescadores do que uma força naval, mas são as compleições que revelam que são combatentes, bem como as cicatrizes.

— E se alguém mentir, será jogado à minha dragoa — afirmo. — Venatrix é uma fúria-sanguínea, anseia por sangue. Nem mesmo toda a tripulação será suficiente para saciar seu apetite.

A madeira range quando um homem se levanta de onde estava ajoelhado, e puxo a balestra e a aponto para o convés superior. Ele se detém e ergue as mãos enquanto se agacha desajeitadamente.

— O que meu soldado diz é verdade, majestade. Viemos ajudar nos seus esforços contra Garrick Atarah.

— Imagino que você seja o capitão.

— Sim, minha rainha.

Miro a seta no coração dele.

— Por que devo confiar em você? Não quero queimar ninguém, capitão, mas não posso deixá-lo se aproximar da minha frota se enxergar uma ameaça.

— Seu rei é um sulista.

— Por parte de pai — corrijo. — Ficamos sabendo da sua rebelião, mas o nome de Cayden não foi pronunciado quando clamaram por seu rei legítimo. Ele não tem nenhuma relação com a Casa Vellgrave.

— A Casa Vellgrave se foi, mas o rei Cayden Veles é o único governante que eu reconheço. Tem o sangue das Ilhas do Sul nas veias. Nobre ou plebeu, isso pouco importa pra nós. Estamos sofrendo há muito tempo sob o reinado de seu pai. Ele convocou os soldados que patrulhavam nossas terras para Zinambra, em preparação para a batalha, e nós nos rebelamos, sabendo que você e o rei Cayden estavam a caminho.

Parece bom demais para ser verdade, mas eu não só seria tola em executá-los como também não seria melhor do que o homem de quem eles querem tanto se libertar. O homem de quem eu tanto quero me libertar. Olho ao redor, para os navios que partiram das ilhas, e não há uma única arma apontada para mim, nenhuma flecha mirando minha garganta.

Eles navegaram até aqui pela liberdade, e por Cayden. Queria que ele pudesse testemunhar o povo da terra de seu pai o escolhendo de uma maneira que seu próprio pai nunca fez. Acho que meu marido pode aprender a amar sua terra natal, a honrar sua cultura, como Garrick se recusava a fazer.

— Se estão conosco, dividam seus navios e nos ajudem a cercar a península. Garrick e Fallon não podem escapar. — Não tenho tempo para ficar aqui conversando. Calithea e Basilius continuam monitorando a praia e incinerando quando necessário, mas preciso voltar a vigiar o castelo. — Se voltarem os canhões contra a minha frota, não viverão para ver o fim da batalha.

O homem pressiona um punho sobre o coração antes de colocar as duas mãos no leme.

— Pelo rei!

— Pelo rei! — ecoa a tripulação, e Venatrix bate as asas para se erguer do convés.

Voo acima deles, observando enquanto seus navios cortam a superfície. O fôlego escapa de mim quando a frota se divide em duas, seguindo minha ordem. As Ilhas do Sul realmente se rebelaram, e para se ajoelhar diante de Cayden. Agora são quatro reinos contra dois na água, apesar de o contingente de Thirwen ser baixíssimo. Um orgulho imenso me inunda. Pelos deuses, mal posso esperar para contar ao meu marido,

mas preciso me concentrar em sobreviver à batalha primeiro. Não vi nenhum sinal do meu pai ou do rei Fallon.

Eu me desprendo de Venatrix e salto para as costas de Sorin. Venatrix tem sede de sangue, então permanecer na praia vai saciar seu desejo. Entretanto, preciso estar no meu dragão mais veloz caso aviste Garrick. Deixamos a areia para trás e cruzamos para a cidade. Os cidadãos de Zinambra correm ao longo dos canais e das ruas estreitas, gritando sob as sombras das asas do meu dragão. Se escondem atrás de barris e fogem para lojas e casas... como se pedra e madeira pudessem protegê-los caso eu decidisse incendiar a cidade. Mas não vou me sentar em um trono cercada pelas cinzas dos inocentes. Quero apenas um cadáver aos meus pés hoje. Sorin pousa em uma construção, cravando as garras nas bordas do telhado enquanto ruge para o castelo.

Tudo parece igual ao que era quando estivemos aqui da última vez. Arandelas de dragão ainda ladeiam as ruas e as pontes de pedra curva que se estendem sobre os canais. As ilhas das baías ainda abrigam mansões, restaurantes e lojas extravagantes. As casas de pedra escura continuam encantadoras como sempre, mas há algo maculando a beleza da cidade: *o castelo*. Meu coração bate forte no peito enquanto o observo, e Sorin guincha de novo, sentindo minha inquietação crescente enquanto as lembranças me inundam. Meus lábios se curvam quando olho para as estátuas de dragão que ainda contornam a entrada. Pensei que Garrick as teria removido depois de ficar sabendo do nosso emblema, mas talvez seja por isso que as manteve onde estavam. Não queria parecer assustado.

E ainda assim se acovarda atrás das mesmas paredes que me prenderam, agarrando-se ao trono como a uma tábua de salvação conforme seus soldados tombam no campo de batalha. Nasci aqui, sangrei aqui, fugi daqui, mas não vou poder governar aqui enquanto Garrick viver. Não sou mais um fantasma, nem a princesa acorrentada. Sou Elowen Veles, a Rainha dos Dragões, e meu pai pode espalhar estátuas de pedra por todo o reino na esperança de projetar o poder deles sobre seu reinado, mas nunca vai montar um. Nunca será um só com as feras que são fogo revestido por carne.

Quero que ele me encare.

Quero que veja o monstro que criou.

Quero que me tema como um dia eu o temi.

Sorin salta do telhado, abrindo as asas e nos carregando para mais perto da estrutura que um dia foi apelidada de castelo impenetrável. Ele deveria ter previsto que um dia seu monstro voltaria para quebrar a jaula. Fugir não foi suficiente; nunca será. Enquanto eu viver, vou pensar neste lugar sem conseguir enxergar sua beleza. Tudo que vejo é morte, e quero que todos o vejam como eu.

Sorin segue planando em direção à entrada, inclinando as asas para subir até o topo de uma imponente torre de obsidiana. Estamos em cima do castelo, e Sorin estende completamente as asas enquanto guincha gritos sem fim. Sinto a agonia entranhada nesse som puxar e retorcer meu coração. Aperto as mãos na sela quando ele mergulha abruptamente e cospe chamas verdes pela torre, girando em torno dela. A estrutura desmorona e despenca enquanto ele continua sua busca destrutiva. Calithea se une a ele, passando as garras pela frente do castelo e rugindo pelas frestas que abre. Venatrix e Delmira permanecem na praia, mas o enorme corpo lavanda de Basilius desce sobre a ponte que leva à entrada principal, abrindo sulcos com as garras enquanto derrete as estátuas de dragão da entrada, quase tão altas quanto ele.

Mantenho o vínculo ativo, deixando a raiva e a dor deles me inundar enquanto queimam e dizimam nossa prisão. Garrick tentou tirar tudo de mim, de nós, mas cravei as garras no destino e o rasguei em pedaços. Minha raiva ficou em brasas dormentes por anos, e agora arde dentro de mim, escaldando tudo que cruza meu caminho.

— Venha me encarar, pai! — grito. — Viajei por todo o caminho até aqui; não vai vir cumprimentar sua filha?

Depois que todas as torres despencam, Sorin banha o telhado com chamas tão abrasadoras que sinto o calor pulsar contra minhas bochechas. A fumaça queima meus olhos, e a poeira flutua no ar enquanto, pedra por pedra, metade do teto desaba. Sorin crava as garras no beiral esfacelado, jogando a cabeça para trás e rugindo.

— VENHA ME ENFRENTAR, CARALHO!

Fico em pé nas costas de Sorin, mas tudo o que isso faz é me dar uma perspectiva

mais ampla das chamas verdes, prateadas e cor de lavanda. Com o castelo nesse estado, meu pai vai ser forçado a fugir. As torres tombam no fosso, e as muralhas em chamas caem a esmo, fazendo o que resta da estrutura balançar e oscilar sob o ataque incessante. Projeto o rosto de Garrick na minha mente e mantenho o vínculo aberto no peito enquanto volto a me sentar. Mesmo que escape aos meus olhos, ele nunca vai conseguir fugir dos dragões.

A cabeça de Sorin se volta para a esquerda, e o beiral colapsa em seu rastro enquanto disparamos em direção ao chão ao lado leste do castelo. Um riso insano borbulha na minha garganta quando percebo o motivo da sua pressa.

Enfim, Garrick Atarah está do lado de fora das preciosas muralhas de seu castelo.

Calithea irrompe por uma torre esfacelada, rugindo ao se juntar a nós, e ordeno a Basilius que ataque os serpes que agora voam em nossa direção. Os serpes são naturalmente menores que os dragões, mas comparados a Basilius parecem filhotinhos. Talvez meu pai achasse que poderia escapar para a cordilheira de Seren, como Cayden e eu fizemos uma vez, mas os sentidos de um dragão são aguçados demais para serem iludidos pelo homem.

Proteções mágicas em forma de uma pequena cúpula brilham no centro da irrisória comitiva real, deixando oito guardas de Thirwen e Imirath por conta própria. Não são eles que vim matar, mas talvez haja alguma verdade naquilo que se diz sobre estar no lugar errado na hora errada. Eles escolheram o próprio destino quando seguiram meu pai e os governantes de Thirwen para fora do castelo. Não fazem menção de fugir, é verdade, mas as espadas desembainhadas são patéticas enquanto Sorin desce sobre os guardas e carboniza a carne e a terra sob eles com chamas verdes.

Quando se dissipam, nada além de ossos calcinados cercam as proteções que ainda estão intactas. Ordeno a Sorin que pouse diante delas, e Calithea ocupa a retaguarda. Os dois posicionam as respectivas caudas para trancar os governantes e a maga dentro de um círculo de escamas verdes e prateadas. Estão gritando para a maga angustiada lá dentro, e sorrio ao encontrar os olhos escuros e apavorados do meu pai.

— *Zayèra.*

CAPÍTULO

SESSENTA E NOVE

Elowen

Chamas verdes e prateadas se chocam e se estendem acima das árvores, empurrando umas contra as outras, se misturando e se fundindo enquanto chovem faíscas pretas e brancas. Dentro do fogo, ouço a maga gritar sob o peso do poder dos meus dragões, tentando desesperadamente se manter firme. Sorin e Calithea continuam cuspindo fogo, mas em vez de permanecer montada em Sorin, deslizo por sua asa.

Esta luta é nossa — de todos nós.

Meu poder pulsa sob a pele e fecho os olhos, imaginando uma onda se formando, deixando-a começar como nada mais que uma crista na superfície e vendo-a se tornar um vagalhão forte o suficiente para tragar uma montanha.

Sou feita de fogo, e não o temo; eu me torno fogo.

Abro os olhos de novo, convocando as chamas de Sorin e de Calithea enquanto me posiciono entre os dois. Chamas prateadas se enrolam ao redor do meu braço esquerdo, e as verdes se curvam pelo direito, se acumulando nas minhas mãos. Encontro o olhar do meu pai através do fogo de dragão quando o vagalhão quebra na costa, despedaçando a terra sob sua força. Minhas mãos disparam para os lados antes de se chocarem como Zale fez no navio, e uma lâmina de chamas verdes e prateadas se forma entre as palmas.

Ela se projeta para a frente, e as proteções se despedaçam no que parecem ser mil

estilhaços de vidro. Meus dragões estendem as asas para me proteger, o tecido membranoso iluminado pela explosão, e não saem de posição até ter certeza de que não vou me queimar. Dou um passo adiante enquanto recolhem as asas lentamente, mantendo-as perto de mim enquanto Sorin rosna baixinho. Meus olhos brilham em dourado quando encaro o grupo de cinco pessoas espalhadas pela neve. Com uma mordida, Calithea arranca fora a cabeça da maga enquanto Sorin engole o corpo dela. Asena me disse que nem toda maga tem a capacidade de abrir portais, e duvido que essa tenha, caso contrário teria feito isso quando estava cercada por fogo, mas não posso correr o risco de que Garrick seja levado para longe.

A rainha Aveline de Thirwen se agarra ao rei Fallon no lugar onde desabaram, e uma mulher grita e soluça enquanto segura a capa de Garrick. *Ah, a nova esposa*. Ela não apresenta sinais de gravidez, mas não quer dizer que não esteja grávida.

— Não precisa se preocupar, milady — digo. — Não tenho a menor intenção de chamá-la mãe. Já tive uma dessas, e bom... digamos apenas que essa palavra é uma espécie de maldição vinda dos meus lábios.

— Não fale da sua mãe — protesta Garrick, as primeiras palavras que me dirige desde que fugi de Imirath há mais de uma década.

Sua voz faz os pelos da minha nuca se eriçarem e a bile revolver no estômago, mas não demonstro nenhum sinal externo de perturbação. Nunca mais vou deixá-lo pensar que tem algum poder sobre mim.

— Ou então o quê? — Embora esteja olhando para meu pai, eu o faço pelos olhos de uma órfã. Não vi seu cabelo escuro começar a embranquecer. Não notei quando as linhas do rosto se aprofundaram com o tempo. Pode ser meu genitor, mas não é meu pai. Ele se ergue a toda altura, o que não é lá muito impressionante, e sequer se dá ao trabalho de oferecer a mão para ajudar a esposa a se levantar. — Vejo que você continua encantador como sempre. — Dou uma risadinha. — Só pensei que fosse mais alto.

Desajeitadamente, os outros governantes conseguem se pôr em pé. Fallon mantém um braço protetor ao redor da esposa. Seus longos cabelos loiros estão colados no rosto, molhados pela neve, e os cabelos escuros dela também.

— O que vai fazer com os meus filhos? — pergunta a rainha Aveline, os olhos azuis arregalados observando os dragões alternadamente.

— O destino deles não sou eu quem decide. Esse dever cabe ao seu filho. — Olho para Fallon. — O príncipe Zarius. Herdeiro do trono de Thirwen. — Os lábios de Fallon se afastam em um rosnado, mas antes que tenha a chance de cuspir veneno, Calithea guincha para abafar sua voz. — Tenha modos, Fallon. Se me ameaçar ou ofender, meus dragões vão acabar com você.

— E você não vai? — questiona a mulher do meu pai, o tremor na voz evidente.

— Prefiro brincar com minhas presas.

As pedras do castelo continuam caindo ao nosso redor quando olho para meu pai de novo. Parece adequado que tanto ele quanto seu precioso castelo compartilhem o mesmo destino no mesmo dia. Dizem que os capitães afundam com seus navios, e meu pai vai assombrar para sempre os corredores dizimados e destruídos deste lugar.

Dou o comando para Calithea pelo vínculo, e todos recuam um passo quando meus olhos brilham em dourado novamente. Ela resiste, por não querer me deixar na presença do inimigo, mas mantenho a ordem. Esfrega o focinho em mim, e acaricio suas escamas sem tirar os olhos de Garrick.

Calithea fecha uma garra em torno de Fallon e Aveline, e outra em torno da esposa do meu pai, dando uma última olhada para mim antes de alçar voo para levá-los de volta ao nosso acampamento. Eles gritam e imploram por uma misericórdia que não vão receber de mim. Preciso que os soldados de Thirwen vejam que seu rei e sua rainha foram capturados, e que Imirath veja a mulher do meu pai. Isso vai se infiltrar em suas mentes e fermentar, e independentemente do estado da batalha, não terão por que lutar; eles entenderão que já perderam. As espadas vão ficar mais pesadas, os golpes, menos precisos, e por fim as lâminas vão escorregar de seus dedos conforme começam a travessia para o submundo.

Garrick arqueia uma sobrancelha, a primeira mudança em sua expressão fria desde que o vi.

— Você mandou uma dragoa embora.

Desembainho a lâmina da cintura.

— Nunca precisei de chamas para matá-lo. — Ele permanece imóvel e impávido, sem se mover para agarrar a lâmina presa às costas. Sua armadura imaculada me faz rir. — Que fantasia adorável, mas acho que está um pouco velho para brincar de cavaleiro. Desembainhe a espada.

As narinas dele se dilatam, mas ele obedece. O cabo da lâmina dourada está incrustado de ametistas roxas, e me pergunto se já chegou a usá-la.

— Fiz o que fiz pelo bem de Imirath.

— E no que essa decisão resultou pra você?

— A profecia se cumpriu — sibila ele. — Você destruiu a sede de nossa casa e se conspurcou com um bastardo.

— Sua casa — corrijo enquanto giro a lâmina. — Meu nome é Elowen Veles, e prefiro ser a rainha de um bastardo a ser filha de um rei que não conseguiu segurar um trono entregue de mão beijada. Mesmo agora Cayden está no campo de batalha, enquanto você se esgueira como um rato.

— Mas você *sempre* vai ser minha filha. — Cerro os dentes. — Sempre vai ser uma Atarah, qualquer que seja o seu nome. Seus herdeiros vão ser Atarah. Você nunca vai escapar do sangue que corre nas suas veias.

— Talvez não. — Aperto a mão no cabo. — Mas não deveria estar tão preocupado com o meu sangue, quando o seu logo estará cobrindo minha lâmina.

Não espero que ele avance e golpeio com minha espada. Ele projeta a dele à frente e o aço vibra, enviando pequenos choques por meus braços. Adoraria prolongar sua morte, fazê-la durar dias, mantê-lo em uma cela e obrigá-lo implorar, mas sua morte colocará fim à guerra. Não vale perder o sono nem a paz por ele. Não passa de um homenzinho patético com um jogo de pés precário. Está claro que nunca enfrentou alguém que soubesse usar uma espada. Ele se move como se estivesse se esquivando de um instrutor, não lutando pela própria sobrevivência.

Sorin rosna enquanto circulamos um ao outro, sem dúvida odiando ter Garrick tão perto de mim. Sorin sempre teve uma veia protetora na alma, mesmo antes de arrancar

o mindinho de Garrick; ela se manifestava sempre que meu pai estava por perto. Quando era um filhote, pousava no meu ombro e guinchava sem parar sempre que meu genitor estava presente. Ainda tenho as cicatrizes nos ombros das garrinhas se cravando na minha carne sem que ele se desse conta.

Volto a me movimentar antes que Garrick possa reagir, empregando toda a minha técnica e abrindo um talho em sua coxa. Ele grita entre dentes cerrados, mas consegue ficar em pé enquanto projeta a espada em minha direção. Eu me esquivo com facilidade e estalo a língua quando faço outro corte, dessa vez acima do peitoral da sua armadura.

— Se quer ser um filho da puta louco por guerra, pelo menos tenha a decência de praticar com a espada.

Ele avança outra vez, convocando alguma força de dentro de si, mas ainda não é páreo para mim.

— Você me odeia tanto, e ainda assim somos tão parecidos.

Arqueio as sobrancelhas.

— Sou muito mais bonita.

— Ouvi dizer que você matou Ailliard — diz ele, ofegante. — Eu teria feito o mesmo. Se alguém tentasse tirar minha coroa, eu teria partido para a guerra.

— Mas no fim só um de nós sabe como vencer uma guerra. — Eu o empurro de volta com nossas lâminas travadas e desfiro outro golpe, decepando o osso. A mão de quatro dedos cai no chão com um baque, enquanto seus gritos trovejam pela floresta, misturando-se com o som de meu riso entredentes. *Esse* é o homem que me acorrentou. *Esse* é o homem que ordenou minha tortura. — Onde está sua coragem? Desaparece quando não estou acorrentada? Agora não tem ninguém atrás de quem possa se esconder, Garrick. Ninguém para salvá-lo de mim.

Corto a outra mão fora e enfio o cabo da minha lâmina entre suas omoplatas, derrubando-o de cara na neve.

— Você é patético.

Ordeno a Sorin que envolva a garra em torno de Garrick e o levante no ar, apertando cada vez mais, até que ele sufoque e babe, implorando para ser solto. Saliva

escorre pelo queixo enquanto os olhos saltam da cabeça. Sorin afrouxa um pouco o aperto, apenas o suficiente para que encontre alívio, então volta a esmagá-lo.

Enquanto está suspenso, faço um talho sobre cada bota, acrescentando seus pés aos membros espalhados pelo chão.

— Só pra garantir que você não tenha esperança de escapar.

Sorin abaixa Garrick até ficar no nível dos meus olhos.

— Pode jogá-lo no chão.

O braço de Garrick estala com a força do impacto, o ferimento sendo agravado por ele ter caído no que pode ter sido uma parede do castelo. Ele grita, e vejo as lágrimas escorrerem pelo rosto. Assim como fiz com Robick, gravo essa imagem na memória. Esse é o homem que deveria ter me amado, e que em vez disso passou anos da minha vida me torturando e me caçando. Mandou homens para a minha cela para me arrebentar, e só interveio quando quiseram me violentar porque queria me leiloar no mercado de casamentos.

— Quero que saiba de uma coisa antes de morrer — digo. A cabeça de Sorin se estende acima da minha quando ele abre as asas de cada um dos meus lados. — Se tivesse sido diferente, eu nunca teria lutado contra meu próprio reino, mas a profecia se mostrou verdadeira. — Os olhos dele encontram os meus, vacilando entre mim e meu dragão, apavorado. — Sou a ruína da antiga Imirath, da sua Imirath, da Imirath dos Atarah, e vou trazer a salvação através do meu reinado. Eu teria vivido em paz, mas você começou uma guerra entre nós, e agora é hora de encerrá-la.

— Elowen...

— Não diga meu nome.

Ele está gorgolejando no próprio sangue, mas não é suficiente. Preciso machucá-lo mais.

Abaixo a lâmina e invoco o fogo que vive dentro de Sorin, convocando-o através das escamas. Uma teia de chamas verdes se estende entre nós e se tece ao redor dos meus dedos. Pressiono os dedos da mão livre nas cavidades das bochechas de Garrick e o forço a abrir a boca enquanto ele soluça, mantendo as chamas verdes acesas na outra

mão, ainda no seu campo de visão.

— Espero que ter feito de mim uma inimiga tenha valido a pena, pai. — Aperto mais a mão quando ele se contorce. — Você perdeu. Imirath é minha, e pertence à Casa Veles. Fico relutante em ensinar uma lição inestimável poucos momentos antes da sua morte, mas se for para ordenar uma execução, seja você mesmo a empunhar a espada. Caso contrário, pode se arriscar ao fracasso, e nada é melhor que o tempo para fazer o ódio fermentar.

— A profecia...

— Sabe o que acontece com um rato quando é queimado, pai? — Dou uma risadinha, interrompendo-o. — O mesmo que com qualquer outra coisa.

Cubro a sua boca, ordenando o fogo a crescer por dentro dele como trepadeiras. Ele se debate e grita enquanto forço o fogo a continuar a queimá-lo vivo. Inunda suas veias e ferve o sangue. A pele do rosto fica avermelhada e racha, veias arrebentam e formam bolhas conforme continuo infundindo meu poder nele até que esteja irreconhecível.

Seu gemido final pressiona minha palma e, com os olhos nos meus, Garrick Atarah morre dentro dos escombros do seu castelo.

Deixo seu corpo sem vida ir ao chão enquanto me ergo sobre ele.

Acabou, digo a mim mesma. *Ele está morto.*

É tão estranho olhar para meu pai agora. Quando era criança, costumava pensar que ele era o maior homem do mundo, uma força inabalável, mas o venci. Sobrevivi a ele. Achei que sentiria alívio, mas não. Acho que vai levar algum tempo até que eu consiga aceitar que Garrick não está mais vivo. Passei tanto tempo me protegendo dele que não sei o que é viver sem armadura.

Sorin tenta apoiar as garras em meu ombro, mas são tão altas quanto eu agora. Meus dragões estão seguros. Um pequeno sorriso curva meus lábios, e ergo a mão para acariciar as escamas do pulso dele.

— Você está grande demais para isso agora, docinho.

As chamas continuam a arder sobre o que resta do castelo, e o chão treme conforme mais pedras desmoronam. Certa vez, Cayden prometeu que me ajudaria a arrancar

tijolo por tijolo da fortaleza, mas o fogo de dragão devorou tudo que Garrick amava. Espero que a última visão com que o presenteei assombre a alma dele no submundo, pois foi uma cena saída diretamente de seus pesadelos: uma rainha retornando para assumir seu trono com um dragão às costas e outros no céu.

CAPÍTULO

SETENTA

Elowen

Desvio os olhos de Garrick e pressiono testa contra a de Sorin quando meu dragão abaixa a cabeça. O cheiro de carne carbonizada queima meu nariz e os olhos, mas me concentro na presença de Sorin enquanto as paredes que um dia nos aprisionaram desmoronam e o homem que ordenou tudo isso jaz destruído a nossos pés.

— Precisamos voltar para a batalha e acabar com isso de uma vez por todas — digo, e Sorin pressiona a cabeça ainda mais forte contra a minha antes que eu dê um beijo em seu focinho e suba pela asa.

Ele alça voo depois que me prendo na sela, erguendo-se acima das construções ao longo dos canais com o corpo de Garrick na garra traseira. Venatrix e Delmira continuam incendiando a praia, e sobrevoo os navios para garantir que saibam que seu rei caiu.

Basilius e Calithea lutam contra os serpes sobre o campo de batalha à distância, despedaçando-os e descartando os corpos encouraçados sobre as linhas inimigas. Sorin solta um guincho, lançando-se para trás, mas não rápido o suficiente quando um serpe salta do telhado bem abaixo dele e crava as mandíbulas ao redor de seu pescoço. O medo me inunda em um instante.

— Sorin!

Eu me solto da sela e desembainho uma faca antes de me lançar para a frente. A fera

se debate, e envolvo o pescoço de Sorin com um braço para não cair enquanto levanto a outra mão para cravar a faca no olho do serpe. O sangue borbulha e cobre minha pele enquanto repito o movimento até a criatura sentir dor demais para continuar se segurando. Ela grita ao se soltar, e embora sangue esteja cobrindo suas presas os ferimentos que provocou não são fundos o suficiente para matar Sorin.

Permaneço empoleirada em Sorin enquanto ele se lança para a frente e crava as presas no pescoço do serpe, do mesmo jeito como a fera o mordeu. Ele sacode a cabeça, decapitando a criatura, os ossos dela se partindo sob a força do meu dragão, e o corpo despenca no canal lá embaixo.

Examino os arredores em busca de outras ameaças, mas não consigo acalmar minha pulsação. O céu ao nosso redor pode estar vazio, mas as escamas de Sorin estão frias, e esfriando mais a cada segundo.

Tem alguma coisa errada.

As escamas de um dragão nunca ficam frias; estar perto deles é como se sentar diante de uma lareira crepitante.

— Está tudo bem, meu amor. — Passo as mãos pelo pescoço dele enquanto volto para a sela. — Está tudo bem.

Ele guincha e sacode a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse tentando se livrar de algo, mas não tem nada aqui. Grito seu nome enquanto perdemos altitude, e meu estômago vai parar na garganta até que ele se recupere. Meu coração bate com tanta força que consigo sentir pulsação na ponta dos dedos. Ainda estamos em território inimigo, e voando baixo demais. Sorin corta para a esquerda no último segundo possível para evitar a colisão com uma construção e continua sacudindo a cabeça ao ganhar altitude novamente.

Tem alguma coisa muito, *muito* errada.

Grito ao mesmo tempo que Sorin e levo a mão ao peito. Parece que alguém está tentando cortar nosso vínculo. Ele é puxado, torcido e retorcido, mas quem quer que esteja fazendo isso amplifica a magia, e a dor se transforma em milhares de lâminas esfaqueando essa força inquebrantável. Ofego em busca de ar enquanto Sorin vacila de

novo, tomada demais pela minha dor para sentir medo. Eu não sentia isso desde que meu pai havia contratado um mago para tentar romper o vínculo entre mim e meus dragões — o dia em que minha mãe morreu, após o feitiço ricochetear. Ailliard me libertou das masmorras depois disso. Não consigo imaginar o quanto a tortura teria piorado depois que a rainha foi morta.

Não me lembro da minha mãe antes do encarceramento. O único detalhe sobre ela de que consigo me recordar era que ficava em silêncio, olhando para a parede, ao lado do meu pai conforme eu era torturada diante do trono. Nunca veio até a minha cela no meio da noite para me entregar comida enquanto o rei estava dormindo. Sequer tentou correr quando os dragões começaram a cuspir fogo. Às vezes, acho que ela queria morrer.

O vínculo se retorce de novo, e Sorin guincha. Esfrego o peito para tentar aliviar a dor latejante, mas até respirar fundo machuca. Eu me forço a me debruçar para a frente, mas é tarde. Uma flecha que eu estava distraída demais para notar consegue roçar minha orelha, mas o que me preocupa não são as gotículas escorregando pelo ombro — é o fato de Sorin não ter visto. Ele jamais deixaria nada me machucar, me protege desde que eu era criança.

O mago que meu pai contratara para romper o vínculo era de Thirwen. Não me lembro de seu rosto, mas lembro disso.

Ah, deuses.

E se fosse o mago que quase matou Cayden? Olho para meus braços, apesar de estarem cobertos, mas as marcas que se enrolam neles são a prova do que fiz após a bomba de Nykeem.

Você vai enganar a morte, e sempre existe um preço a ser pago, a voz de Sage entra na minha mente enquanto Sorin grita de novo.

Não.

Não.

Ah, deuses, mas faz sentido. Cayden é o homem mais protetor, e Sorin é o dragão mais protetor. Sage falou sobre equilíbrio. Salvei um protetor apenas para perder outro.

Sorin não.

Sorin não pode ser o preço.

Não vou deixar ninguém tirá-lo de mim.

— Estou com você, docinho, só aguente firme — consigo dizer através da dor, focando todo o meu poder no vínculo, tentando arrancá-lo de quem quer que esteja brincando com ele. Um serpe com o primeiro ginete que vejo nesta batalha mira direto em nós. — *Zayèra!*

Fogo de dragão jorra de Sorin, mas sua força é bloqueada pelo mesmo tipo de proteção que protegeu Garrick ao fugir do castelo. Pego minha balestra e disparo, mas o escudo se levanta de novo. Não quero me arriscar a convocar o fogo de dragão eu mesma agora, sabendo que Sorin precisa que eu mantenha o vínculo, e não consigo fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Minha mão aperta a sela enquanto ganhamos velocidade, e quando chegamos perto o suficiente minhas suspeitas são confirmadas.

Em cima do serpe está Nykeem. Lembro-me de ter visto seu rosto através das proteções, e o horror que recobriu suas feições enquanto as derretia. Cada vez que lutei contra um serpe e seu ginete, o cavaleiro tinha os olhos brancos como os meus quando me infiltro na mente dos dragões, mas Nykeem está totalmente consciente.

As chamas não vão funcionar aqui. Sorin precisa atacar. Ordeno que descarte o corpo de Garrick, e o monarca do reino conquistado cai em uma cova aquática e sem identificação. Minha balestra não vai ter muita utilidade, então a prendo à sela e aperto a correia ao redor da minha cintura.

— *Vetàs.*

As garras dianteiras de Sorin se lançam para a frente, rasgando o escudo enquanto ele sopra mais fogo. Suas garras traseiras travam com as do serpe, imobilizando-o, já que só tem duas pernas. O serpe morde Sorin, usando a única defesa que lhe resta, mas Sorin arrasta suas outras garras pelo peito e a barriga da criatura enquanto desabamos. Nem o mago nem eu conseguimos pegar nossas armas durante a queda livre.

A dor no meu peito diminui, e as escamas de Sorin começam a esquentar em meio à distração de Nykeem. Expulso o domínio dele de nós. Sorin solta as garras do serpe e o

lança ao chão antes de alçar voo de novo, mas Nykeem não está com o cadáver da criatura quando olho para baixo. Sinto a cabeça latejar de dor como sequela da manipulação e convoco Calithea quando outro serpe voa na nossa direção sem um ginete. Ainda tem alguma coisa errada com Sorin, e não vejo Nykeem em lugar algum. Preciso levar Sorin para o chão, atrás das nossas linhas. A batalha não está distante, mas é impossível avistar alguém que amo dessa altitude.

Uma dor me atravessa o peito outra vez, e olho para baixo para garantir que não fui ferida. Não vejo nada. Está ardendo como se alguém estivesse pressionando um ferro em brasa diretamente nas minhas costelas. Sorin grita comigo, seu voo se desestabiliza, e meu estômago vai parar na boca quando ele despenca com um solavanco. Meu dragão sacode a cabeça de novo, guinchando como se estivesse com mais dor que eu, e suas escamas estão *congelando*.

Calithea está longe demais para eu esperar. Sei que caí em uma armadilha, mas não posso perder Sorin. Se entrar na mente dele, não vou conseguir me defender, mas sei que é a única forma de ajudá-lo a combater esse ataque. A magia de Thirwen tem raízes no controle mental e na manipulação, e eles frequentemente se infiltram na mente dos seus familiares animais. Meu dragão não vai pagar o preço pela salvação de Cayden — eu vou fazer isso, custe o que custar.

Olho para a minha aliança de casamento e deslizo o polegar sobre a pedra antes de pressioná-la nos lábios. Sorin guincha de novo, e não aguento mais. Sorin jamais me abandonaria, e não vou abandoná-lo. Se ele despencar até a morte, vai me levar junto.

— Estou aqui com você, docinho — digo suavemente, e Sorin *choraminga*. — Estou bem aqui.

Lanço um último olhar para a batalha, ainda a alguns metros de distância, e deixo o mundo ao meu redor desvanecer. Sigo a ponte entre nossas mentes, que parece uma floresta feita de labaredas verde-esmeralda. O que a mente de Basilius tinha de tranquila a de Sorin tem de caótica, ainda mais pela presença indesejada que se alastra como uma onda de podridão, fazendo o verde vibrante murchar enquanto Nykeem tenta dominar a mente dele sufocando sua alma.

Envio uma onda de poder e luz para combater a escuridão que tenta engolfá-lo. Nykeem não é páreo para o nosso vínculo, agora que me impregnei completamente em Sorin e posso expulsá-lo. As cores das minhas marcas preenchem o espaço — prateado, dourado, lavanda e azul — e protegem as labaredas verdes que me envolvem. Sorin sempre me protegeu com unhas e dentes, e não vou deixá-lo sozinho. Corto as teias negras, forçando o mago a recuar nessa batalha que ninguém mais consegue ver.

Algo me puxa e tenta me expulsar à força, mas não é Nykeem. É algo que vai além da mente de Sorin. Não sei o que é, nem me importo. Fico por lá até que nenhum rastro do intruso permaneça e o fortaleço com um escudo próprio para impedir que mais alguém entre. Vou ter que fazer o mesmo com os outros dragões assim que a batalha acabar — e depois que eu matar esse mago dos infernos.

Eu me desembaraço de Sorin ao recuar para a minha própria mente, mas o mundo se precipita ao meu redor quando recupero a visão. O vento chicoteia meu cabelo enquanto Sorin voa *na minha direção*. As correias rompidas da minha sela esvoaçam ao redor da minha cintura. O chão logo vem ao meu encontro conforme despenco para o campo de batalha. O sangue jorra do pescoço de Sorin pelas feridas das perfurações anteriores, e flechas se projetam de suas asas. Ele é o dragão mais rápido e, se não conseguir me alcançar, nenhum deles vai. Sorin guincha de dor e pânico enquanto abro os braços e mantenho meus olhos presos aos dele.

Está tudo bem, digo pelo vínculo. *Eu te amo. Não importa o que aconteça.*

Ele guincha de novo enquanto sua garra me envolve, e solto um grito. Sinto o peito e as costas latejarem de dor quando ele me abraça contra o corpo, e caímos juntos do céu.

CAPÍTULO

SETENTA E UM

Cayden

Não.

Não.

Elowen nunca caiu antes, mas agora está caindo. Ela tomba pelo ar com a mão estendida em direção a Sorin, que voa mais rápido do que nunca, com flechas espetadas nas asas. Os outros dragões voam em direção a ela, mas estão longe demais para alcançá-la antes que toque o chão. As correias rasgadas da sela pendem em pedaços ao redor de sua cintura. Não sei o que aconteceu. Em um momento ela estava voando de volta com Sorin, e no seguinte estava caindo.

A escuridão ruge sob minha pele enquanto vejo a mulher que amo despencar para a morte. Preciso alcançá-la. Preciso ajudá-la. Sorin estende a pata e consegue envolver suas garras ao redor dela, mas estão próximos demais do chão. Ele envolve o corpo de Elowen e nivela as asas, mas tudo que consegue é desacelerá-los antes que se choquem contra os galhos das árvores da floresta ao lado do campo de batalha.

Um grito de guerra me sobe pela garganta, e uma névoa vermelha cobre minha visão. Vou brandindo a lâminas, lutando sem precisão ou misericórdia, e deixo um rastro de carnificina atrás de mim. Avanço pelas fileiras, abrindo caminho até as árvores em um frenesi violento. Posso enfrentar o exército inteiro com as mãos nuas. Posso despedaçá-los membro a membro e deixá-los se arrastando na lama.

O desespero acende o fogo dentro de mim, e uma raiva como nenhuma outra sopra para avivá-lo. Vou partir este mundo ao meio antes de deixar que alguém a tire de mim.

Irrompo para o outro lado, e meu peito coberto de sangue arfa enquanto embainho uma das lâminas nas costas, mantendo a outra na mão ao correr para o bosque. Ordenei ao general Gryffin que montasse Koa quando foi ferido, e agora me arrependo profundamente da decisão.

— Elowen! — grito. — ELOWEN!

Sorin ronrona, e sigo o som, disparando por cima das pedras e saltando sobre árvores caídas. Vapor sobe das poças de sangue de Sorin ao longo do chão da floresta, derretendo a neve. Elowen está deitada ao lado dele, passando uma mão trêmula por suas escamas.

— Meu bebê — ela murmura. — Está tudo bem, meu bebê.

Sorin não está mortalmente ferido, apesar das flechas cravadas em suas asas e perfurações no pescoço, mas Elowen...

— CURANDEIRO! — grito por cima do ombro, arrancando o elmo e as manoplas.

— Cayden — diz Elowen com a voz rouca e sangue escorrendo do canto dos lábios conforme se vira para me olhar.

Meu peito se aperta ainda mais. Ela está pálida. Porra, está pálida demais e, pelo amor dos deuses, suas mãos estão cobertas pelo próprio sangue.

— Oi, meu amor.

Caio de joelhos ao lado dela, o estômago revirando quando vejo as três flechas de metal verde-brilhante cravadas em suas costelas. Arrancá-las poderia machucá-la ainda mais, mas o veneno... *ah, deuses*.

— Garrick está morto, mas acho que não matei Nykeem. — Ela faz uma careta de dor. — Os olhos dele não estavam brancos quando o vi, então acho que outro mago estava controlado o serpe dele.

Não me importo. Nada mais me importa.

— Estou tão orgulhoso de você — digo suavemente, tomando-a nos braços. Ela geme com fraqueza e acomoda a cabeça no meu braço. — Vou buscar ajuda. Só precisa

aguentar firme até a gente conseguir voltar para o acampamento, está bem? Você vai ficar bem.

— Cayden. — Ela repete meu nome, piscando através da névoa que cobre seus olhos. — Eu sou uma curandeira. Sei quando um ferimento não tem cura, mesmo que não houvesse veneno envolvido.

Tento levantá-la, mas ela grita, e caio de joelhos de novo.

— Me desculpe, minha querida. Não quero machucá-la. — Eu me viro de novo por cima do ombro. — VOU MATAR TODOS OS CURANDEIROS QUE RESTAREM SE ALGUÉM NÃO APARECER AQUI AGORA MESMO!

— Cayden...

— Você vai ficar bem — eu me apresso a dizer. — Vai ficar bem. Pare de falar comigo como se fosse morrer.

Não consigo imaginar um mundo sem ela. Elowen é meu mundo. As batidas do seu coração são a única coisa que mantém meu mundo girando. Aperto suas mãos, sentindo a pulsação e beijando sua testa quando uma curandeira chega à floresta e se ajoelha do outro lado de Elowen.

— Precisei salvar Sorin — sussurra ela. — Não podia deixá-lo morrer. Não podia abandoná-lo. Eu... — ela inspira com dificuldade — sinto muito, muito mesmo.

Balanço negativamente a cabeça, falando com a garganta apertada.

— Não precisa se desculpar.

Estou sendo o mais delicado possível, mas as emoções fervilham dentro de mim. Eu me sinto impotente vendo uma maga da seita do fogo pressionar as mãos brilhantes em Elowen, mas a luz delas ficam sumindo e tremulando, sem conseguir remover as flechas.

Por favor, não a levem, rezo. *Por favor, não a tirem de mim. Sei que ela é boa demais para este mundo, mas deixem ela ficar.*

— Por que sua magia não está funcionando? — rosno.

— Nykeem fez as flechas, e não consigo curar um veneno que não consigo identificar — resmunga a mulher com os olhos marejados voltados para Elowen. — E não tenho como remover as flechas sem matá-la.

— Então encontre alguém que consiga, porra!

Então a curandeira me olha, os olhos tão cheios de horror que já sei o que está por vir antes mesmo que ela diga.

— Não há quem consiga.

— Faça um portal para a maga que me curou. Farei o mesmo ritual.

— Pode ir — sussurra Elowen, inclinando a cabeça na direção da maga enquanto os outros quatro dragões nos cercam, chamando por sua ginete.

— Não ouse dar um único passo. Cure a minha esposa. — Eu a pressiono junto a mim, sem mover as flechas. — FAÇA ALGUMA COISA! Por favor, posso dar o que for, você vai ter minha gratidão eterna, só precisa curá-la.

— Quem me dera poder fazer isso. — Lágrimas escorrem pelo rosto dela enquanto segura o ombro de Elowen. — Eu sinto muito, de verdade.

— Não tem nada que ela possa fazer. — Elowen engasga, e a maga foge quando me volto para ela, empurrando uma mecha de cabelos para trás da orelha. — E o vínculo de alma só pode ser usado uma vez.

— Mande Nyrinn e Zale aqui — grito para a maga em retirada. A frustração é evidente na minha voz. — Por que você desperdiçaria isso comigo?

Ela me dá um sorriso frouxo, e mais sangue escorre pelo canto dos lábios. *Não. Não. Merda.* Isso precisa parar.

— Salvar você nunca poderia ser um desperdício.

— Você não me salvou. Se morrer, terá sido tudo em vão. Não posso ficar neste mundo sem você.

— Zale não consegue curar o veneno — sussurra ela. — Só cura o que consegue identificar.

Por entre dentes, grito como um animal ferido, colocando-a no chão com delicadeza para desembainhar uma faca da coxa. Por mais que me odeie por machucá-la, corto as palmas das mãos dela e faço o mesmo com as minhas, sem nem sentir o toque do aço. Junto nossas mãos como ela fez antes de realizar o ritual, mas nada acontece. Não há nenhuma força unindo nossa carne.

— Não vai funcionar — diz ela, suavemente.

— El, meu amor. — As lágrimas começam a escorrer por meu rosto. Nem achava que ainda era capaz de chorar. — Por favor, não me deixe.

— Você se lembra do que disse no nosso casamento? Vou esperar por você em todas as minhas vidas, Cayden Veles. Vou encontrá-lo de novo, e vou te amar de novo.

— Não, não vai. — A torrente de lágrimas aumenta, caindo no rosto dela com rios de tristeza enquanto a embalo nos braços de novo. — Não vou ter tanta sorte de novo, então você precisa ficar aqui comigo. — Ela dá uma risada, mas é um som fraco e forçado, completamente errado. — Vamos ter nosso futuro juntos como dissemos ontem à noite. Vou te encher de vestidos, doces e livros, e vamos viver dias entediantes juntos.

Ela assente, os cantos dos lábios se erguendo enquanto as sobrancelhas se franzem.

— Continue falando.

— Podemos ter uma cabana nas montanhas, com o mar só pra nós dois. Sei como você fica quando está rodeada de pessoas, então podemos ir até lá pra fugir da corte. Vamos ser felizes, só nós dois, e se um dia decidir que quer ter filhos, vou me esforçar para ser bom pra eles e fazer o que é certo, mas preciso de pelo menos uma década com você antes que mais alguém possa entrar no quadro. Vou te dar tudo o que quiser, anjo, só precisa ficar comigo. Não me importa como vai ser a minha vida, desde que você esteja nela. É tudo de que preciso.

A vida está se esvaindo dessa mulher que sempre foi tão cheia dela, e ela me olha fixamente como se estrelas brilhassem em seus olhos.

— Sei que se acha indigno de mim, mas preciso que saiba que nunca poderia amar ninguém da forma como te amo.

Nyrinn corre por entre as árvores com Braxton e outro soldado ao lado. O general cai de joelhos quando vê a rainha ferida nos meus braços, removendo o elmo para segurá-lo contra o peito.

O outro soldado faz o mesmo, mas é diferente para Braxton. Ele foi o primeiro a se apresentar e fazer um juramento a Elowen depois que ela foi atacada em Ladislava. Foi

o único soldado que tomou a iniciativa de rejeitar a forma como Ailliard a tratava. Braxton nunca teve filhos e, embora minha esposa seja uma mulher adulta, acho que protegê-la preencheu alguma parte dele.

Elowen continua falando mesmo depois que Nyrinn se ajoelha ao lado dela, mantendo os olhos nos meus.

— Nunca duvide de que quis tudo com você. Teria passado a vida toda provando que é digno em todos os aspectos que acha que não é.

Seguro o rosto dela entre as mãos, beijando sua testa de novo.

— *Shh*, meu amor. Poupe seu fôlego.

Vamos ter tudo.

Vamos ter tudo o que precisamos.

Nyrinn faz o possível para manter a emoção longe do rosto, mas suas mãos trêmulas entregam tudo.

— O que foi que aprontou dessa vez, minha menina? — pergunta ela, gentilmente.

— Pelo menos estou longe dos seus pisos bonitos.

Nyrinn oferece um sorriso tenso, posicionando as mãos ao redor da primeira flecha e me olhando com uma expressão torturada.

— Temos que tentar.

Mordo a língua, sabendo que isso vai ser uma agonia para Elowen, mas não posso deixá-la morrer. Não sei onde está Zale, sequer se está vivo. Nyrinn puxa alguns panos da mochila, e encosto Elowen na bochecha de Sorin. Minha amada olha ao redor para todos os seus dragões, os olhos brilhando em dourado enquanto seus lábios tremem e ela inspira uma respiração trepidante.

— Para de se despedir — ordeno.

— Tenho que me despedir.

Pego o pano de Nyrinn, enrolando bem firme e pressionando o braço sobre o peito de Elowen para impedi-la de se debater.

— Preciso fazer isso o mais rápido possível — avisa Nyrinn. — Cayden vai pressionar o pano para tentar estancar o sangramento, mas precisamos tirar essas flechas do seu

corpo.

— Humm — murmura Elowen, as piscadas ficando mais lentas, assim como sua pulsação.

Nyrinn inspira fundo, colocando as duas mãos ao redor de uma das flechas. Pressiono os lábios na têmpora de Elowen, murmurando contra ela:

— Estou aqui com você, anjo. É minha vez de curá-la, e logo você vai estar me atormentando de novo.

— Diz pro Finnian que eu o amo — pede ela.

Nyrinn arranca a flecha de uma vez, e Elowen grita através do sangue que borbulha em sua garganta, escorrendo pelo queixo. Pressiono o pano contra o ferimento aberto, mas tem muito sangue. Sangue demais.

O líquido espesso cobre minhas mãos até não conseguir mais ver a pele.

Os dragões guincham, e seus gritos se misturam à agonia dela.

— Sinto muito, meu amor. Só aguente um pouco mais.

— ELOWEN! — berra Finnian, correndo pela linha das árvores. Ele joga o elmo para o lado junto do arco, quase tropeçando em si mesmo na pressa de chegar mais perto da melhor amiga. Desmorona ao lado de Nyrinn, as lágrimas correndo pelo rosto sujo de sangue. — O que aconteceu? Por que ninguém está usando magia para curá-la? ZALE! — grita ele, desesperadamente. — ZALE!

— Fi... — ela engasga — nny.

— Estou aqui, querida. — Ele olha para Nyrinn, que se prepara para puxar a segunda flecha. — Que diabos você está fazendo?

— Não podemos deixar isso dentro dela!

— Tem sangue demais!

A cabeça de Elowen pende nas escamas de Sorin, e a levanto, cravando o olhar em suas íris enevoadas.

— Eu — ela engasga em mais sangue — a-amo...

Suas palavras se perdem e seus olhos ficam opacos. Ela não está mais me olhando. Não. *Não*.

— Elowen. — Bato a mão em seu rosto. — ELOWEN!

As lágrimas continuam a escorrer dos meus olhos, mas não me movo para enxugá-las enquanto a pego nos braços de novo. Elowen odeia quando a solto durante a noite, mesmo que seja por apenas alguns momentos. Ela me disse que é a única hora em que se sente segura o suficiente para descansar.

— Volte — imploro, minha voz rouca de tanto gritar.

Finnian grita e soca o chão, xingando cada deus que a tirou deste mundo. Os dragões uivam com agudeza, destruindo a floresta e a banhando em chamas enquanto alçam voo para circular ao redor de sua ginete. A mulher cuja alma os chamou e os trouxe ao mundo. É como se estivessem gritando na esperança de que Elowen os encontre de novo para remediar sua dor, como sempre fez. Sorin cutuca a perna dela, implorando que acorde. Ele toca a mão dela, tentando apoiá-la no focinho, mas ela cai.

— Vamos, El. — Embalo seu corpo de um lado para o outro. — Me mostre esses olhos lindos, anjo. Por favor. Não me deixe.

Ela não se mexe, os olhos vazios voltados para os céus em que estava voando até pouco tempo.

— Respire, meu amor, por favor, respire. — Dou umas palmadinhas na bochecha dela e a balanço nos braços. — ELOWEN!

Não é possível que ela tenha partido.

Isso não pode ser real.

Pressiono a cabeça contra o peito dela, coberto de sangue, mas não há batimentos.

Garras rasgam meu coração e meus pulmões. Porra, não consigo respirar. Tudo em mim dói. Achei que sabia o que era estar com raiva antes, mas não é nada comparado a isso. Nunca conheci a dor até este momento. Não consigo suportar o que quer que isso seja. Não vou sobreviver, e qual seria o sentido, afinal?

Estávamos tão perto da vida que queríamos. Ela estava prestes a conquistar a vida que merecia... e simplesmente se foi. Tudo o que havia de bom dentro de mim foi levado junto com ela.

Jogo a cabeça para trás e grito. O chão treme embaixo de mim enquanto a fúria

gélida continua a me consumir. Não é quente, como se poderia imaginar — é fria como a morte. Minha agonia desperta algo em mim, desperta algo no mundo ao meu redor e cada sombra na floresta se move para se juntar a mim. Elas se enrolam nos meus braços como serpentes e prendem o corpo de Elowen ao meu, como se a escuridão do mundo se agarrasse à luz que se dissipa.

Meu poder nasceu do sofrimento e foi forjado na raiva. Elowen estava certa, e nem está aqui para ver. No fundo da minha mente, consigo ouvir sua risada triunfal, mas está tão distante. Perdi tudo, e agora quero tomar todo o resto. Não me resta nada, nem um fragmento de humanidade ou felicidade, e a escuridão preenche a casca vazia do meu cadáver vivo.

Nykeem fez isso.

Ele a tirou de mim, e nenhuma proteção vai salvá-lo da minha ira.

Não existe um canto deste mundo onde possa se encolher, porque vou estar à espreita em cada sombra, pronto para atacar.

Elowen não precisa que eu a segure agora; precisa que eu a vingue.

Beijo a testa de Elowen mais uma vez, sussurrando meu voto contra sua pele.

— Vou despedaçar o mundo por você, meu amor.

CAPÍTULO

SETENTA E DOIS

Cayden

Desembainho as lâminas de novo enquanto as sombras criam uma parede às minhas costas e circulam o aço, saindo da linha das árvores como uma mera casca do homem que entrou ali. Morri junto com minha esposa, e tudo que resta é a necessidade de vingança. Como fez no nosso casamento, a lua engole o sol e mergulha o mundo em escuridão. Talvez até o céu chore por Elowen, sabendo que ela nunca mais vai montar seus dragões e voar através dele. Sua risada nunca mais vai acariciar a lua. Seu sorriso nunca mais vai ser iluminado pelas estrelas.

Elowen levou tudo o que me tornava humano quando sua alma deixou o corpo, criando um vazio para o poder preencher. Sinto tudo, a água na terra e nos corpos dos soldados ao meu redor. Enxergo a escuridão dentro deles, e quero matar todos.

Não só anseio pela morte.

Eu me tornei a própria morte.

Vou brandindo a espada pelo ar, uma lâmina de sombras que corta um batalhão ao meio. Minhas botas afundam em entranhas ensanguentadas enquanto continuo avançando. Alguém grita meu nome, mas não pertence mais a mim. Nada pertence, exceto esse poder. Ergo as mãos, convocando a água dentro das camadas da terra e a transformando em pontas afiadas. Escuto os gritos aterrorizados dos que estão do lado errado da guerra, e deixo os estilhaços pairando no ar por vários segundos, saboreando o

som antes de projetar as mãos para a frente.

Estilhaços de gelo perfuram gargantas, olhos, pernas e armaduras. A morte paira pesada no ar, um cheiro satisfatório.

Vejo o mundo desmoronar pelas frestas do meu elmo. As dragoas voam de volta para o castelo, mas os machos permanecem para guardar Elowen. Mesmo na morte, jamais vão abandoná-la. Elas queimam e despedaçam o que sobrou das pedras até nem o contorno da estrutura restar.

A vingança de Elowen é executada por aqueles que não vão deixar que ela morra em vão.

Gritos sobem como a maré e me lavam como uma onda. O exército adversário tenta fugir de mim, e uso as sombras para arrastar alguns de volta. A escuridão envolve pescoços como cordas. Deixo os outros correrem por um momento, dou a eles um fiapo de esperança, antes de manipular a água que corre por seus corpos para fervê-los vivos.

Nenhum soldado que empunhou uma espada contra nós será poupado. Vão sofrer pelo que aconteceu. Não me importa se não foram diretamente responsáveis. Quero que todos morram. Cada morte me faz ansiar por mais e me farto na agonia deles, sabendo que nunca vai se comparar à minha.

— Me tragam Nykeem! — grito em um rugido. Ouço a minha voz, mas não a reconheço. Está tão sombria que soa demoníaca, e com os chifres no elmo talvez eu tenha assumido minha forma verdadeira. Não fui feito para a felicidade. Fui forjado para a guerra.

Envio outra onda de sombras, matando incontáveis soldados no espaço de um segundo.

Elas retornam a mim, circulando em volta dos meus braços e se reunindo ao redor das minhas mãos enquanto continuo avançando pelo massacre que eu mesmo criei. O campo está tingido de vermelho, e corpos estão empilhados por toda parte. Na minha mente, imagino as sombras como um exército, um batalhão de escuridão sem fim, e ordeno que assumam formas humanas. Meu poder obedece, e a essência delas se molda em soldados com lâminas de gelo, marchando atrás de mim enquanto abro caminho

pela formação inimiga e mando as sombras executarem meus comandos.

— TRAGAM ELE ATÉ MIM OU VOU ARRANCAR A CARNE DOS SEUS OSSOS!

As fileiras à minha frente se abrem para que Nykeem possa avançar. Uma nova onda de raiva me atravessa, me consome e corrói o que restava da minha moralidade, que já não era muita.

Não sou nada sem Elowen, sequer sou um homem. Eu quero reduzir esse mago a *nada*.

Tiro o elmo e o atiro de lado conforme as sombras me protegem de uma saraivada de flechas. Não quero perder um único momento disso, e quero que Nykeem veja meu rosto enquanto morre. Ninguém pode salvá-lo, e se tentarem serão abatidos.

Enfio as espadas ensanguentadas na lama e as deixo para trás. Não quero fazê-lo sangrar até a morte; quero sugar a vida para fora dele, arrancá-la à força e me banquetear com seus gritos.

Olho para o nome de Elowen tatuado no meu dedo e limpo a lama e o sangue que mancham minha pele. Aquilo cria uma borda pegajosa ao redor da minha aliança, mas nunca me pareceu certo tirá-la. Uma sombra se enrola ao redor do anel, como se ansiasse por encontrar qualquer parte dela e mantê-la por perto.

— Por Elowen — digo, avançando.

Garras feitas de escuridão etérea se formam nas pontas dos meus dedos, e abro caminho através da proteção feita de magia. Eu a rasgo como argila molhada, como Elowen fez uma vez. Não interrompo meus movimentos enquanto o mago tenta restaurá-la para se manter a salvo de mim.

Não preciso atravessá-la para matá-lo, mas depois de deixá-la em frangalhos dou um passo à frente e o arrasto pelo pescoço. Ele arfa e engasga, e puxo o braço para trás para socá-lo na cara, acrescentando sangue fresco ao nome de Elowen como uma oferenda. É tudo o que posso dar a ela. Não a salvei. Prometi protegê-la e falhei. Ela morreu nos meus braços, sangrando e com uma dor lancinante, engasgada com sua morte enquanto tentava dizer que me ama.

Se eu nunca a tivesse encontrado, ela ainda estaria viva.

Fui eu que fiz isso.

Solto um rugido, me perdendo na violência e na dor que me inunda com mais intensidade que qualquer ferimento que já recebi ou infligi. Ele cai no chão quando seu rosto está desfigurado, o nariz esmagado e os dentes espalhados ao nosso redor. Meu exército de sombras ainda abate os inimigos restantes. Os dragões retornam à batalha para lutar ao lado delas, cuspindo fogo e calcinando carne e terra.

Dou um chute no pescoço dele e o vejo agarrá-lo, sugando ar como um animal ferido de quatro. Não é suficiente. Nunca vai ser. Recorro aos meus poderes recém-descobertos, buscando a água dentro dele e a empurro para dentro de seus pulmões, gota por gota. Ele grita, levando a mão ao peito, deitado de costas enquanto ofega em busca de ar. Faço um gesto com a mão, ordenando que a água recue para conceder a ele a ilusão de sobrevivência antes de fazer tudo de novo. A água jorra de sua boca e ordeno que recue de novo.

— Por favor — implora ele, soluçando e se arrastando em direção às minhas botas. — Tudo o que fiz foi servir ao meu rei.

— E tudo o que estou fazendo é vingar minha esposa. — Afasto a perna e dou um chute em seu rosto. — Você a tirou de mim. — Piso em seu pescoço, esmagando lentamente sua traqueia. — Não sobrou mais nada de humano dentro de mim, e o monstro que vive na minha carne se deleita na sua agonia.

Ele arranha o couro que cobre o meu tornozelo, e começo a inundar seus pulmões de novo, mantendo o padrão enquanto o céu fica vermelho com sua morte e a guerra é encerrada.

Não vencida.

Eu perdi tudo o que tinha.

CAPÍTULO

SETENTA E TRÊS

Cayden

Cada caminho que percorri sempre me levou a Elowen, e enquanto me coloco em pé empunhando uma espada que arranco dos dedos de um cadáver, volto na direção dela. O exército dizimado está ao meu redor por todos os lados, e ainda assim não sinto nada além de luto. Devastação.

Meu peito dói fisicamente, apesar de meu único ferimento ser um corte no bíceps. Não me lembro de ter sido cortado. Mal reparo nisso agora. O sangue escorre do talho e desce pelo braço, e espero que qualquer parte de mim que se infiltre na terra encontre Elowen e nos mantenha juntos onde a vida nos separou. As flores vão crescer do sangue derramado dela, enquanto o meu vai deixar para trás uma terra árida para matar de fome qualquer um que espere encontrar um fio de misericórdia. Ela é abençoada pela vida e, embora seja eu quem tem ar nos pulmões, cada respiração que dou me aproxima da morte, e sou grato por isso.

Atravesso os corpos e a floresta, precisando estar com ela de novo.

Os cachos de Elowen se derramam sobre o colo de Finnian, e Ryder faz o possível para consolar Saskia. Ela está gritando, mas ele mesmo não tem forças a oferecer. Percebo pelo canto do olho que eles me olham quando apareço, mas tudo o que me interessa é minha esposa morta.

Minha esposa.

A mulher que jurei proteger. A mulher que era minha única felicidade neste mundo.

Galhos estalam quando Ryder e Saskia se aproximam.

— Não me toquem.

As palavras soam cruas, ocas. Abrem caminho pela garganta que parece lixa. A última pessoa que abracei foi Elowen, quando ela gritava em meus braços. Cerro os dentes, passando as mãos pelo cabelo e o puxando da raiz, dando boas-vindas à dor.

— Sinto muito — sussurra Ryder.

Balanço a cabeça, incapaz de ouvir. Não consigo falar dela como se estivesse morta quando seu amor vive dentro de mim como uma chama.

Saskia tenta abrir a boca para dizer algo, mas um gemido a interrompe.

Eu me desvio deles, voltando para o lado de Elowen. Nyrinn deve ter removido as últimas flechas depois que fui embora. Os olhos vazios de Finnian estão fixos à frente, esvaziados de esperança. Venatrix pousa atrás dela e ruge. O que antes era poderoso agora está partido, e entendo a fera mais que nunca.

Finnian não se move quando a ergo, embalando-a nos braços e voltando para o acampamento. Um a um, como em uma onda de devoção e devastação, os soldados caem de joelhos ante a visão de sua rainha perdida. O céu despenca, chorando por ela, e Sorin grita. Fico me perguntando o quanto ele entende do que está acontecendo, se sabe que Elowen se sacrificou por sua sobrevivência.

— Podemos levá-la, majestade. — Uma mulher dá um passo à frente. — Podemos limpá-la.

— Ninguém toca num fio do cabelo da cabeça dela — digo sombriamente. — E quem me seguir vai ser aniquilado de imediato.

Caminho pelo acampamento, só parando quando chego a uma cabana abandonada à beira da estrada. É aconchegante, cheira a canela e lenha, e passo sob uma viga baixa até um quarto nos fundos. Beijo sua testa enquanto a coloco na cama e começo a encher uma banheira no banheiro ao lado.

— Sei como você odeia a sensação de sangue na pele quando seca — digo, me movendo até o pequeno armário no canto. Quem quer que vivesse aqui deve ter saído às

pressas, porque tudo parece intocado. Minha mão pesada puxa um vestido lavanda simples do cabide, com mangas de sino forradas de pele branca. O mesmo tipo que Elowen sempre usa. — Acho que nunca te disse que lavanda é minha cor favorita. Desde o momento em que a vi com o vestido que usou no seu primeiro jantar em Vareveth. Desde então, penso em você sempre que vejo essa cor.

Mantenho as costas voltadas para ela, e por um momento finjo que seus grandes olhos castanhos estão fixos em mim, absorvendo cada sílaba e esperando por mais.

— Não sabia como expressar meus sentimentos em voz alta, mas ouvia música quando olhava pra você. Tenho páginas e páginas com as melodias que conjurava dos momentos mais simples que passamos juntos.

Aperto os olhos, apoiando a testa na madeira depois que bato a porta. Ela não está aqui. Ela não está aqui, porra. Era para ter sobrevivido e corrido até mim, como fez depois da batalha em Galakin. Ainda consigo imaginá-la no verão que está por vir, fazendo buquês com as flores que cultiva e se esparramando na grama com seus dragões.

Tiro a armadura até ficar só com a camisa e calça pretas, e gentilmente tiro seus couros e armadura também. Uma dor me atravessa à vista do seu tronco coberto de sangue. Marcas negras do veneno se estendem pelo peito, mas me parece que começaram a desvanecer agora que cumpriram sua função. Comprimo os lábios, erguendo-a nos braços de novo e testando a água antes de colocá-la na banheira.

Passo sabão em seu cabelo, desembaraçando os cachos emaranhados pelo vento e pelo sangue. *Tanto sangue.*

— Vou cuidar de você. Não precisa se preocupar com nada.

As palavras têm gosto de ácido, e me viro para vomitar em um balde. A bile queima a garganta, e limpo a boca e a enxaguo antes de terminar o que comecei. A primeira coisa que ela faz depois de cada luta e cada batalha é tirar seus couros e se limpar. Seco seu corpo e a coloco de volta na cama para tratar os ferimentos com um rolo de atadura. Minhas mãos tremem enquanto a enfaixo. Não sei como não cuidar dela. Não sei como deixá-la partir. Não sei como aceitar que ela não está simplesmente dormindo.

Fico de joelhos após deslizar o vestido pelo corpo dela e ajeitá-lo em seus ombros.

— Sempre tão bonita. — Passo o dorso dos dedos por sua bochecha. — Elowen, meu amor, eu não vou sobreviver a isso.

Pego sua mão fria na minha e curvo a cabeça para apoiá-la na minha barriga, minhas lágrimas encharcando o tecido. Houve um tempo em que pensei que não tinha nada, mas preferiria os dias de luta interminável e fome a isso sem pensar duas vezes. Sinto como se fosse um cadáver pútrido com pulsação, como se o destino tivesse me presenteado com o único inimigo contra o qual não posso desembainhar a espada.

Olho pela janela, para onde o sol pinta o céu de vermelho enquanto a escuridão do eclipse e das sombras permanece. Deve haver alguma coisa que possa fazer para ajudá-la, para trazê-la de volta. Forço a mente a conjurar tudo o que li sobre necromancia quando era mais jovem. Na maioria dos casos, os mortais faziam barganha com a Deusa das Almas, da Misericórdia e do Destino para salvar um ente querido da morte.

Um céu vermelho.

Onde ouvi isso antes?

Em Galakin.

A profecia de Mae.

O sol será banhado em sangue e as sombras encobrirão o dia.

Algo faísca dentro de mim. O que mais ela disse...? Eu me forço a pensar além de Elowen, mandando minha mente de volta a Galakin. Não busquei Elowen todos esses meses atrás por causa da profecia de que ela seria a ruína ou a salvação de Imirath. Acreditava em fatos, e um deles era que a mulher vinculada a cinco dragões odiava o mesmo homem que eu, mas vou me agarrar a qualquer coisa agora. Mesmo que me torne um tolo supersticioso.

Cinzas a serem levadas pelas ondas.

Poderia ser a chuva sobre a batalha? As muralhas do castelo? Minhas mãos lavando o sangue de Elowen? Isso importa?

Olhos velhos observam e olhos novos se fecham.

Olhos novos... Elowen. A dor me atravessa de novo.

— Olhos velhos — murmuro, passando a mão pelo cabelo de Elowen.

Os olhos mais velhos de Ravaryn seriam os deuses.

Meus poderes despertaram algo? Alguém? Creio que o desespero faz uma pessoa acreditar em qualquer coisa.

A terra tremeu quando gritei, e os deuses se banqueteiam com as tristezas dos mortais.

Estou em movimento antes mesmo de saber o que estou fazendo, mas preciso fazer *alguma coisa*.

Pego Elowen nos braços de novo, carregando-a para fora da casa, e sigo os sons dos dragões. Uma mão aperta meu ombro, e equilibro Elowen em um braço para desembainhar a espada, apontando-a para o pescoço de quem se aproxima. Estou me sentindo mais animal que humano.

— Sou eu. — Ryder ergue as mãos em rendição, com mais lágrimas caindo dos olhos enquanto observa meu estado, o estado de Elowen. Devo parecer tão desnorteado quanto me sinto. — Para onde você vai?

— Vou trazê-la de volta.

Um som impotente sobe pela garganta dele.

— Ela se foi, irmão. Vou construir a pira dela com você.

— Ela não vai queimar! — esbravejo, apertando a espada enquanto Finnian e Saskia correm para a frente. Troco um olhar com o melhor amigo dela, talvez a única pessoa capaz de entender minha angústia. — Ela me mandou dizer que te amava. — Lágrimas brilham em seus olhos, e ele engasga com um soluço, desviando o olhar de Elowen. — Vou trazê-la de volta.

Saskia dá um passo à frente, e aperto Elowen mais forte, meus instintos protetores se exaltando e se misturando com a possessividade. Os olhos de Saskia se cravam nos meus, e ela ergue uma única flor roxa em um silencioso pedido de permissão. Solto o ar devagar, assentindo apenas uma vez. Ela se aproxima para enfiá-la atrás da orelha e beijar a testa de Elowen.

— Vou sentir sua falta todos os dias que eu viver — sussurra ela.

— Vou trazê-la de volta.

Preciso acreditar que isso vai funcionar. Preciso tentar. Se perder a esperança agora, vou levá-la de volta a Vareveth e cavar nossa cova atrás da nossa casa, não uma pira. Manterei meus olhos nos dela ao enfiar uma lâmina no meu coração e enrolar o corpo ao redor do dela. Um dia, quando alguém nos encontrar e não formos mais que ossos, não vão saber onde eu começo e onde ela termina. Entrelaçados demais para ser separados. A decomposição e o tempo vão atacar nossa carne mortal, mas nossas almas vão residir em algum lugar onde a tristeza não pode nos encontrar, e é lá que vou guardá-la, amando-a até que a própria essência do que sopra vida em nossos corpos seja extinta.

— Por favor — pede Ryder. — Não nos obrigue a viver com a perda de vocês dois.

— Eu já estou morto.

Eu me afasto a passos largos, ignorando-o quando grita meu nome, me virando apenas quando o som de luta substitui seus apelos. Finnian o empurra para trás, não permitindo que nos siga. Saskia desaba na grama, escondendo o rosto nas mãos. Um clarão prateado, e Zarius cai de joelhos ao lado dela.

— Não olhe — diz ele, forçando-a a se virar.

— Cayden! — grita Ryder de onde Finnian o prende contra a terra. — CAYDEN!

Não sinto nada.

Nem um fio de arrependimento ou remorso.

E dou as costas.

Os dragões devem sentir onde Elowen está, porque pousam em círculo ao meu redor, rosnando e estalando os dentes. Talvez eu devesse ter medo, mas não tenho. Seria uma bênção ser poupado do tormento que me habita.

— Me ajudem — sussurro. — Por favor, me ajudem.

Sei que não conseguem me entender — a única pessoa que conseguem entender é Elowen —, mas ela jurou que eles eram capazes de captar emoções, e talvez minha devoção a ela. Já montei Basilius antes, mas para minha surpresa não é ele que abaixa a cabeça, mas Venatrix. A mais feroz dos cinco. A rainha vermelha.

Subo por sua asa e nos acomodo na sela, mantendo o corpo de Elowen embalado

contra o meu enquanto me agarro nas alças.

— Para a floresta de Etril — digo quando ela alça voo.

Como a dragoa sabe para onde preciso ir é um mistério em que não tenho energia para pensar. Ela bate as asas com mais força, sobrevoando a terra calcinada e ensanguentada, se nivelando quando chegamos ao início da floresta atrás do castelo, por onde Elowen e eu corremos. Quando ela convocou Sorin pela primeira vez e jurei estar diante de uma deusa. A neve gira ao redor dos picos da cordilheira de Seren, que, afiadas, rompem as nuvens.

— Devia ter pegado uma capa pra você — murmuro, puxando-a contra meu corpo para tentar mantê-la aquecida, cobrindo suas mãos com as minhas e soprando nelas agora que Venatrix está estabilizada. — Consigo sentir você me puxando, me chamando. Eu vou te encontrar, anjo. Prometo.

Venatrix chama os outros, mergulhando baixo para pousar no chão da floresta na base das ruínas do templo. O céu está vermelho-sangue como estava sobre o campo de batalha, e as sombras ainda se agarram a mim. Não sei o que está acontecendo, e não tenho um pingo de curiosidade.

Penso no último sorriso que ela me deu.

Penso no beijo antes da batalha.

Penso em cada maldito arrependimento, e os moldo em lâminas na minha mente, que embainho junto ao corpo, e a carrego até o templo.

O vento chicoteia os pilares quebrados, espalhando pedaços de pedra branca que devem ter escapado deles quando racharam. Alguns ainda estão em pé, mas outros se estendem para a floresta. Podem ter sido tomados de volta pela vegetação em algum momento, mas agora estão sufocados pelo inverno. Me forço a pôr Elowen no chão, e seus cachos escuros se espalham pela neve imaculada como um anjo adormecido.

Eu vou vê-la de novo.

Desembainho uma faca enquanto caminho em direção ao altar, cortando minha palma e deixando o sangue pingar.

— Eu, Cayden Veles, rei de Vareveth, convoco a Deusa das Almas, da Misericórdia e

do Destino para fechar um acordo.

CAPÍTULO

SETENTA E QUATRO

Cayden

Quando olho ao redor das ruínas, noto marcas em espiral ao longo das paredes e do chão assumindo um brilho prateado. O vento para de uivar e o mundo fica quieto, exceto pelo ronco dos dragões empoleirados sobre a estrutura em decadência. Volto a Elowen, assumindo uma postura protetora diante de seu corpo e embainhando a faca em favor de uma espada.

Os dragões alçam voo e as pedras retumbam sob nós. Os pilares brancos caídos se erguem do chão, assim como o teto desmoronado, como se puxados por alguma força invisível. Uma risada estranha e gelada flutua pela estrutura recém-formada, como se nunca tivesse estado em ruínas. Os dragões pousam ao redor do perímetro, ainda capazes de enxergar através dos altos arcos.

Cayden Veles, a voz provoca. *O que a sua raiva fez desta vez?*

Labaredas prateadas faíscam pelo ar até se unirem, formando um portal que se parece com um redemoinho de metal líquido. Uma mulher aparece usando um vestido drapeado, feito de um tecido que combina com o portal conjurado. Seus lábios vermelhos espelham o sangue que derramei para trazê-la até aqui. Os cabelos claros estão puxados para longe do rosto, e sua pele é ainda mais clara; é como se desejasse se misturar com o cenário ao nosso redor.

— Você me convocou, rei — começa ela, contornando o altar para olhar ao redor do

seu templo como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— Você é a Deusa das Almas? — pergunto, ainda sem querer acreditar que os deuses são reais, apesar dessa demonstração de poder.

Seus olhos azul-claros brilham em um tom de prateado quando pousa o olhar em mim.

— E você é um homem que cheira a desespero. Meu tipo favorito de mortal para fechar acordos.

— Traga minha esposa de volta — exijo. — Se é mesmo uma deusa, então eu sou o homem que a despertou. Você está em dívida comigo. Se exigir pagamento adicional, pode levar a minha vida no lugar da dela.

Ela inclina o queixo afiado para o chão, estalando a língua.

— E você a forçaria a conviver com isso? Não acha que ela já sofreu o suficiente? — Seus olhos gélidos se voltam para Elowen. — Uma alma tão bonita, tão brilhante, e ainda assim tão fragmentada.

— A alma dela é minha — afirmo em voz baixa, convocando as sombras da profundeza da minha dor e as enrolando ao redor dos braços, deixando-as deslizar pelo chão e se enroscar nos cantos como víboras prontas para o bote.

Ela ri de forma infantil, com leveza e indiferença. Sempre pensei que os deuses seriam mais ameaçadores e formidáveis, mas a Deusa das Almas parece uma mulher comum, a não ser pelos olhos prateados.

— Consigo sentir o seu sofrimento. Aqueles que ainda dormem desejarão alimentar sua agonia.

Cerro os dentes.

— Se não a trouxer de volta, reduzirei este mundo a nada. Matarei até o último vestígio de vida e tomarei tudo o que faz de você uma deusa. Vai se tornar tão impotente quanto eu estou. Arrancarei tudo pelo que preza e te obrigarei a assistir à sua morte. Você vai reinar sobre uma terra devastada, porque vou estar aqui com minha espada e minhas sombras, pronto para travar uma guerra final contra os deuses.

Ela inclina a cabeça, intrigada em vez de perturbada.

— Acredita mesmo que poderia vencer?

— Não é uma questão de vencer. — Um tipo de sorriso cruel surge nos meus lábios. — Mas de criar o máximo de sofrimento antes que a morte me leve.

Ela franze os lábios.

— Não posso tomar sua alma, porque você tem um destino a cumprir.

Dou uma risada seca.

— Se não quiser fechar um acordo que termine com a alma de Elowen sendo devolvida ao corpo dela, vai fazer um inimigo hoje. Acredite em mim quando digo que sou a última pessoa que vai querer contra você. Não precisa se preocupar com destinos, porque vou deixar este mundo maldito aos pedaços. Os deuses podem ter voltado, mas não voltarão a dormir da próxima vez; vão morrer pelas minhas mãos.

— Como eu disse, nem *todos* os deuses voltaram. — Ela astutamente dá um passo para trás enquanto minhas sombras deslizam mais para perto. A deusa agita os dedos no ar, e sinto algo repuxar no meu peito. — Até onde está disposto a ir por ela?

— Mais longe do que você consegue imaginar.

— Certo — diz ela. — Quero que mate alguém pra mim e, quando fizer isso, vou precisar dos seus serviços para encontrar alguns objetos perdidos.

— É só dizer o nome.

Ela dá risada de novo.

— Cayden Veles.

Fácil.

— Como vou saber que vai devolver a alma dela ao corpo, e como vou cumprir sua missão?

— Quanta devoção a ela — murmura a deusa. — Sempre foi assim.

— O que quer dizer com isso?

Ela sorri em resposta, um sorriso repleto de dentes afiados e um brilho suspeito nos olhos.

— Você vai encontrá-la sozinho — diz ela, ignorando minha pergunta. — Se conseguir. Não posso interferir, e seu sucesso depende inteiramente de você. O

submundo é *vasto*. Se fracassar, vai ser forçado a vagar pelo submundo pela eternidade, numa busca constante por seu amor perdido. Nunca vai se reunir a ela, nunca vai descansar e vai sentir fome e sede impossíveis de saciar, não importa quanto você tente.

Vasculhei o mundo atrás desta mulher desde menino. Não vou fracassar. Conquistei um reino para tê-la, e vou conquistar a morte também. Vou fazer do inferno meu reino e coroá-la como minha rainha neste mundo, no próximo e em todos os que vierem.

— Que objeto você quer que eu encontre?

— Tudo a seu tempo, meu amigo — responde ela, alegremente. — Antes de fazer isso, saiba que uma alma não pode morrer. Você pode ser ferido em sua busca e sentir como se estivesse à beira da morte, mas ela nunca vai ser concedida. Nada sofre mais do que uma alma. Quando o corpo é ferido, pode ser enfaixado, mas quando uma alma é ferida, ela te rasga por dentro.

Nada se compara ao que sinto agora. Quando estiver no inferno, ao menos vou estar no mesmo reino que ela. Vou ter algo pelo qual lutar. Prefiro me arrastar pelo inferno para estar com ela a voar pela vida.

— Aceito o seu acordo — digo.

— Que ótimo. — Ela estala os dedos, e uma pulseira prateada se forma ao redor do meu pulso enquanto uma capa preta se acomoda em meus ombros. — Existem dez camadas no submundo. Essa pulseira vai conceder a você acesso a cada uma delas, conforme atravessá-las.

— Isso vai me levar até Elowen, mas ela vai conseguir sair se não tiver uma?

— Primeiro deve se preocupar em encontrá-la. Não vou oferecer informações ou ajuda além da pulseira.

Cerro os dentes e me afasto da deusa para voltar para o lado de Elowen. Deslizo os anéis de seus dedos e os enfio na corrente do colar de pedra da lua antes de prendê-lo ao meu cinto. Eu a acomodo nos meus braços de novo, como fiz momentos antes de sua morte, com a cabeça equilibrada no braço.

— O que vai acontecer com o corpo dela? Não vou tolerar que atrocidades sejam

cometidas contra ela se não estiver aqui para protegê-la.

— Nós fechamos um acordo — diz a deusa. — Seus corpos vão ficar sob minha responsabilidade. Nenhum mal vai atingir seus restos mortais, mas se voltarem, bem... acho que vão se descobrir transformados. — Seus olhos mostram um lampejo de tristeza quando ela olha para Elowen. — Aliás, não me agrada a perspectiva do seu fracasso.

Eu a ignoro, concentrando a atenção em Elowen, segurando seu rosto entre as mãos e desembainhando uma das adagas de dragão que guardei na coxa.

— Em todas as vidas, Elowen Veles, e em todos os mundos.

Envolvo o cabo com a mão dela, cobrindo-a com a minha e apontando a lâmina direto para meu coração enquanto examino seu rosto de novo, gravando-o na memória, sem saber quando meus olhos serão abençoados com a visão dela de novo.

— Uma vez prometi que desafiaria a própria morte para manter você comigo, e vou abrir caminho por ela para te trazer de volta.

Pressiono meus lábios contra os dela e afundo a lâmina em meu peito.

CAPÍTULO

SETENTA E CINCO

Cayden

Encaro o imponente arco de obsidiana entre redemoinhos de névoa e desembainho a espada das costas, dando meu primeiro passo rumo aos confins congelados do submundo.

À distância, vejo uma minúscula esfera de luz, mas desaparece tão depressa que não tenho certeza de que não foi uma alucinação.

Vejo você em breve, meu anjo.

Um monstro rosna na escuridão, e meus lábios se separam em um grunhido enquanto ergo a espada contra o domínio da morte.

AGRADECIMENTOS

Este livro foi meu monte Everest, de verdade. *A ira dos dragões* me acompanhou durante alguns dos momentos mais difíceis da minha vida. Escrever sempre foi um apoio que usei para atravessar as dificuldades, mas houve dias em que me senti tão vazia que não sabia se algum dia seria capaz de escrever de novo. No entanto, encontrei meu caminho de volta, e derramei minha alma neste livro assim que encontrei o ritmo novamente. O amor é um elemento tão forte nessa história porque acredito que, durante esse período, aprendi seu verdadeiro significado. Foi o que me fez atravessar meus momentos mais sombrios e me fez sentir plena quando senti que estava vazia. O amor está espalhado por nossa vida cotidiana: assar pães e bolos com minha mãe, caminhar com meu pai, pôr o papo em dia com meu irmão, jantar com meu noivo e tomar café com os amigos. Você não precisa ter um bom dia para encontrar algo bom dentro dele, e nunca deve deixar de valorizar nem um único momento com alguém, por menor que seja.

Há muitas pessoas que quero agradecer, então vamos lá:

A meu noivo Tanner, minha mãe e meu pai, e meu irmão Andrew: estou agrupando todos aqui porque realmente não poderia desejar uma base mais solidária em que me apoiar. Sou muito grata a vocês. Independentemente do que aconteceu, sempre tiramos o melhor proveito de tudo, e sempre tivemos uns aos outros. Obrigada por me apararem e me levarem adiante, cada um à sua maneira. Não sei quem eu seria sem o amor de vocês, e agradeço muito por nunca precisar saber. Cada um de vocês acrescenta muita felicidade à minha vida e me faz esperar ansiosamente por cada novo dia.

À minha parceira de leitura crítica, Imani Erriu: Imani, graças aos deuses você

deslizou para as minhas DMs para me dizer que meu cachorro é fofo, porque não sei onde eu estaria sem sua ajuda. Você foi fundamental nessa jornada, e sou muito grata por percorrê-la ao seu lado. Acompanhar seu sucesso tem sido maravilhoso, e sei que o melhor ainda está por vir. Obrigada por entrar na minha vida quando eu não sabia o que estava me faltando.

À minha editora, Shauna Summers: muito obrigada não apenas pela orientação e pelos conselhos, mas por nunca deixar de me dizer o quanto amou esta história. Sou muito grata por ter uma editora que não acredita só no meu livro, mas em mim e na minha carreira também. É sempre incrível trabalhar com você.

À minha agente, Jessica Watterson: primeiro quero agradecer por cada "risos" e "que delícia" que você comentou enquanto lia este livro. Foi como ter um vislumbre das anotações de uma leitora, e adorei isso. Tem sido tão solidária ao longo de toda a minha jornada, da publicação independente ao mercado editorial, e está sempre ao meu lado me incentivando, e sou muito grata por ter você.

A Nicole Platania: deveria estar digitando isso enquanto faço torrada de abacate, já que é nosso ritual diário. Acompanhar seu sucesso também tem sido incrível, e mal posso esperar para ver tudo o que você vai conquistar na sua carreira. Obrigada por ser uma das primeiras pessoas a ler este livro e por gritar comigo quando eu mais precisava.

A Ashley Cotto: minha assistente, maquiadora, alma gêmea, empresária... e a lista só aumenta. Obrigada por sempre estar ao meu lado desde que tínhamos 14 anos. Estou muito orgulhosa de você por perseguir seus sonhos, e sempre vou ser sua fã número um. Mal posso esperar para vê-la de novo e te abraçar, já que nunca ficamos separadas por tanto tempo desde que nos conhecemos.

A Andrès Aguirre Jurado: o homem que desenhou o mapa deslumbrante no início do livro e o símbolo da Casa Veles no miolo. Abençoado seja o algoritmo do Instagram por me levar até sua página. Você é um artista tão incrível e talentoso, e suas ilustrações realmente acrescentam vida à história.

A Lucy Walls: a artista extraordinariamente talentosa que desenhou a cena de casamento com Elowen, Cayden e os cinco dragões que se vê nas guardas. Lucy, não

consigo agradecer o suficiente por capturar todos os pequenos detalhes da cena e trazê-la à vida. Foi tão incrível trabalhar com você! Muito, muito, muito obrigada pela arte tão deslumbrante, por sua gentileza e dedicação.

A Brianna Kusilek, Taylor Noel, Megan Whalen, Mae Martinez e Emily Siegmund: minha equipe incrível na Delacorte Press! Muito obrigada por todo o trabalho de vocês, sou imensamente grata.

A Hozier: eu não teria conseguido terminar de escrever este livro sem a sua música. Obrigada, rei. <3

Por fim, quero agradecer a todos os designers e editores que trabalharam neste livro, e a cada leitor que o pegar para ler. Prometo que vou trabalhar dia e noite na sequência, depois de ter finalizado com esse gancho, haha. Ops. Perdão, mas não me arrependo de nada.

Com todo o meu amor,
Olivia Rose Darling

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opiniao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo "Assunto".

1ª edição, jun. 2026

SUMÁRIO

Capa

Créditos

Dedicatória

OS DEUSES ADORMECIDOS

CASAS REINANTES E EMBLEMAS

Parte I

O PESO DA COROA

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS

Parte II

A ASCENSÃO DA HERDEIRA

DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA
TRINTA E UM
TRINTA E DOIS
TRINTA E TRÊS
TRINTA E QUATRO
TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS
TRINTA E SETE
TRINTA E OITO
TRINTA E NOVE

Parte III

A GUERRA DOS QUATRO REINOS

QUARENTA
QUARENTA E UM
QUARENTA E DOIS
QUARENTA E TRÊS
QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E CINCO
QUARENTA E SEIS
QUARENTA E SETE
QUARENTA E OITO
QUARENTA E NOVE
CINQUENTA
CINQUENTA E UM
CINQUENTA E DOIS
CINQUENTA E TRÊS
CINQUENTA E QUATRO
CINQUENTA E CINCO
CINQUENTA E SEIS
CINQUENTA E SETE

CINQUENTA E OITO
CINQUENTA E NOVE
SESSENTA
SESSENTA E UM
SESSENTA E DOIS
SESSENTA E TRÊS
SESSENTA E QUATRO
SESSENTA E CINCO
SESSENTA E SEIS
SESSENTA E SETE
SESSENTA E OITO
SESSENTA E NOVE
SETENTA
SETENTA E UM
SETENTA E DOIS
SETENTA E TRÊS
SETENTA E QUATRO
SETENTA E CINCO

Agradecimentos